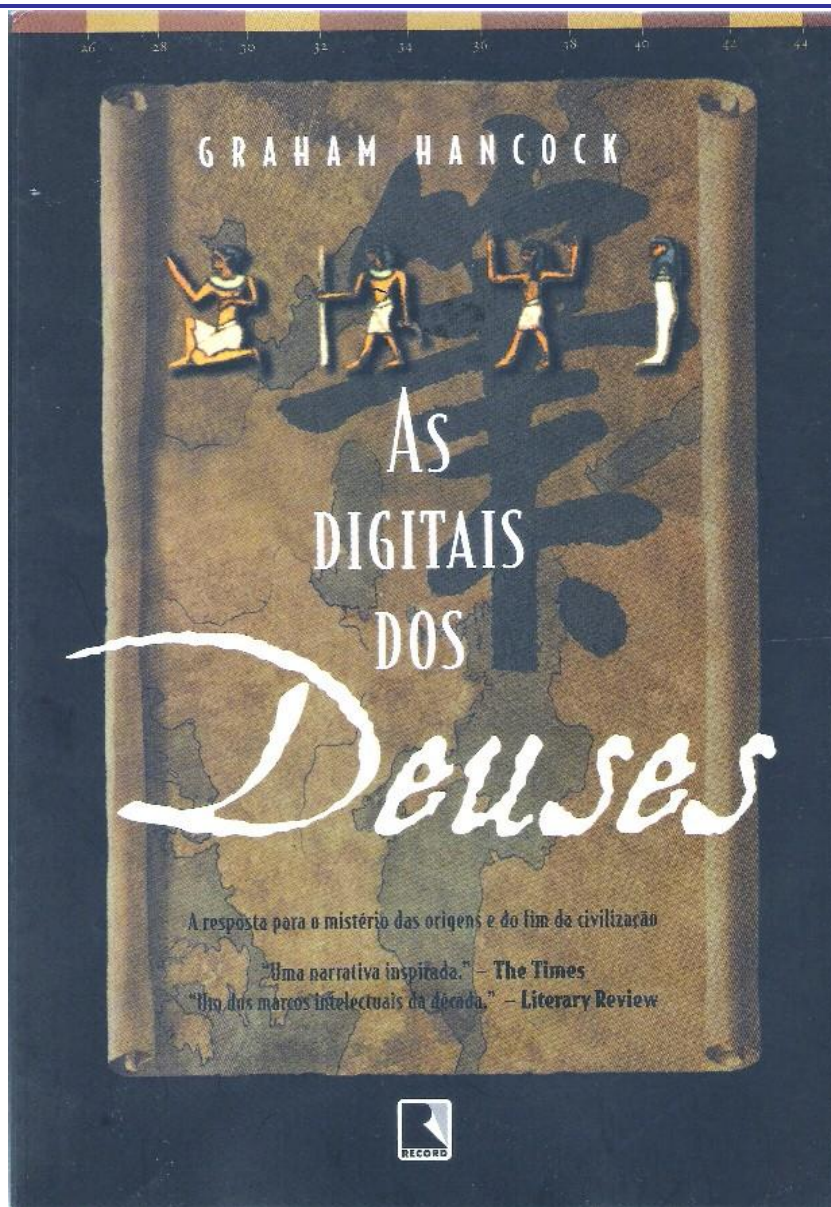




GRAHAM HANCOCK

AS DIGITAIS DOS DEUSES

Tradução de RUY JUNGSMANN
EDITORA RECORD
2001



Para Santha... Por estar lá, Com todo meu amor.

Sumário

Agradecimentos

Parte I

Introdução: O mistério dos mapas

1. Um mapa de lugares ocultos
2. Rios na Antártida
3. Impressões digitais de uma ciência perdida

Parte II

Espuma do Mar: Peru e Bolívia

4. O vôo do condor
5. A trilha inca para o passado
6. Ele veio em uma época de caos
7. Houve, então, gigantes?
8. O lago no topo do mundo
9. O antigo e futuro rei
10. A cidade no Portal do Sol
11. Indicações de antiguidade
12. O fim dos viracochas

Parte III

A Serpente Emplumada: América Central

13. O sangue e o tempo no fim do mundo
14. O povo da serpente
15. Babel mexicana
16. O santuário da serpente
17. O enigma olmeca
18. Estrangeiros bem visíveis
19. Aventuras no mundo subterrâneo, jornadas às estrelas

- 20. Os filhos dos primeiros homens
- 21. Um computador para calcular o fim do mundo
- 22. A cidade dos deuses
- 23. O sol, a lua e o caminho dos mortos

Parte IV

O Mistério dos Mitos

- 1. Uma espécie com amnésia
- 24. Ecos de nossos sonhos
- 25. As muitas máscaras do Apocalipse
- 26. Uma espécie nascida no longo inverno da terra
- 27. A face da terra escureceu e uma chuva negra começou a cair

Parte V

O Mistério dos Mitos

- 2. O código da precessão dos equinócios
- 28. A maquinaria do céu
- 29. A primeira tentativa de decifrar um antigo código
- 30. A árvore cósmica e o moinho dos deuses
- 31. Os números de Osíris
- 32. Falando para o futuro

Parte VI

Convite a Gizé: Egito 1

- 33. Pontos cardeais
- 34. A mansão da eternidade
- 35. Tumbas, e nada mais?
- 36. Anomalias
- 37. Feito por algum deus
- 38. Jogo interativo tridimensional
- 39. O local do início

Parte VII

O Senhor da Eternidade: Egito 2

- 40. Há ainda segredos no Egito?
- 41. A Cidade do Sol, a Câmara do Chacal
- 42. Eras passadas e enigmas
- 43. Procurando os Primeiros Tempos
- 44. Deuses dos Primeiros Tempos
- 45. Obras de homens e de deuses
- 46. O undécimo milênio a.C.
- 47. A Esfinge
- 48. Medidas da terra
- 49. O poder da coisa

Parte VIII

Conclusão: Onde está o corpo?

- 50. Procurando agulha em palheiro
- 51. O martelo e o pêndulo
- 52. Como um ladrão na noite

Notas

Bibliografia Seleccionada

Índice Remissivo

Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem o amor generoso, caloroso e encorajador de minha companheira Santha Faiia - que sempre dá mais do que recebe e que, com criatividade, bondade e imaginação, enriquece a vida de todos que com ela convivem. Todas as fotos incluídas neste livro são de sua autoria.

Sinto-me também grato pelo apoio e estímulo de nossos seis filhos - Gabrielle, Leila, Luke, Ravi, Sean e Shanti -, cuja presença é um privilégio para mim.

Meus pais, Donald e Muriel Hancock, foram incrivelmente prestativos, ativos e interessados neste e em numerosos outros tempos e projetos

difíceis. Juntamente com meu tio James Macaulay, eles leram também pacientemente os esboços do original que, aos poucos, tomava forma, oferecendo uma grande riqueza de sugestões positivas. Obrigado, também, a meu mais velho e mais íntimo amigo, Peter Marshall, em cuja companhia resisti a numerosas tempestades, e a Rob Gardner, Joseph e Sherry Jahoda, Roel Oostra, Joseph e Laura Schor, Niven Sinclair, Colin Skinner e Clem Vallance, pelos bons conselhos.

Em 1992, descobri subitamente que tinha um amigo em Lansing, Michigan. Ed Ponist entrou em contato comigo logo depois da publicação de meu livro anterior, *The Sign and the Seal*. Como um anjo da guarda, Ed se prontificou a dedicar parte considerável de seu tempo livre para me ajudar em pesquisas, contatos e coleta de fontes documentais nos Estados Unidos, relevantes para a preparação deste livro. Ele realizou um trabalho brilhante, enviando-me sempre os livros certos quando eu deles necessitava e localizando referências que eu nem sabia que existiam. Revelou-se também muito hábil em avaliar a qualidade de meu trabalho e aprendi logo a confiar e a respeitar sua capacidade de julgamento. Finalmente, mas não de menor importância, quando Santha e eu visitamos o Arizona para conhecer a nação hopi, Ed nos acompanhou e abriu caminhos...

A carta inicial de Ed fez parte de um imenso dilúvio de correspondência que recebi de todas as partes do mundo, depois de publicar *The Sign and the Seal*. Durante algum tempo, tentei responder pessoalmente a todas elas. No fim, contudo, fiquei tão ocupado na preparação deste livro que tive de deixar de lado esse trabalho. Sinto-me mal a esse respeito e aproveito esta oportunidade para agradecer a todos os que me escreveram e aos quais não pude dar resposta. Pretendo ser mais sistemático no futuro, porque atribuo enorme valor a essa correspondência e aprecio muito as informações de alta qualidade que ela freqüentemente contém...

Entre outros pesquisadores que me ajudaram na preparação deste livro, não poderiam ser omitidos os nomes de Martin Slavin, David Mestecky e Jonathan Derrick. Além disso, gostaria de agradecer aos meus editores de texto em ambos os lados do Atlântico, Tom Weldon,

na Heinemann, Jim Wade, na Crown, e John Pearce, na Doubleday Canadá, bem como a meus agentes literários, Bill Hamilton e Sara Fisher, pelo interesse, solidariedade e sábios e constantes conselhos. Envio daqui também meus calorosos agradecimentos aos pesquisadores e colegas que se transformaram em amigos no curso desta pesquisa: Robert Bauval, na Inglaterra (com quem escreverei em colaboração dois futuros livros sobre assuntos correlatos), John Anthony West e Lew Jenkins, nos Estados Unidos, Rand e Rose Flem-Ath e Paul William Roberts, no Canadá.

Finalmente, rendo homenagens a Ignatius Donnelly, Arthur Posnansky, R.A. Schwaller de Lubicz, Charles Hapgood e Giorgio de Santillana - pesquisadores que compreenderam que havia alguma coisa de profundamente errada na história da humanidade, tiveram coragem de levantar a voz contra a má vontade intelectual e foram pioneiros da notável mudança de paradigma ora em andamento.

Parte I

Introdução

O Mistério dos Mapas

CAPÍTULO 1

Um Mapa de Lugares Ocultos

8º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO TÉCNICO (ERC)
FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS
Base de Westover da Força Aérea
Massachusetts

6 de julho de 1960

ASSUNTO: Mapa-múndi do almirante Piri Reis

Para: Professor Chartes H. Hapgood.

Keene College

Keene, New Hampshire

Prezado professor Hapgood,

Sua solicitação, no sentido de que fossem avaliados por esta unidade certos aspectos inusitados do mapa-múndi Piri Reis, datado de 1513, foi objeto de reexame.

A alegação de que a parte inferior do mapa mostra a costa Princesa Martha, da Terra da Rainha Maud, na Antártida, e a península Palmer, é razoável. Julgamos ser essa a interpretação mais lógica e, com toda probabilidade, correta do mapa.

Os detalhes geográficos mostrados na parte inferior do mapa concordam, de forma notável, com os resultados do perfil sísmico, levantado de um lado a outro da calota polar, pela Expedição Sueco-Britânica à Antártida, realizada em 1949.

Os resultados indicam que a linha costeira foi mapeada antes de ser coberta pela calota polar.

A calota polar nessa região tem atualmente uma espessura de cerca de 1.600m.

Não temos idéia de como os dados constantes do mapa podem ser conciliados com o suposto estado dos conhecimentos geográficos em 1513.

HAROLD Z. OHLMEYER

Ten.-Cel., Força Aérea dos EUA

Comandante

A despeito da linguagem destituída de emoção, a carta de Ohlmeyer é uma bomba. Se a Terra da Rainha Maud foi mapeada antes de ser coberta pelo gelo, o trabalho original de cartografia deve ter sido feito em um tempo extraordinariamente remoto.

Há quanto tempo, exatamente?

De acordo com o saber convencional, a calota polar da Antártida, em sua atual forma e extensão, tem milhões de anos. Um exame mais atento, porém, revela que essa idéia apresenta graves falhas - tão graves que não precisamos supor que o mapa desenhado pelo almirante Piri Reis mostre a Terra da Rainha Maud como era há milhões de anos. A melhor prova recente sugere que a Terra da Rainha Maud e as regiões vizinhas mostradas no mapa passaram por um longo período livres de gelo, período que talvez não tenha terminado inteiramente até cerca de seis mil anos atrás. Essa prova, que voltaremos a examinar no capítulo seguinte, evita-nos a tarefa ingrata de explicar quem (ou o quê) dispunha da tecnologia necessária para efetuar um levantamento geográfico preciso da Antártida há, digamos, dois milhões de anos a.C., muito antes de nossa espécie surgir na Terra. Pela mesma razão, uma vez que a confecção de mapas é uma atividade complexa e civilizada, obriga-nos a explicar como uma tarefa dessa natureza poderia ter sido realizada há seis mil anos, muito antes do aparecimento das primeiras civilizações autênticas reconhecidas por historiadores.

Fontes Antigas

Ao tentar essa explicação, é importante lembrar os fatos históricos e geográficos básicos:

1. O mapa de Piri Reis, que é um documento autêntico e não uma contrafação de qualquer tipo, foi desenhado em Constantinopla no ano 1513 d.C.
2. O mapa mostra a costa ocidental da África, a costa oriental da América do Sul e a costa norte da Antártida.

3. Piri Reis não poderia ter obtido, com exploradores da época, informações sobre esta última região, uma vez que a Antártida permaneceu desconhecida até 1818, mais de 300 anos depois de ele ter desenhado o mapa.

4. A costa livre de gelo da Terra da Rainha Maud mostrada no mapa constitui um quebra-cabeça colossal, uma vez que a prova geológica confirma que a data mais recente em que poderia ter sido inspecionada e mapeada, em um estado de ausência de gelo, foi no ano 4000 a.C.

5. Não é possível fixar exatamente a data mais antiga em que esse trabalho poderia ter sido feito, embora pareça que o litoral da Terra da Rainha Maud pode ter permanecido em condições estáveis, sem glaciação, pelo menos durante 9.000 anos antes que a calota polar em expansão a engolissem inteiramente.

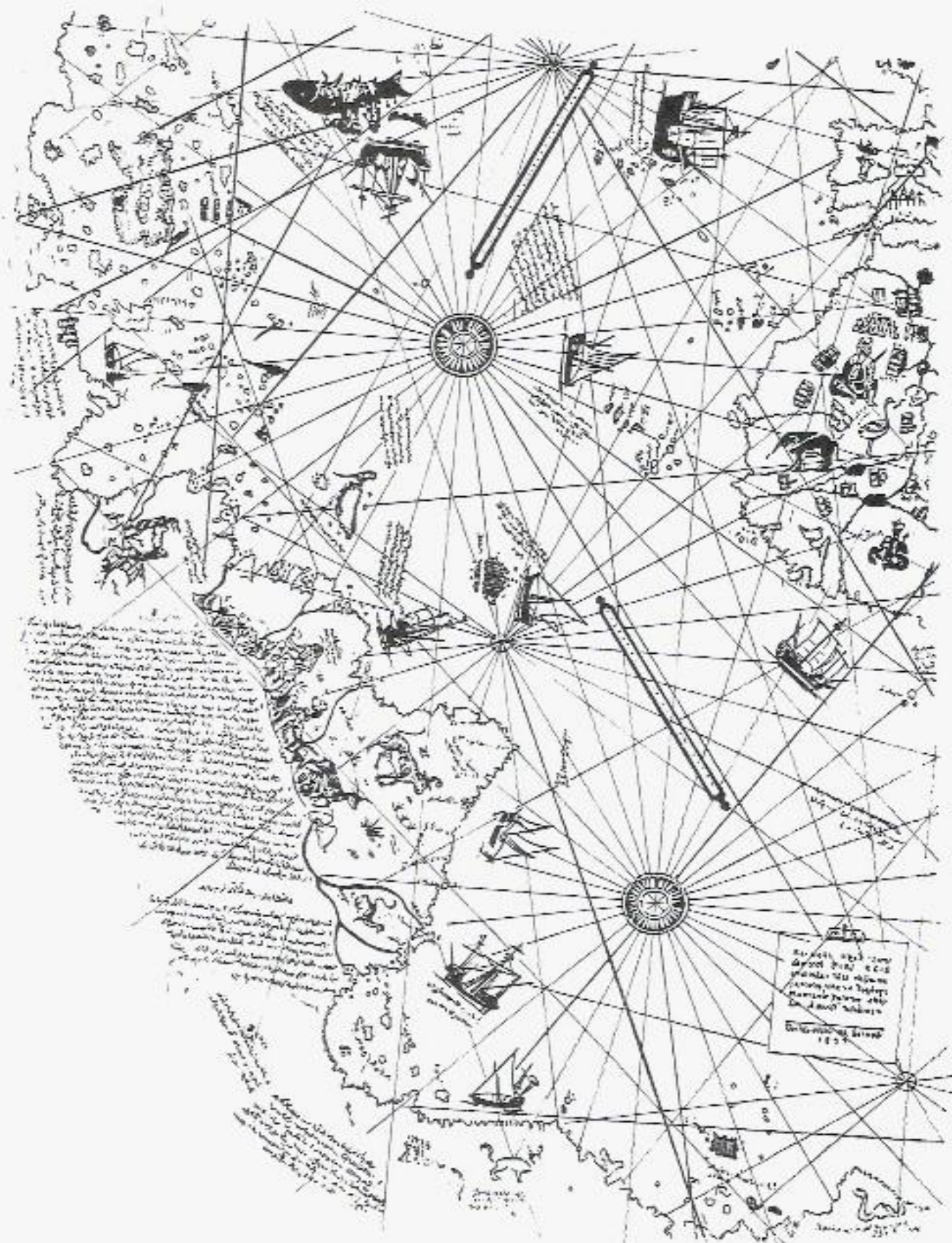
6. A história não conhece civilização que tivesse capacidade ou necessidade de efetuar o levantamento topográfico da linha costeira no período relevante, entre os anos 13000 a.C. e 4000 a.C.

Em outras palavras, o verdadeiro enigma desse mapa de 1513 não está tanto no fato de ter incluído um continente que só foi descoberto em 1818, mas em mostrar parte da linha costeira desse mesmo continente em condições de ausência de gelo, que terminaram há 6.000 anos e que desde então não se repetiram.

De que maneira podem ser explicados esses fatos? Piri Reis, cortesmente, fornece--nos a resposta em uma série de notas escritas do próprio punho, no próprio mapa. Confessa ele que não foi o responsável pelo trabalho inicial de levantamento topográfico e pela cartografia. Muito ao contrário, admite que seu papel foi simplesmente o de compilador e copista e que o mapa baseia-se em grande número de mapas básicos. Alguns deles foram desenhados por exploradores contemporâneos ou quase contemporâneos (incluindo Cristóvão

Colombo) que, por essa época, haviam chegado à América do Sul e ao Caribe, embora outros fossem documentos cujas datas retroagiam ao século IV a.C. ou mesmo antes.

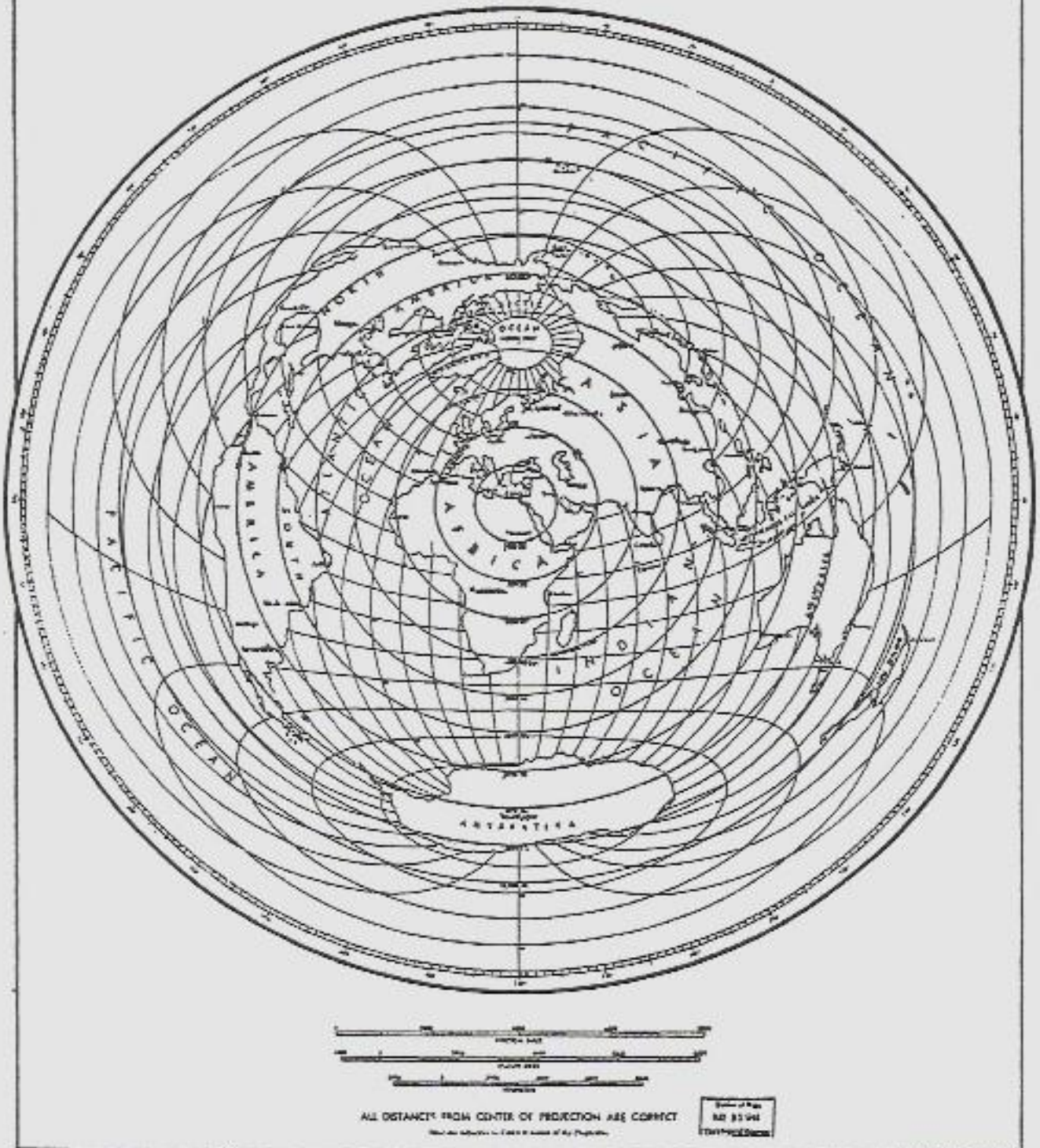
Piei Reis não deixou qualquer sugestão sobre a identidade dos cartógrafos que haviam produzido os mapas mais antigos. Em 1963, contudo, o professor Hapgood propôs uma solução nova e instigante para o problema. Argumentou ele que alguns mapas básicos que o almirante usara, em especial os que se supunha terem sido produzidos no século IV a.C., haviam se baseado em fontes ainda mais antigas, que, por seu lado, teriam se baseado em fontes básicas de uma época ainda mais recuada na antiguidade. Havia, afirmou ele, prova irrefutável de que a terra fora extensamente mapeada, antes do ano 4000 a.C., por uma civilização até então desconhecida e ainda não descoberta, dotada de alto grau de progresso tecnológico.





Esquerda: Mapa de Piri Reis (original). *Acima:* Mapa redesenhado para mostrar detalhes.

AZIMUTHAL EQUIDISTANT PROJECTION
 CENTERED NEAR
 CAIRO



Mapa da Força Aérea dos Estados Unidos, mostrando a provável projeção que orientou a elaboração do mapa de Piri Reis.

Parece [concluía ele] que informações exatas foram transmitidas de um povo a outro. Ao que tudo indica, as cartas tiveram forçosamente origem em um povo desconhecido, tendo sido passadas adiante, talvez pelos minoanos e os fenícios, famosos, durante mil anos ou mais, como os maiores navegadores do mundo antigo. Temos prova de que, reunidos e estudados na grande biblioteca de Alexandria [Egito], compilações dos mesmos foram feitas por geógrafos que lá estudaram.

Com início em Alexandria, de acordo com a reconstrução de Hapgood, cópias dessas compilações e alguns mapas básicos originais foram levados para outros centros de saber - notadamente Constantinopla. Finalmente, quando Constantinopla foi ocupada pelos venezianos durante a IV Cruzada, em 1204, os mapas começaram a chegar às mãos de marinheiros e aventureiros europeus:

A maioria desses mapas era do Mediterrâneo e do mar Negro. Sobreviveram, porém, mapas de outras áreas. Incluía eles mapas das Américas e dos oceanos Ártico e Antártico. Torna-se claro que os antigos exploradores viajavam de um pólo a outro. Inacreditável como possa parecer, a prova, ainda assim, indica que alguns povos antigos exploraram a Antártida quando suas costas estavam livres de gelo. É claro, também, que dispunham de um instrumento de navegação para determinar acuradamente as longitudes que era imensamente superior a qualquer coisa possuída pelos povos dos tempos antigos, medieval ou moderno até a segunda metade do século XVIII.

Essa prova, de que houve uma tecnologia desaparecida, sustenta e dá credibilidade a numerosas outras hipóteses sobre uma civilização perdida, em tempos remotos. Estudiosos conseguiram refutar a maioria das alegadas provas, mostrando que eram apenas mitos, mas aqui temos prova que não pode ser refutada. A prova requer que todas as demais provas apresentadas no passado sejam reexaminadas com mente aberta.

A despeito do respeitado endosso de Albert Einstein (ver a seguir) e não obstante o reconhecimento posterior de John Wright, presidente da Sociedade Geográfica Americana, de que Hapgood "formulou hipóteses que exigem mais exames", nenhuma pesquisa científica ulterior foi realizada sobre esses antigos e estranhos mapas. Além do mais, longe de ser aplaudido por dar uma nova e séria contribuição ao debate sobre a antiguidade da civilização humana, Hapgood, até sua morte, foi esnobado pela maioria de seus colegas, que vazaram a discussão a que lhe submeteram a obra no que alguém descreveu, acuradamente, como "sarcasmo flagrante e injustificado, escolhendo aspectos banais e fatores não suscetíveis de verificação como bases para condenação, procurando, dessa maneira, evitar as questões básicas".

Um Homem à frente de seu Tempo

O falecido Charles Hapgood ensinou história da ciência no Keene College, New Hampshire, Estados Unidos. Ele não era geólogo nem historiador da antiguidade. É possível, no entanto, que gerações futuras lembrem-se dele como o homem que abalou os alicerces da história mundial - e também de um grande pedaço da geologia.

Albert Einstein foi um dos primeiros a compreender esse fato, quando deu o passo sem precedentes de contribuir com o prefácio para um livro de Hapgood escrito em 1953, alguns anos antes de ele iniciar a investigação do mapa de Piri Reis:

Freqüentemente, recebo comunicações de pessoas que querem me consultar sobre idéias suas ainda inéditas [escreveu Einstein]. Dispensa dizer que só raramente tais idéias têm validade científica. A primeira comunicação que recebi do Sr. Hapgood, porém, deixou-me eletrizado. Sua idéia é original, de grande simplicidade e - se continuar a ser provado que tem validade - de grande importância para tudo aquilo que se relaciona com a história da superfície da terra.

A "idéia" expressada no livro de 1953 de Hapgood é uma teoria geológica global, que explica elegantemente como e por que grandes regiões da Antártida permaneceram livres de gelo até o ano 4000 a.C., juntamente com numerosas outras anomalias encontradas na ciência da Terra. O argumento, em suma, é o seguinte:

1. A Antártida nem sempre foi coberta de gelo e houve época em que era muito mais quente do que hoje.
2. E era quente porque, naquele período, não se localizava fisicamente no pólo Sul. Em vez disso, situava-se a aproximadamente 3.600 quilômetros mais ao norte. Essa situação a teria colocado fora do Círculo Antártico, em um clima temperado ou frio temperado.
3. O continente passou para sua atual posição, dentro do Círculo Antártico, devido a um mecanismo conhecido como "deslocamento da crosta terrestre". Esse mecanismo, que não deve, de forma alguma, ser confundido com deslocamento de placas tectônicas, ou migração de continentes, é aquele através do qual a litosfera, isto é, toda a crosta terrestre, "pode deslocar-se ocasionalmente, movendo-se por cima do núcleo interno mole, mais ou menos como uma pele de laranja, se estivesse solta, poderia deslocar-se em uma única peça por cima da parte interna da fruta".
4. Durante esse suposto movimento da Antártida na direção sul, ocasionado pelo deslocamento da crosta terrestre, o continente tornou-se gradualmente mais frio, formando-se uma calota polar que se expandiu irresistivelmente durante milhares de anos, até chegar às atuais dimensões.

Detalhes adicionais da prova que sustenta essas idéias radicais constam da Parte VIII deste livro. Geólogos ortodoxos, no entanto, permanecem relutantes em aceitar a teoria de Hapgood (embora

ninguém tenha provado que ela estava errada). E a teoria provoca numerosas perguntas.

Entre elas, a mais importante é a seguinte: que mecanismo concebível poderia exercer uma força suficiente sobre a litosfera para precipitar um fenômeno de tal magnitude, como o deslocamento da crosta?

Ninguém melhor como guia do que Einstein para sumariar as descobertas de Hapgood:

Nas regiões polares, há uma acumulação constante de gelo, mas não distribuída simetricamente em torno do pólo. A rotação da terra atua sobre essas massas assimetricamente depositadas e produz momento centrífugo, que é transmitido à crosta rígida da terra. O momento centrífugo, em aumento constante, produzido dessa maneira, dará origem, quando atingir um certo ponto, a movimento da crosta da terra por cima do resto do corpo da terra...

O mapa de Piei Reis parece conter prova adicional surpreendente em apoio da tese de uma glaciação geologicamente recente de partes da Antártida, em seguida a um súbito deslocamento, na direção sul, da crosta terrestre. Além do mais, uma vez que esse mapa só poderia ter sido desenhado antes do ano 4000 a.C., são notáveis suas implicações para a história da civilização humana. Supostamente, antes do ano 4000 a.C. não havia qualquer civilização.

Correndo algum risco de uma simplificação excessiva, o consenso acadêmico é, em termos gerais, o seguinte:

- . A civilização desenvolveu-se inicialmente no Crescente Fértil do Oriente Médio.
- . Esse desenvolvimento começou após o ano 4000 a.C. e culminou no aparecimento das mais antigas civilizações autênticas (Suméria e Egito), por volta do ano 3000 a.C., seguido logo depois por outras civilizações no vale do Indo e na China.
- . Cerca de 1.500 anos depois, a civilização decolou espontânea e independentemente nas Américas.

. Desde o ano 3000 a.C. no Velho Mundo (e mais ou menos no ano 1500 no Novo Mundo), a civilização "evoluiu" ininterruptamente na direção de formas cada vez mais refinadas, complexas e produtivas.

. Em consequência, e especialmente em comparação com a nossa, todas as civilizações antigas (e todas as suas obras) devem ser compreendidas como essencialmente primitivas (os astrônomos sumerianos sentiam pelos céus um respeito anticientífico e até as pirâmides do Egito teriam sido construídas por "primitivos com conhecimentos tecnológicos").

A prova, sob a forma do mapa de Piri Reis, parece desmentir tudo isso.

Piri Reis e suas Fontes

Nos seus dias, Piri Reis foi figura bem conhecida. Não há a menor dúvida sobre sua identidade histórica. Almirante na marinha de guerra dos turcos otomanos, participou, em meados do século XVI, não raro no lado vencedor, de numerosas batalhas navais. Era, além disso, considerado especialista nas terras do Mediterrâneo, e escreveu um livro de navegação famoso, o Kitabi Bahriye, onde constava uma descrição completa das costas, ancoradouros, correntes, baixios, pontos de desembarque, baías e estreitos dos mares Egeu e Mediterrâneo. Apesar de uma carreira ilustre, caiu no desagrado de seus senhores e foi decapitado no ano 1554 ou 1555 d.C.

Os mapas básicos usados por ele para desenhar o mapa de 1513 estiveram, com toda probabilidade, arquivados inicialmente na Biblioteca Imperial, em Constantinopla, à qual se sabe que o almirante tinha acesso privilegiado. Essas fontes (que podem ter sido trazidas ou copiadas de centros de saber ainda mais antigos) não existem mais ou, pelo menos, não foram encontradas. Não obstante, foi na biblioteca do velho Palácio Imperial que, em data tão recente quanto

1929, alguém redescobriu o mapa de Piri Reis, pintado em pele de gazela e enrolado, em uma empoeirada prateleira.

Legado de uma Civilização Perdida?

Como o confuso Ohlmeyer reconheceu na carta escrita a Hapgood em 1960, o mapa de Piri Reis mostrava a topografia subglacial, o verdadeiro perfil da Terra da Rainha Maud, na Antártida, por baixo do gelo. Esse perfil permaneceu inteiramente oculto desde o ano 4000 a.C. (quando foi coberto pelo lençol de gelo em expansão) até ser revelado, mais uma vez, como resultado de extenso levantamento sísmico da região, efetuado em 1949 por uma equipe científica de reconhecimento britânico-sueca.

Se Piri Reis tivesse sido o único cartógrafo com acesso a essas informações anômalas, seria errôneo dar qualquer grande importância ao mapa. No máximo, poderíamos dizer: "Talvez ele seja importante, mas, também, talvez seja apenas uma coincidência". O almirante turco, porém, não foi o único a ter acesso a esse conhecimento geográfico aparentemente impossível e inexplicável. Seria inútil especular ainda mais do que Hapgood já fez, isto é, se a "corrente subterrânea" poderia ter conduzido e preservado esse conhecimento através das idades, transmitindo fragmentos dele de uma cultura a outra, de uma época a outra. Qualquer que tenha sido o mecanismo, o fato é que um bom número de outros cartógrafos aparentemente tomou conhecimento dos mesmos curiosos segredos.

Seria possível que todos esses cartógrafos tivessem compartilhado, talvez sem saber, do abundante legado científico de uma civilização desaparecida?

CAPÍTULO 2

Rios na Antártida

Nas férias de Natal de 1959-60, Charles Hapgood procurava dados sobre a Antártida na Sala de Obras de Referência da Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C. Durante várias semanas consecutivas, prosseguiu nesse trabalho, absorto na pesquisa, cercado por literalmente centenas de mapas e cartas medievais.

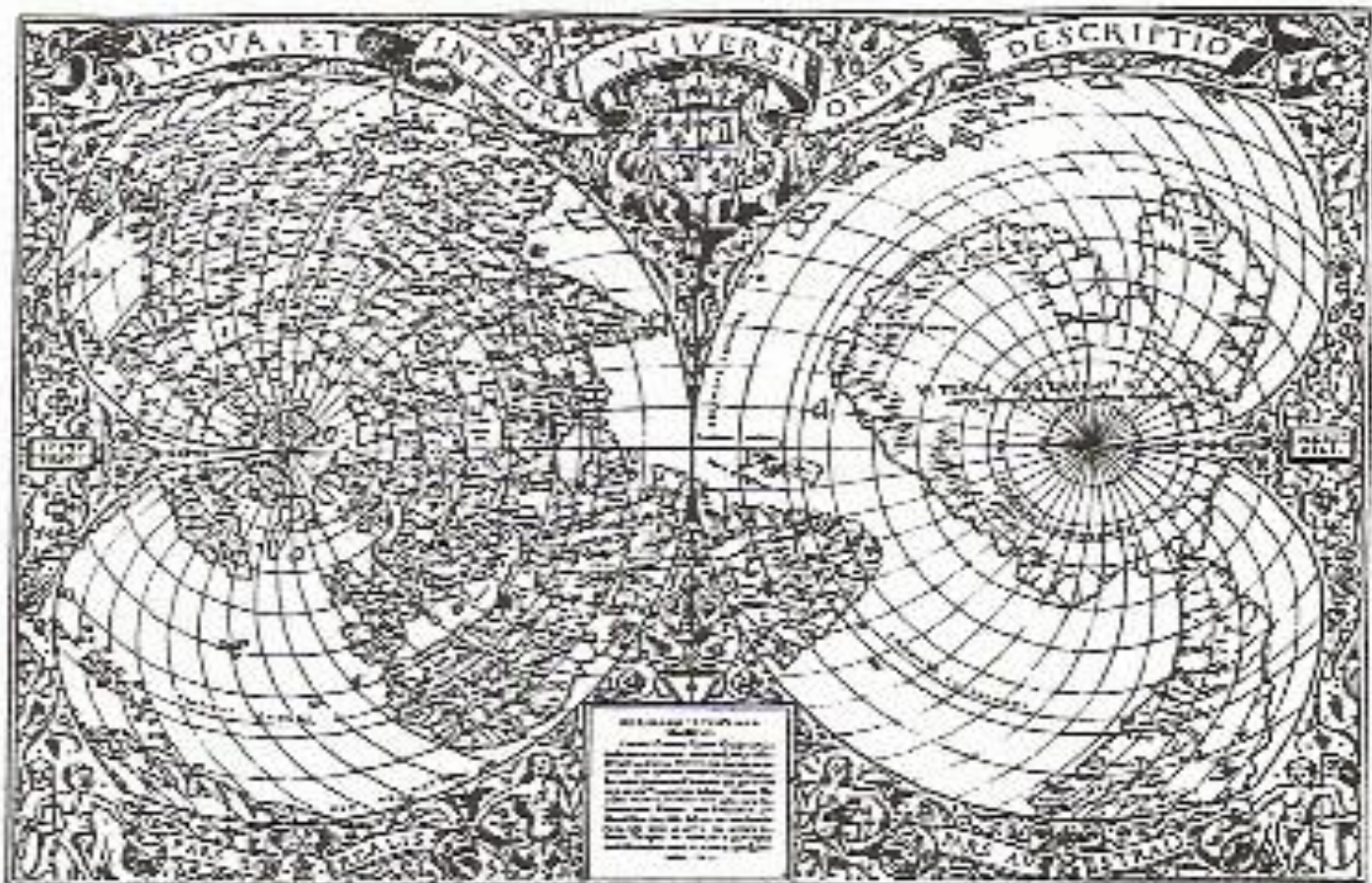
Descobri [escreveu ele] um sem-número de coisas fascinantes e inesperadas e várias cartas mostrando o continente antártico. Certo dia, virei uma página e fiquei paralisado, transfixado. Lançando meus olhos sobre o hemisfério Sul de um mapa-múndi desenhado por Oronteus Finaeus em 1531, senti a convicção imediata de que descobrira nele um mapa inegavelmente autêntico da verdadeira Antártida.

A forma geral do continente era surpreendentemente parecida com o esboço encontrado em mapas modernos. A posição do pólo Sul, quase no centro do continente, parecia mais ou menos correta. As cordilheiras que seguiam as costas sugeriam as numerosas cadeias de montanhas descobertas na Antártida em anos recentes. Era óbvio, também, que esse mapa não constituía uma criação atamancada da imaginação de alguém. As cadeias de montanhas apareciam bem individualizadas, algumas claramente costeiras e, outras, não. Originando-se nelas, rios corriam em direção ao mar, seguindo, em todos os casos, o que pareciam bacias hidrográficas naturais, muito convincentes. Esse fato sugeria, claro, que as costas deveriam ter estado livres de gelo ao ser desenhado o mapa original. O interior profundo, porém, estava inteiramente livre de rios e montanhas, sugerindo esse fato que gelo poderia ter estado presente nessa região.

Um estudo mais profundo do mapa de Oronteus Finaeus, realizado por Hapgood e pelo Dr. Richard Strachan, do Massachusetts Institute of Technology, confirmou os fatos seguintes:

1. O mapa havia sido copiado e compilado de mapas primários anteriores, desenhados de acordo com certo número de projeções diferentes.
2. O mapa mostrava, de fato, condições não-glaciais nas regiões costeiras da Antártida, notadamente na Terra da Rainha Maud, Terra de Enderby, Terra de Wilkes, Terra de Vitória (a costa oriental do mar de Ross) e Terra de Marie Byrd.
3. Tal como no caso do mapa de Piri Reis, o perfil geral do terreno e os acidentes físicos visíveis correspondiam estreitamente a mapas de levantamentos sísmicos das superfícies de terras subglaciais da Antártida.

O mapa de Oronteus Finaeus, concluiu Hapgood, parecia documentar "a surpreendente sugestão de que a Antártida fora visitada, e talvez colonizada, numa época em que as condições eram predominante, se não inteiramente, não-glaciais. Dispensa dizer que o mapa implicava uma antiguidade muito remota... [Na verdade] o mapa de Oronteus Finaeus leva a civilização dos homens que desenharam o mapa original a uma época contemporânea do fim da última Idade Glacial no hemisfério Norte."



Mapa de Oronteus Finaeus, mostrando costas, montanhas e rios livres de gelo na Antártida.

O Mar de Ross

Prova adicional em apoio dessa idéia é encontrada na maneira como o mar de Ross foi mostrado por Oronteus Finaeus. Nos locais onde hoje grandes geleiras, como a Beardmore e a Scott, desembocam no mar, o mapa de 1531 mostra estuários, extensas baías e indicações de rios. A implicação inconfundível desses acidentes geográficos é que não havia gelo no mar de Ross, ou em suas costas, quando foram desenhados os mapas primários usados por Oronteus Finaeus. "Teria que haver também uma grande extensão de terra livre de gelo para alimentar os rios. Atualmente, todas essas costas e as terras que ficavam mais para trás encontram-se profundamente sepultadas sob

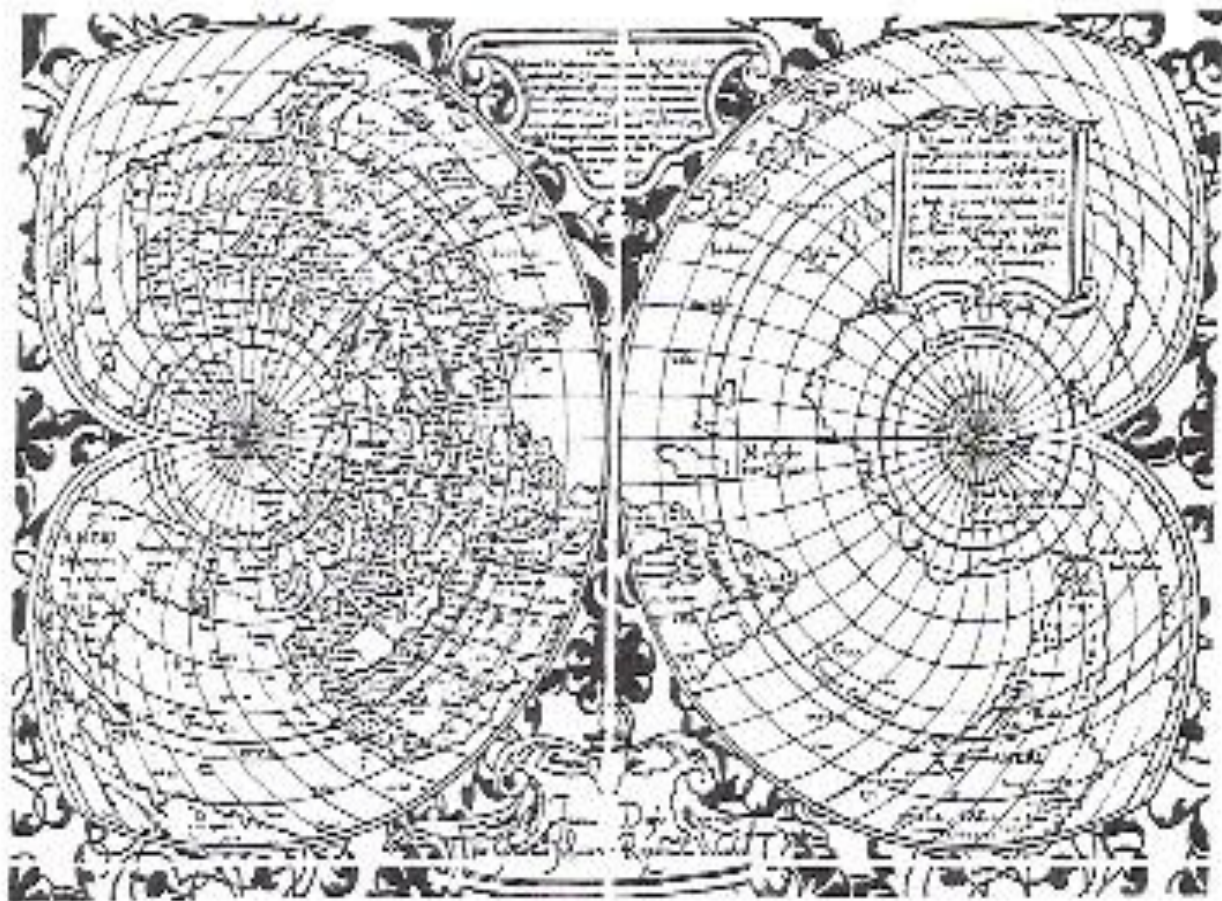
uma calota de gelo, com uma espessura de 1.600m, enquanto que, no próprio mar de Ross, são encontrados icebergs flutuantes de centenas de metros de espessura”.

A prova relativa ao mar de Ross implica forte corroboração à idéia de que a Antártida deve ter sido mapeada por alguma civilização desconhecida durante o período, muito extenso, em que a região ficou livre do gelo, e que terminou por volta do ano 4000 a.C. Essa conclusão é robustecida pelo trabalho das sondas usadas em 1949 para coleta de núcleos-testemunho por uma das expedições do almirante Byrd à Antártida, com o objetivo de tirar amostras dos sedimentos do leito do mar de Ross. Os sedimentos revelaram numerosas camadas de estratificação claramente demarcadas, refletindo diferentes condições ambientais em diferentes épocas: "depósitos marinhos glaciais grossos", "depósitos marinhos glaciais médios", "depósitos marinhos glaciais finos", e assim por diante. A descoberta mais surpreendente, contudo, foi "que grande número de camadas era formado de sedimentos variados, de fina granulação, tais como os que são trazidos para o mar por rios que fluem de terras de clima temperado (isto é, livres de gelo)...".

Usando o método de datação por iônio, criado pelo de. W.D. Urry (que utiliza três elementos radioativos diferentes encontrados na água do mar), pesquisadores do Carnegie Institute, em Washington, D.C., conseguiram provar, além de qualquer dúvida razoável, que caudalosos rios, trazendo sedimentos muito variados de fina granulação, haviam realmente existido na Antártida há cerca de 6.000 anos, conforme demonstrava o mapa de Oronteus Finaeus. Só depois dessa data, por volta do ano 4000 a.C., "é que o sedimento de tipo glacial começou a ser depositado no leito do mar de Ross... Os núcleos-testemunho indicam que condições quentes prevaleceram durante um longo período, antes daquela data".

Mercátor e Buache

Os mapas de Piri Reis e de Oronteus Finaeus, portanto, proporcionam-nos um vislumbre da Antártida que nenhum cartógrafo dos tempos modernos poderia ter visto, em nenhuma hipótese. Por si mesmas, claro, essas duas peças de prova não seriam suficientes para nos convencer de que poderíamos estar olhando para as impressões digitais de uma civilização perdida. Mas três, quatro, ou seis mapas desse tipo poderiam ser refutados com igual justificação? Seria seguro, ou razoável, por exemplo, continuar a ignorar as implicações históricas de alguns dos mapas elaborados pelo mais famoso cartógrafo do século XVI, Gerard Kremer, conhecido também como Mercátor? Mais lembrado pela "projeção de Mercátor", ainda usada na maioria dos mapas-múndi modernos, esse enigmático indivíduo (que realizou uma inexplicada visita à Grande Pirâmide do Egito em 1563), foi, segundo consta de documentos, "infatigável na busca (...) do saber de épocas remotas", tendo passado muitos anos acumulando diligentemente uma vasta e eclética biblioteca de obras de referência de mapas primários antigos.



Mapa Mercátor, com montanhas e rios cobertos de gelo.

No que é muito importante, Mercátor incluiu o mapa de Oronteus Finaeus em seu Atlas de 1569 e mostrou também a Antártida em vários outros mapas que ele mesmo produziu no mesmo ano. Entre as partes do continente sul ainda não descobertas na época e constantes do mapa figuram o cabo Dart e o cabo Herlacher, na Terra de Marie Byrd, o mar de Amundsen, a ilha Thurston, na Terra de Ellsworth, as ilhas Fletcher, no mar de Bellinghausen, a ilha Alexander, a península Antártica (Palmer), o mar de Weddell, o cabo Norvegia, a cordilheira Regula, na Terra da Rainha Maud (sob a forma de ilhas), as montanhas Muhlig-Hoffinan (como ilhas), a costa Príncipe Harald, a geleira Shirase, como estuário, na costa Príncipe Harald, a ilha Padda, na baía Lutzow-Holm, e a costa Príncipe Olaf, na Terra de Enderby.

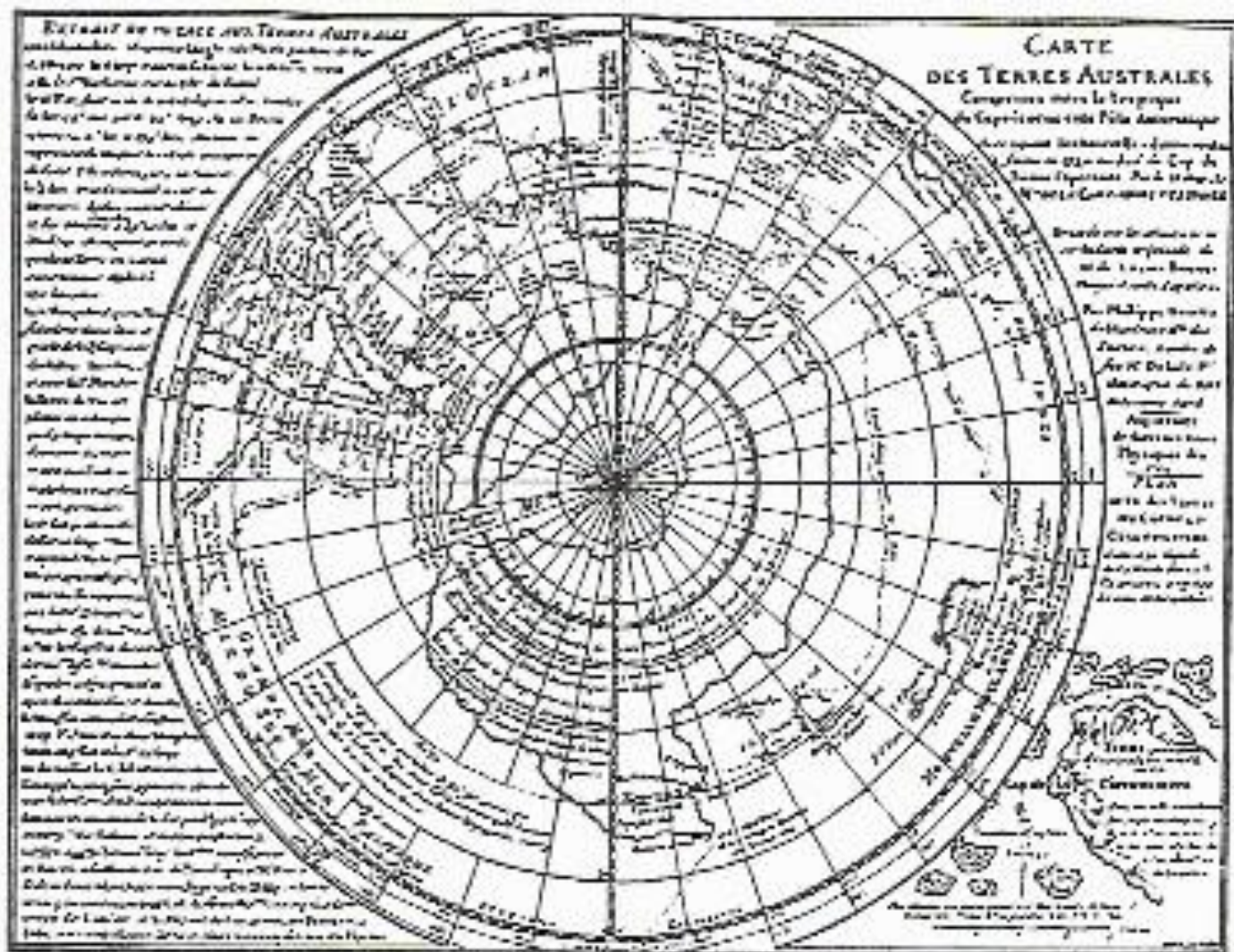
"Em alguns casos, esses acidentes geográficos são claramente mais reconhecíveis do que no mapa de Oronteus Finaeus", observou Hapgood, "e parece claro, de modo geral, que Mercátor dispunha de mapas primários, além dos usados por Oronteus Finaeus".

E não apenas Mercátor.

Philippe Buache, cartógrafo francês do século XVIII, publicou um mapa da Antártida muito tempo antes de o continente meridional ter sido "descoberto" oficialmente. O notável no mapa de Buache é que parece ter se inspirado em um mapa primário desenhado antes, talvez milhares de anos antes, diferente dos usados por Oronteus Finaeus e Mercátor. E o que Buache nos mostra em uma representação sobrenaturalmente precisa é como a Antártida deveria ter parecido quando não havia lá absolutamente nenhum gelo. O mapa revela a topografia subglacial de um continente inteiro, do qual nem mesmo nós tivemos conhecimento completo até 1958, data do Ano Geofísico Internacional, quando foi realizado um levantamento sísmico completo da região.

O levantamento simplesmente confirmou o que Buach proclamou em 1737, ao publicar seu mapa da Antártida. Baseando o trabalho cartográfico em fontes antigas ora perdidas, o acadêmico francês desenhou uma clara via navegável de um lado a outro do continente, dividindo-o em duas massas principais de terra, a leste e a oeste da linha hoje assinalada como montanhas Transantárticas.

Essa via navegável, ligando os mares de Ross, Weddell e Bellingshausen, teria realmente existido, se a Antártida houvesse estado livre de gelo. Conforme demonstraram os resultados do Ano Geofísico Internacional, de 1958, o continente (que nos mapas modernos aparece como uma massa de terra contínua) consiste de um arquipélago de grandes ilhas, com gelo compacto de 1.600m de espessura entre elas, projetando-se acima da superfície do mar.



Mapa Buache, com massas terrestres que mostram a Antártida como teria sido antes de ser coberta pelo gelo.

A Época dos Cartógrafos

Conforme vimos, numerosos geólogos ortodoxos acreditam que há milhões de anos existiram, pela última vez, vias fluviais nessas bacias ora cobertas de gelo. Do ponto de vista dos estudiosos, porém, é igualmente ortodoxo afirmar que nenhum ser humano existia naqueles tempos remotos, quanto mais seres humanos capazes de mapear acuradamente as massas continentais da Antártida. O grande problema levantado pela prova oferecida por Buache/AGI é que essas massas parecem realmente ter sido mapeadas quando se

encontravam livres de gelo. Esse fato apresenta aos estudiosos duas proposições mutuamente contraditórias.

Qual delas é a correta?

Se formamos com a facção dos geólogos ortodoxos e aceitamos que milhões de anos se passaram indubitavelmente desde que a Antártida esteve, pela última vez, inteiramente livre de gelo, então toda prova de evolução humana, laboriosamente acumulada por cientistas ilustres desde o tempo de Darwin, deve carecer de fundamento. E parece inconcebível que isso tenha acontecido: o registro fóssil deixa meridianamente claro que há milhões de anos existiam apenas ancestrais ainda não evoluídos da humanidade - hominídeos de testa baixa, que se arrastavam pelo chão com as juntas dos dedos tocando a terra, incapazes de trabalhos sofisticados como a elaboração de mapas.

Deveríamos, então, supor a intervenção de cartógrafos alienígenas, a bordo de espaçonaves em órbita, a fim de explicar a existência de mapas sofisticados de uma Antártida livre de gelo? Ou deveríamos pensar novamente nas implicações da teoria de Hapgood sobre o deslocamento da crosta da terra, o que permitiria que o continente sul houvesse ficado livre de gelo há uns 15.000 anos, da forma mostrada por Buache?

Seria possível que uma civilização humana, suficientemente desenvolvida para ter condições de mapear a Antártida, pudesse ter surgido cerca de 13.000 anos antes de Cristo e, em seguida, desaparecido? E, se isso aconteceu, quanto tempo depois?

O efeito combinado dos mapas de Piri Reis, Oronteus Finaeus, Mercátor e Buache é a forte, embora perturbadora, impressão de que a Antártida deve ter sido continuamente mapeada durante um período de vários milhares de anos, à medida que a calota de gelo expandia-se gradualmente a partir do interior, aumentando seu alcance a cada milênio, mas só conseguindo cobrir todas as costas do continente sul por volta do ano 4000 a.C. As fontes primárias dos mapas de Piri Reis e Mercátor deveriam, portanto, ter sido preparadas perto do fim desse período, época em que, na Antártida, só as costas se encontravam

livres de gelo. A fonte usada no mapa de Oronteus Finaeus, por outro lado, parece ter sido muito anterior, quando a calota de gelo existia apenas no interior profundo do continente, ao passo que a de Buache teve origem, aparentemente, em data ainda mais antiga (por volta do ano 13000 a.C.), quando não havia absolutamente gelo na Antártida.

América do Sul

Teriam sido outras partes do mundo objeto de levantamento topográfico e mapeadas com precisão a intervalos muito separados durante a mesma época, ou seja, aproximadamente dos anos 13000 a 4000 a.C.? A resposta talvez se encontre, mais uma vez, no mapa de Piri Reis, que contém mais mistérios do que apenas a Antártida:

. Desenhado em 1513, o mapa revela um misterioso conhecimento da América do Sul - não só da costa oriental, mas também dos Andes no lado ocidental do continente, que, claro, eram desconhecidos na época. O mapa mostra corretamente o rio Amazonas nascendo nessas montanhas inexploradas e delas correndo na direção leste.

. Compilado à vista de mais de vinte documentos primários diferentes, de antiguidade variada, o mapa de Piri Reis mostra o Amazonas não apenas uma, mas duas vezes (com toda probabilidade, como resultado de superposição não intencional de dois dos documentos primários usados pelo almirante turco). Na primeira, o curso do Amazonas é mostrado descendo até a foz do rio Pará, embora não conste a importante ilha de Marajó. De acordo com Hapgood, esse fato sugere que o mapa primário relevante deve ter sido datado de uma época, talvez há 15.000 anos, quando o rio Pará era a principal ou única foz do Amazonas e quando a ilha de Marajó fazia parte do continente, no lado norte do rio. A segunda versão do Amazonas, por outro lado, mostra a ilha de Marajó (e em detalhes fantasticamente exatos), a despeito do fato de que essa ilha só foi descoberta em

1543. Mais uma vez, surge a possibilidade de uma civilização desconhecida, que realizava operações contínuas de levantamento topográfico e mapeamento da face mutável da terra, ao longo de um período de muitos milhares de anos, tendo Piri Reis usado não só os mapas primários mais antigos, mas também os mais recentes deixados por essa civilização.

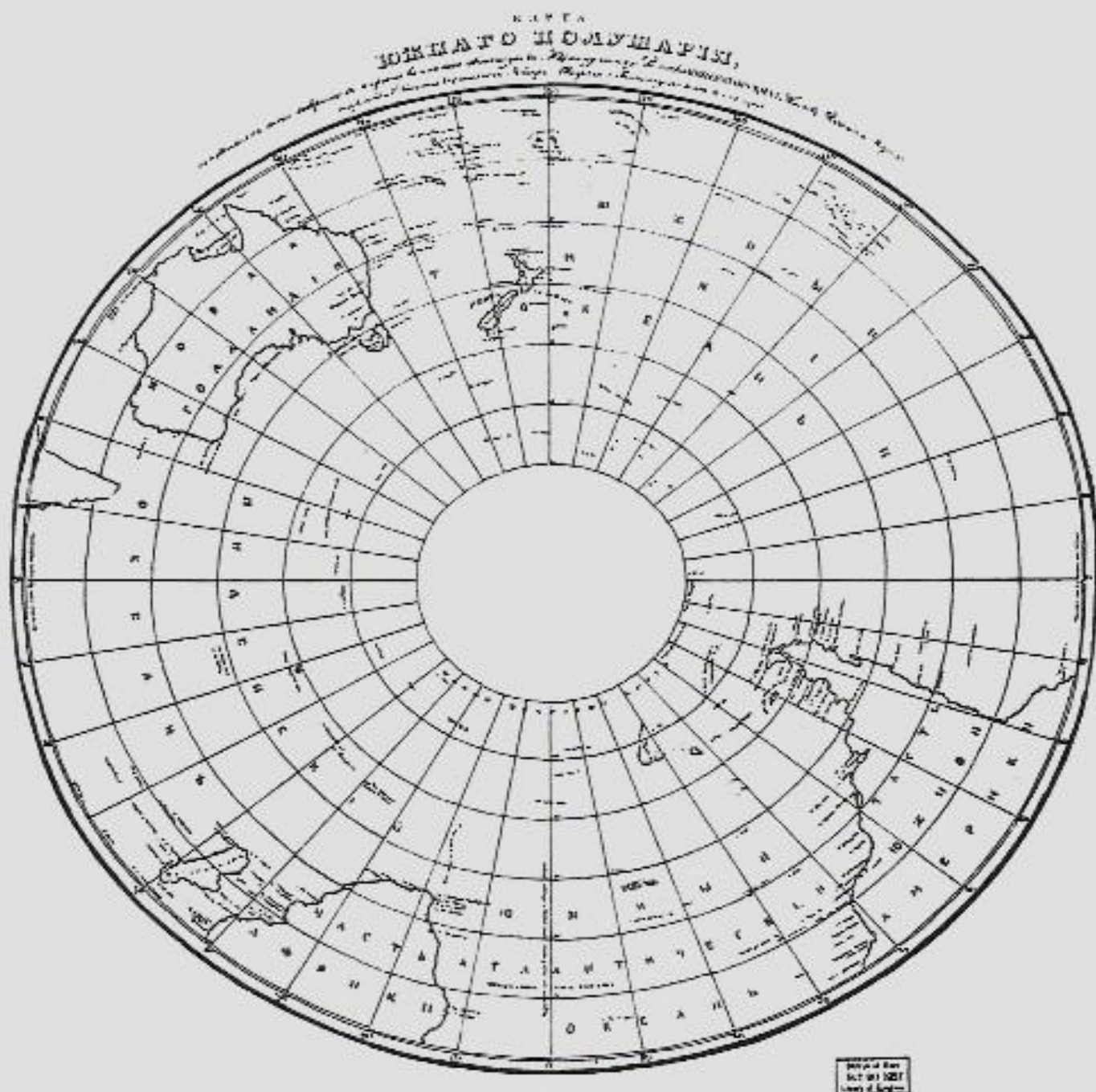
. Nem o rio Orinoco nem o seu atual delta são mostrados no mapa de Piri Reis. Em vez disso, como prova Hapgood, dois estuários, que se estendiam muito terra adentro (numa distância de 160km), foram mostrados perto do local onde se encontra o rio atual. A longitude na quadrícula seria correta para o Orinoco e a latitude também bastante acurada. Será possível que esses estuários tenham sido soterrados por sedimentos e o delta se estendido por essa distância toda, desde que os mapas primários foram desenhados?

. Embora permanecessem desconhecidas até 1592, as ilhas Falkland aparecem em sua latitude correta no mapa de 1513.

. A mapoteca de fontes antigas incorporada ao mapa de Piri Reis poderia explicar também o fato de mostrar convincentemente a existência de uma grande ilha no oceano Atlântico, a leste da costa da América do Sul, onde nenhuma ilha existe atualmente. Seria pura coincidência que essa ilha "imaginária" tenha sido localizada exatamente acima da cordilheira suboceânica existente no meio do Atlântico, imediatamente ao norte do equador e a 1.100km a leste da costa do Brasil, onde os minúsculos rochedos de São Pedro e São Paulo se projetam acima das ondas? Ou teria sido o mapa primário relevante desenhado no auge da última Era Glacial, quando o nível dos mares era muito mais baixo do que hoje e uma grande ilha poderia, realmente, ter ficado exposta nesse ponto?



Acima, esquerda e direita. Novos desenhos dos mapas de Mercátor e Oronteus Finaeus, mostrando a glaciação progressiva da Antártida. *Abaixo, à esquerda:* Novo desenho do mapa de Buache. *Abaixo, à direita:* Topografia subglacial da Antártida, de acordo com modernos levantamentos sismológicos.



Mapa russo de princípios do século XIX, indicando que a existência da Antártida era, nessa época, desconhecida. O continente foi “descoberto” no ano 1818 d.C. Mas poderia esse continente ter sido mapeado, milhares de anos antes dessa data, por cartógrafos de uma grande civilização da pré-história, ainda não identificada?

Níveis do Mar e Eras Glaciais

Outros mapas do século XVI dão também a impressão de que poderiam ter-se baseado em levantamentos topográficos mundiais, realizados durante a última Era Glacial. Um deles foi compilado em 1559 por um turco, Hadji Ahmed, cartógrafo, que, como dizia Hapgood, devia ter tido acesso a alguns mapas primários "de natureza a mais extraordinária".

O aspecto mais estranho e que logo impressiona na compilação de Hadji é que ela mostra, com grande clareza, uma faixa de território, de quase 1.600km de largura, ligando o Atasca à Sibéria. Essa "ponte continental", como a chamam os geólogos, efetivamente existiu no passado (no local onde hoje existe o estreito de Bering), mas foi coberta pelas ondas quando o nível do mar subiu ao fim da última Era Glacial.

O aumento do nível do mar foi causado pelo degelo tumultuoso da calota polar, que recuava celeremente por toda parte no hemisfério Norte, por volta do ano 10000 a.C. Por isso mesmo, é interessante que pelo menos um mapa antigo parece mostrar o sul da Suécia coberto por geleiras remanescentes, do tipo que deve ter sido realmente predominante nessas latitudes. As geleiras remanescentes figuram no famoso Mapa do Norte, de Claudius Ptolomeu. Compilado originariamente no século II d.C., esse trabalho notável do último grande geógrafo da antiguidade clássica ficou perdido durante centenas de anos e só foi redescoberto no século XV.

Ptolomeu trabalhava como curador da Biblioteca de Alexandria, onde era conservada a maior coleção de manuscritos dos tempos antigos, e foi nela que ele consultou os documentos arcaicos primários que lhe permitiram compilar seu próprio mapa. A aceitação da possibilidade de que a versão original de pelo menos uma das cartas a que ele se referiu teria sido preparada por volta do ano 10000 a.C. contribui para explicar por que o mapa mostra geleiras, características dessa exata época, juntamente com "lagos (ou) sugerindo a forma dos lagos e

cursos d'água atuais que lembram muito correntes glaciais (...) descendo das geleiras para os lagos".

É provavelmente desnecessário acrescentar que ninguém nos tempos romanos, época em que Ptolomeu elaborou seu mapa, tinha a menor suspeita de que eras glaciais poderiam ter coberto outrora o norte da Europa. Nem ninguém no século XV (quando foi redescoberto o mapa) possuía tal conhecimento. Na verdade, é impossível dizer como as geleiras remanescentes e outros acidentes geográficos mostrados no mapa de Ptolomeu poderiam ter sido constatados em levantamentos, imaginados ou inventados por qualquer civilização conhecida anterior à nossa.

São óbvias as implicações desse fato. Como também são as de outro mapa, o "Portolano", de Iehudi Ibn Ben Zara, desenhado em 1487. Essa carta da Europa e norte da África pode ter sido baseada em fonte ainda mais antiga do que a usada por Ptolomeu, porquanto aparentemente mostra geleiras muito ao sul da Suécia (na verdade, aproximadamente na mesma latitude da Inglaterra) e o Mediterrâneo, o Adriático e o Egeu como devem ter sido antes do derretimento da calota européia. O nível do mar, claro, teria sido muito mais baixo do que é hoje. É interessante notar, por exemplo, na seção do Egeu do mapa, que existiam muito mais ilhas do que atualmente. À primeira vista, esse fato parece estranho. Contudo, se dez ou doze mil anos se passaram desde a era em que foi elaborado o mapa de Ibn Ben Zara, a discrepância pode ser explicada sem dificuldade: as ilhas perdidas devem ter sido cobertas pelo nível do mar que subia ao fim da última Era Glacial.

Mais uma vez, parece que estamos olhando para as impressões digitais de uma civilização desaparecida - uma civilização capaz de produzir mapas incrivelmente precisos de partes muito separadas da terra.

Que tipo de tecnologia e que estado da ciência e da cultura teriam sido necessários para realizar um trabalho dessa natureza?

CAPÍTULO 3

Impressões Digitais de uma Ciência Perdida

Vimos que o mapa-múndi de Mercátor, datado de 1569, incluía uma representação precisa das costas da Antártida, como deveriam ter parecido há milhares de anos, quando estiveram livres de gelo. Curiosamente, esse mesmo mapa é muito menos preciso na representação de outra região, a costa ocidental da América do Sul, do que um mapa anterior (1538) também elaborado por Mercátor.

A razão desse fato parece ser que o geógrafo do século XVI baseou o mapa anterior nas fontes antigas que sabemos que tinha à disposição, ao passo que, no tocante ao mapa mais moderno, confiou em observações e medições dos primeiros exploradores espanhóis da região ocidental da América do Sul. Uma vez que eles supostamente levaram consigo para a Europa as informações mais recentes, dificilmente poderíamos culpar Mercátor por tê-las aceito. Mas, ao fazer isso, declinou a precisão de seu trabalho: em 1569, não existiam instrumentos capazes de fixar a longitude, ainda que parecesse que foram usados para preparar os documentos primários antigos consultados por ele para produzir o mapa de 1538.

Os Mistérios da Longitude

Vejamos o problema da longitude, definido como a distância em graus a leste ou oeste do meridiano de referência. O meridiano de referência atual, internacionalmente aceito, é a curva imaginária traçada do pólo Norte ao pólo Sul que passa pelo Real Observatório de Greenwich, em Londres. Greenwich, portanto, representa a longitude 0° , enquanto que Nova York, por exemplo, situa-se a 74° oeste e Camberra, Austrália, a aproximadamente 150° leste.

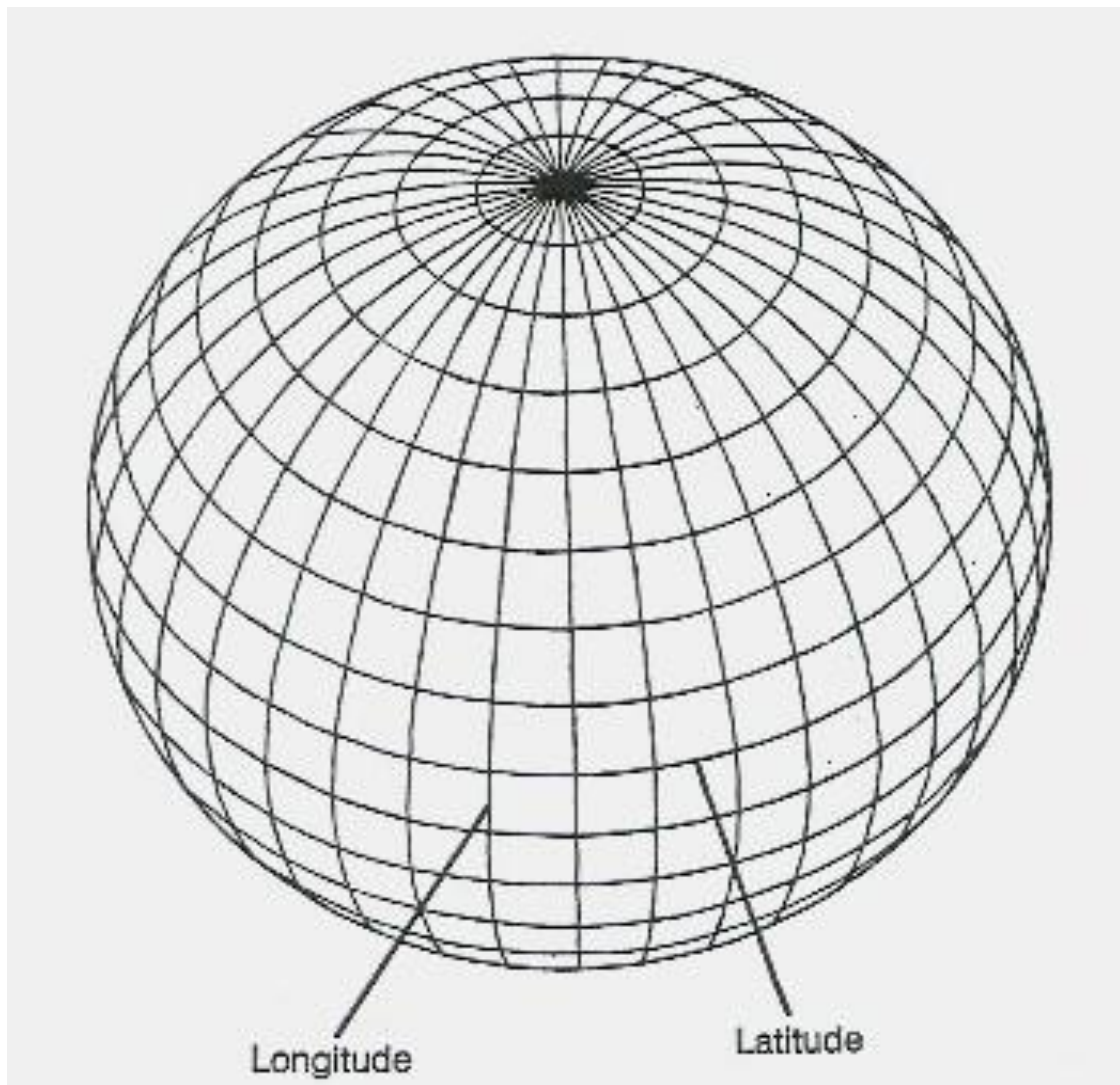
Poderíamos dar uma explicação detalhada da longitude e do que precisa ser feito para fixá-la exatamente no tocante a qualquer dado ponto na superfície da terra. O que nos interessa aqui, contudo, não é

tanto o detalhe técnico quanto os fatos históricos aceitos sobre o conhecimento crescente da humanidade no tocante aos mistérios da longitude. Entre esses fatos, o mais importante é o seguinte: até a ocorrência de uma invenção inovadora no século XVIII, cartógrafos e navegantes não conseguiam fixar a longitude com qualquer tipo de precisão. Limitavam-se a dar palpites, que em geral erravam em muitas centenas de quilômetros, porque não surgira ainda a tecnologia necessária para que pudessem fazer corretamente o trabalho.

A latitude ao norte ou sul do equador não criava problema dessa natureza: a latitude podia ser obtida através de medições angulares do sol e das estrelas, usando-se instrumentos relativamente simples. Para fixar a longitude, porém, era necessário equipamento inteiramente diferente e de calibre superior, que pudesse combinar medições de posição com medições de tempo. Durante todo o transcurso da história conhecida, a invenção de equipamento dessa natureza permaneceu além da capacidade dos cientistas. Em princípios do século XVIII, porém, com o aumento cada vez maior do tráfego marítimo, aumentou a sensação de impaciência e urgência para solução do problema. Ou, nas palavras de uma autoridade do período: "A busca da longitude era uma sombra sobre a vida de todos os marinheiros e a segurança de todos os navios e cargas. A medição precisa parecia ser um sonho impossível e 'descobrir a longitude' tornou-se uma frase padrão na imprensa, do tipo 'tão fácil quanto um porco voar'."

Acima de tudo, precisava-se de um instrumento que controlasse o tempo (no local de partida) com exatidão perfeita durante as longas viagens marítimas, a despeito dos movimentos do navio e não obstante as condições adversas de tempo quente e frio, chuvoso e seco. "Um Relógio desse tipo", como disse Isaac Newton em 1714 a membros da Junta de Longitude, um organismo oficial do governo britânico, "não foi ainda fabricado". E, de fato, não havia sido. Os relógios do século XVII e princípios do século XVIII eram dispositivos grosseiros, que costumeiramente adiantavam ou atrasavam um quarto

de hora por dia. Em contraste, o cronômetro marítimo eficaz só poderia adiantar ou atrasar essa margem em vários anos.



Só na década de 1720, porém, é que um talentoso relojoeiro inglês, John Harrison, começou a trabalhar no primeiro de uma série de modelos, que resultou na fabricação de um cronômetro desse tipo. O objetivo de Harrison era ganhar o prêmio de 20.000 libras oferecido pela Junta de Longitude "ao inventor de qualquer meio para determinar a longitude de um navio, com uma margem de erro de apenas 48 milhas náuticas ao cabo de uma viagem de seis semanas". Um cronômetro capaz de atender a esse requisito teria que marcar o tempo com uma margem de erro de três segundos ao dia. Foram necessários quase 40 anos, período em que completou e submeteu a

teste vários protótipos, antes que Harrison pudesse adequar-se a tais padrões. Finalmente, em 1761, o elegante Cronômetro N° 4 deixou a Grã-Bretanha a bordo do HMS Deptford a caminho da Jamaica, acompanhado pelo filho de Harrison, William. Nove dias depois de iniciada a viagem, e na base dos cálculos de longitude tornados possíveis com o cronômetro, William informou ao comandante que avistariam as ilhas da Madeira na manhã seguinte. O comandante apostou e deu uma vantagem de cinco a um de que ele estava errado, mas concordou em manter o curso do navio. William ganhou a aposta. Dois meses depois, na Jamaica, descobriu-se que o instrumento atrasara apenas cinco segundos.

Harrison havia superado as condições estabelecidas pela Junta de Longitude. Devido a entraves burocráticos no governo britânico, porém, ele só recebeu o prêmio três anos depois e antes de seu falecimento em 1776. Compreensivelmente, só quando recebeu o dinheiro é que ele divulgou os segredos de seu projeto. Como resultado dessa demora, o capitão James Cook não pôde contar com as vantagens de um cronômetro quando empreendeu sua primeira viagem de descoberta em 1768. Ao realizar a terceira viagem (1778-9), porém, conseguiu mapear o Pacífico com uma precisão impressionante, fixando não só as latitudes corretas, mas também a longitude de todas as ilhas e costas. Daí em diante, "graças aos cuidados de Cook e ao cronômetro de Harrison (...) nenhum navegador teria desculpa para deixar de encontrar uma ilha no Pacífico (...) ou por naufragar em uma costa que aparecia, surgida do nada".

Realmente, com as longitudes exatas, os mapas do Pacífico elaborados por Cook devem ser classificados entre os primeiros exemplos de cartografia precisa da era moderna. Eles nos lembram, contudo, que a elaboração de mapas realmente dignos de confiança exige pelo menos três ingredientes principais: grandes viagens de descoberta, competência matemática e cartográfica de primeira classe e cronômetros sofisticados.

Mas só depois de o cronômetro de Harrison tornar-se de uso corrente na década de 1770 é que foi atendida a terceira das pré-condições. A brilhante invenção permitiu que cartógrafos fixassem com precisão a longitude, algo que os sumérios, os antigos egípcios, os gregos e os romanos e, na verdade, todas as demais civilizações conhecidas anteriores ao século XVIII, aparentemente não conseguiram fazer. Por isso mesmo, surpreende e perturba descobrir mapas imensamente mais antigos que fixam com uma precisão moderna as latitudes e longitudes.

Instrumentos de Precisão

Essas latitudes e longitudes inexplicavelmente precisas são encontradas na mesma categoria geral de documentos que contêm os conhecimentos geográficos avançados que mencionamos sumariamente acima.

O mapa de Piri Reis de 1513, por exemplo, põe a América do Sul e a África nas latitudes relativas corretas, o que, teoricamente, teria sido uma façanha impossível para a ciência da época. Piri Reis, porém, teve a honestidade de reconhecer que o mapa baseava-se em fontes mais antigas. Poderia ter ele tirado dessas fontes as longitudes precisas?

Reveste-se também de grande interesse o denominado "Dulcert Portolano", do ano 1339 d.C., que mostra a Europa e o Norte da África. Neste caso, a latitude é perfeita, a despeito das distâncias imensas, e a longitude total dos mares Mediterrâneo e Negro é dada com uma margem de erro de apenas meio grau.

O professor Hapgood comenta que o autor da fonte primária, da qual foi copiado o Dulcert Portolano, havia "alcançado uma precisão altamente científica, ao encontrar a razão entre latitude e longitude. Ele só poderia ter feito isso se dispusesse de informações precisas sobre as longitudes relativas de grande número de lugares espalhados

pelo caminho todo, de Galway, na Irlanda, até a curva oriental do rio Don, na Rússia”.

O mapa Zeno, do ano 1380 d.C., constitui outro enigma. Cobrindo uma vasta área do hemisfério norte que chega até a Groenlândia, o mapa localiza numerosos locais muito separados, em latitudes e longitudes "espantosamente corretas". É "incrível", declara Hapgood, "que alguém no século XIV pudesse ter descoberto as latitudes exatas desses locais, para nada dizer das longitudes precisas".

O mapa-múndi de Oronteus Finaeus merece também atenção: coloca as costas da Antártida nas latitudes e longitudes relativas corretas e dá uma área notavelmente exata para o continente como um todo. Esses resultados refletem um nível de conhecimento geográfico que só se tornou disponível no século XX.

O Portolano, de Yehudi Ibn Ben Zara, é outro mapa notável por sua precisão no que concerne a latitudes e longitudes relativas. A longitude total entre Gibraltar e o mar de Azov é dada com uma precisão de meio grau, enquanto que, no mapa em geral, os erros médios de longitude ficam abaixo de um grau.

Esses exemplos representam apenas uma pequena fração do grande e instigante dossiê de provas apresentado por Hapgood. Camada após camada, o efeito cumulativo desses trabalhos e análise detalhada sugerem que estamos nos iludindo quando supomos que instrumentos precisos para medir longitude só foram inventados no século XVIII. Muito ao contrário, o mapa de Piri Reis e outros indicam, com forte credibilidade, que esses instrumentos foram redescobertos nessas ocasiões, que existiram em incontáveis eras anteriores e que foram usados por um povo civilizado, ora perdido nas brumas da história, que havia explorado e mapeado toda a terra. Além do mais, parece que esse povo era capaz não só de projetar e fabricar instrumentos mecânicos tecnicamente avançados, mas foram mestres de uma ciência matemática muito antiga.

Os Matemáticos Perdidos

Se queremos compreender o motivo, devemos inicialmente recordar o óbvio: a Terra é uma esfera. Quando o assunto é mapeá-la, por conseguinte, o globo é a única forma que pode representá-la em proporção correta. Transferir dados cartográficos de um globo para folhas lisas de papel implica inevitavelmente distorções e isso só pode ser feito através de métodos matemáticos mecânicos e complexos, conhecidos como projeção cartográfica.

Há vários tipos de tal projeção. A de Mercátor, ainda usada hoje em atlas, é talvez a mais conhecida. Outras são designadas misteriosamente como azimutal, estereográfica, gnomônica, azimutal eqüidistante, projeção conforme, e assim por diante, mas é desnecessário entrar aqui em maiores detalhes sobre o assunto. Precisamos apenas observar que todas as projeções cartográficas bem-feitas exigem o uso de técnicas matemáticas sofisticadas, de um tipo supostamente desconhecido no mundo antigo (particularmente na antiguidade mais remota, antes do ano 4000 a.C., quando alegadamente não havia qualquer civilização humana, quanto mais uma capaz de criar e usar matemática e geometria avançadas).

Charles Hapgood submeteu sua coleção de mapas antigos ao Massachusetts Institute of Technology, onde foi analisada pelo professor Richard Strachan. A conclusão geral era óbvia. Ele, no entanto, queria saber precisamente que nível de matemática teria sido necessário para desenhar os documentos primários originais. No dia 18 de abril de 1965, Strachan respondeu que um nível muito alto de matemática teria sido necessário. Alguns dos mapas, por exemplo, pareciam ser do tipo da projeção de Mercátor, datados de muito antes do nascimento do próprio Mercátor. A complexidade relativa dessa projeção (implicando expansão de latitude) implica que um método de transformação de coordenada trigonométrica teria que ter sido usado. Outras razões por ele dadas para deduzir que os antigos canógrafos deveriam ter sido hábeis matemáticos foram as seguintes:

1. A determinação de localizações em continentes exige pelo menos métodos de triangulação geométrica. No que interessa a grandes distâncias (da ordem de 1.600km ou mais), correções terão que ser feitas para levar em conta a curvatura da terra, o que exige alguma compreensão de trigonometria esférica.
2. A localização de continentes em suas posições relativas recíprocas requer compreensão da esfericidade da terra e o uso de trigonometria esférica.
3. Culturas possuidoras desses conhecimentos, além de instrumentos de precisão para fazer as medições necessárias à determinação da localização, usariam com toda certeza sua tecnologia matemática para confeccionar mapas e cartas.

A impressão de Strachan, de que os mapas, através de gerações de copistas, revelavam o trabalho de uma civilização antiga, misteriosa e tecnologicamente avançada, foi compartilhada pelos especialistas em reconhecimento aéreo da Força Aérea americana, aos quais Hapgood submeteu suas provas. Lorenzo Burroughs, comandante do 8º Esquadrão de Reconhecimento Técnico, Seção de Cartografia, da Base Aérea de Westover, realizou um estudo especialmente cuidadoso do mapa de Oronteus Finaeus. Concluiu ele que algumas das fontes sobre as quais o mapa se baseou deveriam ter sido desenhadas com auxílio de uma projeção semelhante à moderna Projeção Cordiforme. Esse fato, disse Burroughs, sugere o uso de matemática avançada. Além disso, a forma dada ao continente da Antártida lembra a possibilidade, se não a probabilidade, de que os mapas primários originais foram compilados com um tipo estereográfico ou gnomônico de projeção, implicando o uso de trigonometria esférica.

Estamos convencidos de que as descobertas realizadas pelo senhor e por seus colegas são válidas, e que equacionam questões de extrema importância, que afetam a geologia e a história antiga..."

Hapgood faria ainda mais uma descoberta importante: um mapa chinês copiado de um original mais antigo e transposto, no ano 1137 d.C., para um pilar de pedra. O mapa inclui exatamente o mesmo tipo de informações de alta qualidade sobre longitudes que os outros. Exibe uma quadrícula semelhante e foi desenhado com uso de trigonometria esférica. Na verdade, examinando-se bem, descobrimos que compartilha de tantos aspectos de mapas europeus e do Oriente Próximo que só uma explicação parece aceitável: esse mapa e os outros devem ter se originado de uma fonte comum.

Parece, mais uma vez, que temos diante de nós um fragmento remanescente dos conhecimentos científicos de uma civilização desaparecida. Mais do que isso, parece que essa civilização deve ter sido, pelo menos em alguns aspectos, tão avançada quanto a nossa, e que seus cartógrafos "mapearam virtualmente todo o globo com um nível geral uniforme de tecnologia, com métodos semelhantes, e igual conhecimento de matemática e, provavelmente, com os mesmos tipos de instrumentos".

O mapa chinês indica ainda outra coisa: um legado global deve ter sido transmitido - um legado de valor inestimável, incluindo, com toda probabilidade, muito mais do que conhecimentos geográficos sofisticados.

Poderia uma parte desse legado ter sido distribuída no Peru pré-histórico pelos denominados "viracochas", estranhos, misteriosos indivíduos barbudos que se dizia ter vindo do outro lado do mar, em uma "época de trevas", para restabelecer a civilização após uma grande calamidade na terra?

Resolvi ir ao Peru para ver o que poderia descobrir.

Parte II

Espuma do Mar

Peru e Bolívia

CAPÍTULO 4

O Vôo do Condor

Estou no sul do Peru, voando por cima das linhas de Nazca. Acreditem em mim, depois da baleia e do macaco, o beija-flor aparece, bate as asas e estende o bico delicado para uma flor imaginária. Em seguida, fazemos uma volta fechada para a direita, perseguidos por nossa própria minúscula sombra, enquanto cruzamos a cicatriz pálida da rodovia Pan-Americana e seguimos a trajetória que nos leva por cima da fabulosa "Alcatraz" com pescoço de serpente: uma garça de 270m de comprimento, concebida pela mente de um mestregeômetra. Descrevemos um círculo, cruzamos a estrada pela segunda vez, passamos por um arranjo espantoso de peixes e triângulos desenhados ao lado de um pelicano, viramos para a esquerda e nos descobrimos pairando acima da imagem sublime de um condor gigantesco, com as asas estendidas em um vôo estilizado. Exatamente no momento em que tento recuperar o fôlego, outro condor, quase perto o suficiente para que pudesse ser tocado, materializa-se, vindo de ninguém sabe onde, um condor autêntico desta vez, orgulhoso como um anjo caído, navegando sobre uma corrente térmica de volta ao céu. Meu piloto solta um arquejo e tenta segui-lo. Por um momento, tenho um vislumbre de olhos brilhantes e imparciais que parecem nos avaliar e nos achar aquém do esperado. Em seguida, como a visão de algum mito antigo, a criatura inclina-se e flutua desdenhosamente para trás na direção do sol, deixando nosso monomotor Cessna afundando no ar mais baixo. Abaixo de nós, vemos um par de linhas paralelas, de quase 3,2km de comprimento, reta como uma flecha, até desaparecer ao longe. E ali, à

direita, uma série de formas abstratas, em uma escala tão vasta - e ainda assim executada com tanta precisão - que parece inconcebível que tenha sido obra de homens.

Pessoas por aqui dizem que elas não foram trabalho de homens, mas de semideuses, dos Viracochas, que deixaram também suas impressões digitais em outros lugares na região andina, há milhares de anos.

O Enigma das Linhas

O platô de Nazca, situado no sul do Peru, é um lugar desolado, ressequido e hostil, estéril e sem nenhum valor econômico. Populações humanas jamais viveram aqui, nem o farão no futuro: a superfície da lua dificilmente parece menos hospitaleira.

Se o leitor for um pintor com projetos grandiosos, porém, esses platôs altos e misteriosos parecem uma tela muito promissora, com 520km quadrados de planalto ininterrupto e a certeza de que sua obra-prima não será apagada pela brisa do deserto ou coberta por areia transportada pelo vento.

É bem verdade que ventos fortes sopram por aqui, mas, por um feliz acidente da física, são roubados de seu ferrão ao nível do solo: os seixos que cobrem o pampa absorvem e retêm o calor do sol, lançando para o alto um campo de força de ar quente. Além disso, o solo contém gipso suficiente para colar pequenas pedras à subsuperfície, adesivo este regularmente renovado pelo efeito umidificador do orvalho de começos da manhã. Uma vez desenhadas aqui, portanto, coisas tendem a permanecer desenhadas. Quase não há chuva. Na verdade, a precipitação não passa de meia hora de chuvisco fino a cada década. Nazca figura entre os lugares mais secos da terra.

Se você é pintor, portanto, se tem algo grandioso e importante para expressar, e se quer ser visível para sempre, estes estranhos e solitários platôs parecem a resposta às suas orações.

Especialistas deram opiniões sobre a antiguidade de Nazca, baseando-as em fragmentos de cerâmica encontrados cravados nas linhas e em resultados de testes de carbono radioativo com vários restos orgânicos desenterrados aqui. As datas, objeto de conjecturas, variam entre o ano 350 a.C. e 600 d.C. Realisticamente, eles nada nos dizem sobre a antiguidade das próprias linhas, que são inerentemente tão refratárias à datação quanto as pedras removidas para riscá-las. Tudo que podemos dizer com certeza é que as mais recentes têm pelo menos 1.400 anos de idade. Mas é teoricamente possível que possam ser muito mais antigas do que isso - pela razão muito simples de que os artefatos dos quais essas datas são obtidas poderiam ter sido trazidos a Nazca por povos mais recentes.

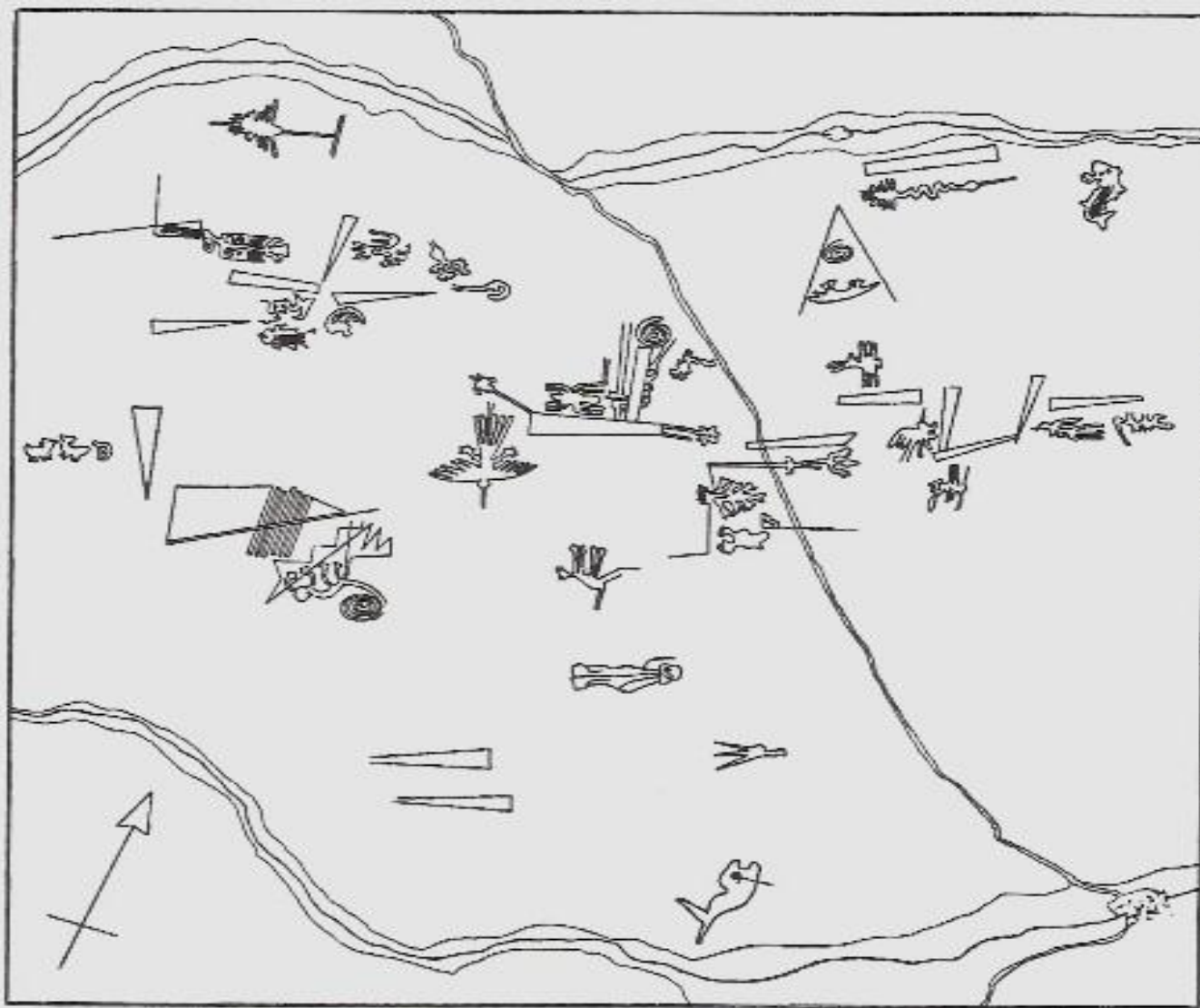
A maioria dos desenhos espalha-se por uma área claramente definida do sul do Peru, limitada pelo rio Ingenio, ao norte, e pelo rio Nazca, ao sul, formando uma tela aproximadamente quadrada de deserto, de cor fulva, com 46km da estrada Pan-Americana cortando-a obliquamente da parte superior central para o canto inferior direito. Aqui, espalhadas de modo aparentemente aleatório, há literalmente centenas de figuras diferentes. Algumas delas mostram animais e aves (um total de 18 aves diferentes). Um número muito maior, porém, tem a forma de figuras geométricas, sob a forma de trapezóides, retângulos, triângulos e linhas retas. Vistas do alto, estas últimas parecem aos olhos modernos estradas em ruínas, como se algum engenheiro civil megalomaníaco tivesse obtido licença para transformar em realidade suas fantasias mais alucinadas de projeto de um campo de aviação.

Não constitui surpresa, portanto, desde que se supõe que o homem só conseguiu voar em inícios do século XX, que as linhas de Nazca tenham sido identificadas por certo número de observadores como campos de pouso de espaçonaves alienígenas. Trata-se de uma idéia sedutora, mas Nazca não é provavelmente o melhor lugar para buscar prova desse fato. É difícil, por exemplo, entender por que extraterrestres avançados o suficiente para ter cruzado centenas de anos-luz de espaço interestelar teriam precisado absolutamente de

campos de pouso. Claro que esses seres teriam dominado a tecnologia do pouso vertical de seus discos voadores, certo?

Além disso, não há realmente a questão de as linhas de Nazca terem algum dia sido usadas como pistas de pouso - por discos voadores ou qualquer outro tipo de nave -, embora algumas delas pareçam exatamente isso quando vistas do alto. Vistas ao nível do chão, elas pouco mais são do que riscos na superfície, feitos pela remoção de milhares de toneladas de seixos vulcânicos pretos para expor a base amarela e parda do deserto. Nenhuma das áreas limpas tem mais do que alguns centímetros de profundidade e todas elas são moles demais para ter permitido o pouso de máquinas voadoras dotadas de rodas. A matemática alemã Maria Reiche, que dedicou meio século ao estudo das linhas, estava sendo apenas lógica quando, com uma frase seca, cortou há alguns anos a teoria extraterrestre: "Lamento dizer que os espaçonautas teriam ficado presos na terra."

Se não foram pistas de pouso para as bigas de "deuses" alienígenas, o que mais poderiam ser as linhas de Nazca? A verdade é que ninguém sabe para que foram riscadas, da mesma maneira que ninguém conhece realmente sua idade. Elas continuam a ser um autêntico mistério do passado. E quanto mais atentamente as observamos, mais enigmáticas elas se tornam.



As principais figuras do platô de Nazca.

É claro, por exemplo, que os animais e as aves são anteriores à geometria das "pistas de pouso", porque muitos dos trapezóides, retângulos e linhas retas cortam em duas (e, portanto, obliteram parcialmente) as figuras mais complexas. A dedução óbvia é que a arte final no deserto, como a vemos hoje, deve ter sido produzida em duas fases. Além do mais, embora este fato pareça contrário às leis normais do progresso técnico, temos de admitir que a mais antiga das duas fases era a mais avançada. A execução das figuras zoomórficas

exigia níveis muito mais altos de habilidade e tecnologia do que riscar linhas retas. Mas que distância separava, no tempo, os artistas mais recentes e mais modernos?

Os estudiosos não abordam diretamente essa questão. Em vez disso, reúnem numa só ambas as culturas, dando-lhes o nome de "nazcana", e as descrevem como membros primitivos de tribos que, inexplicavelmente, desenvolveram técnicas sofisticadas de auto-expressão artística e, em seguida, desapareceram do cenário peruano muitas centenas de anos antes do aparecimento de seus sucessores mais conhecidos, os incas.

Até que ponto foram sofisticados esses nazcanos "primitivos"? Que tipo de conhecimento teriam de possuir para deixar suas assinaturas gigantescas no platô? Para começar, parece que foram astrônomos observadores muito competentes - pelo menos na opinião da Dra. Phillis Pitluga, astrônoma do Adler Planetarium, em Chicago. Após realizar um estudo intensivo, com auxílio de computador, dos alinhamentos estelares em Nazca, ela concluiu que a famosa figura da aranha foi criada como um diagrama terrestre da gigantesca constelação de Órion, e que as linhas retas ligadas à figura parecem ter sido traçadas para acompanhar através das idades as declinações mutáveis das três estrelas do Cinturão de Órion.

A importância real da descoberta da Dra. Pitluga tornar-se-á clara no momento oportuno. Enquanto isso, vale notar que a aranha de Nazca mostra também acuradamente um membro de um gênero conhecido de aranha - o Ricinulei. Acontece que este é um dos gêneros de aranha mais raros no mundo, tão raro, na verdade, que só foi encontrado em partes remotas e inacessíveis da floresta tropical amazônicas. De que modo poderiam esses artistas nazcanos, supostamente primitivos, ter viajado para tão longe da terra natal, cruzando a formidável barreira dos Andes, para obter um espécime do inseto? Mais a propósito, por que deveriam eles ter desejado fazer tal coisa e como puderam duplicar os detalhes minuciosos da anatomia da Ricinulei, que são normalmente visíveis apenas com auxílio de

microscópio, notadamente o órgão reprodutivo, situado na extremidade da perna direita mais longa?

Mistérios desse tipo multiplicam-se em Nazca e nenhum dos desenhos, exceto talvez o do condor, parece realmente estar à vontade aqui. A baleia e o macaco, afinal de contas, estão tão deslocados nesse ambiente desértico como a aranha amazônica. Não se pode dizer que uma figura curiosa de homem, com o braço direito erguido como se estivesse fazendo uma saudação, calçado com pesadas botas e com olhos redondos de coruja olhando para a frente pertença a qualquer era ou cultura. Outros desenhos representando a forma humana são igualmente peculiares: cabeças envolvidas em halos de luz parecem realmente pertencer a visitantes de outros planetas. O puro tamanho dessas figuras é também extravagante e digno de nota. O beija-Bor tem 50m de comprimento, a aranha, 45m, o condor se estende por quase 120m do bico às penas da cauda (como também o pelicano) e um lagarto, no ponto em que a cauda é hoje cortada pela estrada Pan-Americana, mede 190m de comprimento. Todos os desenhos foram feitos na mesma escala ciclópica e à mesma maneira difícil, pelo desenvolvimento cuidadoso de contorno de uma única linha contínua.

Atenção semelhante ao detalhe é encontrada nos desenhos geométricos. Alguns deles tomam a forma de linhas retas de mais de oito quilômetros de comprimento, cruzando o deserto como se fossem estradas romanas, descendo para leitos secos de rios, passando por cima de projeções rochosas e nem por um momento desviando-se da direção certa.

Esse tipo de precisão, embora difícil, não é impossível de explicar em termos de bom senso convencional. Muito mais enigmáticas são as figuras zoomórficas. De que modo poderiam ter sido desenhadas com tanta perfeição quando, sem uma aeronave, seus criadores não poderiam ter conferido o progresso do trabalho, vendo-o em sua perspectiva correta? Nenhum dos desenhos é suficientemente pequeno para ser visto do nível do chão, onde parecem simplesmente uma série de sulcos informes no deserto, e só mostram sua

verdadeira forma quando vistos de uma altitude de várias centenas de metros. Não há por perto uma elevação que pudesse ter servido de ponto de observação.

Riscadores de Linhas, Cartógrafos

Estou voando por cima das linhas, tentando delas extrair algum sentido.

Meu piloto é Rodolfo Arias, que pertenceu à Força Aérea peruana. Após uma carreira feita em caças a jato, ele considera o pequeno Cessna lento e monótono demais e trata-o como se fosse apenas um táxi com asas. Já voltamos uma vez ao aeroporto de Nazca para retirar uma janela do aparelho, de modo que minha companheira Santha pudesse assestar verticalmente suas câmaras para os misteriosos glifos. Nesse momento, estamos fazendo experimentos, de altitudes diferentes, de interpretação da paisagem. A algumas dezenas de metros acima da Ricinulei, a aranha da Amazônia, parece que ela está se levantando sobre as patas traseiras para nos pegar com as mandíbulas. A 150m de altura, podemos ver simultaneamente várias figuras: um cão, uma árvore, um estranhíssimo par de mãos, o condor e alguns triângulos e trapezóides. Quando subimos para 1.500m, os zoomorfos, até então predominantes, aparecem apenas como pequenas unidades espalhadas, cercadas por uma garatuja impressionante de imensas formas geométricas. Essas formas, nesse momento, parecem-se menos com pistas de pouso e mais com trilhas abertas por pés de gigantes, trilhas que cruzam o platô no que parece, à primeira vista, uma desnorteante variedade de formas, ângulos e tamanhos.

À medida que o solo continua a afastar-se, contudo, na proporção em que a ampliação da perspectiva das linhas permite uma visão do alto mais ampla, começo a me perguntar se, afinal de contas, não haveria algum método nos cortes e riscos cuneiformes espalhados lá embaixo. Lembro-me de uma observação feita por Maria Reiche, a matemática

que morou em Nazca e estudou as linhas desde 1946. Em sua opinião:

Os desenhos geométricos dão a impressão de ser uma escrita cifrada, na qual as mesmas palavras são, às vezes, escritas em letras gigantescas e, em outras ocasiões, em caracteres minúsculos. Há arranjos de linhas que aparecem em uma grande variedade de categorias de tamanho, com formas muito parecidas. Todos os desenhos são compostos de certo número de elementos básicos...

Enquanto o Cessna se sacode e corcoveia nos céus, lembro-me também que não constituiu acidente que as linhas de Nazca só tenham sido devidamente identificadas no século XX, após o início da era dos vôos pelo homem. Em fins do século XVI, um magistrado chamado Luis de Monzon tornou-se o primeiro viajante espanhol a trazer relatos de testemunha ocular a respeito dessas misteriosas "marcas no deserto" e a compilar as estranhas tradições que as ligavam aos Viracochas. Até que companhias de aviação comercial começassem a operar regularmente entre Lima e Arequipa na década de 1930, porém, aparentemente ninguém havia percebido que a maior peça de arte gráfica existente no mundo estava ali, no sul do Peru. O desenvolvimento da aviação fez toda diferença, dando a homens e mulheres a capacidade divina de subir aos céus e ver coisas belas e enigmáticas que, até então, lhes haviam sido veladas.

Rodolfo, nesse momento, dirige o Cessna em um círculo suave sobre a figura do macaco - um macaco enorme preso em um quebra-cabeças de formas geométricas. Não é fácil para mim descrever a sensação sobrenatural, hipnótica, que esse desenho me produziu: era algo muito complicado e absorvente para a vista e ligeiramente sinistro, de uma forma abstrata, indefinível. O corpo do macaco é definido por uma linha contínua, ininterrupta. E sem jamais ser interrompida, a mesma linha coleia subindo degraus, passa por cima de pirâmides, em uma série de ziguezagues, através de um labirinto em espiral (a cauda), em seguida recuando em certo número de voltas

apertadas em forma de losango. Seria um verdadeiro tour de force para um desenhista e exibição de perícia artística reproduzir tudo isso em uma folha de papel, mas o que tínhamos aí era o deserto de Nazca (onde as coisas foram feitas em escala grandiosa) e o macaco tem pelo menos 120m de comprimento por 90m de largura... Teriam os riscadores de linhas sido também cartógrafos? E por que eram chamados de Viracochas?

CAPÍTULO 5

A Trilha Inca Para o Passado

Nenhum artefato ou monumento, nenhuma cidade ou templo, têm durado mais, em forma reconhecível, do que as tradições religiosas mais persistentes. Fossem elas expressas nos Textos das Pirâmides, do antigo Egito, ou na Bíblia hebraica, essas tradições figuram entre as mais imperecíveis de todas as criações humanas: poderíamos dizer que são veículos de conhecimento que viajam através do tempo.

Os últimos guardiões da herança religiosa antiga do Peru, os incas, tiveram suas crenças e "idolatria" "extirpadas", e seus tesouros foram pilhados durante os trinta anos terríveis que se seguiram à conquista espanhola, no ano de 1532. Milagrosamente, contudo, alguns dos primeiros viajantes espanhóis esforçaram-se para documentar as tradições antes que elas fossem inteiramente esquecidas.

Embora pouca atenção lhes tenha sido dada na época, algumas dessas tradições referem-se surpreendentemente a uma grande civilização que se acredita ter existido muitos milhares de anos antes no Peru. Memórias duradouras, no entanto, foram preservadas dessa civilização, que algumas fontes dizem ter sido fundada pelos Viracochas, os mesmos seres misteriosos a quem se atribui o crédito pelo traçado das linhas de Nazca.

"Espuma do Mar"

Ao chegarem os conquistadores espanhóis, o Império Inca estendia-se pela costa do Pacífico e altiplanos dos Andes, desde a fronteira norte do moderno Equador, passando por todo o Peru e prolongando-se tão ao sul quanto o rio Maule, no centro do Chile. Ligando os cantos muito separados do império havia um vasto e sofisticado sistema de estradas: duas estradas paralelas que corriam no sentido norte-sul, por exemplo, uma delas com 3.600km de extensão, bordejando a costa e, a outra, em distância semelhante, cruzando os Andes. Ambas as grandes vias eram pavimentadas e contavam com uma rede de numerosas estradas vicinais. Além disso, exibiam uma interessante variedade de projetos e obras de engenharia, tais como pontes pênséis e túneis escavados em rocha bruta. A obra era trabalho de uma sociedade evoluída, disciplinada e ambiciosa. Ironicamente, essas obras desempenharam um papel importante na queda do império: as forças espanholas, sob o comando de Francisco Pizarro, usaram-nas com grande proveito para acelerar seu avanço implacável até o coração do império.

O império tinha como capital a cidade de Cuzco, nome que na língua quíchua significa "umbigo da terra". Segundo a lenda, Cuzco fora fundada por Manco Capac e Mama Occlo, dois filhos do sol. No local, embora os incas adorassem o deus sol, a quem davam o nome de Inti, outro ser divino, muito diferente, era venerado como o Mais Sagrado de todos, o Viracocha, cujos homônimos teriam traçado as linhas de Nazca e cujo nome significa "Espuma do Mar".

Constituiu sem dúvida mera coincidência que a deusa grega Afrodite, nascida do mar, tenha recebido seu nome numa referência à "espuma [aphros] da qual fora criada". Além do mais, Viracocha era sempre descrito como inconfundivelmente humano pelos povos dos Andes. Esse fato sobre ele é incontestável. Nenhum historiador, porém, pode dizer qual a antiguidade do culto a essa divindade, antes de os espanhóis chegarem para pôr fim a tudo isso. E isso aconteceu

porque o culto parecia ter sempre existido. Na verdade, muito antes de os incas terem-no incorporado à sua cosmogonia e lhe construído um templo magnífico em Cuzco, a evidência disponível sugere que o deus supremo Viracocha fora adorado por todas as civilizações que um dia existiram na longa história do Peru.

A Cidadela de Viracocha

Poucos dias depois de termos deixado Nazca, Santha e eu chegamos a Cuzco e fomos conhecer o local onde se erguia o Coricancha, o grande templo dedicado a Viracocha na era pré-colombiana. O Coricancha, claro, desaparecera há muito tempo. Ou, para ser mais exato, em vez de desaparecido fora sepultado por camadas de obras de arquitetura posterior. Os espanhóis haviam conservado as soberbas fundações incaicas e as partes baixas de suas paredes fabulosamente robustas e sobre elas erigido sua própria grandiosa catedral colonial.

Cruzando a entrada principal da catedral, lembrei-me de que o templo incaico que ali existira fora recoberto por mais de 700 chapas de ouro puro (cada chapa pesava dois quilos) e que seu espaçoso pátio contara com "milharais" de imitação, cujas espigas tinham também grãos de ouro. Não pude deixar de me lembrar do Templo de Salomão na distante Jerusalém, que a lenda diz ter sido também adornado com chapas de ouro e um pomar maravilhoso de árvores também de ouro. Terremotos em 1650 e, mais uma vez, em 1950 tinham derrubado quase por completo a Catedral de Santo Domingo, que ocupava o local onde antes existira o templo de Viracocha, e fora necessário reconstruí-la em ambas as ocasiões. As fundações e as paredes inferiores, de construção incaica, haviam resistido a ambas as calamidades graças ao projeto característico usado, que empregava um engenhoso sistema de blocos poligonais interligados. Esses blocos, e a disposição geral do local, eram praticamente tudo que restava da estrutura original, à parte uma plataforma octogonal de

pedra cinzenta, no centro do vasto pátio retangular, que fora em priscas eras revestido com 55kg de ouro. De cada lado do pátio, abriam-se antecâmaras, pertencentes também ao templo, ostentando refinados aspectos arquitetônicos, tais como tetos que se afilavam para cima e nichos maravilhosamente lavrados e cortados em uma única peça de granito.

Demos um passeio pelas ruas estreitas e lajeadas de Cuzco. Olhando em volta, dei-me conta de que não era apenas a catedral que refletia a prepotência espanhola sobre uma cultura mais antiga: a cidade toda parecia ligeiramente esquizofrênica. Casas e palácios coloniais, espaçosos, em tons pastel, avarandados, erguiam-se altos em volta, mas quase todos assentados sobre fundações incaicas ou incorporando estruturas completas da mesma origem, do tipo usado em Coricancha. Em um dos becos, conhecido como Hatunrumiyoc, parei para examinar um complicado quebra-cabeça sob a forma de uma muralha construída com incontáveis blocos de pedra, todos perfeitamente encaixados, todos de diferentes tamanhos e formas, interligando-se em um desnorteante conjunto de ângulos. O corte dos blocos individuais e o arranjo a eles dado na complicada estrutura só poderiam ter sido realizados por mestres-artesãos com alto grau de habilidade, tendo por trás incontáveis séculos de experimentação arquitetônica. Em um único bloco, contei doze ângulos e lados em um único plano e não consegui introduzir nem a ponta de uma folha de papel fino nas juntas que o ligavam aos blocos em volta.

O Estrangeiro Barbudo

Parecia que, em princípios do século XVI, antes que os espanhóis comessem a demolir a todo vapor a cultura peruana, uma estátua de Viracocha estivera à vista no Santuário de Coricancha. Segundo um texto da época, *Relacion anonyma de los costumbres antiquos de los naturales del Piru*, o ídolo era uma estátua de mármore do deus - uma estátua descrita assim: "nos cabelos, cor, traços fisionômicos,

traje e sandálias exatamente como pintores representavam o apóstolo São Bartolomeu". Outras descrições apresentavam Viracocha como parecido com São Tomé. Examinei certo número de manuscritos eclesiásticos ilustrados, nos quais apareciam os dois santos. Ambos eram rotineiramente descritos como homens brancos magros, barbudos, já além da meia-idade, usando sandálias e casacos compridos e ondulantes. Conforme veremos adiante, os registros remanescentes confirmam que esta era exatamente a aparência atribuída a Viracocha pelos que o adoravam. Quem quer que fosse, portanto, ele não poderia ter sido um índio americano, que tem a pele relativamente escura e pouca barba. A frondosa barba de Viracocha e o rosto claro davam-lhe o aspecto de um tipo caucasiano.

No século XVI, os incas pensavam da mesma forma. Na verdade, as lendas e crenças religiosas haviam-nos convencido tanto da aparência do deus que, no início, eles confundiram os espanhóis brancos e barbudos que chegavam às suas praias com a volta de Viracocha e seus semideuses, fato este profetizado muito tempo antes e que, segundo todas as lendas, ele prometera fazer. Essa feliz coincidência deu aos conquistadores de Pizarro a vantagem estratégica e psicológica decisiva de que precisavam para vencer as forças incas numericamente superiores nas batalhas que se seguiram.

Quem havia fornecido o modelo para os Viracochas?

CAPÍTULO 6

Ele Veio em uma Época de Caos

Através de todas as lendas antigas dos povos andinos perpassa misteriosa uma figura alta, barbuda, de pele clara, envolvida em um manto de segredo. Embora, em muitos diferentes lugares, fosse conhecido por diferentes nomes, ele era sempre reconhecidamente a mesma figura: Viracocha, Espuma do Mar, mestre da ciência e da magia que manejava armas terríveis e que chegara em uma época de caos para restabelecer a ordem no mundo.

A mesma história básica era contada com numerosas variantes por todos os povos da região andina. Tudo começou com a descrição vívida de um período apavorante, quando a terra fora inundada por grandes enchentes e mergulhara na escuridão com o desaparecimento do sol. A sociedade caiu na maior desordem e o povo enfrentou um sem-número de dificuldades. Mas então subitamente apareceu, vindo do sul, um homem branco de grande estatura e postura autoritária. Esse homem tinha tal poder que transformou colinas em vales e de vales criou grandes colinas e fez com que água jorrasse de pedra viva...

O historiador espanhol antigo que pôs no papel essa tradição explicou que ela lhe fora contada por índios que conhecera em jornadas pelos Andes:

E eles ouviram essas histórias de seus pais, que, por seu lado, tinham-nas recebido através de velhas canções legadas de uma geração a outra desde tempos muito antigos... Disseram que esse homem viajou pela rota do altiplano em direção ao norte, fazendo maravilhas por onde passava e que nunca mais voltaram a vê-lo... Contaram que, em muitos lugares, ele deu instruções aos homens sobre como deveriam viver, falando-lhes com grande amor e bondade e aconselhando-os a ser bons e não causar danos ou mal uns aos outros, mas que se amassem e que demonstrassem compaixão para com todos os seres. Na maioria dos locais, deram-lhe o nome de Ticci Viracocha...

Entre outros nomes pelos quais era conhecida a mesma figura contavam-se os de Huaracocha, Con, Con Ticci ou Kon Tiki, Thunupa, Taapac, Tupaca e Illa. Ele era cientista, arquiteto de superior qualidade, escultor e engenheiro: "Ele mandou que terraços e campos fossem construídos em encostas íngremes de ravinas e levantados muros para sustentá-los. E criou também canais de irrigação para que a água corresse... e viajou em várias direções, organizando muitas coisas".

Viracocha foi ainda mestre e curador e ajudava os necessitados. Dizia-se que, "por onde ele passava, curava todos os que estavam doentes e restituía a vista aos cegos". Esse samaritano bondoso, civilizador, "super-humano", porém, tinha um outro lado. Se sua vida fosse ameaçada, como parece que aconteceu em várias ocasiões, ele tinha à disposição a arma do fogo dos céus:

Realizando grandes milagres com suas palavras, ele chegou ao distrito de Canas e aí, perto da aldeia conhecida como Cacha (...) o povo se levantou contra ele e ameaçou apedrejá-lo. Viram-no cair de joelhos e erguer as mãos para o céu, como se implorando ajuda naquele perigo. Os índios contaram que, em seguida, viram fogo descer do céu, que parecia cercá-los por todos os lados. Aterrorizados, aproximaram-se dele, que antes tencionavam matar, e imploraram que os perdoasse.

Logo em seguida, viram que o fogo se apagava à sua ordem, embora pedras tivessem sido consumidas de tal maneira pelo fogo que grandes blocos podiam ser levantados com a mão, como se fossem de rolha. Eles contaram ainda que, deixando o local onde havia acontecido tudo isso, ele se dirigiu para a costa e lá, puxando o manto para o corpo, entrou nas ondas e não foi mais visto. E quando ele se foi, deram-lhe o nome de Viracocha, que significa "Espuma do Mar".

As lendas eram unânimes na descrição física de Viracocha. No Suma y Narracion de los Incas, por exemplo, Juan de Betanzos, um historiador espanhol do século XVI, afirma que, de acordo com os índios, ele fora "um homem barbudo de alta estatura, que vestia um manto branco que lhe chegava aos pés e que usava amarrado com um cinto".

Outras descrições, recolhidas entre povos andinos muito diferentes e muito separados entre si, aparentemente identificavam o mesmo indivíduo enigmático. De acordo com uma dessas fontes, ele era:

Um homem barbudo de estatura mediana, vestido com um manto bem longo... Já na meia-idade, tinha cabelos grisalhos e era magro.

Andava com um cajado e dirigia-se em termos afetuosos aos nativos, chamando-os de filhos e filhas. Viajando pela terra, fazia milagres. Curava os doentes ao tocá-los. Falava todas as línguas melhor do que os nativos. Os índios chamavam-no de Thunupa ou Tarpaca, Viracocha-rapacha ou Pachacan...

Outra lenda dizia que Thunupa- Viracocha fora um "homem branco de grande estatura, cujo ar e porte despertavam grande respeito e veneração". Em outra, era descrito como "um homem branco de aparência augusta, olhos azuis, barbudo, sem adereço na cabeça e que usava uma cusma, uma blusa ou camisa sem mangas que lhe chegava aos joelhos". Em ainda outra, que aparentemente se referia a outra fase da vida de Viracocha, ele era reverenciado como "sábio conselheiro em assuntos de Estado" e descrito como "um velho, com barba e cabelos longos, que usava uma comprida túnica".

Missão Civilizatória

Acima de tudo, Viracocha era lembrado nas lendas como um mestre. Antes de sua vinda, diziam as histórias, "os homens viviam em um estado de desordem, muitos andavam nus como selvagens, não tinham casas ou outras habitações que não cavernas e delas saíam para coletar nos campos o que podiam para comer".

Atribuía-se a Viracocha ter mudado tudo isso e dado início a uma longa era de ouro, que gerações posteriores mencionavam com nostalgia. Todas as lendas concordavam, além disso, que ele realizara sua missão civilizatória com grande bondade e, tanto quanto possível, evitara o uso da força: instruções cuidadosas e exemplo pessoal haviam sido os métodos principais por ele usados para ensinar ao povo as técnicas e conhecimentos necessários a uma vida civilizada e produtiva. Em especial, era lembrado por ter trazido ao Peru conhecimentos tão variados como os de medicina, metalurgia, agricultura, criação de animais, a escrita (que, diziam os incas, fora

ensinada por Viracocha, mas posteriormente esquecida) e conhecimentos sofisticados de princípios da engenharia e arquitetura. Eu já estava impressionado com a qualidade do trabalho de cantaria dos incas em Cuzco. Continuando minhas pesquisas na velha cidade, contudo, fiquei surpreso ao descobrir que o citado trabalho de construção dos incas não podia ser atribuído, com qualquer grau de certeza arqueológica, apenas a eles. Era bem verdade que haviam sido mestres na manipulação de pedras e que numerosos monumentos em Cuzco foram, sem a menor dúvida, trabalhos deles. Parecia, no entanto, que algumas das estruturas mais notáveis que lhes eram rotineiramente atribuídas poderiam ter sido erigidas por civilizações mais antigas. A prova sugeria que os incas haviam muitas vezes trabalhado como restauradores dessas estruturas, e não como seus construtores originais.

O mesmo parecia acontecer com o altamente desenvolvido sistema de estradas, que ligava partes muito distantes do império. O leitor deve lembrar-se de que essas obras tinham a forma de estradas paralelas, que corriam no sentido norte-sul, uma delas ao longo da costa e a outra cruzando os Andes. No total, mais de 24.000km de estradas pavimentadas estiveram em uso regular e eficiente ao tempo da conquista espanhola. Eu havia feito a suposição de que os incas tinham sido responsáveis pela construção dessa rede viária. Nesse momento, descobri que era muito mais provável que constituíssem um sistema herdado. O trabalho que coubera aos incas fora o de restaurar, manter e unificar a rede pré-existente. Na verdade, embora este fato não fosse admitido com freqüência, nenhum especialista podia estimar, com segurança, que idade tinham essas estradas incríveis e quem as havia construído.

O mistério tornava-se ainda mais profundo dadas as tradições locais, que afirmavam não só que o sistema de estradas e a arquitetura sofisticada já "eram antigos no tempo dos incas", mas também que ambos "eram obra de homens brancos, ruivos" que haviam vivido milhares de anos antes".

Uma das lendas descrevia Viracocha como acompanhado de "mensageiros" de dois tipos, "soldados fiéis" (huaminca) e "refulgentes" (hayhuaypanti), a quem cabia o papel de levar a mensagem de seu senhor "a todas as partes do mundo".

Em outras lendas, encontramos frases como "Con Ticci voltou (...) com certo número de atendentes", "Con Ticci, em seguida, convocou seus seguidores, que eram chamados de viracochas", "Con Ticci ordenou a todos, menos a dois viracochas, que seguissem para o leste...". "De um lago saiu um Senhor chamado Con Ticci Viracocha, trazendo consigo certo número de homens...". "E, assim, os viracochas seguiram para os diferentes distritos que Viracocha lhes designara...".

Obra de Demônios?

A antiga cidadela de Sacsayhuamán situa-se a pouca distância ao norte de Cuzco. Chegamos ao local em fins da tarde, sob um céu quase encoberto por pesadas nuvens cor de prata suja. Uma brisa fria soprava pela tundra de alta altitude, enquanto eu subia as escadarias, passava por portais com dintéis, construídos para gigantes, e caminhava ao longo de fileiras gigantescas de muralhas em forma de Ziguezague.

Espichei o pescoço e levantei a vista para a grande pedra de granito por baixo da qual passava meu caminho. Medindo 7 m de altura por 2m de largura e pesando muito mais de 100t, era obra de homem, não da natureza. Fora cortada, modelada e transformada em uma harmonia sinfônica de ângulos, manipulada com visível facilidade (como se feita de cera ou massa) e se erguia sobre uma das extremidades em uma parede formada de outros enormes blocos poligonais, alguns deles sobre a primeira pedra, outros embaixo, outros de lado, e todos eles em uma justaposição perfeitamente equilibrada e organizada.

Uma vez que uma dessas peças espantosas de pedra cuidadosamente talhada tinha uma altura de 8,5m e cálculos falavam em um peso de 361 t (aproximadamente, o equivalente a quinhentos automóveis de grande porte), achei que grande número de perguntas de importância fundamental clamava por resposta.

De que maneira haviam conseguido os incas, ou seus predecessores, trabalhar pedras em uma escala tão gargantuesca? Como haviam cortado e modelado com tal precisão esses calhaus ciclópicos? De que modo os haviam transportado por dezenas de quilômetros desde pedreiras distantes? Através de que meios haviam-nas usado para construir muralhas, movimentando blocos isolados e erguendo-os, com aparente facilidade, muito altos acima do solo? Supostamente, esses povos não conheciam nem a roda, quanto mais maquinaria capaz de erguer e manipular dezenas de blocos de formas diferentes de 100t de peso e colocá-los em quebra-cabeças tridimensionais.

Eu sabia que os historiadores do início do período colonial haviam ficado tão perplexos como eu com o que tinham visto. O respeitado Garcilaso de la Vega, por exemplo, que visitou o Peru no século XVI, escrevera, estarecido, sobre a fortaleza de Sacsayhuamán:

Suas proporções são inconcebíveis para os que não a viram com seus próprios olhos. E quando a olhamos de perto e a examinamos atentamente, ela parece ser algo tão extraordinário que dá a impressão de que algum mágico presidiu à sua construção, que deve ter sido obra de demônios, e não de seres humanos. É construída de pedras tão grandes, e em tal número, que nos perguntamos no mesmo instante como índios poderiam extraí-las de pedreiras, transportá-las... e cortá-las e colocá-las umas sobre as outras com tal precisão. Isso porque eles não dispunham nem de ferro nem de aço com que pudessem perfurar a rocha e cortar e polir as pedras. Nem possuíam carroças nem bois para transportá-las e, na verdade, não existiam nem carroças nem bois em todo o mundo que tivessem sido suficientes para realizar esse trabalho, tão enormes eram essas

pedras e tão íngremes as trilhas de montanhas através das quais foram levadas...

Garcilaso escreveu também sobre algo interessante. No *Royal Commentaries of the Incas*, ele faz um relato do modo como, nos tempos históricos, um rei inca tentou imitar as realizações de seus predecessores, que haviam construído Sacsayhuamán. A tentativa implicava trazer um único bloco imenso de uma distância de vários quilômetros para aumentar as fortificações: "Esse calhau foi arrastado pela montanha por mais de 10.000 índios. subindo e descendo colinas muito íngremes (...) Em certo ponto, a pedra escapou das mãos que a seguravam, rolou por um precipício e esmagou mais de 3.000 homens". Em todas as histórias que examinei, este foi o único relato que descrevia os incas como realmente construindo, ou tentando construir, alguma coisa com blocos enormes semelhantes aos que haviam sido usados em Sacsayhuamán. O relato sugere que eles não possuíam experiência das técnicas envolvidas e que a tentativa terminou em tragédia.

Esse fato, claro, nada provava por si mesmo. A história de Garcilaso, porém, aumentou minhas dúvidas sobre as grandes fortificações que se alteavam muito acima de mim. Olhando para elas, achei que podiam, na verdade, ter sido construídas antes da era dos incas e por uma raça infinitamente mais antiga e tecnicamente mais avançada.

Não pela primeira vez, lembrei-me de como era difícil para arqueólogos fornecer datas exatas para obras de construção, como estradas e muralhas de pedra, que não continham compostos orgânicos. O teste com o rádio-carbono era inútil nessas circunstâncias, como também a termoluminescência. E embora novos testes promissores, como a datação de rochas pelo Cloro-36, estivessem sendo desenvolvidos na ocasião, seu emprego ainda era coisa para o futuro. Dependendo de progressos ulteriores neste último campo, por conseguinte, a cronologia dos "especialistas" era ainda, na maior parte, resultado de formulação de palpites e pressupostos subjetivos. Uma vez que se sabia que os incas haviam usado

extensivamente a fortaleza de Sacsayhuamán, eu podia facilmente compreender o motivo da suposição de que eles a tinham construído. Os incas, com igual probabilidade, poderiam muito bem ter encontrado as estruturas já de pé e as ocupado.

Se assim, quem tinham sido os construtores originais?

Os Viracochas, diziam os mitos antigos, os estranhos barbudos, de pele branca, os "refulgentes", os "soldados fiéis".

Enquanto viajávamos, continuei a estudar os relatos de aventureiros espanhóis e de etnógrafos dos séculos XVI e XVII, que haviam registrado fielmente as tradições antigas dos índios peruanos antes do contato com os europeus. O fato particularmente notável nessas tradições era a ênfase repetida em que a chegada dos Viracochas estivera ligada a um dilúvio terrível, que havia varrido a terra e destruído a maior parte da humanidade.

CAPÍTULO 7

Houve, Então, Gigantes?

Pouco depois das 6h da manhã o pequeno trem começou a mover-se com um tranco e iniciou a lenta subida pelas íngremes encostas do vale de Cuzco. Os trilhos, de bitola estreita, haviam sido assentados em uma disposição em forma de Z. Seguimos resfolegando pela linha horizontal mais baixa do primeiro Z, mudamos de marcha e voltamos em um curso oblíquo, mudamos de marcha novamente e seguimos para a frente ao longo da linha superior - e assim por diante, com numerosas paradas e recomeços, seguindo uma rota que por fim nos levou para um ponto muito acima da antiga cidade. As muralhas incas e os palácios coloniais, as ruas estreitas, a catedral de Santo Domingo, vista como que agachada sobre as ruínas do templo de Viracocha, tudo aquilo parecia espectral e surrealista à luz pérola-acinzentada do céu matutino. Um rosário de lâmpadas elétricas, lembrando contos de fada, ainda decorava as ruas, um nevoeiro fino arrastava-se pelo chão e a fumaça de fogões domésticos subia de

chaminés e se espalhava sobre os telhados de um número incontável de pequeninas casas.

No fim, o trem deu as costas a Cuzco e continuamos durante algum tempo em linha reta na direção norte-oeste, a caminho de nosso destino: Machu Picchu, a cidade perdida dos incas, a cerca de três horas e 130km à frente. Minha intenção fora ler durante a viagem, mas, embalado pelo movimento do vagão, em vez disso, ferrei no sono. Acordei cinquenta minutos mais tarde e descobri que estava passando através de uma pintura. O primeiro plano, brilhantemente iluminado, consistia de prados verdes planos, borrifados de pequenos trechos de orvalho que derretia, distribuídos de cada lado de um riacho que cortava um longo e largo vale.

No centro da paisagem, que era pontilhada de arbustos, vi um largo campo, no qual pastavam vacas malhadas de preto e branco. Próximo a elas, distingui um povoado e, na frente das casas, índios quíchuas, de baixa estatura, pele escura, vestidos com ponchos, boinas tipo ninja e coloridos chapéus de lã. A distância, encostas cobertas com figueiras e exóticos eucaliptos. Meus olhos seguiram os contornos de um par de altas montanhas verdes, que, em certa altura, se separavam para revelar trechos de platôs que se desdobravam, ainda mais altos. Atrás deles, alteava-se um horizonte distante, dominado por uma cordilheira de picos recortados radiantes e coroados de neve.

Incluindo Gigantes no Elenco

Tomado de compreensível relutância, voltei finalmente à leitura interrompida. Queria examinar com mais atenção algumas das curiosas ligações que eu pensava ter identificado e que conectava o aparecimento súbito de Viracocha com as lendas sobre o dilúvio, dos incas e de outros povos andinos.

Tinha diante dos olhos um trecho do Natural and Moral History of the Incas, de Frei José de Acosta, no qual o culto sacerdote registrara "o que os próprios índios pensam de suas origens":

Eles fazem referências abundantes a um dilúvio que aconteceu em suas terras (...) Dizem que todos os homens morreram afogados no dilúvio, e afirmam que, do lago Titicaca, saiu um Viracocha, que permaneceu em Tiahuanaco, onde hoje podem ser vistas ruínas de antigos e estranhos edifícios, e daí ele veio para Cuzco, e assim a humanidade começou a multiplicar-se...

Anotando mentalmente para me informar mais sobre o lago Titicaca e a misteriosa Tiahuanaco, li o trecho seguinte, que resumia a lenda da área de Cuzco:

Por algum crime não mencionado, o povo que vivia nos tempos mais antigos foi destruído pelo criador (...) em um dilúvio. Após o dilúvio, o criador apareceu em forma humana, vindo do lago Titicaca. Em seguida, ele criou o sol, a lua e as estrelas. Depois disso, renovou a população humana da terra...

Em outro mito:

O grande Deus Criador, Viracocha, resolveu fazer um mundo onde o homem pudesse viver. Em primeiro lugar, criou a terra e o céu. Em seguida, começou a gerar seres humanos para nele viver, esculpindo grandes estátuas de gigantes de pedra, às quais em seguida deu vida. No início, tudo correu bem, mas, após algum tempo, os gigantes começaram a lutar entre si e recusaram-se a trabalhar. Viracocha resolveu que tinha que destruí-los. Transformou alguns novamente em pedra (...) e destruiu o resto com uma grande inundação.

Idéias muito semelhantes são, claro, encontradas em outras fontes inteiramente diferentes e sem conexão com esta, tal como o Velho Testamento judaico. No Capítulo 6 do Livro do Gênesis, por exemplo, que descreve o desagrado do Deus hebraico com sua criação e a decisão de destruí-la, um dos poucos trechos descritivos da era

anterior ao dilúvio me deixava muito intrigado. De acordo com a linguagem enigmática do versículo: "Ora, naquele tempo havia gigantes na terra..." Poderiam os "gigantes" sepultados nas areias bíblicas do Oriente Médio ter estado ligados de maneira desconhecida aos "gigantes" costurados no tecido das lendas americanas nativas pré-colombianas? Tornando o mistério ainda mais insondável, havia o fato de que as fontes judaica e peruana continuavam, com muitos detalhes adicionais comuns, a descrever a irada divindade que desencadeou o dilúvio catastrófico sobre o mundo mau e desobediente.

Na página seguinte do maço de documentos que eu reunira havia a descrição abaixo do dilúvio, transcrita por um certo padre Molina em seu *Relacion de las fabulas y ritos de los Yncas*:

Na vida de Manco Capac, o primeiro inca, e imitando o qual eles começaram a bravatear que eram filhos do sol, e do qual herdaram a adoração idólatra do sol, eles receberam uma descrição detalhada do dilúvio. Dizem que nele pereceram todas as raças de homens e coisas criadas, à medida que as águas subiam acima dos mais altos picos das montanhas do mundo. Nenhum ser vivo sobreviveu, exceto um homem e uma mulher, que permaneceram em uma caixa e, quando as águas desceram, o vento levou-os (...) para Tiahuanaco [onde] o criador começou a criar os homens e as nações que vivem naquela região...

Garcilaso de la Vega, filho de um nobre espanhol e de uma mulher inca de sangue real, já era conhecido meu através de seu *Royal Commentaries of the Incas*. Ele era julgado um dos historiadores mais idôneos das tradições do povo de sua mãe e realizara esse trabalho no século XVI, pouco depois da conquista, época em que essas tradições não haviam sido ainda contaminadas por influências estrangeiras. Ele, igualmente, confirmou o que obviamente tinha sido uma crença universal e profundamente gravada na mente do povo:

“Após terem descido as águas do dilúvio, um certo homem apareceu nas terras de Tiahuanaco...”

Esse homem fora Viracocha. Envolvido em seu casaco, era forte e de "semblante augusto" e caminhava com confiança inabalável através das terras mais traiçoeiras. Realizava curas milagrosas e podia chamar o fogo dos céus. Para os índios, esse fato tinha de significar que ele se materializara vindo do nada.

Tradições Antigas

Nesse momento, viajávamos há mais de duas horas para Machu Picchu e o panorama mudara. Enormes montanhas pretas, sobre as quais nenhum traço de neve permanecera para refletir a luz do sol, alteavam-se sombrias acima de nós e parecia que estávamos correndo através de um desfiladeiro rochoso, ao fim de um vale estreito repleto de sombras escuras. O ar estava frio e, também, os meus pés. Arrepiei-me todo e voltei a ler.

Um fato era óbvio em meio à confusa teia de lendas que eu examinava, lendas que se suplementavam entre si, mas que ocasionalmente se contradiziam. Todos os estudiosos concordavam em que os incas haviam tomado de empréstimo, absorvido e transmitido a seus herdeiros as tradições de muitos dos diferentes povos civilizados sobre os quais haviam estendido seu controle durante os séculos de expansão do vasto império. Nesse sentido, qualquer que seja o resultado do debate histórico sobre a antiguidade dos próprios incas, ninguém poderá contestar-lhes seriamente o papel de disseminadores de antigos sistemas de crenças de todas as grandes culturas arcaicas - costeiras e do altiplano, conhecidas e desconhecidas - que os havia precedido nessa terra.

E quem poderia dizer exatamente que civilizações teriam existido no Peru nos inexplorados períodos do passado? Todos os anos, arqueólogos anunciam novos achados, que empurram os horizontes para uma época ainda mais remota no tempo. Neste caso, por que

não poderiam algum dia descobrir prova da penetração nos Andes, na remota antiguidade, de uma raça de civilizadores que veio do ultramar e que foi embora após concluir seu trabalho? Isso era o que me parecia que as lendas sugeriam, lendas que, acima de tudo e com a maior clareza, haviam imortalizado a memória do homem/deus Viracocha, percorrendo em passos largos as gargantas varridas pelos ventos dos Andes e fazendo milagres por onde quer que andasse:

O próprio Viracocha, com seus dois ajudantes, viajou para o norte (...) Ele mesmo subiu a cordillera, um ajudante desceu a costa e o outro chegou até as bordas das florestas do leste. (...) O Criador prosseguiu em seu caminho até Urcos, nas proximidades de Cuzco, e daí continuou para o norte e o Equador. Nessa região, na província costeira de Manta, ele se despediu de seu povo e, caminhando sobre as águas, desapareceu no outro lado do oceano.

Havia sempre esse pungente momento de adeus ao fim de todas as histórias populares, que tinha como personagem principal o notável estrangeiro cujo nome signica “Espuma do Mar”:

Viracocha continuou em seu caminho, criando as raças de homens. (...) Ao chegar ao distrito de Puerto Viejo, a ele se reuniram os ajudantes que enviara antes em viagem e, quando se reuniram, ele entrou no mar em companhia deles, e o povo do local disse que ele e seus companheiros andavam sobre a água com tanta facilidade como se andassem sobre terra.

Sempre esse pungente adeus... e, não raro, com uma sugestão de ciência ou magia.

Cápsula do Tempo

Do lado de fora da janela do trem, coisas estavam acontecendo. À esquerda, engrossado com água escura, vi o Urubamba, um tributário do Amazonas e rio sagrado para os incas. A temperatura do ar subia claramente; havíamos descido para um vale relativamente baixo, com um microclima tropical próprio. As encostas de montanha que subiam de cada lado dos trilhos estavam cobertas por florestas verdes fechadas, e lembrei-me de que esta era, realmente, uma região de obstáculos vastos e virtualmente insuperáveis. Quem quer que tivesse se aventurado por todo este caminho, até o centro do nada, para construir Machu Picchu, devia ter um motivo muito forte para assim proceder.

Qualquer que tenha sido a razão, a escolha de uma localização tão remota teve pelo menos um efeito secundário benéfico: Machu Picchu jamais foi descoberta pelos conquistadores e pelos frades em seus primeiros dias de zelo destrutivo. Na verdade, só em 1911, quando a herança fabulosa das raças mais antigas começou a ser tratada com maior respeito, é que um jovem explorador americano, Hiram Bingham, desvendou Machu Picchu para o mundo. Imediatamente se compreendeu que esse local incrível abria uma janela excepcional para a civilização pré-colombiana. Em consequência, as ruínas foram protegidas contra saqueadores e caçadores de suvenires e foi assim preservado um pedaço importante do passado enigmático, que encheria de espanto futuras gerações.

Tendo passado por uma pequenina cidade chamada Agua Caliente (Água Quente), onde uns poucos restaurantes de terceira classe e bares ordinários como que olhavam debochados, de ambos os lados dos trilhos, para os viajantes, chegamos à estação de Puentes Ruinas, em Machu Picchu, às 9h10m da manhã. Daí, uma viagem de meia hora de ônibus por uma estrada de terra cheia de voltas e por uma íngreme e assustadora trilha de montanha levou-nos à própria Machu Picchu, às ruínas, e a um hotel não muito limpo. Éramos os únicos hóspedes. Embora anos tivessem se passado desde que o movimento guerrilheiro local bombardeara pela última vez o trem de Machu

Picchu, poucos eram os estrangeiros que ainda se sentiam interessados em conhecer essas paragens.

Machu Picchu Sonhando

Eram 2h da tarde. Eu me encontrava em um ponto elevado na ponta sul do local. Diante de meus olhos, as ruínas estendiam-se na direção norte, em terraços cobertos de líquens. Grossas nuvens formavam anéis em torno dos picos das montanhas, mas o sol ainda irrompia ocasionalmente aqui e ali.

Bem abaixo no vale, o rio sagrado enroscava-se em uma curva fechada em torno da formação central onde se ergue Machu Picchu, como um fosso em volta de um castelo gigantesco. Dessa altura, o rio parecia de um verde profundo, refletindo o verdor das encostas íngremes da selva. Mas havia também trechos de água clara e lampejos deslumbrantes de luz.

Olhei para as ruínas, que se estendiam na direção do pico mais alto. O nome do pico é Huana Picchu e constitui presença obrigatória nos pôsteres de todas as agências de viagem que mostram o local. Para meu espanto, notei nesse momento que, por uma centena de metros, mais ou menos, abaixo do pico, a montanha fora cortada em terraços e esculpida. Alguém estivera lá em cima e raspava com todo cuidado os penhascos quase verticais e os transformara em graciosos jardins suspensos que, em tempos imemoriais, talvez tivessem sido plantados com flores de cores vivas.

Pareceu-me que todo aquele sítio, juntamente com a moldura que o cercava, era uma obra monumental de escultura, composta em parte de montanhas, em parte de rochas, em parte de árvores, em Parte de pedras - e também em parte de água. Era um local arrebatadoramente belo e, sem a menor dúvida, um dos mais belos que jamais conheci.

A despeito de seu brilho luminoso, porém, achei que estava olhando para uma cidade de fantasmas lá embaixo. Lembrava o naufrágio do Marie Celeste, abandonado e insone. As casas haviam sido dispostas

em longos terraços, todas minúsculas, com um único cômodo, dando diretamente para a rua estreita, em uma arquitetura sólida e funcional, mas de modo nenhum refinada. Em contraste, certas áreas cerimoniais foram construídas segundo um padrão infinitamente superior e incorporavam blocos gigantescos, semelhantes aos que eu vira em Sacsayhuamán. Um monólito em forma de polígono fora lixado até atingir uma perfeição sedosa e tinha 3,65m de comprimento por 1,5m metro de largura e 1,5m de espessura e não podia ter pesado menos de 200 toneladas. De que maneira os antigos construtores haviam conseguido içar a pedra até aquele local?

E havia também dezenas de outros, semelhantes, todos eles organizados segundo o modelo de paredes com a forma conhecida de quebra-cabeças, com ângulos que se encaixavam. Em um único bloco, consegui contar 33 ângulos, todos eles engatando-se de forma perfeita, com um ângulo correspondente no bloco vizinho. Havia polígonos maciços e pedras de cantaria perfeitas, com quinas afiadas como navalhas. E também calhaus naturais, em bruto, integrados no desenho geral em certo número de pontos. E não faltavam também dispositivos estranhos, como o Intihuatana, o "posto de amarração do sol". Esse artefato notável consiste de um bloco de rocha cinzento e cristalino, cortado em uma forma geométrica complexa de curvas e ângulos, nichos escavados e suportes externos, tendo no centro um curto espigão vertical.

Quebra-Cabeça

Qual a antiguidade de Machu Picchu? O consenso nos meios universitários é que a cidade não poderia ter sido construída muito antes do século XV d.C. Opiniões contrárias, no entanto, têm sido manifestadas ocasionalmente por certo número de estudiosos respeitáveis, embora mais ousados. Na década de 1930, por exemplo, Rolf Muller, professor de Astronomia da Universidade de Potsdam, encontrou indícios convincentes que sugeriam que os aspectos mais

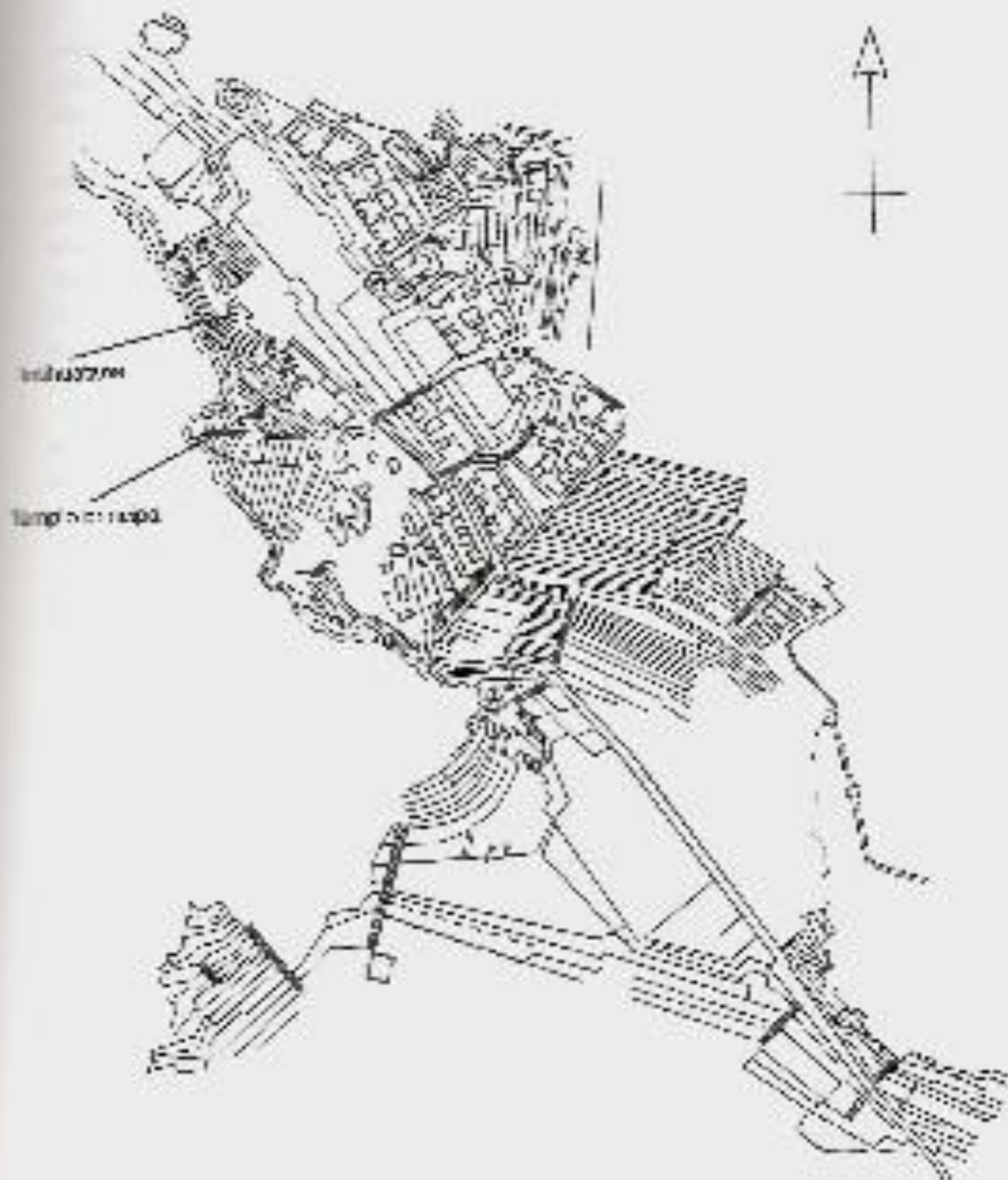
importantes de Machu Picchu revelavam alinhamentos astronômicos importantes. A vista desses alinhamentos e com emprego de computações matemáticas detalhadas sobre as posições das estrelas no milênio anterior (que gradualmente rebaixam as épocas como resultado de um fenômeno conhecido como precessão dos equinócios), Muller concluiu que a disposição original do local só poderia ter sido realizada na "era de 4000 a.C. a 2000 a.C".

Em termos de história ortodoxa, essa conclusão era uma heresia de audaciosas proporções. Se Muller tinha razão, Machu Picchu não tinha apenas uns 500 anos de idade, mas poderia ter nada menos do que 6.000. Esse número tornaria a cidade muito mais antiga do que a Grande Pirâmide do Egito (supondo, claro, que aceitemos a datação ortodoxa da Grande Pirâmide como sendo do ano 2500 a.C.).

Mas houve vozes discordantes no tocante à antiguidade de Machu Picchu e a maioria, como a de Muller, estava convencida de que partes do local eram milhares de anos mais antigas do que a data preferida pelos historiadores ortodoxos.

Tal como os grandes blocos poligonais que constituíam as muralhas, esta era uma idéia que dava a impressão de que poderia, talvez, encaixar-se em outras peças do quebra-cabeça - neste caso, o quebra-cabeça de um passado que não fazia mais qualquer sentido. Viracocha era parte do mesmo quebra-cabeça. Todas as lendas diziam que ele tivera sua capital em Tiahuanaco. As ruínas dessa grande e antiga cidade situavam-no no outro lado da fronteira, na Bolívia, em uma área conhecida como Collao, a 32km do lago Titicaca.

Poderíamos lá chegar, calculei, em uns dois dias, passando por Lima e La Paz.



Machu Picchu.

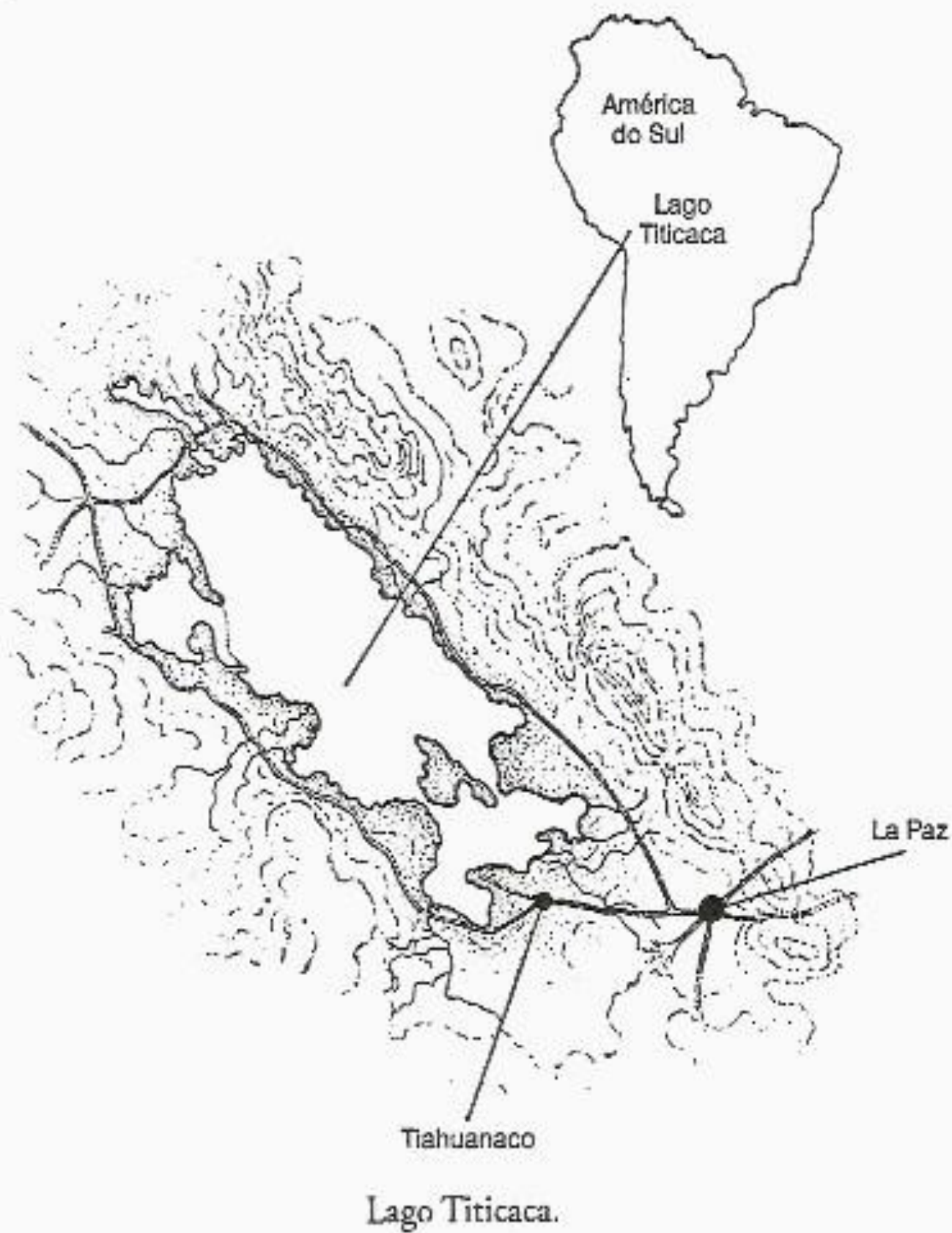
CAPÍTULO 8

O Lago no Topo do Mundo

La Paz, a capital da Bolívia, situada a mais de 3.200m acima do nível do mar, aninha-se no fundo, de configuração irregular, de um espetacular buraco no chão. Essa ravina vertical, de milhares de metros de profundidade, foi cortada em eras primevas por uma enorme tromba-d'água, que trouxe de cambulhada uma maré de pedras soltas e cascalho abrasivo.

Contemplada pela natureza com um ambiente apocalíptico desse tipo, La Paz possui um encanto excepcional, embora um tanto sujo e malcuidado. Com ruas estreitas, casas de cômodos de paredes escuras, catedrais imponentes, cinemas espalhafatosos e bares que vendem hambúrgueres abertos até tarde da noite, a cidade gera uma atmosfera de intriga peculiar que é esquisitamente embriagante. Andar por ali é difícil para pedestres, a menos que possuam pulmões semelhantes a foles, porque toda a zona central foi construída acima e abaixo de morros extremamente íngremes.

O aeroporto fica a quase 1.500m acima da cidade em si, na borda do altiplano - as terras altas, onduladas, que constituem o aspecto topográfico dominante dessa região. Santha e eu chegamos ao aeroporto depois de meia-noite, em um voo com atraso procedente de Lima. No salão de chegada, cheio de correntes de ar, ofereceram-nos chá de coca em pequenas xícaras de plástico, como profilático contra a tonteira das alturas. Depois de grande demora e trabalho, conseguimos tirar a bagagem da alfândega, chamamos um táxi, bem antigo, de fabricação americana, e seguimos chocalhando e rangendo para cima e para baixo na direção das luzes amarelas da cidade, bem abaixo de nós.



Boatos de Cataclismo

Por volta de 4h da tarde seguinte, partimos para o lago Titicaca em um jipe alugado, lutamos através dos incompreensíveis congestionamentos permanentes da hora do rush, deixamos em seguida para trás os arranha-céus e os cortiços e penetramos nos horizontes claros, desimpedidos, do altiplano.

No início, ainda perto da cidade, o caminho nos levou através de uma zona de subúrbios e favelas enormes, de aspecto sórdido, com calçadas ocupadas por oficinas de consertos de carros e ferros-velhos. Quanto mais distância cobríamos, afastando-nos de La Paz, contudo, mais raros se tornavam os povoados, até que cessaram quase por completo os sinais de habitação humana. As savanas vazias, destituídas de árvores, ondulantes, eram limitadas à distância pelos picos cobertos de neve da Cordillera Real, o que criava um espetáculo inesquecível de beleza e poder natural. Mas nessa zona percebia-se também uma atmosfera de alguma coisa sobrenatural, que parecia flutuar acima das nuvens, como um reino encantado.

Embora o destino final da viagem fosse Tiahuanaco, iríamos passar a noite na cidadezinha de Copacabana, situada em um promontório na extremidade sul do lago Titicaca. Para chegar ao local, tínhamos que cruzar em barca de transporte de carros um braço de água no pequeno lugarejo de Tiquine. Em seguida, caindo já a noite, tomamos a estrada principal, que nessa altura era pouco mais do que uma trilha estreita e irregular, subindo e passando por uma série de curvas fechadas e prosseguindo paralela aos afloramentos da base de uma montanha. Desse ponto em diante, abria-se um panorama contrastante: as águas escuras, muito escuras, do lago embaixo pareciam situar-se à beira de um oceano sem fim, mergulhando em sombras escuras, embora os picos recortados das montanhas coroadas de neve à distância ainda estivessem sendo banhadas por uma luz solar deslumbrante.

Desde o início, o lago Titicaca me pareceu um lugar especial. Eu sabia que o lago se situava a 3.800m acima do nível do mar, que a fronteira entre o Peru e a Bolívia lhe cruzava as águas, que tinha uma área de 8.290km² e se estendia por 222km de comprimento por 115km de largura. E sabia também que era profundo, atingindo quase 300m em alguns lugares e que tinha uma história geológica enigmática.

Vejamos alguns de seus mistérios e algumas das soluções que foram propostas para eles:

1. Embora se situe atualmente a mais de 3.200m acima do nível do mar, a área em volta do lago está coalhada de milhões e milhões de conchas marinhas fossilizadas. Esse fato sugere que, em alguma época, todo o altiplano foi empurrado para cima a partir do nível do mar, talvez como parte da elevação geral da superfície terrestre que formou a América do Sul como um todo. No processo, quantidades enormes de água do mar, juntamente com incontáveis miríades de criaturas marinhas, foram erguidas e postas entre as montanhas dos Andes. Acredita-se que esse processo ocorreu a nada menos do que 100 milhões de anos.

2. Paradoxalmente, a despeito da enorme antiguidade do evento, o lago Titicaca conserva, até os dias atuais, "uma ictiofauna marinha", ou, em outras palavras, embora nesse momento localizado a centenas de quilômetros do oceano, seus peixes e crustáceos incluem numerosos tipos oceânicos (em vez de animais de água doce). Criaturas surpreendentes trazidas à superfície pelas redes de pescadores incluem exemplares de Hippocampus (cavalo-marinho). Além disso, como observou uma autoridade, "as várias espécies de Allorquestes (hualella inermis etc.) e outros exemplos de fauna marinha não deixam dúvida de que este lago, em outros períodos, foi muito mais salgado do que hoje, ou, para ser mais exato, que a água que o formou era do mar e que foi represada nos Andes quando o continente emergiu das águas".

3. Mas basta dos eventos que, para começar, talvez tenham criado o lago Titicaca. Desde sua formação, esse grande "mar mediterrâneo", e

o próprio altiplano, passaram por várias outras mudanças drásticas e espetaculares. Entre estas, uma das mais notáveis é que o comprimento do lago parece ter variado imensamente, fato este indicado pela existência de uma antiga linha terra-água visível em grande parte do terreno em volta. Estranhamente, essa linha terra-água não é plana, mas se inclina acentuadamente no sentido norte-sul através de uma grande distância horizontal. No ponto mais meridional até hoje estudado topograficamente, ela chega até 70m acima do nível atual do lago. A uns 650 km ao sul, ela está a 65m abaixo do nível atual do lago. Desta e de provas adicionais, geólogos deduziram que o altiplano ainda está subindo aos poucos, mas de maneira desequilibrada, com altitudes maiores na parte norte e menores na parte sul. Pensam alguns que o processo em ação no local tem menos a ver com mudanças no nível das próprias águas do Titicaca (embora tais mudanças certamente tenham ocorrido) do que com mudanças no nível de todo o terreno onde se situa o lago.

4. Muito mais difícil de explicar nesses termos, contudo, dados os períodos de tempo supostamente muito longos necessários para que ocorram transformações geológicas, é a prova irrefutável de que a cidade de Tiahuanaco foi outrora um porto, completo com grandes docas, situado exatamente nas margens do lago. O problema é que as ruínas de Tiahuanaco estão agora encalhadas a 19 km ao sul do lago e a mais de 30m acima da atual praia. No período transcorrido desde que foi construída a cidade, portanto, segue-se que uma de duas coisas devem ter acontecido: ou caiu muito o nível do lago ou subiu comparativamente o terreno onde está hoje Tiahuanaco.

5. O que quer que tenha acontecido, é óbvio que ocorreram mudanças físicas maciças e traumáticas. Algumas delas, como a subida do altiplano à partir do fundo do oceano, certamente ocorreu em idades geológicas remotas, antes do advento da civilização humana. Outras não são tão antigas assim e devem ter ocorrido após a construção da cidade. A dúvida, portanto, é a seguinte: quando foi construída Tiahuanaco?

A opinião história ortodoxa é que as ruínas não podem datar de muito antes do ano 500 d.C. Há, contudo, uma cronologia alternativa, que, embora não aceita pela maioria dos estudiosos, parece mais congruente com a escala das elevações da superfície, nos tempos geológicos, que ocorreram nessa região. Com base em cálculos matemáticos/astronômicos do professor Arthur Posnansky, da Universidade de La Paz, e do professor Rolf Muller (que contestou a datação oficial de Machu Picchu), a fase principal da construção de Tiahuanaco deve ter ocorrido no ano 15000 a.C. Essa cronologia indica também que a cidade sofreu mais tarde uma destruição imensa, em uma catástrofe natural fenomenal, por volta do undécimo milênio a.C. e que daí em diante afastou-se rapidamente das praias do lago.

No Capítulo 11, estudaremos as descobertas de Posnansky e Muller, resultados estes que sugerem que a grande cidade andina de Tiahuanaco floresceu durante a última Era Glacial, na meia-noite escura, sem lua, da pré-história.

CAPÍTULO 9

O Antigo e Futuro Rei

Durante minhas viagens pelos Andes, reli várias vezes uma variante curiosa da tradição principal do Viracocha. Nessa variante, originária da área em volta do lago Titicaca conhecida como Collao, o deus herói-civilizador fora chamado de Thunupa:

Thunupa surgiu no altiplano em tempos antigos, vindo do norte, em companhia de cinco discípulos. Homem branco de aparência majestosa, de olhos azuis e barba, ele não bebia, era puritano e fazia prédicas contra a bebida, a poligamia e a guerra.

Após viajar grandes distâncias através dos Andes, onde fundou um reino amante da paz e ensinou as artes da civilização, Thunupa foi

atacado e ferido gravemente por um grupo de ciumentos conspiradores:

Colocaram-lhe o corpo sagrado em um barco de caniços de totora e o soltaram no lago Titicaca. No lago (...) o barco navegou para longe com tal velocidade que os que haviam cruelmente tentado matá-lo foram tomados de grande terror e espanto - porque nesse lago não há correntes (...) O barco chegou à praia em Cochamarca, onde hoje existe o rio Desguardero. Diz a tradição índia que o barco bateu na terra com tanta força que criou o rio Desguardero, que antes disso não existia. E nas águas assim criadas, o corpo sagrado foi levado por muitas léguas para a costa marítima, em Arica...

Barcos, Água e Salvação

Há nessa versão curiosos paralelos com a história de Osíris, o antigo e poderoso deus egípcio da morte e da ressurreição. O relato mais completo do mito original que descreve essa misteriosa figura coube a Plutarco e conta que, após trazer as dádivas da civilização ao seu povo, ensinando-lhe todos os tipos de habilidades úteis, abolindo o canibalismo e os sacrifícios humanos e lhe dando o primeiro código legal, Osíris deixou o Egito e viajou pelo mundo para distribuir também a outras nações os benefícios da civilização. Ele jamais obrigou os bárbaros que encontrou a aceitar suas leis, preferindo, em vez disso, conversar com eles e fazer apelos à razão. Está consignado também que ele lhes passava os ensinamentos através de hinos e canções, com o acompanhamento de instrumentos musicais.

Em certa ocasião, enquanto se encontrava em viagem, 72 membros de sua corte, liderados pelo cunhado, Set, conspiraram contra ele. Ao regressar Osíris, os conspiradores convidaram-no para um banquete, onde um belíssimo cofre de madeira e ouro foi oferecido como prêmio a qualquer convidado que nele coubesse perfeitamente. Osíris não sabia que o cofre fora fabricado exatamente de acordo com as

medidas de seu corpo. Em consequência, quando os convidados ali reunidos tentaram, um após outro, e fracassaram, Osíris deitou-se confortavelmente dentro do cofre. Mas, antes de ter tempo de levantar-se, os conspiradores correram para o cofre, fecharam a tampa com pregos e vedaram mesmo com chumbo derretido as fissuras na madeira para que não entrasse ar. O cofre foi em seguida lançado no Nilo. Embora a intenção fosse que o cofre afundasse rapidamente, na verdade ele flutuou e afastou-se rapidamente, percorrendo uma grande distância, até chegar à costa.

Nessa altura, a deusa Ísis, esposa de Osíris, resolveu intervir. Usando de toda magia pela qual era renomada, descobriu o cofre e escondeu-o em lugar secreto. Ainda assim, seu perverso irmão, Set, caçando nos pântanos, descobriu-o, abriu-o e, em um acesso de loucura assassina, cortou o cadáver real em 14 partes, que espalhou pela terra.

Uma vez mais, Ísis partiu para salvar o marido. Construiu um pequeno bote de junco de papiro, calafetou-o com breu e lançou-se ao Nilo em busca dos restos mortais do esposo. Ao encontrá-los, realizou poderosos encantamentos para reunir as partes esquartejadas do corpo e lhe restituir a forma original. Daí em diante, em estado intacto e perfeito, Osíris passou por um processo de renascimento estelar e tornou-se o deus dos mortos e rei do mundo subterrâneo - do qual, segundo a lenda, voltava ocasionalmente à terra disfarçado de mortal. Embora haja enormes diferenças entre as tradições, é muito estranho que Osíris, no Egito, e Thunupa-Viracocha, na América do Sul, tivessem em comum os seguintes pontos:

- . Foram grandes civilizadores;
- . Foram vítimas de conspirações;
- . Foram gravemente feridos;
- . Foram postos dentro de um recipiente ou vaso de algum tipo;
- . Foram em seguida lançados na água;
- . Flutuaram para longe nas águas de um rio
- . E chegaram finalmente ao mar.

Deveríamos ignorar esses paralelos, considerando-os como meras coincidências? Ou poderia haver entre eles alguma conexão profunda?

Os Barcos de Junco de Suriqui

O ar cortava com um frio alpino. Eu me encontrava sentado na proa de uma lancha a motor que se deslocava a 20 nós horários pelas águas geladas do lago Titicaca. O céu azul claro refletia tonalidades de cores de água-marinha e turquesa da terra distante; o corpo imenso do lago, brilhando em tons acobreados e prateados, parecia estender-se à frente por toda eternidade...

Os trechos das lendas que falavam em barcos feitos de junco precisavam ser estudados com mais atenção, uma vez que eu sabia que "barcos de caniços de totora" constituíam uma forma tradicional de transporte no lago. A antiga perícia necessária para construir barcos desse tipo, porém, desaparecera na maior parte em anos recentes e, nesse momento, viajávamos para Suriqui, o único local onde eles ainda eram produzidos da forma correta.

Na ilha de Suriqui, em uma pequena aldeia perto da praia, descobri dois velhos índios construindo um barco com molhos de juncos de totora. A elegante embarcação, que parecia quase completa, media cerca de 4,5m de comprimento, era larga a meia-nau, mas estreita e alta na proa e popa.

Sentei-me ali durante algum tempo para observá-los. O mais velho dos dois, coberto por um chapéu de feltro marrom sobre um curioso gorro de lã com pontas, plantava repetidamente o pé esquerdo descalço no lado do barco para lhe dar mais apoio, enquanto puxava e esticava as cordas que mantinham nos devidos lugares os molhos de juncos. Notei também que, de vez em quando, ele esfregava um pedaço da corda na testa suada - umedecendo-a dessa maneira para lhe aumentar a adesão.

O barco, cercado por galinhas que ciscavam por ali e ocasionalmente investigado por uma alpaca que pastava nas proximidades, encontrava-se em meio a um lixo de juncos rejeitados, no quintal de uma casa de fazenda em ruínas. Aquele foi um dos vários barcos que tive oportunidade de examinar nas horas seguintes e, embora o ambiente fosse inconfundivelmente andino, repetidamente senti uma sensação de déjà vu, oriunda de outro tempo e lugar. A razão: os barcos de totora de Suriqui eram virtualmente idênticos, tanto em método de construção quanto em aparência final, aos belos botes feitos com junco de papiro, nos quais faraós haviam navegado no Nilo milhares de anos antes. Em viagens pelo Egito, eu vira imagens de muitos desses barcos pintadas nas paredes de tumbas antigas. A semelhança provocou-me um arrepio pela espinha abaixo, ao vê-los nesse momento trazidos de forma tão colorida à vida em uma obscura ilha no lago Titicaca - mesmo que a pesquisa que vinha realizando tivesse me preparado em parte para essa coincidência. Eu sabia que nenhuma explicação satisfatória jamais fora dada de como essas semelhanças tão ricamente detalhadas em projetos de barcos poderiam ocorrer em dois lugares tão distantes um do outro. Não obstante, repetindo as palavras de uma autoridade em navegação antiga, que estudara o enigma:

Aqui estava a mesma forma compacta, as pontas elevadas em ambas as extremidades, com cordas amarrando as peças desde o tombadilho até o fundo do barco e transformando-o em uma única peça (...) Cada palha era posta em seu lugar com a máxima precisão para obter simetria perfeita e elegância aerodinâmica, ao mesmo tempo que os feixes de juncos eram tão fortemente amarrados que pareciam (...) troncos dourados torcidos e transformados em um bico, em forma de tampão, na proa e na popa.

Os barcos de junco do antigo Nilo e os do lago Titicaca (cujo projeto inicial, insistiam os índios, lhes fora dado pelos "ajudantes de Viracocha") tinham ainda outros aspectos em comum. Ambos, por

exemplo, eram equipados com velas montadas em fasquias peculiares, de dois elementos. Ambos haviam sido também usados para transporte à longa distância de materiais de construção extremamente pesados: obeliscos e blocos enormes de pedra, usados nos templos de Gizé, Lúxor e Abidos, por um lado, e os misteriosos edifícios de Tiahuanaco, por outro.

Nesses tempos remotos, antes de o lago Titicaca tornar-se mais de 50m mais raso, Tiahuanaco situava-se à beira d'água, dando para uma paisagem de imponente e sagrada beleza. Nesse momento, o grande porto, a capital do próprio Viracocha, estava perdido entre colinas corroídas pela erosão e planícies descampadas varridas pelos ventos.

A Estrada para Tiahuanaco...

Voltando de Suriqui para o continente, seguimos em nosso jipe alugado pelas colinas, levantando uma nuvem de poeira. A rota levou-nos pelas pequenas cidades de Puccarani e Laha, onde viviam estóicos índios aymara, que andavam em passos lentos pelas estreitas ruas lajeadas ou permaneciam sentados tranqüilamente em pequenas praças batidas pelo sol.

Seriam esses indivíduos descendentes dos construtores de Tiahuanaco, como insistiam os estudiosos do assunto? Ou estariam certas as lendas? Teria sido a antiga cidade obra de estrangeiros dotados de poderes divinos, que ali haviam se estabelecido em um passado remoto?

CAPÍTULO 10

A Cidade no Portal do Sol

Os primeiros viajantes espanhóis que visitaram a cidade boliviana arruinada de Tiahuanaco à época da conquista ficaram impressionados com o tamanho de seus edifícios e com a atmosfera

de mistério que os envolvia. "Perguntei aos nativos se esses edifícios haviam sido construídos nos tempos dos incas", escreveu o historiador Pedro Cieza de Leon. "Eles riram ao ouvir a pergunta, declarando que haviam sido levantados muito tempo antes do reinado inca... e que tinham ouvido de seus antepassados que tudo o que ali se via aparecera de repente, no curso de uma única noite..." Outro visitante espanhol do mesmo período registrou uma tradição que dizia que as pedras haviam sido levantadas milagrosamente do chão: "Elas foram levadas pelo ar ao som de uma trombeta".

Não muito depois da conquista, uma descrição detalhada da cidade foi feita pelo historiador Garcilaso de la Vega. Não ocorrera ainda qualquer pilhagem em busca de tesouros ou de material de construção e, embora corroído pelos dentes do tempo, o local continuava magnífico o suficiente para tirar-lhe o fôlego:

Temos que dizer agora alguma coisa sobre os prédios quase inacreditáveis de Tiahuanaco. Lá existe uma colina artificial, de grande altura, erigida sobre fundações de pedra, de modo que a terra não deslizará. Existem figuras gigantescas esculpidas em pedra... grandemente desgastadas pelas intempéries, o que lhes demonstra a grande antiguidade. Há paredes feitas de pedras tão enormes que é difícil imaginar que força humana poderia tê-las assentado. E há ruínas de edifícios estranhos, sendo os mais notáveis os portais de pedra, cortados na rocha bruta, repousando em bases que chegam a ter até 12m de comprimento, por 4,5m de largura e uma espessura de 1,80m, sendo base e portal talhados em uma única peça (...) Como, e com uso de que ferramentas ou implementos, obras maciças de tal tamanho poderiam ter sido realizadas são perguntas que não temos como responder (...) Nem podemos imaginar como pedras tão enormes poderiam ter sido trazidas para aqui...

Essas palavras foram escritas no século XVI. Mais de 400 anos depois, em fins do século XX, senti-me tão confuso como Garcilaso. Espalhados em volta de Tiahuanaco, desafiando saqueadores que

havam pilhado tanto o local em anos recentes, há ainda monólitos tão grandes e difíceis de transportar, mas também tão bem talhados, que quase parecem obra de seres superiores.

O Templo Rebaixado

Tal como um discípulo aos pés do mestre, sentei-me no chão do templo rebaixado e ergui os olhos para a face enigmática que todos os estudiosos de Tiahuanaco acreditam ter sido modelada para representar Viracocha. Há séculos incontáveis, mãos desconhecidas lhe haviam talhado o semblante em um alto pilar de rocha vermelha. Embora muito corroído atualmente, é o semblante de um homem em paz consigo mesmo. E o semblante de um homem poderoso...

Tinha testa alta e grandes olhos redondos, nariz afilado, estreito no cavalete, mas abrindo-se na direção das narinas. Lábios carnudos. O aspecto característico, porém, era a barba estilizada e imponente, que produzia o efeito de tornar-lhe o rosto mais largo no queixo do que nas têmporas. Olhando com mais atenção, notei que o escultor representara um homem cuja pele fora raspada em volta de toda a boca, com o resultado de que o bigode começava alto nas maçãs do rosto, aproximadamente paralelo à ponta do nariz. Dessa posição, curvava-se de forma extravagante para baixo, ao lado dos cantos da boca, formando um cavanhaque exagerado, seguindo depois a linha do queixo e voltando às orelhas.

Acima e abaixo das orelhas, nos lados da face, haviam sido esculpidas estranhas representações de animais. Ou talvez fosse melhor descrevê-las como representações de animais estranhos, uma vez que pareciam grandes e desajeitados mamíferos pré-históricos com grossas caudas e pés ungulados.

Mas havia outros pontos dignos de interesse. A figura em pedra de Viracocha, por exemplo, havia sido esculpida com as mãos e os braços cruzados, um embaixo do outro, sobre um manto longo e ondulante. Em cada lado do manto aparecia a forma sinuosa de uma

serpente desenroscando-se para cima, do nível do chão até o nível do ombro. Enquanto olhava para a bela representação (cujo original talvez tivesse sido bordado em tecido nobre), a imagem que se formou em minha mente foi a de Viracocha como bruxo ou feiticeiro, uma figura barbuda, parecida com Merlin, usando trajes estranhos e maravilhosos, invocando o fogo dos céus.

O "templo" onde se encontra o pilar de Viracocha abre-se para o céu e consiste em um grande buraco retangular, como se fosse uma piscina, escavado a 1,80m abaixo do nível do chão. O chão, de cerca de 12m de comprimento por 9m de largura, é composto de cascalho duro e liso. Suas fortes paredes verticais são formadas de blocos de pedra de cantaria de tamanhos variados, fortemente unidos, sem argamassa nas juntas e entremisturado com estelas altas e de acabamento tosco. Um conjunto de degraus fora escavado na parede sul e por eles eu descera para a estrutura.

Dei várias voltas em torno da figura de Viracocha, ocasionalmente pondo os dedos no pilar de pedra, aquecido pelo sol, tentando descobrir-lhe a finalidade. O pilar tinha talvez 2,10m de altura e estava virado para o sul, dando as costas para a velha praia do lago Titicaca (originalmente a menos de 180m de distância). Alinhados atrás desse obelisco central, além disso, havia dois outros, de menor estatura, possivelmente destinados a representar os lendários companheiros de Viracocha. As três figuras, severa e funcionalmente verticais, lançavam sombras de contornos nítidos no chão, enquanto eu as observava, pois o sol já ultrapassara o zênite.

Sentei-me novamente no chão e olhei devagar em volta do templo, dominado pela figura de Viracocha, como se ele fosse o maestro de uma orquestra. Ainda assim, seu aspecto mais notável estava em outro local: forrando as paredes, em pontos e alturas variadas, havia dezenas e dezenas de cabeças humanas esculpidas em pedra. Eram cabeças completas, projetando-se tridimensionalmente das paredes. São várias, diferentes (e contraditórias) as opiniões dos estudiosos sobre a função a que se destinavam.

Pirâmide

Do chão do templo rebaixado, olhando para o oeste, vi uma imensa muralha, na qual havia um impressionante portal geométrico feito de grandes placas de pedra. Aparecendo em silhueta no portal e iluminado pelo sol de fins da tarde, distingi a figura de um gigante. A muralha, eu sabia, cercava uma área com as dimensões de um campo de parada, chamada Kalasasaya (palavra que na língua aymara local significa simplesmente "Lugar das Grandes Pedras em Pé"). E o gigante era uma das imensas peças de escultura corroídas pelo tempo mencionadas por Garcilaso de la Vega.

Embora ansioso para examiná-la, tive a atenção desviada no momento para a direção sul e para uma colina artificial, de uns 15m de altura, que se situava quase diretamente à minha frente, enquanto eu subia os degraus, deixando o templo rebaixado. A colina, que Garcilaso mencionara também, era conhecida como Pirâmide de Akapana. Tal como as pirâmides de Gizé, no Egito, ela estava orientada com uma precisão surpreendente para os pontos cardeais. Mas, ao contrário daquelas pirâmides, seu projeto era um tanto irregular. Ainda assim, ela media aproximadamente 210m de cada lado, o que lhe dava a característica de uma enorme peça de arquitetura e a condição de principal edifício de Tiahuanaco.

Caminhei em sua direção e passei algum tempo dando uma volta em torno dela e passando por cima de seu cume. Originalmente, a estrutura fora uma pirâmide escalonada de terra, recoberta com grandes blocos de andesita. Nos séculos transcorridos desde a conquista, porém, a pirâmide foi explorada como pedreira por empresas de construção civil situadas tão longe quanto La Paz, com o resultado de que só sobravam uns 10% dos soberbos blocos do revestimento.

Que pistas, que provas, esses ladrões anônimos levaram? Galgando as faces dilapidadas e andando em volta das grandes fossas cobertas de relva no cume da Akapana, dei-me conta de que, com toda

probabilidade, a verdadeira função da pirâmide jamais seria conhecida. De certo apenas o fato de que não fora simplesmente decorativa ou cerimonial. Bem ao contrário, quase parecia que poderia ter funcionado como algum tipo de "dispositivo" ou máquina arcana. Bem no fundo de suas entranhas, arqueólogos descobriram uma rede complexa de dutos de pedra, em ziguezague, revestidos com finas peças de cantaria. Essas peças haviam sido colocadas em ângulos precisos e juntadas (com uma tolerância de cinco milímetros), e servido para trazer para baixo a água de um grande reservatório no topo da estrutura, através de uma série de níveis descendentes, até um fosso que cercava todo o local e que tocava a base da pirâmide em sua face sul.

Tanto cuidado e atenção haviam sido prodigalizados em todo esse sistema hidráulico, e tantos homens-hora de trabalho altamente especializado e paciente, que Akapana não fazia sentido, a menos que tivesse sido construída para uma finalidade importante. Vários arqueólogos, isso eu sabia, tinham especulado que a finalidade poderia ter estado ligada a um culto de chuva ou de rio, implicando veneração primitiva pelos poderes e atributos da água corrente.

Uma sugestão de natureza sinistra, implicando que a "tecnologia" desconhecida da pirâmide poderia ter servido a uma finalidade letal, baseava-se no significado das palavras Hake e Apana, na antiga língua aymara, ainda falada no local: "Hake significa 'povo' ou 'homens'; Apana significa 'morrer' (provavelmente por ação da água). Akapana, por conseguinte, seria um local onde pessoas morreriam.."

Outro comentarista, depois de fazer uma cuidadosa investigação de todas as características do sistema hidráulico, propôs uma solução diferente, isto é, que as calhas tinham sido, com maior probabilidade, parte de "uma técnica de processamento - de uso de água corrente para lavagem de minério, talvez?"

Portal do Sol

Deixando a face oeste da enigmática pirâmide, dirigi-me para o canto sudoeste do espaço fechado conhecido como Kalasasaya. Nesse momento, compreendi por que o local fora denominado de Lugar de Pedras em Pé, pois era isso exatamente o que eu via. A intervalos regulares, em uma muralha construída com volumosos blocos trapezoidais, imensos monólitos em forma de adaga, de mais de 3,60m de altura, haviam sido plantados na terra vermelha do altiplano. O efeito era o de uma gigantescada paliçada, de quase 45m², erguendo-se cerca de umas duas vezes mais acima do solo quanto o templo rebaixado fora escavado abaixo.

Teria Kalasasaya sido uma fortaleza? Aparentemente, não. De modo geral, estudiosos aceitam hoje a idéia de que o local funcionara como um sofisticado observatório celeste. Em vez de manter inimigos ao largo, sua finalidade fora a de fixar equinócios e solstícios e de prever, com precisão matemática, as várias estações do ano. Algumas estruturas no interior das muralhas (e, na verdade, as próprias muralhas) pareciam ter sido alinhadas com determinados grupos de estrelas e projetadas de modo a facilitar a medição da amplitude do sol no verão, inverno, outono e primavera. Além disso, o famoso "Portal do Sol", que se situa no canto noroeste do espaço fechado, era não só uma obra de arte de classe mundial, mas também considerado pelos que o haviam estudado como um calendário complexo e exato entalhe em pedra:

Quanto mais estudamos a escultura, maior se torna nossa convicção de que a disposição peculiar e o pictorialismo desse Calendário não poderiam ter sido, de forma nenhuma, apenas resultado do capricho, em última análise insondável, de um artista, mas que seus glifos, revestidos de profundo sentido, constituem registro eloqüente das observações e cálculos de um cientista... O Calendário não poderia ter sido desenhado e esculpido de qualquer outra maneira.

A pesquisa preliminar que realizei deixou-me muito curioso sobre o Portal do Sol e, na verdade, sobre o Kalasasaya como um todo. Acontecia isso porque certos alinhamentos astronômicos e solares, que estudaremos no capítulo seguinte, tornavam possível calcular o período aproximado em que o Kalasasaya deveria ter sido construído. Esses alinhamentos sugeriam a controversa data de 15000 a.C. - ou cerca de dezessete mil anos passados.

CAPÍTULO 11

Indicações de Antiguidade

Em uma volumosa obra, *Tiahunacu: the Cradle of American Man*, o falecido professor Arthur Posnansky (um notável pesquisador germano-boliviano cujos estudos das ruínas duraram quase 50 anos) explica os cálculos árqueo-astronômicos que resultaram na nova data de fundação que ele atribuiu a Tiahuanaco. Esses cálculos, diz ele, baseavam-se "apenas e exclusivamente na diferença na obliquidade da eclíptica no período em que o Kalasasaya foi construído e da que existe hoje".

O que exatamente é "a obliquidade da eclíptica" e por que ela dá a Tiahuanaco uma idade de 17.000 anos?

De acordo com a definição dos dicionários, a eclíptica é "o ângulo entre o plano da órbita da terra e o do equador celeste, igual a aproximadamente $23^{\circ} 27''$ ".

No intuito de esclarecer essa obscura idéia astronômica, vamos imaginar a terra como um navio, navegando no vasto oceano dos céus. Tal como todas as embarcações desse tipo (sejam elas planetas ou escunas), ela sobe e desce ligeiramente com a onda que passa por baixo do casco. Imagine-se a bordo dessa embarcação à medida que ela sobe e desce, de pé no tombadilho, olhando para o mar. Você sobe na crista de uma onda e seu horizonte visível aumenta, cai em uma fossa e ele diminui. O processo é regular, matemático, tal como o tiquetaque de um metrônomo gigantesco: uma inclinação constante,

quase imperceptível, mudando perpetuamente o ângulo entre você e o horizonte.

Agora, imagine novamente a terra. Flutuando no espaço, como sabe todo menino de escola, o eixo da rotação diária de nosso belo planeta azul é ligeiramente inclinado em relação ao vertical em sua órbita em torno do sol. Dessa situação segue-se que o equador terrestre e, daí, o "equador celeste" (que é simplesmente um prolongamento imaginário do equador terrestre na esfera celeste) deve situar-se também em um ângulo com o plano orbital. Esse ângulo, em qualquer ocasião, é a obliquidade da eclíptica. Mas uma vez que a terra é um barco que ondula, sua obliquidade muda de uma maneira cíclica em períodos muito longos. Durante cada ciclo de 41.000 anos, a obliquidade varia, com a precisão e previsibilidade de um cronógrafo suíço, entre $22,1^\circ$ e $14,5^\circ$. A seqüência em que um ângulo segue outro, bem como a seqüência de todos os ângulos anteriores (em qualquer período da história), pode ser calculada através de algumas equações simples. Elas podem ser representadas também como uma curva em um gráfico (originariamente plotado em Paris no ano de 1911 pela Conferência Internacional de Efemérides) e à vista desse gráfico é possível comparar, com confiabilidade e precisão, ângulos e datas históricas precisas.

Posnansky conseguiu fixar a data da construção de Kalasasaya porque a obliquidade do ciclo altera gradualmente a posição azimutal do nascer e pôr-do-sol de um século a outro. Ao estabelecer os alinhamentos solares de certas estruturas básicas que, nesse momento, pareciam "estar deslocadas", ele demonstrou convincentemente que a obliquidade da eclíptica na época da construção do Kalasasaya tinha sido de $23^\circ 8' 48''$. Ao ser o ângulo plotado no gráfico traçado pela Conferência Internacional de Efemérides, descobriu-se que correspondia à data de 15000 a.C.

Claro, nenhum historiador ou arqueólogo ortodoxo estava disposto a aceitar uma origem tão antiga para Tiahuanaco, preferindo, conforme notado no Capítulo 8, concordar com a estimativa conservadora de 500 d.C. No período de 1927 a 1930, contudo, vários cientistas,

originários de outras disciplinas, estudaram com grande cuidado as "investigações astronômico-arqueológicas" de Posnansky. Esses cientistas, membros de uma equipe de alto gabarito que estudou também numerosos outros sítios arqueológicos nos Andes, eram o Dr. Hans Ludendorff (na ocasião, diretor do Observatório Astronômico de Potsdam), Dr. Friedrich Becker, do Specula Vaticana, e dois outros astrônomos: o professor Dr. Arnold Kohlschutter, da Universidade de Bonn, e o Dr. Rolf Muller, do Instituto Astrofísico de Potsdam.

Ao fim de três anos de trabalho, os cientistas concluíram que Posnansky estava basicamente certo. Eles não estavam interessados nas implicações de suas descobertas para o paradigma em vigor da história: simplesmente confirmaram os fatos observáveis sobre os alinhamentos astronômicos das várias estruturas de Tiahuanaco. Entre estes, o mais importante era que o Kalasasaya fora projetado para conformar-se a observações do céu feitas há muito, muito tempo - muito antes dos supostos 500 a.C. O número de Posnansky, de 14000 a.C., foi considerado como bem dentro dos limites das possibilidades.

Se Tiahuanaco florescera realmente tão antes do alvorecer da história, que tipos de pessoas haviam-na construído e para que fim?

Figuras em Forma de Peixe

No interior do Kalasasaya há duas peças maciças de estatuária. A primeira, uma figura apelidada de El Fraile (O Frade), ergue-se no canto sudoeste; a outra, na direção do centro da extremidade leste do espaço fechado, era o gigante que eu observara de dentro do templo rebaixado.

Esculpido em arenito vermelho, desgastado pelo tempo e antigo além de qualquer palpite, El Fraile tem cerca de 1,80m e representa um ser humanóide, andrógino, com grandes olhos e lábios. Na mão direita, ele segura algo parecido com uma faca, com uma lâmina ondulada que lembra um kris indonésio. Na mão esquerda, tem um objeto que

se assemelha a um livro articulado. Do alto desse "livro", porém, projeta-se um dispositivo que nele foi inserido como se numa bainha. Da cintura para baixo, a figura parece vestida com um traje de escamas de peixe e, como se para confirmar essa impressão, o escultor havia formado as escamas isoladas com fileiras e mais fileiras de cabeças de peixe altamente estilizadas. Esse sinal foi convincentemente interpretado por Posnansky como significando peixe em geral. Parecia, portanto, que El Fraile era a representação de um simbólico ou imaginário "homem-peixe". A figura usa ainda um cinto esculpido com imagens de vários grandes crustáceos, de modo que essa idéia parecia ainda mais provável. Qual a intenção da escultura?

Eu havia tomado conhecimento de uma tradição local que poderia esclarecer o assunto. Muito antiga, ela falava em "deuses do lago, com caudas de peixe, chamados de Chullua e Umantua". Na tradição e nas figuras vestidas como peixes parecia haver um eco curiosamente dissonante de mitos mesopotâmicos, que se referiam estranhamente, e em grande extensão, a seres anfíbios, "dotados de razão", que tinham visitado a terra da Suméria na pré-história remota. O chefe desses seres era chamado de Oannes (ou Uan). Ou, como disse o escriba caldeu Berossus:

Todo o corpo (de Oannes) era parecido com o de um peixe e ele tinha, sob a cabeça de peixe, outra cabeça, e também pés, semelhantes aos de um homem, apensados à cauda de peixe. Sua voz, também, e a linguagem, eram articuladas e humanas, e uma representação dele foi preservada até este dia. (...) Quando o sol se punha, era costume desse Ser mergulhar novamente no mar e ficar toda a noite nas profundezas, pois ele era anfíbio.

De acordo com a tradição citada por Berossus, Oannes era, acima de tudo, um civilizador:

Durante o dia, ele costumava conversar com os homens, mas não se alimentou naquela estação. E lhes deu um insight de letras e ciências e de todos os tipos de artes. Ensinou-lhes a construir casas, a erigir templos, a compilar leis e explicou os princípios do conhecimento geométrico. Ensinou-lhes a distinguir entre as sementes da terra e mostrou como coletar frutas. Em suma, instruiu-os em tudo que poderia contribuir para suavizar maneiras e humanizar a humanidade. Desse tempo em diante, tão universais foram suas instruções, que nada foi acrescentado materialmente como melhoramento...

Imagens remanescentes das criaturas Oannes que vi em altos-relevos babilônicos e assírios representavam claramente homens vestidos como peixes. Escamas de peixe constituíam os motivos dominantes em seus trajes, da mesma forma que acontecia com o usado por El Fraile. Outra semelhança era que as figuras babilônicas tinham objetos não identificados nas mãos. Se a memória me servia bem (e, mais tarde, confirmei que isso acontecia), esses objetos não eram absolutamente idênticos aos que El Fraile segurava. Mas eram semelhantes o suficiente para merecer atenção.

O outro grande "ídolo" de Kalasasaya estava situado na direção da extremidade oriental da plataforma, de frente para o grande portal, e era um monólito imponente de adesita cinzenta, imensamente espesso e com cerca de 2,70m de altura. A cabeça larga erguia-se reta dos ombros maciços e o rosto, parecendo uma placa de pedra, olhava sem expressão para a distância. Usava coroa, ou um tipo de testeira, com os cabelos penteados em tranças bem dispostas em longos cachos verticais, mais claramente visíveis nas costas.

A figura era também complicadamente esculpida e decorada na maior parte de sua superfície, como se fosse tatuada. Tal como El Fraile, usava abaixo da cintura um traje composto de escamas de peixe e símbolos do mesmo tipo. E, também como El Fraile, tinha dois objetos não identificáveis nas mãos. Nesse caso, o objeto na mão esquerda parecia mais uma bainha do que um livro aniculado e dele se projetava um cabo bifurcado. Na mão direita, o objeto era mais ou

menos cilíndrico, estreito no centro em que era seguro na mão, mais largo nos lados e na base, estreitando-se novamente na direção da parte superior. O objeto parecia ser composto de seções, ou partes diferentes, encaixadas umas nas outras, mas era impossível dar um palpite sobre o que poderia representar.



Alto-relevo assírio mostrando figura com traje que imita um peixe.

Imagens de Espécies Extintas

Deixando para trás as figuras em trajes de peixe, cheguei finalmente ao Portal do Sol, localizado no canto noroeste do Kalasasaya.

Verifiquei que era um monólito isolado de andesita cinzento-esverdeada, de cerca de 3,80m de largura, 3m de altura e 45cm de espessura, pesando umas estimadas 10t. Talvez mais bem compreendido como uma espécie de Arco do Triunfo, embora em escala muito menor, a peça parecia, nesse ambiente, uma porta de ligação entre duas dimensões invisíveis - uma porta entre parte nenhuma e o nada. O trabalho de cantaria era de qualidade excepcionalmente alta e autoridades concordavam em que se tratava de "uma das maravilhas arqueológicas das Américas". Seu aspecto mais enigmático era o denominado "friso do calendário", esculpido na face que dava para o leste, ao longo da parte superior do portal.

No centro, em uma posição elevada, o friso era dominado pelo que estudiosos do assunto julgavam ser outra representação de Viracocha, embora, dessa vez, em seu aspecto mais terrível, como o rei divino que podia invocar o fogo dos céus. O lado suave, paternal, ainda era representado e lágrimas de compaixão escorriam-lhe pela face. A face, porém, era severa e dura, a tiara régia e imponente e, em cada mão, segurava um raio. Na interpretação dada por Joseph Campbell, um dos estudiosos mais conhecidos de mitos neste século, "O significado é que a graça que se derrama no universo através da porta do sol é a mesma energia do raio que aniquila e que é em si indestrutível..."

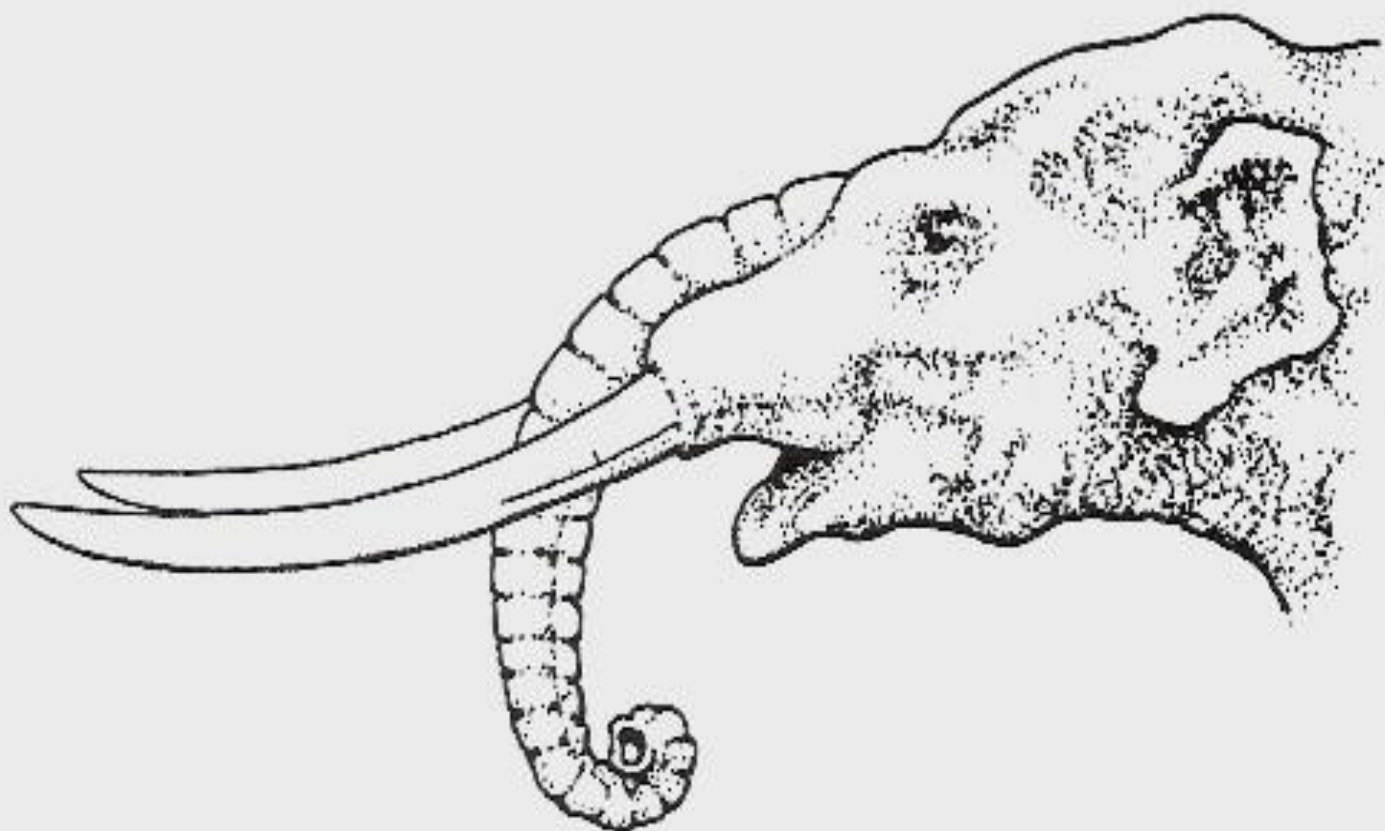
Virei a cabeça para a direita e a esquerda, estudando sem pressa o resto do friso. Era uma peça belamente equilibrada de escultura, com três fileiras de oito figuras, 24 no total, revestindo ambos os lados da imagem central elevada. Numerosas tentativas, nenhuma delas especialmente convincente, foram feitas para explicar a suposta função de calendário dessas figuras. Tudo que se podia dizer com certeza era que tinham um aspecto peculiar, exangue, com aparência

de cartum, e que havia alguma coisa friamente matemática, quase mecânica, na maneira como elas pareciam marchar em linhas organizadas na direção do Viracocha. Algumas, aparentemente, usavam máscaras de aves, outras tinham nariz bem aguçado e todas seguravam nas mãos um implemento do mesmo tipo que o deus principal estava conduzindo.

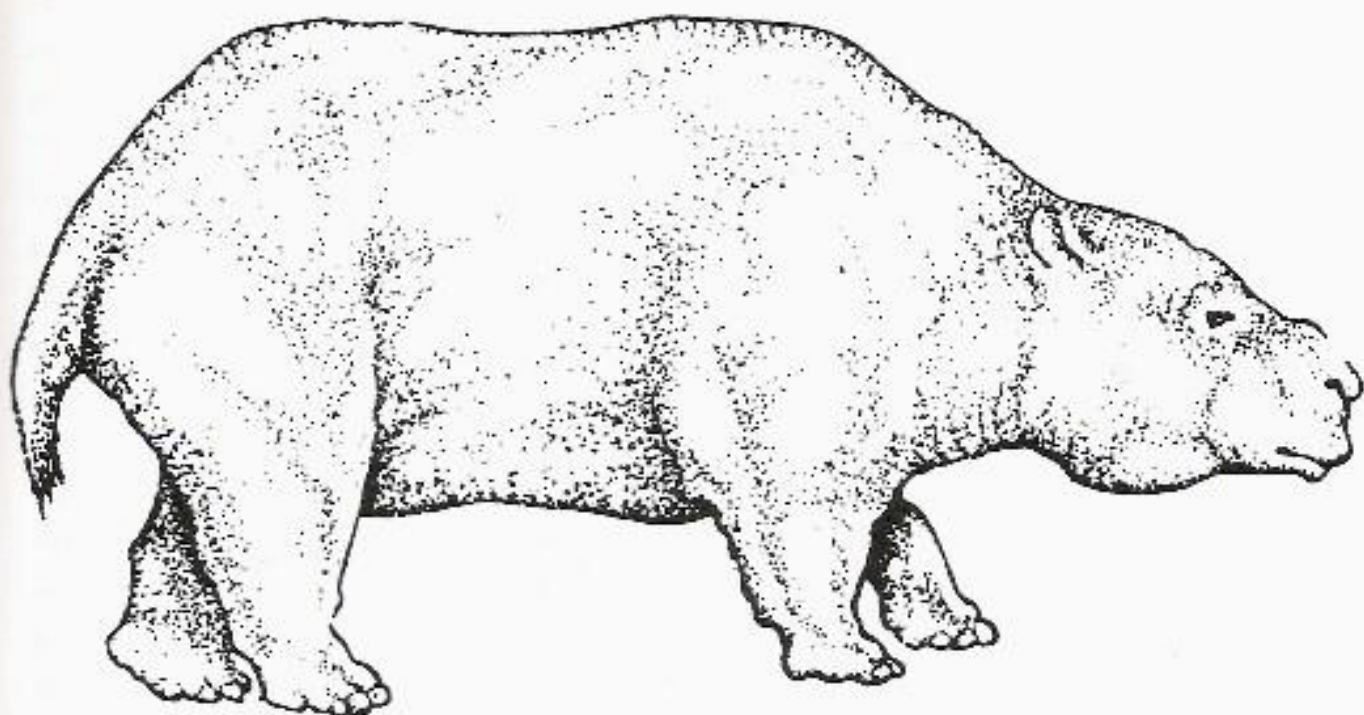
A base do friso era tomada por um desenho conhecido como "Meandro" uma série de formas de pirâmides escalonadas gravadas em linha contínua e arranjadas alternadamente invertidas para baixo e em posição correta, que se pensava também preencher uma função de calendário. Na terceira coluna, vista do lado direito (e, de forma menos clara, na terceira coluna, também, vista do lado esquerdo), consegui identificar o entalhe claro de uma cabeça, orelhas e presas compridas de elefante. Era uma descoberta inesperada, uma vez que não há elefantes em parte alguma do Novo Mundo. Mas tinha havido em tempos pré-históricos, como pude confirmar muito tempo depois. Especialmente numerosos na região sul dos Andes, até sua extinção súbita no ano 10000 a.C., esses animais tinham sido membros de uma espécie chamada de Cuvieronius, um proboscídeo semelhante ao elefante, com presas compridas e tromba, e com uma semelhança sobrenatural com os "elefantes" do Portal do Sol".

Dei uns poucos passos à frente para examinar mais de perto esses elefantes. Constatei que todos eram compostos das cabeças de dois condores encimados por cristas, ligados garganta à garganta (constituindo as cristas as "orelhas" e, a parte superior do pescoço, as "presas compridas"). As criaturas assim formadas ainda me pareciam ser elefantes, talvez por um truque visual característico, que os escultores de Tiahuanaco haviam empregado repetidamente em sua arte sutil e estranha, de usar uma coisa para representar outra. Dessa maneira, uma orelha aparentemente humana em um rosto aparentemente humano poderia ser uma asa de pássaro. De igual maneira, uma coroa refinada poderia ser composta de cabeças alternadas de peixes e condores, uma sobrancelha ser feita do pescoço e cabeça de ave, o dedão de uma sandália da cabeça de um

animal, e assim por diante. Membros da família dos elefantes formados de cabeças de condores, portanto, não precisavam ser necessariamente ilusões de ótica. Ao contrário, essas composições inventivas estariam de perfeito acordo com o caráter artístico geral do friso.



Desenho reconstruído do *Cuvieronius*, um proboscídeo sul-americano comum na região de Tiahuanaco antes de sua extinção no décimo primeiro milênio a.C.



Desenho reconstruído do *Toxodonte*, uma espécie sul-americana que se extinguiu no décimo primeiro milênio a.C.

Entre a abundância de figuras estilizadas de animais talhadas no Portal do Sol havia ainda certo número de espécies extintas. Eu sabia por minhas próprias pesquisas que uma delas fora convincentemente identificada por vários observadores como o Toxodonte - um mamífero anfíbio triangulado, de cerca de 2,70m de comprimento e 1,50m de altura nos ombros, lembrando um cruzamento baixo, entroncado, entre rinoceronte e hipopótamo. Tal como o Cuvieronius, o Toxodonte

florescera na América do Sul em fins do Plioceno (há 1,6 milhão de anos) e se extinguiu ao fim do Pleistoceno, há cerca de 12.000 anos. Para meus olhos, essas imagens pareciam confirmação notável da prova astro-arqueológica que situava Tiahuanaco em fins do Pleistoceno e que solapava ainda mais a cronologia histórica ortodoxa, que atribuía à cidade apenas 1.500 anos de idade, uma vez que o Toxodonte, presumivelmente, só poderia ter sido modelado à vista de um espécime vivo. Era matéria de alguma importância, portanto, que nada menos de 46 cabeças de Toxodontes tenham sido talhadas no friso do Portal do Sol. Tampouco era a feia caricatura do animal limitada apenas ao Portal. Muito ao contrário, o Toxodonte havia sido identificado em numerosos fragmentos de louça de barro tiahuanacana. Ainda mais convincente, fora representado em várias peças de escultura, que o mostravam em plena glória tridimensional. Além do mais, tinham sido encontradas representações de outros animais extintos: as espécies incluíam o *Shelidoterium*, um quadrúpede de hábitos diurnos, e o *Macrauchenia*, um animal um pouco maior do que o cavalo moderno, com pés triungulados bem claros.

Essas imagens significavam que Tiahuanaco era uma espécie de livro ilustrado do passado, um registro de animais estranhos, hoje mais extintos do que o dodo, gravados em pedra para a eternidade.

A confecção do registro, porém, chegara certo dia subitamente ao fim e a escuridão descera sobre a terra. Esse fato, igualmente, estava gravado na pedra - o Portal do Sol, essa soberba obra de arte, jamais fora completado. Alguns aspectos inacabados do friso faziam com que fosse provável que alguma coisa inesperada e pavorosa tivesse acontecido, o que levou o escultor, nas palavras de Posnansky, "a deixar cair para sempre o cinzel" no momento em que "estava dando os retoques finais em sua obra".

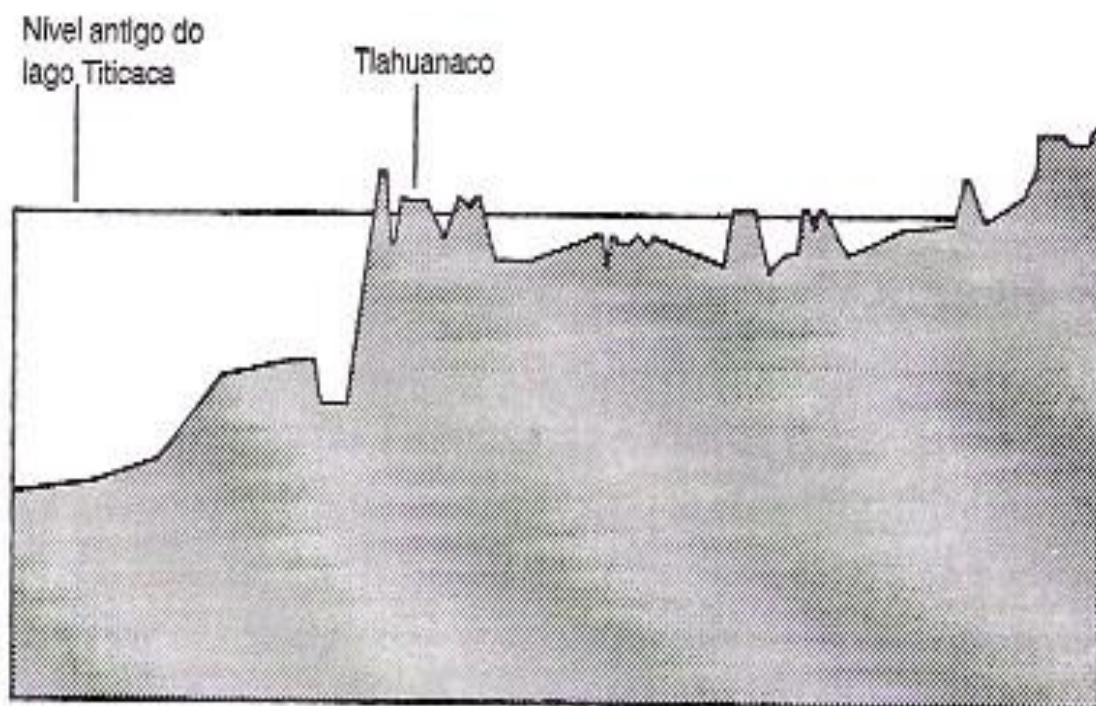
CAPÍTULO 12

O Fim dos Viracochas

Vimos no Capítulo 10 que Tiahuanaco foi construída originalmente como porto nas margens do lago Titicaca, quando o lago era muito mais largo e mais de 30m mais profundo do que hoje. Enormes construções portuárias, pieres e diques (e mesmo locais de descarga de pedra tirada de pedreiras em pontos abaixo da velha linha d'água) não deixam dúvida que tudo isso deve ter existido. De acordo com as estimativas heterodoxas do professor Posnansky, Tiahuanaco funcionava como porto muito movimentado em data tão remota como o ano 15000 a.C., a data que ele sugeriu como a da construção da Kalasasaya, que continuou a servir como tal por aproximadamente cinco mil anos e que, durante esse enorme período, sua posição em relação à praia do lago praticamente não mudou.

Durante toda essa época, o ancoradouro principal da cidade portuária esteve localizado a centenas de metros a sudoeste da Kalasasaya, em um sitio ora conhecido como Puma Punku (literalmente, o Portal do Puma). Nesse local, as escavações de Posnansky revelaram a existência de duas docas artificialmente abertas em cada lado de um "autêntico pier, ou cais... onde centenas de embarcações poderiam, a qualquer tempo, ancorar e descarregar suas pesadas cargas".

Um dos blocos de construção usados na construção do pier ainda se encontrava no local e pesava umas estimadas 400 toneladas. Numerosos outros pesavam entre 100 e 150 toneladas. Além do mais, muitos dos maiores monólitos haviam sido claramente ligados uns aos outros por grampos de metal em forma de L. Eu sabia que, em toda a América do Sul, essa técnica de construção só havia sido encontrada em Tiahuanaco. A última vez em que eu vi as depressões características, em entalhes que lhe provavam o uso, tinha sido nas ruínas da ilha de Elefantina, no Nilo, no Alto Egito.



Há 12.000 anos, quando o lago Titicaca tinha uma profundidade de uns 30m mais do que atualmente, Tiahuanaco teria sido uma ilha, conforme mostrado acima.

Igualmente intrigante era a existência do símbolo da cruz em muitos desses antigos blocos. Repetindo-se inúmeras vezes, especialmente no acesso setentrional ao Puma Punku, o símbolo assumia sempre a mesma forma: um crucifixo duplo em linhas muito claras, perfeitamente equilibrado e harmonioso, profundamente rebaixado na dura pedra cinzenta. Mesmo de acordo com a cronologia ortodoxa, essas cruzeiras tinham nada menos de 1.500 anos de idade. Em outras palavras, haviam sido ali entalhadas por um povo que nenhum conhecimento tinha do cristianismo, um milênio inteiro antes da chegada dos primeiros missionários espanhóis ao altiplano.

Onde, por falar nisso, haviam os cristãos obtido a cruz? Não só da forma da estrutura onde Cristo fora pregado, pensava eu, mas também de uma origem muito mais antiga. Os antigos egípcios, por exemplo, não haviam usado um hieróglifo muito parecido com a cruz (a ankh, ou crux ansata) para simbolizar a vida... o hálito de vida... a

própria vida eterna? Surgira o símbolo no Egito, ou tivera talvez origem em outro local, e em uma era ainda mais remota?

Com essas idéias se atropelando em minha mente, andei vagarosamente em torno do Puma Punku. O extenso perímetro, que formava um retângulo de várias centenas de metros de comprimento, punha em destaque uma baixa colina de forma piramidal, nesse momento densamente coberta por relva alta. Dezenas e dezenas de enormes blocos espalhavam-se em todas as direções, jogados como se fossem palitos de fósforo, argumentou Posnansky, pela terrível calamidade natural que se abatera sobre Tiahuanaco no undécimo milênio a.C.:

Essa catástrofe foi ocasionada por movimentos sísmicos, que provocaram transbordamento das águas do lago Titicaca e erupções vulcânicas... É também possível que o aumento temporário do nível do lago tenha sido causado, em parte, pelo rompimento das barreiras naturais de alguns lagos mais ao norte e situados em maior altitude (...) liberando, dessa maneira, a água que desceu na direção do lago Titicaca em torrentes impetuosas e incontrolláveis.

A prova de Posnansky, de que um dilúvio fora a causa da destruição de Tiahuanaco, incluía o seguinte:

A descoberta de flora lacustre, *Paludetrina culminea* e *Paludetrina andecola*, *Ancylus titicacensis*, *Planorbis titicacensis* etc., misturada em depósitos de aluvião com os esqueletos de seres humanos que pereceram no cataclismo... e a descoberta de vários esqueletos de *Orestias*, um peixe da família dos atuais bogas, no mesmo aluvião que contém os restos humanos...

Além disso, fragmentos de esqueletos humanos e de animais foram encontrados em desordem caótica entre pedras trabalhadas, utensílios, instrumentos e uma variedade interminável de outras coisas. Tudo isso havia sido movido de um lado para outro, quebrado

e acumulado em uma pilha desordenada. Quem quer que abrisse nesse local um buraco de dois metros de profundidade não poderia negar que a força destrutiva da água, em combinação com movimentos bruscos da terra, deveria ter acumulado esses diferentes tipos de ossos, misturando-os com louça de barro, jóias, instrumentos e utensílios (...) Camadas de depósitos de aluvião cobrem todo o campo das ruínas; areia lacustre, misturada com conchas do Titicaca, feldspato decomposto e cinzas vulcânicas, acumularam-se nos locais cercados por muralhas...

Foi realmente terrível a catástrofe que caiu sobre Tiahuanaco. E se Posnansky tinha razão, isso aconteceu há mais de 12.000 anos. Daí em diante, embora as águas da inundação tivessem baixado, "a cultura do altiplano nunca mais atingiu um alto ponto de desenvolvimento, caindo, em vez disso, em decadência total e definitiva".

Luta e Abandono

Esse processo foi acelerado pelo fato de que os terremotos, que haviam levado o lago Titicaca a cobrir Tiahuanaco, foram apenas os primeiros de muitas outras sobrelevações na área. Inicialmente, esses abalos provocaram aumento do nível das águas do lago e inundação das margens, mas logo em seguida começaram a apresentar o efeito oposto, reduzindo lentamente a profundidade e a área de superfície do Titicaca. Passando-se os anos, o lago continuou a diminuir, centímetro por centímetro, isolando a grande cidade, separando-a implacavelmente das águas que haviam desempenhado papel tão vital em sua vida econômica.

Simultaneamente, há prova de que o clima na área de Tiahuanaco tornou-se mais frio e muito menos favorável à agricultura do que antes, tão menos favorável que hoje culturas básicas como o milho não conseguem amadurecer bem e até batatas nascem atrofiadas.

Embora fosse difícil reunir todos os diferentes elementos da complicada cadeia de fatos ocorridos, parece que "um período de calma seguiu-se ao momento crítico da perturbação sísmica", que temporariamente havia inundado Tiahuanaco. Em seguida, lenta, mas ininterruptamente, "o clima piorou e tornou-se inclemente. Finalmente, ocorreram emigrações em massa dos povos andinos em direção a locais onde a luta pela vida fosse menos árdua".

Parece que os habitantes altamente civilizados de Tiahuanaco, lembrados nas tradições locais como "o povo de Viracocha", não se entregou sem luta. Há provas enigmáticas em todo o altiplano de que experimentos agrícolas de natureza avançada e científica foram realizados, com grande engenhosidade e dedicação, numa tentativa de compensar a deterioração do clima. Pesquisas recentes, por exemplo, demonstram que análises surpreendentemente sofisticadas da composição química de numerosas plantas e tubérculos venenosos de alta altitude foram, na mais remota antiguidade, realizados por alguém nessa região. Essas análises, além disso, foram acompanhadas da invenção de técnicas de desintoxicação, que tornaram inócuos e próprios para alimentação esses vegetais, sob outros aspectos nutritivos. Não há ainda "explicação satisfatória do desenvolvimento desses processos de desintoxicação", reconheceu David Browman, professor-adjunto de antropologia da Washington University.

De igual maneira, no mesmo período antigo, alguém ainda não identificado deu-se a grandes trabalhos para preparar campos elevados nas terras recém-expostas, que até data bem próxima estavam cobertas pelas águas do lago - procedimento este que criou faixas corrugadas características de terreno alto e baixo alternado. Só na década de 1960 é que foi compreendida a função inicial desses padrões ondulados de plataformas de terra e canais rasos. Ainda visíveis hoje, e conhecidos como waru waaru pelos índios, descobriu-se que faziam parte de um projeto agrícola complexo, aperfeiçoado em tempos pré-históricos, que "superava as técnicas agrícolas modernas".

Em anos recentes, os campos elevados foram reconstruídos por arqueólogos e agrônomos. Essas glebas experimentais produziram invariavelmente três vezes mais batatas do que as glebas convencionais mais produtivas. De idêntica maneira, durante um período especialmente frio, uma geada forte "pouquíssimo dano causou aos campos experimentais". No ano seguinte, as culturas plantadas nas plataformas elevadas sobreviveram a uma seca igualmente ruínosa e, em seguida, "desenvolveu-se alta e seca durante uma inundação que cobriu as terras agrícolas vizinhas". Na verdade, essa técnica agrícola simples, mas eficaz, inventada por uma cultura tão antiga que ninguém pode hoje sequer lembrar-lhe o nome, teve tal sucesso na Bolívia rural que atraiu a atenção de órgãos locais e internacionais e foi também submetida a provas em várias outras partes do mundo.

Uma Língua Artificial

Outro possível legado de Tiahuanaco, e dos Viracochas, faz parte da língua hoje falada pelos índios aymara locais - língua esta considerada por alguns especialistas como a mais antiga do mundo.

Na década de 1980, Ivan Guzman de Rojas, um cientista boliviano especializado em computadores, descobriu acidentalmente que a língua aymara poderia ser não apenas muito antiga, mas, o que é muito importante, ser uma língua "inventada" - alguma coisa deliberada e habilmente concebida. De interesse especial é o caráter aparentemente artificial de sua sintaxe, rigidamente estruturada e inequívoca a um ponto considerado inconcebível na fala normal "orgânica". Essa estrutura sintética e altamente organizada implicava que a língua aymara podia ser transformada, com a maior facilidade, em algoritmo de computador e ser usada para traduzir uma língua em outra. "O algoritmo aymara é usado como língua-ponte. A língua de um documento original é traduzida para a aymara e, em seguida, em qualquer número de outras línguas".

Seria apenas coincidência que uma língua aparentemente artificial, estruturada por uma sintaxe com afinidade com computadores, fosse falada hoje apenas nas imediações de Tiahuanaco? Ou poderia a língua aymara ser um legado da alta cultura que a lenda atribui aos Viracochas? Se assim, que outros legados poderão existir? Que outros fragmentos incompletos de uma sabedoria antiga e esquecida podem estar espalhados pela terra - fragmentos que talvez tenham contribuído para a riqueza e diversidade de muitas culturas que evoluíram nessa região durante os 10.000 anos que antecederam a conquista? Talvez tenha sido a posse de fragmentos como esses que tornou possível o traçado das linhas de Nazca e permitiu aos predecessores dos incas construir as muralhas de pedra "impossíveis" de Machu Picchu e Sacsayhuaman?

México

A imagem que eu não conseguia tirar da mente era a da partida do povo de Viracocha, "andando sobre as águas" do oceano Pacífico, ou "viajando milagrosamente" pelo mar, como contam tantas lendas.

Para onde teriam ido os navegantes? Qual teriam sido seus objetivos? E por que, por falar nisso, eles haviam feito um esforço tão obstinado para permanecer em Tiahuanaco por tanto tempo, antes de reconhecer a derrota e ir embora? O que haviam tentado realizar ali e que fora tão importante para eles?

Depois de várias semanas de trabalho no altiplano, em viagens de ida e volta entre La Paz e Tiahuanaco, tornou-se claro para mim que nem as ruínas sobrenaturais nem as bibliotecas da capital iriam me fornecer mais respostas. Na verdade, pelo menos na Bolívia, parecia que a pista desaparecera.

Só quando cheguei ao México, a 3.200km ao norte, é que lhe reencontrei os vestígios.

Parte III

A Serpente Emplumada

América Central

CAPÍTULO 13

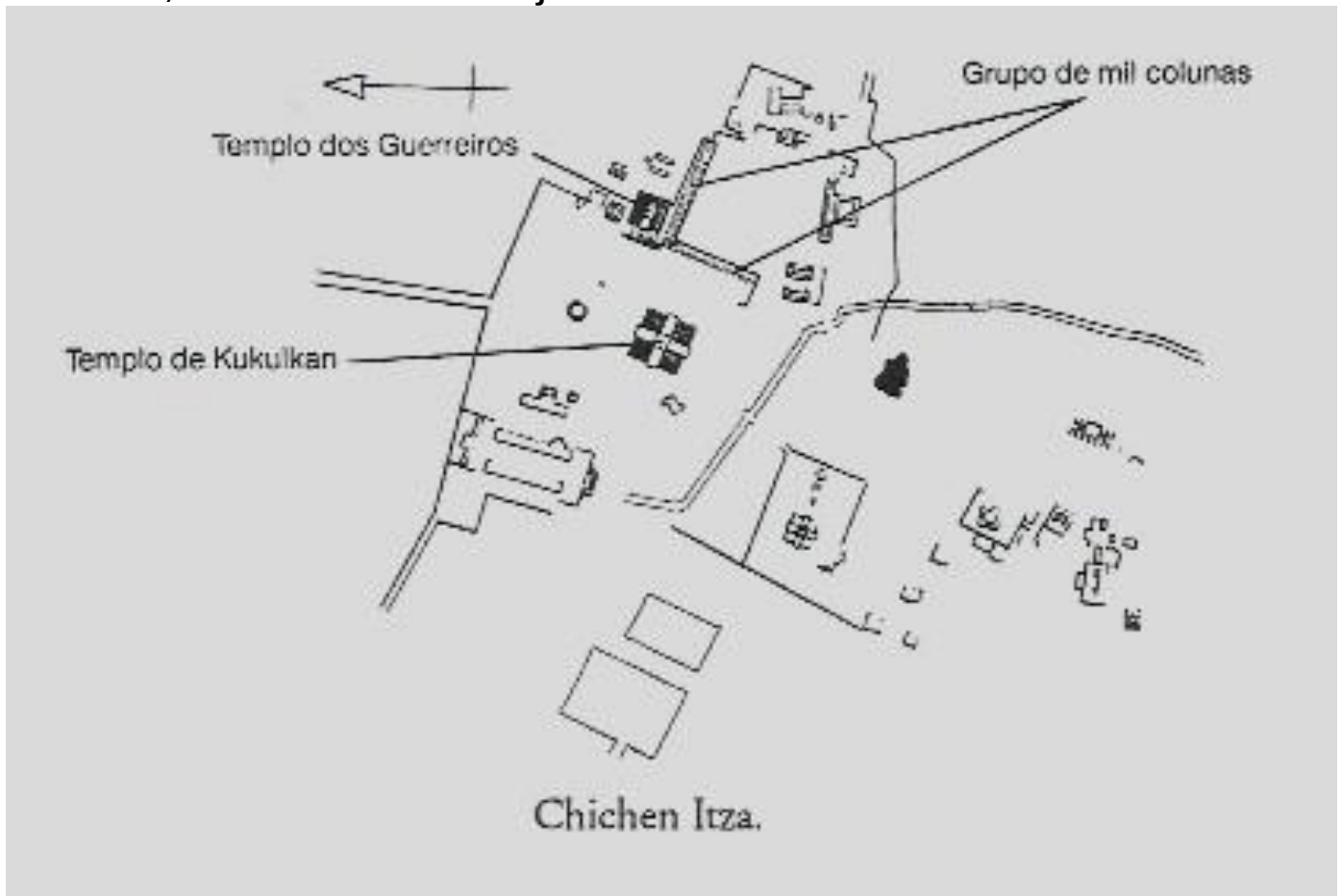
O Sangue e o Tempo no Fim do Mundo

Chichen Itza, norte de Yucatán, México

Às minhas costas, varando o ar a quase 35m de altura, erguia-se um zigurate perfeito, o Templo de Kukulkan. Suas quatro escadarias tinham 91 degraus cada. Juntamente com a plataforma superior, que contava também como mais um degrau, o total chegava a 365 degraus, o que correspondia ao número de dias completos do ano solar. Além disso, o projeto geométrico e a orientação da antiga estrutura haviam sido graduados com uma precisão de relógio suíço para atingir um objetivo tão espetacular quanto esotérico: nos equinócios da primavera e outono, com a regularidade de um mecanismo de relógio, padrões triangulares de luz e sombra se combinavam para criar a ilusão de uma serpente gigantesca, ondulando na escadaria norte. Em ambas as ocasiões, a ilusão durava três horas e 22 minutos, exatamente!

Deixei para trás o Templo de Kukulkan e tomei a direção leste. À minha frente, desmentindo redondamente a falácia freqüentemente repetida de que os povos da América Central jamais conseguiram usar a coluna como recurso arquitetônico, erguia-se uma floresta de colunas de pedra branca que, em alguma ocasião no passado, deviam ter sustentado um telhado maciço. O sol brilhava forte e quente através do azul translúcido de um céu sem nuvens e as sombras frias e profundas da área constituíam um convite tentador. Passei pelo local

e dirigi-me para o pé dos degraus altos que levavam ao Templo dos Guerreiros, uma estrutura adjacente.



No alto dos degraus, e tornando-se inteiramente visível apenas depois de eu ter começado a galgá-los, destacava-se uma figura gigantesca, o ídolo de Chacmool, meio deitado, meio sentado, em uma postura estranhamente dura e expectante joelhos dobrados projetando-se para a frente, panturrilhas fortes puxadas para trás, tocando as coxas, calcanhares juntos colados às nádegas, cotovelos plantados no chão, mãos dobradas sobre o ventre, segurando um prato vazio, e as costas em um ângulo estranho, como se a figura estivesse justamente pronta para erguer-se. Se tivesse feito isso, calculei, ela teria cerca de 2,40m de altura. Mesmo reclinada, enrascada e fortemente comprimida, parecia transbordar de uma energia feroz e impiedosa. As feições quadradas tinham lábios finos e implacáveis, tão duros como a pedra em que haviam sido talhados, os olhos virados para oeste, que era tradicionalmente a direção das trevas, da morte e da cor preta.

Lugubremente, continuei a subir os degraus do Templo dos Guerreiros. Como se fosse um peso na mente, havia o fato inescusável de que rituais de sacrifícios humanos haviam sido rotineiramente praticados nesse local em tempos pré-colombianos. O prato vazio que Chacmool segurava junto ao estômago servira em eras remotas para receber corações recém-extraídos do peito. "Se o coração de uma vítima ia ser extirpado", escreveu um observador espanhol do século XVI, ela era conduzida com grande pompa (...) e colocada sobre a pedra sacrificial. Quatro ajudantes seguravam-lhe os braços e as pernas, estirando-os. Chegando em seguida o carrasco, com uma faca de sílex na mão, ele, com grande perícia, fazia uma incisão entre as costelas do lado esquerdo e abaixo do bico do seio. Em seguida, enfiava a mão e, como se fosse um tigre faminto, arrancava o coração vivo, que depositava no prato...

Que tipo de cultura poderia ter cultivado e celebrado esse costume demoníaco? Ali, em Chichen Itza, entre ruínas com mais de 1.200 anos de idade, tinha havido uma sociedade híbrida, produto do cruzamento de elementos maias e toltecas. Essa sociedade, porém, não fora absolutamente excepcional na propensão para cerimônias cruéis e bárbaras. Muito ao contrário, todas as grandes civilizações indígenas que se sabe que floresceram no México praticaram o extermínio ritualizado de seres humanos.

Matadouros

Villahermosa, Província de Tabasco

Nesse momento, eu olhava para o Altar de Sacrifício de Bebês. O local, criação dos olmecas, a denominada "cultura-matriz" da América Central, tinha mais de 3.000 anos de idade. Era um bloco de granito maciço, de cerca de 1,20m de espessura, tendo nos lados, em alto-relevo, quatro homens usando curiosos adereços de cabeça. Todos tinham nas mãos um bebê sadio, gordinho, esperneando em um pavor

claramente visível. A parte posterior do altar era destituída de decoração; já na frente, era representada uma figura tendo nos braços, como uma oferenda, o corpo de uma criança morta.

Os olmecas foram a civilização antiga mais avançada do México antigo e o sacrifício de seres humanos constituía um de seus costumes tradicionais. Dois mil e quinhentos anos mais tarde, por ocasião da conquista espanhola, os astecas eram os últimos (mas não os menos importantes) dos povos da região que davam prosseguimento a uma tradição extremamente antiga e profundamente enraizada.

E praticavam-na com fanático entusiasmo.

Consta dos anais, por exemplo, que Ahuitzod, o oitavo e mais poderoso imperador da dinastia real asteca, "celebrou a inauguração do templo de Huitzilopochtli, em Tenochitlán, mandando formar prisioneiros em quatro filas, que marcharam diante de equipes de sacerdotes que trabalharam durante quatro dias seguidos para dar cabo de todos eles. Nessa ocasião, nada menos de 80.000 indivíduos foram sacrificados em um único rito cerimonial".

Os astecas gostavam de se enfeitar com a pele arrancada das vítimas sacrificiais.

Bernardino de Sahagun, um missionário espanhol, compareceu a uma dessas cerimônias pouco depois da conquista:

Os celebrantes esfolavam e esquartejavam os cativos. Em seguida, lubrificavam seus corpos nus com sebo e vestiam a pele. (...) Escorrendo sangue e gordura, esses homens sinistramente vestidos corriam através da cidade, apavorando aqueles a quem perseguiam... O rito do segundo dia incluiu também um banquete de carne humana para a família de cada guerreiro.

Outro sacrifício em massa foi presenciado por Diego de Durán, historiador espanhol. Nesse caso, as vítimas foram tão numerosas que, quando os riachos de sangue, que desciam pelos degraus do templo, "chegaram ao chão e coagularam, formaram grossos torrões,

o suficiente para apavorar todos que se encontravam ali". No total, estima-se que o número de vítimas sacrificiais no império asteca como um todo chegou a cerca de 250.000 ao ano, no início do século XVI. A que fim servia essa destruição insana de vidas humanas? De acordo com os próprios astecas, o ritual era praticado para retardar o fim do mundo.

Os Filhos do Quinto Sol

Tais como os muitos e diferentes povos e culturas que os precederam no México, os astecas acreditavam que o universo funcionava de acordo com grandes ciclos. Os sacerdotes afirmavam, como fato corriqueiro, que quatro desses ciclos, ou "Sóis", já haviam transcorrido desde a criação da raça humana. Na época da conquista, prevalecia o Quinto Sol, o mesmo Quinto Sol, ou época, que a humanidade ainda vive hoje. A explicação seguinte foi extraída de uma coleção rara de documentos astecas, conhecida como Vaticano-Latin Codex:

Primeiro Sol, Matlacli Atl; duração: 4.008 anos. Os que viveram nesse tempo comiam milho d'água, chamado atzitzintli. Nessa época, viviam os gigantes. (...) O Primeiro Sol foi destruído pela água no signo Matlacli Atl (Dez Águas). Foi chamado de Apachiohualiztli (inundação, dilúvio), ou a arte da feitiçaria da chuva permanente. Os homens foram transformados em peixes. Dizem alguns que escapou apenas um casal, protegido por uma velha árvore que crescia perto da água. Outros dizem que houve sete casais, que se esconderam em uma caverna até passar a enchente e baixarem as águas. Eles repovoaram a terra e foram adorados como deuses em suas nações...

Segundo Sol, Ehecoatl; duração: 4.010 anos. Os que viveram nessa época comiam frutos silvestres, como o acotzintli. Esse Sol foi destruído por Ehecoatl (Serpente do Vento) e os homens foram

transformados em macacos. (...) Um homem e uma mulher, no alto de uma rocha, foram salvos da destruição...

Terceiro Sol. Tleyquiyahuillo; duração: 4.081 anos. Os homens, descendentes do casal sobrevivente do Segundo Sol, comiam uma fruta chamada tzincoacoc. Esse Terceiro Sol foi destruído pelo fogo...

Quarto Sol. Tzontlilic; duração: 5.026 anos. Os homens morreram de fome após um dilúvio de sangue e fogo...

Outro "documento cultural" dos astecas que sobreviveu à destruição da conquista é a denominada "Pedra do Sol", de Axayacatl, o sexto imperador da dinastia real. Esse monólito gigantesco, talhado em basalto maciço por volta do ano 1479 d.C., pesa 24,5t e consiste numa série de círculos concêntricos com inscrições, todas elas ostentando intrincadas afirmações simbólicas. Da mesma forma que no códex, essas afirmações concentram-se na crença em que o mundo já passou por quatro épocas, ou Sóis. A primeira e mais antiga delas é representada pelo Ocelotonatiuh, o deus jaguar: "Durante esse Sol, viveram os gigantes criados pelos deuses, mas eles foram finalmente atacados e devorados pelos jaguares". O Segundo Sol é representado pela cabeça de serpente de Ehecoatl, o deus do ar. "Durante esse período, a raça humana foi destruída por fortes ventos e tufões, tendo sido os homens transformados em macacos". O símbolo do Terceiro Sol era a nuvem de tempestade e o fogo celestial: "Nessa época, tudo foi destruído por uma certa chuva de fogo que caiu do céu e por formação de lava. Todas as casas foram queimadas. Os homens foram convertidos em aves para sobreviver à catástrofe". O Quarto Sol é representado pela cabeça da deusa da água, Chalchiuhlicue: "A destruição chegou sob a forma de chuvas torrenciais e de inundações. As montanhas desapareceram e os homens foram transformados em peixes".

O símbolo do Quinto Sol, a época atual, é a face de Tonatiuh, o próprio deus-sol. Sua língua, apropriadamente descrita como uma faca de obsidiana, projeta-se faminta da boca, sinalizando a

necessidade de alimento sob a forma de sangue e corações humanos. Suas feições são enrugadas, a fim de indicar idade avançada, e ele aparece dentro do símbolo Ollin, que significa Movimento.

Por que será o Quinto Sol conhecido como "O Sol do Movimento"? Porque, "dizem os anciãos: nele haverá um movimento da terra e disso todos nós morreremos".

E quando acontecerá essa catástrofe? Logo, segundo os sacerdotes astecas. Acreditavam eles que o Quinto Sol já era muito velho e que se aproximava do fim de seu ciclo (daí as rugas na face de Tonatiuh). Tradições antigas da América Central datavam o início dessa época em um período remoto correspondente ao quarto milênio a.C. de acordo com o calendário cristão. O método para se calcular o fim, porém, havia sido esquecido ao tempo dos astecas. Na falta dessa informação essencial, sacrifícios humanos eram aparentemente realizados na esperança de adiar a catástrofe iminente. Na verdade, os astecas vieram a considerar-se um povo eleito. Estavam convencidos de que haviam sido encarregados da missão divina de fazer guerra e oferecer o sangue dos cativos para alimentar Tonatiuh, preservando, dessa maneira, a vida do Quinto Sol.

Stuart Fiedel, autoridade na pré-história das Américas, resumiu toda essa questão nas palavras seguintes: "Os astecas acreditavam que, para prevenir a destruição do universo, que já ocorrera quatro vezes no passado, os deuses tinham que ser propiciados com uma dieta regular de corações e sangue humano." A mesma crença, com um número notavelmente pequeno de variações, foi compartilhada por todas as grandes civilizações da América Central. Ao contrário dos astecas, porém, alguns dos povos mais antigos calcularam exatamente quando um grande movimento da terra poderia ser esperado, levando ao fim o Quinto Sol.

O Portador da Luz

Nenhum documento, salvo esculturas sombrias e ameaçadoras, chegou até nós com origem na era olmeca. Os maias, porém, com toda razão considerados como a maior civilização antiga surgida no Novo Mundo, deixaram uma grande riqueza de calendários. Traduzidos em termos do moderno sistema de datação, essas inscrições enigmáticas transmitem uma mensagem muito curiosa: o Quinto Sol, ao que parece, vai chegar ao fim no dia 23 de dezembro de 2012.

No clima intelectual racional de fins do século XX, é coisa fora de moda levar a sério profecias sobre o dia do Juízo Final. O consenso é que elas são produtos de mentes supersticiosas e que podem ser ignoradas sem perigo. Enquanto viajava pelo México, no entanto, de vez em quando eu era incomodado pela intuição insistente de que as vozes dos sábios antigos poderiam merecer, afinal de contas, alguma atenção. Quero dizer, suponhamos que, por algum acaso maluco, eles não fossem os selvagens supersticiosos que sempre acreditamos que tenham sido. Suponhamos que soubessem de alguma coisa que não sabemos. Mais pertinente que tudo, suponhamos que a data projetada para o fim do Quinto Sol acabe sendo correta. Suponhamos, em outras palavras, que alguma catástrofe geológica realmente horrível já esteja se desenvolvendo, bem no fundo das entranhas da terra, como previram os sábios maias.

No Peru e na Bolívia, tornei-me consciente do interesse obsessivo pelos cálculos sobre o tempo demonstrado pelos incas e seus predecessores. Nesse momento, no México, eu descobria que os maias, que acreditavam ter descoberto a data do fim do mundo, haviam sido vítimas da mesma compulsão. Na verdade, para esse povo, praticamente tudo se resumia em números, na passagem dos anos e nas manifestações de fatos. A crença era que, se os números que davam substância às manifestações pudessem ser compreendidos, seria possível prever com exatidão o momento em

que os próprios fatos aconteceriam. Eu nenhuma inclinação sentia para ignorar as implicações lógicas das destruições repetidas da humanidade, descritas de forma tão vívida nas tradições da América Central. Completas com gigantes e dilúvios, essas tradições eram sobrenaturalmente semelhantes às da distante região andina.

Além do mais, eu estava muito interessado em seguir outra e correlata linha de indagação, que dizia respeito a uma divindade barbuda, de pele branca, chamada Quetzalcoatl, que se acreditava ter, na antiguidade remota, chegado ao México pelo mar. A ele era dado o crédito pela criação das avançadas fórmulas matemáticas e relativas à confecção de calendários que os maias usariam mais tarde para calcular a data do fim do mundo. Ele exibia também uma semelhança notável com Viracocha, o deus branco dos Andes, que chegara a Tiahuanaco "no tempo das trevas", trazendo as dádivas da luz e da civilização.

CAPÍTULO 14

O Povo da Serpente

Depois de passar tanto tempo mergulhado nas tradições do Viracocha, o deus barbudo dos Andes distantes, fiquei intrigado ao descobrir que Quetzalcoatl, a principal divindade do panteão mexicano, era descrito em termos que me pareciam muito conhecidos. Um mito pré-colombiano recolhido no México por Juan de Torquemada, historiador espanhol do século XVI, por exemplo, afirmava que Quetzalcoatl era "um homem louro e corado, com uma longa barba". Outro mito referia-se a ele dizendo "era Hombre blanco; homem alto, de testa larga, olhos enormes, cabelos compridos, e uma barba espessa e redonda - la barba grande y redonda". Outro descrevia-o ainda como uma pessoa misteriosa (...) um homem branco de corpo possante, testa larga, olhos grandes e barba ondulante. Vestia um manto longo e branco que lhe chegava aos pés. Ele condenou os sacrifícios, exceto de flores e frutos, e era conhecido

como o deus da paz... Conta-se que, quando lhe falaram sobre o assunto guerra, ele tapou os ouvidos com os dedos.

De acordo com uma tradição particularmente notável da América Central, esse "sábio instrutor" veio do outro lado do mar em um barco que se movia por si mesmo, sem remos. Ele era um homem branco, alto, barbudo, que ensinou o povo a usar o fogo para cozinhar. Construiu também casas e mostrou a casais que poderiam viver juntos como marido e mulher e, uma vez que pessoas freqüentemente brigavam naqueles dias, ele lhes ensinou a viver em par.

O Gêmeo Mexicano de Viracocha

O leitor certamente se lembra que Viracocha, em suas jornadas pelos Andes, era conhecido por diversos nomes. O mesmo aconteceu com Quetzalcoatl. Em algumas partes da América Central (notamente entre os maias quiche) era chamado de Gucumatz. Em outros locais, como, por exemplo, em Chichen Itza, tinha o nome de Kukulcan. Quando as duas palavras foram traduzidas para o inglês, descobriu-se que significavam exatamente a mesma coisa: Serpente Emplumada (ou de Penas). Este era também o significado da palavra Quetzalcoatl.

Havia outras divindades, especialmente entre os maias, cuja identidade parecia fundir-se estreitamente com a de Quetzalcoatl. Uma delas, Votan, um grande civilizador, era descrito também como de pele clara, barbudo e vestido com um longo manto. Os estudiosos não conseguiram descobrir uma tradução para seu nome, embora seu símbolo principal, tal como o de Quetzalcoatl, fosse uma serpente. Outra figura muito parecida atendia pelo nome de Izamana, o deus maia da cura, um indivíduo barbudo, vestido com um manto e cujo símbolo também era a cascavel.

O que emergiu de tudo isso, como concordaram as principais autoridades nesse particular, foi que as lendas mexicanas compiladas e passadas adiante pelos historiadores espanhóis à época da conquista eram, com freqüência, produtos confusos e fundidos de

tradições orais extremamente antigas. Por trás de todas elas, contudo, parecia que teria que haver alguma sólida realidade histórica. Na opinião de Sylvanus Griswold Morley, decano dos estudos sobre os maias:

O grande deus Kukulcan, a Serpente Emplumada, foi a contrapartida maia do Quetzalcoatl asteca, o deus mexicano da luz, dos conhecimentos e da cultura. No panteão maia, ele era considerado como tendo sido o grande organizador, o fundador de cidades, o elaborador de leis e o criador do calendário. Na verdade, seus atributos e biografia são tão humanos que não é improvável que ele possa ter sido um personagem histórico real, algum grande legislador e organizador, persistindo, após sua morte, as recordações de seus atos de benemerência, e cuja personalidade acabou por ser divinizada.

Todas as lendas diziam inequivocamente que Quetzalcoatl/Kukulcan/Gucumatz/Votan/Izamana chegara à América Central procedente de algum lugar muito distante (do outro lado do "Mar Oriental") e que, em meio a grande tristeza, ele viajara novamente na direção de onde viera. As lendas acrescentavam que ele prometera solenemente que voltaria um dia - uma clara reedição da história de Viracocha que seria quase uma maldade atribuir à coincidência. Além disso, vale a pena lembrar que a partida de Viracocha através das ondas do oceano Pacífico era descrita nas tradições andinas como um fato milagroso. A partida de Quetzalcoatl, ao deixar o México, teve também uma estranha conotação, dizendo as lendas que ele se fora em "uma jangada feita de serpentes".

Tudo bem pesado, acho que Morley teve razão ao procurar um ambiente histórico factual subjacente aos mitos maia e mexicano. O que as tradições pareciam indicar era que o estrangeiro de pele clara chamado Quetzalcoatl (ou Kukulcan, ou o que quer que fosse) não fora uma única pessoa, mas provavelmente várias, ali chegadas procedentes do mesmo lugar e pertencentes a um tipo étnico que evidentemente nada tinha de índio (barbudo, pele branca, etc.). Esse faro foi sugerido não só pela existência de uma "família" de deuses

obviamente aparentados, embora ligeiramente diferentes, que compartilhavam o símbolo da serpente. Quetzalcoatl/Kukulcan/Izamana era claramente descrito em numerosas histórias mexicanas e maias como tendo chegado acompanhado de "atendentes", ou "assistentes".

Alguns mitos mencionados nos textos maias religiosos antigos conhecidos como Livros de Chilam Balam, por exemplo, diziam que "os primeiros habitantes de Yucatán constituíam o 'Povo da Serpente', que chegara em barcos, do outro lado do mar, encabeçados por Izamana, a 'Serpente do Leste', um curador que podia salvar vidas com imposição das mãos e ressuscitar os mortos".

"Kukulcan", dizia outra tradição, "chegou com dezenove companheiros, dois dos quais eram deuses dos peixes, dois outros, deuses da agricultura, e, um, deus do trovão... Eles permaneceram dez anos no Yucatán. Kukulcan elaborou leis sábias, fez-se ao mar em seguida e desapareceu na direção do sol nascente...".

De acordo com Las Casas, historiador espanhol, "os nativos afirmavam que, nos tempos antigos, chegaram ao México vinte homens, cujo chefe era chamado Kukulcan (...) Eles usavam mantos ondulantes e sandálias, tinham longas barbas e cabeças calvas... Kukulcan instruiu o povo nas artes da paz e foi responsável pela construção de vários edifícios importantes...".

Entrementes, Juan de Torquemada registrava a tradição seguinte, muito específica e anterior à conquista, a respeito dos estrangeiros imponentes que haviam chegado ao México em companhia de Quetzalcoatl:

Eles eram homens de boa presença, bem vestidos, usavam mantos de linho preto, abertos no peito, sem pelerine, gola baixa no pescoço, com mangas curtas que não chegavam aos cotovelos. (...) Esses seguidores de Quetzalcoatl eram homens de grande saber e artistas hábeis em todos os tipos de obras finas.

Como se fosse algum gêmeo, há longo tempo perdido, de Viracocha, a divindade andina branca e barbuda, Quetzalcoatl era descrito como tendo trazido para o México todas as perícias e ciências necessárias para criar uma vida civilizada, dando assim início a uma idade áurea. Acreditava-se, por exemplo, que ele tivesse introduzido a arte da escrita na América Central, inventado o calendário e sido o mestre-construtor que ensinou ao povo os segredos da cantaria e da arquitetura. Foi o pai da matemática, da metalurgia, da astronomia e se dizia que havia "medido a terra". Fundou ainda a agricultura produtiva e descobriu e introduziu o milho - literalmente a cultura alimentar básica nessas antigas terras. Grande médico e mestre no uso de remédios, foi o patrono dos curadores e adivinhos "e revelou ao povo os mistérios das propriedades das plantas". Além disso, era reverenciado como legislador, protetor dos artesãos e patrono de todas as artes.

Como se poderia esperar de indivíduo tão refinado e culto, ele proibiu o horrendo costume dos sacrifícios humanos durante o período de sua ascendência no México. Após sua partida, os sanguinolentos rituais voltaram com redobrada fúria. Não obstante, até os astecas, os cultores mais ferrenhos de sacrifícios que jamais existiram na longa história da América Central, lembravam-se "com uma espécie de nostalgia" dos tempos de Quetzalcoatl. "Ele foi um mestre", lembrava uma lenda, "que ensinou que nenhuma coisa viva devia ser prejudicada e que não deviam ser feitos sacrifícios de seres humanos, mas apenas de aves e borboletas."

Guerra Cósmica

Por que Quetzalcoatl teria ido embora? Qual foi o problema? As lendas mexicanas forneceria respostas a essas perguntas? Diziam elas que o esclarecido e benevolente governo da Serpente Emplumada foi encerrado por Tezcatilpoca, cujo nome significava "Espelho Esfumaçado" e cujo culto exigia sacrifícios humanos. Parece

que uma guerra quase cósmica entre as forças da luz e das trevas ocorreu no México antigo e que estas últimas triunfaram...

Não se acredita que o suposto palco desses acontecimentos, ora conhecido como Tula, tenha sido muito antigo - teria não muito mais de 1.000 anos -, muito embora as lendas que os contam estejam ligadas a uma época infinitamente mais remota. Nesses tempos, à margem da história, o local era conhecido como Tollan. Todas as tradições concordam que foi em Tollan que Tezcatilpoca derrotou Quetzalcoatl e obrigou-o a abandonar o México.

Serpentes de Fogo

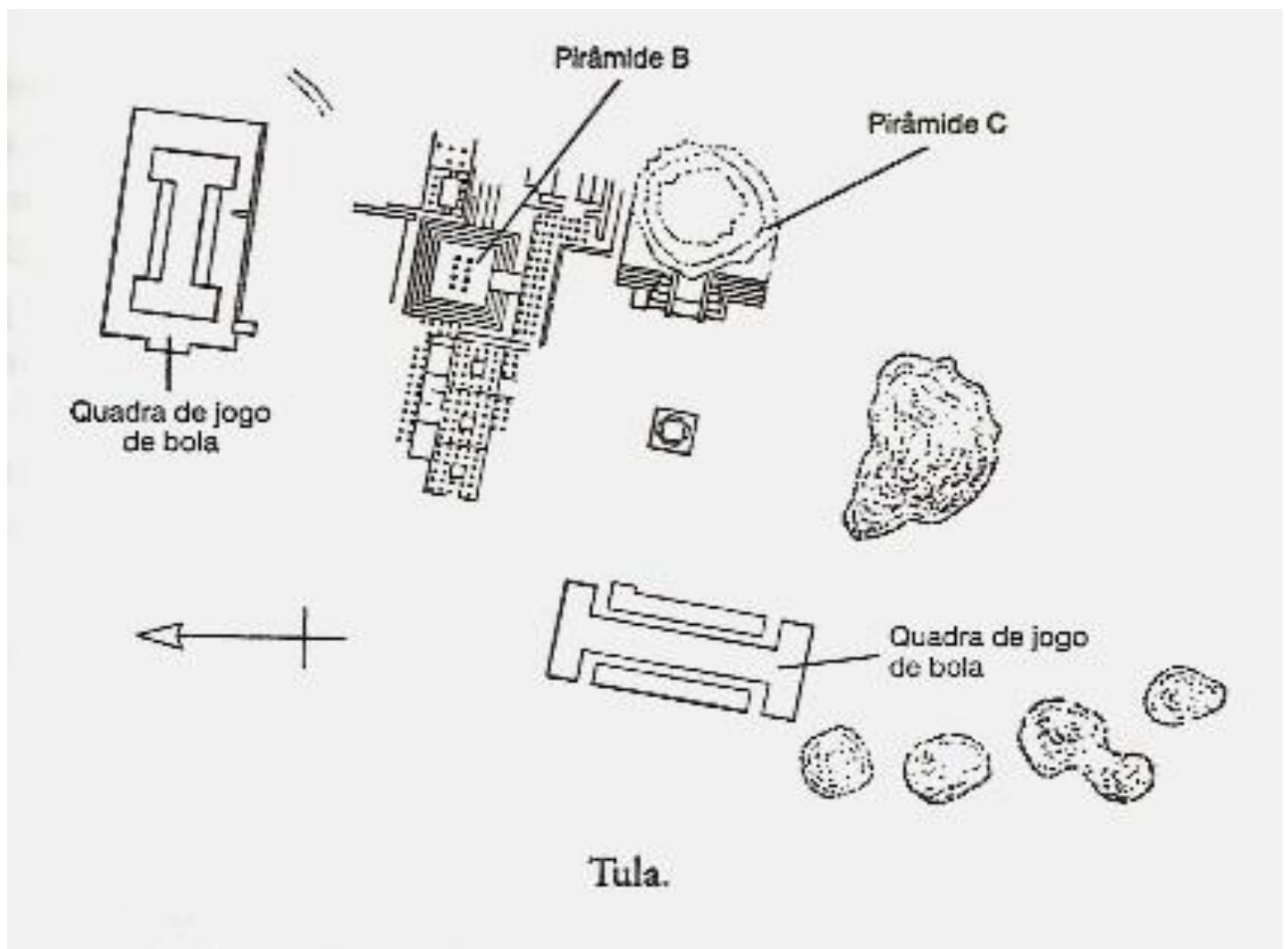
Tula, província de Hidalgo

Eu me encontrava nesse momento sentado no cume plano de uma pirâmide denominada, sem nenhuma imaginação, de Pirâmide B. O sol de fins da tarde brilhava forte em um claro céu azul. De frente para o sul, olhei em volta.

Na base da pirâmide, nos lados norte e leste, vi murais mostrando jaguares e águias, banqueteados com corações humanos. Imediatamente às minhas costas, quatro pilares alinhados e quatro assustadores ídolos de granito, todos eles com 1,90m de altura. À minha frente e à esquerda, vi a parcialmente escavada Pirâmide C, um monte coberto de cacto, de uns 12m de altura, e, mais adiante, mais montes ainda não estudados por arqueólogos. À direita, estendia-se uma arena de jogos. Nesse local comprido, em forma de L, terríveis lutas de gladiadores haviam sido realizadas nos tempos antigos. Equipes, quando não apenas dois indivíduos, lutavam pela posse de uma bola de borracha. Os derrotados eram degolados.

Uma aura solene e intimidadora envolvia os ídolos da plataforma, às minhas costas. Levantei-me e examinei-os com mais atenção. O escultor lhes dera faces duras, implacáveis, narizes aduncos e olhos rasos que pareciam destituídos de qualquer simpatia ou emoção. O

que mais me interessava, porém, não era a aparência dos ídolos, mas o que eles seguravam nas mãos. Arqueólogos, embora reconhecessem que não sabiam realmente o que eram esses objetos, ainda assim identificaram-nos provisoriamente. A identificação "pegou" e hoje é aceita como indiscutível que lançadores de dardos, conhecidos como atl-atls, eram os objetos que os ídolos seguravam na mão direita, e "dardos ou flechas e sacolas de incenso", na mão esquerda. Pouco importava que os objetos em nada se parecessem com atl-atls, lanças, flechas, ou sacolas de incenso.



As fotografias tiradas por Santha Faiia ajudarão o leitor a formar uma idéia sobre esses objetos peculiares. Enquanto estudava os objetos em si, senti a clara impressão de que eles se destinavam a

representar dispositivos que, originalmente, haviam sido feitos de metal. O dispositivo na mão direita, que parecia sair de uma bainha ou guarda de mão, tinha forma de um losango com borda inferior curva. O dispositivo da mão esquerda poderia ter sido um instrumento ou arma de algum tipo.

Lembrei-me de lendas que diziam que os deuses do antigo México usavam os *xiuhcoatl* ou "serpentes de fogo", como armas. Elas, aparentemente, emitiam raios capazes de queimar, perfurar e desmembrar corpos humanos. Seriam "serpentes de fogo" os objetos que os ídolos de Tula tinham nas mãos? O quê, por falar nisso, eram essas tais serpentes de fogo?

O que quer que fossem, ambos os dispositivos pareciam produtos de tecnologia. E ambos, de certas maneiras, lembravam os objetos igualmente misteriosos que os ídolos da Kalasasaya, em Tiahuanaco, têm nas mãos.

O Santuário da Serpente

Santha e eu tínhamos vindo a Tula/Tollan porque o local estivera estreitamente associado a Quetzalcoatl e a seu arquiinimigo, Tezcatilpoca, o Espelho Esfumaçado. Sempre jovem, onipotente, onipresente e onisciente, Tezcatilpoca aparecia, nas lendas, ligado à noite, às trevas e ao jaguar sagrado. Ele era "invisível e implacável, aparecendo algumas vezes ao homem sob a forma de uma sombra voadora, quando não como monstro pavoroso". Frequentemente representado como uma caveira brilhante, diziam as lendas que fora dono de um objeto misterioso, o Espelho Esfumaçado, que acabou por lhe dar o nome, e que o usava para observar a distância as atividades de homens e deuses. Estudiosos supõem, com lógica irrepreensível, que a tal coisa deve ter sido uma obsidiana, usada para fins divinatórios: "A obsidiana revestia-se de uma santidade toda especial para os mexicanos, como se comprova com as facas sacrificiais usadas pelos sacerdotes. (...) Segundo Bernal

Dias [historiador espanhol], os nativos davam a essa pedra o nome de 'Tezcat'. Com ela eram feitos também espelhos com finalidades divinatórias, usados por feiticeiros."

Representando as forças das trevas e da maldade rapace, Tezcatilpoca, segundo as lendas, esteve envolvido em conflitos com Quetzalcoatl que se prolongaram durante um número imenso de anos. Às vezes, um parecia estar vencendo a luta e, em certas ocasiões, o outro. Finalmente, a guerra cósmica chegou ao fim na ocasião em que o bem foi derrotado pelo mal, com o resultado de que Quetzalcoatl foi expulso de Tollan. Daí em diante, sob a influência do culto aterrador de Tezcatilpoca, os sacrifícios humanos reapareceram na América Central.

Conforme vimos acima, acreditavam os nativos que Quetzalcoatl fugira para a costa e fora levado para longe em uma jangada feita de serpentes. Diz uma lenda: "Ele queimou suas casas, feitas de prata e de conchas, enterrou seu tesouro e viajou pelo Mar do Leste, precedido por seus acólitos, que haviam sido transformados em aves de cores brilhantes".

Pensa-se que esse momento amargo da partida ocorreu em um local chamado Coatzacoalos, palavra que significa "O Santuário da Serpente". No lugar, antes de despedir-se, Quetzalcoatl prometeu a seus seguidores que voltaria um dia para acabar com o culto de Tezcatilpoca e dar início a uma era em que os deuses voltariam a aceitar "o sacrifício de flores" e deixariam de clamar por sangue humano.

CAPÍTULO 15

Babel Mexicana

Abandonando Tula na direção sudeste, contornamos a Cidade do México, percorrendo uma série de vias expressas que nos levaram, arrastando-nos, até as bordas da poluição da capital, que faz os olhos lacrimejarem e os pulmões arderem. Prosseguindo na viagem,

chegamos às montanhas cobertas de pinheiros, deixando para trás o cume nevado do Popocatepetl e daí seguindo por pistas orladas de árvores através de campos e fazendas.

Em fins da tarde, chegamos a Cholula, uma sonolenta cidadezinha de 11.000 habitantes e espaçosa praça central. Após virar para leste através de ruas estreitas, cruzamos trilhos de estrada de ferro e paramos à sombra da tlahchialtepetl, a "montanha feita pelo homem", que era o objetivo de nossa visita.

O outrora consagrado ao culto pacífico de Quetzalcoatl, mas, nesse momento, tendo no alto uma ornamentada igreja católica, esse imenso edifício foi classificado entre os projetos de engenharia mais extensos e ambiciosos jamais empreendidos em qualquer local no mundo antigo. Na verdade, com uma área de 18ha e altura de 64m, é três vezes mais maciço do que a Grande Pirâmide do Egito. Embora com os contornos tornados indistintos pela idade e os lados cobertos por relva densa, era ainda possível reconhecer que a construção fora outrora um zigurate imponente, que subia para os céus em quatro "degraus" de ângulos bem nítidos. Medindo quase meio quilômetro ao longo de cada lado da base, a estrutura conseguira, apesar de tudo, preservar uma beleza digna, ainda que violada.

O passado, embora muitas vezes seco e lacônico, raramente é estúpido. Ocasionalmente, pode expressar-se em termos apaixonados. E me pareceu que isso acontecia nesse local, prestando testemunho da degradação física e psicológica imposta aos povos nativos do México quando o conquistador espanhol, Hernán Cortés, quase displicentemente, "decapitou uma cultura, da mesma forma que um transeunte pode cortar a flor de um girassol". Em Cholula, que fora outrora um grande centro de peregrinação, com uma população de cerca de 100.000 almas por ocasião da conquista, a decapitação de tradições e estilos de vida antigos exigiram que um ato especialmente humilhante fosse praticado contra a montanha artificial de Quetzalcoatl. A solução foi achatar e profanar o templo que outrora se erguera no cume do zigurate e substituí-lo por uma igreja.

Embora Cortés e seus homens fossem poucos e os cholulanos muito numerosos, ao entrarem na cidade, o conquistador e sua gente contavam com uma grande vantagem: barbudos e de pele clara, usando armaduras brilhantes, eles pareciam a realização de uma profecia - não fora sempre prometido que Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, voltaria "do mar do Leste" com sua tropa de seguidores? Devido a tal expectativa, os ingênuos e confiantes cholulanos permitiram que os conquistadores subissem os degraus do zigurate e entrassem no grande pátio do templo, onde receberam as boas-vindas de moças alegremente vestidas, cantando e tocando instrumentos, enquanto outros nativos andavam de um lado para o outro trazendo travessas de pão e carnes finas cozidas.

Um dos historiadores espanhóis, testemunha ocular dos acontecimentos que se seguiram, menciona o povo da cidade, a adoração nos olhos de pessoas de todas as situações sociais, "desarmados, de rostos ansiosos e felizes, reunidos ali para ouvir o que os homens brancos iriam dizer". Compreendendo à vista dessa inacreditável recepção que seus intuitos sequer eram objeto de suspeita, os espanhóis cerraram fileiras, colocaram guardas em todas as entradas, sacaram suas armas de aço e assassinaram seus anfitriões. Seis mil nativos morreram nesse massacre horripilante, comparável em selvageria aos rituais mais sanguinolentos dos astecas. "Os moradores de Cholula foram tomados de surpresa. Sem armas ou escudos, receberam os espanhóis. Ainda que desarmados, foram massacrados sem aviso. Foram assassinados em um ato de pura deslealdade." Era irônico, pensei, que os conquistadores, no Peru e no México, tivessem tirado proveito, da mesma maneira, de lendas locais que profetizavam a volta do deus barbudo, de pele clara. Se esse deus era realmente um ser humano deificado, como parecia provável, ele deveria ser originário de uma civilização altamente evoluída e dotado de um caráter exemplar - ou, com maior probabilidade ainda, duas pessoas diferentes da mesma origem, o primeiro trabalhando no México e servindo de modelo para Quetzalcoatl, e o segundo no Peru, como Viracocha. A semelhança

superficial dos espanhóis com os antigos estrangeiros de pele clara abriu numerosas portas que, de outra maneira, teriam permanecido fechadas. Mas, ao contrário de seus sábios e benevolentes predecessores, Pizarro, nos Andes, e Cortés, na América Central, eram lobos famintos. Devoraram as terras, os povos e as culturas que atacaram. Destruíram quase tudo...

Lágrimas pelo Passado

Com os olhos velados pela ignorância, fanatismo religioso e cobiça, os espanhóis, ao chegarem ao México, apagaram uma herança preciosa da humanidade. Ao assim proceder, privaram o futuro de qualquer conhecimento detalhado sobre as civilizações brilhantes e notáveis que outrora floresceram na América Central.

Qual, por exemplo, a história real do "ídolo" resplandecente que respousava em um santuário sagrado em Achiotlán, a capital misteca? Sabemos da existência desse curioso objeto graças a uma testemunha ocular do século XVI, o padre Burgoa:

O material era de maravilhoso valor, pois era uma esmeralda do tamanho de um polpudo cacho de pimenta [capsicum], sobre a qual uma pequena ave fora gravada com a maior habilidade possível e, com a mesma perícia, uma pequena serpente, enroscada e pronta para dar o bote. A pedra era tão transparente que brilhava a partir de dentro com o fulgor de uma chama de vela. Era uma jóia muito antiga e não há qualquer tradição remanescente sobre a veneração e o culto que lhe eram propiciados.

O que não aprenderíamos se pudéssemos examinar hoje essa jóia "antiquíssima" E qual, realmente, sua antiguidade? Jamais saberemos, porque frei Benito, o primeiro missionário a chegar a Achiotlán, tomou-a dos índios. "Ele mandou moê-la, embora um

espanhol lhe oferecesse três mil ducados pela pedra, dissolveu o pó em água, derramou-a na terra e pisou em cima..."

Igualmente característico do desperdício criminoso das riquezas intelectuais ocultas no passado mexicano foi o destino compartilhado por dois presentes dados a Cortés por Montezuma, o imperador asteca. Foram dois calendários circulares, do tamanho de rodas de carroça, um de prata maciça e, o outro, de ouro, também maciço, detalhadamente gravados com belos hieróglifos que podem ter contido material de grande interesse. Cortés, na hora, mandou derretê-los e transformá-los em lingotes.

De forma ainda mais sistemática, em toda a América Central, imensos repositórios de conhecimentos acumulados desde tempos antigos foram laboriosamente reunidos, empilhados e queimados por religiosos fanáticos. Em julho de 1562, por exemplo, na praça principal de Mani (que se situa imediatamente ao sul da moderna Mérida, na província de Yucatán), frei Diego de Landa queimou milhares de códices, histórias ilustradas e hieróglifos maias inscritos em pergaminhos de pele de cervo. Destruiu também incontáveis "ídolos" e "altares", todos os quais descreveu como "obras do demônio, criados por Satanás para enganar os índios e impedir que aceitem o cristianismo..."

Em outro contexto, voltou a discorrer sobre o mesmo tema:

Descobrimos grande número de livros [escritos nos caracteres usados pelos índios], mas, como eles nada continham, exceto superstições e falsidades do demônio, queimamos todos, o que os nativos receberam muito mal e lhes causou grande dor.

Mas não foram apenas os "nativos" que sofreram essa dor, mas todos - na ocasião como agora - que gostariam de saber a verdade sobre o passado.

Numerosos outros "homens de Deus", alguns ainda mais implacavelmente eficientes do que Diego de Landa, participaram da satânica missão espanhola de apagar os bancos de memória da

América Central. Entre eles, destacou-se Juan de Zumárraga, bispo do México, que bravateava ter destruído 20.000 ídolos e 500 templos índios. Em novembro de 1530, condenou à fogueira um aristocrata asteca cristianizado por ter ele supostamente voltado à adoração do "deus da chuva", e mais tarde, na praça do mercado em Excoco, mandou construir uma imensa fogueira de documentos sobre astronomia, pinturas, manuscritos e textos hieroglíficos que os conquistadores haviam confiscado dos astecas nos onze anos precedentes. Enquanto esse tesouro insubstituível de conhecimentos e história subia nas chamas, a humanidade perdia para sempre uma oportunidade de sacudir, pelo menos, parte da amnésia coletiva que ora turva nossa compreensão.

O que resta dos registros dos povos antigos da América Central? A resposta, graças aos espanhóis, é menos de vinte códices e pergaminhos originais.

Ouvimos nas lendas que numerosos documentos reduzidos a cinzas pelos frades continham "registros de passadas eras".

O que diziam esses registros perdidos? Que segredos guardavam?

Gigantes de Desmesurada Estatura

Enquanto continuava a orgia de queima de livros, alguns espanhóis começaram a compreender que "uma civilização realmente grandiosa existira no México, antes dos astecas". Estranhamente, um dos primeiros a agir, ao compreender esse fato, foi Diego de Landa. Aparentemente, ele passou por uma "experiência de conversão, do tipo experimentado por Paulo na estrada para Damasco" após ter montado seu auto-da-fé em Mani. Anos depois, decidido a salvar o que pudesse da sabedoria antiga, que tanto fizera para destruir, tornou-se colecionador apaixonado das tradições e histórias orais dos povos nativos do Yucatán.

É grande nossa dívida para com Bernardino de Sahagun, frade franciscano e historiador da época. Consumado lingüista, conta-se

que ele "procurou os nativos mais cultos e, freqüentemente, os mais velhos, e lhes pediu que, utilizando a escrita pictográfica, contassem tudo de que pudessem lembrar-se com clareza da história, religião e lendas astecas". Dessa maneira, Sahagun conseguiu acumular informações detalhadas sobre a antropologia, a mitologia e a história social do antigo México, que mais tarde transcreveu em uma culta obra em doze volumes, obra esta destruída pelas autoridades espanholas. Por sorte, sobreviveu uma cópia, embora incompleta. Diego de Durán, colecionador consciencioso e corajoso de tradições indígenas, foi outro franciscano que lutou para recuperar o conhecimento perdido do passado. Visitando Cholula no ano 1585, em uma época de mudança rápida e catastrófica, entrevistou um ancião, venerado na cidade, que se dizia contar mais de 100 anos de idade, e que lhe contou a história seguinte sobre a construção do grande zigurate:

No começo, antes de ser criada a luz do sol, este lugar, Cholula, era coberto por escuridão e trevas, todo o terreno era plano, sem uma colina ou elevação, cercado d'água por todos os lados, sem árvores ou qualquer coisa criada. Imediatamente depois de surgir a luz e subir o sol no leste, apareceram gigantes de estatura desmesurada, que se apossaram da terra. Apaixonados pela luz e a beleza do sol, resolveram construir uma torre tão alta que chegasse ao céu. Tendo reunido materiais para este fim, descobriram uma argila e betume fortemente adesivos e começaram a construir rapidamente a torre... Tendo eles levado a construção à maior altura possível, conseguindo que ela tocasse o céu, o Senhor dos Céus, enfurecido, disse aos habitantes do céu: "Observastes como eles da terra construíram uma alta e arrogante torre para chegar até aqui, tendo ficado apaixonados pela luz do sol e sua beleza? Vinde e destruam-nos, porque não é certo que eles da terra, vivendo na carne, devam misturar-se conosco." Imediatamente, os habitantes do céu atacaram como se fossem raios, destruíram o edifício e dividiram e espalharam os construtores por todas as partes da terra.

E foi essa história, parecida mas não idêntica à história bíblica da Torre de Babel (em si a refundição de uma tradição mesopotâmica muito mais antiga), que me trouxe a Cholula.

Essas lendas da América Central e do Oriente Médio guardavam, evidentemente, uma estreita relação. Na verdade, ninguém podia deixar de notar as semelhanças, mas havia também diferenças importantes demais para ser ignoradas. Claro, as semelhanças poderiam ser devidas a contatos pré-colombianos, não registrados em quaisquer anais, entre culturas do Oriente Médio e do Novo Mundo, embora houvesse maneira de explicar, em uma única teoria, as semelhanças e as diferenças. Suponhamos que as duas versões da lenda evoluíram separadamente durante vários milhares de anos, mas que, antes disso, ambas provieram do mesmo ancestral muito antigo.

Sobreviventes

Vejamos o que o Livro do Gênesis diz sobre a "torre que chegou ao céu":

Ora em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar. Sucedeu que partindo eles do Oriente, deram com uma planície na terra de Sinear; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: "Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem". Os tijolos serviram-lhes de pedra e, o betume, de argamassa. Disseram: "Vinde, edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre cujo topo chegue até os céus, e tornemos célebre nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra".

Então desceu o Senhor [Iavé, o Deus hebreu] para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam, e disse: "Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, desçamos, e confundamos ali sua linguagem, para que um não entenda a

linguagem do outro". Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra.

O versículo que mais me interessava sugeria, com grande clareza, que os antigos construtores da Torre de Babel queriam construir um monumento duradouro a si mesmos, de modo que seu nome não fosse esquecido - mesmo que isso acontecesse com sua civilização e linguagem. Seria possível que as mesmas considerações se aplicassem a Cholula?

Segundo os arqueólogos, apenas um punhado de monumentos no México tem mais de 2.000 anos. Cholula era indiscutivelmente um deles. Na verdade, ninguém podia dizer com certeza em que época remota seus contrafortes começaram a ser construídos. Durante milhares de anos, antes que o desenvolvimento e prolongamento da estrutura comessem a todo vapor no século 300 a.C., parecia que alguma outra estrutura, mais antiga, poderia ter existido no local em que, nesse momento, estava sendo construído o grande zigurate de Quetzalcoatl.

Um precedente reforçava ainda mais a intrigante possibilidade de que restos de uma civilização realmente antiga pudessem estar ainda ocultos na América Central, à espera de descoberta. Imediatamente ao sul do campus da universidade, na Cidade do México, ao lado da estrada principal que liga a capital a Cuernavaca, existe uma pirâmide escalonada circular de grande complexidade (com quatro galerias e uma escadaria central). Parcialmente escavada, sob um manto de lava, na década de 1920, geólogos foram chamados ao local para ajudar a datar a lava e efetuar um exame detalhado do sítio. Para surpresa geral, concluíram eles que a erupção vulcânica que cobrira inteiramente três lados da pirâmide (e que se espalhara e cobrira cerca de 155 quilômetros quadrados do terreno em volta) deveria ter ocorrido há pelo menos sete mil anos.

Aparentemente, a prova geológica foi ignorada por historiadores e arqueólogos, que não acreditam que qualquer civilização capaz de ter construído uma pirâmide possa ter existido no México em data tão

remota. Vale lembrar, porém, que Byron Cummings, o arqueólogo americano que inicialmente escavou o sítio por conta da National Geographical Society, convenceu-se, à vista de estratificação claramente demarcada de camadas acima e abaixo da pirâmide (depositadas antes e depois da erupção vulcânica), que aquele era "o templo mais antigo até agora descoberto no continente americano". E foi ainda mais longe do que os geólogos, declarando que esse templo "transformou-se em ruínas há cerca de 8.500 anos".

Pirâmides sobre Pirâmides

Entrar na pirâmide de Cholula dá realmente a impressão de que penetramos em uma montanha construída pelo homem. Os túneis (e havia mais de 9,5km deles) não eram antigos, mas deixados ali pelas equipes de arqueólogos que haviam escavado laboriosamente o local desde 1931 e até que os recursos financeiros acabassem em 1966. De alguma maneira, esses corredores estreitos, de teto baixo, haviam tomado de empréstimo, da vasta estrutura circundante, uma atmosfera de antiguidade. Úmidos e frios, ofereciam ao visitante uma escuridão convidativa e misteriosa.

Seguindo o feixe de uma lanterna, penetramos profundamente na pirâmide. As escavações arqueológicas haviam revelado que a obra não fora produto de uma única dinastia (como se pensa que aconteceu com a pirâmide de Gizé, no Egito), mas que prosseguira durante um período muito longo de tempo - dois mil anos, mais ou menos, em uma estimativa conservadora. Em outras palavras, a obra era um projeto coletivo, criado por uma força de trabalho que englobava gerações, e recrutada em muitas e diferentes culturas, tais como olmecas, teotihuacanos, toltecas, zapotecas, mistecas, cholulanos e astecas, que haviam passado por Cholula desde os primórdios da civilização no México.

Embora não se soubesse quem haviam sido os primeiros construtores, o imponente edifício mais antigo, tanto quanto foi

possível apurar, existente no sítio fora uma alta pirâmide cônica, com a forma de um balde invertido, nivelado no topo, onde se construía um templo. Muito tempo depois, outra estrutura semelhante foi construída sobre o cume desse monte inicial, isto é, um segundo balde invertido de argila e pedra compacta fora construído diretamente sobre o primeiro, elevando a plataforma do templo para mais de 60m acima da planície em volta. Daí em diante, durante os 500 anos seguintes, mais ou menos, umas estimadas quatro ou cinco outras culturas contribuíram para a aparência final do monumento. Fizeram isso prolongando-lhe a base, em vários estágios, mas nunca mais elevando a altura máxima. Dessa maneira, quase como se um plano-diretor estivesse sendo implementado, a montanha artificial de Cholula ganhou gradualmente suas características de zigurate em quatro níveis. Atualmente, os lados na base medem quase 450m - cerca de duas vezes o comprimento dos lados da Grande Pirâmide de Gizé -, tendo seu volume total sido estimado em uns estonteantes três milhões de metros cúbicos. Essas proporções, disse sucintamente uma autoridade no assunto, transformam-na "no maior edifício jamais erigido na terra".

Por quê?

Por que todo esse trabalho?

Que tipo de nome esses povos da América Central estavam tentando criar para si mesmos?

Andando pela rede de corredores e passagens, inalando o ar frio e recendendo a argila, senti-me desagradavelmente consciente do grande peso e massa da pirâmide acima de mim. Ali estava o maior edifício do mundo e fora construído nesse local em homenagem a uma divindade centro-americana sobre a qual quase nada se sabe.

Temos de agradecer aos conquistadores e à Igreja Católica por nos deixarem em escuridão tão profunda sobre a verdadeira história de Quetzalcoatl e seus seguidores. A demolição e profanação desse templo antigo, a destruição de seus ídolos, altares e calendários e as grandes fogueiras alimentadas com códices, pinturas e pergaminhos com hieróglifos haviam quase conseguido silenciar as vozes do

passado. As lendas, porém, nos ofereciam uma peça convincente e vívida de imagística: a recordação dos "gigantes de estatura desmesurada", que diziam ter sido os primeiros construtores.

CAPÍTULO 16

O Santuário da Serpente

Saindo de Cholula, viajamos para leste, passando pelas prósperas cidades de Puebla, Orizaba e Córdoba, a caminho de Veracruz e do golfo do México. Cruzamos os picos cobertos pela névoa da Sierra Madre Oriental, onde o ar era frio e rarefeito, e descemos em seguida para o nível do mar e para planícies cobertas de plantações luxuriantes de palmeiras e bananeiras. Estávamos penetrando no coração da civilização mais antiga e mais misteriosa do México, a dos chamados olmecas, cujo nome significa "povo da borracha".

Datando do segundo milênio a.C., os olmecas se extinguíram cerca de 1.500 anos antes da ascensão do império asteca. Os astecas, no entanto, haviam preservado intrigantes tradições relativas a esse povo e eram mesmo responsáveis por lhes dar nome, numa referência à área produtora de borracha da costa do Golfo, onde se acredita que tivessem vivido. Essa área se situa entre a moderna Veracruz, a oeste, e Ciudad del Carmen, a leste. Nessa zona, os astecas encontraram grande número de objetos rituais antigos, produzidos pelos olmecas e, por motivos desconhecidos, conservaram-nos e deram-lhes posição de destaque em seus próprios templos.

No mapa que eu usava, a linha azul do rio Coatzacoalcas penetrava no golfo do México mais ou menos no ponto central da lendária terra ancestral dos olmecas. Atualmente, no local onde antes havia seringueiras, prospera a indústria do petróleo, transformando um paraíso tropical em alguma coisa que lembra o círculo mais baixo do Inferno de Dante. Desde o grande surto da exploração de petróleo em 1973, a cidade de Coatzacoalcas, outrora agradável e hospitaleira, embora relativamente pobre, floresceu e transformou-se em centro de

transporte e refino de petróleo, com hotéis dotados de ar condicionado e uma população de meio milhão de almas. O local se situa perto do coração negro de uma terra industrializada devastada, na qual virtualmente tudo de interesse arqueológico que escapou das depredações dos espanhóis no tempo da conquista foi destruído pela expansão voraz da indústria petrolífera. Não era mais possível, portanto, na base de prova robusta, confirmar ou negar a sugestão intrigante aparentemente transmitida pelas lendas: que alguma coisa de grande importância deve ter acontecido nessa área.

Lembrei-me que Coatzacoalcos significa "Santuário da Serpente". Aqui, na remota antiguidade, Quetzalcoatl e seus companheiros teriam desembarcado ao chegar ao México, vindos do outro lado do mar, em barcos cujos "costados brilhavam como escamas de pele de serpente". E fora daqui que se acreditava que ele viajou (em uma jangada de serpentes), quando deixou a América Central. O Santuário da Serpente, além disso, estava começando a parecer como o nome da terra olmeca, que incluía não só Coatzacoalcos, mas vários outros sítios situados em áreas menos assoladas pelo desenvolvimento econômico.



Sítios olmecas de Tres Zapotes, San Lorenzo e La Venta, às margens do golfo do México, juntamente com outros sítios arqueológicos centro-americanos.

Inicialmente em Tres Zapotes, a oeste de Coatzacoalcos, e em seguida em San Lorenzo e La Venta, a sul e a leste, numerosas peças de escultura caracteristicamente olmecas haviam sido desenterradas. Eram, sem exceção, monólitos talhados em basalto ou em materiais analogamente duráveis. Alguns tinham a forma de cabeças gigantescas, que pesavam até 30 toneladas. Outras eram estelas maciças, gravadas com cenas de encontros que envolviam aparentemente duas raças distintas da humanidade, nenhuma delas ameríndia.

Quem quer que tivesse produzido essas notáveis obras de arte havia, obviamente, pertencido a uma civilização refinada, bem organizada, próspera e tecnologicamente avançada. O problema era que nada absolutamente restava dela, exceto as obras de arte, das quais se poderia deduzir o que se quisesse sobre o caráter e origens de tal civilização. Era claro apenas que "os olmecas" (os arqueólogos

aceitaram contentes a designação que lhes fora dada pelos astecas) haviam se materializado na América Central por volta do ano 1500 a.C., com uma cultura sofisticada já plenamente desenvolvida.

Santiago Tuxtla

Passamos a noite no porto pesqueiro de Alvarado e continuamos no dia seguinte a viagem para leste. A estrada serpenteava por colinas e vales férteis, dando-nos uma visão ocasional do golfo do México, antes de embicar para o interior. Passamos por prados verdes pontilhados de arbustos carregados de flores vermelhas e amarelas e pequenas aldeias aninhadas em depressões cobertas de relva. Aqui e ali, víamos hortas particulares, onde porcos enormes procuravam comida entre restos de lixo doméstico. Em seguida, chegamos ao alto de uma colina, de onde descortinamos uma paisagem vastíssima de campos e florestas, limitados apenas pelo nevoeiro da manhã e as silhuetas desmaiadas de montanhas distantes.

Alguns quilômetros à frente, descemos para um buraco, em cujo fundo se estendia a velha cidade colonial de Santiago Tuxtla.

O local era uma balbúrdia de cores: fachadas espalhafatosas de lojas, telhados vermelhos, chapéus de palha amarelos, coqueiros, bananeiras, crianças vestidas com roupas de cores vivas. De várias lojas e cafés saía música através de alto-falantes. Na Zocalo, a praça principal, fomos envolvidos por ar denso de umidade e o farfalhar de asas e canções de aves tropicais de olhos brilhantes. Um pequeno parque de árvores frondosas ocupava o centro da praça e, no centro do parque, como se fosse um talismã mágico, vimos um enorme calhau cinzento, de quase 3m de altura, esculpido na forma de uma cabeça africana coberta por um capacete. Lábios grossos e nariz forte, olhos serenamente fechados e mandíbula inferior repousando solidamente no chão, a cabeça exibia uma sombria e paciente gravidade.

Ai, então, estava o primeiro mistério dos olmecas: uma peça monumental de escultura, de mais de 2.000 anos de idade, mostrando um sujeito de feições inconfundivelmente negróides. Não havia, claro, negros africanos no Novo Mundo há 1.000 anos e nenhum chegou a estas paragens até começar o tráfico de escravos, muito depois da conquista. Há, contudo, prova paleoantropológica robusta de que uma de muitas migrações diferentes para as Américas, durante a última Era Glacial, consistiu, de fato, de indivíduos de raça negróide. Essa migração teria ocorrido por volta do ano 15000 a.C.

Conhecida como a "Cabeça de Cobata", numa referência ao estado onde foi encontrado, o imenso monólito de Zocalo é a maior de 16 esculturas olmecas semelhantes até agora escavadas no México. Pensa-se que foi esculpida não muito tempo antes da época de Cristo e pesa mais de 30 toneladas.

Tres Zapotes

Deixando Santiago Tuxtla, viajamos 25km na direção sudoeste, passando por campo virgem e luxuriante em direção a Tres Zapotes, um centro olmeca importante mais recente, que se pensa ter florescido entre os anos 500 a.C. e 100 d.C. Atualmente reduzido à condição de uma série de cômodos espalhados através de milharais, o sítio passou por extensos trabalhos de escavação em 1939-40, realizados pelo arqueólogo americano Matthew Stirling.

Lembrei-me de que historiadores dogmáticos que estudaram esse período sustentam tenazmente a opinião de que a civilização maia foi a mais antiga da América Central. Pode-se afirmar esse fato com confiança, argumentam eles, porque o sistema maia de calendário, composto de pontos e barras (e que foi recentemente decodificado) tornou possível a datação precisa de um número imenso de inscrições cerimoniais. A data mais antiga jamais encontrada em um sítio maia corresponde ao ano 228 d.C. do calendário cristão. Por isso mesmo, o status quo acadêmico sofreu um rude choque quando

Stirling desenterrou uma estela em Tres Zapotes que revelava uma data anterior. Entalhada no código conhecido de pontos e barras do calendário maia, a peça correspondia ao dia 3 de setembro do ano 32 a.C.

O chocante em tudo isso era que Tres Zapotes não era um sítio maia - de nenhuma maneira concebível. Era inteira, exclusiva e inequivocamente olmeca. Esse fato sugeria que os olmecas, e não os maias, deveriam ter sido os inventores do calendário e que eles, e não os maias, deveriam ser reconhecidos como a "cultura-mãe" da América Central. Apesar da oposição ferrenha de gangues de maianistas furiosos, surgiu gradualmente a verdade que a pá de Stirling desenterrara em Tres Zapotes. Os olmecas eram muito, muitíssimo mais antigos do que os maias. Tinham sido um povo inteligente, civilizado, tecnologicamente avançado e, de fato, pareciam ter inventado o sistema de pontos e barras da notação do calendário, com a enigmática data inicial de 13 de agosto do ano 3114 a.C., e que previa o fim do mundo no ano 2012 de nossa era.

Nas proximidades da estela do calendário, em Tres Zapotes, Stirling desenterrou também uma cabeça gigantesca. Nesse momento, eu me encontrava sentado em frente a ela. Datada de cerca do ano 100 a.C., a cabeça mede aproximadamente 1,80m de altura, com 5,48m de circunferência e pesa mais de 10 toneladas. Tal como sua contrapartida em Santiago Tuxtla, é inconfundivelmente a cabeça de um africano, usando capacete bem justo, preso por um longo barbicacho. Os lobos das orelhas são furados e fechados com enfeites. As feições negróides pronunciadas são cortadas por fundas rugas em cada lado do nariz e toda a face projeta-se para a frente, acima de lábios grossos e encurvados para baixo, olhos abertos e vigilantes, amendoados e frios. Por baixo do curioso capacete, as sobrelhas grossas parecem eriçadas e iradas.

Espantado com a descoberta, Stirling comentou-a nas palavras seguintes:

A cabeça era simplesmente uma cabeça, esculpida em um único bloco maciço de basalto. Repousava sobre uma fundação preparada de lajes brutas de pedra. (...) Uma vez retirada a terra em volta, ela representava um espetáculo digno de admiração. Apesar do grande tamanho, o trabalho artesanal é delicado e seguro e perfeitas as proporções. De caráter excepcional entre esculturas nativas americanas, é notável pelo seu tratamento realístico. As feições são bem nítidas e espantosamente negróides...

Pouco depois, o arqueólogo americano realizou outra descoberta perturbadora em Tres Zapotes: brinquedos de criança sob a forma de pequenos cães com rodas. Esses interessantes artefatos colidiam de frente com a opinião arqueológica predominante que sustenta que a roda não foi conhecida na América Central até o tempo da conquista. Os "cachorromóveis" provaram, no mínimo, que o princípio da roda era conhecido pelos olmecas, a civilização mais antiga da América Central. E se um povo tão fértil em recursos como os olmecas havia descoberto o princípio da roda, parece improvável que a tenha usado apenas em brinquedos de criança.

CAPÍTULO 17

O Enigma Olmeca

Após Tres Zapotes, nossa parada seguinte seria San Lorenzo, um sítio olmeca situado a sudoeste de Coatzacoalcos, no coração do "Santuário da Serpente" mencionado nas lendas sobre Quetzalcoatl. Em San Lorenzo, arqueólogos haviam realizado os primeiros testes de datação com carbono em um sítio olmeca e encontrado a data de 1500 anos a.C. Não obstante, parecia que a cultura olmeca já estava plenamente desenvolvida nessa época e nenhuma prova havia de que a evolução tivesse ocorrido nas vizinhanças de San Lorenzo. Nessa situação havia um mistério.

Os olmecas, afinal de contas, tinham construído uma civilização importante, capaz de realizar obras prodigiosas de engenharia, e desenvolvido a capacidade de esculpir e manipular imensos blocos de pedra (várias cabeças monolíticas, pesando vinte toneladas ou até mais, haviam sido transportadas por uma distância de até 100km, depois de extraída a pedra nas montanhas de Tuxtla). Dessa maneira, onde, senão na antiga San Lorenzo, a perícia tecnológica e a organização sofisticada dos olmecas haviam sido experimentadas, desenvolvidas e refinadas?

Curiosamente, a despeito de todos os trabalhos dos arqueólogos, nem uma única indicação isolada de algo que pudesse ser descrito como a "fase de desenvolvimento" da sociedade olmeca foi desenterrada em qualquer parte do México (ou, por falar nisso, em qualquer parte do Novo Mundo). Esse povo, cuja forma característica de expressão artística consistia na criação de imensas cabeças negróides, parecia ter surgido do nada.

San Lorenzo

Chegamos a San Lorenzo em fins da tarde. Nesse local, nos primórdios da história da América Central, os olmecas haviam construído um câmore artificial de mais de 35m de altura, como parte de uma estrutura imensa de cerca de 1.200m de extensão e 600m de largura. Escalamos o câmore que domina o local, neste momento densamente coberto pela vegetação tropical e, do topo, estendemos a vista por quilômetros em volta. Grande número de câmores menores eram também visíveis e, em volta deles, numerosas valas profundas, que o arqueólogo Michael Coe abriu quando escavou o sítio em 1966. A equipe de Coe realizou grande número de descobertas nesse local, incluindo mais de 20 reservatórios artificiais, ligados por uma rede altamente sofisticada de canaletas revestidas de basalto. Parte do sistema foi construída sob a forma de uma barragem, tendo sido redescoberto que água ainda escorria dali durante chuvas fortes,

como havia acontecido cerca de 3.000 anos antes. A principal linha de drenagem corria de leste para oeste. Ela recebia, ligadas por comportas de desenho avançado, as águas de três linhas subsidiárias. Depois de examinar exaustivamente o sítio, os arqueólogos admitiram que não podiam compreender a finalidade desse esmerado sistema de eclusas e obras hidráulicas.

Tampouco encontraram solução para outro enigma: o enterro deliberado, de acordo com alinhamentos específicos, de cinco das maciças peças de escultura com feições negróides, agora geralmente conhecidas como "cabeças olmecas". Nessas sepulturas peculiares e aparentemente ritualísticas foram encontrados também mais de 60 objetos e artefatos preciosos, incluindo belos instrumentos de jade e estatuetas primorosamente esculpidas. Algumas delas haviam sido sistematicamente mutiladas antes do enterro.

A maneira como as esculturas de San Lorenzo foram enterradas tornou extremamente difícil precisar-lhe a verdadeira idade, embora fragmentos de carvão vegetal tenham sido encontrados nos mesmos estratos que alguns objetos ali sepultados. Ao contrário das esculturas, essas peças de carvão podiam ser submetidas à datação pelo carbono. Feito isso, obtiveram-se resultados na faixa de 1200 a.C. Esse fato, no entanto, não significava que as esculturas tivessem sido feitas no ano 1200 a.C. Podiam ter sido. Mas podiam ter origem em um período centenas ou mesmo milhares de anos antes. Não era absolutamente impossível que essas grandes obras de arte, com sua beleza intrínseca e poder numinoso indefinível, pudessem ter sido preservadas e veneradas por muitas e diferentes culturas, antes de serem enterradas em San Lorenzo. O carvão vegetal encontrado juntamente com elas provava apenas que as esculturas eram de pelo menos 1.200 anos a.C. Mas não estabelecia qualquer limite final à sua antiguidade.

La Venta

Deixamos San Lorenzo no momento em que o sol se punha. Dirigimo-nos para a cidade de Villahermosa, situada a mais de 150km a leste, na província de Tabasco. Para chegar ao nosso destino, retomamos a estrada principal que corre de Acayucán a Villahermosa e passamos ao largo do porto de Coatzacoalcos, na zona das refinarias de petróleo, de torres altaneiras e pontes pênseis ultramodernas. A mudança de ritmo entre a zona rural modorrenta, onde se localiza San Lorenzo, e a paisagem pontilhada de instalações industriais, como se fossem marcas de bexiga, em Coatzacoalcos, era quase chocante. Além do mais, a única razão por que os contornos desgastados pelo tempo do sítio olmeca podiam ainda ser vistos em San Lorenzo era que não havia sido ainda encontrado petróleo no local.

Mas fora encontrado em La Venta - para perda eterna da arqueologia... Nesse momento estávamos passando por La Venta.

Diretamente ao norte, tomando uma estrada vicinal que se bifurca ao sair da via expressa, essa cidade do petróleo, iluminada por lâmpadas de vapor de sódio, brilhava no escuro como uma visão de catástrofe nuclear. Desde a década de 1940, o local fora extensamente "desenvolvido" pela indústria petrolífera: uma pista de pouso cortava o sítio onde antes existira uma pirâmide de forma incomum e chaminés lançavam relâmpagos contra o céu escuro, no mesmo lugar onde vigilantes celestes olmecas deviam ter outrora procurado localizar o aparecimento de planetas no firmamento. Lamentavelmente, os buldôzeres dos exploradores do local haviam nivelado virtualmente tudo de interesse, antes que as escavações apropriadas pudessem ser realizadas, com o resultado de que muitas das antigas estruturas não foram absolutamente estudadas. Jamais saberemos o que poderiam ter informado sobre os indivíduos que as construíram e usaram.

Matthew Stirling, que realizou escavações em Tres Zapotes, dirigiu o grosso do trabalho arqueológico feito em La Venta, antes que o

progresso e o dinheiro do petróleo acabassem com o local. A datação com carbono sugeria que os olmecas haviam se estabelecido na região entre os anos 1500 e 1100 a.C. e que continuaram a ocupar o local - que consistia de uma ilha no meio dos pântanos a leste do rio Tonala - até mais ou menos o ano 400 a.C. Nessa ocasião, as obras de construção foram subitamente abandonadas, procedendo-se à desfiguração cerimonial ou demolição das estruturas, com o enterro ritual de várias imensas cabeças de pedra e outras peças menores, em cerimônias peculiares, exatamente como acontecera em San Lorenzo. As sepulturas de La Venta foram primorosa e cuidadosamente preparadas, forradas com milhares de minúsculas telhas azuis e aterradas com camadas de argila multicolorida. Em um local, cerca de 4.500m³ de terra foram escavados na abertura de um buraco enorme que, em seguida, teve o fundo revestido com blocos, depois do que toda terra foi recolocada no local. Foram encontrados também três pavimentos de mosaico, intencionalmente cobertos por várias camadas alternadas de argila e adobe.

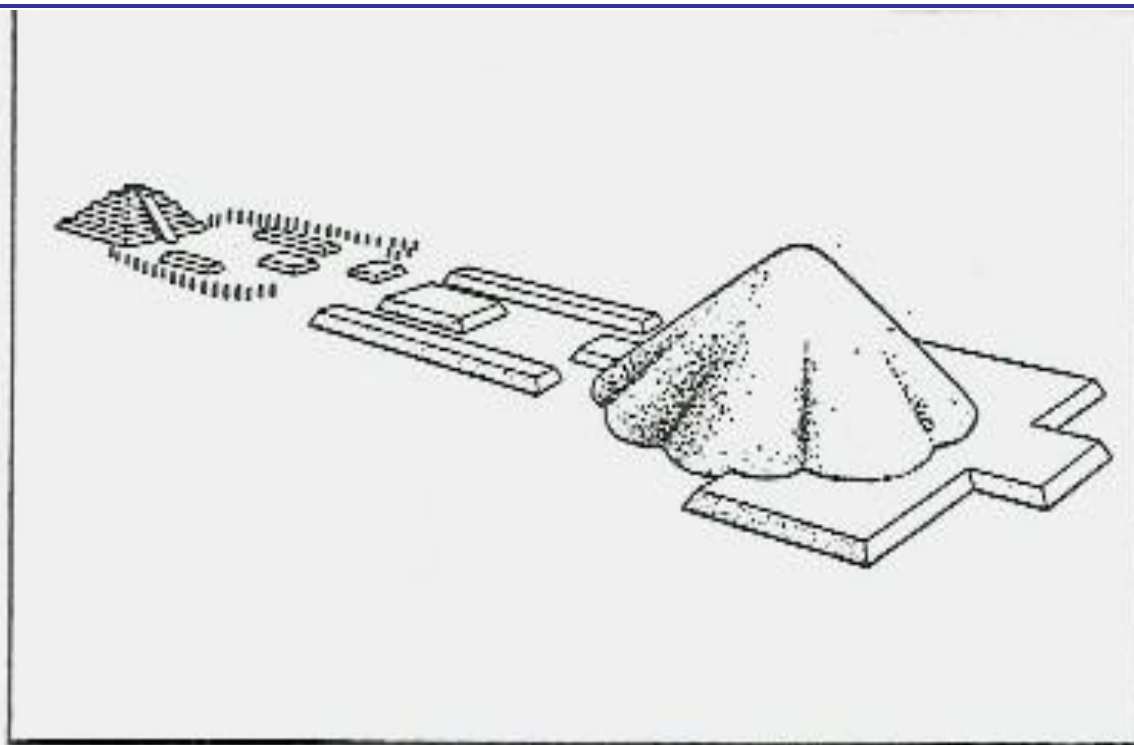
A principal pirâmide de La Venta situa-se na extremidade sul do local. Aproximadamente circular no nível do chão, tem a forma de um cone pagueado, consistindo os lados arredondados em dez arestas verticais, com depressões entre elas. A pirâmide media 22m de altura, com um diâmetro de quase 65m e uma massa total que girava em torno de 8.500m³ - um monumento impressionante sob qualquer ângulo. O restante do sítio prolongava-se por quase meio quilômetro ao longo de um eixo que apontava precisamente para 8° a oeste do norte. Centralizadas nesse eixo, com todas as estruturas alinhadas impecavelmente, havia várias pirâmides e praças menores, plataformas e cômodos, cobrindo uma área total de mais de 5,5km².

La Venta passa a impressão de algo deslocado e estranho, a sensação de que sua função original não foi devidamente compreendida. Arqueólogos descrevem o sítio como um "centro cerimonial" e, com toda probabilidade, ele foi exatamente isso. Mas, se quisermos ser honestos, temos de reconhecer que poderia ter sido também várias outras coisas. A verdade é que nada se sabe sobre a

organização social, as cerimônias e os sistemas de crenças dos olmecas. Desconhecemos a linguagem que falavam ou as tradições que transmitiam aos filhos. Nem mesmo sabemos a que grupo étnico pertenciam. As condições de umidade excepcional do golfo do México impediram que fosse encontrado sequer um único esqueleto olmeca. Na verdade, a despeito dos nomes que lhes demos e das opiniões que sobre eles formamos, esses indivíduos, para nós, permanecem na escuridão.

É mesmo possível que as enigmáticas "esculturas" que deixaram, que supomos os representassem, não tenham sido absolutamente trabalho "deles", mas de um povo muito mais antigo e esquecido. Não pela primeira vez, quando dei por mim, estava me perguntando se algumas das grandes cabeças e outros artefatos notáveis atribuídos aos olmecas não poderiam ter sido passados, como uma espécie de jóias da família, talvez ao longo de vários milênios, às culturas que finalmente começaram a construir os cômoros e as pirâmides de San Lorenzo e La Venta.

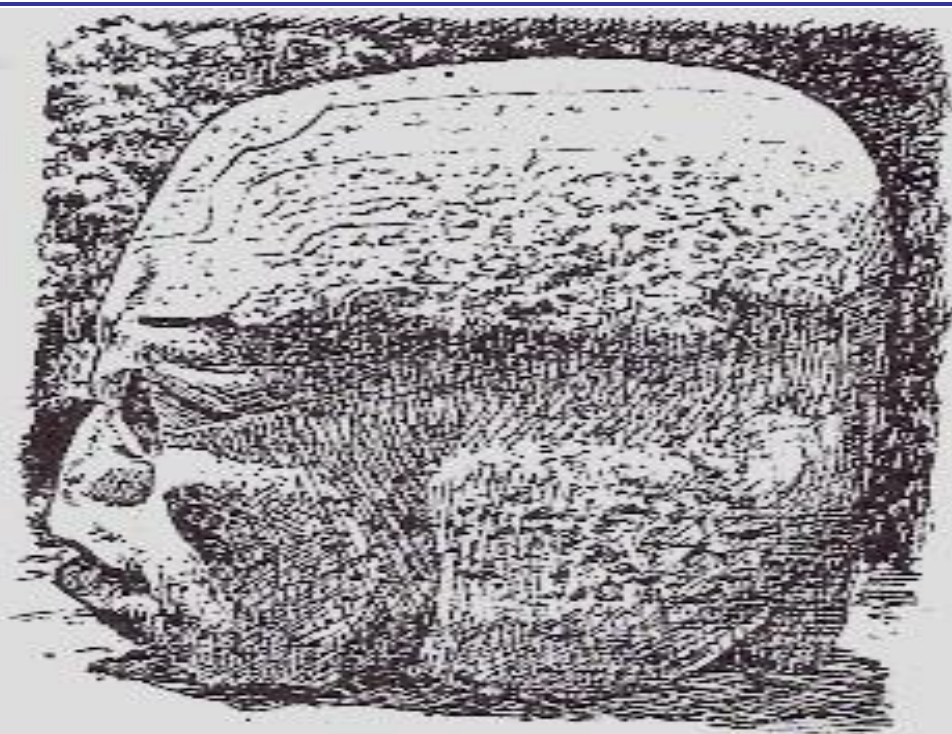
Se assim, de quem estamos falando quando usamos o termo "olmeca"? Dos construtores dos cômoros? Ou dos homens poderosos e imponentes de feições negróides que forneceram os modelos para as cabeças monolíticas?



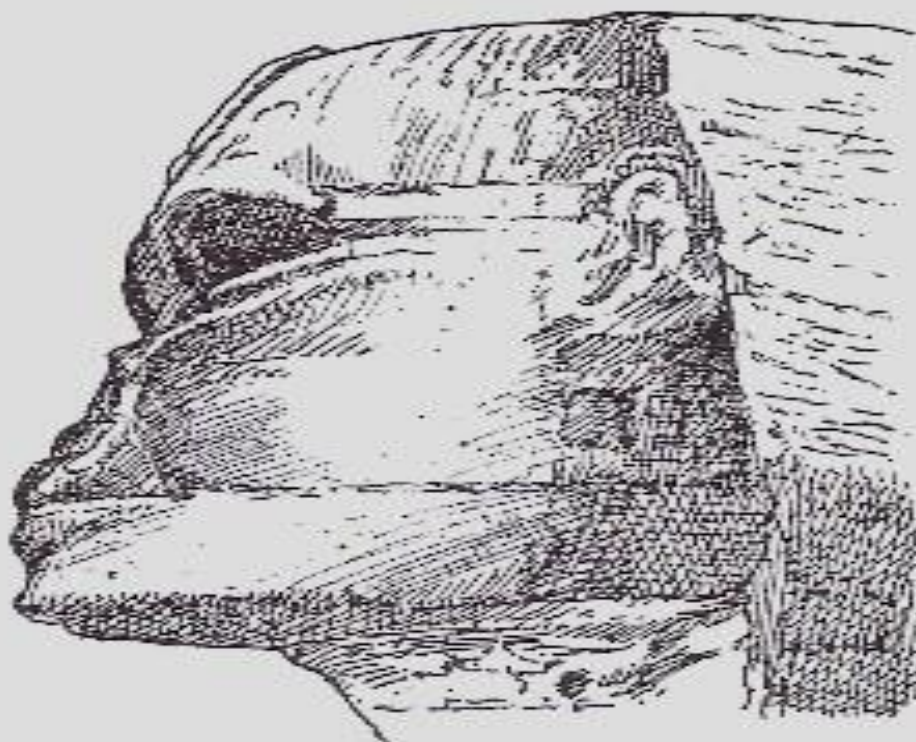
Reconstrução de La Venta. Notem a pirâmide incomum, em forma de cone cancelado, que domina o sítio em questão.

Por sorte, cerca de 50 peças da escultura "olmeca" monumental, incluindo três cabeças gigantes, foram resgatadas em La Venta por Carlos Pelicer Camara, um poeta e historiador local que agiu decisivamente quando descobriu que as perfurações petrolíferas da PEMEX ameaçavam as ruínas. Pressionando fortemente os políticos de Tabasco (província que abrange La Venta), ele conseguiu que descobertas importantes fossem levadas para um parque nos arredores de Villahermosa, a capital regional.

Tomadas em conjunto, essas descobertas constituem um registro cultural precioso e insubstituível - ou melhor, uma biblioteca inteira de registros culturais - deixados por uma civilização desaparecida.



Vista de perfil da Cabeça Olmeca, La Venta, México.



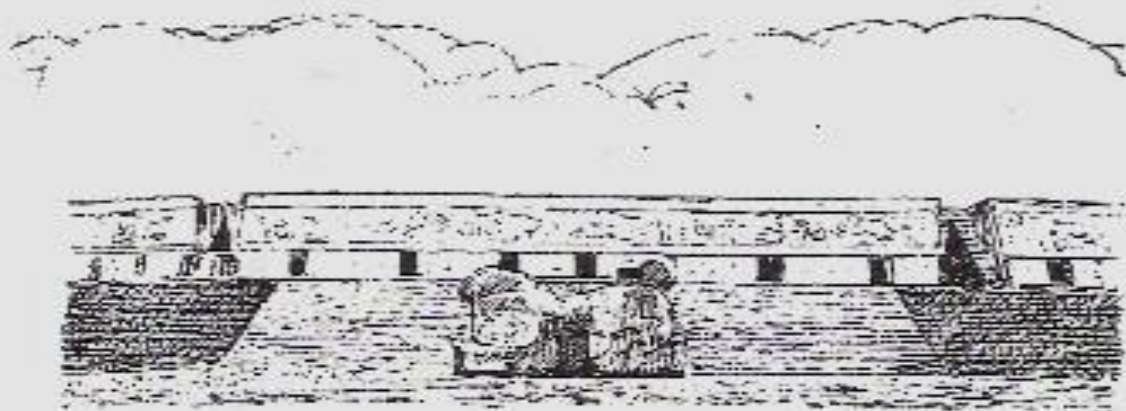
Vista de perfil da cabeça da Grande Esfinge, em Gizé, Egito.



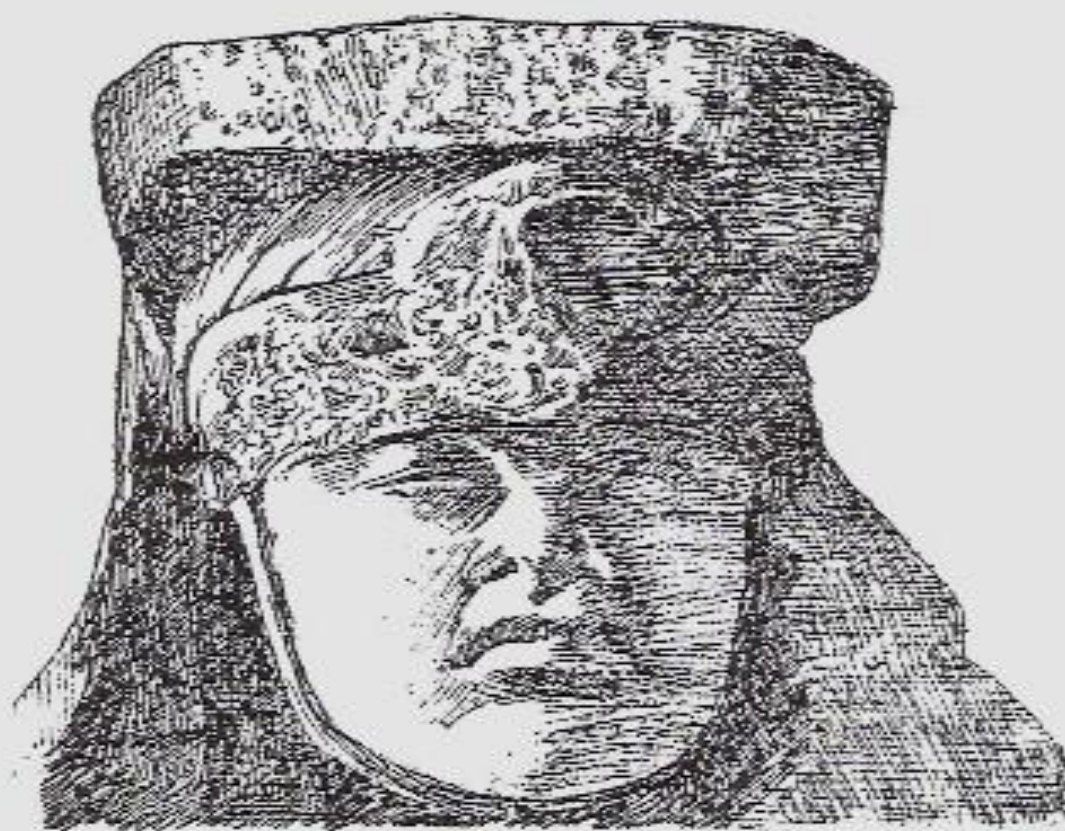
Vista frontal da Cabeça Olmeca.



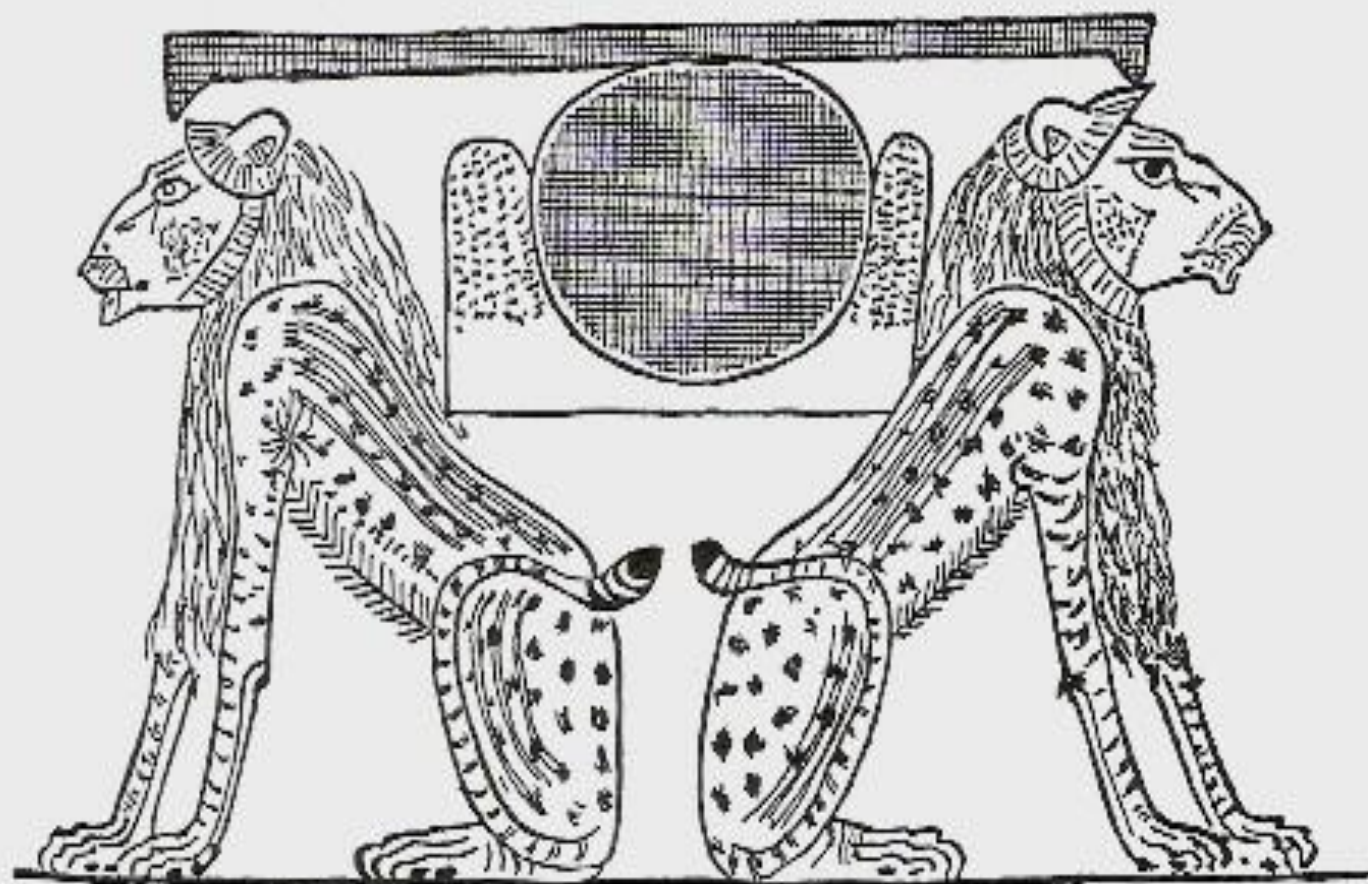
Vista frontal da cabeça da Esfinge.



Estátua dos dois pumas, em Uxmal, México.



Escultura olmeca parecendo uma esfinge, em San Lorenzo, México. Seria possível que as muitas culturas pré-colombianas da América Central e antigo Egito pudessem ter se originado de uma ainda não identificada civilização “terceira parte”, que influenciou regiões separadas em uma data antiquíssima?



Simbolismo dos dois leões no antigo Egito, mostrando o *Akeru*, deuses leões de ontem e de hoje (o *Akeru* era escrito em hieróglifo como ). As religiões das duas regiões compartilhavam de numerosas outras imagens e idéias comuns. Digno de nota também é o fato de que a *p'achi*, a palavra centro-americana relativa a "sacrifício humano", significa, literalmente, "abrir a boca" — o que nos lembra o ritual fúnebre do antigo Egito conhecido como "abertura da boca". Acreditava-se também em ambas as regiões que a alma dos reis mortos renascia como estrela.

Deus Ex Machina

Villahermosa, provinda de Tabasco

Nesse momento, eu olhava para um alto-relevo de fino acabamento, denominado "Homem com Serpente" pelos arqueólogos que o haviam encontrado em La Venta. De acordo com opinião abalizada, a peça mostrava "um olmeca usando um toucado e segurando uma sacola de incenso, e envolvido por uma serpente emplumada".

O alto-relevo havia sido talhado em uma laje de granito maciço, medindo cerca de 1,20m de largura por 1,50m de altura e mostrava um homem sentado, as pernas estiradas à frente, como se estivesse estendendo os pés à procura de pedais. Na mão direita, segurava um objeto pequeno, em forma de balde. O "toucado" que usava era uma peça estranha e complicada. Em minha opinião, parecia mais funcional do que cerimonial, embora eu não pudesse imaginar qual poderia ter sido sua função. Sobre o toucado, ou talvez fosse um console ou painel acima da cabeça, eram visíveis duas cruzes em forma de X.

Voltei a atenção para o outro elemento importante na escultura, a "serpente emplumada". Em um nível, a peça mostrava, de fato, exatamente isso: uma serpente emplumada, ou de penas, o antiquíssimo símbolo de Quetzalcoatl, que os olmecas, por conseguinte, deviam ter adorado (ou, pelo menos, reconhecido). Estudiosos do assunto não põem em dúvida essa interpretação. De modo geral, aceita-se que o culto de Quetzalcoatl era imensamente antigo, tendo surgido na América Central em tempos pré-históricos e que daí em diante foi objeto de devoção de numerosas culturas durante o período histórico.

A serpente emplumada, nessa escultura particular, porém, apresentava certas características que a colocavam em uma categoria à parte. Ela parecia ser algo mais do que um mero símbolo religioso.

Na verdade, havia algo rígido e estruturado nela que fazia com que parecesse mais uma peça de maquinaria.

Sussurros de Antigos Segredos

Mais tarde naquele mesmo dia, abriguei-me sob a sombra gigantesca lançada por uma das cabeças olmecas que Carlos Pellicer Camara resgatara de La Venta. Era a cabeça de um velho, de nariz largo e chato e lábios grossos. Os lábios ligeiramente entreabertos mostravam dentes fortes, quadrados. A expressão do rosto sugeria sabedoria antiga, paciente, e os olhos pareciam fitar sem medo a eternidade, tal como os da Grande Esfinge de Gizé, no baixo Egito.

Seria provavelmente impossível a um escultor, pensei, inventar todas as diferentes características combinadas de um autêntico tipo racial. A representação de uma combinação autêntica de características raciais, por conseguinte, implicava convincentemente que fora usado um modelo humano.

Andei umas duas vezes em volta da grande cabeça. Ela mede 6,70m de circunferência, pesa 19,8t, tem uma altura de quase 2,50m, foi esculpida em basalto sólido e revela claramente uma "autêntica combinação de características raciais". Na verdade, exatamente como no caso de outras peças que eu tinha visto em Santiago Tuxtla e em Tres Zapotes, ela, inconfundível e inequivocamente, representa um negro.

O leitor pode formar sua própria opinião, após examinar as fotos relevantes neste livro. Minha própria opinião é que as cabeças olmecas nos proporcionam uma imagem fisiologicamente exata de indivíduos reais, de raça negróide - africanos carismáticos e poderosos, segundo a explicação dos estudiosos do assunto, mas cuja presença na América Central ainda não explicaram. Tampouco há certeza de que as cabeças tenham sido esculpidas nessa época. A datação, pelo método do carbono, de fragmentos de carvão vegetal

encontrados nos mesmos buracos revelam apenas a idade do carvão. Calcular a verdadeira antiguidade das próprias cabeças é assunto muito mais complicado.

Com esses pensamentos, continuei meu lento passeio entre os estranhos e maravilhosos monumentos de La Venta. Eles contavam em sussurros segredos antigos - o segredo do homem na máquina... o segredo das cabeças de negro... e, por último, mas de importância não menor, os segredos de uma lenda trazida à vida. Isso porque me pareceu que carne poderia ter recoberto os ossos míticos de Quetzalcoatl, quando descobri que várias esculturas de La Venta continham efígies realísticas não só de negros, mas de caucasianos altos, de feições finas, nariz longo, cabelos lisos e barba cerrada, usando mantos ondulantes...

CAPÍTULO 18

Estrangeiros bem Visíveis

Matthew Stirling, o arqueólogo americano que realizou escavações em La Venta na década de 1940, fez no local uma série de descobertas espetaculares. E a mais espetacular foi a Estela do Homem Barbudo. O plano do antigo sítio olmeca, conforme dissemos acima, desenvolve-se ao longo de um eixo que aponta para 8° a oeste do norte. Na extremidade sul do eixo, ergue-se a grande pirâmide em forma de cone canelado, de 25m de altura. Próximo a ela, no nível do chão, havia o que parecia um meio-fio de cerca de 30cm de altura, fechando uma espaçosa área retangular de cerca de um quarto do tamanho de um quarteirão urbano típico. Ao começar a desencavar o meio-fio, os arqueólogos, com grande surpresa, descobriram que ele consistia das partes superiores de um paredão de colunas. Mais escavações através de camadas intactas de estratificação que haviam ali se acumulado revelaram que as colunas tinham 3,30m de altura. Havia mais de 600 delas, construídas tão próximas uma da outra que formavam uma paliçada quase inexpugnável. Talhadas em basalto

sólido e trazidas para La Venta de pedreiras situadas a mais de 100km de distância, as colunas pesavam aproximadamente duas toneladas cada.

Por que esse trabalho todo? A paliçada tinha sido construída para proteger o quê?

Mesmo antes de começar a escavação, a ponta de um bloco maciço de rocha estivera visível, projetando-se do solo no centro da área fechada, cerca de 1,20m mais alta do que o suposto "meio-fio" e inclinando-se fortemente para a frente. O bloco era coberto de entalhes, que se estendiam para baixo, perdendo-se nas profundezas, abaixo das camadas de terra que enchiam a antiga paliçada até uma altura de 9,30m.

Stirling e seu grupo trabalharam durante dois dias para soltar a grande pedra. Ao ser exposta à vista, verificaram que se tratava de uma imponente estela de 4,50m de altura, 2,25m de largura e quase 90cm de espessura. Os entalhes mostravam o encontro entre dois homens altos, ambos usando mantos complicados e sapatos elegantes, com as biqueiras voltadas para cima. Erosão ou mutilação deliberada (praticada com grande frequência em monumentos olmecas) haviam causado o desfiguramento completo de uma das figuras. A outra estava intacta. A peça mostrava com tanta clareza um homem caucasiano de nariz afilado e barba longa e ondulante que os confusos arqueólogos imediatamente a batizaram como "Tio Sam".

Andei vagarosamente em torno da estela de 20 toneladas, lembrando ao mesmo tempo que ela estivera ali enterrada durante mais de 3.000 anos. Apenas durante um curto meio século, mais ou menos, desde as escavações de Stirling, ela voltara a ver a luz do dia. Qual seria seu destino nesse momento? Ficaria ali por mais trinta séculos, como objeto de veneração e esplendor para as gerações futuras olharem boquiabertas e a reverenciarem? Ou, em um período de tempo tão dilatado assim, seria possível que as circunstâncias pudessem mudar tanto que ela fosse, mais uma vez, sepultada e escondida?

Talvez nenhuma das duas coisas acontecesse. Lembrei-me do antigo sistema de calendário da América Central, inventado pelos olmecas.

Segundo o sistema, e de acordo com seus sucessores mais famosos, os calendários maias, talvez simplesmente não nos restasse tanto tempo assim, quanto mais três milênios. Com o Quinto Sol esgotado, um terremoto terrível estava tomando forma para destruir a humanidade, dois dias antes do Natal do ano 2012 d.C.

Voltei a atenção para a estela. Duas coisas me pareciam claras: o encontro mostrado na cena deveria, por alguma razão, ter sido de imensa importância para os olmecas e daí a grandiosidade da própria estela e a construção de uma paliçada notável de colunas para protegê-la. E, como acontecia também com as cabeças de negros, era óbvio que a face do caucasiano barbudo só poderia ter sido esculpida à vista de um modelo humano. A verossimilhança racial era boa demais para que um artista a tivesse inventado.

A mesma conclusão aplicava-se a duas outras figuras caucasianas, que consegui identificar entre os monumentos remanescentes de La Venta. Uma delas havia sido talhada em baixo-relevo em uma laje pesada e aproximadamente circular de uns 65cm de diâmetro. Usando o que pareciam pernas justas, as feições dessa figura eram de um anglo-saxão. Ele usava barba cerrada em ponta e tinha na cabeça um curioso boné de aba mole. Na mão esquerda, mostrava uma bandeira, ou talvez fosse uma arma de algum tipo. A mão direita, espalmada sobre o centro do peito, parecia estar vazia. Em volta da cintura fina, um faixa ondulante amarrada. A outra figura caucasiana, dessa vez talhada em um lado de um pilar estreito, era também barbuda e se vestia da mesma maneira.

Quem eram essas figuras tão patentemente estrangeiras? O que estariam fazendo na América Central? Quando haviam chegado? E que relacionamento mantinham com os outros estrangeiros que haviam se estabelecido nessa quente e úmida floresta de seringueiras - os indivíduos que haviam servido de modelos para as grandes cabeças de negros?

Alguns pesquisadores radicais, rejeitando o dogma do isolamento do Novo Mundo antes de 1492, haviam sugerido o que parecia uma solução viável para o problema: os indivíduos barbudos de feições

finas poderiam ter sido fenícios do Mediterrâneo, que haviam cruzado os Pilares de Hércules [estreito de Gibraltar] e chegado ao outro lado do Atlântico já no segundo milênio a.C. Defensores dessa teoria foram ainda mais longe e sugeriram que os negros mostrados nos mesmos sítios arqueológicos eram "escravos" dos fenícios, capturados na costa oeste da África, antes da viagem transatlântica.

Quanto mais pensava no caráter estranho das esculturas de La Venta, mais insatisfeito eu ficava com essas idéias. Provavelmente, os fenícios e outros povos do Velho Mundo haviam cruzado o Atlântico muito antes de Colombo. Havia prova sólida nesse sentido, embora elas se situem fora do escopo deste livro. O problema era que os fenícios, que haviam deixado exemplos inconfundíveis de seu artesanato característico em numerosas partes do mundo antigo, não haviam feito o mesmo em sítios arqueológicos olmecas na América Central. Nada nas cabeças de negro, nem nos altos-relevos que mostravam caucasianos barbudos, continha quaisquer sinais de qualquer coisa remotamente fenícia em estilo, artesanato ou caráter. Na verdade, do ponto de vista estilístico, essas impressionantes obras de arte não pareciam pertencer a qualquer cultura, tradição ou gênero conhecidos. Aparentemente, não tinham antecedentes nem no Novo nem no Velho Mundo.

Elas pareciam soltas no ar... e isso, claro, era impossível, porque todas as formas de expressão artística têm raízes em algum lugar.

Uma Hipotética Terceira Parte

Ocorreu-me que uma explicação plausível poderia ser encontrada em uma variante da teoria da "hipotética terceira parte", proposta originalmente por certo número de destacados egiptólogos para explicar um dos grandes enigmas da história e cronologia egípcias.

A evidência arqueológica sugeria que, em vez de desenvolver-se lenta e laboriosamente, como é normal nas sociedades humanas, a civilização do antigo Egito, tal como a dos olmecas, emergiu de

repente e inteiramente desenvolvida. Na verdade, o período de transição de sociedade primitiva para avançada parece ter sido tão curto que não faz qualquer tipo de sentido histórico. Perícias tecnológicas que deviam ter levado centenas ou mesmo milhares de anos para evoluir foram postas em uso quase que da noite para o dia - e, aparentemente, sem quaisquer antecedentes.

Restos do período pré-dinástico, por volta do ano 3500 a.C., por exemplo, nenhum traço mostram de escrita. Pouco depois dessa data, súbita e inexplicavelmente, os hieróglifos, encontrados em tantas ruínas do antigo Egito, começaram a aparecer em estado perfeito e completo. Muito longe de ser meros desenhos de objetos ou ações, essa linguagem escrita foi, desde o início, complexa e estruturada, com sinais que representavam exclusivamente sons e um detalhado sistema de símbolos numéricos. Até mesmo os hieróglifos mais antigos eram estilizados e seguiam convenções. É claro que uma escrita cursiva adiantada estava em uso comum quando do surgimento da Primeira Dinastia.

O notável é que não havia traços de evolução do simples para o sofisticado e o mesmo acontecia com a matemática, a medicina, a astronomia, a arquitetura e um sistema espantosamente rico e complicado religioso-mitológico (até mesmo o conteúdo básico de obras refinadas, como o Livro dos Mortos, existia já no começo do período dinástico).

A maioria dos egiptólogos recusa-se a levar em conta as implicações da antiga sofisticação do Egito. Essas implicações são espantosas, de acordo com certo número de pensadores mais ousados. John Anthony West, especialista no início do período dinástico, pergunta:

De que modo uma civilização complexa surge inteiramente desenvolvida? Vejam o automóvel de 1905 e comparem-no com o carro de hoje. Não há como negar o processo de "desenvolvimento". No Egito, porém, não encontramos paralelos. Tudo estava lá, desde o início.

A solução do mistério é, claro, óbvia. Mas como se choca com o molde predominante do pensamento moderno, ela raramente é levada em conta. A civilização egípcia não foi um "desenvolvimento", mas um legado.

West tem sido há muitos anos um espinho na carne do "Sistema" egiptológico. Outros estudiosos, de opiniões mais tradicionais, porém, confessaram também sua confusão com a subitaneidade com que apareceu a civilização egípcia. Walter Emery, o falecido professor da Cátedra Edwards de Egiptologia, da Universidade de Londres, resumiu o problema da seguinte maneira:

Em um período de aproximadamente 3.400 anos antes de Cristo uma grande mudança ocorreu no Egito e o país passou rapidamente de um estado de cultura neolítica, com um complexo caráter tribal, para outro de monarquia bem organizada...

Na mesma ocasião, apareceu a arte da escrita, a arquitetura monumental, as artes e ofícios desenvolveram-se em um grau impressionante, ao mesmo tempo em que todas as indicações sugeriam a existência de uma civilização luxuosa. Tudo isso foi realizado em um período de tempo relativamente curto, pois parece ter havido poucos ou nenhum antecedente desses progressos básicos na escrita ou na arquitetura.

Uma explicação poderia simplesmente ser que o Egito recebeu seu súbito e decisivo empurrão cultural de alguma outra civilização conhecida do mundo antigo. A Suméria, no baixo Eufrates, Mesopotâmia, parece o candidato mais provável. A despeito de numerosas diferenças básicas, uma grande variedade de técnicas de construção e estilos arquitetônicos comuns sugerem, de fato, um elo entre as duas regiões. Mas nenhuma dessas semelhanças é suficientemente forte para justificar a inferência de que a conexão poderia ter sido de qualquer maneira causal, com uma sociedade

influenciando diretamente a outra. Muito ao contrário, como sugere o professor Emery:

A impressão que formamos é de uma conexão indireta e, talvez, a existência de uma terceira parte, cuja influência espalhou-se pelo Eufrates e pelo Nilo... Estudiosos modernos têm se inclinado a ignorar a possibilidade de emigração para ambas as regiões, procedente de alguma área hipotética e até agora não descoberta. Não obstante, uma terceira parte, cujas realizações culturais tivessem sido transmitidas independentemente ao Egito e à Mesopotâmia, seria a melhor explicação para aspectos comuns e diferenças fundamentais entre as duas civilizações.

Entre outras coisas, essa teoria lança luz sobre o fato misterioso de que os egípcios e os sumerianos, estes da Mesopotâmia, parecem ter adorado divindades lunares virtualmente idênticas, que figuraram entre as mais antigas em seus respectivos panteões. (Thoth, no caso do Egito, e Sin, no caso dos sumerianos.) De acordo com o eminente egiptólogo *sir* E.A. Wallis Budge, "A semelhança entre os dois deuses é forte demais para que seja acidental. (...) Seria errôneo dizer que os egípcios tomaram empréstimos aos sumerianos ou que estes fizeram o mesmo com os egípcios, mas pode-se sugerir que os *literati* de ambos os povos tomaram seus sistemas teológicos emprestados de uma fonte comum, mas extremamente antiga".

A questão, por conseguinte, consiste em saber o seguinte: qual era essa "fonte comum, mas extremamente antiga", essa "área hipotética mas ainda não descoberta", essa avançada "terceira parte" a que se referem Budge e Emery? E se ela deixou um legado de alta cultura no Egito e na Mesopotâmia, por que não teria feito o mesmo na América Central?

Não basta argumentar que a civilização "decolou" muito mais tarde no México do que no Oriente Médio. É possível que o impulso inicial pudesse ter sido sentido simultaneamente em ambos os lugares, mas que o resultado subsequente possa ter sido inteiramente diferente.

De acordo com esse cenário, os civilizadores teriam obtido um sucesso brilhante no Egito e na Suméria, criando nessas regiões culturas duradouras e notáveis. No México, por outro lado (como também parece ter acontecido no Peru), eles sofreram alguns graves reveses - talvez começando bem, ocasião em que as cabeças de pedra gigantescas e os altos-relevos de homens barbudos foram feitos, mas em seguida despencando rapidamente ladeira abaixo. A luz da civilização jamais teria sido inteiramente perdida, mas talvez as coisas não se arrumassem novamente até por volta do ano 1500 a.C., ou no chamado "horizonte olmeca". Por essa altura, as grandes esculturas já seriam velhíssimas, relíquias antigas de imenso poder espiritual, com suas origens praticamente esquecidas e envolvidas em mitos de gigantes e civilizadores barbudos.

Se assim, podemos estar olhando para faces de um passado muito mais remoto do que imaginamos, quando fitamos os olhos amendoados de uma das cabeças de negro ou os traços angulosos, nitidamente cinzelados, de "Tio Sam". Não é absolutamente impossível que essas grandes obras preservem as imagens de homens de uma civilização desaparecida que englobava vários diferentes grupos étnicos.

Essa, em resumo, é a teoria da "hipotética terceira parte", da forma aplicada à América Central: a civilização do México antigo não emergiu sem influência externa e tampouco como resultado de influência do Velho Mundo. Em vez disso, certas culturas do Velho e do Novo Mundo podem ter recebido um legado de influências e idéias de uma terceira parte, em uma data extremamente remota.

De Villahermosa a Oaxaca

Antes de deixar Villahermosa, visitei o CICOM, o Centro de Investigação das Culturas Olmeca e Maia. Eu queria saber com os estudiosos desse estabelecimento se havia algum outro sítio arqueológico olmeca importante na região. Para minha surpresa, eles

sugeriram que eu procurasse muito mais longe, em Monte Albán, na província de Oaxaca, a centenas de quilômetros na direção sudoeste, onde arqueólogos haviam aparentemente desenterrado artefatos "olmecóides" e certo número de altos-relevos que se pensava que representassem os próprios olmecas.

Eu e Santha havíamos pensado em seguir diretamente de Villahermosa para a península de Yucatán, que fica a nordeste. Embora a viagem a Monte Albán implicasse uma volta enorme, resolvemos fazê-la, na esperança de que pudesse lançar mais alguma luz sobre os olmecas. Além do mais, prometia ser uma viagem espetacular, através de montanhas imensas e até o coração do vale escondido onde se situa a cidade de Oaxaca.

Seguimos quase diretamente para oeste, deixando para trás o sítio arqueológico perdido de La Venta, mais uma vez Coatzacoalcos, Sayula e Loma Bonita, até o entroncamento ferroviário na cidade de Tuxtepec. Ao fazer isso, demos gradualmente as costas ao campo cheio de cicatrizes e enegrecido pela indústria petrolífera, cruzamos baixas encostas atapetadas de luxuriante relva verde e corremos entre campos plantados e em plena produção agrícola.

Em Tuxtepec, onde as *sierras* realmente começam, viramos bruscamente para o sul, seguindo a Estrada 175 até Oaxaca. No mapa, parecia pouco mais do que a metade da distância que havíamos coberto desde Villahermosa. Descobrimos, no entanto, que a estrada era um ziguezague complicado, de dar nos nervos e cansar os músculos, de curvas fechadas intermináveis - estreita, tortuosa e costeando precipícios - e que entrava nas nuvens como uma escada no céu. Passamos por muitas diferentes camadas de vegetação tipo alpino, cada uma delas ocupando um nicho climatológico especializado, até que a estrada nos levou, acima das nuvens, a um lugar onde plantas conhecidas floresciam em formas gigantescas, tal como as trífides de John Wyndham, criando uma paisagem surrealista e extraterrena. Precisamos de 12 horas para cobrir os 700 quilômetros que separam Villahermosa de Oaxaca. Ao terminar a viagem, eu tinha as mãos cheias de bolhas, por segurar o volante com força demais,

por tempo longo demais, através de um número grande demais de curvas fechadas. Sentia os olhos turvos e continuava a ver retrospectivamente os abismos vertiginosos pelos quais havíamos passado na Estrada 175, nas montanhas, onde cresciam as trífides.

A cidade de Oaxaca é famosa pelos cogumelos mágicos, pela maconha e por D.H. Lawrence (que a descreveu e a usou em parte como cenário de seu romance *The Plumed Serpent*, publicado na década de 1920). Persiste no local uma atmosfera boêmia e até tarde da noite uma corrente de excitação parece ondular entre as multidões que encham os bares e os cafés, as ruas lajeadas estreitas, os velhos prédios e as espaçosas praças.

Tomamos um quarto de frente para um dos três pátios abertos do Hotel Las Golondrinas. A cama era confortável, estrelas brilhavam no céu, mas, embora cansado, eu não conseguia dormir.

O que me mantinha acordado era a idéia sobre os civilizadores... os deuses barbudos e seus companheiros. No México, como no Peru, eles aparentemente haviam amargado um fracasso. Era isso o que as lendas insinuavam, e não apenas elas, como descobri quando chegamos a Monte Albán na manhã seguinte.

CAPÍTULO 19

Aventuras no Mundo Subterrâneo, Jornadas às Estrelas

A teoria da "hipotética terceira parte" explica as semelhanças e diferenças fundamentais entre o antigo Egito e a antiga Mesopotâmia, ao sugerir que ambos receberam, do mesmo ancestral remoto, um legado comum de civilização. Nenhuma sugestão séria, no entanto, foi feita sobre o local onde poderia ter existido essa civilização ancestral, sua natureza, ou quando floresceu. Tal como um buraco negro no espaço, ela não podia ser vista. Ainda assim, podemos deduzir-lhe a presença pelos efeitos que produziu sobre coisas que podem ser vistas - neste caso, as civilizações da Suméria e do Egito.

Seria possível que o mesmo ancestral misterioso, a mesma invisível fonte de influência, pudesse ter deixado sua marca no México? Se assim, caberia esperar encontrar certas semelhanças culturais entre as antigas civilizações do México e as da Suméria e do Egito. E também imensas diferenças, resultantes dos longos períodos de evolução divergente que separaram essas áreas nos tempos históricos. Mas poderíamos esperar também que as diferenças fossem menores entre a Suméria e o Egito, que mantiveram contatos regulares entre si no período histórico, do que entre as duas culturas do Oriente Médio e as culturas da distante América Central, que, na melhor das hipóteses, teriam tido apenas contatos ocasionais, superficiais e intermitentes, antes da "descoberta" do Novo Mundo por Colombo em 1492.

Devoradores de Mortos, Monstros da Terra, Reis Estelares, Anões e Outros Parentes

Por alguma curiosa razão que não foi ainda explicada, os antigos egípcios tinham uma preferência especial e reverência por anões. O mesmo aconteceu com os povos civilizados da antiga América Central, retroagindo diretamente ao tempo dos olmecas. Em ambos os casos, acreditava-se que os anões mantinham contato direto com os deuses. E ainda em ambos os casos, eram preferidos como dançarinos e mostrados nesse papel em obras de arte.

Nos primórdios do período dinástico do Egito, há mais de 4.500 anos, uma "Enéade" de nove divindades onipotentes era objeto de uma adoração especial dos sacerdotes de Heliópolis. De idêntica maneira, na América Central, tanto os astecas quanto os maias acreditavam em um sistema todo-poderoso de nove divindades.

O *Popol Vuh*, o livro sagrado dos antigos maias quiche do México e da Guatemala, contém várias passagens que indicam claramente a crença no "renascimento estelar" - a reencarnação dos mortos como estrelas. Depois de terem sido mortos, por exemplo, os Gêmeos

Heróicos chamados Hunahpu e Xbalanque "ergueram-se em meio à luz e, no mesmo instante, foram levados para o céu... Em seguida, o arco do céu e a face da terra foram iluminados. E eles habitaram o céu". Na mesma ocasião, subiram também 400 companheiros dos gêmeos, que haviam sido também mortos, "e assim eles se tornaram novamente companheiros de Hunahpu e Xbalanque e foram transformados em estrelas no céu".

A maioria das tradições sobre o deus-rei Quetzalcoatl, como vimos acima, focaliza-se em suas façanhas e ensinamentos como civilizador. Seus seguidores no México antigo, porém, acreditavam também que sua manifestação humana havia experimentado a morte e que, *em seguida, ele havia renascido como estrela*.

É pelo menos curioso, para dizer o mínimo, descobrir que no Egito, na Era das Pirâmides, há mais de 4.000 anos, a religião oficial girava em torno da crença de que o faraó morto renascia como estrela. Eram entoados encantamentos que tinham a finalidade de facilitar o rápido renascimento nos céus do monarca falecido. "Oh, rei, tu és a Grande estrela, o Companheiro de Órion, que cruza o céu com Órion... sobes do leste do céu, sendo renovado em tua devida estação e rejuvenescido em teu devido tempo...". Vale lembrar aqui que já encontramos a constelação de Órion nas planícies de Nazca e que iremos reencontrá-la...

Entrementes, estudemos o Antigo Livro Egípcio dos Mortos. Parte de seu conteúdo é tão antigo quanto a própria civilização do Egito e serve como uma espécie de Baedeker [guia turístico] para a transmigração da alma. O livro instrui o morto sobre a maneira de superar os perigos da vida após a morte, permite-lhe assumir a forma de várias criaturas míticas e fornece-lhe as senhas necessárias para ter entrada nos vários estágios, ou níveis, do mundo subterrâneo.

Seria uma coincidência que os povos da antiga América Central tivessem uma visão paralela dos perigos da vida após a morte? Reinava a crença geral de que o mundo subterrâneo consistia de nove estratos, pelos quais os mortos viajariam durante quatro anos, superando obstáculos e perigos. Os estratos tinham nomes auto-

explicativos, tais como "lugar onde as montanhas se chocam", "lugar onde flechas são disparadas", "montanha das facas", e assim por diante. Na antiga América Central e no antigo Egito, acreditava-se que a viagem do morto através do mundo subterrâneo era feita em barco, acompanhado de "deuses remadores", que o levavam de um estágio a outro. Descobriu-se que a tumba de "Pente Duplo", governante maia da cidade de Tikal, no século VIII, continha uma representação dessa cena. Imagens semelhantes são encontradas em todo o Vale dos Reis, no Alto Egito, especialmente na tumba de Tutmósis III, um faraó da VIII Dinastia. Seria uma coincidência que os passageiros da barca do falecido faraó e a canoa na qual Pente Duplo fez sua viagem final incluíssem (em ambos os casos) um cão ou divindade com cabeça de cão, uma ave ou divindade com cabeça de ave, um símio ou divindade com cabeça de símio?

O sétimo estrato do antigo mundo subterrâneo mexicano era denominado *Teocoyolcualloya*, "lugar onde feras devoram corações". Seria uma coincidência que um dos estágios do submundo do Egito antigo, "a Galeria do Julgamento", implicasse uma série quase idêntica de símbolos? Nesse momento crucial, o coração do morto era pesado em comparação com uma pena. Se estivesse cheio de pecado, o coração inclinaria a balança em sua direção. O deus Thoth anotava o julgamento em uma paleta e o coração era imediatamente devorado por uma terrível fera, parte crocodilo, parte hipopótamo, parte leão, que era chamada de "a Devoradora de Mortos".

Por último, voltemos ao Egito da Era das Pirâmides e à condição privilegiada do faraó, que lhe permitia evitar o julgamento no submundo e renascer como estrela. Encantamentos rituais faziam parte do processo. Igualmente importante era uma cerimônia misteriosa, conhecida como "abertura da boca", sempre realizada após a morte do faraó e que arqueólogos acreditam datar dos tempos pré-dinásticos. O sumo sacerdote e quatro atendentes participavam do rito, usando o *peshenkhef*, um instrumento cerimonial de corte, empregado para "abrir a boca" do deus-rei falecido, medida esta julgada necessária para lhe garantir a ressurreição nos céus. Altos-

relevos e vinhetas remanescentes mostrando a cerimônia não deixam dúvida de que o cadáver mumificado recebia um duro golpe físico com o *peshenkhef*. Além disso, surgiu recentemente prova indicando que uma das câmaras na Grande Pirâmide de Gizé pode ter servido como local da cerimônia.

Tudo isso tem uma contrapartida estranha e deturpada no México. Vimos que eram gerais os sacrifícios humanos nos tempos anteriores à conquista. Seria uma coincidência que o altar sacrificial fosse uma pirâmide, que da cerimônia se encarregassem um sumo sacerdote e quatro atendentes, que um instrumento de corte, a faca sacrificial, fosse usada para aplicar um forte golpe físico no corpo da vítima, e que se acreditasse que sua alma subia diretamente para o céu, evitando os perigos do submundo?

À medida que essas "coincidências" continuam a multiplicar-se, é razoável perguntar se não pode ter havido entre elas alguma ligação subjacente. Este é certamente o caso quando aprendemos que o termo geral para "sacrifício" em toda a América Central antiga era *p'achi*, que significava "abrir a boca".

Poderia acontecer, por conseguinte, que os fatos que aqui estudamos, ocorridos em áreas geográficas tão distantes entre si e em diferentes períodos da história, não fossem apenas coincidências espantosas, mas alguma obscura e deturpada memória, com origem na antiguidade mais distante? Nada indica que a cerimônia egípcia de abertura da boca tenha influenciado diretamente a cerimônia mexicana do mesmo nome (ou vice-versa, por falar nisso). As diferenças fundamentais entre os dois casos eliminam essa possibilidade. O que de fato parece possível, no entanto, é que suas semelhanças possam ser resquícios de um legado comum, recebido de um ancestral comum. Os povos da América Central fizeram uma coisa com o legado e, os egípcios, outra, embora algum simbolismo e nomenclatura comum fossem conservados por ambas.

Este não é o lugar para nos alongarmos sobre a minha impressão de que existiu uma ligação antiga e vaga, que emerge da prova egípcia e meso-americana. Mas, antes de continuar, importa notar que uma

"conectividade" semelhante liga os sistemas de crença do México pré-colombiano e os da Suméria, na Mesopotâmia. Mais uma vez, a evidência sugere mais um antigo ancestral comum do que qualquer influência direta.

Vejamos o caso de Oannes, por exemplo.

"Oannes" é a versão grega do Uan sumeriano, o nome do ser anfíbio descrito, na Parte II, que se acreditava que trouxe as artes e as perícias da civilização à Mesopotâmia. Lendas que datam de pelo menos 5.000 anos contam que Uan vivia no fundo do mar, emergindo todas as manhãs das águas do golfo Pérsico para civilizar e ensinar à humanidade. Será uma coincidência que *uaana*, na língua maia, significasse "aquele que mora na água"?

Vejamos também o caso de Tiamat, a deusa sumeriana do oceano e das forças do caos primitivo, sempre apresentada como um monstro devorador. Segundo a tradição mesopotâmica, Tiamat voltou-se contra outras divindades e desencadeou um holocausto de destruição, antes de ser finalmente destruída por Marduk, o herói celestial:

Ela, Tiamat, abriu a boca para devorá-lo.

Ele liberou o vento maligno, e ela não conseguiu mais fechar os lábios.

Os ventos terríveis encheram-lhe a pança e o coração foi capturado,

Ela ficou de boca escancarada,

Ele lançou uma flecha, que lhe perfurou a pança,

Suas partes internas ele fendeu, e partiu-lhe em dois o coração,

Tornou-a impotente e destruiu-lhe a vida,

Derrubou-lhe o corpo e em cima dele se pôs de pé.

De que maneira dar prosseguimento a um ato como esse?

Marduk podia fazer isso. Olhando o cadáver monstruoso da adversária, "concebeu obras de arte" e o grande plano da criação do mundo começou a tomar forma em sua mente. Seu primeiro ato foi abrir em dois o crânio de Tiamat e cortar-lhe as artérias. Em seguida, quebrou-a em duas partes "como se fosse um peixe seco", usando

uma metade para fazer o telhado dos céus e a outra para criar a superfície da terra. Dos seios de Tiamat fez montanhas, do cuspe, nuvens, e ordenou que os rios Tigre e Eufrates fluíssem de seus olhos".

Lenda estranha, violenta, e antiquíssima.

As antigas civilizações da América Central tiveram sua própria versão dessa história. Neste caso, Quetzalcoatl, em sua encarnação de divindade criadora, assumiu o papel de Marduk, enquanto o de Tiamat era representado por Cipactli, o "Grande Monstro da Terra". Quetzalcoatl agarrou as pernas de Cipactli "enquanto ela nadava nas águas primevas e partiu-lhe o corpo em duas metades, uma parte formando o céu e, a outra, a terra". Usando-lhe os cabelos e a pele, criou a relva, flores e ervas, "de seus olhos, poços e fontes, e de seus ombros, montanhas".

Serão esses paralelos peculiares entre os mitos sumeriano e mexicano apenas pura coincidência ou poderiam ambos ter sido marcados pelas impressões digitais de uma civilização perdida? Se assim, as faces dos heróis dessa cultura antiga podem ter sido realmente talhadas em pedra e transmitidas como heranças através de milhares de anos, às vezes à vista de todos, em outras ocasiões sepultadas, até que fossem desenterradas, pela última vez, por arqueólogos em nossa era e recebido rótulos como "Cabeça Olmeca" e "Tio Sam".

As faces desses heróis aparecem também em Monte Albán, onde, aparentemente, contam uma triste história.

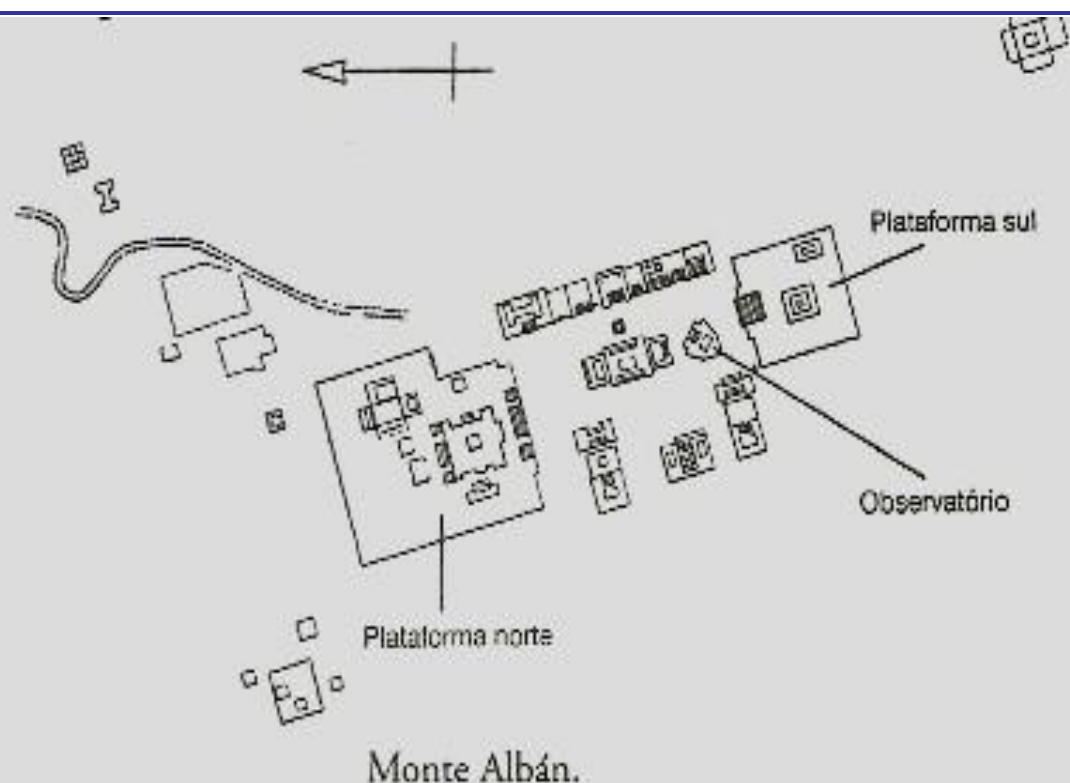
Monte Albán: A Queda dos Poderosos

Sítio arqueológico que se pensa ter uns 3.000 anos, Monte Albán situa-se no topo de uma imensa colina artificialmente nivelada, a cavaleiro de Oaxaca. O sítio consiste de uma enorme área retangular, a Grande Plaza, cercada por grupos de pirâmides e outros prédios, dispostos em relações geométricas precisas entre si. A impressão

geral causada pelo local é de harmonia e proporção, emergindo de um plano bem-estruturado e simétrico.

Seguindo os conselhos dos estudiosos do CICOM, com quem eu havia conversado antes de deixar Villahermosa, dirigi-me em primeiro lugar para o canto sudoeste mais distante do sítio. Ali, empilhado frouxamente contra o lado de uma pirâmide baixa, estavam os objetos que haviam me levado a fazer toda aquela viagem: várias dezenas de estelas entalhadas, mostrando negros e caucasianos... iguais na vida... iguais na morte.

Se uma grande civilização realmente se perdeu nas brumas da história, e se essas esculturas contam parte de sua história, a mensagem transmitida é de igualdade racial. Ninguém que tenha visto o orgulho, ou sentido o carisma, das grandes cabeças de negros de La Venta poderia imaginar realmente que os modelos originais dessas esculturas magistrais tivessem sido escravos. Nem os homens de rosto fino e barba cerrada davam a impressão de que tivessem dobrado os joelhos diante de alguém. Eles, também, exibiam uma postura aristocrática.



Se uma grande civilização realmente se perdeu nas brumas da história, e se essas esculturas contam parte de sua história, a mensagem transmitida é de igual-

Em Monte Albán, contudo, parecia ter sido talhado na pedra um registro da queda desses homens poderosos. E nada indicava que essa decadência pudesse ter sido obra dos mesmos homens que haviam criado as esculturas de La Venta. O padrão de artesanato era baixo demais para isso. Mas era inegável - quem quer que tenham sido e por mais inferior que fosse seu trabalho - que esses artistas haviam tentado mostrar os mesmos sujeitos negróides e os mesmos caucasianos barbudos que eu vira em La Venta. Neste último local, as esculturas haviam refletido força, poder e vitalidade. Ali em Monte Albán, os estrangeiros notáveis eram cadáveres, todos nus, a maioria castrada, alguns dobrados em posição fetal, como se para evitar uma

chuva de golpes, enquanto outros pareciam caídos, com as pernas frouxamente abertas.

Arqueólogos disseram que as esculturas mostravam "cadáveres de prisioneiros capturados em combate".

Que prisioneiros? De que origem?

O local, afinal de contas, situava-se na América Central, no Novo Mundo, tinha sido construído milhares de anos antes de Colombo. Por isso mesmo, não era estranho que essas imagens de baixas no campo de batalha não mostrassem um único americano nativo, mas apenas e exclusivamente tipos raciais do Velho Mundo?

Por alguma razão, estudiosos ortodoxos nada achavam de enigmático nessa situação, mesmo que, por seus próprios cálculos, as esculturas fossem extremamente antigas (datando de alguma época entre os anos 1000 e 600 a.C.). Como em outros locais, esse marco temporal fora obtido em testes com matéria orgânica encontrada conjuntamente com elas, e não nas próprias esculturas, que haviam sido entalhadas em estelas de granito e que por isso mesmo era difícil de datar objetivamente.

Legado

Uma inscrição hieroglífica refinada, ainda não decifrada, mas inteiramente desenvolvida, foi encontrada em Monte Albán, grande parte na mesma estela que as grosseiras figuras negróide e caucasiana. Acreditam especialistas que se trata "da escrita mais antiga conhecida no México". Era claro também que o povo que vivera nesse local havia sido constituído de construtores talentosos e mais do que habitualmente preocupados com astronomia. Um observatório, consistindo de uma estrutura estranha, em forma de ponta de flecha, orienta-se em um ângulo de 45° em relação ao eixo principal (que foi deliberadamente desviado em vários graus em relação à linha norte-sul). Penetrando no laboratório, descobri que era um labirinto de

túneis minúsculos, estreitos e de íngremes escadas internas, proporcionando linhas de visada para diferentes regiões do céu.

O povo de Monte Albán, tal como o de Tres Zapotes, deixou prova clara de seu conhecimento de matemática, sob a forma de computações em barras e pontos. Haviam usado também o notável calendário, criado pelos olmecas e fortemente ligado aos maias, que surgira depois, e que prevê o fim do mundo no dia 23 de dezembro do ano 2012 de nossa era.

Se o calendário e a preocupação com o tempo haviam sido partes do legado de uma civilização antiga e esquecida, os maias devem ser classificados como seus herdeiros mais fiéis e inspirados. "O tempo", como disse o arqueólogo Eric Thompson em 1950, "era o mistério supremo da religião maia, um tema que saturava o pensamento desse povo em uma extensão sem paralelo na história da humanidade".

Enquanto continuava minhas jornadas pela América Central, eu me sentia cada vez mais profundamente atraído para os labirintos desse enigma estranho e intimidador.

CAPÍTULO 20

Os Filhos dos Primeiros Homens

Palenque, província de Chiapas

A noite estava caindo. Sentado exatamente embaixo do canto nordeste do Templo das Inscrições, de origem maia, olhei para o norte, por cima da selva que mergulhava na noite e onde a terra caía na direção da planície de inundação de Usumacinta.

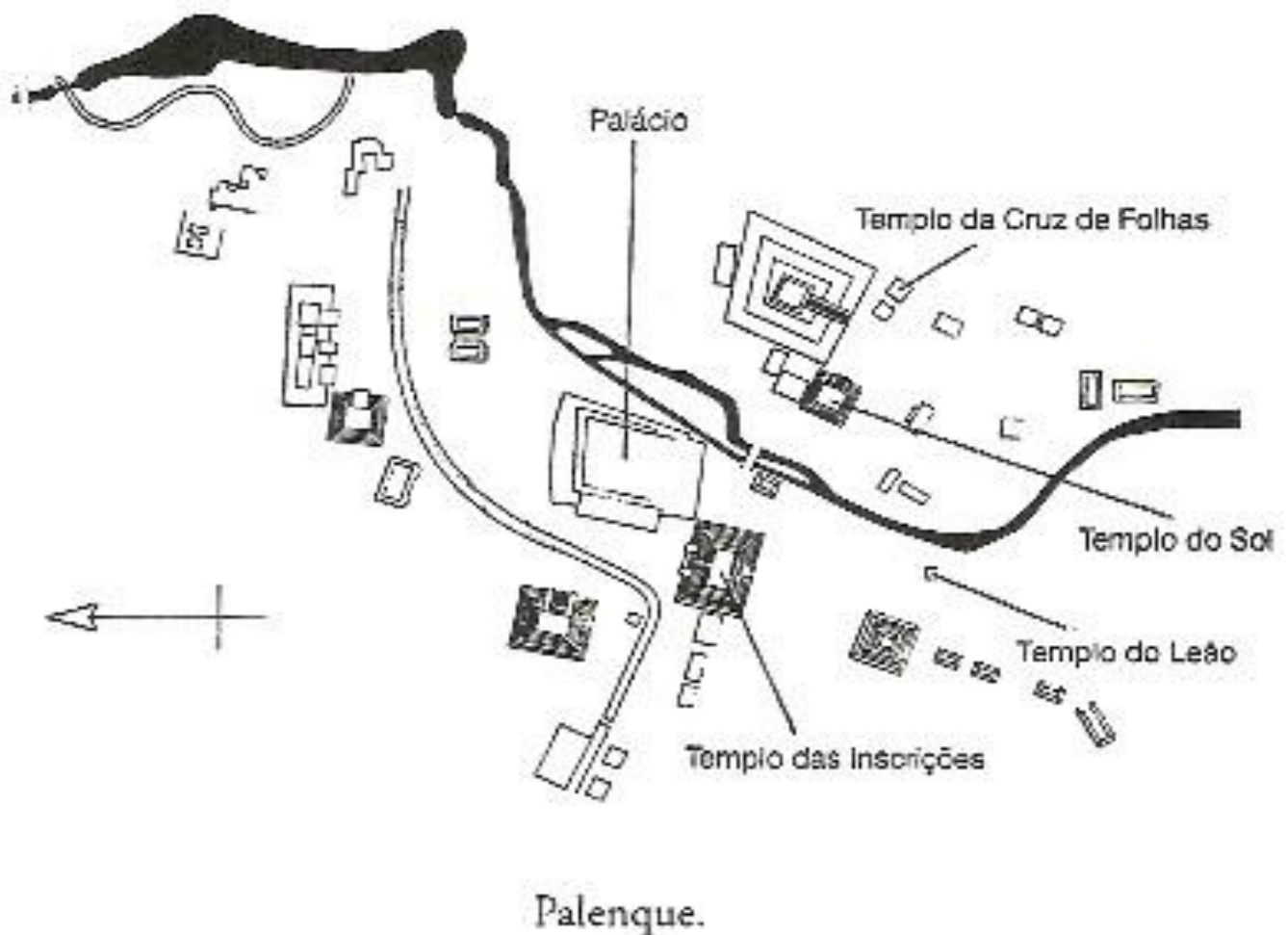
O Templo, composto de três câmaras, repousava no alto de uma pirâmide de nove níveis, de pouco mais de 30m de altura. As linhas suaves e harmoniosas da estrutura davam-lhe uma aparência de delicadeza, mas não de fraqueza. O monumento parecia sólido, fincado na terra, duradouro - uma criação de pura geometria e imaginação.

Olhando para a direita, o Palácio, um espaçoso complexo retangular assentado sobre uma base piramidal, dominado por uma torre estreita de quatro andares, que se pensa ter sido usada como observatório astronômico por sacerdotes maias.

Por toda parte em volta, onde papagaios e araras de cores vivas passavam em vôos rasantes pelo topo das árvores, havia certo número de outras estruturas espetaculares, meio engolidas pela floresta que avançava. Entre elas, destacavam-se o Templo da Cruz Ornamentada com Folhas, o Templo do Sol, o Templo do Conde e o Templo do Leão - nomes, sem exceção, dados por arqueólogos. Uma parte enorme daquilo que os maias haviam representado, cultivado, acreditado e lembrado de passadas eras estava irrecuperavelmente perdida. Embora tivéssemos há muito tempo aprendido a ler as datas que eles atribuíam a determinados acontecimentos, estávamos justamente começando a obter progresso na decifração de seus complicados hieróglifos.

Levantei-me, subi os últimos degraus e entrei na câmara central do Templo. Encaixada na parede dos fundos, vi duas grandes lajes cinzentas e nelas, inscritos em linhas organizadas como peças em um tabuleiro de xadrez, observei 620 glifos maias separados. Tinham a forma de faces, monstruosas e humanas, juntamente com um bestiário de criaturas míticas, vistas em contorções.

O que diziam aqueles glifos? Ninguém sabia ao certo, porque as inscrições, que constituíam uma mistura de escrita pictográfica e símbolos fonéticos, não haviam sido ainda inteiramente decodificadas. Era evidente, no entanto, que certo número de glifos referiam-se a épocas recuadas milhares de anos no passado e que falavam de homens e deuses que haviam desempenhado algum papel em eventos pré-históricos.



A Tumba de Pacal

À esquerda dos hieróglifos, aberta nas imensas lajes do piso do templo, uma escada íngreme descia para um nível que conduzia a uma câmara, escondida profundamente nas entranhas da pirâmide, a tumba do Senhor Pacal. Os degraus, de blocos de pedra calcária altamente polidos, eram estreitos e surpreendentemente escorregadios e úmidos. Movendo-me de lado como caranguejo, acendi a lanterna elétrica e desci cauteloso pela escuridão, apoiando-me o tempo todo na parede sul.

Essa escada úmida tinha sido uma passagem secreta desde a data em que fora fechada, por volta do ano 683 d.C., até junho de 1952, época em que o arqueólogo mexicano Alberto Ruz levantou as lajes do chão do templo. Embora uma segunda tumba do mesmo tipo fosse

descoberta em Palenque no ano de 1994, Ruz teve a honra de ser o primeiro homem a descobrir essa característica no interior de uma pirâmide do Novo Mundo. A escada fora deliberadamente enchida com entulho pelos construtores e mais de quatro anos se passaram antes que os arqueólogos desimpedissem o local e chegassem ao fundo.

Nesse momento, eles penetraram numa câmara estreita, sustentada por modilhões. Espalhados no chão, viram os esqueletos bolorentos de cinco ou, possivelmente, seis jovens vítimas sacrificiais. Uma imensa laje triangular era visível na extremidade mais distante da câmara. Ao removê-la, Ruz descobriu uma tumba notável. Descreveu-a mais tarde como "uma enorme sala que dava a impressão de talhada em gelo, um tipo de caverna, cujas paredes e teto pareciam ter sido planejados como superfícies perfeitas, ou uma capela abandonada, com uma cúpula afestonada por cortinas de estalactites e de cujo chão subiam estalagmites, como gotas de cera de uma vela".

A sala, com o teto também sustentado por modilhões, media 9m de comprimento por 7m de altura. Nas paredes em volta, em altos-relevos de estuque, podiam ser vistas as figuras dos Senhores da Noite, com as pernas abertas - a "Enéade" das nove divindades que reinavam sobre as horas da escuridão. No centro, e dominadas por essas figuras, havia um enorme sarcófago monolítico, fechado com uma laje, pesando cinco toneladas, de pedra caprichosamente entalhada. No interior do sarcófago foi encontrado o esqueleto de um homem alto, vestido com um tesouro de ornamentos de jade. Uma máscara mortuária composta de 200 fragmentos de jade havia sido afixada à face da caveira. Estes, supostamente, eram os restos mortais de Pacal, monarca de Palenque no século VII d.C. As inscrições informavam que o monarca tivera 80 anos à época de sua morte, embora o esqueleto vestido de jade encontrado pelos arqueólogos parecesse pertencer a um homem de metade dessa idade.

Tendo chegado ao pé da escada, a uns 25m abaixo do chão do templo, cruzei a câmara, onde se espalhavam os restos das vítimas sacrificiais, e olhei para a tumba de Pacal. O ar ali era úmido, recendendo a bolor e podridão e surpreendentemente frio. O sarcófago, encaixado no piso da tumba, tinha uma forma curiosa, alargando-se estranhamente nos pés, como se fosse um antigo caixão de múmia egípcia. Os caixões, de madeira, possuíam bases largas, uma vez que, freqüentemente, eram colocados na vertical. O caixão de Pacal era de pedra maciça e se encontrava em posição rigorosamente horizontal. Por que, então, os artesãos maias se deram a tanto trabalho para alargar sua base, quando deviam ter sabido que ela não serviria a nenhum fim útil? Poderiam estar eles copiando mecanicamente o projeto de algum modelo antigo, muito depois de a *raison d'être* do projeto ter sido esquecida? Tal como a crença sobre os perigos da vida após a morte, o sarcófago de Pacal não poderia ser exemplo de um legado comum que ligava o Egito antigo às culturas antigas da América Central?

De forma retangular, a pesada tampa de pedra do sarcófago media 25cm de espessura, por 90cm de largura e 3,80m de comprimento. A tampa, igualmente, parecia ter sido modelada de acordo com o mesmo original que inspirara os magníficos blocos entalhados que os antigos egípcios haviam usado para idêntico fim. Na verdade, a tampa não teria parecido deslocada no Vale dos Reis. Mas havia uma grande diferença. A cena entalhada na parte superior do sarcófago diferia de tudo que jamais saiu do Egito. Iluminada pelo feixe da lanterna, ela mostrava um homem de rosto escanhado, vestido com o que parecia um traje justo, com mangas e pernas de calça fechadas nos pulsos e tornozelos com abotoaduras refinadas. O homem estava semi-reclinado em um assento individual de encosto curvo, que dava apoio à parte baixa das costas e às coxas, com a nuca encostada confortavelmente em algum tipo de descanso para a cabeça, enquanto olhava atentamente à frente. As mãos pareciam em movimento, como se estivesse operando alavancas e controles, os pés descalços cruzados frouxamente à frente.

Seria ele Pacal, o rei maia?

Em caso afirmativo, por que era mostrado operando algum tipo de máquina? Ninguém supunha que os maias tivessem possuído máquinas. Pensava-se que nem mesmo haviam descoberto a roda. Ainda assim, com painéis laterais, rebites, tubos e outras engenhocas, a estrutura onde Pacal se encontrava reclinado lembrava muito mais um dispositivo tecnológico do que "a transição da alma viva de um homem para o reino dos mortos", como alegou uma autoridade, ou o rei "caindo nas mandíbulas descarnadas do monstro da terra", como argumentou outra.

Lembrei-me do "Homem como Serpente", o alto-relevo olmeca descrito no Capítulo 17. A imagem também parecia uma representação ingênua de um artefato tecnológico. Além do mais, o "Homem como Serpente" fora achado em La Venta, onde estivera ligado a várias figuras barbudas, aparentemente caucasianas. A tumba de Pacal era pelo menos mil anos mais recente do que qualquer um dos tesouros de La Venta. Não obstante, uma minúscula estatueta de jade encontrada junto do esqueleto, dentro do sarcófago, parecia ser muito mais antiga do que outros artigos funerários também colocados no mesmo local. A estatueta representava um caucasiano idoso, usando manto longo, com barba pontuda em cavanhaque.

A Pirâmide do Mago

Uxmal Yúcatan

Em uma tarde tempestuosa, a 700km ao norte de Palenque, comecei a subir os degraus de mais uma pirâmide. Era uma estrutura íngreme, de forma oval e não mais quadrada, com 75m de comprimento na base e 27,50m de largura, e, além disso, muito alta, erguendo-se a 35m acima da planície em volta.

Desde tempos imemoriais, essa estrutura, que de fato lembrava o castelo de um necromante, era conhecida como a "Pirâmide do Mago"

e também como a "Casa do Anão". Esses nomes tinham origem numa lenda maia, que dizia que um anão dotado de poderes sobrenaturais havia construído toda a estrutura em uma única noite.

Os degraus, à medida que eu os galgava, pareciam cada vez mais perversamente estreitos. O instinto me dizia para me inclinar para a frente, me achatar contra o lado da pirâmide, e me agarrar ali com todas as forças. Em vez disso, levantei a vista para o céu irado e nublado. Bandos de aves voavam por ali, piando feito loucas, como se procurando abrigo contra um desastre iminente, e a grossa camada de nuvens baixas que havia tapado o sol algumas horas antes mostrava-se nesse momento tão agitada por ventos fortes que parecia ferver.

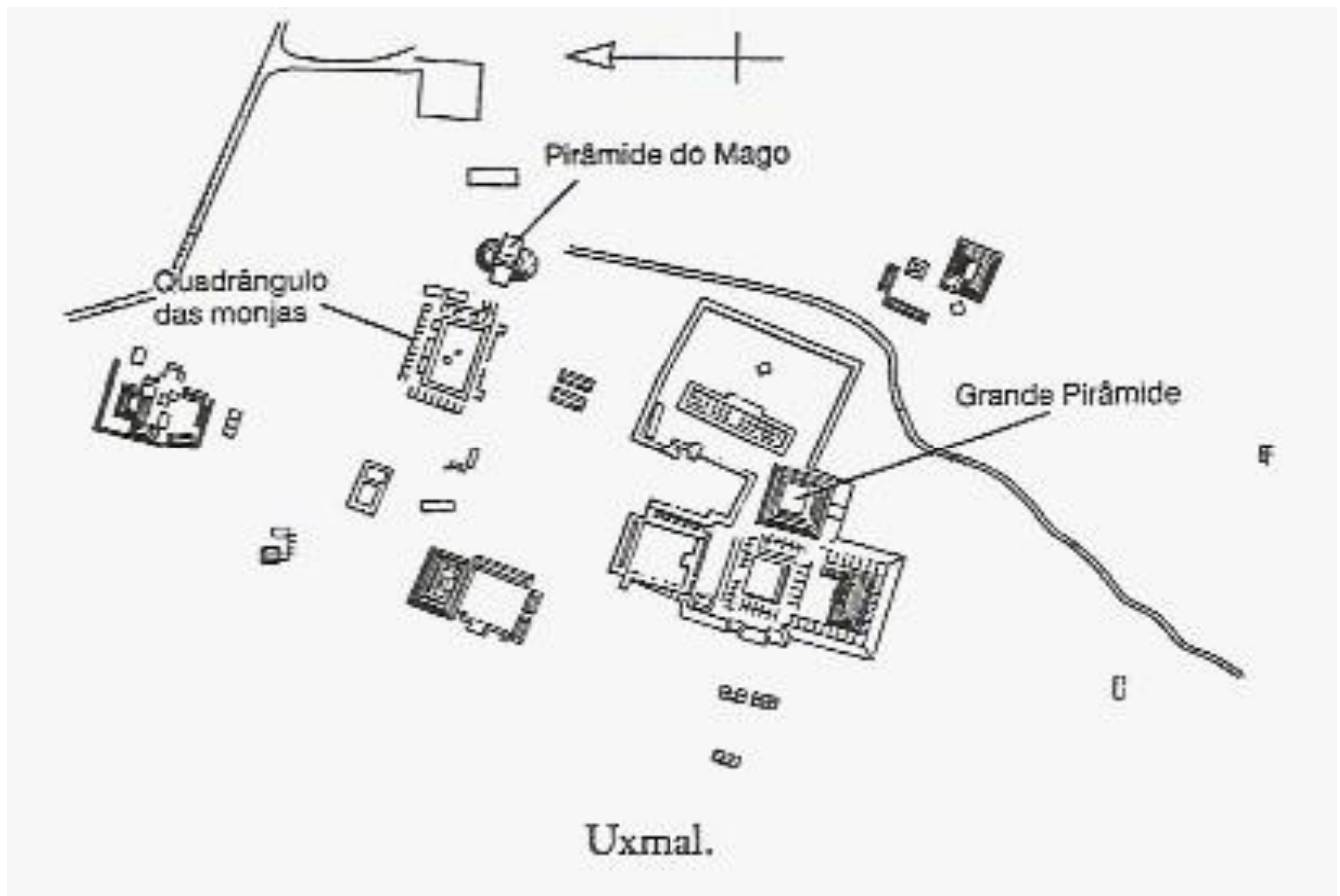
A Pirâmide do Mago não era absolutamente excepcional no sentido de estar associada a poderes sobrenaturais de anões, cujas perícias como arquitetos e pedreiros eram renomadas na América Central. "O trabalho de construção era fácil para eles", declarava uma típica lenda maia. "Para eles, bastava assoviar e pesadas rochas se encaixavam em seus lugares."

Uma tradição muito semelhante, como o leitor talvez se lembre, alega que os gigantescos blocos de pedra da misteriosa cidade andina de Tiahuanaco haviam sido "transportados pelo ar ao som de uma trombeta".

Na América Central e nas distantes regiões dos Andes, portanto, sons estranhos estiveram ligados à levitação miraculosa de rochas maciças.

O que devia eu deduzir de tudo isso? Talvez, devido a alguma coincidência, duas "fantasias" quase idênticas tinham sido inventadas independentemente em áreas geograficamente muito distantes entre si. Esse fato, porém, não parecia muito provável. Também digna de consideração era a possibilidade de que recordações comuns de uma antiga tecnologia de construção pudessem ter sido preservadas em histórias como essas, uma tecnologia capaz de içar pedras enormes do chão com "milagrosa" facilidade. Poderia ser relevante neste particular que memórias de milagres quase idênticos tivessem sido preservadas no antigo Egito? Nessa região, contava uma tradição

local típica que um mago erguera no ar "um cofre imenso de pedra de 200 côvados de comprimento por 50 de largura"?



Os lados da escada que eu subia eram ricamente decorados com o que o explorador americano do século XIX, John Lloyd Stephens, descreveu como "uma espécie de mosaico esculpido". Curiosamente, embora a Pirâmide do Mago tivesse sido construída muitos séculos antes da conquista, o símbolo mais mostrado nesses mosaicos era algo muito parecido com uma cruz cristã. Na verdade, havia dois tipos diferentes de cruzes "cristãs": a primeira, a *croix-patte* de braços largos, preferida pelos templários e outras ordens de cruzados dos séculos XII e XIII, e, a segunda, a cruz em forma de X de Santo André. Após subir mais um curto lance de degraus, cheguei ao templo, situado no próprio topo da Pirâmide do Mago. Consistia a estrutura de uma câmara com teto sustentado por modilhões, no qual se penduravam inúmeros morcegos. Tal como as aves e as nuvens, eles

estavam visivelmente perturbados com a sensação de que uma grande tempestade era iminente. Em uma massa peluda, eles se mexiam inquietos para cima e para baixo, fechando e abrindo as pequenas asas coriáceas.

Parei para descansar um pouco na alta plataforma em volta da câmara. Daí, olhando para baixo, vi muito mais cruzes. Elas estavam literalmente em todos os lugares nessa bizarra e antiga estrutura. Lembrei-me da cidade andina de Tiahuanaco e das cruzes nela gravadas, nos distantes tempos pré-colombianos, em alguns dos grandes blocos de pedra espalhados em volta do edifício conhecido como Puma Punku. No "Homem como Serpente", a escultura olmeca de La Venta, duas cruzes de Santo André já haviam sido gravadas muito antes do nascimento de Cristo. E nesse momento, na Pirâmide do Mago, no sítio arqueológico maia de Uxmal, eu as reencontrava.

Homens barbudos...

Serpentes...

Cruzes...

Que probabilidade havia de que fosse mero acaso que símbolos tão diferentes como esses se repetissem em culturas separadas por enormes distâncias e em diferentes períodos da história? Por que eram gravados com tanta freqüência no contexto de obras de arte e esculturas sofisticadas?

Uma Ciência de Profecia

Não pela primeira vez, desconfiei que pudesse estar olhando para signos e ícones deixados por algum culto ou sociedade secreta que tentara manter, acesa na América Central, a luz da civilização (e, talvez, em outros locais) em longas eras de trevas. Achei notável que os temas do homem barbudo, da Serpente Emplumada e da cruz reaparecessem em todas as ocasiões, e em todos os locais, onde eram encontrados indícios de que uma civilização tecnologicamente avançada e ainda não identificada poderia, outrora, ter mantido

contato com culturas nativas. E uma atmosfera de grande antiguidade envolvia esse contato, como se tivesse ocorrido em uma data tão remota que fora quase esquecida.

Pensei mais uma vez na maneira súbita como os olmecas haviam surgido, por volta de meados do segundo milênio a.C., emergindo dos redemoinhos nevoentos de uma pré-história opaca. Toda evidência arqueológica indicava que, desde o início, eles haviam venerado enormes cabeças de pedra e estelas com representações de homens barbudos. Eu me sentia cada vez mais atraído para a possibilidade de que algumas dessas notáveis peças de escultura pudessem ter sido parte de uma vasta herança de civilização, transmitida aos povos da América Central muitos milhares de anos antes do segundo milênio a.C. e, em seguida, confiada à guarda de um culto de sabedoria secreta, talvez o culto de Quetzalcoatl.

Muita coisa havia sido perdida. Não obstante, as tribos dessa região - em especial, os maias, os construtores de Palenque e Uxmal - haviam preservado algo ainda mais misterioso e maravilhoso do que os monólitos enigmáticos, algo que se proclamava, com uma insistência ainda maior, ser o legado de uma civilização mais antiga e mais adiantada. Veremos no capítulo seguinte que se tratava da ciência mística de um povo antigo que consultava as estrelas, de uma ciência do tempo, de medição e de predição - até mesmo uma ciência antiga de profecia - que os maias preservaram com a maior perfeição. Juntamente com essa ciência, eles herdaram memórias de uma inundação terrível e destrutiva da terra e um legado peculiar de conhecimento empírico, conhecimento este de uma ordem mais alta que eles, realmente, não podiam ter possuído, conhecimento este que só recentemente adquirimos.

CAPÍTULO 21

Um Computador para Calcular o Fim do Mundo

Os maias sabiam a origem de seus conhecimentos adiantados. Eles lhes haviam sido transmitidos, diziam, pelos Primeiros Homens, as criaturas de Quetzalcoatl, que eram chamados de Balam-Quitx (o Jaguar do Doce Sorriso), Balam-Acab (o Jaguar da Noite), Mahucutah (O Nome Ilustre) e Iqui-Balam (o Jaguar da Lua). Segundo o Popol Vuh, esses antepassados eram dotados de inteligência; viam e instantaneamente podiam enxergar longe; tinham sucesso em ver o que queriam; conseguiam saber tudo o que havia no mundo. Sem precisar se mover inicialmente, viam à distância coisas ocultas... Grande era a sabedoria deles; sua vista alcançava as florestas, as rochas, os lagos, os mares, as montanhas e os vales. Na verdade, eram homens admiráveis... Podiam saber tudo e examinavam os quatro cantos, os quatro pontos do céu, e a face redonda da terra. As realizações dessa raça despertaram a inveja de várias das divindades mais poderosas. "Não é bom que nossas criaturas saibam tudo", opinaram esses deuses. "Não poderiam eles, talvez, se tornarem iguais a nós, seus Criadores, que podemos ver longe, que sabemos tudo e vemos tudo?... Deverão eles, também, ser deuses?" Evidentemente, não se poderia permitir que continuasse tal estado de coisas. Após alguma deliberação, foram dadas ordens e tomadas as medidas apropriadas:

Que a vista deles alcance apenas o que está próximo; que eles vejam apenas um pouco da face da terra. (...) Em seguida, o Coração do Céu soprou-lhes nevoeiro nos olhos, como acontece quando se respira sobre um espelho. Velados os seus olhos, eles só puderam ver o que estava perto, só o que para eles era claro. (...) Dessa maneira, a sabedoria e todo conhecimento dos Primeiros Homens foram destruídos.

Quem quer que conheça bem o Velho Testamento lembrará que a razão da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden teve a ver com preocupações divinas semelhantes. Depois de ter o Primeiro Homem comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o Senhor Deus disse: "Vêde, o homem tornou-se igual a nós e conhece o bem e o mal. Ora, para que ele não estenda a mão e tome também a árvore da vida, dela coma e viva para sempre, expulsemos-lo do Jardim do Éden..."

O *Popol Vuh* é aceito por estudiosos como um grande repositório de tradição pré-colombiana isenta de contaminação. Por isso mesmo, é estranho encontrar tais semelhanças entre essas tradições e as que estão registradas na história do *Gênesis*. Além do mais, tal como tantos outros elos entre o Velho Mundo/ Novo Mundo que já identificamos, o caráter das semelhanças em nada sugere qualquer tipo de influência direta de uma região sobre outra, mas duas interpretações diferentes do mesmo conjunto de eventos. Assim, por exemplo:

. O Jardim do Éden bíblico parece uma metáfora do estado de conhecimento bem-aventurado, quase "divino", possuído pelos "Primeiros Homens" do *Popol Vuh*.

. A essência desse conhecimento era a capacidade de "ver tudo" e "saber tudo". Não foi essa, exatamente, a capacidade que Adão e Eva adquiriram quando comeram do fruto proibido, que crescia nos ramos da "árvore do conhecimento do bem e do mal"?

. Finalmente, exatamente como Adão e Eva foram expulsos do Éden, o mesmo aconteceu com os quatro Primeiros Homens do *Popol Vuh*, que foram privados da capacidade de "ver longe". Daí em diante, "seus olhos foram velados e eles só puderam ver o que estava perto...".

O *Popol Vuh* e o *Gênesis*, portanto, contam a história da queda da humanidade. Em ambos os casos, esse estado de graça esteve estreitamente associado a conhecimento e o leitor não pode ter dúvida

de que o conhecimento em questão era tão notável que conferia poderes divinos àqueles que o detinham.

A Bíblia, adotando um tom sombrio e abafado, descreve-o como "conhecimento do bem e do mal" e nada mais tem a acrescentar. O *Popol Vuh* é muito mais informativo. Diz que o conhecimento dos Primeiros Homens consistia na capacidade de "ver coisas ocultas na distância", que eles eram astrônomos que "examinavam os quatro cantos, os quatro pontos do arco do céu", e também que eram geógrafos que conseguiram "medir a face redonda da terra".

Geografia diz respeito a mapas. Na Parte I, vimos a prova de que cartógrafos de uma civilização ainda não identificada poderiam ter mapeado o planeta, com grande minuciosidade, em uma data muito remota. Poderia o *Popol Vuh* estar transmitindo alguma memória deturpada da mesma civilização, quando falava nostalgicamente dos Primeiros Homens e do conhecimento geográfico milagroso que eles possuíam?

Geografia diz respeito a mapas e astronomia diz respeito a estrelas. Com grande frequência, as duas disciplinas andavam de mãos dadas, porque estrelas eram essenciais à navegação em longas viagens marítimas de descobrimento (e essas viagens eram essenciais à produção de mapas exatos).

Teria sido por acaso que os Primeiros Homens do *Popol Vuh* fossem lembrados não só por estudar "a face redonda da terra", mas por contemplarem o "arco do céu"? E teria sido coincidência que a realização notável da sociedade maia fosse a astronomia baseada na observação, com a qual e com auxílio de cálculos matemáticos avançados foi elaborado um calendário inteligente, complexo, sofisticado e, sobretudo, exato?

Conhecimento que não se Encaixava

Em 1954, J. Eric Thompson, uma destacada autoridade em arqueologia da América Central, confessou profunda confusão diante

de certo número de disparidades gritantes, que havia identificado entre as realizações, em geral banais, dos maias como um todo e o avançado estado de seus conhecimentos de astros e calendário. "Que peculiaridade", perguntou ele, "teria levado a *intelligentsia* maia a mapear os céus, mas, ainda assim, não conseguir compreender o princípio da roda; a visualizar a eternidade como nenhum povo semi-civilizado jamais fez, mas ignorar o curto passo do modilhão para o verdadeiro arco; a contar em milhões, mas nunca ter aprendido a pesar um saco de milho?".

Talvez a resposta a essas perguntas seja muito mais simples do que Thompson pensava. Talvez a astronomia, a compreensão profunda do tempo e os cálculos matemáticos aplicáveis a longo prazo não fossem "peculiaridades", absolutamente. Talvez fossem partes constituintes de um corpo de conhecimentos coerentes, mas muito específicos que os maias herdaram, mais ou menos intacto, de uma civilização mais antiga e mais sábia. Essa herança explicaria as contradições observadas por Thompson e nenhuma necessidade há de discutir esse ponto. Já sabemos que os maias receberam o calendário, sob a forma de legado, dos olmecas (mil anos antes, os olmecas usavam exatamente o mesmo sistema). A pergunta pertinente, portanto, deve ser: onde os olmecas o conseguiram? Que tipo de nível de desenvolvimento tecnológico e científico era necessário a uma civilização para elaborar um calendário tão perfeito como esse?

Vejamos o caso do ano solar. Na moderna sociedade ocidental, usamos ainda o calendário solar adotado na Europa em 1582 e que se baseia no melhor conhecimento científico então disponível: o famoso calendário gregoriano. O calendário juliano, que ele substituiu, computava o período da órbita da terra em torno do sol em 365,25 dias. A reforma do papa Gregório XIII substituiu-o por um cálculo mais refinado e exato: 365,2425 dias. Graças aos progressos científicos realizados desde 1582, sabemos agora que a extensão exata do ano solar é de 365,2422 dias. O calendário gregoriano, por conseguinte, contém um pequeníssimo erro a mais, apenas 0,0003 de um dia - com uma precisão impressionante para o século XVI.

Curiosamente, embora sua origem esteja envolvida na névoa de uma antiguidade muito mais remota do que o século XVI, o calendário maia revela uma exatidão ainda maior, pois calculava o ano solar em 365,2420 dias, ou um erro para menos de apenas 0,0002 de dia.

Analogamente, os maias conheciam o tempo levado pela lua para completar uma órbita da terra. Estimavam esse período em 29,528395 dias - resultado este extraordinariamente próximo do número exato de 29,530588 dias, computado pelos métodos modernos mais apurados. Os sacerdotes maias dispunham também de tabelas muito precisas para previsão de eclipses solares e lunares e estavam cientes de que esses fenômenos ocorrem apenas dentro de mais ou menos 18 dias do nodo (isto é, quando a trajetória da lua cruza a trajetória aparente do sol). Para finalizar, os maias eram matemáticos de extraordinária competência. Dominavam uma técnica avançada de cálculo métrico, usando um dispositivo em forma de tabuleiro de xadrez que só descobrimos (ou redescobrimos) no século passado. Eles, além disso, compreendiam perfeitamente e usavam o conceito abstrato do zero, e estavam por dentro da numeração decimal.

Esses campos são de natureza esotérica. Ou, como observou Thompson:

A cifra (zero) e os números decimais fazem parte tão integral de nossa herança cultural e parecem conveniências tão óbvias que é difícil compreender como sua invenção possa ter demorado tanto. Ainda assim, nem a antiga Grécia, com seus grandes matemáticos, nem a antiga Roma, tiveram a menor idéia do zero ou dos números decimais. Escrever 1848 em numerais romanos exigia onze letras: MDCCCXLVIII. Os maias, porém, tinham um sistema de notação decimal muito parecido com o nosso, em uma época em que os romanos ainda usavam seu desajeitado método.

Não é estranho que essa tribo centro-americana, sob outros aspectos comum, tivesse topado por acaso, em uma data muito remota, com

uma inovação que Otto Neugebauer, historiador da ciência, descreveu como "uma das mais férteis invenções da humanidade".

Ciência de Alguma Outra Civilização?

Estudemos agora a questão de Vênus, um planeta que teve imensa importância simbólica para todos os povos antigos da América Central, que o identificavam ineludivelmente com Quetzalcoatl (Gucumatz ou Kukulcan, como a Serpente Emplumada era conhecida nos dialetos maias).

Ao contrário dos gregos antigos, mas da mesma forma que os egípcios antigos, os maias sabiam que Vênus era simultaneamente "a estrela matutina" e a "estrela vespertina". E compreendiam também outras coisas. A "revolução sinódica" de um planeta é o período de tempo que ele leva para voltar a qualquer dado ponto no céu - da forma como é visto da terra. Vênus faz uma volta completa do sol a cada 224,7 dias, enquanto a terra segue sua órbita ligeiramente mais longa. O resultado combinado desses dois movimentos é que Vênus surge no mesmo lugar no céu da terra a aproximadamente cada 584 dias.

Quem quer que tivesse inventado o sofisticado sistema de calendário herdado pelos maias sabia desse fato e encontrara maneiras engenhosas de integrá-lo em outros ciclos interligados. Além disso, é claro, tendo em vista a matemática que reuniu esses ciclos, que os antigos mestres do calendário compreendiam que 584 dias eram apenas uma aproximação e que os movimentos de Vênus não eram absolutamente regulares. Eles, em consequência, computaram o número exato, estabelecido pela ciência moderna, para a revolução sinódica média de Vênus durante um longo período de tempo. Esse número, de 583,92 dias, foi incluído no contexto do calendário maia através de numerosas, intrincadas e complexas maneiras. A fim de conciliá-lo com o chamado "ano sagrado" (o *tzolkin* de 260 dias, que era dividido em 13 meses de 20 dias cada), o calendário previa uma

correção de quatro dias, a ser feita a cada 61 anos venusianos. Além disso, durante cada quinto ciclo, uma correção de oito dias era feita ao fim da 57ª. revolução. Uma vez tomadas essas providências, o *tzolkin* e a revolução sinódica de Vênus ficavam entrelaçados tão fortemente que o grau de erro ao qual a equação estava sujeita - espantosamente pequeno - era de um dia em 6.000 anos. E o que tornou tudo isso ainda mais notável foi que uma série posterior de ajustamentos, calculados precisamente, manteve os ciclos de Vênus e os *tzolkins* não só em harmonia entre si, mas em relação exata com o ano solar. Repetindo, isso foi feito de uma maneira que assegurava que o calendário era capaz de realizar seu trabalho, virtualmente livre de erros, durante vastas extensões de tempo.

Por que os "semi-civilizados" maias precisavam desse tipo de precisão de alta tecnologia? Ou teriam herdado, em bom estado, um calendário elaborado para atender as necessidades de uma civilização muito mais antiga e muito mais adiantada?

Vejamos a jóia máxima do calendário maia, a chamada "Contagem à Longo prazo". Esse sistema de calcular datas expressava também crenças no passado principalmente, a crença amplamente aceita de que o tempo operava em Grandes Ciclos, durante os quais ocorriam repetidas criação e destruição do mundo. De acordo com os maias, o atual Grande Ciclo começou na escuridão em 4 *Ahau* 8 *Cumku*, uma data correspondente a 13 de agosto de 3114 a.C. em nosso calendário. Conforme vimos acima, eles acreditavam também que o ciclo chegaria ao fim, em meio a uma destruição global, no dia 4 *Ahau* 3 *Kankin*: ou 23 de dezembro de 2012 em nosso calendário. A função da Contagem à Longo Prazo consistia em registrar a passagem do tempo desde o início do atual Grande Ciclo, ou literalmente riscar, um após outro, os 5.125 anos concedidos à nossa atual criação.

A Contagem à Longo Prazo pode ser talvez mais bem compreendida como um tipo de máquina de somar celeste, calculando e recalculando constantemente a escala de nossa dívida crescente com o universo. Cada último tostão dessa dívida vai ser cobrado quando o número no mostrador chegar a 5.125.

Ou, pelo menos, era assim que os maias pensavam.

Os cálculos no computador da Contagem à Longo Prazo não eram, claro, feitos com os nossos algarismos. Os maias usavam uma notação própria, que receberam dos olmecas, que a receberam... ninguém sabe de quem. A notação era uma combinação de pontos (significando um, unidades, ou múltiplos de vinte), barras (significando cinco, ou múltiplos de cinco vezes vinte) e um glifo em forma de concha que significava zero. Períodos de tempo eram contados em dias (*kin*), períodos de vinte dias (*uinal*), "anos computados" de 360 dias (*tun*), períodos de 20 *tuns* (conhecidos como *katun*), e períodos de 20 *katuns* (conhecidos como *bactun*). Havia também períodos de 8.000-*tun* (*pictun*) e períodos de 160.000-*tun* (*calabtun*), para abranger cálculos ainda mais vastos.

Tudo isso deve deixar claro que, embora acreditassem que estavam vivendo em um Grande Ciclo que certamente chegaria a um fim violento, os maias sabiam também que o tempo era infinito e que continuava com suas misteriosas revoluções, ignorando vidas e civilizações individuais. Ou, como Thompson resumiu em seu grande estudo sobre a questão:

No esquema maia, a estrada percorrida pelo tempo estendia-se desde um passado tão distante que a mente humana não lhe podia compreender a antiguidade. Ainda assim, os maias, destemidamente, voltaram a percorrer essa estrada, em busca de seu ponto de partida. Uma nova visão, levando-os ainda mais para trás, desdobrava-se em cada estágio, séculos completos fundiam-se em milênios e estes em dezenas de milhares de anos, enquanto esses incansáveis buscadores exploravam cada vez mais profundamente a eternidade do passado. Em uma estela encontrada em Quirigua, na Guatemala, aparece computada uma data de 90 milhões de anos passados; em outra, era mostrada outra data, anterior em 300 milhões de anos à primeira. Elas são computações reais, delas constando corretamente as posições de dia e mês, e se comparam a cálculos em nosso calendário que dão as posições de meses em que a Páscoa teria

caído em distâncias equivalentes no passado. O cérebro cambaleia com esses números astronômicos...

Não será tudo isso um tanto *avant-garde* para uma civilização que, em muitos outros aspectos, não se distinguiu? É bem verdade que podemos considerar boa a arquitetura maia, dentro de limites. Mas pouquíssimo mais houve que esses índios, habitantes de florestas, fizessem de modo a sugerir que poderiam ter tido a capacidade (ou a necessidade) de conceber períodos realmente longos de tempo.

Passaram-se menos de dois séculos desde que a maioria dos intelectuais do Ocidente abandonou a opinião do bispo Usher, de que o mundo foi criado no ano 4004 a.C, e aceitou que ele deve ser infinitamente mais velho. Em palavras simples, isso significa que os antigos maias tinham uma compreensão muito mais precisa da verdadeira imensidão do tempo geológico, e da enorme antiguidade de nosso planeta, do que qualquer pessoa na Grã-Bretanha, Europa e América do Norte, até que Darwin propôs a teoria da evolução.

Se assim, como foi que os maias se tornaram tão hábeis em lidar com períodos de centenas de milhões de anos? Seria isso uma aberração de desenvolvimento cultural? Ou teriam eles herdado as ferramentas do calendário e da matemática, que facilitaram seu trabalho e os tornaram capazes de desenvolver essa compreensão sofisticada? Se houve uma herança, é legítimo perguntar com que finalidade os inventores originais dos circuitos, semelhantes à fiação de computadores, do calendário maia os criaram. Para que o haviam preparado? Teriam-no simplesmente concebido, com toda a sua complexidade, para criar "um desafio ao intelecto, uma espécie de gigantesco anagrama", como alegou uma autoridade?. Ou poderiam ter visado um objetivo mais pragmático e importante?

Vimos que a preocupação obsessiva da sociedade maia, e, na verdade, de todas as culturas antigas da América Central, consistia em calcular - e, se possível, adiar - o fim do mundo. Poderia ser essa a finalidade para a qual o misterioso calendário fora concebido?

Poderia ter sido um mecanismo para prever alguma terrível catástrofe cósmica ou geológica?

CAPÍTULO 22

A Cidade dos Deuses

A mensagem, em maioria esmagadora, de grande número de lendas centro-americanas é que a Quarta Era do mundo acabou muito mal. A um dilúvio catastrófico seguiu-se um longo período no qual a luz do sol desapareceu do céu e o ar se encheu de tenebrosa escuridão. Em seguida:

Os deuses reuniram-se em Teotihuacán ["o lugar dos deuses"] e perguntaram ansiosos uns aos outros quem devia ser o próximo Sol. Só o fogo sagrado [a representação material de Huehuateotl, o deus que, no início, criou a vida] poderia ser visto na escuridão, ainda presente em seguida ao caos recente. "Alguém vai ter que se sacrificar, lançar-se ao fogo", exclamaram eles. "e só então haverá um Sol."

Seguiu-se um drama, no qual duas divindades (Nanahuatzin e Tecciztecatl) imolaram-se pelo bem comum. Um deles queimou rapidamente no centro do fogo sagrado; o outro deixou-se assar lentamente nas brasas ao lado da fogueira. "Os deuses esperaram durante longo tempo, até que, finalmente, o céu começou a ficar vermelho, como no amanhecer. No leste, apareceu a grande esfera do sol, sustentador de vida e incandescente..."

E foi nesse momento de renascimento cósmico que Quetzalcoatl se manifestou. Sua missão tinha a ver com a humanidade da Quinta Era. Por isso mesmo, assumiu a forma de ser humano - de um homem branco barbudo, exatamente igual a Viracocha.

Nos Andes, a capital de Viracocha foi Tiahuanaco. Na América Central, a de Quetzalcoatl foi o suposto local de nascimento do Quinto Sol, Teotihuacán, a cidade dos deuses.

A Cidadela, o Templo e o Mapa do Céu

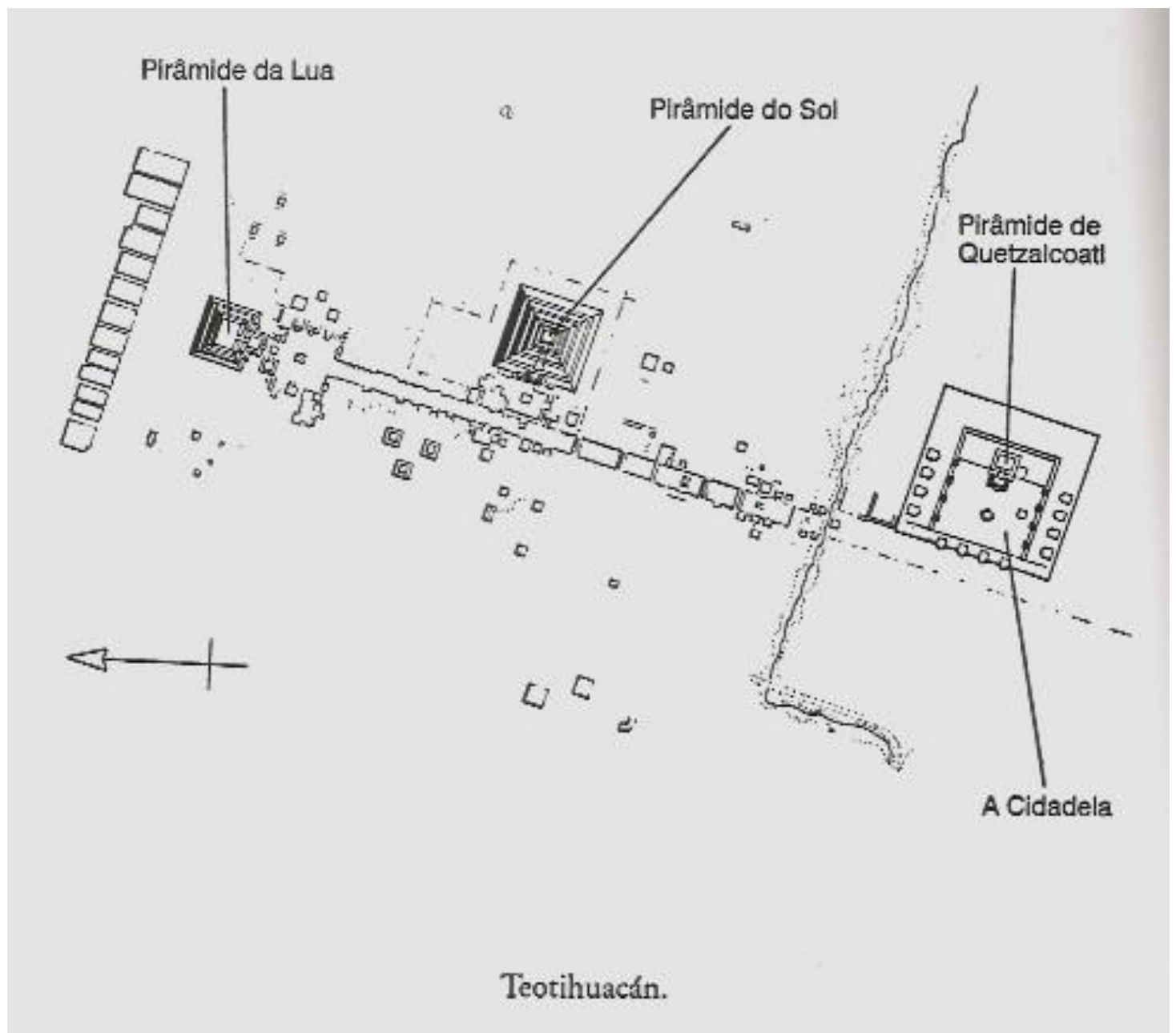
Teotihuacán, 50km a nordeste da Cidade do México

No espaço cercado, batido pelo vento da Cidadela, olhei para o norte, através da névoa da manhã, e para as Pirâmides do Sol e da Lua. Aninhados em terreno verde-acizentado coberto de arbustos e emoldurados por distantes montanhas, esses dois grandes monumentos representavam seu papel em uma sinfonia de ruínas enfileiradas ao longo do eixo da denominada "Rua dos Mortos". A Cidadela situa-se aproximadamente no centro dessa larga avenida, que corre em linha reta perfeita por mais de quatro quilômetros. A Pirâmide da Lua ergue-se na extremidade norte e, a do Sol, mais ou menos a leste.

No contexto de um sítio geométrico dessa natureza, uma orientação exata norte-sul ou leste-oeste poderia ter sido esperada. Por isso mesmo, era surpreendente que os arquitetos que haviam planejado Teotihuacán tivessem resolvido de caso pensado desviar a Rua dos Mortos a 15° 30' a leste do norte. Há várias teorias sobre o motivo por que essa orientação excêntrica foi escolhida, embora nenhuma especialmente convincente. Números crescentes de estudiosos, contudo, começam a se perguntar se alinhamentos astronômicos não poderiam estar envolvidos, nesse caso. Um deles, por exemplo, sugeriu que a Rua dos Mortos poderia ter sido "construída para ficar de frente para o local onde se punham as Plêiades, na época de sua construção". Outro, o professor Gerald Hawkins, aventou a hipótese de que o eixo "Sírius-Plêiades" poderia ter desempenhado também um papel na escolha da orientação. Stansbury Hagar (secretário do

Departamento de Etnologia, do Brooklyn Institute of the Arts and Sciences), pensa que a rua poderia representar a Via Láctea.

Na verdade, Hagar foi ainda mais longe, vendo uma representação de planetas e estrelas específicos em muitas das pirâmides, cômodos e outras estruturas, que pairavam como satélites fixos em torno do eixo da Rua dos Mortos. Sua tese completa diz que Teotihuacán foi projetada como uma espécie de "mapa do céu": "Ela reproduz na terra um suposto plano celeste do céu-mundo onde residiam as divindades e o espírito dos mortos".



Nas décadas de 1960 e 1970, as intuições de Hagar foram submetidas a testes de campo por Hugh Harleston Jr., engenheiro americano residente no México, que realizou um levantamento matemático exaustivo em Teotihuacán. Em outubro de 1974, no Congresso Internacional de Americanistas, Harleston divulgou seus resultados. O trabalho, rico em idéias ousadas e inovadoras, contém algumas informações muito curiosas sobre a Cidadela e sobre o Templo de Quetzalcoatl, localizado na extremidade leste dessa grande paliçada quadrada.

O templo é considerado pelos estudiosos como um dos monumentos arqueológicos mais bem preservados da América Central. Isso aconteceu porque a estrutura original, pré-histórica, foi parcialmente sepultada sob outro câmore muito posterior, situado imediatamente à frente, na direção oeste. Escavações realizadas nesse câmore revelaram a elegante pirâmide em seis níveis que eu tinha nesse momento diante dos olhos, com 22m de altura e uma área de base de 7,615 m².

Exibindo ainda vestígios da pintura original multicolorida que a revestira na antiguidade, o templo, nesse momento à vista, constituía um espetáculo belo e estranho. O motivo escultural predominante é uma série de imensas cabeças de serpente, projetando-se em três dimensões dos blocos laterais e revestindo os lados da maciça escadaria central. As mandíbulas alongadas desses répteis estranhamente humanóides eram ricamente providas de presas e no lábio superior podia-se ver uma espécie de bigode, tipo guidom de bicicleta. O pescoço de todas as serpentes era orlado por um refinado conjunto de penas - o símbolo inconfundível de Quetzalcoatl.

O que as investigações de Harleston demonstraram foi que uma relação matemática complexa parecia existir entre as principais estruturas alinhadas ao longo da Rua dos Mortos (e, na verdade, além dela). A relação sugeria algo de extraordinário, isto é, que Teotihuacán poderia ter sido originalmente projetada como um modelo, em escala precisa, do sistema solar. De qualquer modo, se a linha central do Templo de Quetzalcoatl fosse aceita como denotando a posição do

sol, marcadores dela, partindo na direção norte e ao longo do eixo da Rua dos Mortos, pareceriam indicar as distâncias orbitais corretas dos planetas interiores, do cinturão de asteróides, de Júpiter, de Saturno (representado pela denominada Pirâmide do "Sol"), de Urano (pela Pirâmide da "Lua") e Netuno e Plutão por cômoros ainda não escavados, situados a alguns quilômetros mais ao norte.

Se essas correlações foram mais do que coincidências, então, no mínimo, elas indicavam a presença em Teotihuacán de uma astronomia de observação avançada, que só foi ultrapassada pela ciência moderna em data relativamente recente. A existência de Urano permaneceu desconhecida de nossos próprios astrônomos até 1787, Netuno até 1846 e Plutão até 1930. Até mesmo a estimativa mais conservadora da antiguidade de Teotihuacán, em contraste, sugere que os principais elementos do plano urbano (incluindo a Cidadela, a Rua dos Mortos e as Pirâmides do Sol e da Lua) devem datar, de pelo menos, do tempo de Cristo. Nenhuma civilização conhecida dessa época, no Velho ou no Novo Mundo, teria supostamente qualquer conhecimento dos planetas exteriores - quanto mais informações exatas a respeito das distâncias orbitais que eles mantinham entre si e em relação ao sol.

Egito e México - Meras Coincidências?

Após completar estudos das pirâmides e avenidas de Teotihuacán, concluiu Stansbury Hagar: "Não compreendemos ainda a importância, o refinamento, ou a distribuição geral, em toda a América antiga, do culto astronômico, do qual o plano celeste era um aspecto e do qual Teotihuacán foi um dos principais centros."

Mas teria sido simplesmente um "culto" astronômico? Ou foi alguma coisa que se aproximasse mais daquilo que poderíamos chamar de ciência? E, fosse culto ou ciência, seria realístico supor que tivera "distribuição geral" apenas nas Américas, quando existem tantos indícios ligando-a a outras regiões do mundo antigo?

Árqueo-astrônomos, por exemplo, usando os programas de computador mais modernos de mapeamento estelar, demonstraram recentemente que as três mundialmente famosas pirâmides do Egito, no platô de Gizé, formam um diagrama terrestre exato dos três cinturões de estrelas da constelação de Órion. Mas esse não foi o limite do mapa celeste criado pelos sacerdotes do antigo Egito nas areias da margem oeste do Nilo. Incluído na visão geral, conforme veremos nas Partes VI e VII deste livro, havia um acidente geográfico natural - o rio Nilo - que estava exatamente onde devia ter estado, se tivesse sido criado para representar a Via Láctea.

A incorporação de um "plano celeste" em sítios arqueológicos de grande importância no Egito e no México não excluía, de maneira alguma, funções religiosas. Pelo contrário, o que mais quer que tenha sido sua finalidade, é certo que os monumentos de Teotihuacán, como os do platô de Gizé, desempenharam importantes papéis religiosos na vida das comunidades a que serviam.

As tradições centro-americanas, compiladas pelo padre Bernardino de Sahagun no século XVI, davam expressão eloqüente à crença geral que Teotihuacán preencheria pelo menos uma função religiosa específica e importante nos tempos antigos. De acordo com essas lendas, a Cidade dos Deuses era assim conhecida porque "os Senhores lá enterrados, não pereceram após sua morte, mas se transformaram em deuses...". Em outras palavras, Teotihuacán era "o local onde homens se transformavam em deuses". E era ainda conhecida como "o lugar daqueles que palmilhavam a estrada dos deuses" e "o lugar onde deuses eram criados".

Seria uma coincidência, especulei, que esta parecesse ter sido a finalidade das três pirâmides de Gizé? Os hieróglifos arcaicos dos Textos das Pirâmides, o conjunto coerente mais antigo de escrita existente no mundo, pouco espaço deixa para dúvida de que o objetivo final dos rituais realizados no interior dessas estruturas colossais era produzir a transfiguração do falecido faraó - "escancarar as portas do firmamento e abrir uma estrada", de modo que ele pudesse "ascender para a companhia dos deuses".

A idéia de pirâmides como meios destinados (presumivelmente, em algum sentido metafísico) a "transformar homens em deuses" era, em minha opinião, excessivamente estranha e peculiar para ter surgido independentemente no antigo Egito e no antigo México. O mesmo acontecia com a idéia de usar a planta arquitetônica dos sítios sagrados para incorporar um plano celeste.

Além disso, havia outras estranhas semelhanças que mereciam ser investigadas.

Da mesma forma que em Gizé, três pirâmides principais haviam sido construídas em Teotihuacán: a Pirâmide/Templo de Quetzalcoatl, a Pirâmide do Sol e a Pirâmide da Lua. Como em Gizé, o plano do sítio não era simétrico, como se poderia ter esperado, e envolvia duas estruturas em alinhamento direto entre si, enquanto que a terceira parecia ter sido deliberadamente deslocada para um lado. Por último, em Gizé, os topos da Grande Pirâmide e da Pirâmide de Quéfren estão no mesmo nível, mesmo que a primeira seja uma estrutura mais alta do que a segunda. De igual maneira, em Teotihuacán, os topos das pirâmides do Sol e da Lua estão no mesmo nível, mesmo que a primeira seja mais alta. A razão era a mesma em ambos os casos: a Grande Pirâmide havia sido construída em terreno mais baixo do que a Pirâmide de Quéfren e, a Pirâmide do Sol, em terreno mais baixo do que a Pirâmide da Lua.

Poderia tudo isso ser coincidência? Não seria mais lógico concluir que houve uma ligação entre o México e o Egito nos tempos antigos?

Pelas razões que descrevi nos Capítulos 18 e 19, eu duvidava que tivesse havido um elo direto, causal - de qualquer modo, nos tempos históricos. Mais uma vez, contudo, como no caso do calendário maia e dos velhos mapas da Antártida, não seria bom manter a mente aberta para a possibilidade de estarmos lidando com um legado; que as pirâmides do Egito e as ruínas de Teotihuacán pudessem expressar a tecnologia, o conhecimento geográfico, a astronomia baseada na observação (e, talvez, também na religião) de uma civilização esquecida, que havia outrora, como alega o *Popul Vuh*, "examinado os

quatro cantos, os quatro pontos do arco do céu e a face redonda da terra"?

Há acordo geral entre os especialistas sobre a antiguidade das pirâmides de Gizé, que eles pensam ter cerca de 4.500 anos. Mas nenhuma unanimidade semelhante existe no tocante a Teotihuacán. Nem a Rua dos Mortos, nem o Templo de Quetzalcoatl, nem as pirâmides do Sol e da Lua foram jamais definitivamente datadas. A maioria dos estudiosos acredita que a cidade floresceu entre os anos 100 a.C. e 600 d.C., embora outros argumentem convincentemente que elas deviam ter surgido muito mais cedo, entre os anos 1500 e 1000 a.C. Mas há ainda outros que tentam, baseados principalmente em fundamentos geológicos, empurrar a data da fundação para o ano 4000 a.C., antes da erupção do Xitli, um vulcão próximo.

Em meio a toda incerteza sobre a idade de Teotihuacán, não fiquei surpreso ao descobrir que ninguém fazia a mais vaga idéia da identidade dos que tinham realmente construído a maior e mais notável metrópole que jamais existiu no Novo Mundo pré-colombiano. Tudo que se podia dizer com certeza era o seguinte: quando os astecas, em sua marcha para obter o poder imperial, descobriram acidentalmente, no século XII d.C., a misteriosa cidade, seus edifícios e avenidas colossais já eram velhos além do que se podia imaginar e tão densamente cobertos por vegetação que pareciam mais aspectos naturais do que obra do homem. Ligados a eles, porém, havia um fio de lenda local, transmitido de uma geração a outra, que dizia que as estruturas haviam sido construídas por gigantes e que tinham por finalidade transformar homens em deuses.

Indícios de uma Sabedoria Esquecida

Deixando para trás o Templo de Quetzalcoatl, voltei a cruzar a Cidadela, tomando a direção oeste.

Não havia evidência arqueológica de que esse enorme espaço fechado tivesse algum dia servido como cidadela - ou, por falar nisso,

servido a qualquer tipo de função militar ou defensiva. Tal como tantas coisas mais a respeito de Teotihuacán, as obras tinham sido planejadas com laborioso cuidado e executadas com um esforço enorme, embora a cultura moderna não tenha conseguido identificar sua verdadeira finalidade. Nem mesmo os astecas, os responsáveis pelos nomes de Pirâmides do Sol e da Lua (nomes que "pegaram", embora ninguém tenha a menor idéia do nome pelo qual os construtores as haviam designado), conseguiram inventar um nome para a Cidadela. Coube aos espanhóis fazer isso - uma vaidade compreensível, já que o pátio central de 14ha da La Ciudadela era cercado por um aterro maciço de mais de 7 m de altura e 45m de comprimento de cada lado.

O passeio levou-me nesse momento à extremidade oeste do pátio. Subi um abrupto lance de degraus, cheguei ao alto do aterro e virei-me para o sul e a Rua dos Mortos. Mais uma vez, tive de lembrar a mim mesmo que isto não era, quase com certeza, o que os teotihuacanos (quem quer que tivessem sido) chamaram de a imensa e impressionante avenida. O nome espanhol, Calle de los Muertos, era de origem asteca, e baseado aparentemente na especulação de que os numerosos cômodos de cada lado da rua eram sepulturas (o que, descobriu-se mais tarde, não eram).

Já consideramos a possibilidade de que o Caminho dos Mortos possa ter servido como uma contrapartida terrestre da Via Láctea. De interesse nesse particular foi o trabalho de outro americano, Alfred E. Schlemmer, que - tal como Hugh Harleston Jr. - era engenheiro. O campo de estudo de Schlemmer era a previsão tecnológica, com referência específica à previsão de terremotos³¹, sobre a qual apresentou um trabalho na XI Convenção Nacional de Engenheiros Químicos (realizada na Cidade do México, em outubro de 1971).

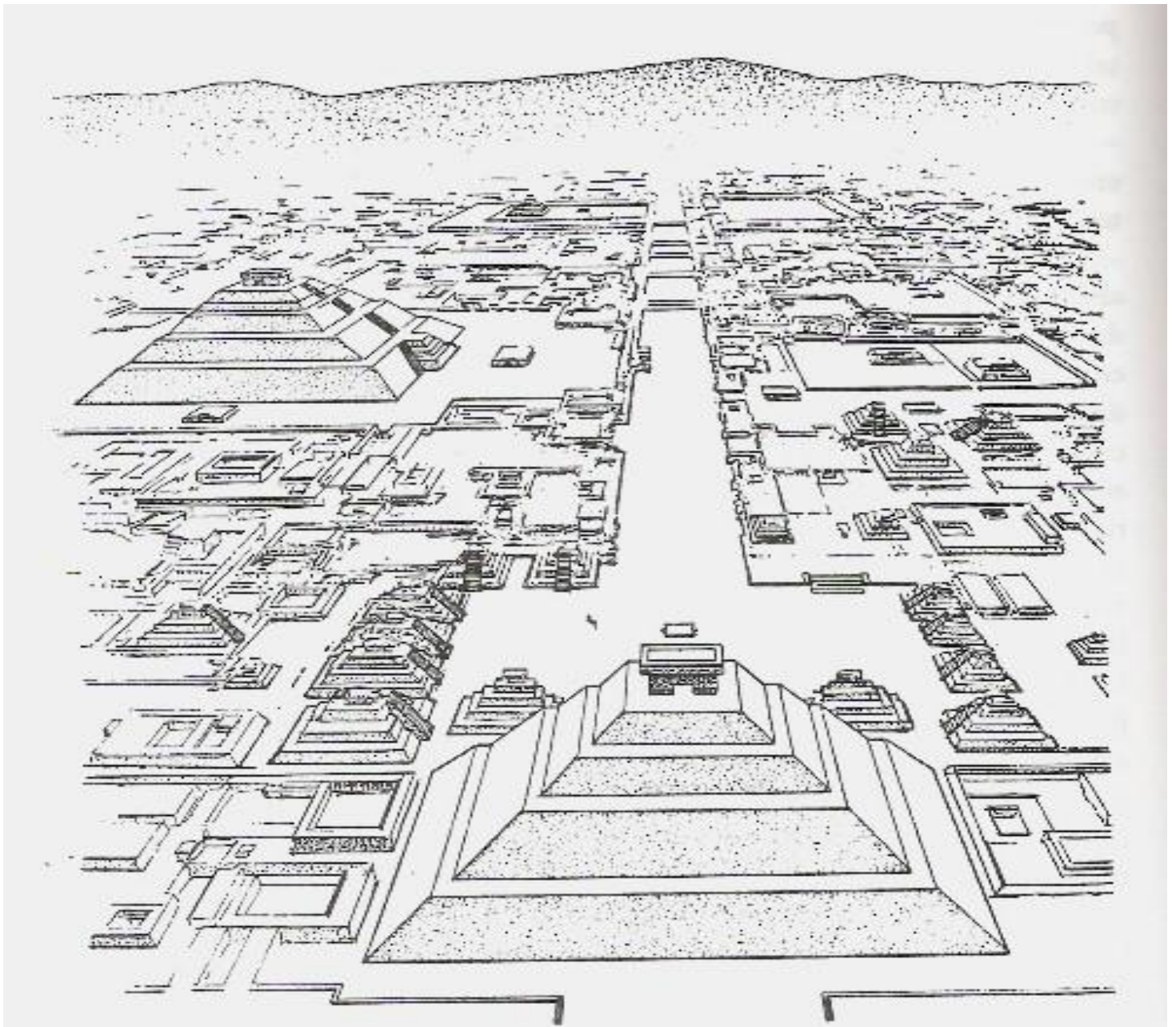
O argumento de Schlemmer era que a Rua dos Mortos talvez jamais tivesse sido uma rua. Em vez disso, poderia ter sido construída originariamente como uma série de poços refletores interligados, cheios de água, que descia através da Pirâmide da Lua, situada na

extremidade norte, por intermédio de uma série de eclusas que terminavam na Cidadela, ao sul.

Andando na direção norte para chegar à ainda distante Pirâmide da Lua, achei que essa teoria tinha vários pontos em seu favor. Para começar, a "rua" era bloqueada a intervalos regulares por altos muros divisórios, aos pés dos quais os restos de eclusas bem-feitas podiam ser vistos claramente. Além do mais, o tipo do terreno teria facilitado um fluxo hidráulico norte-sul, uma vez que a base da Pirâmide da Lua se situava em um terreno aproximadamente 33m mais alto do que a área em frente à Cidadela. As seções separadas poderiam ter sido facilmente enchidas com água e, na verdade, ter servido como poços refletores, criando um espetáculo muito mais dramático do que os oferecidos pelo Taj Mahal ou os famosos Jardins Shalimar. Finalmente, o Projeto de Mapeamento Teotihuacáno (financiado pela Fundação Nacional de Ciências, de Washington, D.C., e dirigido pelo professor Rene Millon, da Universidade de Rochester) havia demonstrado conclusivamente que a antiga cidade possuía "numerosos canais e sistemas de distribuição de água cuidadosamente construídos, artificialmente dirigidos para segmentos retos de um rio, que formava uma rede dentro de Teotihuacán e seguia na direção do lago Texcoco, neste momento situado a 16km de distância, embora, talvez, no passado, mais perto".

Era grande a discussão sobre o fim para o qual fora construído esse enorme sistema hidráulico. O argumento de Schlemmer era que a rede especial que descobrira tinha sido construída para servir a uma finalidade pragmática, como "monitor sísmico a longo prazo" - como "parte de uma ciência antiga, ora desconhecida". Observou ele que terremotos que ocorrem em locais remotos "podem fazer com que ondas se formem em uma superfície líquida até no outro lado do planeta", e sugeriu que os poços refletores cuidadosamente graduados e espaçados da Rua dos Mortos poderiam ter sido construídos "para permitir aos teotihuacános interpretar, à vista das ondas ali formadas, a localização e a força de terremotos em todo o

globo, o que lhes permitiria prever uma ocorrência desse tipo em sua própria área".



Reconstrução de Teotihuacán, olhando-se para o Caminho dos Mortos, de um local atrás da Pirâmide da Lua. A Pirâmide do Sol situa-se à esquerda do Caminho dos Mortos. Visível à distância, além do caminho, fica o Templo de Quetzalcoatl, no interior da grande muralha da Cidadela.

Não havia, claro, prova da teoria de Schlemmer. Não obstante, quando me lembrei da obsessão com terremotos e inundações, visível em toda a mitologia mexicana, e da preocupação, igualmente obsessiva, com a previsão de acontecimentos futuros, evidente no calendário maia, senti-me menos inclinado a ignorar as conclusões aparentemente forçadas do engenheiro americano. Se Schlemmer tinha razão, se os antigos teotihuacanos haviam realmente compreendido os princípios da vibração ressonante e os pusera em prática na previsão de terremotos, a implicação era que dispuseram de uma ciência avançada. E se indivíduos como Hagar e Harleston estivessem certos - se, por exemplo, um modelo em escala do sistema solar havia sido também introduzido na geometria básica de Teotihuacán -, tudo isso sugeria que a cidade era criação de uma civilização cientificamente evoluída e ainda não identificada.

Continuei a andar na direção norte ao longo da Rua dos Mortos e virei para o leste e para a Pirâmide do Sol. Antes de chegar a esse grande monumento, contudo, parei para examinar o pátio arruinado, cujo principal aspecto era um antigo "templo", que escondia um enigmático mistério sob seu chão de rocha.

CAPÍTULO 23

O Sol, a Lua e o Caminho dos Mortos

Algumas descobertas arqueológicas são saudadas com grandes fanfarras; outras, por uma série de razões, não. Nesta última categoria temos de incluir a espessa e extensa camada de lâminas de mica encontrada espremida entre dois dos níveis superiores da Pirâmide do Sol, quando sondada em 1906 para fins de restauração. A falta de interesse com que a descoberta foi recebida, e a ausência de quaisquer estudos de acompanhamento para determinar sua possível função, são inteiramente compreensíveis, porque a mica, que tinha um grande valor comercial, fora retirada e vendida logo que escavada. A culpa coube, aparentemente, a Leopoldo Bartres, que havia sido

contratado pelo governo mexicano para restaurar a pirâmide corroída pelo tempo.

Houve uma descoberta muito mais recente de mica em Teotihuacán (no "Templo da Mica"), mas que passou quase despercebida. Neste caso, é mais difícil explicar a razão do desinteresse, uma vez que a mica não foi saqueada e continua no mesmo lugar.

Fazendo parte de um grupo de estruturas, o Templo da Mica situa-se em um pátio a cerca de 300m da face oeste da Pirâmide do Sol. Imediatamente abaixo de um piso de pesadas lajes de rocha, as escavações de arqueólogos financiados pela Viking Foundation revelaram duas lâminas maciças de mica, que haviam sido cuidadosa e deliberadamente instaladas, em alguma era extraordinariamente remota, por um povo que deve ter sido hábil em cortar e manipular esse material. As folhas têm 8,50m² e formam duas camadas superpostas.

A mica não é uma substância uniforme e contém traços de diferentes metais, dependendo do tipo de formação rochosa em que é encontrada. Costumeiramente, os metais incluem potássio, alumínio e também, em quantidades variáveis, material ferroso e férrico, magnésio, lítio, manganês e titânio. Os elementos residuais no Templo da Mica em Teotihuacán indicam que as lâminas sob o piso pertencem a um tipo que ocorre apenas no Brasil, a 3.200km de distância. Evidentemente, por conseguinte, os construtores do Templo devem ter sentido uma necessidade específica desse tipo particular de mica e se mostraram dispostos a percorrer grandes distâncias para obtê-la, pois, de outra maneira, poderiam ter usado, com muito maior facilidade e simplicidade, a variedade disponível no local.

Ninguém pensa imediatamente em mica como material de piso de finalidade geral. Seu uso para formar camadas sob pisos e, portanto, inteiramente ocultas, parece muito esquisito, quando nos lembramos que nenhuma outra estrutura nas Américas, ou em qualquer outro lugar no mundo, apresenta uma característica como essas.

É frustrante reconhecer que jamais poderemos determinar a posição exata, quanto mais a finalidade da grande lâmina que Bartres escavou

e removeu em 1906 da Pirâmide do Sol. As duas camadas intactas no Templo da Mica, por outro lado, estando em um lugar onde não tinham qualquer finalidade decorativa, dão a impressão de que foram instaladas para realizar um determinado trabalho. Vale notar, de passagem, que a mica possui características que a tornam especialmente apropriada para uma larga faixa de aplicações tecnológicas. Na indústria moderna, é usada na fabricação de capacitores e muito valorizada como isolante térmico e elétrico. É também opaca a nêutrons rápidos e pode servir como moderador em reações nucleares.

Apagando Mensagens do Passado

Pirâmide do Sol, Teotihuacán

Tendo subido uma série de lances de degraus de pedra de mais de 60m de altura, cheguei ao cume e olhei para o zênite. Era meio-dia do dia 19 de maio e o sol estava diretamente acima de mim, como voltaria a estar no dia 25 de julho. Nessas duas datas, e não por acaso, a face oeste da pirâmide fica orientada precisamente para a posição do sol poente.

Um efeito mais curioso, mas igualmente deliberado, podia ser observado nos equinócios, 20 de março e 22 de setembro. Nesse caso, a passagem dos raios do sol, da direção sul para o norte, resultava, ao meio-dia, no apagamento progressivo de uma sombra perfeitamente reta, que corria ao longo de um dos níveis mais baixos da fachada oeste. O processo todo, de sombra total para iluminação completa, leva exatamente 66,6 segundos. O fenômeno se repete sem falha, um ano após outro, desde que a pirâmide foi construída e continuará assim até que a estrutura gigantesca se desfaça em pó.

O que isso significa, claro, é que pelo menos uma das muitas funções da pirâmide tinha sido a de servir como um "relógio perene", assinalando com precisão os equinócios e, dessa maneira, facilitando

correções do calendário, como e quando necessárias, para indivíduos aparentemente obcecados, como os maias, com a passagem e a medição do tempo. Outra implicação é que os mestres-construtores de Teotihuacán devem ter possuído um conjunto enorme de dados astronômicos e geodésicos e que os consultaram para erguer a Pirâmide do Sol na orientação precisa necessária para obter os desejados efeitos relativos aos equinócios.

Nesse caso, houve planejamento e arquitetura da mais alta ordem. As pirâmides sobreviveram à passagem de milênios e a todo o trabalho de remodelamento de grande parte da casca externa, realizada na primeira década deste século pelo auto nomeado restaurador Leopoldo Bartres. Além de saquear uma prova insubstituível, que poderia nos ter ajudado a compreender melhor as finalidades para as quais havia sido construída a enigmática estrutura, esse repulsivo laçao do corrupto ditador do México, Porfirio Diaz, mandou retirar a camada externa de pedra, argamassa e reboco até uma profundidade de mais de seis metros das faces norte, leste e sul. Os resultados foram catastróficos: a superfície subjacente de adobe começou a se dissolver com as pesadas chuvas e a acusar um deslizamento que ameaçava destruir toda a estrutura. Embora o deslizamento fosse detido com apressadas medidas de contenção, nada poderia mudar o fato de que a Pirâmide do Sol tinha sido privada de quase todos os seus aspectos externos originais.

De acordo com os modernos padrões arqueológicos, cometeu-se, dessa maneira, um ato imperdoável de profanação. Por causa dele, jamais compreenderemos a importância de numerosas esculturas, inscrições, altos-relevos e artefatos, que foram quase com certeza eliminados com esses seis metros da casca externa. Mas essa não foi a única ou mesmo a mais lamentável consequência do vandalismo grotesco de Bartres. Há surpreendentes indicações que sugerem que os construtores desconhecidos da Pirâmide do Sol poderiam ter incorporado intencionalmente dados científicos em muitas das principais dimensões da grande estrutura. Essa indicação foi recolhida e extrapolada com base na face oeste intacta (que, não por acaso, era

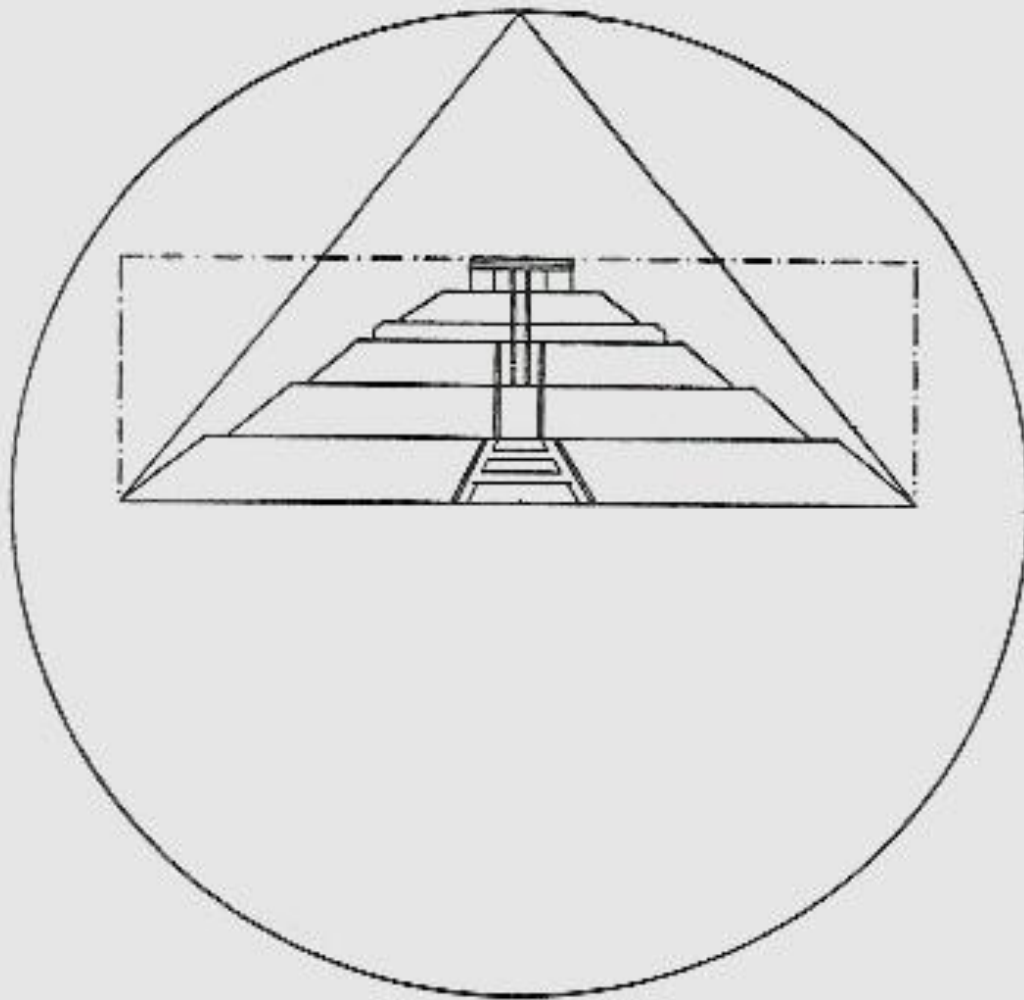
também a face onde os efeitos do equinócio que se pretendia mostrar ainda podiam ser vistos), mas, graças a Bartres, nenhuma informação semelhante tem a menor probabilidade de ser colhida nas outras três faces, devido às alterações arbitrárias que nelas foram feitas. Na verdade, ao distorcer a forma e tamanho originais de parte tão grande da pirâmide, o "restaurador" mexicano privou possivelmente a posteridade de algumas das lições mais importantes que os teotihuacanos teriam para ensinar.

Números Eternos

O número transcendente pi é fundamental à matemática avançada. Com um valor ligeiramente superior a 3,14, é a razão entre o diâmetro de um círculo e sua circunferência. Em outras palavras, se o diâmetro de um círculo é de 30cm, a sua circunferência será de $30\text{cm} \times 3,14 = 94,2\text{cm}$. De idêntica maneira, desde que o diâmetro de um círculo é exatamente o dobro do raio, podemos usar pi para calcular, à vista do raio, a circunferência de qualquer círculo. Neste caso, contudo, a fórmula é o comprimento do raio multiplicado por 2π . Como ilustração, tomemos novamente um círculo de 30 cm de diâmetro. O raio será de 15cm e a circunferência poderá ser obtida da seguinte maneira: $15\text{cm} \times 2 \times 3,14 = 94,2\text{cm}$. Analogamente, um círculo com um raio de 24cm terá uma circunferência de 150,72cm ($24\text{cm} \times 2 \times 3,14$) e um círculo com um raio de 17cm terá uma circunferência de 106,76 ($17\text{cm} \times 2 \times 3,14$).

Essas fórmulas, usando o valor de pi para calcular a circunferência, baseando-se em diâmetro ou raio, aplicam-se a todos os círculos, qualquer que seja seu tamanho e, também, claro, a todas as esferas e hemisférios. Elas parecem relativamente simples - mas só quando adotamos um olhar retrospectivo. Ainda assim, pensa-se que essa descoberta, que representou um progresso revolucionário na matemática, só foi feita relativamente tarde na história humana. A opinião ortodoxa é que coube a Arquimedes, no século 3 a.C. calcular

pi corretamente, pela primeira vez, com o valor de 3,148. Pesquisadores não aceitam que qualquer matemático do Novo Mundo tenha jamais chegado perto do número pi, antes da chegada dos europeus, no século XVI. Por isso mesmo é de deixar a pessoa tonta descobrir que a Grande Pirâmide de Gizé (construída mais de 2.000 anos antes do nascimento de Arquimedes) e a Pirâmide do Sol, em Teotihuacán, muito anterior à conquista, incorporam o valor de pi. E, além do mais, fazem isso em grande parte da mesma maneira, o que não deixa dúvida de que os construtores antigos de ambos os lados do Atlântico conheciam perfeitamente esse número transcendente.



A altura da Pirâmide do Sol multiplicada por 4π = perímetro de sua base. A altura da Grande Pirâmide de Gizé multiplicada por 2π = igual ao perímetro de sua base.

Os principais fatores implicados na geometria de qualquer pirâmide são os seguintes: 1) a altura do ápice sobre o solo e 2) o perímetro do monumento no nível do chão. No caso da Grande Pirâmide, a razão entre a altura original (146m) elevado a 9 e o perímetro (921m) elevado a 10 é a mesma que a razão entre o raio e a circunferência de um círculo, isto é, 2π . Dessa maneira, se tomamos a altura da pirâmide e a multiplicamos por 2π (como faríamos com o raio de um círculo para lhe calcular a circunferência), temos uma medida exata do perímetro do monumento ($146\text{m} \times 3,14 = 921\text{m}$). Alternativamente, se viramos a equação pelo avesso e começamos com a circunferência no nível do chão, obtemos um número igualmente exato da altura do ápice (921m divididos por 2 dividido por 3,14 = 146m).

Uma vez que é quase inconcebível que uma correlação matemática tão precisa pudesse ter sido obtida por acaso, somos obrigados a concluir que os construtores da Grande Pirâmide conheciam bem o π e que deliberadamente lhe incorporaram o valor às dimensões do monumento.

Vejamos agora a Pirâmide do Sol, em Teotihuacán. O ângulo de suas arestas é de $43,5^\circ$ (contra os 52° no caso da Grande Pirâmide). O monumento mexicano tem uma inclinação mais suave porque o perímetro de sua base, de 893m, não é muito menor do que o de sua equivalente egípcia, embora seu ápice seja consideravelmente mais baixo (de aproximadamente 71m, antes da "restauração" feita por Bartres).

A fórmula de 2π que funcionou no caso da Grande Pirâmide não funciona com essas medidas. Com uma fórmula de 4π isso acontece. Dessa maneira, se tomamos a altura da Pirâmide do Sol (71m) e a multiplicamos por 4π , obtemos mais uma vez uma leitura bem exata do perímetro: $71\text{m} \times 4 \times 3,14 = 893\text{m}$.

Esse resultado, claro, não pode ser mais coincidência do que a relação de π extrapolada a partir das dimensões do monumento egípcio. Além do mais, o próprio fato de ambas as estruturas incorporarem as relações de π (o que não acontece com qualquer outra pirâmide em ambos os lados do Atlântico) sugere

convincentemente não só a existência de conhecimento matemático avançado na antiguidade, mas algum tipo de finalidade comum subjacente.

Conforme vimos, a desejada razão altura/perímetro da Grande Pirâmide (2π) exigia a especificação de um ângulo difícil e peculiar da inclinação de suas arestas: 52° . De igual maneira, a desejada razão altura/perímetro da Pirâmide do Sol (4π) exigia a especificação de um ângulo igualmente excêntrico da aresta: $43,5^\circ$. Se não houvesse um motivo ulterior, teria sido certamente mais fácil para os antigos arquitetos egípcios e mexicanos ter optado por 45° (que poderiam ter obtido facilmente e conferido dividindo em dois um ângulo reto).

Qual poderia ter sido o objetivo comum que levou os construtores, em ambos os lados do Atlântico, a ter tanto trabalho para estruturar o valor de π com tanta precisão nesses dois notáveis monumentos? Uma vez, que parece não ter havido contato direto entre as civilizações do México e do Egito nos períodos em que as pirâmides foram construídas, não será razoável deduzir que, em alguma data remota, ambas herdaram certas idéias de uma fonte comum?

Será possível que a idéia compartilhada e expressa na Grande Pirâmide e na Pirâmide do Sol pudesse ter alguma coisa a ver com esferas, uma vez que estas, tais como as pirâmides, são objetos tridimensionais (enquanto que círculos, por exemplo, têm apenas duas dimensões)? O desejo de simbolizar esferas em monumentos tridimensionais com superfícies planas explicaria por que tanto trabalho foi investido para assegurar que ambas incorporassem inconfundíveis relações de π . Além do mais, parece provável que a intenção dos construtores dos dois monumentos não foi simbolizar esferas em geral, mas focalizar atenção em uma única esfera em particular: o planeta Terra.

Passará ainda muito tempo antes que arqueólogos ortodoxos estejam prontos para aceitar a idéia de que alguns povos do mundo antigo foram avançados o suficiente em ciência para ter possuído boas informações sobre a forma e o tamanho da Terra. Não obstante, de acordo com os cálculos de Livio Catullo Stecchini, professor

americano de História da Ciência e especialista conhecido em medições antigas, é irrefutável a prova da existência desses conhecimentos anômalos na antiguidade. As conclusões de Stecchini, que se relacionam principalmente com o Egito, são particularmente impressionantes, porque obtidas de dados matemáticos e astronômicos que, por consenso, estão além de qualquer dúvida bem fundamentada. Um exame mais completo dessas conclusões, e da natureza dos dados em que se apóiam, é apresentada na Parte VII. Nesta altura, contudo, algumas palavras de Stecchini podem lançar mais luz sobre o mistério que enfrentamos:

A idéia básica da Grande Pirâmide foi que ela deveria ser uma representação do hemisfério setentrional da terra, um hemisfério projetado sobre superfícies planas, como é feito na elaboração de mapas. (...) A Grande Pirâmide era uma projeção sobre quatro superfícies triangulares. O ápice representava o pólo e o perímetro representava o equador. Esta é a razão por que o perímetro está em uma relação de 2π com a altura. A Grande Pirâmide representa o hemisfério setentrional em uma escala de 2:43.200.

Na Parte VII veremos por que motivo foi escolhida essa escala.

A Cidade Matemática

Erguendo-se à frente enquanto eu me dirigia para a extremidade norte da Rua dos Mortos, a Pirâmide da Lua, por sorte não danificada pelos restauradores, mantivera a forma original de zigurate em quatro níveis. A Pirâmide do Sol, igualmente, consistira de quatro andares. Bartres, porém, havia caprichosamente criado um quinto nível entre o os originais terceiro e quarto.

Havia, contudo, um aspecto original na Pirâmide do Sol que Bartres não conseguira desfigurar: uma passagem subterrânea que saía de uma caverna natural situada sob a face oeste. Após ter sido

descoberta por acaso em 1971, a passagem havia sido exaustivamente estudada. De 2,10m de altura, descobriu-se que corria para leste por mais de 70m, até chegar a um ponto próximo do centro geométrico da pirâmide. Ali desembocava em uma segunda caverna, de generosas dimensões, que havia sido artificialmente alargada e recebido uma forma muito semelhante a de um trevo de quatro folhas. As "folhas" eram câmaras, cada uma delas com cerca de 18m de circunferência, contendo grande variedade de artefatos, tais como discos de ardósia belamente entalhados e espelhos altamente polidos. Havia também um complexo sistema de drenagem, formado por segmentos interligados de canos abertos na rocha.

Este último aspecto era o mais enigmático, porque não havia dentro da pirâmide nenhuma fonte conhecida de água. As eclusas, porém, pouca dúvida deixavam de que água deveria ter estado presente na antiguidade e, provavelmente, em grande quantidade. Esse fato fazia-nos lembrar a prova de que água correu certa vez pela Rua dos Mortos, fato confirmado pelas comportas e divisórias que eu vira antes ao norte da Cidadela e pela teoria de Schlemmer, referente a poços refletores e previsão de abalos sísmicos.

Na verdade, quanto mais pensava no caso, mais me parecia que a água devia ter sido um motivo dominante em Teotihuacán. Embora eu mal tivesse notado naquela manhã, o Templo de Quetzalcoatl fora decorado não só com efígies da Serpente Emplumada, mas com um simbolismo aquático inconfundível, notadamente um desenho ondulante sugestivo de ondas e grande número de belos entalhes de conchas marinhas. Com essas imagens em mente, cheguei à larga praça à base da Pirâmide da Lua e a imaginei cheia d'água, como pode ter acontecido, a uma profundidade de uns 4m. O local teria parecido magnífico, majestoso, impressionante e sereno.

A Pirâmide Akapana, na distante Tiahuanaco, fora também cercada de água, que lá havia sido o motivo dominante - como nesse momento eu descobria que acontecia em Teotihuacán.

Comecei a subir a Pirâmide da Lua. Era menor do que a do Sol, na verdade, de menos da metade do tamanho e se estimava que tivesse

uma massa de um milhão de toneladas de pedra e terra, contra os dois milhões e meio no caso da Pirâmide do Sol. Os dois monumentos, em outras palavras, tinham um peso combinado de três e meio milhões de toneladas. Era considerado improvável que esse volume de material pudesse ter sido manipulado por menos de 15.000 homens e se calculava ainda que mesmo tal força de trabalho teria levado pelo menos 30 anos para completar o enorme trabalho.

Trabalhadores em número suficiente teriam certamente existido nas vizinhanças: o Projeto de Mapeamento de Teotihuacán havia demonstrado que a população da cidade, em seu auge, deveria ter chegado a umas 200.000 almas, tornando-a uma metrópole maior do que a Roma Imperial dos Césares. O Projeto provava ainda que os principais monumentos hoje visíveis cobriam apenas uma pequena parte da área total da antiga Teotihuacán. No seu auge, a cidade devia ter coberto uma área de mais de 31km², com aproximadamente 50.000 residências individuais e 200 blocos de apartamentos, 600 pirâmides e templos secundários, e 500 áreas de "fábricas", especializadas em cerâmica, estatuetas, lapidação, conchas marinhas, basalto, ardósia e trabalho de moagem de pedra.

Parei no topo da Pirâmide da Lua e virei-me lentamente. Do outro lado do chão do vale, que descia suavemente na direção sul, toda Teotihuacán se estendia nesse momento diante de meus olhos - uma cidade geométrica, projetada e construída por arquitetos desconhecidos, antes do início do tempo histórico. A leste, a cavaleiro da Rua dos Mortos, reta como uma flecha, erguia-se, enorme, a Pirâmide do Sol, "imprimindo" eternamente a mensagem matemática com que fora programada há longas eras, uma mensagem que parecia dirigir nossa atenção para a forma da Terra. Tinha-se quase a impressão de que a civilização responsável pela construção de Teotihuacán fizera a opção deliberada de codificar informações complexas em monumentos duradouros e fazer isso usando linguagem matemática.

Mas por que linguagem matemática?

Talvez porque, pouco importando por que mudanças e transformações extremas pudesse passar a civilização humana, o raio de um círculo multiplicado por 2π (ou metade do raio multiplicada por 4π) daria sempre o número correto da circunferência da terra. Em outras palavras, uma linguagem matemática poderia ter sido escolhida por motivos práticos: ao contrário de qualquer língua verbal, esse código poderia ser sempre decifrado, até mesmo por povos de culturas sem qualquer relação entre si que viessem a existir milhares de anos depois no futuro.

Não pela primeira vez, senti-me diante da possibilidade vertiginosa de que um episódio inteiro da história da humanidade pudesse ter sido esquecido. Na verdade, pareceu-me nessa ocasião, enquanto olhava do alto da Pirâmide da Lua para a cidade matemática, que nossa espécie poderia ter padecido de alguma forma terrível de amnésia e que o período de trevas tão ingênua e displicentemente denominado de "pré-história" pudesse esconder verdades inimaginadas sobre nosso passado.

O que é a pré-história, afinal de contas, senão um tempo esquecido - um tempo sobre o qual faltam-nos registros? O que é a pré-história senão uma época de obscuridade impenetrável, através da qual passaram nossos ancestrais, mas sobre a qual não temos lembrança consciente? E foi como remanescente dessa época de obscuridade, configurada em um código matemático, de acordo com princípios astronômicos e geodésicos, que Teotihuacán, com todos os seus enigmas, chegou até nós. Dessa mesma época vieram as grandes esculturas olmecas, o calendário inexplicavelmente preciso e exato que os maias herdaram de seus predecessores, os geoglifos inescrutáveis de Nazca, a misteriosa cidade andina de Tiahuanaco... e tantas outras maravilhas cujas origens desconhecemos.

Era quase como se tivéssemos despertado para a luz ensolarada da história após um sono longo e sobressaltado e continuássemos ainda sobressaltados pelos ecos baixos, mas insistentes de nossos sonhos...

Parte IV

O Mistério dos Mitos

1. Uma Espécie com Amnésia

CAPÍTULO 24

Ecos de Nossos Sonhos

Em alguns dos mitos mais impressionantes e duradouros que herdamos dos tempos antigos, parece que nossa espécie reteve uma recordação confusa, mas persistente, de uma pavorosa catástrofe global.

De onde vem esses mitos?

Por que, embora procedam de culturas sem relação entre si, seus temas são tão parecidos? Por que estão imbuídos de um simbolismo comum? E por que falam, com tanta frequência, dos mesmos personagens e enredos padronizados? Se são realmente memórias, por que não existem registros históricos das catástrofes planetárias a que parecem aludir?

Poderia acontecer que os *próprios mitos* sejam registros históricos? Poderia acontecer que essas histórias interessantes e imortais, compostas por gênios anônimos, tenham sido o meio usado para conservar informações desse tipo e transmiti-las ao longo do tempo, antes que começasse a história documentada?

E a Arca Flutuou sobre a Face das Águas

Houve na antiga Suméria um rei que buscava a vida eterna. Seu nome era Gilgamesh. Conhecemos suas aventuras através dos mitos e tradições da Mesopotâmia, que foram gravadas em escrita cuneiforme em tabuinhas de argila cozidas em forno. Milhares dessas tabuinhas, algumas datadas do início do terceiro milênio a.C., foram escavadas

nas areias do moderno Iraque. Elas contam uma história ímpar de uma cultura desaparecida e nos lembram que, mesmo naqueles dias da alta antiguidade, seres humanos preservavam memórias de tempos ainda mais remotos dos quais estavam separados pelo intervalo de um grande e terrível dilúvio:

Proclamarei ao mundo as façanhas de Gilgamesh. Ele era o homem para o qual todas as coisas eram conhecidas; ele era o rei que conhecia os países do mundo. Ele era sábio, enxergava dentro de mistérios, conhecia coisas secretas e nos trouxe a história dos dias anteriores ao dilúvio. Ele partiu em uma longa jornada, ficou cansado, esgotado pela viagem. Ao voltar, repousou e gravou em uma pedra toda a história.

A história trazida por Gilgamesh lhe foi contada por um certo Utnapishtim, um rei que governara seu povo milhares de anos antes, que sobrevivera ao grande dilúvio e fora premiado com o dom da imortalidade, porque tinha preservado as sementes da humanidade e de todas as coisas vivas.

Isso aconteceu há muito, muito tempo, disse Utnapishtim, numa época em que os deuses viviam na terra: Anu, senhor do firmamento, Enlil, o executor das decisões divinas, Ishtar, a deusa da guerra e do amor sexual, e Ea, o senhor das águas, amigo e protetor natural do homem. Naqueles dias, o mundo fervilhava de atividade, os homens se multiplicavam, o mundo mugiu como um touro e o grande deus foi acordado pelo clamor. Enlil ouviu o clamor e disse aos deuses, reunidos em conselho: "O barulho da humanidade é intolerável e sono não é mais possível devido à balbúrdia." Em vista disso, os deuses concordaram em exterminar a humanidade.

Ea, porém, teve pena de Utnapishtim. Falando através da parede de caniço da casa do rei, avisou-o da catástrofe iminente e disse-lhe que construísse um barco, no qual ele e sua família poderiam sobreviver:

Derruba tua casa e constrói um barco, abandona tuas posses e procura a vida, despreza os bens mundanos e salva tua alma. (...) Derruba tua casa e constrói um barco com suas dimensões em proporção - largura e comprimento em harmonia. Põe a bordo do barco as sementes de todas as coisas vivas.

No momento exato, Utnapishtim construiu o barco, da forma ordenada. "Carreguei o barco com tudo o que tinha", disse ele, "carreguei-o com as sementes de todas as coisas vivas":

Embarquei todos os meus parentes, embarquei o gado, os animais selvagens da natureza, todos os tipos de artesãos. (...) O prazo foi cumprido. Quando a primeira luz do amanhecer surgiu, uma nuvem negra surgiu da base do céu e trovejou no lugar onde Adad, o senhor da tempestade, cavalgava. (...) Um estupor de desespero subiu ao céu, quando o deus da tempestade transformou a luz do dia em trevas, quando esmagou a terra como se ela fosse uma taça. (...)

No primeiro dia, a tempestade soprou feroz e trouxe o dilúvio. (...) Nenhum homem podia ver seu companheiro. Nem os homens podiam ser diferenciados do céu. Até os deuses ficaram com medo do dilúvio. Retiraram-se, subiram para o céu de Anu e agacharam-se nas proximidades. Os deuses acovardaram-se como cães de rua, enquanto Ishtar chorava, e exclamava em voz alta: "Dei à luz esses meus próprios filhos apenas para encher o mar com seus cadáveres, como se eles fossem peixes?"

Enquanto isso, continuou Utnapishtim:

Durante seis dias e noites o vento soprou, e torrente, tempestade e inundação varreram o mundo, a tempestade e o dilúvio rugiram juntos como hostes em guerra. Ao raiar o sétimo dia, a tempestade vinda do sul amainou, o mar ficou calmo, o dilúvio parou. Olhei para a face do mundo e havia silêncio. A superfície do mar estendia-se tão plana como um telhado. Toda a humanidade retornara ao pó. (...) Abri uma

escotilha e luz caiu sobre minha face. Em seguida, curvei-me, sentei-me e chorei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, pois, por todos os lados, só havia o deserto de água. (...) A quatorze léguas de distância apareceu uma montanha e nela o barco encalhou. Na montanha de Nisir o barco se prendeu fortemente à terra, ficou imóvel e não se mexeu. (...) Quando o sétimo dia amanheceu, soltei uma pomba no ar. Ela voou para longe, mas, não achando lugar para pousar, voltou. Soltei em seguida uma andorinha, ela voou para longe, mas, não encontrando lugar para pousar, voltou. Soltei um corvo, ele viu que as águas haviam baixado, comeu, voou em volta, grasnou e não voltou.

Utnapishtim soube que, nesse momento, era seguro desembarcar:

Verti uma libação sobre o cume da montanha. (...) Juntei madeira, cana, cedro e murta... Quando os deuses sentiram o doce aroma, eles se reuniram como moscas sobre o sacrifício. (...)

Esses textos não são absolutamente os únicos que chegaram até nós, com origem na terra antiga da Suméria. Em outras tabuinhas - algumas delas com quase 5.000 e, outras, menos de 3.000 anos de idade - a figura "semelhante a Noé" de Utnapishtim era variadamente conhecida como Zisudra, Xisuthros ou Atrahasis. Ainda assim, ele é sempre reconhecível como o mesmo personagem patriarcal, avisado pelo mesmo deus compassivo, que sobrevive ao mesmo dilúvio universal na arca sacudida pela tempestade e cujos descendentes repovoaram o mundo.

Há muitas semelhanças óbvias entre o mito do dilúvio mesopotâmico e a famosa história bíblica de Noé e o dilúvio. Estudiosos discutem interminavelmente sobre a natureza dessas semelhanças. O importante, porém, é que, em todas as esferas de influência, a mesma tradição solene foi preservada para a posteridade - uma tradição que conta, em linguagem vívida, uma catástrofe global e a aniquilação quase total da humanidade.

América Central

Mensagem idêntica foi preservada no Vale do México, muito distante dos montes Ararat e Nisir, ambos situados no outro lado do mundo. No México, cultural e geograficamente isolado das influências judaico-cristãs, e em longas eras antes da chegada dos espanhóis, eram contadas também histórias sobre um grande dilúvio. Como o leitor recordará pelo que dissemos na Parte III, reinava a crença em que o dilúvio assolara toda a terra, ao fim do Quarto Sol. "A destruição aconteceu sob a forma de chuvas torrenciais e inundações. As montanhas desapareceram e os homens foram transformados em peixes... De acordo com a mitologia asteca, sobreviveram apenas dois seres humanos: um homem, Coxcoxtli, e a esposa, Xochiquetzal, que um deus avisara do iminente cataclismo. Os dois escaparam em um imenso barco que haviam recebido ordens para construir e desembarcaram no cume de uma alta montanha. Lá desceram e tiveram muitos filhos, todos mudos, que assim permaneceram até que uma pomba, no alto de uma árvore, lhes deu o dom das línguas. Essas línguas diferiam tanto entre si que as crianças não podiam se entender.

Uma tradição centro-americana semelhante, a de Mechoacaneseecs, apresenta uma semelhança ainda mais notável com a história contada no *Gênesis* e por fontes mesopotâmicas. De acordo com essa tradição, o deus Tezcatilpoca resolveu destruir toda a humanidade com um dilúvio, salvando apenas um certo Tezpi, que embarcou em uma espaçosa canoa com a esposa, filhos, e grande número de animais e aves, bem como suprimentos de cereais e sementes, cuja preservação era essencial para o sustento futuro da raça humana. A canoa encalhou no cume de uma montanha, depois de ter Tezcatilpoca ordenado que as águas do dilúvio se retirassem. Desejando saber se era seguro desembarcar nesse momento, Tezpi soltou um abutre que, alimentando-se das carcaças que cobriam a terra, não voltou. Ele enviou outras aves, das quais só voltou o beija-

flor, com um galho folhudo no bico. Com esse sinal de que a terra começava a se renovar, Tezpi e família desceram da arca, multiplicaram-se e repovoaram a terra.

Recordações de uma terrível inundação causada por desagrado divino foram também preservadas no *Popol Vuh*. De acordo com esse texto arcaico, o Grande Deus resolveu criar a humanidade logo depois do início do tempo. Era um experimento e ele começou com "figuras feitas de madeira, que pareciam homens e que falavam como homens". Essas criaturas caíram em desgraça porque "não se lembravam de seu Criador":

E assim um dilúvio foi desencadeado pelo Coração do Céu, um grande dilúvio foi formado e caiu sobre a cabeça das criaturas de madeira. (...) Uma pesada resina caiu do céu. (...) a face da terra se tornou escura e uma chuva negra começou a cair, dia e noite. (...) As figuras de madeira foram aniquiladas, destruídas, quebradas e mortas.

Nem todos morreram, porém. Tal como os astecas e os mechoacanesecas, os maias de Yucatán e da Guatemala acreditavam que uma figura semelhante a Noé e esposa, "o Grande Pai e a Grande Mãe", sobreviveram ao dilúvio para povoar novamente a Terra, tornando-se, dessa maneira, os ancestrais de todas as gerações subseqüentes da humanidade.

América do Sul

Passando à América do Sul, encontramos os chibcas, da região central da Colômbia. De acordo com seus mitos, eles viveram inicialmente como selvagens, sem leis, agricultura ou religião. Certo dia, porém, apareceu entre eles um velho de raça diferente. Ele usava barba espessa e longa e seu nome era Bochica. Ele ensinou aos chibcas como construir cabanas e viver juntos em sociedade.

A esposa de Bochica, muito bela, chamada Chia, veio depois dele, mas era má e gostava de contrariar-lhe os trabalhos altruísticos. Uma vez que não podia anular diretamente o poder do marido, usou de meios mágicos para causar um grande dilúvio, no qual morreu a maioria da população. Profundamente irado, Bochica exilou-a da terra para o céu, onde ela se tornou a lua e recebeu o trabalho de iluminar as noites. Ele fez também com que se dissipassem as águas do dilúvio e trouxe para baixo os poucos sobreviventes que haviam se refugiado no cume de uma montanha. Em seguida, deu-lhes leis, ensinou-lhes a cultivar a terra e instituiu a adoração do sol, com festivais, sacrifícios e peregrinações periódicas. Em seguida, dividiu entre dois chefes o poder de governar e passou o resto de seus dias na terra em tranqüila contemplação, como asceta. Quando subiu ao céu, tornou-se um deus.

Ainda mais ao sul, os canarianos, uma tribo de índios do Equador, contam uma história antiga de dilúvio, do qual dois irmãos escaparam por terem subido para o cume de uma montanha. À medida que a água subia, o mesmo acontecia com a montanha, de modo que os dois irmãos puderam sobreviver à calamidade.

Ao serem descobertos, os índios tupinambás, do Brasil, veneravam uma série de heróis civilizadores, ou criadores. O primeiro desses heróis era Monan (antigo, velho), que eles diziam ter sido o criador da humanidade, mas que em seguida destruiu o mundo com água e fogo...

O Peru, como vimos na Parte II, é particularmente rico em lendas sobre o dilúvio. Uma história típica fala de um índio que foi avisado do dilúvio por uma lhama. Juntos, homem e lhama fugiram para uma alta montanha, chamada Vilca-Coto:

Quando chegaram ao alto da montanha, viram que todos os tipos de aves e animais já haviam se refugiado ali. O mar começou a subir e cobriu todas as planícies e montanhas, exceto o cume de Vilca-Coto e, mesmo lá, as ondas batiam tão altas que os animais foram obrigados a se apertarem numa área estreita. (...) Cinco dias depois, a

água recuou e o mar voltou a seu leito. Mas todos os seres humanos, exceto um, morreram afogados e dele descendem todas as nações da terra.

Os araucnaianos do Chile pré-colombiano preservaram uma tradição que dizia que houve outrora um dilúvio, do qual poucos índios escaparam. Os sobreviventes refugiaram-se em uma alta montanha chamada Thegtheg (a "trovejante" ou "faiscante"), que tinha três picos e a capacidade de flutuar na água.

Na extremidade sul do continente, uma lenda dos yamanas, da Terra do Fogo, informa: "A mulher-lua causou o dilúvio. Isso aconteceu no tempo da grande elevação da superfície da terra. (...) A lua estava cheia de ódio aos seres humanos. (...) Nessa ocasião, todos morreram afogados, com exceção dos poucos que conseguiram escapar para cinco picos de montanhas que a água não cobriu."

Outra tribo da Terra do Fogo, a pehenche, associa o dilúvio a um prolongado período de escuridão. "O sol e a lua caíram do céu; e o mundo permaneceu assim, sem luz, até que, finalmente, dois condores gigantesco levaram de volta o sol e a lua para o céu."

América do Norte

Enquanto isso, no outro lado das Américas, entre os inuítes do Alasca, havia a tradição de um dilúvio terrível, acompanhado por um terremoto, que varreu tão rapidamente a face da terra que só uns poucos homens conseguiram escapar em canoas, petrificados de terror, ou refugiar-se nos picos das montanhas mais altas.

Os luisenos, da Baixa Califórnia, tinham uma lenda que dizia que uma inundação cobriu as montanhas e destruiu a maior parte da humanidade. Salvaram-se apenas uns poucos, porque fugiram para os mais altos picos e que foram poupados quando a água inundou todo o mundo. Os sobreviventes ali permaneceram até que passou a inundação. Mais ao norte, mitos semelhantes foram registrados entre

os hurons. E uma lenda dos montagnais, grupo pertencente à família algonquina, contava que Michabo, ou a Grande Lebre, com ajuda de um corvo, uma lontra e um rato almiscarado, recriou o mundo.

O *History of the Dakotas*, de Lynd, um trabalho respeitado do século XIX que preservou numerosas tradições indígenas que, de outro modo, teriam sido perdidas, refere-se ao mito iroquês de que "o mar e as águas haviam, um dia, invadido a terra, e toda vida humana foi destruída". Os chickasaws afirmavam que o mundo fora destruído pela água, "mas que havia sido salva uma família e dois animais de todos os tipos." Os sioux falavam também de um tempo em que não havia terra seca e quando todos os homens desapareceram.

Água, Água, por Todos os Lados

Até que distância e com que abrangência as repercussões do grande dilúvio chegaram às memórias preservadas em mitos?

Até grande distância, sem a menor dúvida. Em todo o mundo são conhecidas mais de 500 lendas que falam do dilúvio e, em um levantamento de 86 delas (20 na Ásia, 3 na Europa, 7 na África, 46 nas Américas e 10 na Austrália e no Pacífico), um pesquisador especializado, o Dr. Richard Andree, concluiu que 62 eram inteiramente independentes das versões mesopotâmicas e hebraicas.

Antigos estudiosos jesuítas, que figuraram entre os primeiros europeus a visitar a China, por exemplo, tiveram oportunidade, na Biblioteca Imperial, de examinar um vasto conjunto de obras, composto de 4.320 volumes, que se dizia ter sido herdado de tempos antigos e que continham "todos os conhecimentos". Esse grande livro incluía certo número de tradições citando as conseqüências que se seguiram quando a humanidade se rebelou contra os grandes deuses e o sistema do universo despencou na desordem: "Os planetas mudaram seus cursos. O céu afundou na direção do norte, o sol, a lua e as estrelas mudaram seus movimentos. A terra desfez-se em

pedaços e as águas no seu seio jorraram violentas para o alto e inundaram a terra”.

Na floresta tropical de Chewong, na Malásia, os nativos acreditavam que, com grande freqüência, o mundo em que viviam, que chamavam de Terra Sete, virava de cabeça para baixo e tudo era inundado e destruído. Não obstante, graças à intervenção do Deus Criador Tohan, a nova superfície plana do que fora antes o lado de baixo da Terra Sete é moldada e transformada em montanhas, vales e planícies. Novas árvores são plantadas e nascem novos seres humanos.

Um mito do dilúvio originário do Laos e da região norte da Tailândia diz que seres chamados *thens* viviam há muito tempo no alto reino, enquanto os senhores do baixo mundo eram três grandes homens, Pu Leng Seung, Khun K'na e Khum K'et. Certo dia, os *thens* anunciaram que, antes de tomar qualquer refeição, os homens deveriam lhes dar uma parte da comida, como sinal de respeito. Os homens recusaram-se a cumprir a ordem e, irados, os *thens* provocaram um dilúvio que destruiu toda a terra. Os três grandes homens construíram uma jangada, no alto da qual fizeram uma pequena casa e embarcaram com certo número de mulheres e crianças. Dessa maneira, eles e seus descendentes sobreviveram ao dilúvio.

De forma semelhante, os karens da Birmânia têm tradições de um dilúvio global, do qual dois irmãos se salvaram em uma jangada. Um dilúvio do mesmo tipo faz parte da mitologia do Vietnã, na qual se diz que um irmão e uma irmã sobreviveram dentro de um grande caixão de madeira, que continha também dois espécimes de todos os tipos de animais.

Vários povos aborígenes australianos, especialmente aqueles cujas terras tradicionais se situavam ao longo da costa tropical no norte, atribuem sua origem a uma grande inundação, que acabou com a terra e a sociedade anteriores. Paralelamente, nos mitos sobre a origem de certo número de outras tribos, a serpente cósmica Yurlunggur (associada ao arco-íris)    julgada responsável pelo dilúvio. Existem também tradições japonesas, de acordo com as quais as ilhas do Pacífico na Oceania foram formadas depois de baixarem as águas

de um grande dilúvio. Na própria Oceania, um mito dos habitantes nativos do Havaí conta que o mundo foi destruído por uma inundação e, mais tarde, recriado por um deus chamado Tangaloa. Os samoanos acreditam que, no passado, aconteceu uma inundação que destruiu quase toda a humanidade. Só sobreviveram dois seres humanos, que se fizeram ao mar em um barco que, finalmente, chegou à terra no arquipélago samoano.

Grécia, Índia e Egito

No outro lado do mundo, a mitologia grega era também assombrada por memórias de um dilúvio. Neste caso, porém (como, aliás, na América Central), a inundação não era vista como um evento isolado, mas como uma etapa em uma série de destruições e recriações do mundo. Os astecas e maias falavam em termos de "Sóis", ou épocas sucessivas (das quais pensavam que a nossa era a quinta e última). De forma semelhante, as tradições orais da Grécia antiga, compiladas e redigidas por Hesíodo no século VIII a.C., relatam que, antes da presente criação, houve quatro raças anteriores de homens. Julgavam os gregos que cada uma delas fora mais adiantada do que a que a seguiu. E todas elas, na hora aprazada, haviam sido "engolidas" em um cataclismo geológico.

A primeira e mais antiga criação fora a "raça de ouro" da humanidade, que "vivera como os deuses, sem cuidados, sem problemas ou sofrimentos... Dotados de corpos que não envelheciam, eles se regalavam em seus banquetes... Quando morriam, era como homens vencidos pelo sono". Com a passagem do tempo e por ordem de Zeus, a raça de ouro "mergulhou finalmente nas profundezas da terra". Foi sucedida pela "raça de prata", suplantada pela "raça de bronze", substituída por sua vez pela raça dos "heróis" e seguida pela raça de "ferro" - a nossa -, a quinta e mais recente criação.

O destino da raça de bronze é o que mais nos interessa aqui. Descrita nos mitos como tendo "a força de gigantes e mãos poderosas em

braços poderosos", esses homens formidáveis foram exterminados por Zeus, o rei dos deuses, como castigo pelas más ações de Prometeu, o titã rebelde que deu o fogo à humanidade. o mecanismo usado pela vingativa divindade para limpar a terra foi uma inundação que a tudo cobriu.

Na versão mais conhecida da história, Prometeu engravidou uma humana. Ela lhe deu um filho, chamado Deucalião, que governou a Pítia, na Tessália, e tomou como esposa Pirra, "a ruiva", filha de Epimeto e Pandora. Quando Zeus tomou a terrível decisão de destruir a raça de bronze, Deucalião, avisado por Prometeu, construiu uma caixa de madeira, encheu-a de "tudo que era necessário" e entrou nela com Pirra. O rei dos deuses despejou dos céus chuvas torrenciais, inundando a maior parte da terra. Toda a humanidade pereceu no dilúvio, exceto alguns que haviam fugido para as montanhas mais altas. "Aconteceu também nesse tempo que as montanhas da Tessália foram fendidas ao meio e toda a região, até o Istmo e o Peloponeso, tornou-se um único lençol de água."

Deucalião e Pirra flutuaram nessa caixa durante nove dias e nove noites e chegaram finalmente ao monte Parnaso. Aí, quando cessaram as chuvas, desembarcaram e fizeram sacrifício aos deuses. Em resposta, Zeus enviou Hermes a Deucalião, com permissão para pedir tudo que quisesse. Ele quis seres humanos. Zeus ordenou-lhe que pegasse pedras no chão e que as jogasse por cima do ombro. As pedras jogadas transformaram-se em homens e, as jogadas por Pirra, em mulheres.

Da mesma forma que os hebreus se lembravam de Noé, os gregos dos tempos históricos lembravam-se de Deucalião - como ancestral da nação e fundador de numerosas cidades e templos.

Uma figura semelhante era reverenciada na Índia védica há mais de 3.000 anos. Certo dia (conta a história), quando um sábio chamado Manu estava fazendo suas abluções, encontrou, na concha da mão, um peixinho, que lhe implorou que o deixasse viver. Sentindo pena do peixinho, ele o colocou em um jarro. No dia seguinte, porém, o peixinho crescera tanto que ele teve que levá-lo para um lago. Logo

depois, o lago ficou pequeno demais. "Jogue-me no mar", pediu o peixe [que era, na realidade, uma manifestação do deus Vishnu], "e eu me sentirei mais confortável." Em seguida, ele avisou Manu do dilúvio que estava por acontecer. Enviou-lhe um grande navio, com ordens para que o enchesse com duas criaturas vivas de todas as espécies e sementes de todas as plantas, e que, em seguida, subisse para bordo. Manu mal havia acabado de cumprir as ordens quando o oceano subiu e submergiu tudo e nada podia ser visto, exceto Vishnu em sua forma de peixe - nesse momento uma criatura enorme, de um único chifre e escamas douradas.

Manu amarrou o navio no chifre do peixe e Vishnu rebocou-o pelas águas altas até parar no cume da "Montanha do Norte": o peixe disse: "Eu te salvei, amarra o navio a uma árvore, porque a água pode varrê-lo para longe, enquanto estiveres na montanha e, na proporção em que as águas descenderem, tu também descerás." Manu desceu com as águas. O Dilúvio havia destruído todas as criaturas e Manu permaneceu sozinho.

Com ele, e com os animais e plantas que ele salvara da destruição, começou uma nova era no mundo. Após um ano, das águas emergiu uma mulher, que se apresentou como "a filha de Manu". Os dois casaram e tiveram filhos, tornando-se, dessa maneira, os ancestrais da atual raça da humanidade.

Por último, mas não menos importante, as tradições egípcias referem-se também a uma grande inundação. Um texto funerário descoberto na tumba do Faraó Seti I, por exemplo, conta a destruição, por um dilúvio, da humanidade pecadora. As razões da catástrofe estão expostas no Capítulo CLXXV do *Livro dos Mortos*, que atribui o discurso seguinte ao Deus da Lua, Thoth:

Eles lutaram entre si, açularam conflitos, praticaram o mal, criaram hostilidade, cometeram massacres, causaram problemas e opressão... [Por conseguinte], vou apagar tudo que fiz. Esta terra entrará em um abismo aquoso por intermédio de uma inundação furiosa e ela se tornará vazia como no tempo primevo.

Na Pista de um Mistério

Com as palavras de Thoth fechamos o círculo, que inclui os dilúvios sumeriano e bíblico. "A terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência", diz o *Gênesis*:

Viu Deus a Terra e eis que estava corrompida, porque todo ser vivente havia corrompido seu caminho na terra. Então disse Deus a Noé: "Resolvi dar cabo de toda a carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra".

Tal como a inundação de Deucalião, a inundação de Manu, a inundação que destruiu o "Quarto Sol" dos astecas, o dilúvio bíblico foi o fim de uma era mundial. Uma nova era sucedeu-a: a nossa, povoada pelos descendentes de Noé. Desde o próprio início, porém, era entendido que esta era também acabaria no devido tempo, em um fim catastrófico. Ou como diz uma velha canção: "Deus deu a Noé o sinal do arco-íris; não mais água, será o fogo, na próxima vez."

A fonte escritural dessa profecia de destruição do mundo é encontrada em 2 Pedro, versículo 3:

Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: onde está a promessa de sua vida. Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água, pela palavra de Deus, pelas quais veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados para o fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios. Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer:

que, para o Senhor, um dia é como mil anos e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.

A Bíblia, por conseguinte, imagina duas eras do mundo, sendo a nossa a segunda e a última. Em outros locais, em outras culturas, são registrados diferentes números de criações e destruições. Na China, por exemplo, as eras desaparecidas são denominadas *kis*, dez das quais teriam passado desde o começo dos tempos até Confúcio. Ao fim de cada *ki*, "em uma convulsão geral da natureza, o mar sai de seu leito, montanhas saltam da terra, rios mudam seus cursos, seres humanos e tudo mais são arruinados, e apagados os traços antigos..." As escrituras budistas falam dos "Sete Sóis", todos eles levados ao fim por água, fogo, ou vento. Ao fim do Sétimo Sol, o atual "ciclo mundial", é esperado que a "terra irrompa em chamas". Tradições aborígenes de Sarawak e Sabah lembram que o céu foi outrora "baixo" e nos dizem que "seis Sóis pereceram (...) No presente, o mundo é iluminado pelo sétimo Sol". Analogamente, os Livros Sibilinos falam em "nove Sóis que são nove eras" e profetizam duas eras ainda por vir - as do oitavo e do nono Sol".

No outro lado do oceano Atlântico, os índios hopi (que são parentes distantes dos astecas) mencionam três Sóis anteriores, todos culminando em uma grande aniquilação, seguida do reaparecimento gradual da humanidade. Na cosmologia asteca, claro, houve quatro Sóis antes do nosso. Essas pequenas diferenças sobre o número exato de destruições e criações mencionadas nesta ou naquela mitologia não devem nos fazer esquecer a convergência notável das tradições antigas. Em todo o mundo, essas tradições parecem rememorar uma série de catástrofes. Em muitos casos, o caráter de

cada cataclismo sucessivo é obscurecido pelo uso de linguagem poética e o acúmulo de metáforas e símbolos. Com grande frequência, além disso, pelo menos dois diferentes tipos de calamidade podem ser descritos como tendo ocorrido simultaneamente (com mais frequência, inundações e terremotos, embora, às vezes, fogo e apavorante escuridão).

Tudo isso contribui para a criação de um quadro confuso e atabalhado. Os mitos dos hopi, porém, destacam-se por sua franqueza e simplicidade. E o que eles nos dizem é o seguinte:

O primeiro mundo foi destruído, como castigo de más ações praticadas pelo homem, por um fogo consumidor, que veio de cima e de baixo. O segundo mundo terminou quando o globo terrestre inclinou-se para a frente a partir de seu eixo e tudo foi coberto pelo gelo. O terceiro mundo terminou em um dilúvio universal. O atual mundo é o quarto. Seu destino dependerá de seus habitantes se comportarem ou não de acordo com os planos do Criador.

Aqui, estamos na pista de um mistério. E muito embora não possamos jamais alimentar a esperança de sondar os planos do Criador, podemos chegar a uma conclusão sobre o enigma de mitos convergentes de destruição global.

Através desses mitos, os antigos nos falam diretamente. E o que é que estão tentando nos dizer?

CAPÍTULO 25

As Muitas Máscaras do Apocalipse

Da mesma forma que os índios hopi da América do Norte, os arianos avésticos do Irã pré-islâmico acreditavam que, antes da nossa, houve três épocas de criação. Na primeira, o homem era puro e sem pecado, de alta estatura, longevo, mas, pouco antes de terminar esse tempo, o Maligno declarou guerra a Ahura Mazela, o deus sagrado, do que se

seguir um cataclismo pavoroso. Na segunda, o Maligno nenhum sucesso teve. Na terceira, o bem e o mal estiveram exatamente equilibrados. Na quarta (a atual época do mundo), o mal triunfou logo no princípio e manteve a supremacia desde então!.

O fim da quarta época está previsto para breve, mas é o cataclismo que aconteceu ao fim da primeira que nos interessa aqui. Não foi uma inundação, mas coincidiu de tantas maneiras com numerosas tradições globais de dilúvio que não podemos deixar de entrever uma forte ligação entre elas.

As escrituras avésticas levam-nos de volta a um tempo de paraíso na terra, quando os ancestrais remotos do antigo povo iraniano viviam na fabulosa Airyana Vaejo, a primeira e feliz criação de Ahura Mazda, que floresceu na primeira era do mundo: o berço mítico e lar original da raça ariana.

Naqueles dias, Airyana Vaejo gozava de um clima suave e produtivo, com sete meses de verão e cinco de inverno. Rico em vida silvestre e em colheitas, em prados cortados por rios, esse jardim de delícias foi convertido em um deserto inabitável, de dez meses de inverno e apenas dois de verão, como resultado do ataque de Angra Mainyu, o Maligno:

A primeira das boas terras e países que eu, Ahura Mazda, criei foi Airyana Vaejo. (...) Em seguida, Angra Mainyu, que é a encarnação da morte, criou uma oposição a ela, uma poderosa serpente e a neve. Dez meses de inverno nela existem agora, dois meses de verão, estes são frios como a água, frios como a terra, frios como as árvores. (...) Lá, durante o ano todo, cai neve em abundância, que é a pior das pragas...

O leitor concordará que essas palavras indicam uma súbita e dramática mudança de clima em Airyana Vaejo. As escrituras avésticas não nos deixam em dúvida a esse respeito. Antes, elas descrevem um encontro dos deuses celestiais, convocado por Ahura Mazda, e nos dizem que o "louro Yima, O deus pastor, de grande

renome em Airyana Vaejo", compareceu a essa reunião em companhia de todos os seus excelentes mortais.

É nesse ponto que começam a surgir os estranhos paralelos com o dilúvio bíblico, porque Ahura Mazda aproveita a reunião para alertar Yima sobre o que vai acontecer, como resultado do uso dos poderes do Maligno:

E Ahura Mazda falou a Yima, dizendo: "Yima, o louro... Sobre o mundo material, um inverno fatal está prestes a descer, que trará uma geada forte e destruidora. Sobre o mundo corpóreo descerá o mal do inverno e nele a neve cairá com grande abundância.

E todos os três tipos de animais perecerão, os que vivem nas florestas, os que vivem nos cumes das montanhas e os que vivem nas profundezas dos vales sob abrigo dos estábulos.

Por isso, faz para ti um *var* (hipogeu, ou espaço fechado subterrâneo), com o comprimento, nos quatro lados, de uma pista de corrida de cavalos. Para lá levarás representantes de todos os tipos de animais, grandes e pequenos, de gado, de todos os animais de carga, e de homens, de cães, de aves, e de fogos que queimam vermelhos.

Lá farás água correr. Lá colocarás as aves nas árvores, ao longo da beira da água, em um verdor que será eterno. Lá colocarás espécimes de todas as plantas, as mais lindas e mais perfumadas, e de todos os frutos os mais suculentos. Todos esses tipos de coisas e criaturas não perecerão enquanto estiverem no *var*. Mas não põe nele criatura deformada, ou impotente, ou louca, nem má, nem enganadora, nem rancorosa, nem ciumenta, nem homem com dentes tortos, nem leproso...

À parte a escala da operação, só há uma diferença autêntica entre o *var* divinamente inspirado de Yima e a arca divinamente inspirada de Noé: a arca é um meio para sobreviver a uma inundação terrível e devastadora, que destruirá todas as criaturas vivas ao afogar o mundo em água; o *var* é um meio para sobreviver a um terrível e devastador

"inverno", que destruirá todas as criaturas vivas ao cobrir a terra com um lençol congelante de gelo e neve.

No *Bundahish*, outra das escrituras zoroastrianas (que se acredita que contenha material antigo de uma parte perdida do *Avesta* original), mais informações são dadas sobre o cataclismo da glaciação que destruiu Airyana Vaejo. Quando Angra Mainyu enviou a "geada forte e destruidora", ele também "atacou e desorganizou o céu". O *Bundahish* nos diz que o ataque permitiu ao Maligno "dominar um terço do céu e cobri-lo de escuridão", à medida que o gelo invasor apertava sua empunhadura.

Frio, Fogo, Terremotos e Desorganização Indescritíveis nos Céus

Os arianos avésticos do Irã, que se sabe que emigraram para a Ásia ocidental vindos de alguma outra terra natal distante, não foram os únicos possuidores de tradições arcaicas que lembram, de maneiras que dificilmente seriam coincidências, o ambiente básico do grande dilúvio. Na verdade, embora essas tradições estejam mais comumente ligadas ao dilúvio, aos temas conhecidos de aviso divino e de salvação do resto da humanidade da calamidade universal, elas são também encontradas em muitas diferentes partes do mundo, ligadas ao inesperado aparecimento de condições glaciais.

Na América do Sul, por exemplo, os índios toba, da região do Gran Chaco, que se estende pelas atuais fronteiras do Paraguai, Argentina e Chile, ainda repetem um mito antigo da chegada do que chamam de "o Grande Frio". O aviso é dado por um herói semi-divino chamado Asin:

Asin disse a um homem que juntasse toda madeira que pudesse e que cobrisse sua cabana com uma grossa camada de palha, porque ia chegar um tempo de grande frio. Logo que a cabana foi preparada, Asin e o homem se trancaram dentro dela e esperaram. Quando o

grande frio chegou, pessoas tremendo dos pés à cabeça apareceram para lhes implorar um pedaço de lenha aceso. Assim era duro de coração e deu brasas apenas àqueles que haviam sido seus amigos. Os pedintes estavam congelando e choraram a noite inteira. À meia-noite, todos haviam morrido, jovens e velhos, homens e mulheres... Esse período de gelo e granizo durou por longo tempo e todos os fogos foram apagados. A geada era tão grossa quanto couros.

Da mesma forma que nas tradições avésticas, parece que o grande frio foi acompanhado por grande escuridão. Nas palavras de um ancião toba, essas aflições haviam sido mandadas "porque, quando está cheia de gente, a terra tem que mudar. A população tem que ser dizimada para salvar o mundo... No caso da longa escuridão, o sol simplesmente desapareceu e o povo passou fome. Acabando o alimento, os homens começaram a comer os filhos. No fim, todos morreram..."

O *Popol Vuh* maia fala em uma inundação com "muito granizo, chuva negra, nevoeiro e frio indescritível". E diz também que foi um período "nublado e de penumbra em todo o mundo (...) as faces do sol e da lua estavam cobertas". Outras fontes maias confirmam que esses fenômenos estranhos e terríveis foram experimentados pela humanidade, "no tempo dos anciãos. A terra escureceu... Aconteceu que o sol ainda estava brilhante e claro. Em seguida, ao meio-dia, escureceu... A luz do sol só voltou vinte e seis anos depois do dilúvio". O leitor talvez se lembre de que numerosos mitos sobre dilúvio e catástrofes contêm referências não só à descida de uma grande escuridão, mas a outras mudanças no aspecto dos céus. Na Terra do Fogo, por exemplo, dizia-se que a terra e a lua "caíram do céu" e, na China, que "os planetas alteraram seus cursos. O sol, a lua e as estrelas mudaram seus movimentos". Os incas acreditavam que, "nos tempos antigos, os Andes foram fendidos em dois, quando o céu fez guerra contra a terra". Os tarahumara do norte do México preservaram lendas da destruição do mundo baseadas em uma mudança na trajetória do Sol. Um mito africano do baixo Congo diz que, "há muito

tempo, o sol encontrou a lua e contra ela lançou lama, o que a tornou menos brilhante. Quando ocorreu esse encontro, houve uma grande inundação..." Os índios cahto da Califórnia dizem simplesmente que "o céu caiu". Os antigos mitos greco-romanos contam que o dilúvio de Deucalião foi imediatamente precedido de pavorosos acontecimentos no céu. Esses eventos são vividamente simbolizados na história de Faetonte, filho do sol, que aprestou a carruagem do pai mas não conseguiu dirigi-la pelo curso que ele seguia:

Logo depois, os árdegos cavalos sentiram que as rédeas estavam em mãos inexperientes. Empinando as patas dianteiras e virando-se para o lado, seguiram para onde quiseram. Nesse momento, toda a terra espantou-se ao ver que o glorioso Sol, em vez de manter seu curso majestoso e benéfico pelo céu, parecia correr torto no alto e descer furioso como se fosse um meteoro.

Este não é o lugar para especular sobre o que pode ter causado as alarmantes perturbações nos aspectos do céu que aparecem ligadas a lendas sobre cataclismos em todo o mundo. Para os nossos atuais objetivos, é suficiente notar que essas tradições parecem referir-se à mesma "desorganização do céu" que acompanhou o inverno fatal e o espalhamento dos lençóis de gelo descritos no *Avesta* iraniano. Mas ocorrem também outras ligações. O fogo, por exemplo, freqüentemente precede ou segue a inundação. No caso da aventura de Faetonte com o Sol, "a grama murchou; as colheitas foram crestadas; os bosques subiram em fogo e fumaça; e em seguida sob eles a terra nua rachou e desmoronou e rochas enegrecidas partiram-se violentamente sob efeito do calor".

Vulcanismo e terremotos são freqüentemente mencionados em conjunto com inundações, especialmente nas Américas. Os auracanianos do Chile dizem explicitamente que "a inundação foi resultado de erupções vulcânicas, acompanhadas de violentos terremotos". Os mam maias, de Santiago Chimaltenango, nas montanhas da região oeste da Guatemala, conservam memórias de

"uma inundação de breu fervente" que, dizem, foi um dos instrumentos da destruição do mundo. No Gran Chaco da Argentina, os índios mataco falam de "uma nuvem negra que veio do sul na época da inundação e cobriu todo o céu. Raios caíram e trovejou. Mas, as gotas que caíram não eram iguais às de chuva. Elas eram de fogo..."

Um Monstro Perseguiu o Sol

Há uma cultura antiga que, talvez mais do que qualquer outra, preserva memórias mais vívidas de seus mitos, a da denominada cultura das tribos teutônicas da Alemanha e Escandinávia, uma cultura mais lembrada pelas canções dos bardos e pelos sábios nórdicos. As histórias contadas por essas canções têm raízes em um passado que talvez seja muito mais remoto do que os estudiosos imaginam e combinam imagens conhecidas com estranhos artifícios simbólicos e linguagem alegórica para relembrar um cataclismo de pavorosa magnitude:

Em uma distante floresta no leste, uma mulher gigante trouxe ao mundo uma prole inteira de jovens lobos, cujo pai era Fenrir. Um desses monstros perseguiu o sol, para dele se apossar. Durante muito tempo, a perseguição foi vã, mas, a cada estação, o lobo tornava-se mais forte e, finalmente, alcançou o sol. Seus raios brilhantes foram, um após outro, apagados. O sol adquiriu uma tonalidade vermelha sangrenta e, em seguida, desapareceu por completo.

Daí em diante, o mundo foi envolvido por um horrendo inverno. Tempestades de neve desciam de todos os pontos do horizonte. Guerras explodiram por toda a terra. Irmão matou irmão, filhos não mais respeitaram os laços de sangue. Nesse tempo, os homens não eram melhores do que os lobos, ansiosos como estavam para se destruírem mutuamente. Antes de muito tempo, o mundo ia mergulhar no abismo do nada.

Entrementes, o lobo Fenrir, que os deuses muito tempo antes haviam acorrentado com todo cuidado, soltou-se finalmente e escapou. Sacudiu-se todo e o mundo tremeu. O freixo Yggdrasil (que se imaginava fosse o eixo da terra) tremeu das raízes até os mais altos galhos. Montanhas desmoronaram ou se partiram de cima a baixo. Os anões que tinham nelas suas moradas subterrâneas procuraram em desespero e em vão entradas conhecidas há tanto tempo, mas que nesse momento não existiam mais.

Abandonados pelos deuses, os homens foram expulsos de seus lares e a raça humana foi varrida da superfície da terra. A própria terra estava começando a perder sua forma. As estrelas já começavam a mover-se à deriva pelo céu e a cair no vazio abismal. Elas eram como andorinhas que, cansadas de uma viagem longa demais, caem e desaparecem nas ondas.

O gigante Surt ateou fogo a toda a terra e o universo nada mais era do que uma imensa fornalha. Chamas jorravam de fissuras nas rochas e em toda parte se ouvia o silvo de vapor. Todas as coisas vivas, toda vida vegetal, foram destruídas. Restou apenas o solo nu, mas, tal como o próprio céu, a terra nada mais era do que rachaduras e fendas.

Nesse instante, todos os rios, todos os mares, subiram e transbordaram. De todos os lados, ondas se chocavam. Engrossaram e ferveram lentamente sobre todas as coisas. A terra mergulhou sob o mar...

Ainda assim, nem todos os homens pereceram na grande catástrofe. Fechados dentro da madeira do freixo Yggdrasil - que as chamas devoradoras da conflagração universal não conseguiram consumir - os ancestrais de uma futura raça de homens escaparam da morte. Nesse abrigo, eles descobriram que seu único alimento fora o orvalho da manhã.

E foi assim que, dos destroços de um mundo antigo, um mundo novo nasceu. Lentamente, a terra emergiu das ondas. Montanhas subiram novamente e delas escorreram cataratas de águas cantantes.

Esse novo mundo que o mito teutônico anunciava é o nosso. Dispensa dizer que, tal como o Quinto Sol dos astecas e maias, ele foi criado há muito tempo e não é mais jovem. Poderia ser uma coincidência que um dos muitos mitos de dilúvio da América Central sobre a "quarta época", 4 *Atl* ("água"), não coloque o casal Noé em uma arca, mas dentro de uma grande árvore, exatamente igual ao Yggdrasil? O 4 *Atl* foi destruído por inundações. As montanhas desapareceram... Duas pessoas sobreviveram, porque um dos deuses lhes ordenou que abrissem um buraco no tronco de uma árvore muito grande e rastejassem para dentro dela quando os céus caíssem. O casal entrou e sobreviveu. Seus filhos repovoaram a terra.

Não é estranho que a mesma linguagem simbólica continue a reaparecer nas tradições antigas de tantas regiões tão separadas do mundo? Como explicar esse fato? Estaremos falando sobre alguma enorme onda subconsciente de telepatia inter-cultural, ou poderiam os elementos constituintes desses notáveis mitos universais ter sido concebidos, em tempos imemoriais, por indivíduos inteligentes e com uma finalidade em vista? Qual dessas hipóteses improváveis tem maior possibilidade de ser a verdadeira? Ou haverá outras explicações para o enigma dos mitos?

Voltaremos a essas questões no devido tempo. Enquanto isso, o que devemos concluir sobre as visões apocalípticas de fogo e gelo, inundações, vulcanismo e terremotos, presentes em todos os mitos? Em todos eles identificamos um realismo insistente e conhecido. Poderia isso acontecer porque eles nos falam de um passado que suspeitamos ser o nosso, mas que nem podemos lembrar claramente nem esquecer de todo?

CAPÍTULO 26

Uma Espécie Nascida no Longo Inverno da Terra

Em tudo aquilo que chamamos de "história" - tudo que lembramos claramente sobre nós mesmos como espécie -, a humanidade nem

uma única vez chegou perto da aniquilação total. Em várias regiões e em tempos variados ocorreram terríveis calamidades naturais. Mas não houve uma única ocasião nos últimos 5.000 anos em que se possa dizer que a humanidade como um todo enfrentou o perigo de extinção.

Mas foi sempre assim? Ou será possível, se recuarmos bastante no passado, descobrir uma época em que nossos ancestrais foram quase riscados da face da terra? São justamente épocas como essas que parecem constituir o tema principal dos grandes mitos sobre cataclismos. De modo geral, estudiosos os atribuem a fantasias de poetas antigos. Mas, e se os pesquisadores estiverem enganados? E se uma série terrível de catástrofes naturais reduziu efetivamente nossos ancestrais pré-históricos a um punhado de indivíduos espalhados por aqui e ali na face da terra, bem separados e sem contatos entre si?

Estamos à procura de uma época que se ajuste tão bem aos mitos como o sapatinho ao pé de Cinderela. Nessa busca, contudo, evidentemente não há razão para investigar qualquer período anterior ao aparecimento de seres humanos reconhecidamente modernos neste planeta. Não estamos interessados aqui no *Homo habilis*, no *Homo erectus* ou mesmo no *Homo sapiens neanderthalensis*. Interessa-nos apenas o *Homo sapiens sapiens*, nossa própria espécie, e a verdade é que não estamos aqui há tanto tempo assim.

Estudiosos do homem primitivo discordam até certo ponto sobre quanto tempo vivemos na Terra. Alguns pesquisadores, como teremos oportunidade de ver, alegam que restos humanos parciais de mais de 100.000 anos podem ser "inteiramente modernos". Outros defendem uma antiguidade reduzida, na faixa de 35.000-40.000 anos, ao passo que terceiros propõem um número conciliatório de 50.000 anos. Mas ninguém sabe com certeza. "A origem de seres humanos inteiramente modernos, denotada pelo nome da subespécie *Homo sapiens sapiens* continua a ser um dos grandes enigmas da paleoantropologia", reconhece uma autoridade.

Cerca de três e meio milhões de anos de evolução mais ou menos relevante são sugeridos pelo registro fóssil. Para todos os fins práticos, o registro começa com um pequeno hominídeo bípede (apelidado de Lucy), cujos restos foram descobertos em 1974 na seção etíope do Great Rift Valley, na África Oriental. Com uma capacidade cerebral de 400cc (menos de um terço da média moderna), Lucy, definitivamente, não era humana. Mas tampouco era um símio e tinha alguns aspectos notavelmente "parecidos com os humanos", especialmente o andar ereto, a forma da pelve e os maxilares. Por essas e outras razões, a espécie de Lucy - classificada como *Australopithecus afarensis* - é aceita pela maioria dos paleoantropologistas como nosso mais antigo ancestral direto.

A cerca de dois milhões de anos, representantes do *Homo habilis*, os membros fundadores da linhagem *Homo* à qual nós mesmos pertencemos, começaram a deixar crânios e esqueletos fossilizados. À medida que passava o tempo, essa espécie demonstrava claros sinais de evolução para uma forma ainda mais "graciosa" e refinada e para um cérebro maior e mais versátil. O *Homo erectus*, que coincidiu com o *Homo habilis* e o sucedeu, surgiu há cerca de 1,6 milhão de anos, com uma capacidade cerebral na faixa de 900cc (contra os 700cc do *habilis*). No milhão de anos, mais ou menos, que se seguiu, e chegando a 400.000 anos no passado, nenhuma mudança evolutiva ocorreu - ou nenhuma que tenha comprovação nos fósseis remanescentes. Em seguida, o *Homo erectus* cruzou os portais da extinção e entrou no oásis do hominídeo e, devagar - bem devagar -, começou a aparecer o que os paleoantropologistas chamam de "o grau sapiente":

É difícil saber quando começou exatamente a transição para uma forma mais sapiente. Acreditam alguns estudiosos que a transição, envolvendo aumento da capacidade do cérebro e redução da espessura dos ossos cranianos, começou já há 400.000 anos. Por azar, simplesmente não há fósseis suficientes desse importante período que nos dêem certeza do que estava acontecendo.

O que, definitivamente, não estava acontecendo há 400.000 anos era o aparecimento de qualquer coisa identificável como nossa subespécie *Homo sapiens sapiens*, contadora de histórias e criadora de mitos. Há consenso em que "seres humanos sapientes devem ter evoluído do *Homo erectus*" e é verdade que certo número de populações "arcaicas sapientes" de fato surgiu entre os anos 400.000 e 100.000 no passado. Infelizmente, está longe de clara a relação entre essas espécies de transição e a nossa. Conforme notado antes, os primeiros candidatos à filiação ao clube exclusivo do *Homo sapiens sapiens* foram datados por alguns pesquisadores como pertencentes à última parte desse período. Mas esses restos são incompletos e de modo nenhum sua identificação é geralmente aceita. O mais antigo, parte de uma calota craniana, é um suposto espécime humano moderno, de cerca de 113.000 anos a.C. Por volta dessa época, surgiu o *Homo sapiens neanderthalensis*, uma subespécie bem distinta e que a maioria de nós conhece como "Homem de Neandertal".

Alto, com músculos fortemente desenvolvidos, arcadas superciliares proeminentes e face afocinhada, o Homem de Neandertal tinha um tamanho médio de cérebro maior do que o dos seres humanos modernos (1.400cc contra nossos 1.360cc). A posse de um cérebro tão grande constituía sem dúvida um ativo para essas "criaturas inteligentes, espiritualmente sensíveis, férteis em recursos" e o registro fóssil sugere que elas foram a espécie dominante no planeta desde 100.000 até 40.000 anos no passado. Em algum momento nesse período longo e pouco compreendido, o *Homo sapiens sapiens* estabeleceu-se, deixando para trás restos fósseis de cerca de 40.000 anos de idade que são inequivocamente de seres humanos modernos, suplantando por completo os Neandertais por volta do ano 35000 a.C. Em suma, seres humanos como nós, pelos quais poderíamos passar na rua sem piscar, se eles estivessem barbeados e usando roupas modernas, foram as criaturas humanas dos últimos 115.000 anos, no máximo - e, com maior probabilidade, apenas nos últimos 50.000 anos. Segue-se que se os mitos do cataclismo que vimos estudando

refletem uma época de sublevação geológica experimentada pela humanidade, essas sublevações ocorreram nos últimos 115.000 anos e, com maior probabilidade, nos últimos 50.000.

O Sapatinho da Cinderela

Constitui uma coincidência estranha da geologia e da paleoantropologia que o início e o desenvolvimento da última Era Glacial, e o aparecimento e proliferação do homem moderno, ocorreram na mesma época. É curioso também que muito pouco se saiba sobre ambos.

Na América do Norte, a última Era Glacial é conhecida como Glaciação Wisconsin (nome dado como referência a depósitos rochosos estudados no estado de Wisconsin) e sua fase mais antiga foi datada pelos geólogos como tendo ocorrido há 115.000 anos. Após essa data, ocorreram vários avanços e recuos do lençol de gelo, tendo a taxa mais rápida de acumulação ocorrido entre 60.000 e 17.000 anos atrás - processo este que culminou no Avanço Tazwell, quando a glaciação atingiu sua extensão máxima, por volta do ano 15.000 a.C. No ano. 13000 a.C., porém, milhões de metros quadrados de gelo haviam derretido, por motivos que nunca foram devidamente explicados, e, por volta do ano 8000 a.C., a Wisconsin havia se retirado inteiramente.

A Era Glacial foi um fenômeno global, que afetou tanto o hemisfério Norte quanto o Sul. Condições climáticas e geológicas semelhantes, portanto, prevaleceram também em muitas outras partes do mundo (notadamente, na Ásia oriental, Austrália, Nova Zelândia e América do Sul). Houve glaciação maciça na Europa, descendo o gelo da Escandinávia e Escócia para cobrir a maior parte da Grã-Bretanha, Dinamarca, Polônia, Rússia, grandes regiões da Alemanha, toda a Suíça e grandes pedaços da Áustria, Itália e França. (Conhecida tecnicamente como Glaciação Wurm, essa Idade de Gelo européia começou há uns 70.000 anos, um pouco mais tarde do que sua

contrapartida americana, mas chegou à extensão máxima na mesma época, 17.000 anos no passado, ocorrendo em seguida a mesma rápida retirada e compartilhando da mesma data terminal).

Os estágios cruciais da cronologia da Idade de Gelo, portanto, parecem ter sido os seguintes:

1. Cerca de 60.000 anos atrás, quando a Wurm, a Wisconsin e outras glaciações já estavam bem adiantadas;
2. Cerca de 17.000 anos atrás, quando os lençóis de gelo atingiram sua extensão máxima tanto no Velho quanto no Novo Mundo;
3. Os 7.000 anos de degelo que se seguiram.

O aparecimento do *Homo sapiens sapiens*, portanto, coincidiu com um longo período de turbulência geológica e climática, um período assinalado, acima de tudo, por violento congelamento e inundações. Os muitos milênios durante os quais o gelo avançou implacavelmente devem ter sido terríveis e apavorantes para nossos ancestrais. Os 7.000 anos finais do fim da glaciação, em especial os episódios de degelo muito rápido e extenso, devem ter sido os piores.

Não devemos, no entanto, chegar a conclusões apressadas sobre o estado do desenvolvimento social, religioso, científico ou intelectual dos seres humanos que sobreviveram ao colapso demorado dessa tumultuosa época. Talvez seja errado o estereótipo popular de que todos eles foram habitantes primitivos de cavernas. Na realidade, pouco se sabe sobre eles e quase que a única coisa que se pode dizer com certeza é que foram homens e mulheres exatamente iguais a nós em termos fisiológicos e psicológicos.

É possível que, em várias ocasiões, tivessem estado próximos da extinção total; é possível também que os grandes mitos de cataclismo, aos quais os estudiosos nenhum valor histórico atribuem, possam conter registros precisos e relatos de testemunhas oculares de eventos reais. Conforme veremos no capítulo seguinte, se estamos procurando uma época que se ajuste tão bem aos mitos como o

sapatinho ao pé de Cinderela, parece que a última Era Glacial é a candidata mais forte.

CAPÍTULO 27

A Face da Terra Escureceu e Uma Chuva Negra Começou a Cair

Forças terríveis foram desencadeadas sobre todas as criaturas viventes durante a última Era Glacial. Podemos deduzir a maneira como elas afligiram a humanidade pela prova firme de suas conseqüências para outras grandes espécies. Frequentemente, essa prova parece confusa. Ou, como disse Charles Darwin, após visitar a América do Sul:

Ninguém, acho, pode ter ficado mais atônito com a extinção de espécies do que eu. Quando encontrei em La Plata [Argentina] o dente de um cavalo enterrado com os restos de mastodontes, megatérios, toxodontes e outros monstros extintos, todos os quais coexistiram em um período geológico muito posterior, fiquei cheio de espanto. Isso porque, constatando que os cavalos, desde sua introdução pelos espanhóis na América do Sul, haviam corrido selvagens por toda a região e aumentado em número a uma taxa sem paralelo, perguntei a mim mesmo o que poderia ter exterminado, em data tão recente, o antigo cavalo, em condições de vida aparentemente tão favoráveis?

A resposta, claro, foi a Idade de Gelo. Foi ela que exterminou os antigos cavalos das Américas e certo número de outros mamíferos antes bem-adaptados. A extinção tampouco se limitou ao Novo Mundo. Muito ao contrário, em diferentes partes da terra (por diferentes motivos e em ocasiões diferentes), na longa época de glaciação, ocorreram vários episódios bem distintos de extinção. Em todas as áreas, a vasta maioria das muitas espécies destruídas

acabou nos sete mil anos finais, por volta dos anos 15000 a 8000 a.C. Nesta fase de nosso estudo, nenhuma necessidade há de comprovar a natureza específica dos eventos climáticos, sísmicos e geológicos ligados aos vários avanços e recuos dos lençóis de gelo que exterminaram os animais. Podemos, com bons fundamentos, especular que maremotos, terremotos, ciclones gigantescos e a chegada e desaparecimento súbitos de condições glaciais tiveram um papel nesse particular. Muito mais importante - quaisquer que tenham sido as causas -, é a pura realidade física, de que extinção em massa de animais ocorreu realmente, como resultado da turbulência da última Era Glacial.

A turbulência, como concluiu Darwin em seu *Journal*, deve ter "abalado toda a estrutura do globo". No Novo Mundo, por exemplo, mais de setenta gêneros de grandes mamíferos desapareceram entre os anos 15000 e 8000 a.C., incluindo todos os membros norte-americanos de sete famílias e uma ordem completa, a dos proboscídeos. Essas perdas estonteantes, implicando a obliteração violenta de mais de quarenta milhões de animais, não ocorreram uniformemente em todo o período; na verdade, a vasta maioria da extinção ocorreu em apenas dois mil anos, entre os anos 11000 e 9000 a.C. Ou, para colocar o assunto em perspectiva, nos 300.000 anos anteriores apenas 20 gêneros haviam desaparecido.

O mesmo modelo de extinção recente e maciça repetiu-se em toda a Europa e Ásia. Nem mesmo a distante Austrália escapou, perdendo talvez dezenove gêneros de grandes vertebrados, nem todos mamíferos, em um período de tempo relativamente curto.

Alasca e Sibéria: O Congelamento Súbito

Parece que as regiões do norte do Alasca e Sibéria foram as mais afetadas pelas sublevações letais ocorridas entre 13.000 e 11.000 anos no passado. Em uma grande faixa de morte, em volta da borda do Círculo Ártico, os restos de números incontáveis de grandes

animais foram encontrados - incluindo numerosas carcaças com a carne ainda intacta e quantidades assombrosas de longas presas de mamute perfeitamente conservadas. Na verdade, em ambas as regiões, carcaças de mamutes foram descongeladas para alimentar cães de trenó e bifes da mesma origem eram oferecidos como atração nos cardápios em Fairbanks. "Centenas de milhares de indivíduos devem ter sido congelados imediatamente após a morte e assim permaneceram, pois, de outra maneira, a carne e o marfim teriam se estragado... Alguma poderosa força geral esteve certamente em ação para produzir essa catástrofe".

O Dr. Dale Guthrie, do Institute of *Arctic* Biology, apresentou um argumento interessante sobre a pura variedade de animais que floresceram no Alasca no décimo primeiro milênio a.C.:

Constatando a existência dessa exótica mistura de tigres-de-dente-de-sabre, camelos, cavalos, rinocerontes, jumentos, cervos com galhadas gigantescas, leões, furões etc., não podemos deixar de especular sobre o mundo em que viveram. Essa grande diversidade de espécies, tão diferente da que prevalece hoje, provoca uma pergunta óbvia: não é provável que o resto do ambiente fosse também diferente?

Os sedimentos onde foram escavados esses restos parecem uma terra de fina granulação, cinzenta escura. Duras e congeladas no interior dessa massa, diz o professor Hibben, da Universidade do Novo México, encontram-se partes emaranhadas de animais e árvores, misturadas com lâminas de gelo e camadas de turfa e líquens... Bisões, cavalos, lobos, ursos, leões. (...) Rebanhos inteiros foram aparentemente mortos na mesma ocasião, vítimas de algum agente comum. (...) Essas pilhas de corpos de animais ou de homens simplesmente não ocorrem por ação de qualquer agente natural (...). Em alguns níveis, artefatos de pedra foram encontrados "congelados *in situ* em grandes profundidades e em associação com fauna da

Idade de Gelo, o que confirma que o homem foi contemporâneo dos animais extintos no Alasca".

Em todos os tipos de terra do Alasca, foi encontrada também prova de perturbações atmosféricas de violência sem paralelo. Mamutes e bisões foram rasgados e desfigurados como se pela mão cósmica de um deus irado. Em um local, deparamos com as pernas dianteiras e ombros de um mamute, com partes de carne, unhas e pêlos ainda presos aos ossos enegrecidos. Perto, vimos o pescoço e o crânio de um bisão, com as vértebras ainda coladas com tendões e ligamentos, e intacta a casca quitinizada dos chifres. Não há marca de faca ou de instrumento de corte [como aconteceria, por exemplo, se caçadores humanos estivessem envolvidos]. Os animais foram simplesmente esquartejados e espalhados pela paisagem como outros tantos bonecos de palha, mesmo que alguns deles pesassem várias toneladas. Misturadas com pilhas de ossos, encontramos árvores, também retorcidas e empilhadas em grupos emaranhados, e o conjunto todo coberto por areia fina, que desde então foi congelada e tornou-se sólida.

Grande parte da mesma situação foi encontrada na Sibéria, onde mudanças climáticas catastróficas e sublevações geológicas ocorreram mais ou menos na mesma época. Nessa região, cemitérios congelados de mamutes, "minerados" para a retirada de marfim desde a era dos romanos, continuaram a produzir uns estimados 20.000 pares de presas a cada década nos inícios do século XX.

Repetindo, algum fator misterioso parece ter estado em ação para ocasionar essa extinção em massa. Com sua pelagem lanuda e pele grossa, os mamutes eram em geral considerados adaptados ao tempo frio e não nos surpreendemos em encontrar seus restos na Sibéria. Mais difícil de explicar é que seres humanos morreram ao lado deles, bem como numerosos outros animais que, em nenhum sentido, se poderia considerar como espécies adaptadas ao frio:

As planícies do norte da Sibéria abrigaram imensos números de rinocerontes, antílopes, cavalos, bisões e outras criaturas herbívoras,

enquanto uma grande variedade de carnívoros, incluindo o tigre-de-dentes-de-sabre, se alimentava deles. (...) Tal como os mamutes, esses outros animais habitavam zonas que se estendiam do norte da Sibéria às praias do oceano Ártico e ainda mais ao norte, chegando a Lyakhov e as Novas Ilhas Siberianas, a apenas curta distância do Pólo Norte.

Pesquisadores confirmaram que, entre as 34 espécies de animais que viviam na Sibéria antes das catástrofes do século XI a.C. - incluindo o mamute Ossip, o cervo gigante, a hiena de caverna e os leões de caverna -, nada menos de 28 só eram adaptados a condições temperadas. Nesse contexto, um dos aspectos mais enigmáticos da extinção, e inteiramente contrário ao que as condições geográficas e climáticas modernas nos levariam a esperar, é que quanto mais ao norte se estendiam as pesquisas, maior o número dos mamutes e de outros animais. Na verdade, algumas das ilhas da Nova Sibéria, bem dentro do Círculo Ártico, foram descritas por seus primeiros exploradores como sendo constituídas quase inteiramente de ossos e longas presas de mamutes. A única conclusão lógica, como disse Georges Cuvier, zoólogo francês do século XIX, era que "esse frio eterno não existiu antes nessas partes do mundo, onde os animais foram congelados, uma vez que eles não poderiam ter sobrevivido nessas temperaturas. No mesmo instante em que essas criaturas foram privadas de vida, a região inteira que eles habitavam congelou". Há grande volume de outras provas a sugerir que um congelamento súbito ocorreu na Sibéria no século XI a.C. No levantamento que fez das ilhas Nova Sibéria, o explorador ártico barão Eduard Von Toll encontrou os restos "de um tigre-de-dentes-de-sabre e de uma árvore frutífera que tivera 30m de altura. A árvore estava bem preservada no gelo eterno, conservando ainda raízes e sementes. Folhas verdes e frutos maduros ainda se encontravam presos a seus ramos... Atualmente, o único representante de vegetação nas ilhas é um salgueiro que só cresce até 2,4m de altura".

Igualmente indicativo da mudança cataclísmica que ocorreu no início do grande frio na Sibéria foi o alimento que os animais extintos estavam comendo quando morreram: "Os mamutes morreram de repente, em meio a frio intenso e em grande número. A morte aconteceu tão rápida que a vegetação engolida não havia sido sequer digerida. (...) Folhas de relva, copos-de-leite, junça tenra e feijões silvestres foram encontrados, ainda identificáveis e intactos, na boca e estômago desses animais."

Dispensa dizer que essa flora não cresce hoje em nenhum lugar da Sibéria. Sua presença nessa região no século XI a.C. obriga-nos a aceitar a hipótese de que a região tinha um clima ameno e produtivo - temperado ou mesmo quente. O motivo por que o fim da Era Glacial em outras partes do mundo deveria ter sido o início do inverno fatal nesse antigo paraíso é uma questão que deixaremos para responder na Parte VIII. O certo, porém, é que em alguma época entre os 12-13.000 anos no passado, uma temperatura abaixo do ponto de congelamento desceu com horrível rapidez sobre a Sibéria e nunca mais afrouxou seu domínio. Em um eco sobrenatural das tradições avésticas, uma terra que desfrutara antes sete meses de verão foi convertida, quase que da noite para o dia, em uma terra de gelo e neve, com dez meses de inverno inclemente e congelamento geral.

Mil Krakatoas, no Mesmo Instante

Numerosos mitos sobre cataclismos falam em frio terrível, céus escuros e chuva negra, causticante, betuminosa. Durante séculos, deve ter sido assim durante todo o arco de morte, que abrangeu trechos imensos da Sibéria, Yukon e Alasca. Nesses locais, "misturada nas profundezas da terra e, às vezes, com pilhas de ossos e grandes presas, são encontradas camadas de cinza vulcânica. Não há dúvida que, coincidindo com a extinção dos animais, houve erupções vulcânicas de tremendas proporções".

Há um volume notável de prova de grande atividade vulcânica durante o declínio da calota polar Wisconsin. Muito ao sul das terras congeladas do Alasca, milhares de animais e plantas pré-históricos foram, de repente, ilhados nos famosos poços de breu La Brea, na área de Los Angeles. Entre as criaturas desenterradas foram encontrados bisões, cavalos, camelos, preguiças, mamutes, mastodontes e, pelo menos, setecentos tigres-de-dentes-de-sabre. Foi encontrado também um esqueleto humano desarticulado, inteiramente coberto de betume, juntamente com os ossos de uma espécie extinta de abutre. De modo geral, os restos de La Brea ("quebrados, esmagados, torcidos e misturados numa massa a mais heterogênea possível") falam eloqüentemente de um súbito e pavoroso cataclisma vulcânico.

Achados semelhantes de aves e mamíferos típicos da Era Glacial mais recente foram desencavados de asfalto em dois outros locais na Califórnia (Carpinteria e McKittrick). No San Pedro Valley, foram descobertos esqueletos de mastodontes ainda em pé, no meio de grandes montes de cinza vulcânica e areia. Fósseis do glacial lago Floristan, no Colorado, e da John Day Basin, no Oregon, foram também desenterrados de tumbas de cinza vulcânica.

Embora as tremendas erupções que criaram essas sepulturas coletivas possam ter estado no auge durante os últimos dias da Wisconsin, parece que se repetiram durante grande parte da Idade de Gelo não só na América do Norte, mas nas Américas Central e do Sul, no Atlântico Norte, na Ásia continental e no Japão.

É difícil imaginar o que esse vulcanismo geral possa ter significado para indivíduos que viveram nesses tempos estranhos e terríveis. Mas os que lembram as nuvens de poeira, fumaça e cinzas em forma de couve-flor ejetadas na atmosfera superior pela erupção do monte Saint Helens em 1980 compreenderão que um grande número dessas explosões (ocorrendo em seqüência, durante um longo período, em diferentes pontos em volta do globo) não só teria produzido efeitos locais devastadores, mas causado uma gravíssima deterioração do clima do mundo.

O monte Saint Helens cuspiu um estimado quilômetro cúbico de rocha e foi café pequeno em comparação com o vulcanismo típico da Era Glacial. Uma impressão mais fiel do que aconteceu seria o vulcão Krakatoa, na Indonésia, que, em 1883, entrou em erupção com tal violência que matou mais de 36.000 pessoas, tendo o som da explosão sido ouvido a 4.600km de distância. Com epicentro no estreito de Sunda, *tsunamis* de 35 metros de altura varreram o mar de Java e o oceano Índico, jogando navios a vapor a quilômetros terra adentro e causando inundações a uma distância tão grande quanto a África Oriental e as costas ocidentais das Américas. Dezoito quilômetros cúbicos de rochas e quantidades imensas de cinzas e poeira foram lançados na atmosfera superior e o céu em volta do mundo tornou-se visivelmente mais escuro durante mais de dois anos, enquanto o pôr-do-sol ficava reconhecidamente mais vermelho. As temperaturas médias globais caíram durante esse período, fato este confirmado por medições, porque as partículas vulcânicas de poeira refletiam os raios do sol de volta ao espaço.

Durante os episódios de intenso vulcanismo que caracterizaram a Idade de Gelo, temos que imaginar não um só, mas muitos Krakatoas. O efeito combinado seria, no início, uma grande intensificação das condições glaciais, à medida que a luz do sol era cortada pelas nuvens de poeira fervente e temperaturas já baixas caíam ainda mais. Os vulcões injetaram ainda enormes volumes de dióxido de carbono na atmosfera. Como o dióxido de carbono é um dos chamados "gases de estufa", é razoável supor que, quando a poeira começou a assentar em períodos de calma relativa, teria ocorrido certo grau de aquecimento global. Numerosas autoridades atribuem os avanços e recuos repetidos dos grandes lençóis de gelo a essa interação tipo gangorra entre vulcanismo e clima.

Inundação Global

Geólogos concordam em que, por volta do ano 8000 a.C., os grandes lençóis de gelo Wisconsin e Wurm haviam recuado. A Era Glacial tinha acabado. Não obstante, os sete mil anos transcorridos antes dessa data haviam presenciado turbulências climáticas e geológicas em uma escala quase inimaginável. Oscilando de cataclismo a desastre ecológico e de aflições a calamidades, as poucas tribos dispersas de seres humanos sobreviventes devem ter levado vidas de terror e confusão constantes: teria havido períodos de calma, quando poderiam ter esperado que o pior já houvesse passado. Enquanto continuava o derretimento das geleiras gigantescas, contudo, esses períodos de tranquilidade teriam sido marcados repetidamente por violentas inundações. Além do mais, partes da crosta da terra até então sepultadas na astenosfera por bilhões de toneladas de gelo teriam sido liberadas pelo degelo e voltado a subir, às vezes rapidamente, produzindo terremotos devastadores e enchendo o ar de um som terrível.

Algumas épocas foram muito piores do que outras. O grosso da extinção de animais ocorreu entre os anos 11000 a.C. e 9000 a.C., quando houve violentas e inexplicáveis variações climáticas. (Nas palavras do geólogo John Imbrie, "uma revolução climática ocorreu por volta de 11.000 anos atrás".) Houve também um grande aumento de taxas de sedimentação e um abrupto aumento de temperatura de 6 a 10 graus centígrados na superfície das águas do oceano Atlântico. Outro episódio turbulento, novamente acompanhado de extinção de animais em grande escala, ocorreu entre 15000 a.C. e 13000 a.C. Vimos no capítulo anterior que o Avanço Tazewell levou os lençóis de gelo à sua extensão máxima há cerca de 17.000 anos e que daí se seguiu um espetacular e prolongado derretimento, descongelando milhões de quilômetros quadrados na América do Norte e Europa em menos de dois mil anos.

Mas ocorreram algumas anomalias: toda a região ocidental do Alasca, o território do Yukon no Canadá, e a maior parte da Sibéria, incluindo as Novas Ilhas Siberianas (que hoje figuram entre os lugares mais frios do mundo), permaneceram intactas até que a Era Glacial aproximou-se do fim. Elas só adquiriram seu clima atual cerca de 12.000 anos atrás, aparentemente de forma muito brusca, quando mamutes e outros grandes mamíferos foram mortos de repente.

Em outras partes do mundo, a situação era diferente. A maior parte da Europa estava sepultada sob uma camada de gelo de 3km de espessura. O mesmo acontecia com quase toda a América do Norte, onde o lençol de gelo havia se espalhado de centros nas proximidades da baía de Hudson para envolver toda a zona leste do Canadá, Nova Inglaterra e grande parte do Meio-Oeste até o paralelo 37 - bem ao sul de Cincinnati, no vale do Mississippi, e a mais da metade do caminho até o equador.

No seu auge há 17.000 anos, calcula-se que o volume total de gelo que cobria o hemisfério norte situava-se por volta de 4,5 milhões de metros cúbicos e, claro, houve extensas glaciações no hemisfério Sul, conforme notado também acima. Os suprimentos extras de água, dos quais esses numerosos lençóis de gelo eram formados, haviam sido fornecidos pelos mares e oceanos do mundo que, na ocasião, tinham um nível 120m mais baixo do que hoje.

E foi nesse momento que o pêndulo do clima mudou violentamente para a direção oposta. O grande degelo começou com tanta rapidez e em uma área tão vasta que foi descrito como "um tipo de milagre". Geólogos chamam-na de a fase da fervura do clima quente na Europa, e como "Interstadial Brady", na América do Norte. Em ambas as regiões:

Uma calota glacial que talvez tenha levado 40.000 anos para se formar desapareceu, na maior parte, em 2.000 anos. Deve ser óbvio que isso não pode ter sido resultado de fatores climáticos que atuassem gradualmente, e que são em geral invocados para explicar as idades de gelo. (...) A rapidez do degelo sugere que algum fator

extraordinário estava afetando o clima. As datas indicam que esse fator fez-se sentir inicialmente há 16.500 anos, que destruiu a maioria, talvez três quartos das geleiras uns 2.000 anos depois, e que [o grosso desses fenômenos dramáticos ocorreu] em um milênio ou menos.

Inevitavelmente, a primeira consequência foi uma elevação brusca dos níveis dos mares, chegando talvez a uns 100m. Ilhas e pontes continentais desapareceram e vastas extensões de linha costeira continental baixa ficaram submersas. De vez em quando, grandes maremotos surgiam para engolfar também terras mais altas. Recuaram depois, mas, nesse processo, deixaram traços inconfundíveis de sua presença.

Nos Estados Unidos, "aspectos marinhos da Era Glacial estão presentes ao longo da costa do golfo, a leste do rio Mississippi, alguns em altitudes que podem exceder 60m". Em pântanos que cobrem depósitos glaciais em Michigan foram descobertos os esqueletos de duas baleias. Na Geórgia, depósitos marinhos são encontrados a uma altura de 60m. No Texas, bem ao sul do prolongamento mais meridional da Glaciação Wisconsin, os restos de mamíferos terrestres da Era Glacial são encontrados em depósitos marinhos. Outro depósito marinho, contendo leões-marinhos, focas e pelo menos cinco gêneros de baleias, cobre a costa dos estados do nordeste e da costa do Ártico do Canadá. Em numerosas áreas ao longo da costa do Pacífico da América do Norte, depósitos marinhos da Idade de Gelo "estendem-se por mais de 320km terra adentro". Ossos de uma baleia foram encontrados ao norte do lago Ontário, a cerca de 130m acima do nível do mar e, outro, em Vermont, a mais de 150m, bem como um terceiro na área Montreal-Quebec, a mais de 180m de altura.

Mitos sobre o dilúvio em todo o mundo descrevem, típica e repetidamente, cenas em que seres humanos e animais fogem das águas que sobem e se refugiam no topo de montanhas. O registro fóssil confirma que esse fato realmente aconteceu durante o derretimento dos lençóis de gelo e que as montanhas nem sempre

eram altas o suficiente para salvar da morte os refugiados. Fissuras nas rochas no topo de colinas isoladas no centro da França, por exemplo, estão cheias do que é conhecido como "brechas ossíferas", que consistem de ossos partidos de mamutes, rinocerontes lanudos e outros animais. O pico de 435m de altura do monte Genay, na Barganha, "tem uma brecha que contém restos de mamute, rena, cavalo e outros animais". Bem ao sul, o mesmo acontece com a Rocha de Gibraltar, onde um "molar humano e algumas peças de sílex trabalhadas pelo homem paleolítico foram descobertas entre ossos de animais".

Restos de hipopótamos, juntamente com ossos de mamutes, rinocerontes, cavalos, ursos, bisões, lobos e leões foram encontrados na Inglaterra, nas vizinhanças de Plymouth, à margem do canal da Mancha. As colinas em volta de Palermo, na Sicília, revelaram uma "quantidade extraordinária de ossos de hipopótamos - em hecatombes completas". Com base nessa e em outras provas, Joseph Prestwich, ex-professor de geologia na Universidade de Oxford, concluiu que a Europa Central, a Inglaterra e as ilhas da Córsega, Sardenha e Sicília ficaram submersas em várias ocasiões durante o rápido derretimento dos lençóis de gelo:

Os animais naturalmente se retiraram cada vez mais, à medida que as águas avançavam, cada vez mais profundamente para as colinas, até que ficaram ilhados. (...) Aglomeraram-se juntos em enormes multidões, atropelando-se para entrar nas cavernas mais acessíveis, até que foram alcançados pelas águas e destruídos. (...) Rocha miúda e grandes blocos das encostas das colinas foram jogados para baixo pela força das águas, partindo e esmagando ossos. (...) Algumas comunidades de homens primitivos devem ter sofrido nessa catástrofe geral.

É provável que inundações calamitosas desse tipo tenham ocorrido na China, mais ou menos na mesma época. Em cavernas nas proximidades de Pequim, ossos de mamutes e búfalos foram

encontrados juntos com restos de esqueletos humanos. Numerosas autoridades atribuem a mistura, que aparentemente ocorreu de forma violenta, de carcaças de mamutes com árvores lascadas e partidas na Sibéria a "um grande maremoto, que arrancou florestas e sepultou a emaranhada carnificina em um dilúvio de lama. Na região polar, esse material congelou, endureceu e preservou a prova em gelo eterno até o presente".

Em toda a América do Sul, igualmente, fósseis da Idade de Gelo foram desencavados, "entre os quais tipos incongruentes de animais (carnívoros e herbívoros) aparecem misturados promiscuamente com ossos humanos. Não menos importante é a associação, em áreas realmente vastas, de criaturas fossilizadas de terra e mar, sem nenhuma ordem, mas ainda assim sepultadas no mesmo horizonte geológico".

A América do Norte foi também duramente castigada por inundações. Ao derreterem, os grandes lençóis de gelo do período Wisconsin formaram imensos (embora temporários) lagos, que se encheram com incrível rapidez, afogando tudo em seu caminho, e sendo em seguida esvaziados em algumas centenas de anos. O lago Agassiz, por exemplo, o maior lago glacial no Novo Mundo, ocupou outrora uma área de trinta mil quilômetros quadrados, cobrindo grandes áreas do que são hoje Manitoba, Ontário e Saskatchewan, no Canadá, e Dakota do Norte e Minnesota, nos Estados Unidos. Curiosamente, esse lago durou menos de um milênio, o que indica um episódio catastrófico e súbito de derretimento e inundação, seguido de um período de calma.

Um Símbolo de Boa Fé

Durante muito tempo, acreditou-se que seres humanos só chegaram ao Novo Mundo há cerca de 11.000 anos. Descobertas recentes, porém, empurraram cada vez mais para trás esse horizonte. Implementos de pedra datando do ano 25000 a.C. foram identificados

por pesquisadores canadenses na Old Crow Basin, no território do Yukon, no Alasca. Na América do Sul (tão ao sul como o Peru e Terra do Fogo), foram encontrados restos humanos e artefatos seguramente datados como do ano 12.000 a.C. - bem como outro grupo com datas de 19000 e 23000 a.C. Levadas em conta essas e outras provas, "uma conclusão muito razoável sobre o povoamento das Américas é que o processo começou há pelo menos 35.000 anos, embora possa ter também incluído ondas de imigrantes em datas posteriores".

Esses novos americanos da Idade de Gelo, chegando da Sibéria em pequenos grupos através da ponte continental de Bering, teriam enfrentado as condições mais pavorosas entre os anos 17000 e 10000 a.C. Foi nessa ocasião que as geleiras Wisconsin, todas elas no mesmo instante, iniciaram o violento derretimento, forçando um aumento de uns 100m nos níveis globais do mar, em meio a cenas de turbulência climática e geológica sem precedentes. Durante sete mil anos de experiência humana, terremotos, erupções vulcânicas e inundações gigantescas, alternados com surpreendentes períodos de tranquilidade, devem ter dominado o dia-a-dia dos homens do Novo Mundo. Talvez seja por isso que tantos de seus mitos falem com tanta convicção de fogo e inundações, tempos de escuridão e de criação e destruição de sóis.

Além do mais, conforme vimos, os mitos do Novo Mundo não estão, neste particular, isolados daqueles do Velho Mundo. Em todo o globo, uma uniformidade notável é encontrada no tocante a questões como o "grande dilúvio", o "grande frio" e "o tempo do grande levantamento da superfície da terra". Não acontece apenas que as mesmas experiências estejam sendo recontadas uma vez após outra, o que, por si mesmas, seriam inteiramente compreensíveis, já que a Idade de Gelo e seus efeitos posteriores foram fenômenos globais. Muito mais curiosa é a maneira como os mesmos motivos simbólicos continuaram a repetir-se: o homem bom e sua família, o aviso dado por um deus, o salvamento das sementes de todas as coisas vivas, o barco que permitiu a sobrevivência, os espaços fechados contra o frio, o tronco de uma árvore, onde os progenitores da humanidade futura se

esconderam, as aves e outras criaturas soltas após o dilúvio para encontrar terra... e assim por diante.

Não é também estranho que tantos mitos contenham descrições de figuras como Quetzalcoatl e Viracocha, que dizem que chegaram no tempo das trevas, depois do dilúvio, para ensinar arquitetura, astronomia, ciência e o império da lei a tribos dispersas e desmoralizadas de sobreviventes?

Quem foram esses heróis civilizadores? Foram criações da imaginação primitiva? Ou deuses? Ou homens? Se foram homens, poderiam ter eles manipulado os mitos de alguma maneira, transformando-os em veículos para transportar conhecimentos através dos tempos?

Essas idéias parecem fantasiosas. Mas, como veremos na Parte V, dados astronômicos de uma natureza perturbadoramente exata e científica reaparecem continuamente em certos mitos, tão antigos no tempo e tão universais em sua distribuição como os do grande dilúvio. De onde teria vindo todo esse conteúdo científico?

Parte V

O Mistério dos Mitos

2. O Código da Precessão dos Equinócios

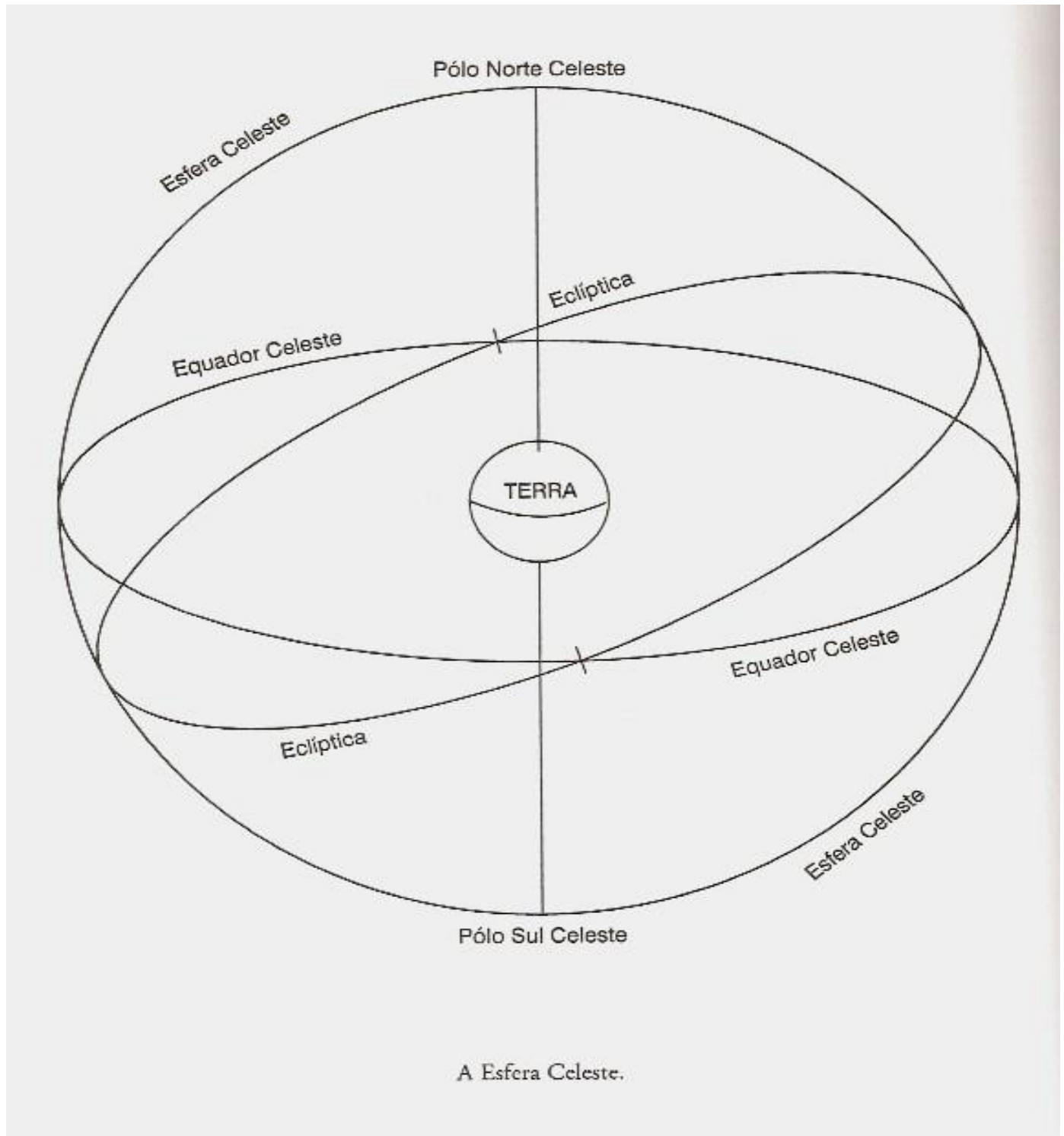
CAPÍTULO 28

A Maquinaria do Céu

Embora não espere que um texto sobre mecânica celeste seja tão fácil como uma canção de ninar, o leitor moderno insiste em que tem capacidade de compreender imediatamente "imagens" míticas, porque só pode respeitar como "científicas" fórmulas de aproximação de uma página de extensão, e coisas assim.

Ele não pensa na possibilidade de que conhecimentos igualmente importantes possam ter sido outrora expressos em linguagem do dia-

a-dia. Jamais desconfia dessa possibilidade, embora as realizações visíveis de culturas antigas - bastando mencionar as pirâmides e a metalurgia - devam ser razões convincentes para que ele conclua que homens inteligentes e sérios trabalharam atrás do palco, homens que forçosamente deveriam ter usado linguagem técnica...



A citação acima é do falecido Giorgio de Santillana, professor de história da ciência, do Massachusetts Institute of Technology. Nos capítulos que se seguirão, vamos aprender alguma coisa sobre seus estudos revolucionários de mitologia antiga. Em curtas palavras, porém, a idéia de Santillana era a seguinte: há muito tempo, indivíduos sérios e inteligentes criaram um sistema para esconder a terminologia técnica de uma ciência astronômica adiantada por trás da linguagem comum do mito.

Teve ele razão? E, se teve, quem foram esses indivíduos sérios e inteligentes - esses astrônomos, esses antigos cientistas - que trabalharam nos bastidores da pré-história?

Comecemos com alguns dados básicos.

A Louca Dança Celeste

A terra faz uma volta completa em torno de seu eixo a cada 24 horas e tem uma circunferência equatorial de 40.068km. Segue-se, portanto, que um homem imóvel no equador está, na verdade, em movimento, revolvendo com o planeta a pouco mais de 1.600km por hora. Vista do espaço exterior e olhando de cima para baixo e para o pólo Norte, a direção do movimento é no sentido anti-horário.

Enquanto gira diariamente em torno de seu eixo, a terra descreve também uma órbita em torno do sol (mais uma vez, em sentido anti-horário), em vez de ser inteiramente circular. Segue essa órbita a uma velocidade realmente alucinante, viajando em uma hora - 107.159km - tanto quanto a distância que um motorista típico cobriria em seis anos. Traduzindo esses cálculos em escala mais modesta, isso significa que estamos percorrendo o espaço muito mais rápido do que qualquer bala, à razão de 29km por segundo. No tempo que você, leitor, precisou para ler este parágrafo, viajamos cerca de 884km na trajetória da terra em volta do sol.

Sendo necessário um ano para completar o circuito completo, a única prova que temos da vertiginosa corrida orbital de que participamos é

encontrada na lenta marcha das estações. E, na sucessão das próprias estações, torna-se possível identificar um maravilhoso e imparcial mecanismo em funcionamento que distribui eqüitativamente a primavera, o verão, o outono e o inverno em torno do globo, através dos hemisférios Norte e Sul, ano após ano, com regularidade absoluta.

O eixo de rotação da terra é inclinado em relação ao plano de sua órbita (em $23,5^\circ$ em relação à vertical). Essa inclinação, responsável pelas estações, "aponta" o pólo Norte, e todo o hemisfério Norte, para longe do sol durante seis meses por ano (enquanto o hemisfério Sul desfruta seu verão) e aponta o pólo Sul e o hemisfério sul para longe do sol pelos seis meses restantes (enquanto o hemisfério Norte goza seu verão). As estações são resultado da variação anual no ângulo ao qual os raios do sol atingem qualquer ponto particular na superfície da terra, e da variação anual no número de horas de luz solar recebida por ela em diferentes ocasiões do ano.

A inclinação da terra é denominada, em linguagem técnica, de "obliquidade". O plano de sua órbita, estendendo-se para fora para formar um grande círculo na esfera celeste, é conhecido como a "eclíptica". Astrônomos falam também em "equador celeste", que é um prolongamento do equador da terra na esfera celeste. O equador celeste está hoje inclinado a cerca de $23,5^\circ$ em relação à eclíptica, porque o eixo da terra está inclinado a $23,5^\circ$ em relação à vertical. Esse ângulo, denominado de "obliquidade da eclíptica", nem é fixo nem imutável todo tempo. Ao contrário (como vimos no Capítulo 22 em relação à datação da cidade andina de Tiahuanaco), está sujeito a oscilações constantes, embora muito lentas. Elas ocorrem em uma faixa de ligeiramente menos de 3° , aproximando-se mais da vertical a $22,1^\circ$ e afastando-se no máximo a $24,5^\circ$. Um ciclo completo, de $24,5^\circ$ a $22,1^\circ$, e de volta a $24,5^\circ$, leva aproximadamente 41.000 anos para ser completado. Nosso frágil planeta, portanto, inclina-se e gira enquanto percorre em velocidade alucinante sua trajetória orbital. A órbita leva um ano e, o giro, um dia, ao passo que a inclinação tem um ciclo de 41.000 anos. Uma louca dança celeste parece estar

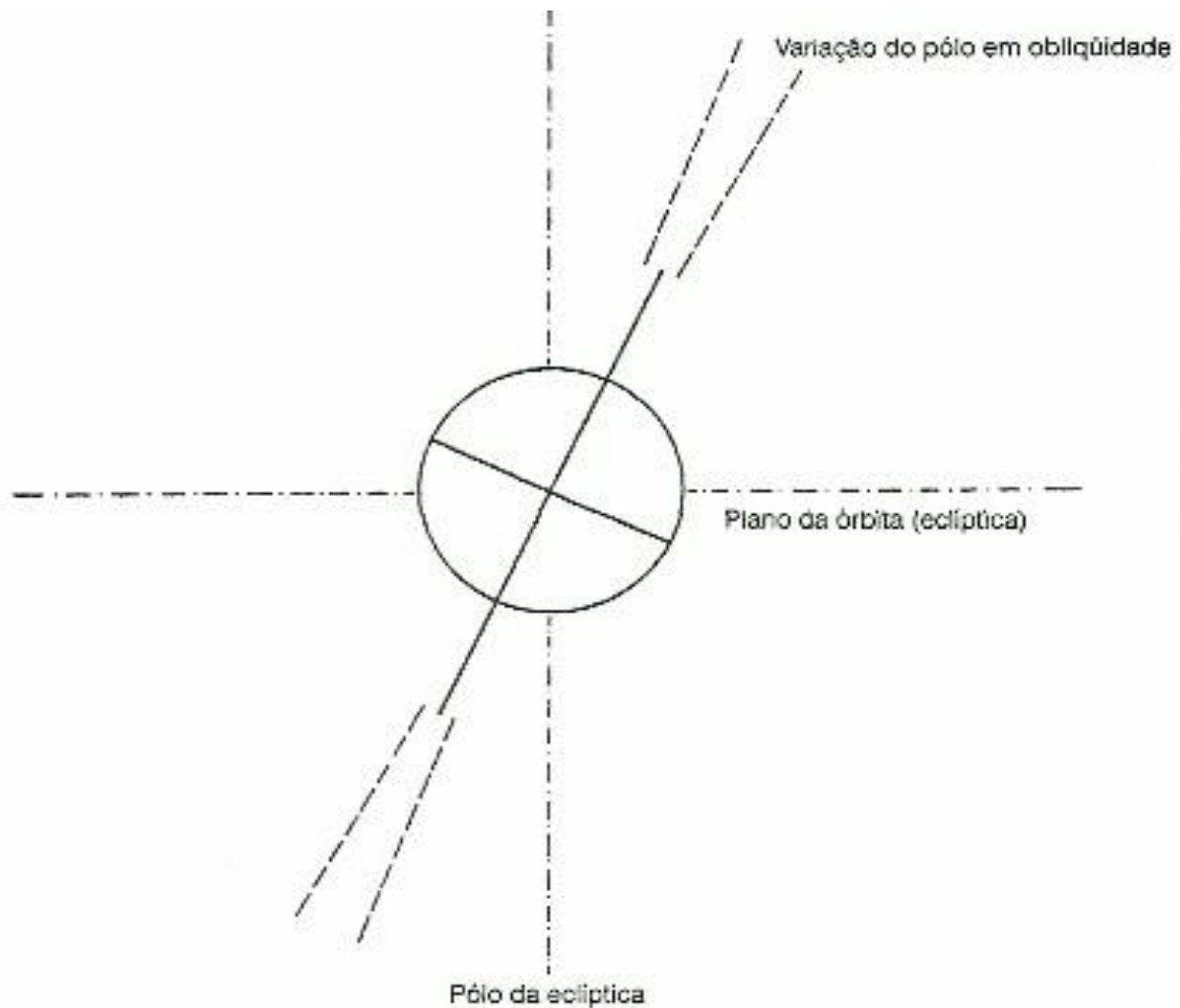
ocorrendo, enquanto saltamos, raspamos e mergulhamos na eternidade e sentimos o puxão de ânsias contraditórias: cair dentro do sol, por um lado, e soltarmo-nos e partir para a escuridão exterior, por outro.

Influências Ocultas

Sabe-se agora que o domínio gravitacional do sol, nos círculos internos dos quais a terra é mantida cativa, estende-se por mais de 24 trilhões de quilômetros, quase que a metade do caminho até a estrela mais próximas. A atração que o sol exerce sobre nosso planeta, portanto, é colossal. Somos também afetados pela gravidade dos demais planetas com os quais compartilhamos o sistema solar. Todos eles exercem uma atração que tende a puxar a terra para fora de sua órbita regular em torno do sol. Os planetas são de diferentes tamanhos, contudo, e giram em torno do sol a velocidades diferentes. A influência gravitacional que podem exercer, portanto, varia com o tempo, de formas complexas, ainda que previsíveis, e a órbita muda de forma constantemente como reação. Uma vez que a órbita é uma elipse, essas mudanças afetam seu grau de alongamento, conhecido tecnicamente como "excentricidade". Esta excentricidade varia de um valor baixo próximo de zero (quando a órbita aproxima-se da forma de um círculo perfeito) para um valor alto de 6%, quando está em sua forma mais alongada e elíptica.

Há ainda outras formas de influência planetária. Embora nenhuma explicação tenha ainda sido dada, sabe-se que as frequências de rádio de onda curta são perturbadas quando Júpiter, Saturno e Marte ficam alinhados. E, neste particular, surgiu também prova de uma estranha e inesperada correlação entre as posições de Júpiter, Saturno e Marte, em suas órbitas em torno do Sol, e perturbações elétricas violentas na atmosfera superior da Terra. Esse fato parece indicar que os planetas e o Sol fazem parte de um mecanismo cósmico-elétrico de equilíbrio, que se estende por bilhões de

quilômetros a partir do centro de nosso sistema solar. Esse equilíbrio elétrico não é explicado nas teorias astro-físicas correntes.

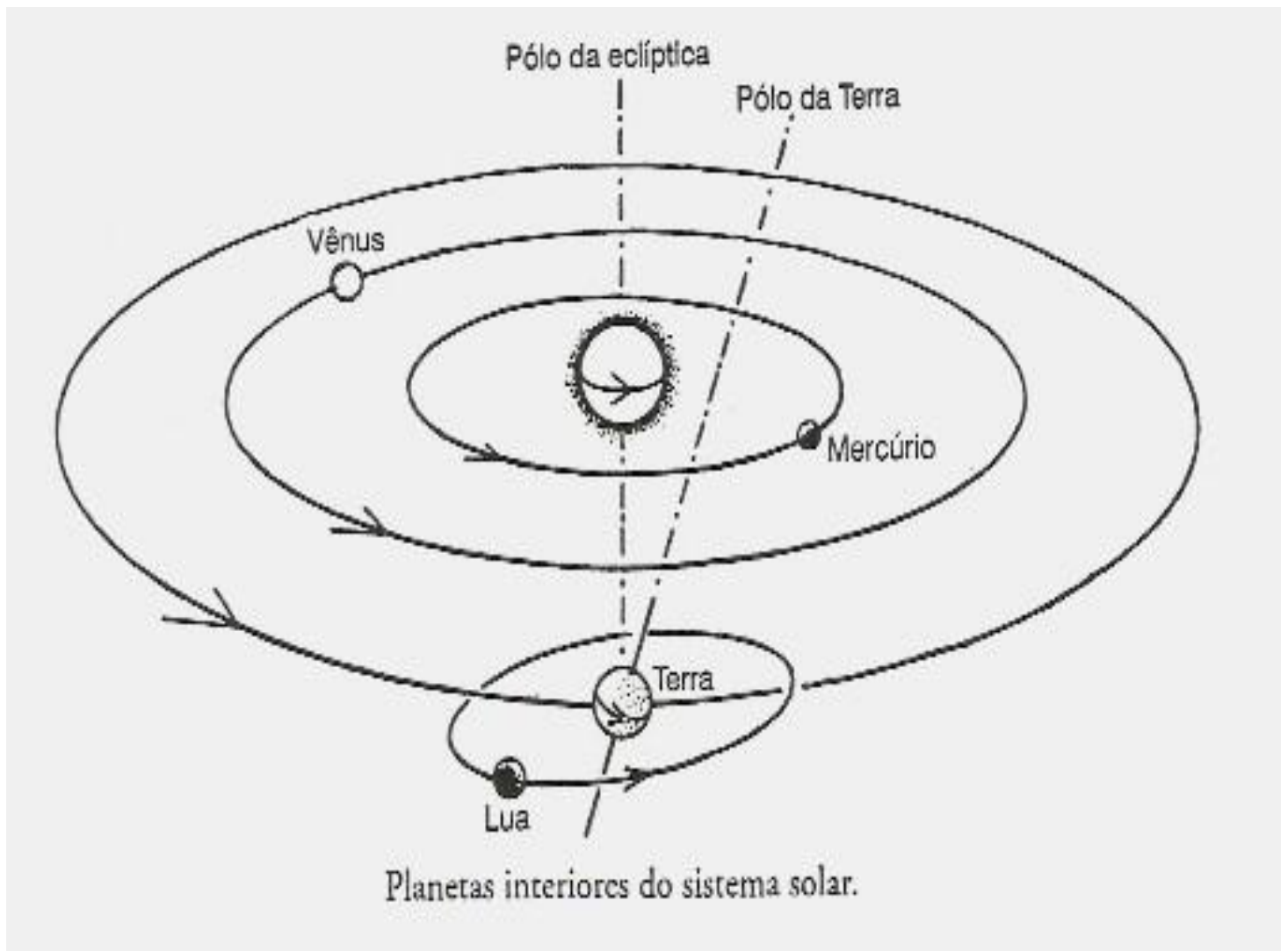


A obliquidade da eclíptica varia de $22,1^{\circ}$ a $24,5^{\circ}$ num ciclo de 41.000 anos.

O *New York Times*, do qual foi extraído a notícia acima, não tentou esclarecer mais o assunto. Seus jornalistas provavelmente não se davam conta do quanto se pareciam com Berosus, o historiador, astrônomo e vidente caldeu do século III a.C., que realizou um profundo estudo dos portentos que, acreditava, pressagiariam a destruição final do mundo. Concluiu ele: "Eu, Berosus, intérprete de Bellus, afirmo que toda a terra será condenada às chamas quando os

cinco planetas se reunirem em Câncer, tão organizados em fila que uma linha reta poderia passar através de suas esferas".

Uma conjunção de cinco planetas, que se pode esperar exerça profundos efeitos gravitacionais, ocorrerá no dia 5 de maio do ano 2000, quando Netuno, Urano, Vênus, Mercúrio e Marte se alinharão com a Terra no outro lado do sol, iniciando uma espécie de cabo-de-guerra cósmico. Note-se também que astrólogos modernos que inseriram em seus mapas a data maia para o fim do Quinto Sol [o fim do mundo, no ano 2012 de nossa era] calculam que, nessa data, haverá uma configuração muito estranha dos planetas, na verdade, uma configuração tão estranha "que só pode ocorrer uma vez a cada 45.000 anos... À vista dessa configuração extraordinária, bem que podemos esperar um efeito extraordinário".



Ninguém em seu juízo perfeito correria para aceitar essa conclusão. Ainda assim, não se pode negar que influências múltiplas, muitas das quais não entendemos bem, parecem estar em ação em nosso sistema solar. Entre essas influências, a de nosso próprio satélite, a Lua, é especialmente forte. Terremotos, por exemplo, ocorrem com mais frequência quando a lua está cheia ou quando a terra se encontra entre o sol e a lua; quando a lua está na fase de nova ou entre o sol e a terra; quando ela cruza o meridiano da localidade afetada e quando está mais perto da terra em sua órbita. Na verdade, quando ela atinge este último ponto (tecnicamente chamado de "perigeu"), sua atração gravitacional aumenta em 6%. Esse fato acontece uma vez a cada 27 dias e um terço. A atração sobre as marés que ela exerce nessas ocasiões afeta não só os grandes movimentos de nossos oceanos, mas também os reservatórios de magma quente, presos dentro da fina crosta da terra (que já foi descrita como um saco de papel cheio de mel ou melado, viajando a uma taxa de mais de 1.600 km/hora em rotação equatorial, e a mais de 106.000 km/h em órbita).

O Bamboleio de um Planeta Deformado

Todo esse movimento circular, claro, gera imensas forças centrífugas e estas, como *sir* Isaac Newton demonstrou no século XVII, fazem com que o "saco de papel" da terra torne-se abaulado no equador. O corolário disso é o achatamento dos pólos. Em consequência, nosso planeta desvia-se ligeiramente da forma de uma esfera perfeita e pode ser descrito mais corretamente como um "esferóide oblato". Seu raio no equador (6.377.068 km) é 22 km mais longo do que o raio polar (6.355.422 km).

Durante bilhões de anos, os pólos achatados e o equador inchado têm estado empenhados em uma interação matemática oculta com a influência oculta da gravidade. "Uma vez que a Terra é achatada", explica uma autoridade, "a gravidade da Lua tende a inclinar o eixo da

Terra, para que ele se torne perpendicular à órbita da Lua e, em menor extensão, isso também se aplica no caso do Sol".

Simultaneamente, a inchação equatorial - a massa extra distribuída em volta do equador - atua como a borda de um giroscópio para manter a terra firme em seu eixo.

Ano após ano, em escala planetária, é esse efeito giroscópico que impede que o puxão do sol e da lua altere radicalmente o movimento de rotação do eixo da terra. A atração que esses dois astros exercem conjuntamente é, contudo, suficientemente forte para obrigar o eixo a "precessar", o que significa que ele bamboleia lentamente em direção horária, oposta ao giro da terra.

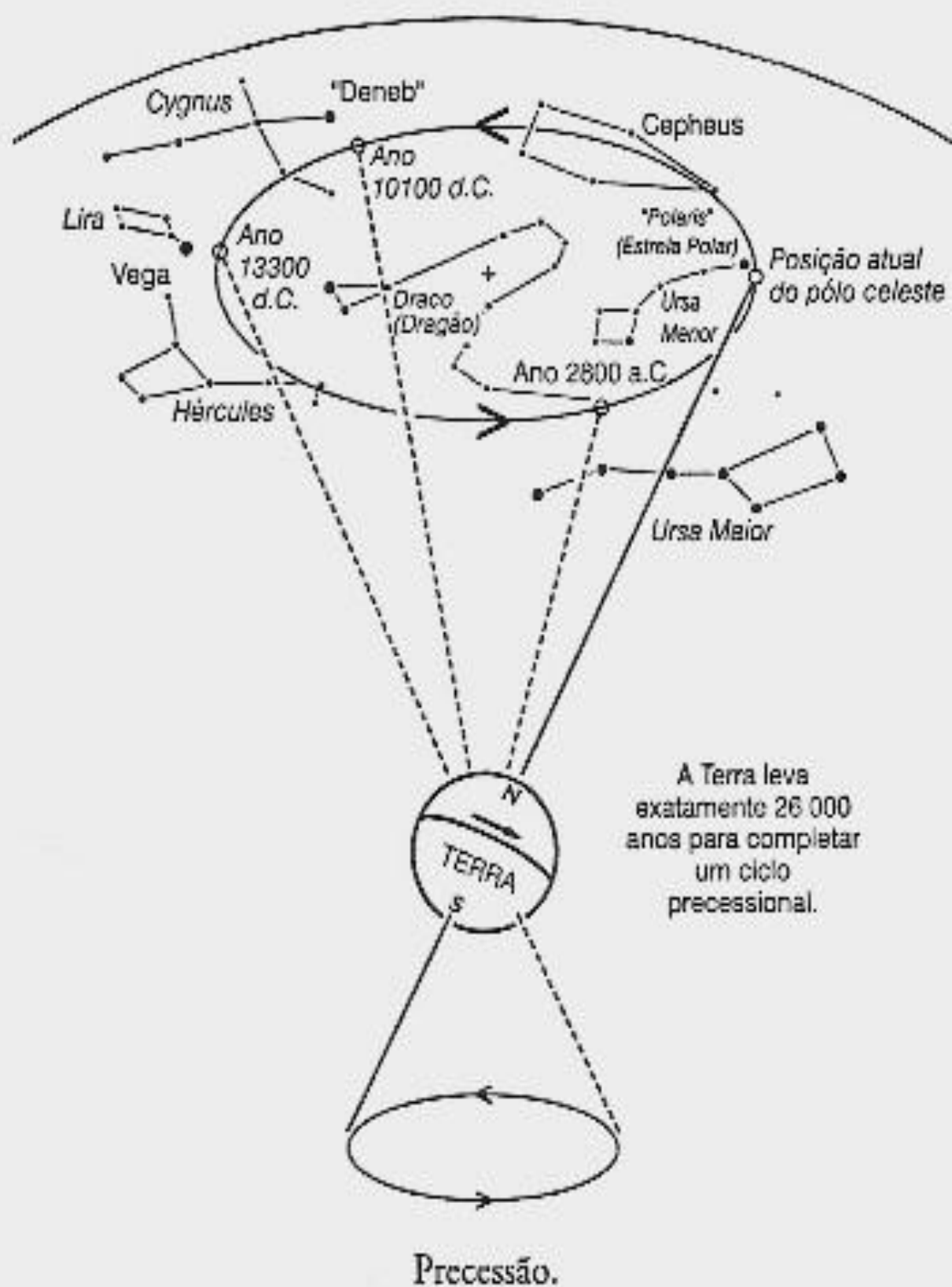
Esse importante movimento é a assinatura característica de nosso planeta no sistema solar. Quem quer que já tenha um dia jogado um pião deve poder compreender esse fato sem muita dificuldade. O pião, afinal de contas, é simplesmente um outro tipo de giroscópio. Em giro completo sem interrupção, ele permanece na vertical. Mas, no momento em que o eixo é desviado da vertical, ele começa a exibir um segundo tipo de comportamento: um bamboleio lento e obstinado, invertido, em volta de um grande círculo. Esse bamboleio, que é uma precessão, muda a direção em que o eixo aponta, enquanto se mostra constante em um novo ângulo inclinado.

Uma segunda analogia, de enfoque um tanto diferente, pode ajudar a esclarecer ainda mais o assunto:

1. Imagine a terra, flutuando no espaço, inclinada a aproximadamente $23,5^\circ$ em relação à vertical e girando em torno de seu eixo a cada 24 horas.
2. Imagine esse eixo como um pivô, ou parafuso central, maciço e forte, passando pelo centro da terra, saindo pelos pólos Norte e Sul e daí estendendo-se para fora em ambas as direções.
3. Imagine que você é um gigante, percorrendo o sistema solar com ordens de realizar um trabalho específico.

4. Imagine-se aproximando-se da terra inclinada (que, por causa de seu grande tamanho, nesse momento não lhe parece maior do que uma roda de moinho).
5. Imagine-se estendendo as mãos e agarrando as duas extremidades do eixo prolongado.
6. E imagine-se começando lentamente a fazer uma inter-rotação, isto é, empurrando uma extremidade e puxando a outra.
7. A terra já estava girando quando você chegou.
8. Suas ordens, por conseguinte, eram de não se meter em sua rotação axial, mas transmitir a ela o outro movimento: o bamboleio no sentido horário denominado precessão.
9. Para cumprir a ordem, você teria que empurrar a ponta do eixo prolongado para cima e em volta de um grande círculo no hemisfério celeste norte e, ao mesmo tempo, puxar a ponta sul em volta de um círculo igualmente grande no hemisfério celeste sul. Esse trabalho implicaria um lento movimento tipo pedalagem com suas mãos e ombros.
10. Cuidado, porém. A "roda de moinho" da terra é mais pesada do que parece, tão mais pesada, na verdade, que você vai precisar de 25.776 anos para girar as duas pontas do eixo através de um ciclo completo de precessão (ao fim do qual eles estarão apontando para os mesmos pontos na esfera celeste, como no momento em que você chegou).
11. Oh, por falar nisso, agora que iniciou o trabalho, podemos lhe dizer que você jamais vai ter permissão para ir embora. Logo que um ciclo de precessão acaba, outro tem de começar. E outro... mais outro... e mais outro... e assim por diante, interminavelmente, para sempre e todo o sempre.
12. Se quiser, você pode pensar nisso como um dos mecanismos básicos do sistema solar ou, se preferir, como um dos mandamentos fundamentais da vontade divina.

O céu setentrional visto da Terra



No processo, pouco a pouco, enquanto você lentamente passa o eixo prolongado pelos céus, as duas pontas apontarão para uma estrela após outra nas latitudes polares do hemisfério celeste sul (e, às vezes, claro, para o espaço vazio), e para uma estrela após outra nas latitudes polares do hemisfério celeste norte. Estamos falando aqui sobre um tipo de dança de cadeiras entre as estrelas circumpolares. E o que mantém tudo isso em movimento é a precessão axial da terra - um movimento impulsionado por gigantescas forças gravitacionais e giroscópicas, um movimento regular, previsível e relativamente fácil de esclarecer com ajuda de equipamento moderno. Assim, por exemplo, a estrela polar norte é atualmente Alfa Ursa Menor (que conhecemos como Estrela Polar). Cálculos de computador, porém, permitem-nos dizer com certeza que, no ano 3000 a.C., Alfa Draconis (Dragão) ocupava a posição polar; na época dos gregos, a estrela polar norte era Beta Ursa Menor; e, no ano 14000 d.C. será Vega.

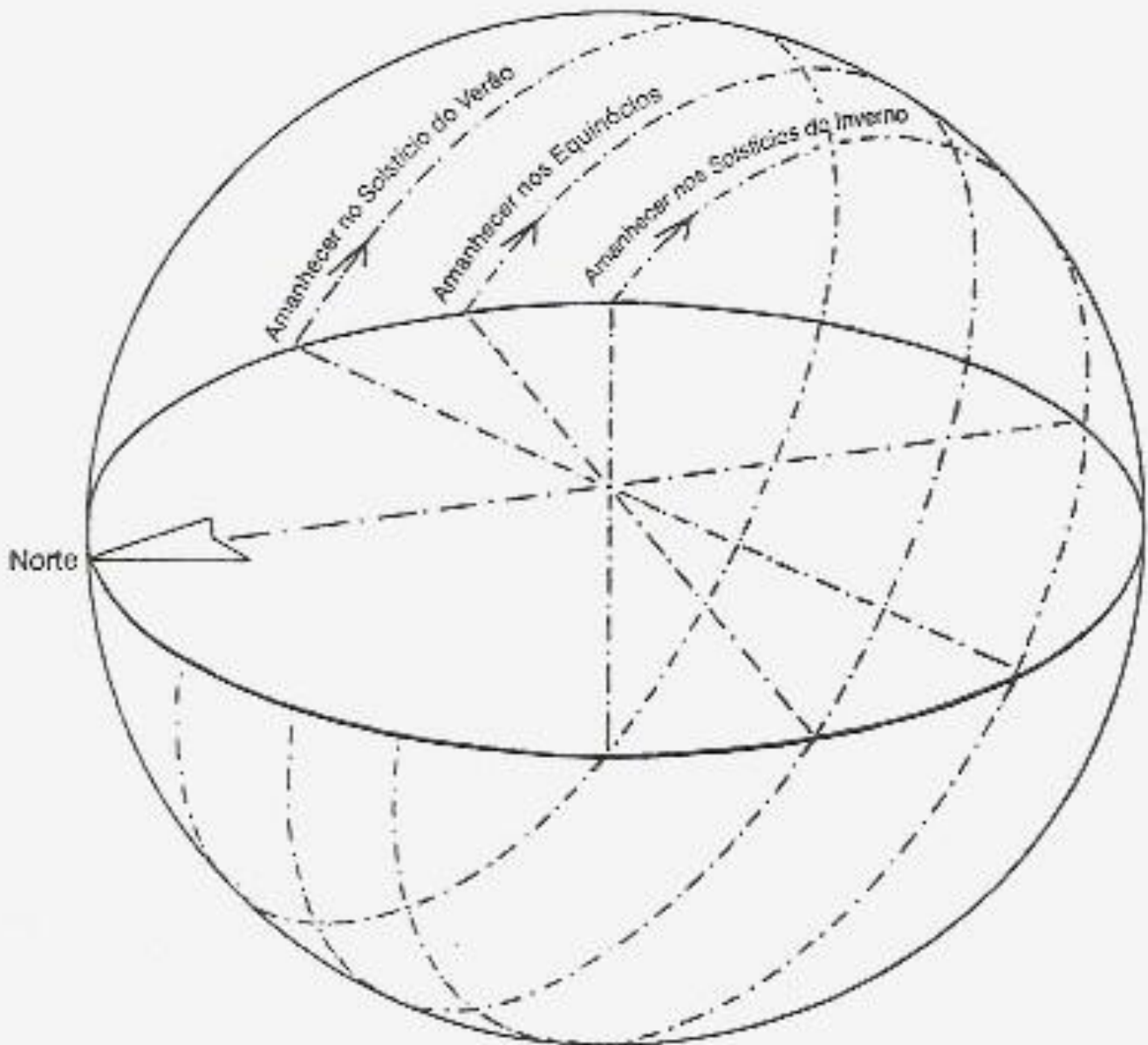
Um Grande Segredo do Passado

Não nos fará mal algum lembrar alguns dos dados fundamentais sobre os movimentos da terra e sua orientação no espaço:

- . Ela se inclina em cerca de $23,5^\circ$ em relação à vertical, ângulo este do qual pode variar até $1,5^\circ$ em períodos de 41.000 anos.
- . Completa um ciclo completo de precessão de equinócio a cada 25.776 anos.
- . Gira em torno do próprio eixo a cada 24 horas.
- . Descreve em torno do sol uma órbita completa a cada 365 dias (na verdade, 365,2422 dias).
- . A influência mais importante sobre as estações é o ângulo no qual os raios do sol atingem-na em vários pontos de sua trajetória orbital.

Notemos também que há quatro momentos astronômicos cruciais no ano, marcando o início oficial de cada uma das quatro estações.

Esses momentos (ou pontos cardeais), que eram de imensa importância para os antigos, são os solstícios do inverno e verão e os equinócios da primavera e outono. No hemisfério Norte, o solstício de inverno, o dia mais curto, cai no dia 21 de dezembro e, o de verão, o dia mais longo, em 21 de junho. No hemisfério Sul, por outro lado, tudo está virtualmente de cabeça para baixo: nele o inverno começa em 21 de junho e o verão em 21 de dezembro.



Equinócios e solstícios.

Os equinócios, em contraste, são os dois pontos no ano em que noite e dia têm igual duração em todo o planeta. Mais uma vez, contudo, como acontece com os solstícios, a data que marca o início da primavera no hemisfério Norte (20 de março) marca o outono no hemisfério Sul, e a data do início do outono no hemisfério Norte (22 de setembro) marca o início da primavera no hemisfério Sul.

Tal como as variações mais sutis das estações, tudo isso é consequência da benevolente obliquidade do planeta. O solstício de verão no hemisfério Norte cai nesse ponto da órbita quando o pólo Norte está apontado da forma mais direta na direção do sol; seis meses depois, o solstício de inverno marca o ponto em que o pólo Norte aponta mais diretamente para longe do sol. E, com bastante lógica, o motivo por que o dia e a noite são de duração absolutamente igual em todo o planeta nos equinócios de primavera e outono é que eles assinalam os dois pontos em que o eixo de rotação da terra se encontra transversal ao sol.

Examinemos agora um estranho e belo fenômeno de mecânica celeste. Esse fenômeno é conhecido como "precessão de equinócios". Possui características matemáticas rígidas e repetitivas, que podem ser analisadas e previstas com exatidão. É, no entanto, de observação extremamente difícil e ainda mais difícil de medir precisamente, a não ser com instrumentação sofisticada.

Nesse fenômeno talvez possa existir pista para solucionar um dos maiores mistérios do passado.

CAPÍTULO 29

A Primeira Tentativa de Decifrar um Antigo Código

O plano orbital da terra, projetado para fora e formando um grande círculo na esfera celeste, é conhecido como eclíptica. Em volta da eclíptica, em um cinturão estrelado que se estende aproximadamente em 7° ao norte e sul, encontramos as doze constelações do zodíaco: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião,

Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Essas constelações têm tamanho, forma e distribuição irregulares. Não obstante (e, supomos, por acaso!), seu espaçamento em torno da borda da eclíptica é suficientemente uniforme para conferir um senso de ordem cósmica ao nascer e ao pôr-do-sol durante o dia.

Para compreender o que está envolvido aqui, faça o seguinte: 1) marque um ponto no centro de uma folha de papel em branco; 2) desenhe um círculo em torno do ponto, a mais ou menos centímetro dele; 3) feche esse círculo dentro de um segundo círculo, mais largo.

O ponto representa o sol. O menor dos dois círculos concêntricos representa a órbita da terra. O círculo mais largo representa a borda da eclíptica. Em volta do perímetro desse círculo mais amplo, por conseguinte, você deve desenhar em seguida doze caixas, a uma distância uniforme uma da outra, para representar as constelações do zodíaco. Uma vez que há 360° em um círculo, pode-se considerar que cada constelação ocupa um espaço de 30° ao longo da eclíptica. O ponto é o sol. O mais interno dos dois círculos concêntricos é a órbita da terra. Sabemos que a terra percorre essa órbita em direção anti-horária, de oeste para leste, e que em cada 24 horas ela faz também uma rotação completa em torno de seu eixo (mais uma vez, de oeste para leste).

Desses dois movimentos, resultam duas ilusões:

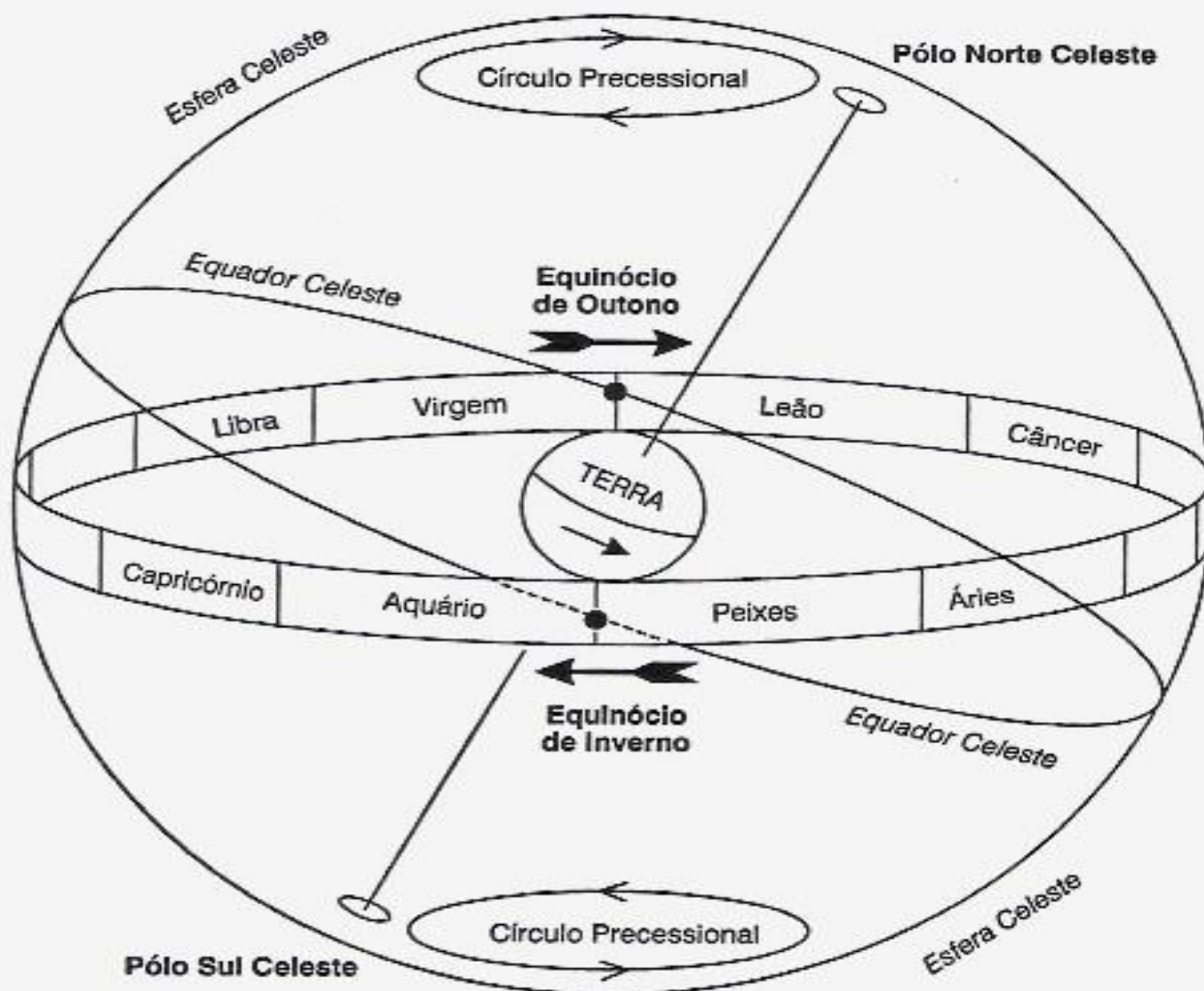
1. Todos os dias, enquanto o planeta gira de oeste para leste, o sol (que, claro, é um ponto fixo) parece "mover-se" pelo céu de leste para oeste.
2. Aproximadamente a cada trinta dias, enquanto a terra, girando, viaja ao longo de sua trajetória orbital em torno do sol, o próprio sol parece "passar" lentamente através de uma após outra das doze constelações zodiacais (que são também pontos fixos) e, mais uma vez, dá a impressão de "mover-se" em uma direção leste-oeste.

Em qualquer dia do ano, em outras palavras (correspondendo em nosso diagrama a qualquer ponto que quisermos escolher em torno do

círculo concêntrico interno que marca a órbita da terra), é óbvio que o sol se situará *entre* um observador na terra e uma das doze constelações zodiacais. Nesse dia, o que o observador verá, enquanto estiver acordado antes do amanhecer, é o sol erguendo-se no leste, na parte do céu ocupada por essa constelação particular.

Sob os céus claros e sem poluição do mundo antigo, é fácil compreender que seres humanos poderiam se sentir tranquilizados por movimentos celestes regulares como esses. É igualmente fácil compreender por que motivo os quatro pontos cardeais do ano - os equinócios da primavera e outono e os solstícios do inverno e verão - foram considerados em toda parte como de imensa importância. Maior importância ainda era atribuída à conjunção desses pontos com as constelações do zodíaco. Mais importante que tudo, porém, era a constelação onde se via o sol nascendo na manhã do equinócio de primavera (ou vernal). Devido à precessão do eixo da terra, os antigos descobriram que essa constelação não era fixa ou permanente durante todo tempo, mas que a honra de "abrigar" ou "transportar" o sol no dia do equinócio vernal circulava - lenta, muito lentamente - entre todas as constelações do zodíaco.

Nas palavras de Giorgio de Santillana: "A posição do sol entre as constelações no equinócio vernal era o ponteiro que indicava as 'horas' do ciclo de precessão - horas muito compridas, na verdade, uma vez que o sol equinocial ocupava cada constelação do zodíaco durante quase 2.200 anos".



Durante o transcurso de cada ano, o movimento da terra ao longo de sua órbita faz com que o fundo estelar contra o qual se encontra o sol se erga para mudar, mês após mês: Aquário → Peixes → Áries → Touro → Gêmeos → Câncer → Leão, etc.,etc. Atualmente, no equinócio de inverno, o sol se levanta diretamente a leste, entre Peixes e Aquário. O efeito da precessão faz com que o "ponto vernal" seja atingido um pouquinho mais cedo todos os anos na órbita do sol, com o resultado de que ele muda gradualmente através das doze casas do zodíaco, passando 2.160 anos "em" cada signo e descrevendo um circuito completo em 25.920 anos. A direção desse "deslocamento precessional", em contraste com a "trajetória anual do céu", é: Leão → Câncer → Gêmeos → Touro → Áries → Peixes → Aquário. Para dar um exemplo, isto é, os 2.160 anos em que o sol, no equinócio de inverno, nasceu contra o fundo estelar da constelação do Leão, durou do ano 10970 a.C. até 88 d.C. Vivemos hoje em uma terra de ninguém astrológica, no fim da "Era de Peixes" e no limiar da "Nova Era" de Aquário. Tradicionalmente, essas épocas de transição entre uma era e a seguinte foram consideradas como sinais de mau agouro.

A *direção* da lenta precessão axial da terra é no sentido horário (isto é, de leste para oeste) e, dessa maneira, contrária à direção da trajetória anual do planeta em torno do sol. Em relação às constelações do zodíaco, fixas no espaço, esse fato faz com que o ponto em que ocorre o equinócio de primavera "mova-se obstinadamente ao longo da eclíptica na direção oposta ao curso anual do sol, que ocorre contra a seqüência "certa" dos signos do zodíaco (Touro - Áries - Peixes - Aquário, em vez de Aquário - Peixes - Áries - Touro).

Este, resumidamente, é o significado da "precessão de equinócios". É isso exatamente o que está implicado na idéia de "alvorecer da Era de Aquário". O verso famoso do musical *Hair* refere-se ao fato de que, todos os anos, nos últimos 2.000 anos, mais ou menos, o sol nasceu em Peixes no equinócio vernal. A era de Peixes, contudo, aproxima-se neste momento do fim e o sol vernal, em breve, deixará o setor de Peixes e começará a nascer contra o novo pano de fundo de Aquário. O ciclo de 25.776 anos de precessão é o motor que impulsiona esse majestoso jogo de forças celeste em sua viagem eterna pelos céus. Vale a pena conhecer também os detalhes de como, exatamente, a precessão muda os pontos equinociais de Peixes para Aquário - e daí para a frente em volta do zodíaco.

Lembre-se de que o equinócio ocorre apenas nas duas únicas ocasiões do ano em que o eixo inclinado da terra está transversal ao sol. Isso acontece quando o sol nasce exatamente à leste em todo o mundo e o dia e a noite têm igual duração. Uma vez que o eixo da terra está fazendo uma lenta mas ininterrupta precessão em uma direção oposta à da sua própria órbita, os pontos nos quais está transversal ao sol têm de ocorrer em uma fração de tempo mais cedo na órbita, todos os anos. Essas mudanças anuais são tão pequenas que se tornam quase imperceptíveis (uma mudança de um grau ao longo da eclíptica - equivalente à largura de nosso dedo mindinho erguido contra o horizonte - requer aproximadamente 72 anos para se completar). Não obstante, como observa Santillana, essas mudanças minúsculas acumulam-se em pouco menos de 2.200 anos em uma passagem de 30° através de uma casa completa do zodíaco e, em

pouco menos de 26.000 anos, em uma passagem de 360° através de um ciclo completo de precessão.

Quando teriam Os Antigos Descoberto a Precessão?

Na resposta a essa pergunta há um grande segredo, e mistério, do passado. Mas, antes de tentar penetrar no mistério e aprender o segredo, temos que nos familiarizar com a linha "oficial". A *Enciclopédia Britânica*, que é um repositório tão bom quanto qualquer outro da sabedoria histórica convencional, ensina-nos o seguinte sobre um erudito chamado Hiparco, o suposto descobridor da precessão:

Hiparco (nascido em Nicéia, Bitínia, e falecido após o ano 127 d.C. em Rodes), astrônomo e matemático grego que descobriu a precessão dos equinócios. (...) Essa notável descoberta foi resultado de exaustivas observações, efetuadas por uma mente aguda. Hiparco observou as posições das estrelas e, em seguida, comparou seus resultados com os de Timocharis de Alexandria, referentes a um período anterior em 150 anos e com observações mais antigas realizadas na Babilônia. Descobriu ele que as longitudes celestes eram diferentes e que essa diferença era de uma magnitude que excedia aquela que podia ser atribuída a erros de observação. Ele, em conseqüência, sugeriu a precessão para explicar a magnitude da diferença e deu um valor de 45' ou 46' (segundos do arco) às mudanças anuais. Este resultado aproxima-se muito do número de 50,274 segundos do arco, hoje aceito. (...)

Em primeiro lugar, uma questão de terminologia. Segundos de arco são as menores subdivisões de um grau do arco. Há 60 segundos de arco em cada minuto de arco, 60 minutos em um grau e 360 graus no círculo completo da trajetória da terra em torno do sol. Uma mudança anual de 50,274 segundos de arco representa uma distância de cerca

de pouco menos de um sexagésimo de grau, de modo que são necessários aproximadamente 72 anos (uma vida humana inteira) para que o sol equinocial migre apenas um grau ao longo da eclíptica. Devido às dificuldades de observação implicadas na detecção dessa taxa de passo de caracol, o valor achado por Hiparco no século II a.C. foi considerado pela *Britânica* como uma descoberta notável.

Mas essa descoberta pareceria tão notável se viesse a ser apurado que foi uma redescoberta? As realizações matemáticas e astronômicas dos gregos brilharão com tanto fulgor se pudéssemos provar que o difícil desafio de medir a precessão foi aceito milhares de anos antes de Hiparco? E que esse ciclo celeste, de quase 26.000 anos de duração, tivesse sido objeto de investigação científica exata, muito antes do suposto alvorecer do pensamento científico?

Na busca de respostas a essas perguntas, há muita coisa talvez relevante que jamais seria aceita em qualquer tribunal de justiça como prova concreta. Tampouco iremos aceitá-la. Vimos que Hiparco propôs o valor de 45 ou 46 segundos de arco para um ano de movimento de precessão. Evitemos, portanto, desalojar o astrônomo grego de seu pedestal como descobridor da precessão, a menos que possamos achar um valor significativamente mais exato, registrado em uma fonte significativamente mais antiga.

Claro, são muitas as fontes potenciais. Neste ponto, contudo, no interesse da brevidade, vamos limitar nossa indagação a mitos universais. Já examinamos em detalhe um deles (as tradições do dilúvio e cataclismo estudadas na Parte IV) e vimos que eles incluem uma grande faixa de características intrigantes.

1. Não há a menor dúvida de que eles são imensamente antigos. Vejamos a história mesopotâmica do dilúvio, versões da qual foram encontradas inscritas em tabuinhas nos estratos mais antigos da história sumeriana, ou por volta do ano 3000 a.C. Essas tabuinhas, que nos chegaram do alvorecer do passado documentado, não deixam margem à dúvida de que a tradição de uma inundação que destruiu o mundo já era antiga nessa ocasião e que, portanto, teve

origem muito tempo antes desse alvorecer. Não sabemos quando. Mas resta o fato de que nenhum erudito jamais pôde estabelecer uma data para a criação de qualquer mito, quanto mais dessas tradições veneráveis e gerais. Em um sentido bem real, parece que elas sempre existiram - como parte da bagagem permanente da cultura humana.

2. Não podemos descartar a possibilidade de que essa aura de antiguidade remotíssima não seja uma ilusão. Ao contrário, vimos que muitos dos grandes mitos sobre cataclismo parecem conter descrições exatas, de testemunhas oculares, das condições reais pelas quais passou a humanidade na última Era Glacial. Em teoria, por conseguinte, essas histórias poderiam ter sido concebidas quase na mesma ocasião do aparecimento de nossa subespécie *Homo sapiens sapiens*, talvez há 50.000 anos. A prova geológica, no entanto, sugere uma origem mais recente e identificamos acima a época de 15.000-8.000 anos a.C. como a mais provável. Só nessa ocasião, no conjunto da experiência humana, ocorreram rápidas mudanças climáticas na escala convulsiva que os mitos descrevem com tanta eloquência.

3. A Era Glacial e seu tumultuoso desaparecimento foram fenômenos globais. Por isso mesmo, talvez não deva surpreender que as tradições de cataclismo de tantas culturas diferentes, largamente espalhadas em volta do globo, sejam caracterizadas por alto grau de uniformidade e convergência.

4. O que surpreende, contudo, é que os mitos descrevem não só experiências compartilhadas, mas que o façam no que parece ser uma linguagem simbólica também comum. Os mesmos "motivos literários" reaparecem uma vez após outra, os mesmos "macetes" estilísticos, os mesmos personagens reconhecíveis e os mesmos enredos.

De acordo com o professor Santillana, esse tipo de uniformidade sugere uma mão orientadora em ação. No *Hamlets Mill*, uma fecunda e original tese sobre mitos antigos, escrita em colaboração com Hertha Von Dechend (professora de história da ciência da Universidade de Frankfurt), argumenta ele que:

A universalidade é, por si mesma, um teste, quando associada a um padrão firme. Quando alguma coisa encontrada, digamos, na China, surge também nos textos astrológicos babilônicos, temos de supor que ela é importante se revela um complexo de imagens incomuns que ninguém poderia alegar que surgiram independentemente, por geração espontânea. Vejamos a origem da música, Orfeu e sua horrível morte podem ser uma criação poética, nascida em mais do que um único caso em lugares diferentes. Mas quando personagens que não tocam lira, mas flautas, são esfolados vivos por várias razões absurdas, e seu fim idêntico é repetido em vários continentes, então ficamos com a impressão de que descobrimos alguma coisa, uma vez que tais histórias não podem ser ligadas por seqüência interna. E quando o flautista surge tanto no mito alemão de Hamelin quanto no México antes de Colombo, e está ligado em ambos os lugares a certos atributos, tal como a cor vermelha, esse fato dificilmente pode ser uma coincidência. (...) De igual maneira, quando encontramos números como 108, ou 9×13 , reaparecendo sob a forma de vários múltiplos nos *Vedas*, nos templos de Angkor, na Babilônia, nas sombrias palavras de Heráclito, e também no Valhalla escandinavo, não lidamos com um acaso...

Ligando os grandes mitos universais de cataclismo, será possível que essas coincidências, que não podem ser coincidências, e acasos que não podem ser acasos, possam denotar a influência global de uma mão orientadora antiga, embora ainda não identificada? Se assim, poderia ser ela a mesma mão que, durante e após a Última Era Glacial, desenhou a série de mapas-múndi altamente precisos e tecnicamente avançados que estudamos na Parte I? E não poderia a mesma mão ter deixado suas impressões digitais sobrenaturais em outro corpo de mitos universais, como os que falam na morte e ressurreição de deuses, grandes árvores em torno das quais revolvem a terra e os céus, e vórtices, batedeiras, furadeiras e outros aparelhos semelhantes para mexer e moer?

Segundo Santillana e Von Dechend, todas essas imagens se referem a eventos celestes e fazem isso, além do mais, na linguagem técnica refinada de uma ciência astronômica e matemática arcaica, mas "imensamente sofisticada". Essa linguagem ignorava crenças e cultos locais. Concentrava-se em números, movimentos, medidas, marcos de referência gerais, esquemas - na estrutura dos números, na geometria.

De onde teria vindo essa linguagem? O *Hamlet's Mill* é um labirinto de erudição brilhante, embora deliberadamente evasivo, e não nos dá uma resposta direta a tal pergunta. Aqui e ali, contudo, quase que com embaraço, encontramos palpites inconclusivos. A certa altura, por exemplo, os autores dizem que a linguagem, ou "código" científico, que acreditam ter identificado, é de "uma antiguidade impressionante". Em outra ocasião, fixam com mais precisão a profundidade de tal antiguidade em um período de pelo menos "6.000 anos antes de Virgílio" - em outras palavras, há 8.000 anos ou mais.

Que civilização conhecida da história poderia ter criado e usado uma linguagem técnica sofisticada há mais de 8.000 anos? A resposta honesta a essa pergunta é "nenhuma", seguida pela confissão franca de que aquilo que está sendo objeto de conjectura é nada menos que um episódio esquecido de alta cultura tecnológica na pré-história. Mais uma vez, Santillana e Von Dechend mostram-se vagos, falando apenas no legado que todos nós devemos a "alguma quase inacreditável civilização ancestral", a "primeira que ousou compreender o mundo como criado de acordo com número, medida e peso".

A herança, claro, tem a ver com pensamento científico e informações complexas de natureza matemática. Mas como é extremamente antiga, a passagem do tempo extinguiu-a:

Quando os gregos entraram em cena, a poeira dos séculos já havia assentado sobre os restos dessa grande construção arcaica, de âmbito mundial. Ainda assim, alguma coisa sobreviveu em ritos tradicionais, em mitos e contos de fada que não mais

compreendemos. (...) Estes são os fragmentos instigantes de um todo perdido. E levam-nos a pensar naquelas "paisagens enevoadas", nas quais os chineses são mestres, que mostram aqui uma rocha, uma cumeeira, ali a ponta de uma árvore e deixam o resto à imaginação. Mesmo nos casos em que o código produziu resultados, quando as técnicas se tornaram conhecidas, não podemos esperar avaliar o pensamento desses nossos ancestrais remotos, envolvidos como estão em seus símbolos, uma vez que desapareceram para sempre as mentes criativas, organizadoras, que inventaram os símbolos.

O que temos aqui, portanto, são dois ilustres professores de história da ciência, de universidades renomadas em ambos os lados do Atlântico, alegando ter descoberto os restos de uma linguagem científica codificada, muitos milhares de anos mais velha do que as mais velhas civilizações humanas identificadas pelos estudiosos. Além do mais, embora se mostrem de modo geral cautelosos, Santillana e Von Dechend alegam também ter "decifrado parte desse código". Trata-se de uma declaração extraordinária, tendo sido feita por dois respeitáveis professores universitários.

CAPÍTULO 30

A Árvore Cósmica e o Moinho dos Deuses

No brilhante e abrangente estudo *Hamlet's Mill*, os professores Santillana e Von Dechend apresentam um conjunto formidável de evidência mítica e iconográfica para demonstrar a existência de um fenômeno curioso. Por alguma razão inexplicável, e em alguma data desconhecida, parece que certos mitos arcaicos de todo o mundo foram "cooptados" (nenhuma outra palavra seria mais apropriada) para servir como veículos de um conjunto de dados técnicos complexos relativos à precessão dos equinócios. A importância dessa espantosa tese, como uma destacada autoridade em medições antigas observou, foi ter disparado a primeira salva no que talvez

venha a ser "uma revolução copernicana nas concepções correntes sobre o desenvolvimento da cultura humana".

O *Hamlet's Mill* foi publicado em 1969, há mais de um quarto de século, de modo que a revolução demorou muito a acontecer. Durante esse período, o livro nem foi muito lido pelo público geral nem muito compreendido por estudiosos do passado remoto. Esse estado de coisas, note-se, não aconteceu devido a quaisquer problemas ou fraquezas inerentes ao livro. Em vez disso, nas palavras de Martin Bernal, professor de estudos governamentais da Universidade Cornell, aconteceu, sim, porque "poucos arqueólogos, egiptólogos e historiadores dos tempos antigos reuniam a combinação de tempo, trabalho e perícia necessários para entender os argumentos sumamente técnicos de Santillana".

Esses argumentos tratam predominantemente da transmissão repetida e recorrente de uma "mensagem sobre a precessão" em uma grande faixa de mitos antigos. E, curiosamente, muitas das principais imagens e símbolos que surgem nesses mitos - notadamente as que dizem respeito a um "enlouquecimento dos céus" - foram encontrados também inseridos nas tradições antigas de cataclismo, de âmbito mundial, que passamos em revista nos Capítulos 24 e 25.

Na mitologia escandinava, por exemplo, vimos que o lobo Fenrir, que os deuses haviam acorrentado com todo cuidado, quebrou finalmente as correntes e fugiu: "Ele se sacudiu e o mundo tremeu. O freixo Yggdrasil foi abalado das raízes até os ramos mais altos. Montanhas desmoronaram ou foram fendidas de cima a baixo. (...) A terra começou a perder sua forma. As estrelas já começavam a perder o rumo no céu."

Na opinião de Santillana e Von Dechend, esse mito mistura o tema conhecido da catástrofe com o tema inteiramente separado da precessão. Por um lado, temos um desastre na terra em uma escala que parece tornar café pequeno até o dilúvio de Noé. Por outro, ouvimos falar em aziagas mudanças que estão ocorrendo nos céus e que as estrelas, que perderam o rumo no céu, estão "caindo no abismo".

Essa imagística celeste, repetida inúmeras vezes, com variações relativamente pequenas, em mitos originários de muitas diferentes partes do mundo, pertence a uma categoria classificada no *Hamlet's Mill* como "não um simples ato de contar história, do tipo que ocorre naturalmente". Além disso, as tradições escandinavas que falam do monstruoso lobo Fenrir e do abalo sofrido por Iggdrasil relatam também o apocalipse final, no qual as forças do Valhalla formam no lado da "ordem" para participar da última e terrível batalha dos deuses - uma batalha que termina em destruição apocalíptica:

Quinhentas e quarenta portas são
Abertas nas muralhas do Valhalla;
Oitocentos guerreiros por cada porta passam,
E para a guerra contra o Lobo vão.

Com uma leveza de toque quase subliminar, essa estrofe estimulou-nos a contar os guerreiros do Valhalla, obrigando-nos, momentaneamente, a focalizar a atenção em seu número total ($540 \times 800 = 432.000$). Esse total, como veremos no Capítulo 31, está matematicamente ligado ao fenômeno da precessão. É improvável que tenha aberto caminho por acaso para a mitologia escandinava, especialmente em um contexto que havia antes especificado "uma loucura nos céus" suficientemente grave para fazer com que as estrelas perdessem o rumo, deixando suas posições no firmamento. Para entender o que está acontecendo, é essencial apreender a imagística básica da antiga "mensagem", que Santillana e Von Dechend alegam ter descoberto por acaso. Essa imagística transforma o domo luminoso da esfera celeste em uma enorme e complicada peça de maquinaria. E, tal como uma roda de monjolo, um vórtice, uma batedeira, um moinho de mão, essa máquina gira, gira, gira interminavelmente (com seus movimentos calibrados o tempo todo pelo sol, que nasce primeiro em uma constelação do zodíaco, em seguida em outra, e assim por diante, durante todo o ano).

Os quatro pontos principais do ano são os equinócios da primavera e outono e os solstícios do inverno e verão. Em cada ponto, naturalmente, vê-se o sol nascer em uma constelação diferente (assim, se o sol nasce em Peixes no equinócio de primavera, como acontece no presente, ele terá de nascer em Virgem no equinócio de outono, em Gêmeos no solstício de inverno e em Sagitário no solstício de verão). Em cada uma dessas quatro ocasiões, pelo menos nos últimos 2.000 anos, ou por aí, foi exatamente isso o que o sol andou fazendo. Conforme vimos antes, contudo, a precessão dos equinócios significa que o ponto vernal mudará, em futuro não muito distante, de Peixes para Aquário. Quando isso acontecer, as três outras constelações que marcam os três pontos principais mudarão também, de Virgem, Gêmeos e Sagitário para Leão, Touro e Escorpião quase como se um mecanismo gigantesco do céu tivesse majestosamente mudado de marcha...

Tal como o eixo de roda de um moinho, explicam Santillana e Von Dechend, Yggdrasil "representa o eixo do mundo" na linguagem científica arcaica que identificaram: um eixo que se estende para fora (para o observador que se encontra no hemisfério Norte) e para o pólo Norte da esfera celeste:

Isso sugere instintivamente um poste reto, vertical (...) mas seria simplificar demais. No contexto mítico, é melhor não pensar no eixo em termos analíticos, em uma linha de cada vez, mas considerá-lo no marco de referência ao qual está ligado como um todo. (...) Da mesma maneira que o raio lembra automaticamente o círculo, o eixo, da mesma maneira, deve invocar os dois grandes círculos determinantes na superfície da esfera, os coluros equinocial e solsticial.

Esses coluros são os aros imaginários, cruzando-se no pólo Norte celeste, que ligam os dois pontos equinociais na trajetória da terra em volta do sol (isto é, o ponto em que ela se encontra nos dias 20 de março e 22 de setembro) e os dois pontos solsticiais (onde se situa nos dias 21 de junho e 21 de dezembro). A implicação é que "a

rotação do eixo polar não deve ser separada dos grandes círculos que mudam juntamente com ele. A estrutura é concebida como idêntica ao eixo".

Santillana e Von Dechend estão certos de que o que temos aqui não é uma crença, mas uma alegoria. Insistem em que a idéia de uma estrutura esférica composta de dois aros que se cortam, suspensa de um eixo, não deve, em circunstância alguma, ser entendida como a maneira como a antiga ciência concebia o cosmo. Em vez disso, deve ser considerada como um "instrumental para o pensamento", destinado a focalizar a mente de pessoas suficientemente inteligentes para decifrar o código do fato astronômico, difícil de detectar, da precessão dos equinócios.

É um instrumental para o pensamento que continua a aflorar, em numerosos disfarces, em todos os mitos do mundo antigo.

No Moinho com Escravos

Um exemplo, desta vez da América Central (que fornece, além disso, mais uma ilustração das curiosas "permutações" simbólicas entre mitos de precessão e mitos de catástrofe), foi sumariado no século XVI por Diego de Landa:

Entre a grande multidão de deuses adorados por esse povo (o maia) havia quatro conhecidos pelo nome de Bacab. Eles eram, dizem, quatro irmãos colocados por Deus, quando criou o mundo, nos seus quatro cantos para sustentar o céu e evitar que ele caísse. Dizem também que esses Bacabs fugiram quando o mundo *foi* destruído por um dilúvio.

Santillana e Von Dechend pensam que os astrônomos-sacerdotes maias não aceitavam nem por um momento a idéia simplista de que a terra era plana e que tinha quatro cantos. Em vez disso, dizem nossos autores, a imagem dos quatro Bacabs foi usada como uma alegoria

técnica, destinada a lançar luz no fenômeno da precessão dos equinócios. Os Bacabs, em resumo, representavam o sistema de coordenadas de uma era astrológica. Ou seja, representavam os coluros equinociais e solsticiais, ligando as quatro constelações nas quais o sol continuava a nascer nos equinócios da primavera e outono e nos solstícios de inverno e verão durante pouco menos de 2.000 anos.

Claro, era entendido que quando ocorriam mudanças de marcha do céu, a antiga era desmoronava e uma nova era nascia. Tudo isso, até agora, é imagística de rotina no caso das precessões. O que sobressai, no entanto, é a ligação explícita com uma catástrofe terrena - neste caso, uma inundação - à qual os Bacabs sobrevivem. Talvez seja também relevante que altos-relevos encontrados em Chichen Itza representem inconfundivelmente os Bacabs como homens barbudos e de aparência européia.

Seja o que for, a imagem dos Bacabs (ligados a certo número de referências malcompreendidas aos "quatro cantos do céu", à "terra quadrangular", e assim por diante) é apenas uma entre muitas que parecem ter sido concebidas para servir como instrumental de pensamento para entender a precessão. Arquetípica entre elas, claro, há o "moinho" do título do livro de Santillana - *Hamlet's Mill*.

Descobre-se que o personagem de Shakespeare, "do qual o poeta fez um de nós, o primeiro intelectual infeliz", esconde um passado, como ser lendário, suas feições predeterminadas, preformadas por um mito muito antigo. O Amlodhi original (ou, às vezes, Amleth), o nome que tinha na lenda islandesa, "demonstra as mesmas características de melancolia e fino intelecto. Ele também era um filho decidido a vingar o pai, um expositor de verdades crípticas, mas incontestáveis, um vetor esquivo do Destino, que saíria de cena tão logo realizada sua missão..."

Na imagística rude e vívida dos escandinavos, Amlodhi era apresentado como dono de um famoso moinho, ou azenha, que, alternadamente, moía ouro, paz e prosperidade. Em muitas das tradições, duas donzelas gigantes (Fenja e Menja) foram admitidas

para trabalhar por prazo fixo, acionando essa grande engenhoca, que não podia ser mudada do lugar por nenhuma força humana. Alguma coisa deu errado e as duas gigantes foram obrigadas a trabalhar dia e noite, sem descanso:

Para a bancada do moinho foram trazidas,
Para pôr em movimento a cinzenta mó;
Nem descanso nem paz ele lhes dava,
Atento ao rangido do moinho.
O canto delas era um uivo,
Despedaçando o silêncio
“Abaixem a tulha, aliviem as pedras!”
Mas ele as obrigava a moer ainda mais.

Rebeladas e enfurecidas, Fenja e Menja esperaram até que todos foram dormir e, em seguida, começaram a imprimir ao moinho um giro louco, até que seus grandes suportes, embora revestidos de ferro, se quebraram em dois. Imediatamente depois, em um episódio confuso, o moinho foi roubado por um rei do mar chamado Mysinger e levado para seu navio, juntamente com as gigantes. Mysinger ordenou à dupla que voltasse a moer, mas, desta vez, sal. À meia-noite, elas lhe perguntaram se ele não estava cansado de tanto sal. Ele lhes ordenou que voltassem a moer. Elas continuaram a trabalhar, mas, pouco tempo depois, quando afundou o navio:

Os enormes suportes soltaram-se da tulha,
Os rebites de ferro quebraram-se com estrondo,
A árvore do eixo tremeu,
E a tulha mergulhou no mar.

Ao chegar ao fundo do mar, o moinho continuou a girar, mas moía rocha e areia, criando um imenso vórtice, o Maelstrom.

Essas imagens, afirmam Santillana e Von Dechend, significam a precessão dos equinócios. O eixo e os "suportes de ferro" do moinho

serviam como um sistema de coordenadas na esfera celeste e representavam o contexto de uma era do mundo. Na verdade, o contexto define uma era do mundo. Uma vez que o eixo polar e os coluros formam um todo invisível, o contexto, no todo, torna-se defeituoso se uma parte é movida. Quando isso acontece, uma nova estrela Polar, com seus apropriados coluros, tem que substituir o aparelho obsoleto.

Além do mais, o vórtice que a tudo engolia pertence à matéria habitual da fábula antiga. Ela aparece na *Odisséia* como Caribde no estreito de Messina, e repetidamente em outras culturas no oceano Índico e no Pacífico. É lá encontrada, curiosamente, como uma alta figueira, a cujos galhos o herói pode se agarrar enquanto o navio afunda, seja o Satyavrata na Índia, ou o Kae, em Tonga. (...) A repetição dos detalhes exclui livre invenção. Essas histórias devem ter pertencido à literatura cosmográfica desde a antiguidade.

O aparecimento de um sorvedouro na *Odisséi*, de Homero (que é uma compilação de mitos gregos já velhos de mais de 3.000 anos) não deveria nos surpreender, porque o grande Moinho da lenda islandesa nele aparece, também (o que acontece, além do mais, em circunstâncias conhecidas). Acontece na última noite antes da confrontação final. Ulisses, disposto a se vingar, desembarca em Ítaca e está escondido sob o encantamento mágico da deusa Atena, que o protege para que não seja reconhecido. Ulisses reza a Deus, pedindo-lhe que lhe envie um sinal encorajador, antes da grande provação:

Imediatamente, Zeus trovejou do alto do refulgente Olimpo (...) e o puro Ulisses ficou feliz. Além disso, uma mulher, uma trabalhadora do moinho, pronunciou palavras de augúrio dentro de uma casa próxima, onde ficavam os moinhos do pastor do povo. Nesses três moinhos manuais, vinte mulheres ao todo trabalhavam, fazendo, de refeições de cevada e trigo, o tutano dos ossos dos homens. Nesse momento, todas as outras dormiam, porque haviam moído sua quota de grão, mas só essa não fora repousar ainda, sendo a mais fraca de todas. Nesse instante, parou sua rainha e pronunciou a palavra: "Que os

[inimigos de Ulisses] neste dia, pela última vez, banqueteiem-se e se regozijem em seus agradáveis salões. Eles me amoleceram os joelhos com o cruel trabalho de lhe moer a refeição de cevada e que agora se sirvam da última!"

Santillana e Von Dechend argumentam que não é por acaso que a alegoria do "orbe do céu que gira como uma pedra de moinho e sempre faz alguma coisa má" também faça seu aparecimento na tradição bíblica de Sansão, "cego em Gaza, no moinho, com os escravos". Seus captores implacáveis amarram-no para que "os divirta" no templo. Em vez disso, com seus últimos restos de força, ele segura os pilares do meio da grande estrutura e provoca o desmoronamento de todo edifício, matando todos que ali estão. Como Fenja e Menja, ele também tira sua vingança.

O tema ressurge no Japão, na América Central, entre os maoris da Nova Zelândia e nos mitos da Finlândia. Neste último caso, a figura de Hamlet/Sansão é conhecida como Kullervo e o moinho tem um nome estranho: o Sampo. Como o moinho de Fenja e Menja, acaba por ser roubado e posto em um navio. E como o moinho das duas, termina reduzido a pedaços.

Acontece que a palavra "Sampo" tem suas origens na *skambha*, palavra sânscrita que significa "pilar ou mastro". E, no *Atharvaveda*, uma das peças mais antigas da literatura do norte da Índia, encontramos um hino inteiro dedicado a Skambha:

Na terra, na atmosfera de quem, no céu de quem ela se encontra, onde estão o fogo, a Lua, o Sol, o vento? (...) O Skambha sustenta o céu e a terra; o Skambha sustenta a larga atmosfera; o Skambha sustenta as seis largas direções; o Skambha penetra em toda existência.

Whimey, o tradutor (*Atharvaveda*, 10:7), comenta com certa perplexidade: "O Skambha, iluminação, escora, apoio, pilar, é estranhamente usado neste hino como contexto do universo." Ainda

assim, se compreendemos o complexo de idéias que ligam moinhos cósmicos, vórtices, árvores do mundo e assim por diante, o arcaico uso védico não deve parecer tão estranho assim. O que está sendo sugerido nesse caso, como em todas as demais alegorias, é a estrutura de uma era mundial - o mesmo mecanismo celeste que gira há mais de 2.000 anos, com o sol nascendo sempre nos mesmos quatro pontos cardeais e, em seguida, mudando lentamente essas coordenadas para quatro novas constelações, onde ficará nos próximos dois mil anos.

Esse o motivo por que o moinho sempre quebra, porque as imensas escoras sempre se soltam de uma maneira ou de outra, porque os rebites de ferro explodem, porque o tronco da árvore treme. A precessão dos equinócios merece essa imagística porque, a intervalos muito separados do tempo, ela realmente muda, ou rompe, as coordenadas estabilizadoras de toda a esfera celeste.

Desbravadores do Caminho

O notável em tudo isso é a maneira como o moinho (que continua a servir como alegoria de processos cósmicos) continua a aflorar teimosamente, mesmo nos casos em que o contexto entrou em desordem ou se perdeu. Na verdade, no argumento de Santillana e Von Dechend não importa realmente se o contexto se perde. "O mérito particular da terminologia mítica", dizem, "é que ela pode ser usada como veículo para transmitir sólidos conhecimentos, independentemente do grau de *insight* dos indivíduos que se encarregam de contar as histórias, fábulas etc." O que importa, em outras palavras, é que certa fantasia central sobreviva e continue a ser transmitida todas as vezes em que a história é contada, por mais que elas possam se afastar da linha narrativa original.

Um exemplo desse desvio (juntamente com a retenção das imagens e informações essenciais) é encontrado entre os cherokees, cujo nome para a Via Láctea (nossa galáxia) é "Lugar por onde o cão correu". Em

tempos antigos, de acordo com a tradição dos cherokees, "o povo no Sul tinha um moinho de milho", do qual farinha era repetidamente roubada. No devido tempo, os donos descobriram o larápio, um cão, "que fugiu correndo e ganindo para sua casa no Norte, com a farinha pingando da boca, enquanto ele corria, deixando atrás uma trilha branca onde hoje vemos a Via Láctea, que os cherokees até estes dias chamam de "Lugar por onde o cão correu".

Na América Central, um dos muitos mitos sobre Quetzalcoatl mostra-o desempenhando um papel decisivo na regeneração da humanidade, após o dilúvio arrasador que acabou com o Quarto Sol. Juntamente com seu companheiro de cabeça de cão, Xolotl, ele desceu ao inferno para recuperar os esqueletos das pessoas mortas no dilúvio. Consegue fazer isso depois de enganar Miclatechuhtli, o deus da morte, e os ossos são levados para um lugar chamado Tamoanchan. Aí, como se fosse milho, os ossos são moídos em uma mó, transformados em fina farinha. Sobre essa farinha moída, os deuses vertem em seguida sangue, criando dessa maneira a carne da presente era de homens.

Santillana e Von Dechend recusam-se a pensar que a presença de um personagem canino nas duas variantes acima do mito do moinho cósmico seja acidental. Lembram que Kullervo, o Hamlet finlandês, tinha também a companhia do "cão negro Musti". De igual maneira, após voltar às suas propriedades em Ítaca, Ulisses é inicialmente reconhecido pelo seu fiel cão e, como se lembrarão todos os que freqüentaram uma escola dominical, Sansão aparece ligado a raposas (300 delas, para sermos exatos), que são membros da família dos cães. Na versão dinamarquesa da saga Amleth/Hamlet, "Amleth prosseguiu em sua viagem e um lobo cruzou seu caminho no meio do bosque". Por último, mas não menos importante, em uma versão revista da história de Kullervo, de origem finlandesa, o herói (de forma muito estranha) é "enviado à Estônia para latir embaixo de uma cerca. Ele latiu durante um ano (...)".

Santillana e Von Dechend têm certeza de que toda essa "cachorrice" é intencional, outra peça de um código antigo, ainda não decifrado,

persistentemente digitando sua mensagem de um lugar a outro. Eles listam esses e numerosos outros símbolos caninos, entre uma série de "indicadores morfológicos", que identificaram com probabilidade de sugerir a presença, em mitos antigos, de informações científicas relativas à precessão dos equinócios. Esses indicadores podem ter possuído significados próprios ou ter sido criados para alertar a platéia-alvo de que um conjunto de dados sérios vai surgir na história que está sendo contada. Com intenção de enganar, podem ter sido também concebidos para servir como "desbravadores do caminho" - como conduítes para permitir aos iniciados seguir a trilha da informação científica de um mito a outro.

Dessa maneira, mesmo que nenhum dos conhecidos moinhos e vórtices esteja à vista, devemos talvez prestar atenção quando somos informados de que o Órion, o grande caçador do mito grego, possuía um cão. Quando ele tentou violentar a deusa virgem Ártemis, ela tirou da terra um escorpião que o matou e, também, o cão. Órion foi transportado para o céu, onde se tornou a constelação que hoje tem seu nome, sendo o cão transformado em Sírius, a estrela Canis.

Exatamente a mesma identificação de Sírius foi feita pelos antigos egípcios, que ligaram a constelação de Órion especificamente ao deus Osíris. Foi no Egito antigo, igualmente, que o caráter do fiel cão celeste recebeu seu mais completo e mais explícito refinamento mítico, sob a forma de Upuaut, uma divindade com cabeça de chacal, cujo nome significa "Desbravador de Caminhos". Se seguimos esse desbravador de caminhos ao Egito, viramos os olhos para a constelação de Órion e entramos no poderoso mito de Osíris, descobrimos que estamos envolvidos em uma teia de símbolos conhecidos.

O leitor deve lembrar-se de que o mito apresenta Osíris como vítima de uma conspiração. Os conspiradores livraram-se dele fechando-o dentro de uma caixa e jogando-a à deriva nas águas do Nilo. Neste particular, não lembra ele Utnapishtim, Noé, Coxcoxtli e todos os outros heróis do dilúvio em suas arcas (ou caixas, ou cofres) flutuando nas águas da grande inundação?

Outro elemento conhecido é a imagem clássica da precessão do mundo-árvore e/ou telhado-pilar (neste caso, combinados). O mito nos diz que Osíris, ainda preso no interior do caixão, foi levado para o mar e que deu à praia em Biblos. As ondas depositaram-no entre os ramos de uma árvore, uma tamargueira, que cresceu rapidamente e adquiriu um tamanho majestoso, fechando o caixão no interior do tronco. O rei do país, que admirava muito as tamargueiras, derruba-a e transforma a parte que contém Osíris no pilar de sustentação do telhado de seu palácio. Mais tarde, Ísis, a esposa de Osíris, tira o corpo do marido de dentro do pilar e leva-o para o Egito, onde ele renascerá. O mito de Osíris inclui também certos números decisivos. Seja por acaso ou intenção, esses números permitem acesso a uma espécie de "ciência" da precessão, conforme veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 31

Os Números de Osíris

A árqueo-astrônoma Jane B. Seller, que estudou egiptologia no Instituto Oriental, da Universidade de Chicago, passa os invernos em Portland, Maine, e os verões em Ripley Neck, um enclave do século XIX na "baixa" costa rochosa do Maine. "Nesse lugar", diz ela, "os céus noturnos podem ser tão claros como no deserto e ninguém se importa se a gente lê em voz alta, para as gaivotas, os Textos das Pirâmides..."

Sendo uma das poucas estudiosas sérias a submeter a teste a teoria proposta por Santillana e Von Dechend no *Hamlet's Mill*, Seller vem sendo elogiada por ter chamado atenção para a necessidade de usar a astronomia e, de modo especial, a precessão, para o estudo correto do Egito antigo e de sua religião. Em suas palavras: "Os arqueólogos, de modo geral, não compreendem bem a precessão e este fato lhes afeta as conclusões sobre mitos antigos, deuses antigos e alinhamentos de templos antigos. (...) Para os astrônomos, a precessão é um fato sobejamente comprovado. Os que trabalham no

campo de estudo do homem antigo têm a responsabilidade de compreendê-la."

Alega Sellers, de forma eloqüente em seu livro recente, *The Death of Gods in Ancient Egypt*, que o mito de Osíris pode ter sido deliberadamente codificado com um grupo de números-chaves, que constituem "excesso de bagagem" no que interessa à narrativa, mas que oferecem um cálculo eterno através do qual valores surpreendentemente exatos podem ser derivados para se obter o seguinte:

1. O tempo necessário para que o lento bamboleio do ciclo de precessão faça com que a posição do nascer do sol no equinócio de inverno complete uma mudança de um grau ao longo da eclíptica (em relação ao fundo estelar);
2. O tempo necessário para que o sol passe através de um segmento zodiacal completo de trinta graus;
3. O tempo necessário para que o sol passe através de dois segmentos zodiacais completos (totalizando sessenta graus);
4. O tempo necessário para ocasionar o "Grande Retorno", isto é, para que o sol mude 360 graus ao longo da eclíptica, encerrando um ciclo completo de precessão ou "Grande Ano".

Computando o Grande Retorno

Os números da precessão destacados por Sellers no mito de Osíris são 360, 72, 30 e 12. A maioria deles é encontrada em uma seção do mito que nos fornece detalhes biográficos sobre os vários personagens. Esses números foram convenientemente resumidos por E.A. Budge, ex-curador das Antiguidades Egípcias, do Museu Britânico:

A deusa Nut, esposa do deus do sol, Rá, era amada pelo deus Geb. Ao descobrir a intriga, Rá amaldiçoou a esposa e determinou que ela

não teria filho em qualquer mês do ano. Em seguida, o deus Thoth, que também amava Nut, jogou cartas com a Lua e ganhou dela cinco dias completos. Ele juntou estes aos *360 dias que, nessa ocasião, compunham o ano* [itálicos nossos]. No primeiro desses cinco dias, nasceu Osíris e, no momento de seu nascimento, uma voz foi ouvida proclamando que nascera o senhor da criação.

Em outro trecho, o mito nos informa que o ano de 360 dias consiste em "12 meses de 30 dias cada". E, de modo geral, observa Sellers, "são usadas frases que estimulam cálculos mentais simples e atenção aos números".

Até agora, fornecemos ao leitor três dos números de Sellers referentes à precessão: 360, 12 e 30. O quarto número, que aparece mais tarde no texto, é de longe o mais importante. Conforme vimos no Capítulo 9, a divindade perversa chamada Set liderou um grupo de conspiradores na trama para matar Osíris. Eram 72 os conspiradores.

Com este último número, sugere Sellers, estamos em condições de dar o *boot* e pôr para rodar um antigo programa de computador:

12 = número das constelações do zodíaco;

30 = número de graus destinados, ao longo da eclíptica, a cada constelação zodiacal;

72 = número de anos necessários para que o sol equinocial complete uma mudança de precessão de um grau ao longo da eclíptica;

$72 \times 30 = 2.160$ (número de anos necessários para que o sol complete uma passagem de 30 graus ao longo da eclíptica, isto é, passe inteiramente por qualquer uma das 12 constelações do zodíaco);

2.160×12 (ou 360×72) = 25.920 (número de anos em um ciclo completo de precessão, o "Grande Ano", e, dessa maneira, o número total de anos necessários para produzir o "Grande Retorno").

Emergem também outros números e combinações de números, como, por exemplo:

36, o número de anos necessários para que o sol equinocial complete uma mudança de precessão, de metade de grau, ao longo da eclíptica; 4.320, número de anos necessários para que o sol equinocial complete uma mudança de precessão de 60 graus (isto é, duas constelações zodiacais).

Estes, acredita Sellers, constituem os componentes básicos de um código de precessão, que reaparece sempre, com uma estranha persistência, em mitos antigos e na arquitetura sagrada. Em comum com grande parte da numerologia esotérica, trata-se de um código que permite que se mude à vontade casas decimais para a esquerda ou a direita e que use quase todas as combinações, permutações, multiplicações, divisões e frações concebíveis dos números essenciais (todos os quais se relacionam precisamente com a taxa de precessão dos equinócios).

No código, o principal número é o 72. A ele é freqüentemente adicionado o número 36, obtendo-se 108, e é permissível multiplicar 108 por 100 para obter 10.800, ou dividi-lo por dois para obter 54, que poderá ser em seguida multiplicado por 10 e expressado como 540 (ou como 54.000, 540.000, 5.400.000, e assim por diante). De alta significação é também o número 2.160 (o número de anos necessário para que o ponto equinocial percorra uma constelação zodiacal), que é às vezes multiplicado por 10 e por fatores de dez (obtendo-se 216.000, 2.160.000, e assim por diante) e, ocasionalmente, por 2 para produzir 4.320, ou 43.200, 432.000, ou 4.320.000, *ad infinitum*.

Melhor do que Hiparco

Se Sellers está correta em sua hipótese, de que o cálculo necessário para gerar esses números foi deliberadamente codificado no mito de Osíris, a fim de fornecer informações aos iniciados, encontramos uma anomalia intrigante. Se eles se referem realmente à precessão, esses números estão deslocados no tempo. A ciência que contêm é

avançada demais para que tenham sido calculados por qualquer civilização conhecida da antiguidade.

Não devemos esquecer que eles aparecem em um mito contemporâneo do próprio aparecimento da linguagem escrita no Egito (na verdade, elementos da história de Osíris são encontrados nos Textos da Pirâmide, que datam de cerca de 2450 a.C., em um contexto que sugere que eram extremamente antigos mesmo nessa época). Hiparco, o indigitado descobridor da precessão, viveu no século II a.C. Ele propôs um valor de 45 ou 46 segundos de arco para um ano do movimento de precessão. Esses números produzem uma mudança de um grau em 80 anos ao longo da eclíptica (a 45 segundos de arco por ano) e em 78,26 anos (a 46 segundos de arco por ano). O número exato, calculado pela ciência de nosso século, é de 71,6 anos. Se a teoria de Sellers está correta, portanto, os "números de Osíris", que fornecem um valor de 72 anos, são significativamente mais exatos do que os encontrados por Hiparco. Na verdade, dentro dos limites óbvios impostos pela estrutura de narrativa, é difícil entender como o número 72 poderia ter sido melhorado, mesmo que um número mais exato tivesse sido conhecido dos antigos criadores de mitos. Dificilmente podemos inserir 71,6 conspiradores em uma história, ao passo que 72 se encaixam perfeitamente.

Trabalhando com esse número arredondado, o mito de Osíris pode gerar um valor de 2.160 anos para uma mudança na precessão através de uma casa completa do zodíaco. O número correto, de acordo com os cálculos modernos, é de 2.148 anos. Os números de Hiparco são de 2.400 e 2.347,8 anos, respectivamente. Por último, Osíris permite-nos calcular 25.920 como o número de anos requeridos para que se complete um ciclo de precessão através das 12 casas do zodíaco. Hiparco fornece-nos 28.800 ou 28.173,6 anos. O número correto, de acordo com as estimativas de hoje, é de 25.776 anos. Os cálculos de Hiparco para o Grande Retorno, portanto, estão cerca de 3.000 anos errados. Os cálculos de Osíris erram o número certo em apenas 144 anos e isso pode ter acontecido porque o contexto de

narrativa obrigou a um arredondamento do número-base, do valor correto de 71,6 para um número mais manipulável de 72.

Tudo isso, contudo, dá como certo que Sellers tenha razão em supor que os números 360, 72, 30 e 12 não entraram por acaso no mito de Osíris, mas foram nele deliberadamente inseridos por indivíduos que compreendiam - e haviam medido corretamente - a precessão.

Terá Sellers razão?

Tempos de Decadência

O mito de Osíris não é o único que contém o cálculo da precessão. Os números relevantes continuaram a aflorar sob várias formas, múltiplos e combinações, em todo o mundo antigo.

A esse respeito demos um exemplo no Capítulo 33 - o mito escandinavo dos 432.000 guerreiros que saíram do Valhalla para lutar contra "o Lobo". Um novo exame desse mito mostra que ele contém várias permutações de "números ligados à precessão".

De idêntica maneira, conforme vimos no Capítulo 24, conta-se que antigas tradições chinesas, com referências a um cataclismo universal, foram postas no papel em um grande texto que consistia exatamente de 4.320 volumes.

A vários milhares de quilômetros de distância, teria sido uma coincidência que o historiador babilônico Berossus (século III a.C.) tenha atribuído um reinado total de 432.000 anos aos reis míticos que governaram a terra da Suméria antes do dilúvio? E seria também coincidência que esse mesmo Berossus atribuísse 2.160.000 anos ao período "entre a criação e a catástrofe universal"?

Agora uma pergunta: os mitos de antigos povos ameríndios, como o maia, contêm também ou nos permitem computar números tais como 72, 2.160, 4.320 etc.? Provavelmente, jamais saberemos, graças aos conquistadores e frades fanáticos que destruíram a herança tradicional da América Central e nos deixaram com tão pouca coisa com que trabalhar. O que podemos dizer, contudo, é que os números

relevantes surgem também, em relativa profusão, no Calendário Maia de Longa Contagem. Os números necessários para calcular a precessão são encontrados nas fórmulas seguintes: 1 *Katun* = 7.200 dias; 1 *Tun* = 360 dias; 2 *Tuns* = 720 dias; 5 *Baktuns* = 720.000; 5 *Katuns* = 36.000; 6 *Katuns* = 43.200; 6 *Tuns* = 2.160 dias; 15 *Katuns* = 2.160 dias.

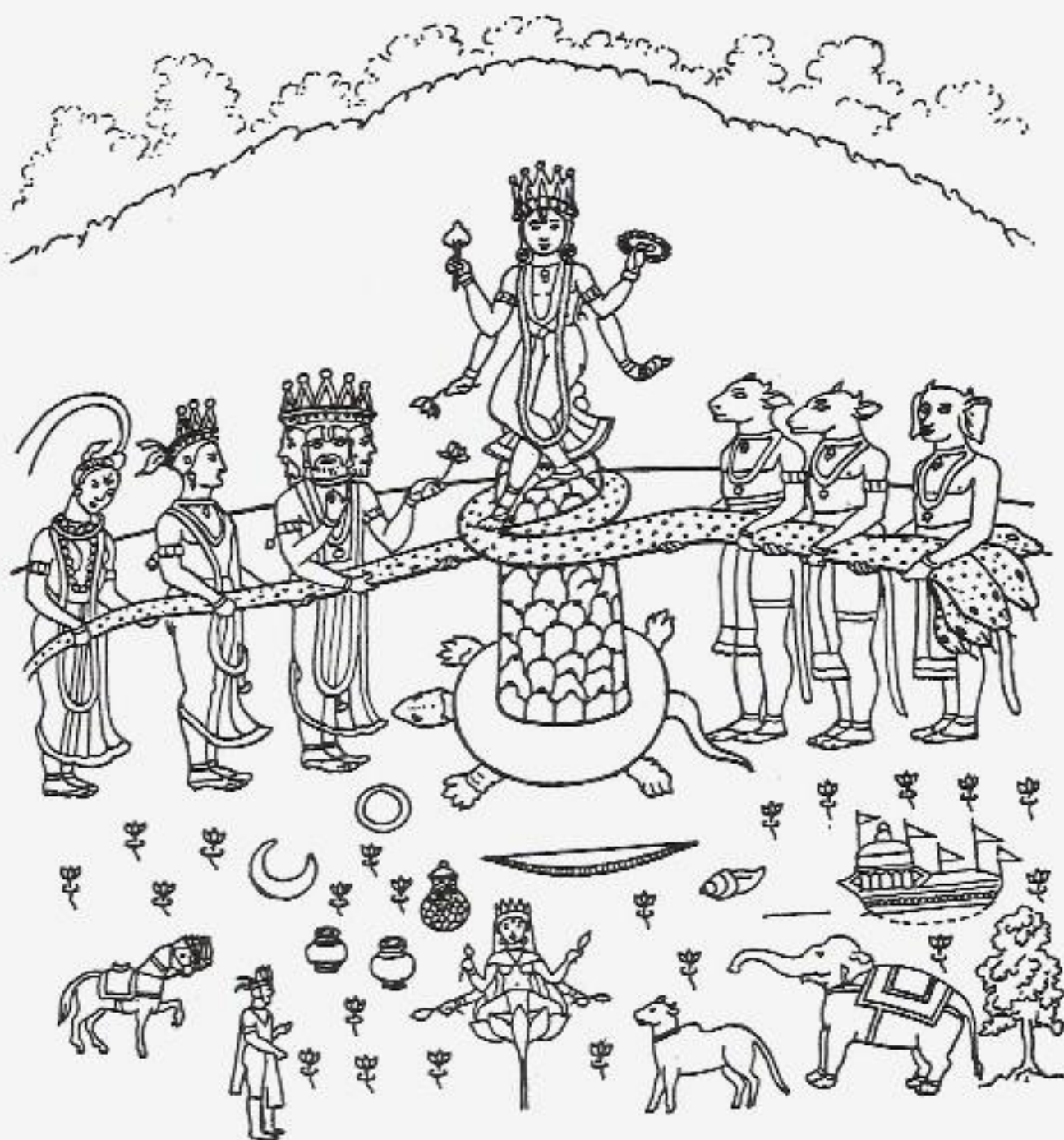
Tampouco parece que o "código" de Sellers se limite à mitologia. Nas selvas de Kampuchea, o complexo de templos de Angkor dá a impressão de que poderia ter sido construído intencionalmente como uma metáfora da precessão. O complexo, por exemplo, possui cinco portões, a cada um dos quais chega uma estrada que passa por cima do fosso, infestado de crocodilos, que cerca todo o sítio. Todas essas estradas são ladeadas por uma fileira de gigantescas figuras de pedra, 108 por avenida, 54 de cada lado (540 estátuas no total) e cada uma delas segura uma imensa serpente Naga. Além disso, como destacam Santillana e Von Dechend no *Hamlets Mill*, as figuras não "seguram" a serpente, mas são mostradas "puxando-a", o que indica que essas 540 estátuas estão "batendo o Oceano de Leite". Todo Angkor "transforma-se, dessa maneira, em um modelo colossal construído com autêntica fantasia e incongruidade hindus para expressar a idéia de precessão".

A mesma coisa talvez aconteça no famoso templo de Java, o Borobudur, com suas 72 *stupas* em forma de sino e talvez também nos megálitos de Baalbeck, no Líbano - que se considera como os maiores blocos de pedra cortada existente no mundo. Muito anteriores às estruturas romanas e gregas existentes no local, as árvores que formam a chamada "Trilithion" têm a altura de prédios de cinco andares e pesam 600 toneladas cada uma. Um quarto megálito tem quase 24m de comprimento e pesa 1.100 toneladas. Surpreendentemente, esses blocos gigantescos foram cortados, modelados com perfeição e, de alguma maneira, transportados para Baalbeck procedentes de uma pedreira situada a vários quilômetros de distância. Além disso, foram encaixados habilmente, a uma grande altura acima do nível do chão, nos muros de arrimo de um templo

magnífico. Esse templo era cercado por 54 colunas de tamanho e altura imensos.

No subcontinente da Índia (onde a constelação de Órion é conhecida como Kal-Purush, que significa Tempo-Homem), descobrimos que os números de Osíris a que se refere Sellers são transmitidos através de uma larga variedade de meios e isto de uma maneira cada vez mais difícil de atribuir ao acaso. Existem, por exemplo, 10.800 tijolos no Agnicayana, o altar do fogo indiano. O *Rigveda*, o mais antigo dos textos vedas e rico repositório de mitologia indiana, é composto de 10.800 estrofes. Cada estrofe é composta de 40 sílabas, com o resultado de que a composição, no total, consiste de 432.000 sílabas... nem mais, nem menos. No *Rigveda* 1:64 (uma estrofe típica), lemos sobre "a roda de 12 aros, na qual estão estabelecidos 720 filhos de Agni".

Na Cabala hebraica, há 72 anjos através dos quais os Sephiroth (poderes divinos) podem ser abordados ou invocados por aqueles que lhes sabem os nomes e números. A tradição Rosacruz fala de ciclos de 108 anos (72 mais 36), de acordo com os quais a fraternidade secreta manifesta sua influência. Analogamente, o número 72 e suas permutações e subdivisões são de grande importância para as sociedades secretas chinesas, como as Tríades. Um antigo ritual exige que cada candidato à iniciação pague uma taxa, incluindo "360 *cash* para 'fazer trajes', 108 *cash* 'para a bolsa', 72 *cash* 'para instrução' e 36 *cash* para decapitar o 'sujeito traiçoeiro'". O "*cash*" (a velha moeda de cobre usada em toda a China, com um buraco quadrado no centro) não está mais, claro, em circulação, embora tenham sobrevivido os números transmitidos aos pósteros desde tempos imemoriais. Assim, na moderna Cingapura, candidatos à filiação numa Tríade pagam uma jóia que é calculada de acordo com sua situação financeira, mas que deve sempre consistir de múltiplos de US\$ 1,80, US\$ 3,60, US\$ 7,20, US\$ 10,80 (e, portanto, de US\$ 18, US\$ 36, US\$ 72, US\$ 108,00, ou US\$ 360, US\$ 720, US\$ 1.080, e assim por diante).



Mexendo o Oceano de Leite, um de vários “instrumentos mentais” usados para descrever a precessão, encontrado em antigos mitos.

Entre todas as sociedades secretas, a mais misteriosa e antiga é, de longe, a Liga Hung, que estudiosos acreditam ser "a depositária da velha religião dos chineses". Em um ritual de iniciação Hung, o neófito passa por uma sessão de perguntas e respostas mais ou menos assim:

P. O que foi que você viu em seu passeio?

R. Vi dois vasos com bambu vermelho.

P. Sabe quantas plantas havia neles?

R. Em um vaso havia 36 e, no outro, 72, e juntos, 108.

P. Levou alguns para casa para usar?

R. Levei, levei para casa 108 plantas...

P. De que maneira pode provar isso?

R. Posso provar isso com um verso.

P. Como é esse verso?

R. O bambu vermelho de Cantão é raro no mundo.

Nos bosques há 36 e 72 deles.

Quem é no mundo que conhece o significado disso?

Quando começarmos a trabalhar, saberemos o segredo.

A atmosfera de curiosidade despertada por trechos como esse é acentuada pelo componamento reticente da própria Liga Hung, uma organização que lembra a Ordem dos Templários, uma organização medieval (e os graus mais altos da moderna maçonaria), de muitas maneiras que não cabe no escopo deste livro descrever. É curioso ainda que o caractere chinês *hung*, composto de *água* e *muitas*, significa *inundação*, isto é, o Dilúvio.

Finalmente, voltando à Índia, vale a pena estudar o conteúdo das escrituras sagradas conhecidas como *Puranas*. Falam elas de "quatro

eras da terra, denominadas Yugas, que, juntas, se estenderiam por 12.000 "anos divinos". As respectivas durações dessas épocas, em "anos divinos", são Krita Yuga = 4.800; Treta Yuga = 3.600; Davpara Yuga = 2.400 e Kali Yuga = 1.200 anos.

Os *Puranas* ainda nos dizem que "um ano dos mortais é igual a um dia dos deuses". Além do mais, e exatamente como no mito de Osíris, descobrimos que o número de *dias* nos anos de deuses e mortais foi estabelecido artificialmente em 360, de modo que um ano dos deuses equivale a 360 anos dos mortais.

A Kali Yuga, portanto, com 1.200 anos dos deuses, tem uma duração de 432.000 anos dos mortais. Uma Mahayuga, ou Grande Era (constituída dos 12.000 anos contidos nas quatro Yugas inferiores), equivale a 4.320.000 anos dos mortais. Mil dessas Mahayugas (que constituem um Kalpa, ou Dia de Brahma) estendem-se por 4.320.000.000 anos comuns, fornecendo, mais uma vez, os dígitos para os cálculos básicos da precessão. Separadamente, seguem-se os Manvantaras (períodos de Manu), sobre os quais as escrituras dizem que "cerca de 71 sistemas de quatro Yugas ocorrem durante cada Manvantara". O leitor deve recordar-se que um grau do movimento de precessão ao longo da eclíptica requer 71,6 anos para ser completado, número este que pode ser arredondado para baixo, "mais ou menos 71" na Índia, com tanta facilidade com que é arredondado para cima, chegando a 72 no antigo Egito.

A Kali Yuga, com uma duração de 432.000 anos dos mortais, é, por falar nisso, a era em que vivemos. "Na Era de Kali", dizem as escrituras, "a decadência aumentará, até que a raça humana se aproxime da aniquilação."

Cães, Tios e Vingança

E foi um cão que nos trouxe até estes tempos de decadência.

Chegamos aqui passando por Sírius, a estrela Canis, que se encontra ao leme da gigantesca constelação de Órion, onde ela aparece alta no céu, acima do Egito. Nessa terra, conforme vimos, Órion é Osíris, o deus da morte e da ressurreição, cujos números - talvez por acaso - são 12, 30, 72 e 360. Mas poderá o acaso explicar o fato de que esses e outros números, que fazem parte do cálculo da precessão, continuam a aflorar em mitologias originárias de regiões em todas as partes do mundo, supostamente sem nenhuma relação entre si, e em veículos duradouros como sistemas de calendário e obras de arquitetura?

Santillana e Von Dechend, Jane Sellers e um número crescente de outros pesquisadores excluem a possibilidade de acaso, argumentando que a *persistência dos detalhes* indica uma mão orientadora.

Se estão errados, precisamos encontrar outra explicação para o motivo por que esses números específicos e inter-relacionados (cuja única função óbvia consiste em servir para calcular a precessão) poderiam, por acaso, ter impregnado de maneira tão profunda a cultura humana.

Mas vamos supor que eles não *estejam* errados. Suponhamos que certa mão orientadora esteve realmente por trás das cenas.

Às vezes, quando estudamos o mundo de mito e mistério de Santillana e Von Dechend, podemos quase sentir a influência dessa mão... Vejamos o caso do cão... ou do chacal, do lobo, ou da raposa. A maneira sutil como esse misterioso canino se esgueira de um mito a outro é peculiar - deixando-nos curiosos, em seguida perplexos, mas sempre nos puxando para a frente.

Na verdade, foi essa isca que seguimos desde o Moinho de Amlodhi até o mito de Osíris, no Egito. Ao longo do caminho, de acordo com a intenção de antigos sábios (se Sellers, Santillana e Von Dechend têm razão), fomos inicialmente encorajados a formar uma clara imagem mental da esfera celeste. Em seguida, eles nos forneceram um modelo mecanicista, de modo a que pudéssemos visualizar as

grandes mudanças que a precessão dos equinócios introduz periodicamente em todas as coordenadas da esfera. Finalmente, depois de permitir que Sírius abrisse os caminhos para nós, eles nos deram os números para calcular a precessão com relativa exatidão.

Sírius, porém, em seu posto eterno ao leme de Órion, não é o único personagem canino em volta de Osíris. Vimos no Capítulo 11 que Ísis (simultaneamente esposa e irmã de Osíris) procurou o cadáver do marido assassinado por Set (que, incidentalmente, era também seu irmão e de Osíris). Na busca, de acordo com a tradição antiga, ela foi ajudada por cães (chacais, em algumas versões). De idêntica maneira, textos mitológicos e religiosos de todos os períodos da história egípcia afirmam que o deus-chacal Anúbis cuidou do espírito de Osíris após a morte e que lhe serviu de guia no submundo. (Vinhetas remanescentes mostram Anúbis com uma aparência virtualmente idêntica à de Upuaut, o Desbravador de Caminhos.)

Finalmente, mas não de menor importância, acreditava-se que o próprio Osíris assumiu a forma de lobo quando voltou do submundo para ajudar o irmão Hórus na batalha final contra Set.

Investigando esse tipo de material, sentimos às vezes a sensação sobrenatural de que estamos sendo manipulados por uma inteligência antiga, que descobriu uma maneira de chegar até nós através das imensidões do tempo e que, por alguma razão, nos propõe para solucionar um enigma que usa a linguagem do mito.

Os caminhos entre os dois mitos muito diferentes de Osíris e o Moinho de Amlodhi (embora pareça que ambos contêm dados científicos exatos sobre a precessão dos equinócios) são mantidos abertos por outro estranho fator comum. Há relacionamentos familiares em jogo. *Amlodhi/Amlleth/Hamlet* é sempre um filho que vinga o assassinato do pai, encurralando e matando o assassino. O assassino, além disso, é sempre o irmão do pai, isto é, o tio de Hamlet.

Esse é precisamente o cenário do mito de Osíris. Ele e Seth são irmãos. Seth assassina Osíris. Hórus, filho de Osíris, vingasse do tio.

Outro desvio é que o personagem Hamlet mantém algum tipo de relacionamento incestuoso com a irmã. No caso de Kullervo, o Hamlet

finlandês, há uma cena pungente, na qual o herói, voltando para casa após longa ausência, encontra uma donzela no bosque, colhendo amoras. Deitam-se juntos. Só depois descobrem que são irmão e irmã. A moça suicida-se por afogamento. Mais tarde, com o "cão negro Musti" seguindo-o aos tornozelos, Kullervo entra na floresta e se joga contra a própria espada.

Não há suicídios no mito egípcio de Osíris, mas há incesto, entre ele e a irmã, Ísis. Dessa união nasce Hórus, o vingador.

Em vista disso, parece mais uma vez razoável perguntar: o que é que está acontecendo? Por que todas essas visíveis ligações e conexões? Por que temos essa "fieira" de mitos, aparentemente sobre assuntos diferentes, todos os quais são capazes, à sua própria maneira, de lançar luz sobre o fenômeno da precessão dos equinócios? E por que, em todos esses mitos, perpassam cães e personagens que parecem estranhamente propensos ao incesto, ao fratricídio e à vingança? E, certamente, é levar o ceticismo aos seus limites sugerir que tantos recursos literários idênticos poderiam continuar a reaparecer apenas por acaso em tantos contextos diferentes.

Se não por obra do acaso, contudo, quem foi exatamente o responsável por criar esse modelo complicado e habilmente interligado? Quem foram os autores e executores desse enigma e que motivos poderiam ter tido?

Cientistas com Algo a Dizer

Quem quer que tenham sido, não há dúvida de que foram sabidos - sabidos o suficiente para ter observado o arrastamento infinitesimal do movimento de precessão ao longo da eclíptica e calculado sua taxa com um valor extraordinariamente próximo do que é obtido pela avançada tecnologia de hoje.

Segue-se, portanto, que estamos falando de indivíduos altamente civilizados. Na verdade, estamos falando de indivíduos que merecem ser chamados de cientistas. Eles devem, além do mais, ter vivido em

uma antiguidade extremamente remota, porque podemos ter certeza de que a criação e disseminação da herança comum de mitos sobre a precessão, em ambos os lados do Atlântico, *não* ocorreu em tempos históricos. Ao contrário, a prova sugere que todos esses mitos "estavam cambaleando de velhice" quando aquilo que chamamos de história começou, há cerca de 5.000 anos.

O grande poder das histórias antigas era o seguinte: além de estarem para sempre à disposição de todos e poderem ser adaptadas sem necessidade de pagamento de direitos autorais, elas, como se fossem camaleões intelectuais, sutis e ambíguos, tinham capacidade de mudar de cor para adequar-se ao ambiente. Em ocasiões diferentes, em continentes diferentes, as histórias antigas podiam ser recontadas de uma grande variedade de maneiras, mas sempre reter seu simbolismo básico e continuar a transmitir os dados codificados sobre a precessão, que desde o início haviam sido codificados para fazer.

Mas com que fim em vista?

Conforme veremos no capítulo seguinte, os longos e lentos ciclos das precessões *não* se limitam, em suas conseqüências, a mudar o aspecto do céu. Esse fenômeno celeste, causado pelo bamboleio do eixo da terra, produz efeitos diretos sobre a própria terra. Na verdade, parece que é um dos principais correlatos do aparecimento súbito de idades de gelo e de sua retirada igualmente súbita e catastrófica.

CAPÍTULO 32

Falando para o Futuro

É compreensível que uma imensa faixa de mitos originários de todo o mundo antigo descrevam catástrofes geológicas em nítidos detalhes. A humanidade sobreviveu ao horror da última Era Glacial e a fonte mais plausível de nossas duradouras tradições de dilúvio e congelamento, vulcanismo maciço e terremotos devastadores está nas sublevações tumultuosas desencadeadas durante o grande degelo dos anos 15.000 a 8.000 a.C. A retirada final dos lençóis de

gelo e a conseqüente elevação de 90m e 120m dos níveis do mar em todo o globo ocorreram apenas alguns milhares de anos antes do início do período histórico. Por isso mesmo, não é de surpreender que todas as primeiras civilizações tenham conservado vívidas memórias dos imensos cataclismos que apavoraram seus ancestrais.

Muito mais difícil de explicar é a maneira peculiar, mas característica, como os mitos do cataclismo parecem revelar a marca inteligente de uma mão orientadora. Na verdade, o grau de convergência entre essas antigas histórias é, com freqüência, tão notável que desperta a suspeita de que todas elas devem ter sido "escritas" pelo mesmo "autor". Poderia esse autor ter alguma coisa a ver com a maravilhosa divindade, ou super-homem, mencionado em tantos mitos que estudamos acima, que apareceu imediatamente após ter sido o mundo despedaçado por uma horripilante catástrofe geológica, trazendo o consolo e as dádivas da civilização a sobreviventes chocados e desmoralizados?

Branco e barbudo, Osíris é a manifestação egípcia dessa figura universal e talvez não tenha sido um acaso que um dos primeiros atos pelos quais é lembrado no mito tenha sido a abolição do canibalismo entre os primitivos habitantes do vale do Nilo. Conta-se que Viracocha, na América do Sul, iniciou sua missão civilizadora imediatamente após uma grande inundação; Quetzalcoatl, o descobridor do milho, trouxe o benefício das colheitas, da matemática, da astronomia e de uma cultura refinada ao México, depois de o Quarto Sol ter sido apagado por um dilúvio devastador.

Poderiam esses estranhos mitos conter um registro de encontros entre tribos paleolíticas dispersas, que sobreviveram à última Era Glacial, e uma civilização avançada, ainda desconhecida que florescia na mesma época?

E poderiam os mitos ter sido tentativas de comunicação?

Uma Mensagem na Garrafa do Tempo

"Entre todas as outras invenções estupendas", observou certa vez Galileu, que mente sublime deve ter possuído aquele que concebeu como comunicar seus pensamentos mais secretos a qualquer outra pessoa, embora muito distantes no tempo ou lugar, falando com aqueles que estão nas Índias, falando com aqueles que ainda não nasceram, nem nascerão pelos próximos mil ou dez mil anos? E sem maior dificuldade do que os vários arranjos de duas dezenas de pequenos sinais no papel? Que esta seja a marca característica de todas as invenções admiráveis do homem.

Se a "mensagem sobre a precessão" identificada por estudiosos como Santillana, Von Dechend e Jane Sellers foi, na verdade, uma tentativa deliberada de comunicação por parte de alguma civilização perdida da antiguidade, por que não foi simplesmente escrita e deixada para que a encontrássemos? Não teria sido mais fácil do que codificá-la em mitos? Talvez.

Não obstante, suponhamos que qualquer mensagem que tivesse sido escrita fosse destruída ou corroída pelo tempo após muitos milhares de anos. Ou suponhamos que a língua em que foi escrita tivesse sido mais tarde inteiramente esquecida (tal como a escrita enigmática do vale do Indo, que tem sido estudada atentamente há mais de um século mas que até agora resistiu a todas as tentativas de decodificá-la). Deve ser óbvio que, nessas circunstâncias, um legado escrito para o futuro não teria absolutamente valor, porque ninguém poderia compreendê-lo.

O que procuraríamos, por conseguinte, seria uma *linguagem universal*, o tipo de linguagem que seria compreensível em qualquer sociedade tecnologicamente avançada, em qualquer época, mesmo a mil ou dez mil anos no futuro. Essas linguagens são poucas e com poucas ligações entre si, muito embora a matemática seja uma delas - e a cidade de Teothuacán talvez seja o cartão de visita de uma civilização perdida, escrita na linguagem eterna da matemática.

Dados geodésicos, relacionados com o posicionamento exato de pontos geográficos físicos e com a forma e tamanho da terra permaneceriam também válidos e reconhecíveis durante dezenas de

milhares de anos e poderiam ser expressados da forma a mais conveniente por intermédio da cartografia (ou na construção de monumentos geodésicos gigantescos, como a Grande Pirâmide do Egito, conforme veremos).

Outra "constante" em nosso sistema solar é a linguagem do tempo: os intervalos grandes, mas regulares de tempo, calibrados pelo arrastamento lentíssimo do movimento de precessão. Agora, ou dentro de dez mil anos no futuro, uma mensagem que forneça números como 72, 2.160, 4.320 ou 25.920 deve ser imediatamente inteligível para qualquer civilização que tenha desenvolvido até mesmo um modesto talento para a matemática e a capacidade de detectar e medir o bamboleio reverso quase invisível que o sol parece fazer ao longo da eclíptica, contra o fundo das estrelas fixas (um grau em 71,6 anos, 30 graus em 2.148 anos, e assim por diante).

A impressão de que existe uma correlação é reforçada por algo mais. Não tão firme nem tão definida como o número de sílabas no *Rigveda*. Não obstante, parece relevante. Através de poderosos laços estilísticos e simbolismo comum, mitos a respeito de cataclismos globais e precessão de equinócios freqüentemente se entremisturam. Uma interligação detalhada existe entre essas duas categorias de tradição, e ambas, além disso, mostram o que parecem ser as marcas reconhecíveis de uma concepção consciente. De modo muito natural, portanto, somos estimulados a descobrir se não poderá *haver* uma ligação importante entre a precessão dos equinócios e catástrofes globais.

O Moinho da Dor

Embora vários diferentes mecanismos de natureza astronômica e geológica pareçam estar envolvidos, e embora nem todos sejam inteiramente compreendidos, o fato é que o ciclo de precessão

correlaciona-se real e fortemente com o *desencadeamento e o fim das eras glaciais*.

Vários fatores desencadeantes têm de coincidir, o que é o motivo por que nem todas as mudanças de uma era astronômica para outra estão implicadas. Não obstante, é um fato aceito hoje que a precessão produz realmente um impacto sobre a glaciação e o degelo, a intervalos muito separados. O conhecimento de que isso de fato acontece só foi provado por nossa própria ciência em fins da década de 1970. Ainda assim, a prova dos mitos sugere que o mesmo nível de conhecimento pode ter sido atingido por uma civilização ainda não identificada, nas profundezas da última Era Glacial. A clara sugestão que ela queria que compreendêssemos é que os terríveis cataclismos do dilúvio, do fogo e do gelo descritos pelos mitos eram, de alguma maneira, *provocados* pelos majestosos movimentos das coordenadas celestes através do grande ciclo do zodíaco. Nas palavras de Santillana e Von Dechend, "Não era idéia estranha aos antigos que os moinhos dos deuses moíam devagar e que o resultado era geralmente dor".

Sabe-se agora que três fatores principais, que já encontramos antes, estão profundamente implicados no início e no recuo das eras glaciais (juntamente, claro, com os cataclismos de natureza diferente que se seguem a congelamentos e a degelos súbitos). Esses fatores estão ligados a variações na geometria orbital da terra. São eles:

1. A obliquidade da eclíptica (isto é, o ângulo de inclinação do eixo de rotação do planeta, que é também o ângulo entre o equador celeste e a eclíptica). Este, conforme vimos, varia em imensos períodos de tempo entre 22,1 graus (o ponto mais próximo em que o eixo chega da vertical) e 24,5 graus (o ponto mais distante em que cai em relação à vertical);
2. A excentricidade da órbita (isto é, se a trajetória elíptica da terra em volta do sol é mais ou menos alongada em qualquer dado período);
3. A precessão axial, que faz com que os quatro pontos cardeais na órbita da terra (os dois equinócios e os solstícios de inverno e verão)

se arrastem muito, muito lentamente para trás, em torno da trajetória orbital.

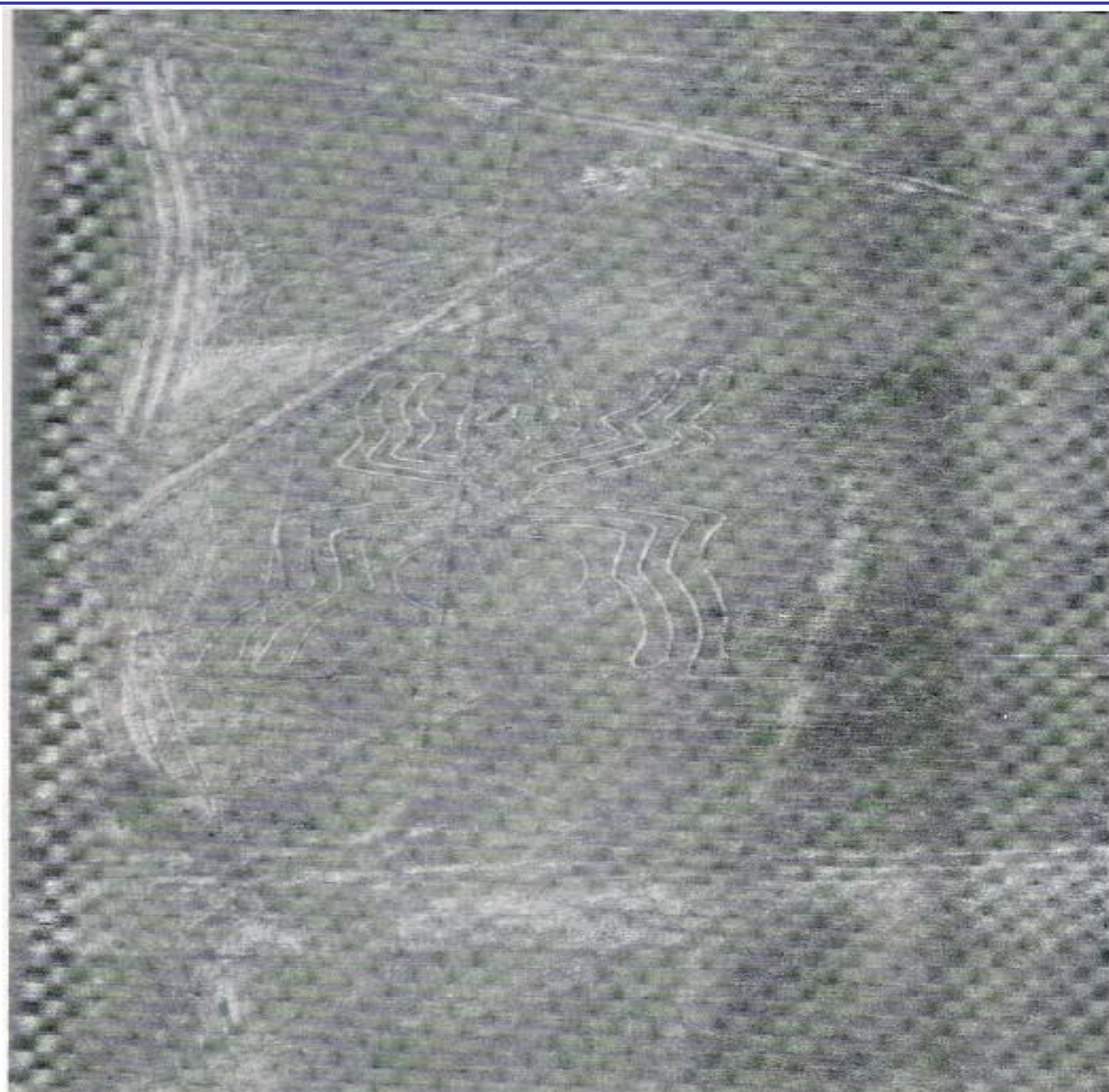
Neste particular, estamos pondo o bedelho na seara de uma disciplina científica especializada - na maior parte fora dos objetivos deste livro. Leitores interessados em informação detalhada devem consultar o trabalho multidisciplinar do Projeto CLIMAP, da US National Science Foundation, e um ensaio de grande importância de autoria dos professores J.D. Hays e John Imbrie, intitulado "Variations in me Earth's Orbit: Pacemaker of the Ice Ages".

Resumidamente, o que Hays, Imbrie e outros provaram é que o início das eras glaciais pode ser previsto quando ocorrem as seguintes desastrosas e hostis conjunções de ciclos celestes: 1) excentricidade máxima, que leva a terra para milhões de quilômetros mais longe do sol no "afélio" (a extremidade de sua órbita) do que o normal; 2) obliquidade mínima, o que significa que o eixo da terra e conseqüentemente os pólos Norte e Sul aproxima-se muito mais da vertical do que o comum; e 3) a precessão dos equinócios, que, à medida que continuam os grandes ciclos, faz finalmente com que o inverno ocorra em um hemisfério quando a terra está no "periélio" (o ponto mais próximo do sol). Isso, por seu lado, significa que o verão ocorre no afélio e é, assim, relativamente frio, de modo que o gelo depositado no inverno não consegue derreter durante o verão seguinte e ocorre uma implacável acumulação de condições glaciais. Potencializada pela geometria mutável da órbita, a "insolação global" - os volumes e intensidade diferentes de luz solar recebida em várias latitudes em qualquer dada época - pode ser um fator desencadeante importante das eras glaciais.

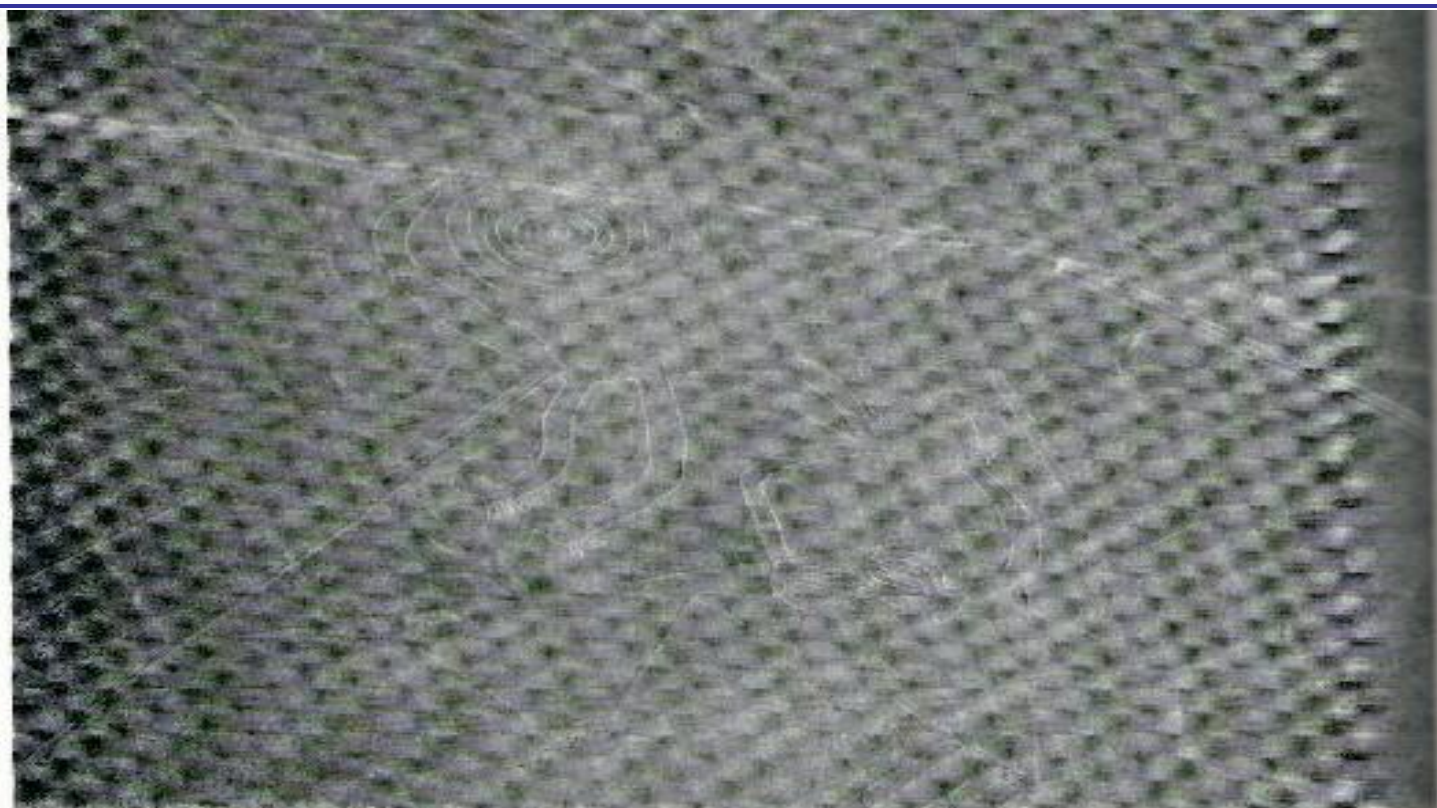
Seria possível que os antigos criadores de mitos estivessem tentando *nos avisar* do grande perigo quando, com tanto cuidado, ligaram a dor do cataclismo global ao lento trabalho de trituração do moinho do céu? A essa questão voltaremos em tempo oportuno. Entrementes, talvez seja suficiente observar que, ao identificar os efeitos significativos da geometria orbital sobre o clima e o bem-estar do planeta, e ao

combinar essa informação com medições precisas da taxa do movimento de precessão, cientistas desconhecidos de uma civilização não identificada parecem ter encontrado uma maneira de nos despertar a atenção, de lançar uma ponte entre os abismos das eras e a comunicar-se diretamente conosco.

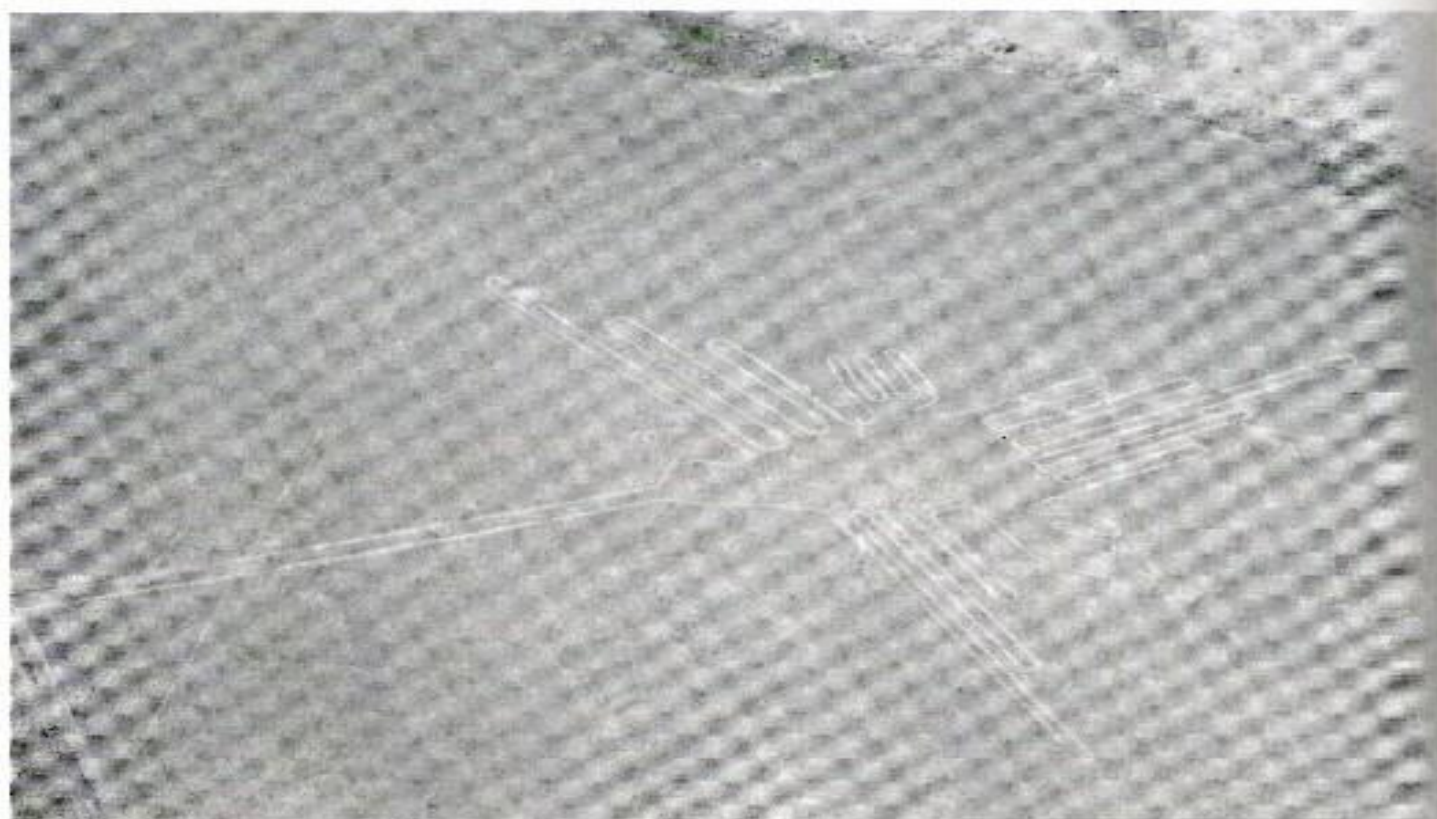
Se ou não vamos escutar o que eles têm para nos dizer cabe inteiramente, claro, a nós mesmos.



1. A aranha de Nazca, no sul do Peru. Pesquisa recente realizada pela Dra. Phillis Pitluga, astrônoma sênior do Adler Planetarium, em Chicago, demonstrou que a aranha, tal como as Grandes Pirâmides de Gizé, no Egito, foi desenhada como imagem terrestre da constelação de Órion. Seria possível que a incorporação de um “plano celeste” em monumentos antigos e misteriosos, em diferentes partes do mundo, e o destaque especial dado às três estrelas do Cinturão de Órion, representado em Nazca pela cintura estreita da aranha, pudessem ser partes de um legado científico global, transmitido por uma civilização perdida, em tempos muito remotos?

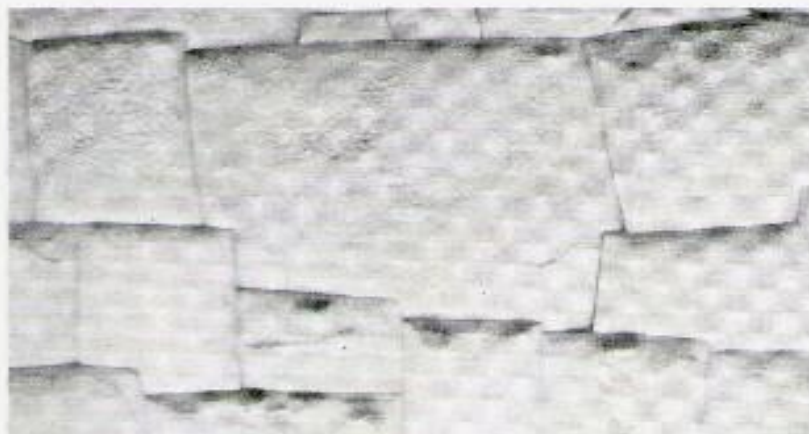


Acima: 2. O macaco de Nazca. *Abaixo:* 3. O colibri. Todas essas figuras foram desenhadas na paisagem em uma única linha contínua e são tão grandes que só podem ser vistas do ar.





Acima: 4. Vista de Machu Picchu. Alinhamentos astronômicos indicam que esse remoto sítio arqueológico pode ser muitos milhares de anos mais antigo do que a civilização inca, que supostamente o construiu. É bem possível que o sítio não tenha sido absolutamente trabalho dos incas, que meramente o ocuparam e o usaram em data muito posterior. *Abaixo:* 5 e 6. Obras de cantaria características do tipo “quebra-cabeça de armar” da área Cuzco-Machu Picchu. Mais uma vez, arqueólogos atribuem esse estilo aos incas. Ver, porém, as fotos 66, 67 e 68.





Acima: 7. O Intihuatana ("poste de amarração do sol"), em Machu Picchu.

Abaixo: 8 e 9. O autor parece um anão junto aos blocos gigantes de Sacsayhuaman, que em geral pesam tanto quanto 500 carros tamanho-família. Há indicações de que essas fortificações maciças, como também Machu Picchu, não foram construídas pelos incas, mas por mãos desconhecidas, milhares de anos antes. Compare a foto 9 com a foto 65.



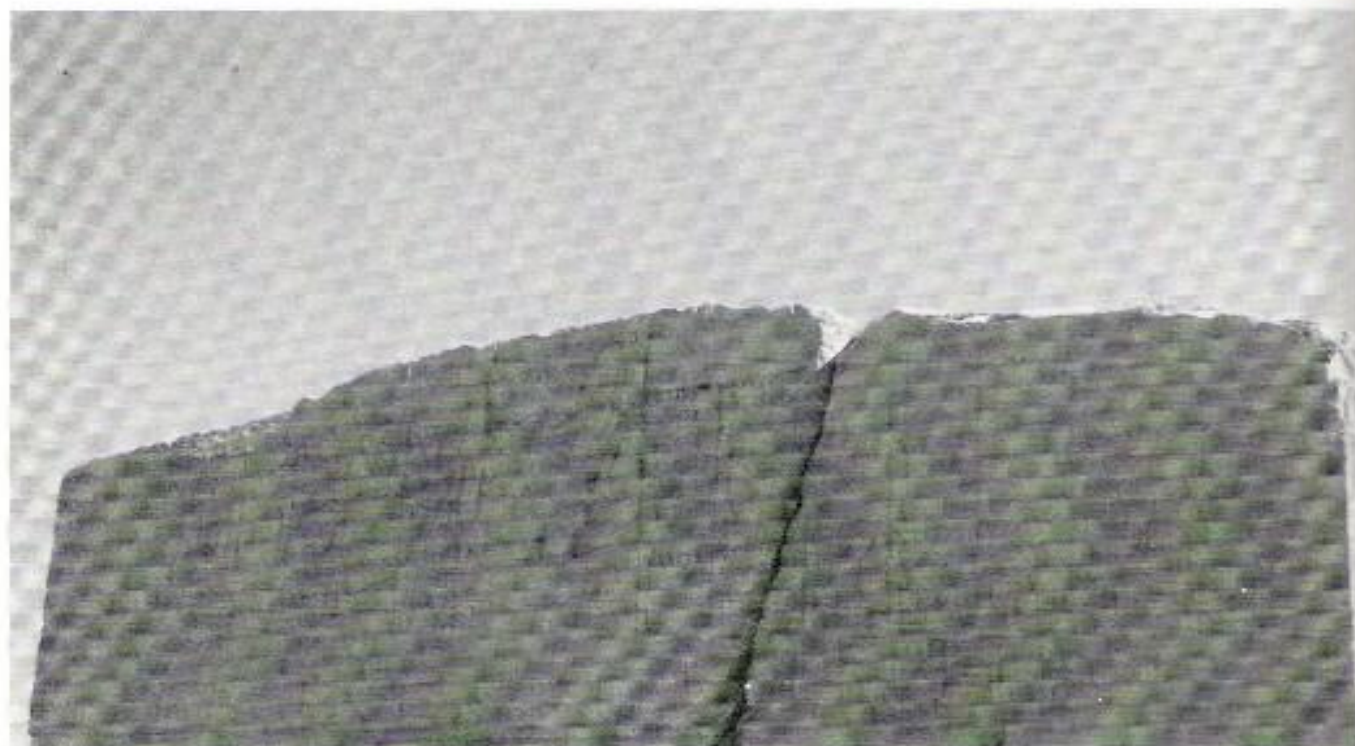


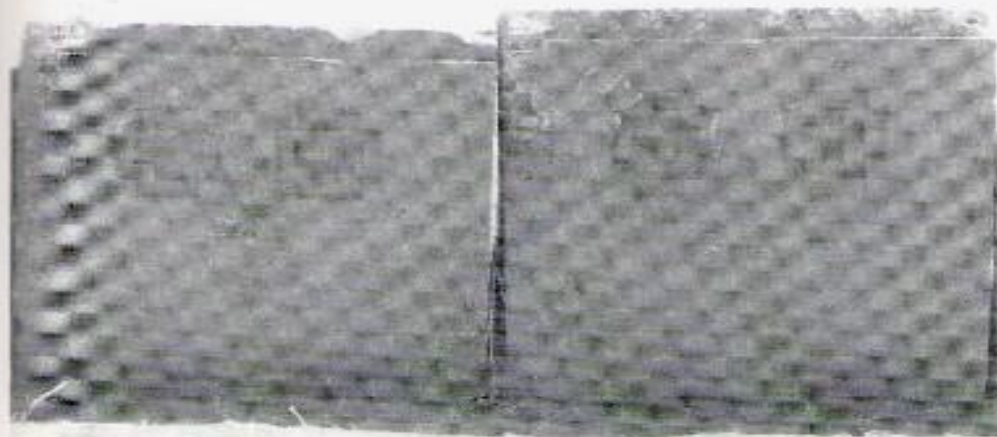
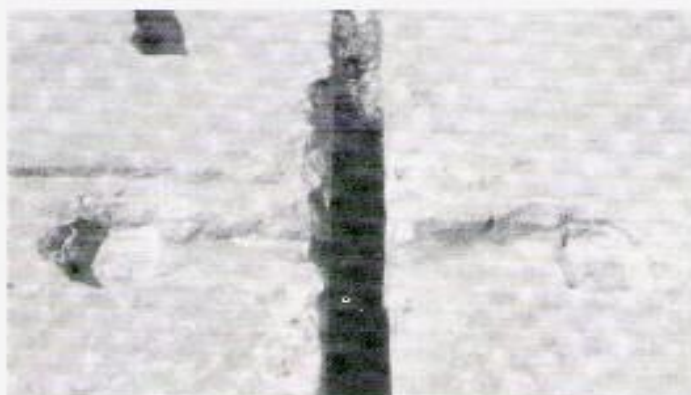
Acima: 10 e 11. Tiahuanaco, Bolívia. Os dois “ídolos” principais do Kalasasaya têm nas mãos instrumentos que não puderam ser identificados. *Abaixo:* 12. O Kalasasaya visto do norte. Cálculos astronômicos indicam que essa imensa estrutura pode ter sido erigida e alinhada com o nascer do sol no equinócio, em data tão remota quanto 15000 anos a.C.



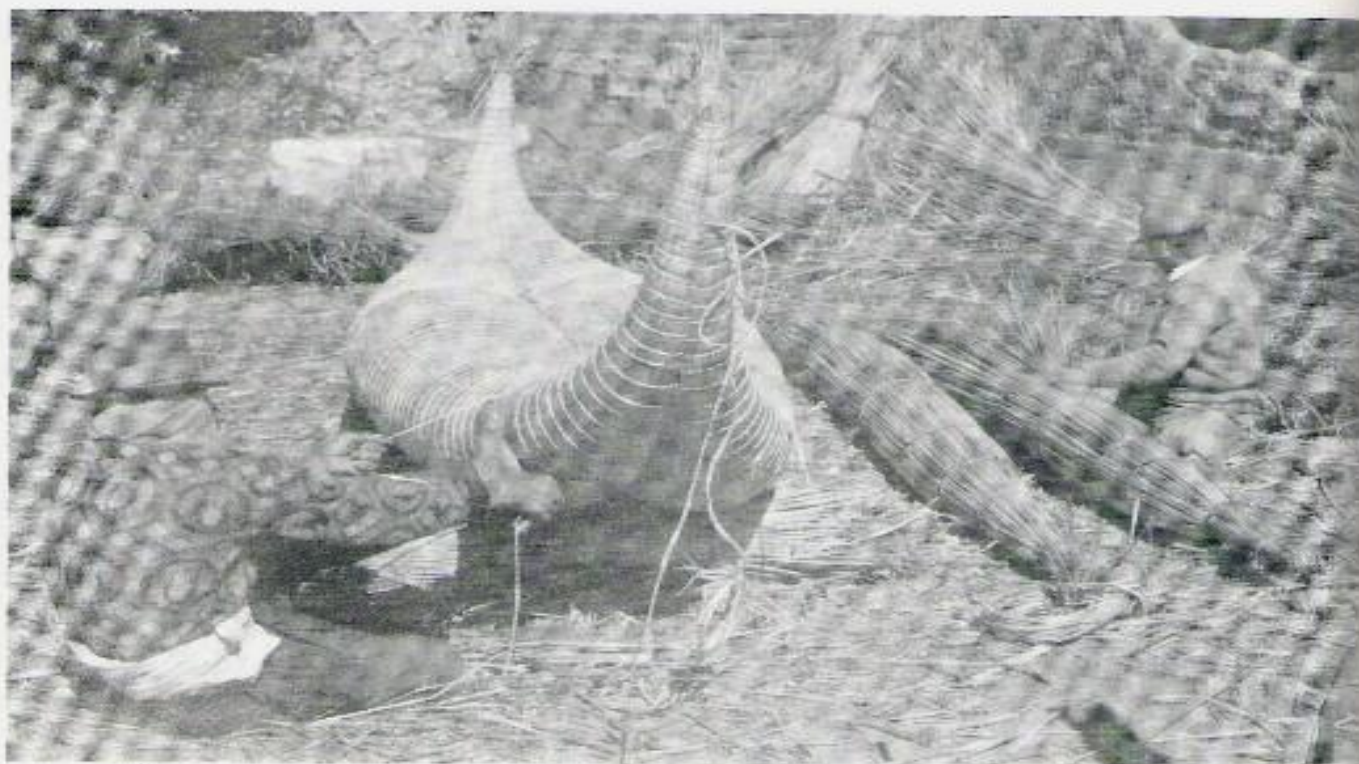


Acima: 13. Portal do Sol, em Tiahuanaco, visto do oeste. A estrutura foi talhada em uma única peça de andesita maciça e pesa mais de 10 toneladas. *Abaixo:* 14. Vários pesquisadores acreditam que a “frisa do calendário”, no lado leste do Portal, contém informações científicas avançadas.





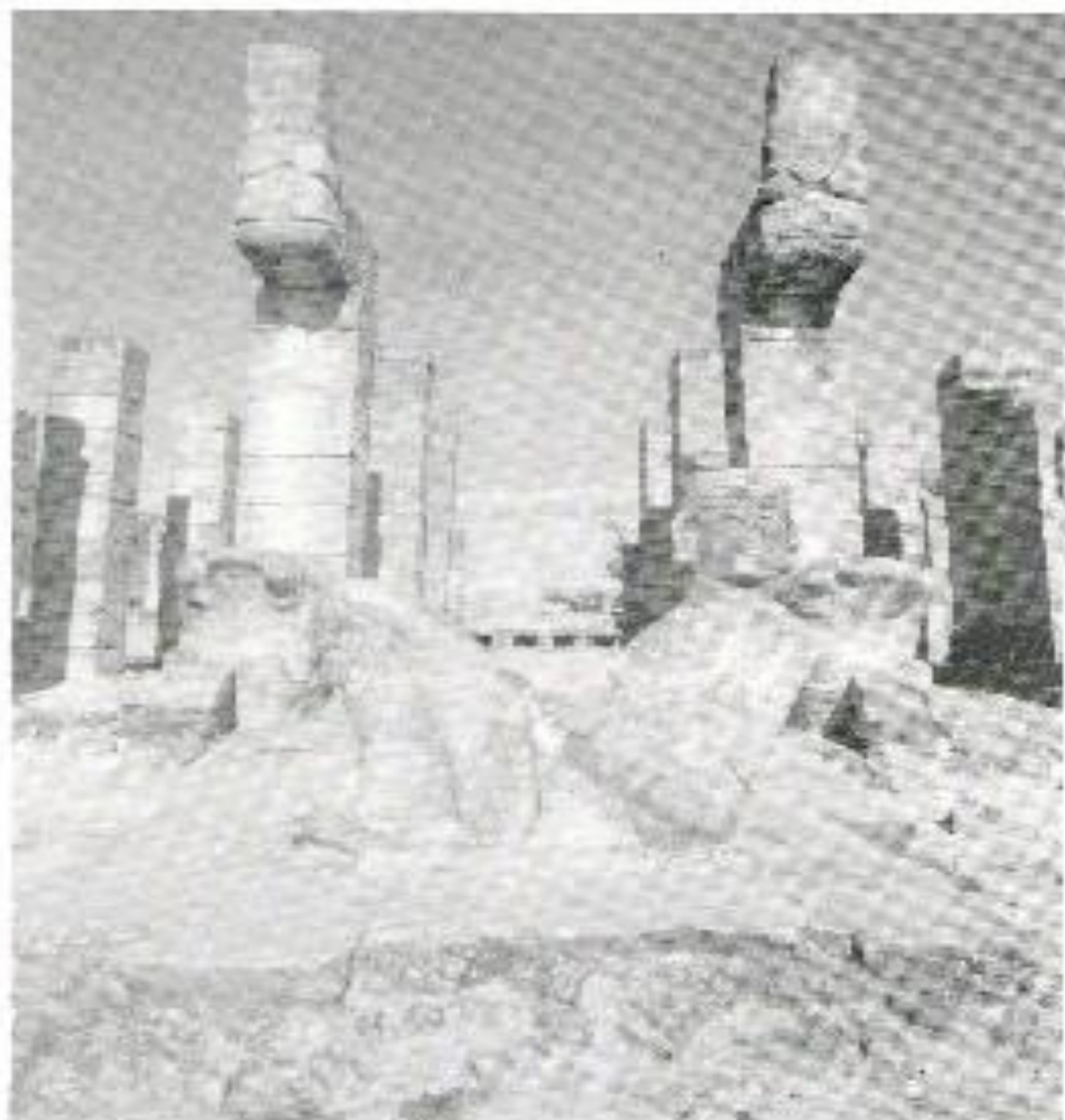
Alto, à esquerda: 15. Esse ídolo de uma figura barbuda pode ser visto no Templo Subterrâneo, em Tiahuanaco, e se presume que represente Viracocha, o herói civilizador da mitologia andina. *No alto, à direita: 16.* Estela existente em Tiahuanaco, mostrando cabeças barbudas (acima do braço direito da figura e, de lado, no cinto). Os tipos físicos mostrados neste e no pilar de Viracocha são diferentes dos nativos da região sul-americana. *Esquerda: 17.* As marcas de indentação características indicam que esses blocos foram ligados entre si por grampos de metal em forma de L. Sabe-se que essa técnica de cantaria não era usada em parte alguma na América do Sul, mas que foi empregada no antigo Egito, há mais de 4.000 anos. *Esquerda: 18.* O simbolismo da cruz esteve presente em Tiahuanaco milhares de anos antes do advento do cristianismo.



Acima: 19. Construção de um barco tradicional de caniço na ilha de Súriqui, no lago Titicaca. Barcos de desenho quase idêntico, embora em escala muito maior, foram usados no rio Nilo, Egito, na Era das Pirâmides (ver fotos 53, 54 e 55).

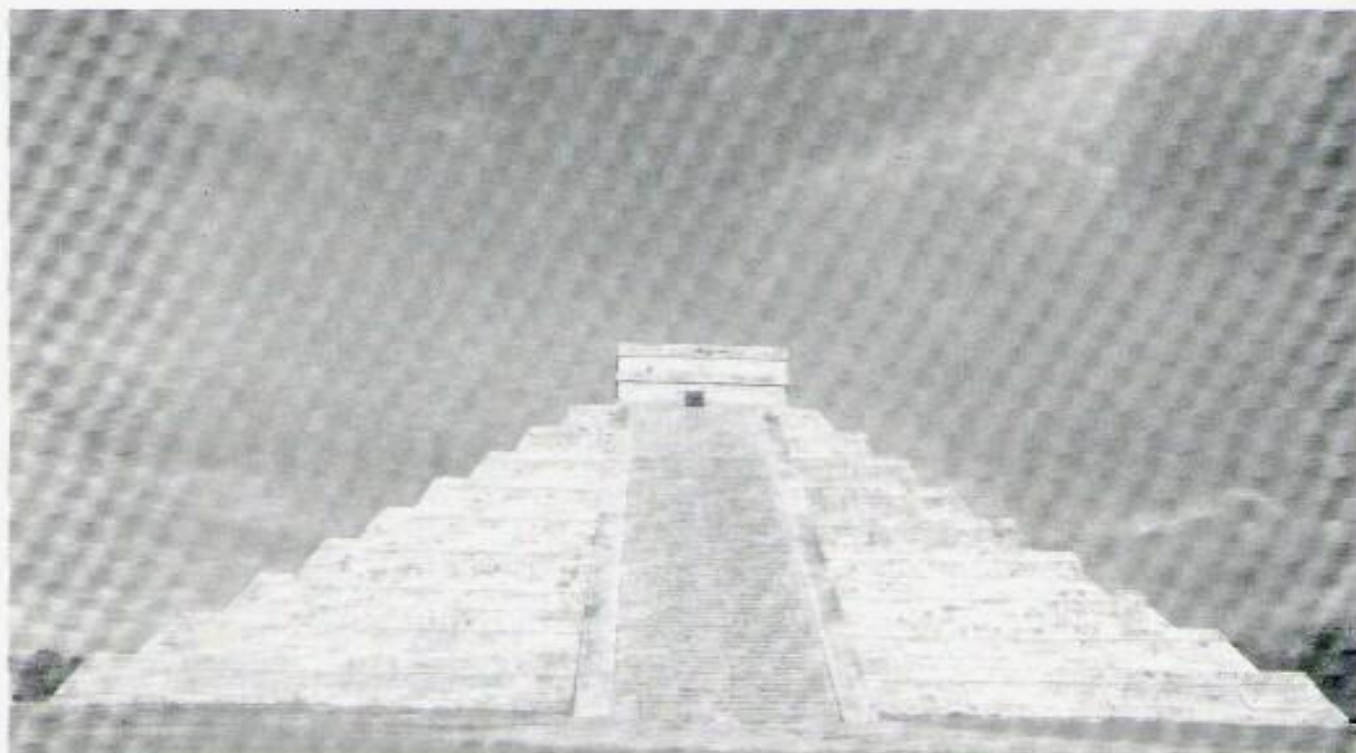
Abaixo: 20. Navegando nas águas do lago Titicaca, Tiahuanaco foi construída originariamente para servir como porto numa das praias desse vasto mar mediterrâneo. Desde então, contudo, o nível do lago caiu em mais de 30m e suas praias recuaram cerca de 20km para o norte – processo este que geólogos calculam que não poderia ter sido completado em menos de 10.000 anos.





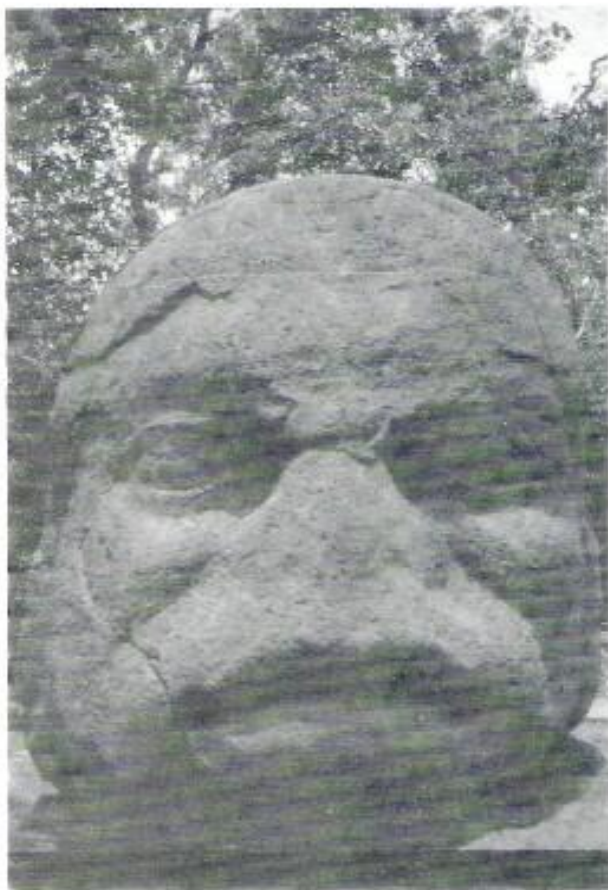
27. O templo do Uucaniob, em Chichén Itzá, México. No primeiro plano, o ídolo Cósarvotl, olhando para o oeste, a direção tradicionalmente ligada à morte. No segundo plano, nos fundos do templo, um ídolo do tipo a, que se vê sob o altar mais formal, mostrando sobre suas pernas barbas. O gesto que o ídolo segura nas mãos, de um lado o outro da barriga, era usado para receber os corpos recém-mortos das vítimas sacrificiais da vida à morte em nome dos deuses e da chegada do fim do mundo.

Templo dos Guerreiros, em Chichen Itza, Yucatán, México. No primeiro plano, o ídolo Chacmool, olhando para o oeste, a direção tradicionalmente ligada à morte. No segundo plano, nos fundos do templo, atrás do ídolo, pode ser visto o altar sacrificial, montado sobre pilares baixos. O prato que o ídolo segura nas mãos, de um lado a outro da barriga, era usado para receber os corações recém-extraídos das vítimas, sacrificadas devido à crença em que a morte delas poderia retardar a chegada do fim do mundo.

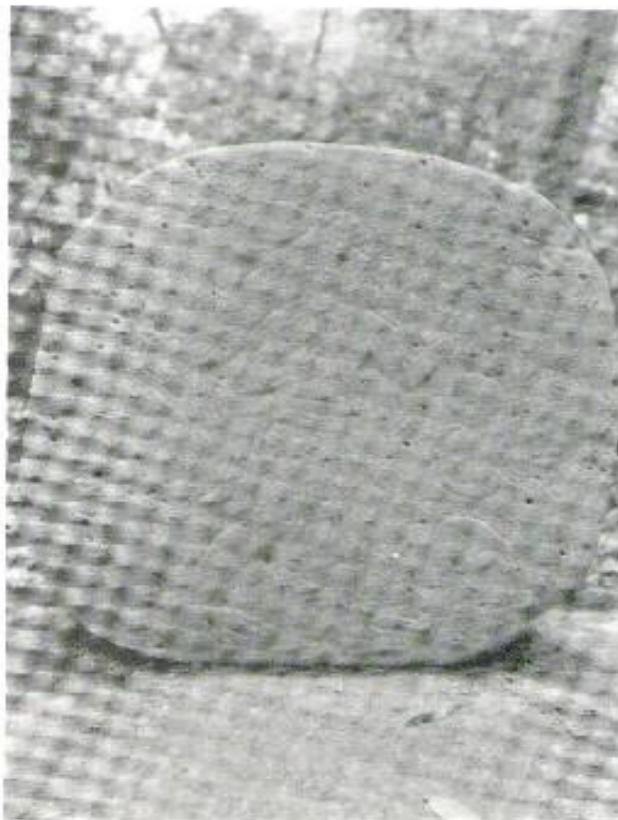
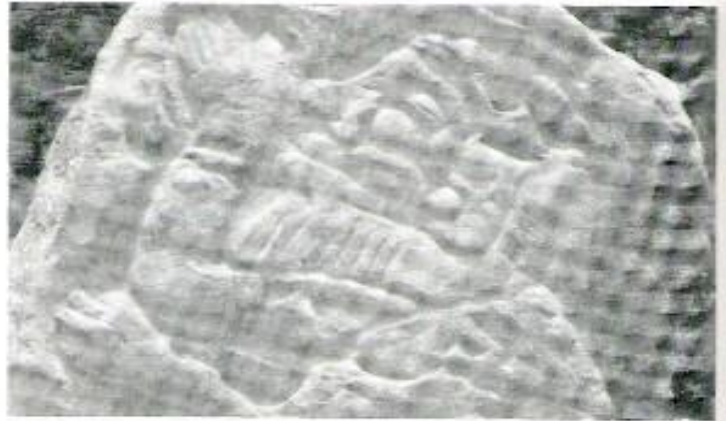


Acima: 22. Templo de Kukulkan/Quetzalcoatl, em Chichen Itza. Ciência geodésica exata foi usada para posicionar esse zigurate, de modo a fazer com que efeitos especiais de luz e sombra ocorressem, com a precisão de relógio, nos equinócios vernal e outonal. Em ambos os dias, esses efeitos continuam a criar a ilusão de uma serpente gigantesca, ondulando na escadaria norte. *Abaixo: 23 e 24.* Vista lateral e frontal do Altar do Sacrifício de Bebês, encontrado em La Venta e ligado aos olmecas – a denominada “cultura mãe” da América Central por ser a mais antiga até agora identificada. *Na página ao lado: 25, 26, 27, 28.* Várias cabeças olmecas, chegando algumas a pesar 60 toneladas, e que mostram um tipo racial estranho às Américas.





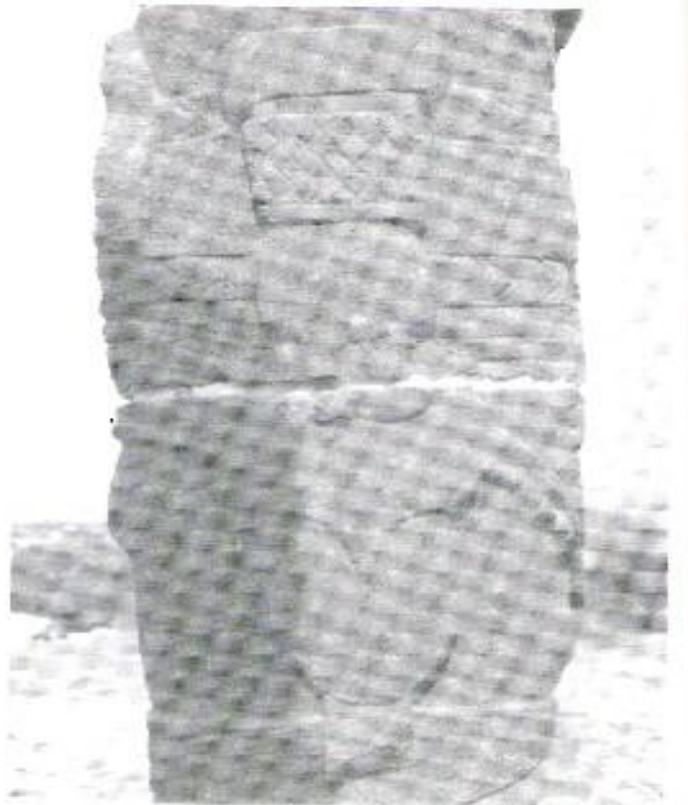
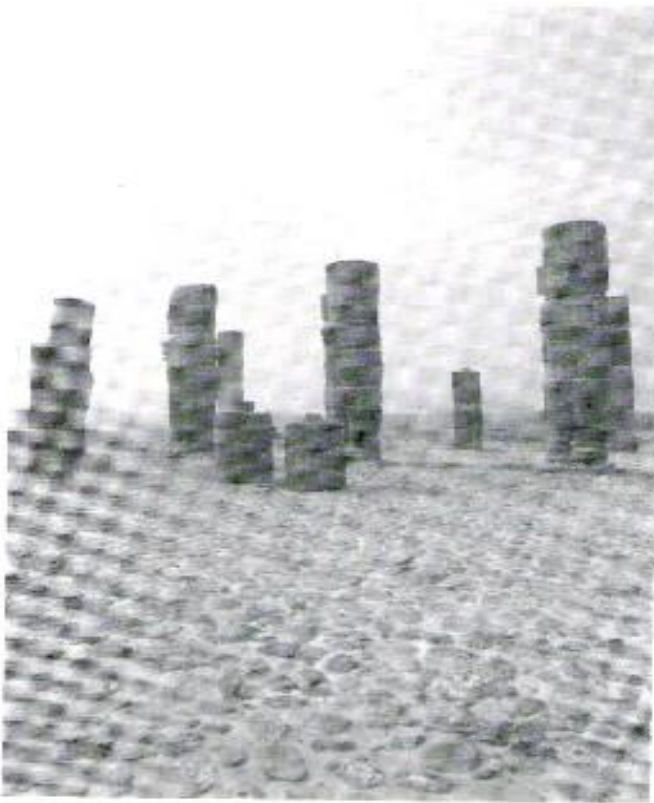
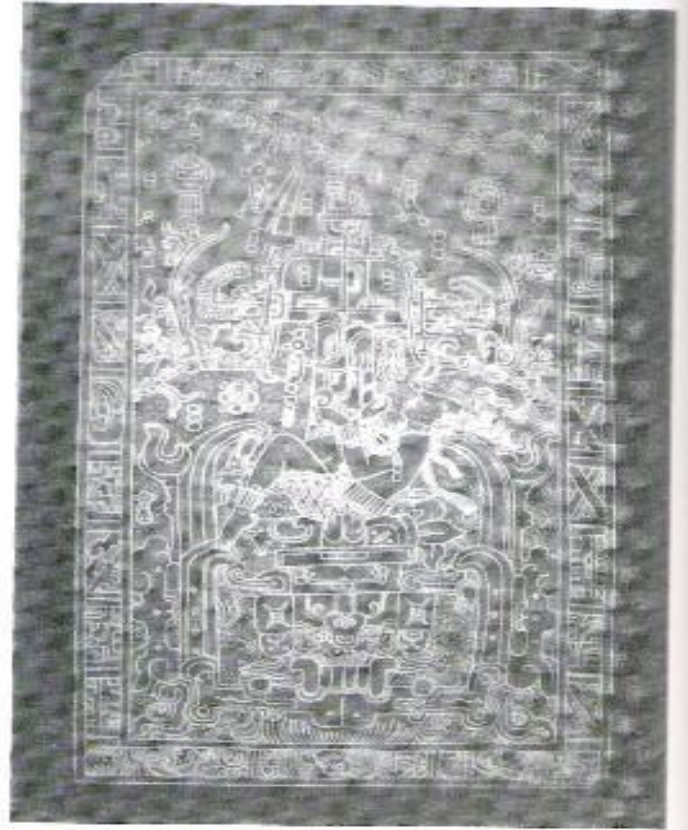
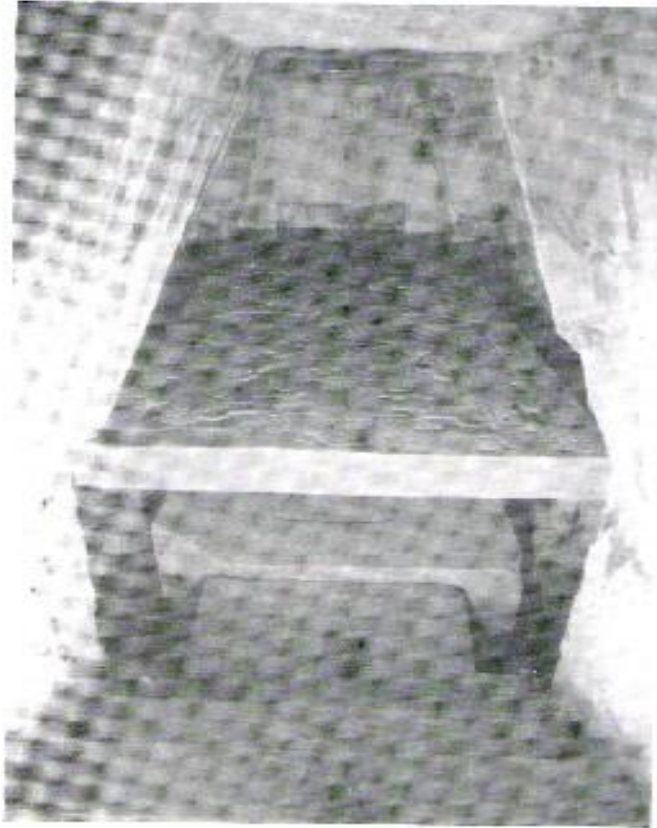
29, 30, 31, 32: Nos mesmos antigos estratos geológicos foram encontradas, juntamente com cabeças olmecas fortemente negróides, imagens como essas (em La Venta e Monte Albán) que parecem representar figuras caucasianas barbudas. Dizem as lendas que a divindade centro-americana Quetzalcoatl (tal como Viracocha, nos Andes) era alta, de pele clara e barbuda.





Acima: 33. Escultura “Homem na Serpente”, encontrada no sítio olmeca de La Venta. Notem as cruces em forma de X no toucado da figura e comparem com os crucifixos pré-cristãos e simbologia da serpente encontrados em outras regiões – como, por exemplo, em Tiahuanaco, nos Andes, e no antigo Egito. Notem também a aparência curiosamente mecânica do dispositivo “serpente emplumada”, dentro do qual o homem se encontra sentado. *Abaixo:* 34. O Templo das Inscrições, uma elegante pirâmide escalonada, no sítio arqueológico clássico maia de Palenque.





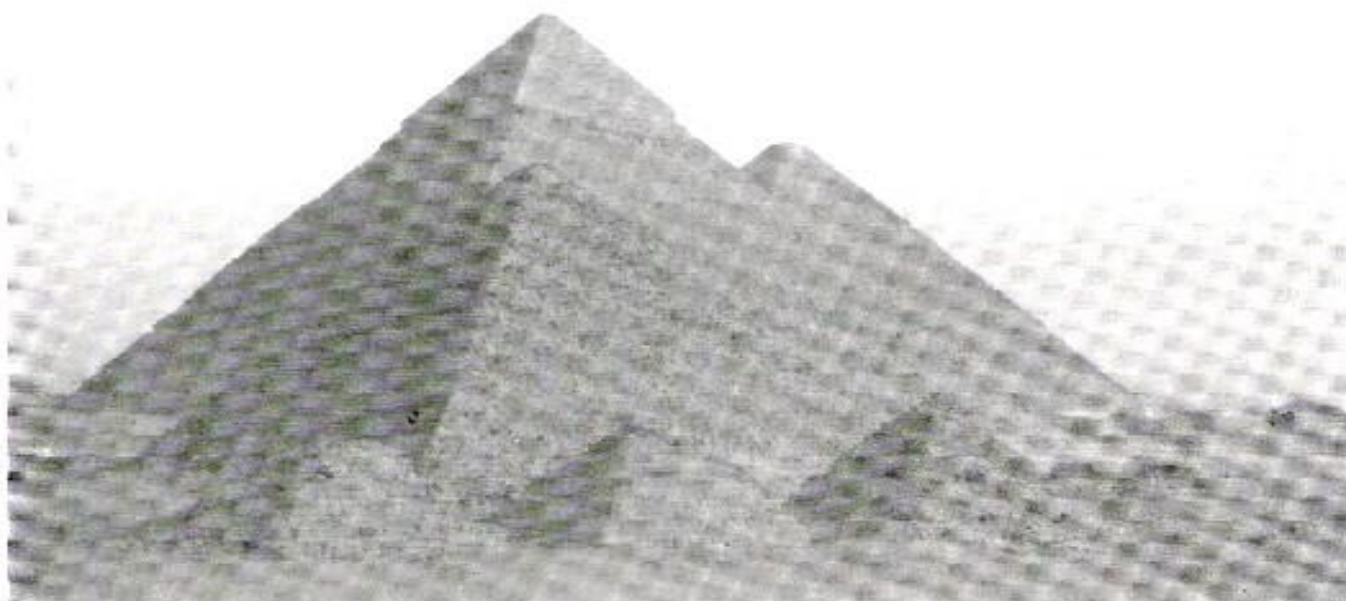


*Página anterior, no alto, à esquerda: 35. Câmara tumular no interior do Templo das Inscrições, suposto local da sepultura do Senhor Pacal, soberano de Palenque. No alto, à direita: 36. Uma parte da rampa do sarcófago revela outro dispositivo curiosamente mecânico, no qual um homem parece estar sentado em algum tipo de aparelho. Embaixo, à esquerda: 37. Grupo de ídolos na plataforma da pirâmide, em Tula, México. Embaixo, à direita: 38. Detalhe da arma na mão de um dos ídolos. Lendas centro-americanas falam em uma arma conhecida como *xiuhcoatl* (serpentes de fogo), que disparava raios causticantes capazes de perfurar e desmembrar corpos humanos. Esta página, acima: 39. Pirâmide do Mago, em Uxmal. Tradições maias afirmam que um anão, dotado de poderes sobrenaturais, ergueu toda a estrutura, de 36m de altura, em uma única noite.*

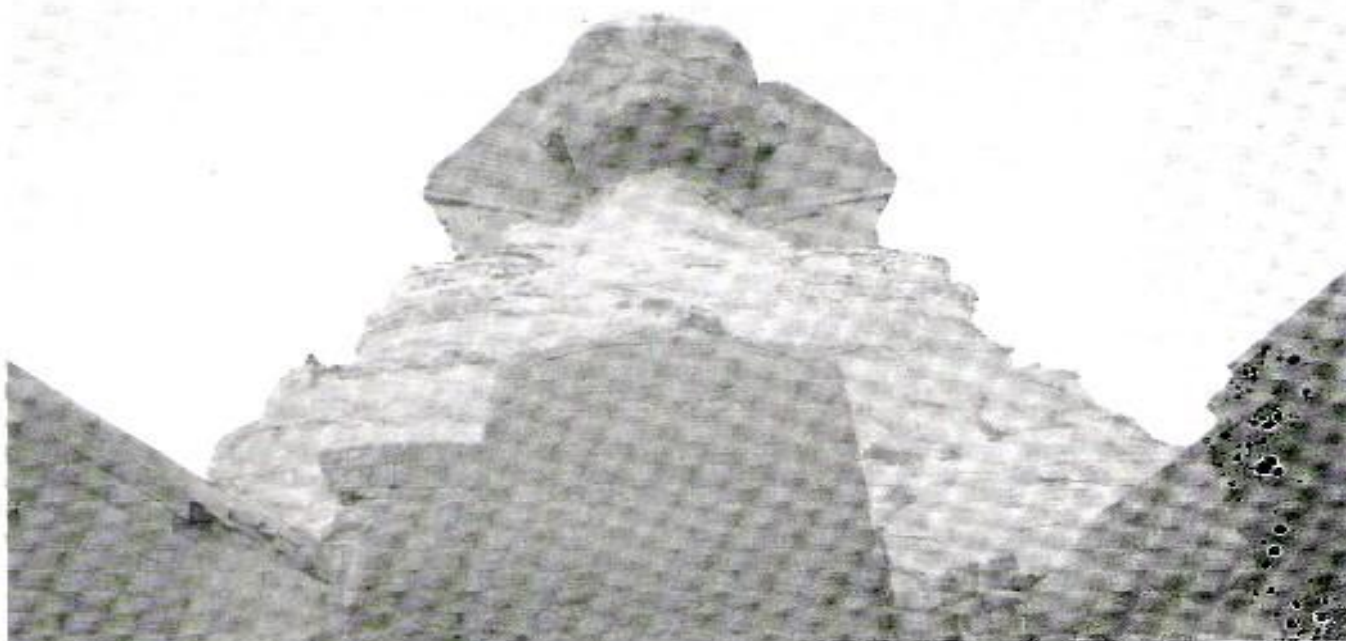


Acima: 40. Excursionistas da Cidade do México se reúnem no cume da Pirâmide da Lua, em Teotihuacan, para admirar o imenso eixo astronômicamente alinhado conhecido como Caminho dos Mortos, e que é flanqueado, a leste, pela imensa massa da Pirâmide do Sol. A cultura que fundou Teotihuacan perdeu-se na história. *Abaixo: 41.* A Pirâmide do Sol (primeiro plano) e a Pirâmide da Lua, vistas do Templo de Quetzalcoatl.





Acima: 42. Necrópole de Gizé, vista do sudoeste. Em primeiro plano (flanqueada pelas três pirâmides satélites) vemos a Pirâmide de Miquerinos, a terceira e menor das grandes pirâmides de Gizé. Atrás dela, ainda revestida de várias carreiras de pedras aparentes originais, ergue-se imponente a Pirâmide de Quéfren. Atrás dela, no fundo, pode ser visto o cumo truncado da Pirâmide de Khufu (Quéops), a Grande Pirâmide, a Sétima Maravilha do Mundo Antigo. A atribuição das três pirâmides aos faraós de três dinastias é convencional, sem apoio em prova convincente. *Abaixo:* 43. A Grande Esfinge de Gizé, olhando para o leste, na direção do amanhecer equinocial. Novas provas geológicas e arqueoastronômicas indicam que essa imensa escultura monolítica pode ser muitos milhares de anos mais antiga do que supõem atualmente os arqueólogos.

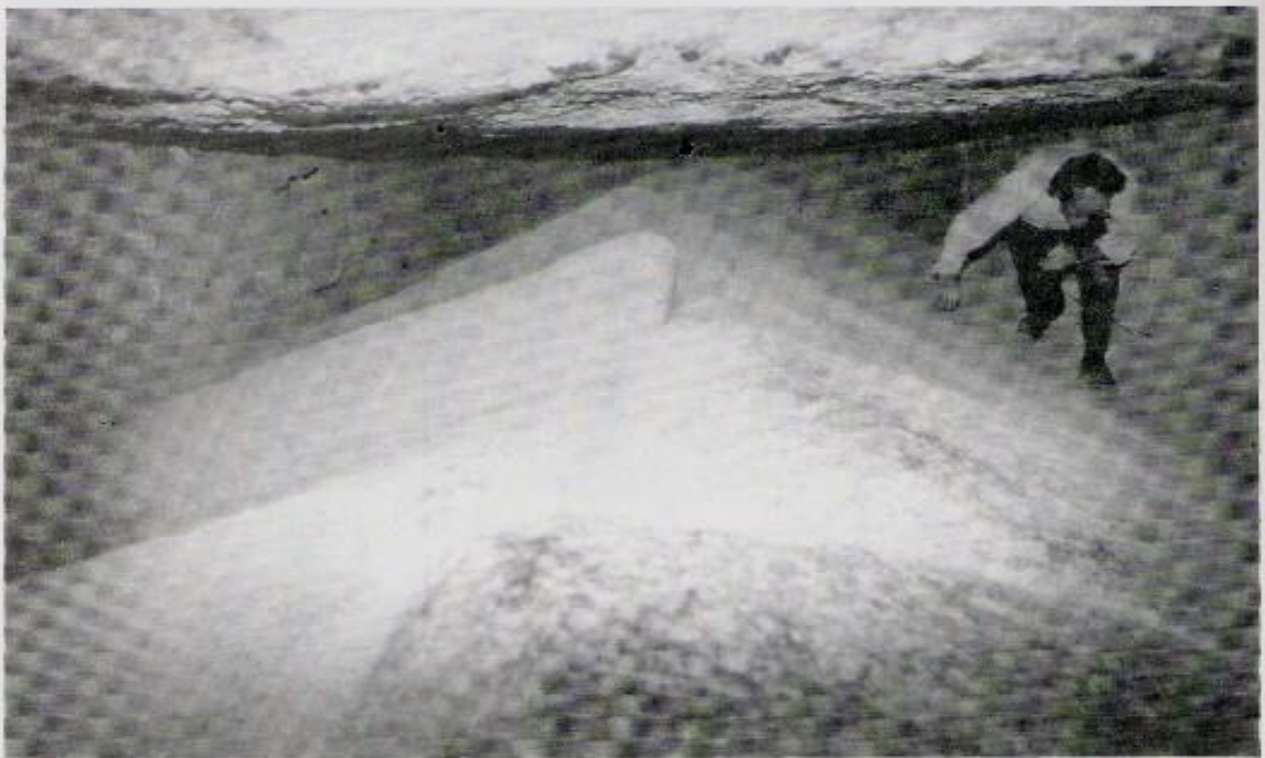




Acima: 44. O autor na Câmara do Rei, no coração da Grande Pirâmide. As paredes são compostas de 100 blocos separados, pesando em torno de 70 toneladas cada, com o teto formado por mais 9 blocos, pesando cada um deles 50 toneladas. Foi espantosa a logística necessária para construir uma câmara a 45m acima do chão. *Abaixo: 45.* O autor, dentro do sarcófago da Câmara do Rei. Cortado em uma única peça de granito maciço, o seu interior foi escavado, há mais de 4.500 anos, por perfuradoras tubulares (das quais nenhum exemplar jamais foi encontrado), que removiam o material com uma rapidez 500 vezes maior do que pode ser realizado por furadeiras modernas com ponta de diamante. *Página do lado: 46.* A Grande Galeria. Estamos olhando para baixo? Ou para cima? Medindo 45m de comprimento, por 7,80m de altura, esse túnel em modilhões tem um ângulo de inclinação de 26° e sua construção constituiu uma façanha de engenharia quase impossível.

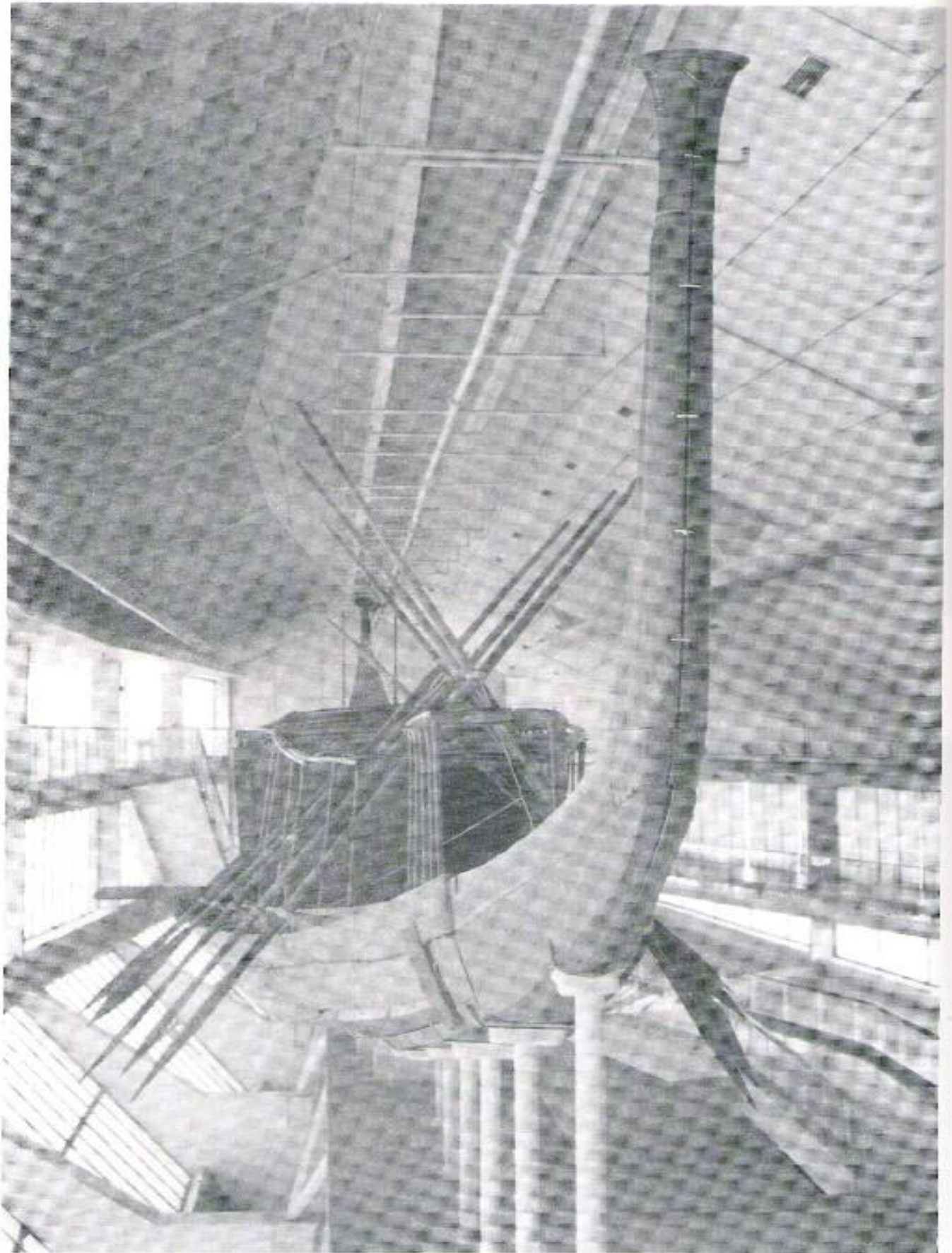


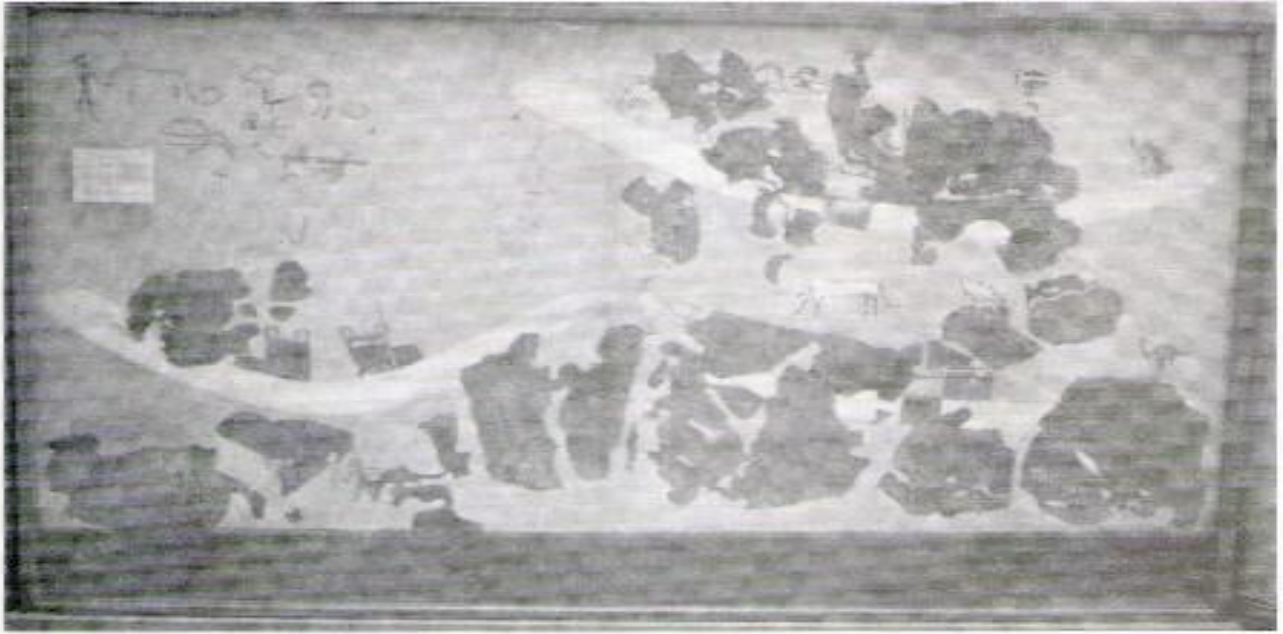




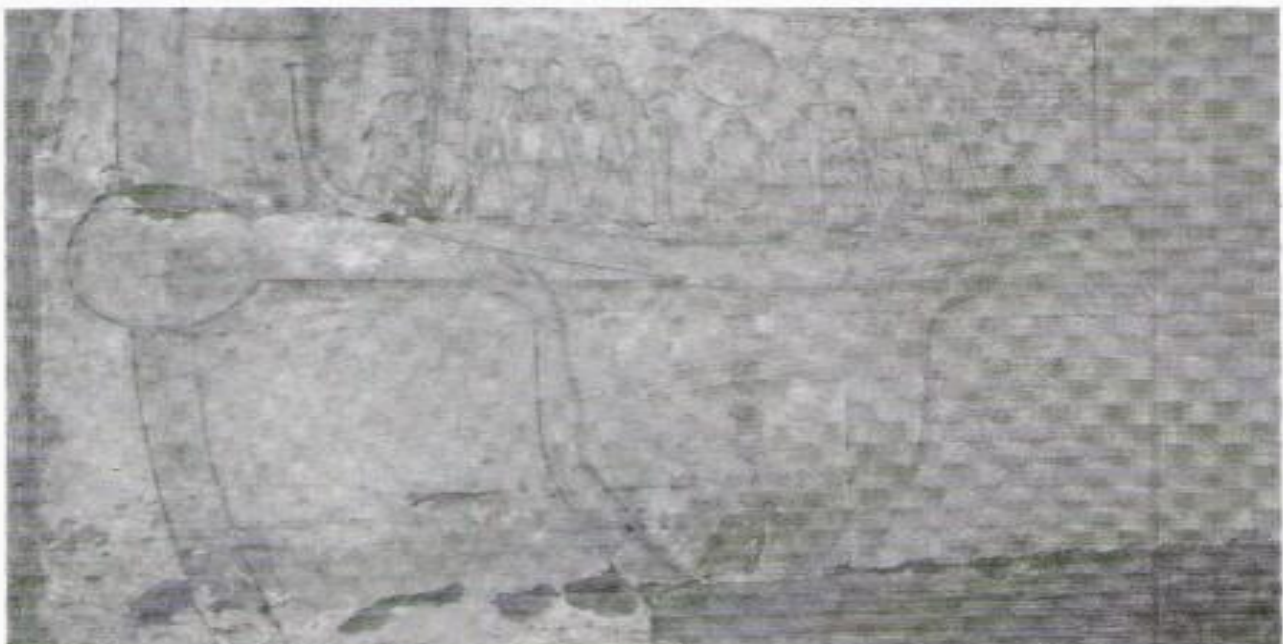
*Página anterior, no alto, à esquerda: 47. Uma vista da Câmara da Rainha, mostrando o nicho em modilhões na parede leste e a entrada para a chaminé na parede sul. Medindo cerca de 60m, essa chaminé de forte inclinação escondia uma porta tipo guilhotina, descoberta pelo robô-fotógrafo alemão *Upuaut*, em março de 1993. No alto, à direita: 48. A mais baixa das três câmaras da Pirâmide de Miquerinos. O teto, pichado por inscrições feitas em tempos modernos, consiste de 18 gigantescas lajes de granito dispostas em cumeeiras, escavadas a partir de baixo para produzir o efeito de um corredor com um teto semelhante a um barril côncavo. Abaixo: 49. O autor, acima desta última câmara, agachado no alto das cumeeiras de granito que formam seu teto característico. Não há mecanismo conhecido que pudesse ter movido e posto em posição esses imensos blocos, no espaço limitado disponível. Esta página, acima, à direita: 50. A única estátua remanescente de Quéops, o suposto construtor da Grande Pirâmide. À direita: 51. A bela estátua de Quéfren, em diorita, o suposto construtor da Segunda Pirâmide. Abaixo: 52. Câmara principal da Pirâmide de Quéfren, com inscrições feitas por Belzoni.*







Página anterior: 53. Barco aerodinâmico de 4.000 anos de idade, construído de acordo com um plano avançado de embarcação oceânica, encontrado enterrado ao lado da Grande Pirâmide. Outros barcos desse tipo, que se sabe muito mais antigos, foram encontrados recentemente, enterrados em Abidos, no Alto Egito. *Esta página, acima: 54.* A mais antiga peça conhecida de arte gráfica do Egito pré-dinástico, atualmente no Museu do Cairo, mostra toscamente um estilo semelhante de barco. *Abaixo: 55.* Esses barcos foram sempre associados aos *Neteru*, os deuses, que parecem ter trazido a civilização ao Egito nos remotos "Primeiros Tempos". Compare-se também com as fotos 19 e 20.





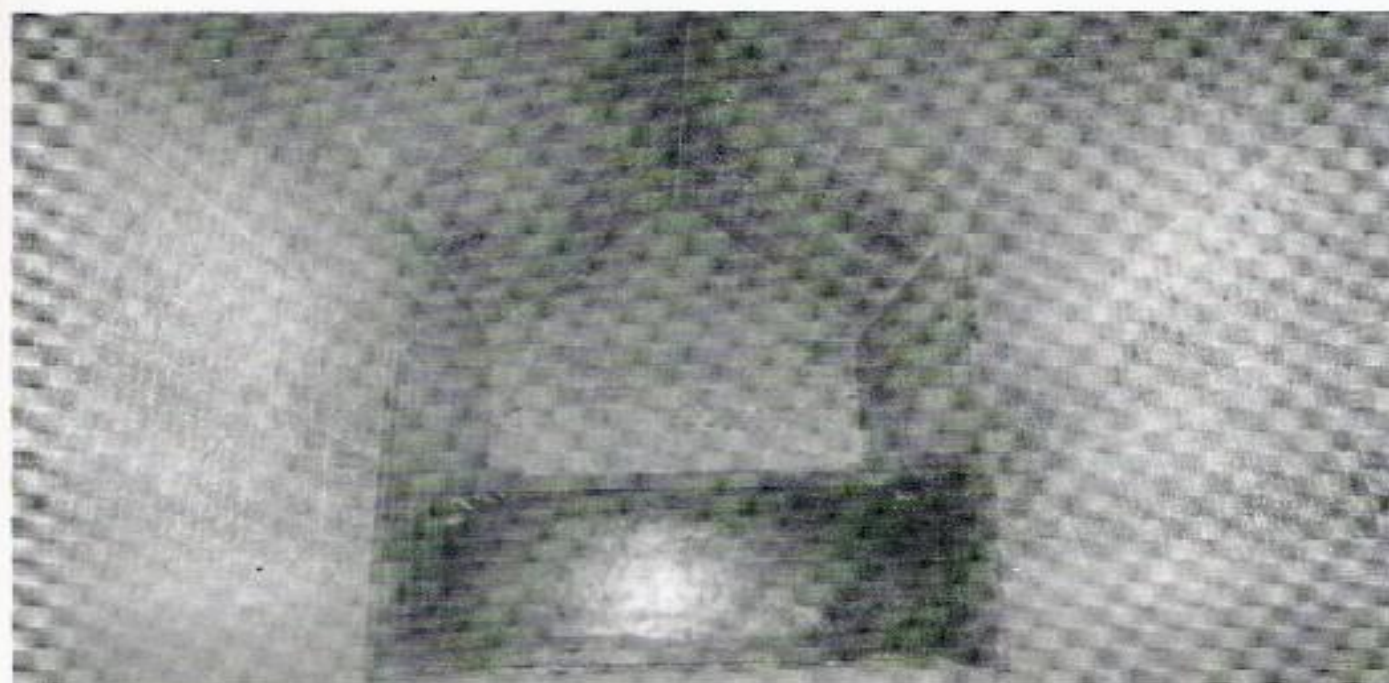
Acima: 56. A perfeição geométrica da Grande Pirâmide do Egito, de quase 150m de altura e que se supõe ter sido construída pelo faraó Quéops, da Quarta Dinastia, por volta do ano 2550 a.C. Entre outras funções, a Grande Pirâmide foi projetada para servir como modelo matemático do hemisfério norte da terra, em uma escala de 1:43.200. *Abaixo:* 57. Ruínas dilapidadas e desmoronadas, situadas nas proximidades da Pirâmide de Sahure, faraó da V Dinastia que reinou por volta do ano 2450 a.C. De que maneira explicar esse declínio espetacular nos padrões de construção e perícia de engenharia em um período que mal chegou a um século?





Acima: 58. O complexo de Pirâmides de Zoser, em Saqqara. Considerada pelos arqueólogos como a mais antiga construção maciça em pedra, jamais empreendida pela humanidade, a famosa Pirâmide Escalonada tem 60m de altura e data da Terceira Dinastia ou, aproximadamente, do ano 2650 a.C.

Abaixo: 59. A câmara funerária, revestida de hieróglifos, da Pirâmide de Unas, da Quinta Dinastia, em Saqqara, constitui o principal repositório dos misteriosos Textos da Pirâmide. O teto é decorado vividamente com estrelas.







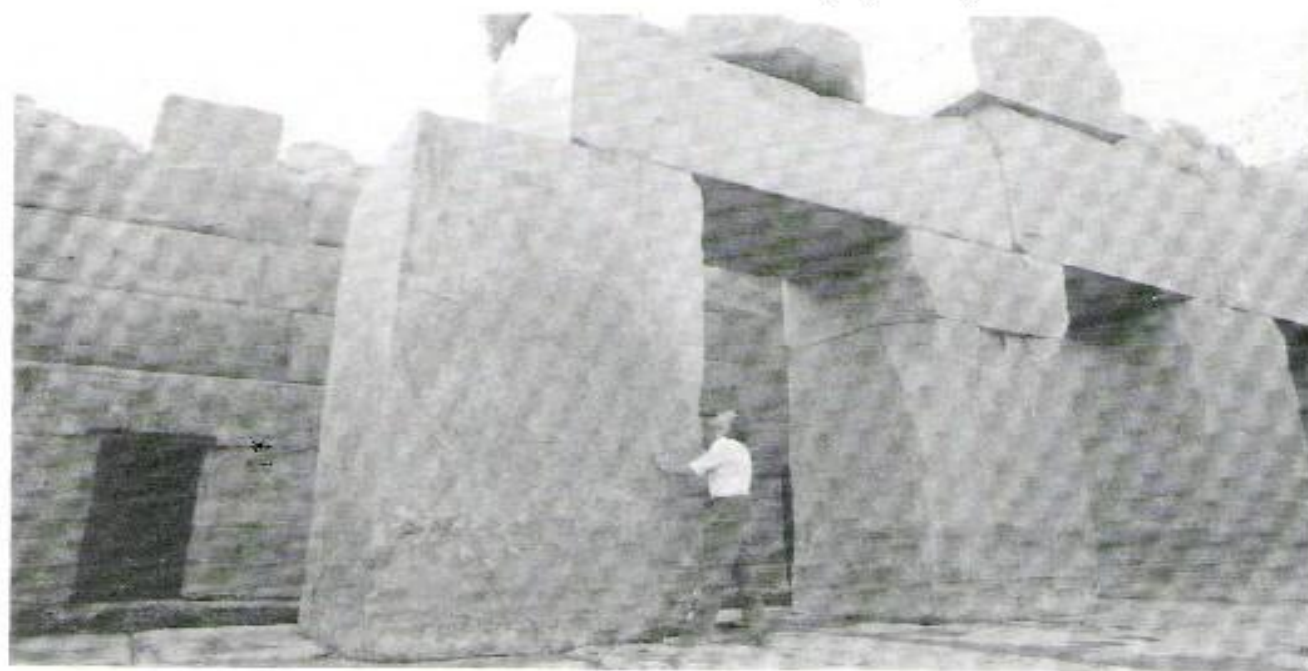
Página anterior: 60. Detalhe dos Textos da Pirâmide, na câmara funerária de Unas, em Saqqara, com o nome de Unas inscrito em um cartucho oval no centro da moldura. Os textos falam do destino do faraó morto como alma renascida na constelação de Órion e contém certo número de bizarras referências tecnológicas.

Esta página, acima: 61. Lista dos Reis, no Templo de Seri I, em Abidos. À esquerda da moldura, o faraó Seri I (1306-1290 a.C.) mostra ao filho (o futuro Ramsés II) uma inscrição com os nomes dos 76 faraós que o precederam no trono do Egito. *Abaixo: 62.* O Templo de Seri I é dedicado a Osíris, "Senhor da Eternidade", aqui mostrado sentado no centro da moldura central, usando a Coroa Atef e a barba característica que liga seu simbolismo ao de Viracocha, nos Andes, e Quetzalcoatl, na América Central.

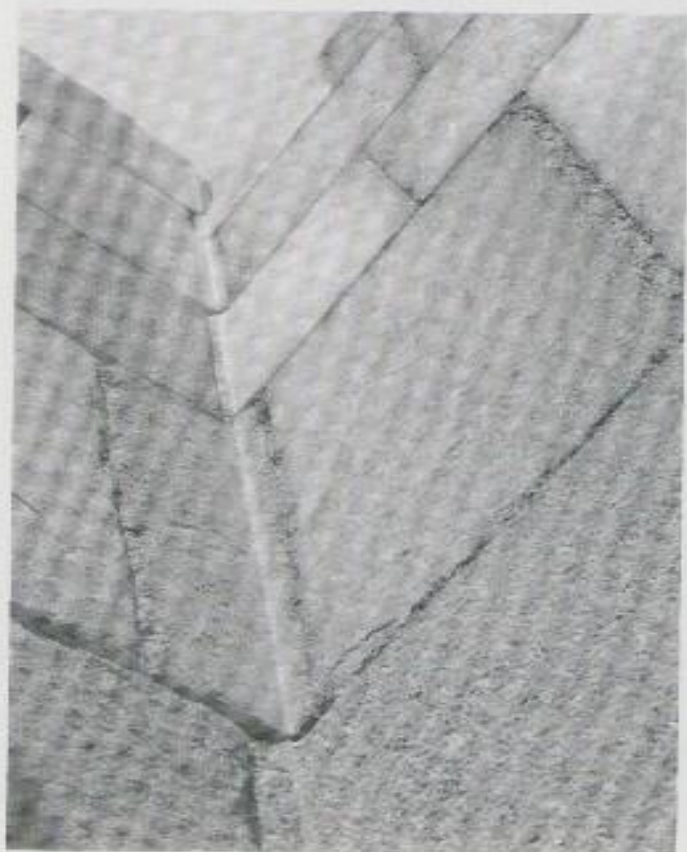
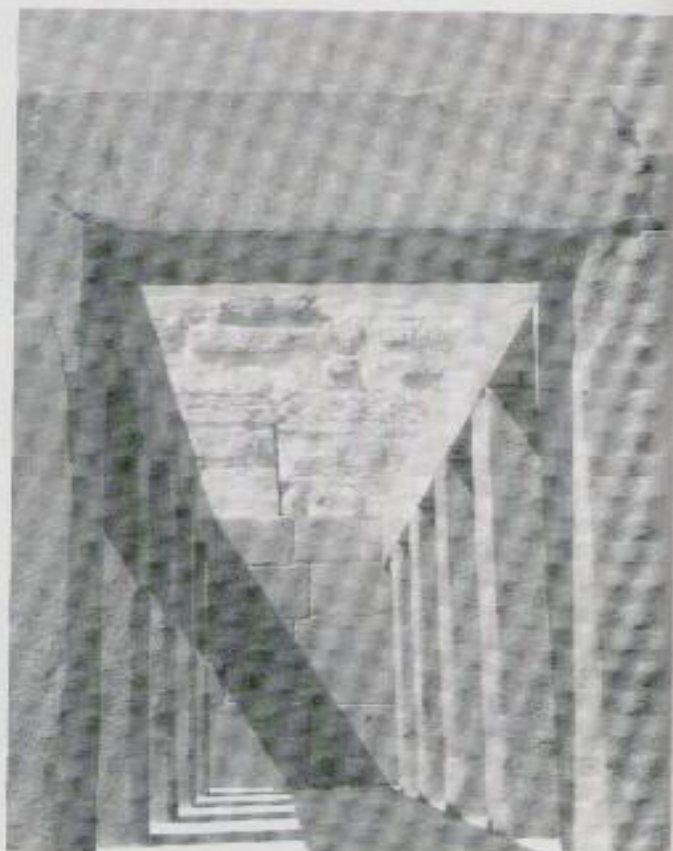




Acima: 63. Vista geral do Osireion, a gigantesca estrutura subterrânea escavada no limo e arcia, situada atrás do Templo de Seti I, em Abidos, e que arqueólogos supõem ter sido obra de Seti I (princípios do décimo terceiro milênio a.C.). Geólogos discordam: o nível do piso do Osireion está a mais de 15m abaixo do nível do Templo, o que sugere ter sido construído até 10.000 anos antes e, em seguida, coberto gradualmente por sedimentação. *Abaixo:* 64. O estilo arquitetônico megalítico do Osireion, aqui mostrado, com o autor no primeiro plano, para dar uma idéia da escala, é diferente de todos os edifícios conhecidos do período de Seti I. O estilo lembra, contudo, a arquitetura austera, gigantesca, dos Templos do Vale e Mortuário em Gizé, os quais também indicam uma antiguidade muito maior do que admitem os arqueólogos. *Página ao lado:* 65. Portal principal do Osireion. Comparem esta foto com a foto 9, e com o Templo do Vale, mostrado na página seguinte.



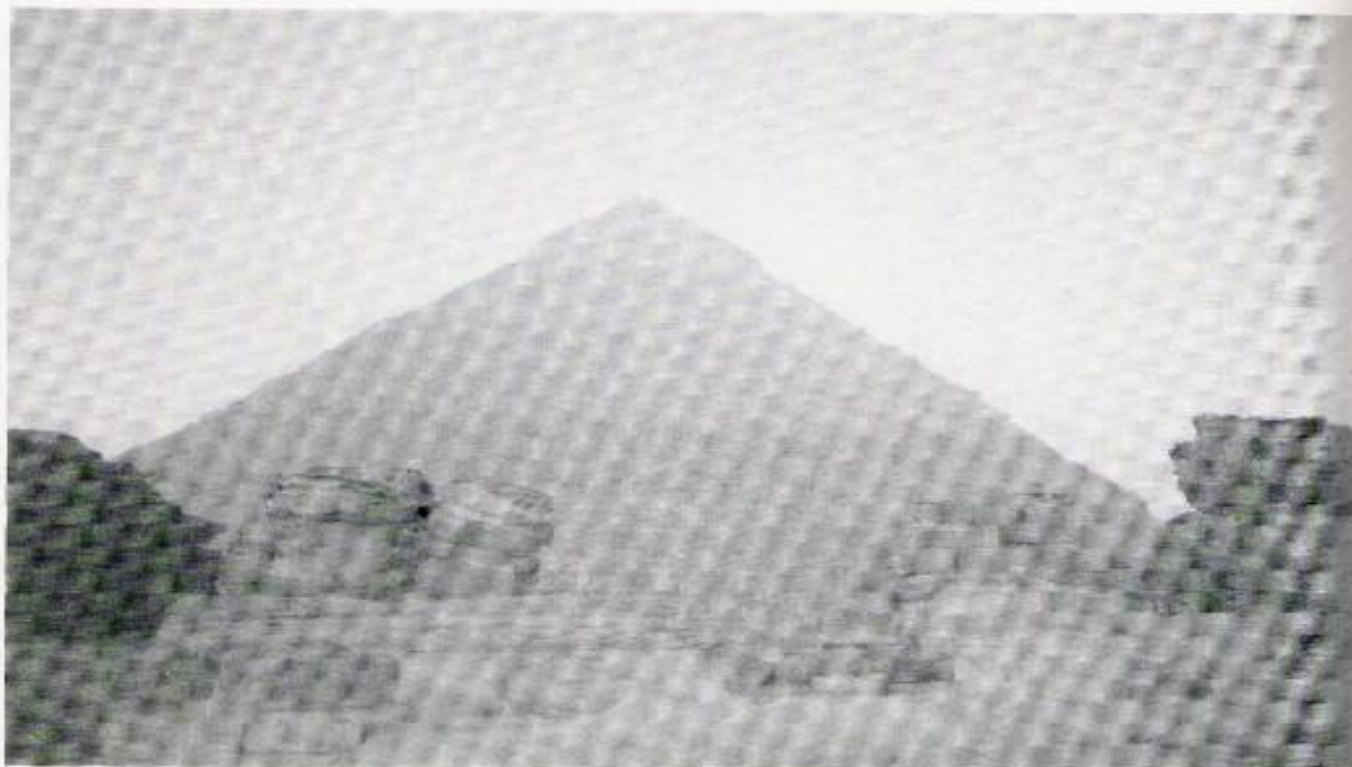




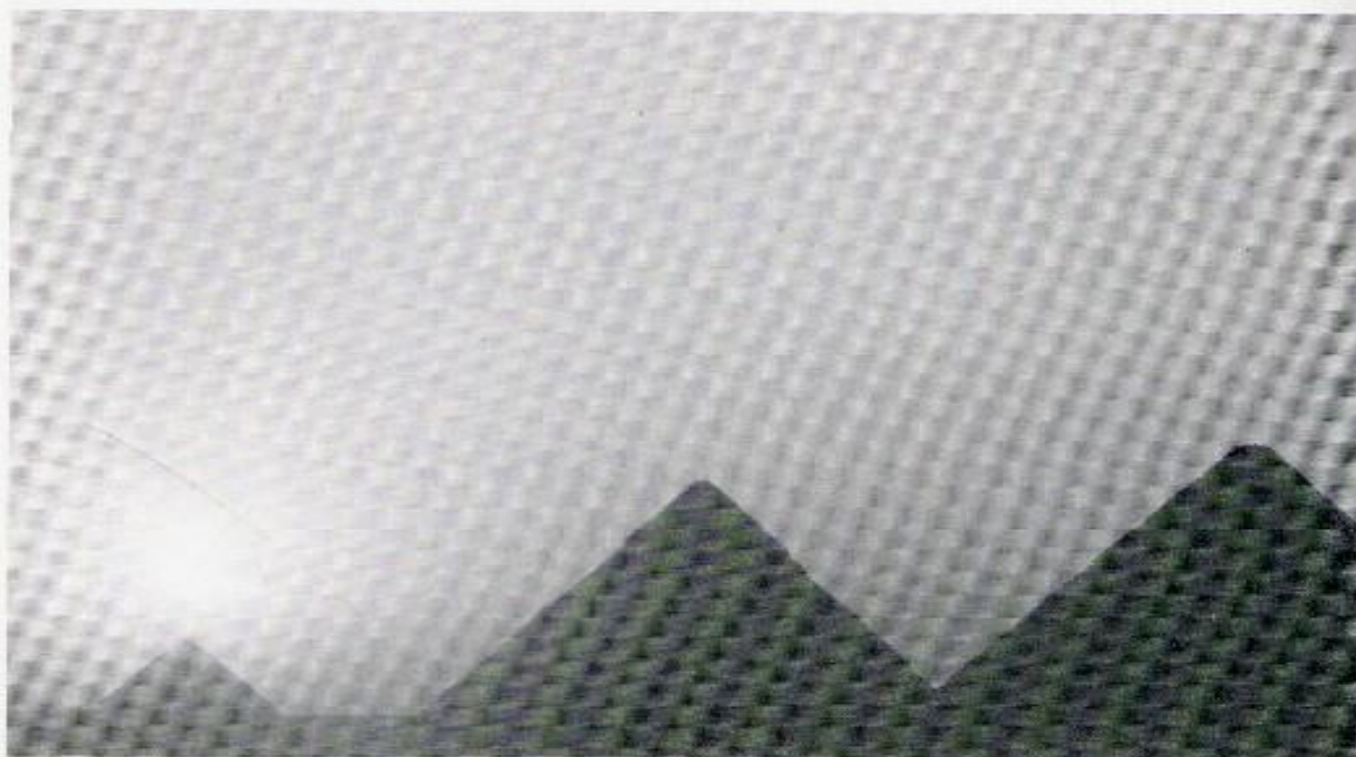


Página anterior, no alto, à esquerda e à direita: 66 e 67. Vistas internas do chamado Templo do Vale de Quéfren, em Gizé. Notem os megálitos com sinais de profundo intemperismo, visíveis acima e atrás dos blocos de granito do revestimento. Abaixo, à esquerda: 68. Será coincidência que padrões de cantaria, em “blocos de armar” no Templo do Vale, sejam muito semelhantes aos encontrados no Peru? Comparem com as fotos 5 e 6. Abaixo, à direita: 69. A Grande Esfinge, vista do sul. Os padrões claros de corrosão no corpo da Esfinge indicam aos geólogos que o agente do intemperismo primário foram chuvas torrenciais – que caíram pela última vez nessa área no décimo primeiro milênio a.C. Esta página, acima: 70. As gigantescas paredes externas do Templo do Vale, feitas de blocos corroídos pela água, cada um dos quais pesa tanto quanto uma locomotiva moderna. Abaixo: 71. A parte posterior do buraco, ou vala, no qual foi talhado o corpo da Esfinge mostra, mais uma vez, as fissuras verticais características e concavidades festonadas de intemperismo induzido por precipitação pluviométrica. A anca da Esfinge, mostrada também, foi parcialmente coberta com blocos de reparos em tempos modernos.





Acima: 72. A Segunda Pirâmide, ao amanhecer, seu cume iluminado pelos primeiros raios do sol nascente. Abaixo: 73. Solstício do inverno sobre a Terceira Pirâmide de Gizé. Pesquisa arqueoastronômica recente provou que as três Grandes Pirâmides, e a Grande Esfinge, fazem parte de um gigantesco mapa dos céus, da forma como eram no ano 10500 a.C.



ParteVI

Convite a Gizé

Egito I

CAPÍTULO 33

Pontos Cardeais

Gizé, Egito, 16 de março de 1993, 3h30min.

Cruzamos o saguão deserto do hotel e entramos no Fiat branco que nos esperava. O carro era dirigido por um egípcio magro e nervoso chamado Ali, que nos devia fazer passar pelos guardas estacionados na Grande Pirâmide e nos tirar de lá pouco antes do amanhecer. Ele estava nervoso porque, se as coisas dessem errado, Santha e eu seríamos deportados do Egito e ele iria mofar na prisão durante seis meses.

Claro, ninguém esperava que as coisas dessem errado. E esse era o motivo por que Ali ia nos levar. No dia anterior, derámos a ele 150 dólares americanos, que ele trocara por libras egípcias e distribuía entre os guardas apropriados. Eles, por seu lado, tinham concordado em ignorar nossa presença nas duas horas seguintes.

Fomos de carro até uns 800m da pirâmide e, em seguida, andamos o resto do caminho - em volta do lado do aterro íngreme que fica a cavaleiro da aldeia de Nazlet-el-Saman e leva à face norte do monumento. Nenhum de nós falou muito, enquanto andávamos com dificuldade pela areia solta, guardando distância das luzes de segurança. Sentíamos-nos simultaneamente nervosos e apreensivos. Ali não tinha absolutamente certeza de que o suborno iria funcionar.

Durante algum tempo, permanecemos imóveis nas sombras, olhando para o volume monstruoso da pirâmide, adentrando a escuridão acima e bloqueando as estrelas situadas na parte sul do céu. Logo depois,

uma patrulha de três homens armados com espingardas e entolados em cobertores para proteger-se do frio da noite, apareceu no canto nordeste, a uns 45m de distância, onde o grupo parou para dividir as tragadas de um cigarro. Indicando com um gesto que devíamos ficar calados, Ali saiu para a luz e dirigiu-se aos guardas. Conversou com eles durante vários minutos, falando, ao que parecia, em tom acalorado. No fim, chamou-nos com um gesto, indicando que devíamos ir ao seu encontro.

- Há um problema - explicou. - Um deles, o capitão aqui [indicou um tipo baixo, barba por fazer, despenteado, com ar aborrecido], está insitindo em que a gente pague mais trinta dólares, ou então nada feito. O que é que o senhor vai fazer?

Enfiei a mão no bolso, tirei a carteira, contei trinta dólares e entreguei-os a Ali. Ele dobrou-os e entregou-os ao capitão. Com um ar de dignidade ofendida, o capitão enfiou o dinheiro no bolso da camisa e, finalmente, todos nós trocamos apertos de mão.

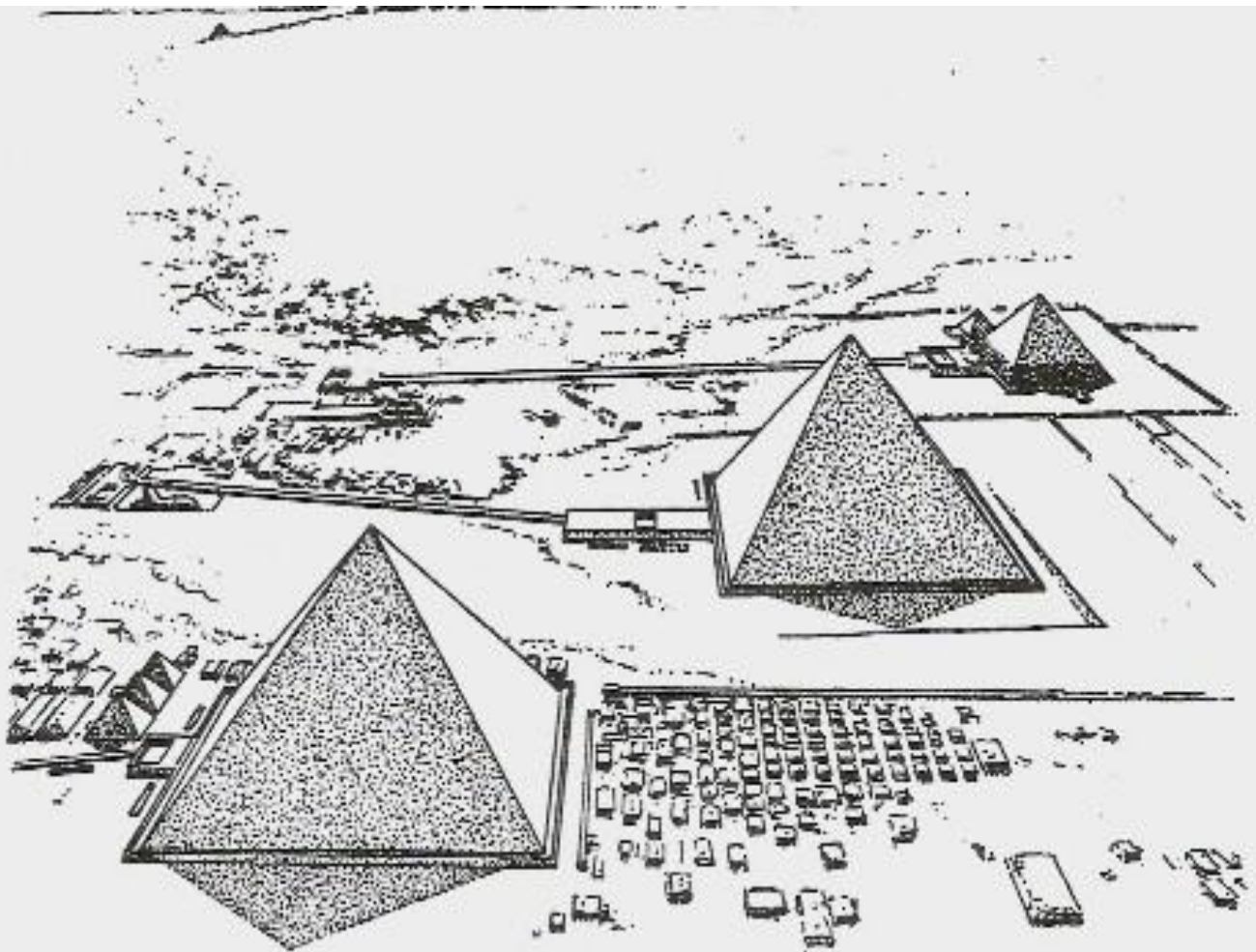
- Tudo bem - disse Ali. - Vamos.

Precisão Inexplicável

Enquanto os guardas continuavam a ronda na direção oeste, ao longo da face norte da Grande Pirâmide, demos a volta em torno do canto norte e seguimos ao longo da base da face leste.

Há muito tempo eu adquirira o hábito de me orientar de acordo com os lados do monumento. A face norte era alinhada, de modo quase perfeito, com o norte verdadeiro, a face leste quase perfeitamente com o leste verdadeiro, a sul com o sul verdadeiro e a oeste com o oeste verdadeiro. O erro médio era de apenas três minutos de arco (que caía para menos de dois minutos na face sul) - uma precisão incrível para qualquer prédio, em qualquer época, e façanha inexplicável, quase sobrenatural, no Egito há 4.500 anos, quando se supõe que a pirâmide tenha sido construída.

Um erro de três minutos de arco representa um desvio infinitesimal do número verdadeiro, de menos de 0,015%. Na opinião de engenheiros especializados em estrutura, com os quais conversei sobre a Grande Pirâmide, era impossível compreender a necessidade de tal precisão. Do ponto de vista deles, como construtores práticos, a despesa, dificuldades e tempo gasto para conseguir essa precisão não teria sido justificada pelos resultados aparentes: mesmo que a base do monumento tivesse se desviado nada menos que dois ou três graus do verdadeiro (um erro de, digamos, 1 %), a diferença para o olho nu teria sido pequena demais para ser notada. Por outro lado, a diferença na magnitude dos trabalhos necessários (para conseguir uma precisão de três minutos, em contraste com três graus) teria sido imensa.



Vista de Gizé, do norte olhando-se para o sul, com a Grande Pirâmide em primeiro plano.

Obviamente, por conseguinte, os mestres-construtores que ergueram a pirâmide no próprio alvorecer da civilização humana deviam ter tido poderosos motivos para querer os alinhamentos em consonância com a direção dos pontos cardeais. Além disso, uma vez que haviam atingido esse objetivo com uma precisão espantosa, eles deveriam ter sido altamente qualificados, gente culta e competente, com acesso a excelente equipamento de topografia. Essa impressão é confirmada por muitas das demais características do monumento. Os lados na base, por exemplo, são quase exatamente do mesmo comprimento, com uma margem de erro muito menor do que se esperaria que arquitetos modernos conseguissem hoje na construção de, digamos, um bloco de escritórios de tamanho médio. Mas não havia ali um bloco de escritórios, mas a Grande Pirâmide do Egito, uma das maiores estruturas jamais construídas pelo homem e uma das mais antigas. Seu lado norte tem 230m e 12cm de comprimento; o lado oeste, 230,23m; o lado leste, 230,26m; e o lado sul, 233,247m. Isso significa que há uma diferença de menos de 20cm entre seus lados mais curto e mais longo, erro este que equivale a uma fração minúscula de 1 % no comprimento médio dos lados, de 230,75m.

Repetindo, eu sabia que, do ponto de vista de engenharia, os duros números nenhuma justiça faziam ao imenso cuidado e perícia requeridos para obtê-los. Eu sabia, também, que os estudiosos não haviam chegado a uma explicação convincente de como exatamente os construtores da pirâmide mantiveram invariavelmente esses altos padrões de precisão.

O que realmente me interessava, porém, era um ponto de interrogação ainda maior no tocante a outra questão: por que impuseram a si mesmos padrões tão rigorosos? Se tivessem permitido uma margem de erro de 1 a 2% - em vez de menos de um décimo de 1 % - eles poderiam ter simplificado o trabalho sem nenhuma visível perda de qualidade. Por que não haviam feito isso? Por que tinham insistido em tornar as coisas tão difíceis? Por que, em suma, em um monumento de pedra supostamente "primitivo", construído há mais de

4.500 anos, estávamos vendo essa observância obsessiva de padrões de precisão da idade da máquina?

Buraco Negro na História

Nosso plano era escalar a Grande Pirâmide - algo que fora considerado absolutamente ilegal desde 1983, quando quedas desastrosas de vários turistas temerários obrigara o governo do Egito a baixar uma proibição. Eu reconhecia que estávamos sendo também temerários (em especial por tentar a escalada à noite) e não me sentia lá muito bem em infringir o que era basicamente uma lei sensata. Por essa altura, contudo, meu interesse profundo pela pirâmide e o desejo de aprender tudo que pudesse sobre ela haviam superado o bom senso.

Nesse momento, despedindo-nos da patrulha no canto nordeste do monumento, continuamos a seguir discretamente, pelo lado leste, na direção do canto sudeste.

Eram densas as sombras entre as pedras fora de prumo e quebradas que serviam de pavimento entre a Grande Pirâmide e as três pirâmides "subsidiárias" muito menores, que se situavam imediatamente a leste. E havia também três grandes, profundos e estreitos buracos cortados na rocha que pareciam sepulturas gigantescas. Eles tinham sido encontrados vazios pelos arqueólogos que os escavaram, mas eram construídos como se a intenção fosse usá-los para abrigar os cascos de barcos aerodinâmicos, de proa alta. Mais ou menos a meio caminho ao longo da face oriental da Pirâmide, encontramos outra patrulha. Dessa vez, ela consistia de dois guardas, um dos quais devia ter uns oitenta anos de idade. Seu companheiro, um adolescente com acne pustulenta no rosto, informou-nos que o dinheiro pago por Ali era insuficiente e que mais cinqüenta libras egípcias teriam de ser pagas, antes que pudéssemos prosseguir. Eu já tinha as notas na mão e entreguei-as sem demora ao rapaz. Não me interessava o quanto isso tudo estava custando. Eu queria

simplesmente escalar a pirâmide, descer e ir embora antes do amanhecer, sem ser preso.

Continuamos a andar, chegando ao canto sudeste pouco depois de 4h15min da manhã.

Pouquíssimos prédios modernos, até mesmo as casas onde moramos, têm cantos que consistam de ângulos retos perfeitos de noventa graus. É muito comum que estejam um ou mais graus longe do verdadeiro. Estruturalmente, isso não faz qualquer diferença e ninguém nota erros tão minúsculos. No caso da Grande Pirâmide, porém, eu sabia que os antigos mestres-construtores haviam encontrado maneiras de reduzir a margem de erro para quase nada. Dessa maneira, ficando aquém dos noventa graus perfeitos, o canto sudeste tinha uns impressionantes $89^{\circ} 56' 27''$. O canto nordeste media $90^{\circ} 3' 2''$; o sudoeste, $90^{\circ} 0' 33''$; e o noroeste apenas dois segundos de grau fora do verdadeiro, em $89^{\circ} 59' 58''$.

Essa precisão era, claro, extraordinária. E tal como quase tudo mais sobre a Grande Pirâmide, era também extremamente difícil de explicar. Técnicas de construção apuradas desse tipo - tão exatas quanto as melhores que temos hoje - só podiam ter evoluído depois de milhares de anos de desenvolvimento e experimentação. Ainda assim, não havia prova de que qualquer processo desse tipo tivesse algum dia ocorrido no Egito. A Grande Pirâmide e suas vizinhas em Gizé pareciam ter saído de um buraco negro da história arquitetônica, um buraco tão profundo e largo que nem seu fundo nem seus lados jamais haviam sido identificados.

Navios no Deserto

Guiado por um Ali cada vez mais suarento, que não havia ainda explicado por que era necessário dar a volta em torno da pirâmide antes de iniciar a escalada, começamos a andar nesse momento na direção oeste, ao longo do lado sul do monumento. Aí, também, havia dois outros buracos com a forma de barco, um dos quais, embora

ainda fechado, fora estudado com câmeras de fibra óptica e se sabia que continha um barco de proa alta, capaz de navegar no mar, e com mais de 33m de comprimento. O outro buraco havia sido escavado na década de 1950. Seu conteúdo - um barco marítimo ainda maior, com nada menos de 42m de comprimento - fora levado para o chamado Museu do Barco, uma estrutura moderna feia, montada sobre palafitas, embaixo da face sul da pirâmide.

Feito de cedro, o belo barco conservado no museu continua em perfeitas condições, 4.500 anos depois de construído. Com um deslocamento de cerca de 40 toneladas, tem um projeto especialmente instigante, incluindo, nas palavras de um especialista, "todas as propriedades características de um barco marítimo, com proa e popa altas, mais altas do que em um barco viking, apropriado para enfrentar ondas e mar grosso, e não para navegar nas pequenas ondas do Nilo".

Outra autoridade pensava que o projeto cuidadoso e inteligente desse estranho barco da pirâmide poderia, potencialmente, tê-lo tornado "mais seguro no mar do que qualquer coisa usada por Colombo". Além do mais, os especialistas concordavam em que o barco fora construído de acordo com um modelo que só podia "ser criado por construtores navais de um povo com longa e sólida tradição de navegação em alto-mar".

Presentes já no próprio início da história de 3.000 anos do Egito, quem teriam sido esses construtores navais desconhecidos? Eles não haviam acumulado essa "longa e sólida tradição de navegação em alto-mar" enquanto aravam os campos do vale do Nilo, cercado de terra. Se assim, onde e quando desenvolveram essas perícias marítimas?

Mas havia outro quebra-cabeça. Eu sabia que os antigos egípcios tinham sido muito hábeis em fazer modelos em escala e maquetes, para finalidades simbólicas, de todos os tipos de coisas. Por isso mesmo, achava difícil compreender por que eles teriam se dado tanto trabalho para construir, e em seguida enterrar, um barco tão grande e sofisticado como esse, se sua única função fosse, como alegaram

egiptólogos, servir de símbolo de uma barca espiritual, que levaria para o céu a alma do falecido rei. Isso poderia ter sido conseguido com igual eficiência com uma embarcação muito menor, e apenas uma teria sido necessária, e não várias delas. A lógica, por conseguinte, sugeria que essas embarcações gigantescas deveriam ter sido construídas para outro propósito, inteiramente diferente, ou então revestia-se de uma importância simbólica inteiramente diferente e ainda não descoberta...

Havíamos chegado mais ou menos à metade da face sul da Grande Pirâmide quando, finalmente, compreendemos o motivo por que estávamos sendo levados nesse longo passeio. O objetivo era aliviar-nos de modestas somas de dinheiro em cada um dos quatro pontos cardeais. A conta era até esse momento de 30 dólares na face norte e 50 libras egípcias na face leste. Nesse momento, desembolsei mais 50 libras para outra patrulha, que Ali deveria ter subornado no dia anterior.

- Ali - sibilei -, quando é que vamos escalar a pirâmide?

- Imediatamente, Sr. Graham - respondeu nosso guia. Começou a andar em passos confiantes, gesticulando direto para a frente. Em seguida, acrescentou: - Vamos subir pela aresta sudoeste...

CAPÍTULO 34

A Mansão da Eternidade

Você já escalou uma pirâmide à noite, com medo de ser preso, com os nervos à flor da pele?

Trata-se de uma coisa extremamente difícil de fazer, especialmente no que se refere à Grande Pirâmide. Embora seus últimos 9m não estejam mais intactos, a plataforma que ora existe no topo ainda se situa a mais de 135m de altura. A pirâmide consiste, além do mais, de 203 carreiras separadas de blocos de cantaria, cada carreira com altura média de cerca de 75cm.

Médias não nos dizem coisa alguma, como descobri logo depois de começar a subir. Verifiquei que as carreiras são de altura desigual, algumas mal chegando ao nível do joelho, enquanto outras quase me tocavam o peito e criavam obstáculos formidáveis. Simultaneamente, eram muito estreitas as saliências entre cada um dos passos, às vezes apenas um pouco mais larga do que meu pé e, além disso, descobri que muitos dos enormes blocos de pedra calcária, que haviam parecido tão sólidos vistos de baixo, estavam quebrados e se esfarelando.

Cerca de 30 carreiras acima, Santha e eu começamos a compreender a enrascada em que havíamos nos metido. Tínhamos os músculos doloridos e os joelhos e dedos duros e arranhados - ainda que tivéssemos percorrido apenas um sétimo do caminho até o cume e houvesse ainda mais de 170 carreiras para escalar. Outra preocupação era o abismo vertiginoso que se alargava cada vez mais abaixo de nós. Acompanhando com os olhos os contornos serrilhados que marcavam a linha da aresta sudoeste, fiquei pasmo ao notar o quanto já havíamos subido e experimentei um momentâneo e estonteante pressentimento de como seria fácil para nós despencar dali, girando cambalhota como Jack e Jill, ricocheteando das imensas carreiras de pedra e quebrando a cabeça lá embaixo.

Ali nos concedeu uma pausa de alguns minutos para que pudéssemos recuperar o fôlego. Nesse momento, porém, ele fez um sinal e recomeçou a subida. Ainda usando a aresta como orientação, ele, rapidamente, desapareceu na escuridão acima de nós.

Um tanto menos confiantes, Santha e eu o seguimos.

Tempo e Movimento

A 35ª. carreira de pedras foi difícil de vencer, sendo feita de blocos bem sólidos, muito maiores do que quaisquer outros que havíamos encontrado até então (excetuados os da própria base). Esse fato contrariava a lógica da engenharia e do bom senso, ambos os quais

requeriam uma diminuição progressiva do tamanho e peso dos blocos que tinham de ser transportados para o cume, à medida que a pirâmide se tornava cada vez mais alta. As carreiras 1-18, que diminuía de uma altura de cerca de 1,40m no nível do chão para pouco mais de 55cm na carreira 17, obedeciam a essa norma. De repente, porém, na carreira 19, a altura do bloco subiu para quase 90cm. Simultaneamente, as demais dimensões dos blocos aumentaram também e seu peso passou das relativamente manobráveis 2-6 toneladas, que era o comum nas primeiras 18 carreiras, para a faixa mais volumosa e difícil de manipular de 10-15 toneladas. Esses, portanto, eram monólitos realmente *grandes*, que haviam sido extraídos de pedra calcária sólida e içados mais de 30m no ar, antes de ser colocados, sem uma falha, nos respectivos lugares.

Para trabalhar com tanta eficiência, os construtores da pirâmide deviam ter possuído nervos de aço, a agilidade de cabritos-monteses, a força de leões e a confiança de limpa-chaminés. Com o frio vento da manhã açoitando-me as orelhas e ameaçando me lançar em vôo, tentei imaginar o que teria sido para eles, equilibrados perigosamente dessa maneira (e em uma altura muito maior), içando, manobrando e posicionando com exatidão uma linha de produção interminável de alentados monólitos de pedra calcária - o mais leve dos quais pesava dois modernos carros tipo família.

Quanto tempo fora necessário para terminar a construção da pirâmide? Quantos homens haviam nela trabalhado? Reinava ainda concordância geral de que o projeto de construção não fora obra de anos inteiros, mas havia sido limitado (na dependência da força de trabalho disponível) à estação anual de pousio obrigatória, imposta pela cheia do Nilo.

Enquanto continuava a subir, lembrei-me das implicações de tudo isso. O motivo da preocupação dos construtores não havia sido apenas as dezenas de milhares de blocos, cada um deles pesando 15 toneladas ou mais. Um ano após outro, as crises autênticas teriam sido causadas pelos *milhões* de blocos de tamanho médio, pesando,

digamos, 2,5 toneladas, que teriam de ser trazidos também ao canteiro de obras. Estimou-se, com bons fundamentos, que a pirâmide contém um total de 2,3 milhões blocos de pedra. Supondo que os pedreiros trabalhassem dez horas por dia, durante 365 dias do ano, o cálculo matemático indicava que eles teriam de colocar em posição, a cada hora, 31 blocos (cerca de um bloco a cada dois minutos) para completar a pirâmide em 20 anos. Supondo que o trabalho de construção tivesse sido limitado ao pousio anual de três meses, o problema se agravava: quatro blocos por minuto teriam de ser assentados, ou cerca de 240 por hora.

Esses cenários, claro, são a matéria-prima dos pesadelos dos mestres-de-obras. Imagine-se, por exemplo, o grau difícilíssimo de coordenação que teria de ser mantido entre os pedreiros e as pedreiras para assegurar a taxa necessária do fluxo de blocos através do canteiro de obras. Imagine-se também o caos, se até mesmo um único bloco de 2,5 toneladas tivesse despencado, digamos, da 175ª. carreira.

Os obstáculos físicos e administrativos devem ter sido enormes, mas, além deles, havia o desafio geométrico representado pela própria pirâmide, que devia terminar com o cume posicionado exatamente sobre o centro da base. Até mesmo o erro mais leve na base do ângulo de inclinação de um dos lados teria resultado em um grande desalinhamento das arestas no cume. Uma precisão incrível, portanto, tinha de ser mantida durante toda a obra, em cada carreira de blocos, a dezenas de metros acima do solo, usando-se grandes blocos de pedra de peso assassino.

Estupidez Rampante

Como havia sido feito esse trabalho?

Segundo a última contagem, circulavam mais de 30 teorias concorrentes e conflitantes que tentavam responder a essa pergunta. A maioria dos egiptólogos acadêmicos argumentava que rampas de

algum tipo deviam ter sido usadas. Esta era a opinião, por exemplo, do professor I.E.S. Edwards, antigo curador de Antiguidades Egípcias do Museu Britânico, que afirmou categoricamente: "Só havia um método disponível aos antigos egípcios para erguer grandes blocos, isto é, através de rampas de tijolos e terra, subindo em ladeira a partir do nível do chão até qualquer altura desejada."

John Baines, professor de egiptologia da Universidade de Oxford, concordou com a análise de Baines e levou-a um passo adiante: "À medida que a pirâmide crescia, o comprimento da rampa e a largura de sua base foram aumentadas a fim de manter um gradiente constante (cerca de 1 em 10) e para impedir que ela desmoronasse. Provavelmente, foram usadas várias rampas, que chegavam à pirâmide vindas de vários lados".

Levar um plano inclinado ao topo da Grande Pirâmide, com um gradiente de 1:10, teria exigido uma rampa de cerca de 150m e mais de três vezes tão maciça quanto a própria estrutura (com um volume estimado de 8 milhões de metros cúbicos, contra os 2,6 milhões da pirâmide). Grandes pesos não poderiam, por meios normais, ter sido rebocados para cima a um gradiente mais íngreme do que esse. Se um gradiente mais baixo tivesse sido escolhido, a rampa teria que ser ainda mais absurda e desproporcionalmente grande.

O problema é que rampas de cerca de 1.600m para chegar a uma altura de cerca de 150m não poderiam ter sido feitas de "tijolos e terra", como supunham Edwards e outros egiptólogos. Ao contrário, modernos construtores e arquitetos provaram que essas rampas teriam cedido sob seu próprio peso, se consistissem de qualquer material menos dispendioso e menos estável do que as pedras de rocha calcária da própria pirâmide.

Uma vez que tal solução, obviamente, não fazia sentido (além do mais, para onde haviam sido levados os 8 milhões de metros cúbicos excedentes de blocos, depois de completado o trabalho?), outros egiptólogos propuseram o uso de rampas *em espiral*, feitas de tijolos de argila e ligadas aos lados da pirâmide. Essas rampas, sem dúvida, teriam requerido menos material para construir, mas tampouco teriam

chegado ao cume. Elas teriam criado problemas mortais e talvez insuperáveis para equipes que tentassem arrastar os grandes blocos através de seus cantos, em curvas fechadas. E teriam desmoronado por efeito do uso constante. Mais problemático que tudo, essas rampas teriam envolvido toda a pirâmide, tornando impossível aos arquitetos checar a precisão do assentamento dos blocos durante a construção.

Os construtores, porém, *havia* checado a precisão do assentamento e *conseguido* com que fosse feito da maneira certa, porque o cume da pirâmide se encontra exatamente posicionado sobre o centro da base, com ângulos e arestas corretas, cada bloco no lugar correto e cada carreira assentada na horizontal - em uma simetria quase perfeita e em alinhamento quase perfeito com os pontos cardeais. Em seguida, como se para demonstrar que esses *tours-de-force* técnicos foram meras banalidades, os antigos construtores prosseguiram em seu trabalho para fazer alguns inteligentes jogos matemáticos com as dimensões do monumento, fornecendo-nos, por exemplo, como vimos no Capítulo 23, um uso exato do número transcendente *pi* na razão entre a altura e o perímetro da base. Por alguma razão, além disso, dera na cabeça deles posicionar a Grande Pirâmide quase exatamente no Paralelo 30, à latitude de $29^{\circ} 58' 51''$. Esses números, como observou certa vez um astrônomo real escocês, era "um desvio sensível de 30° ", mas não necessariamente um erro:

Isso porque, se o projetista original tivesse desejado que o homem visse com o corpo, e não com os olhos mentais, o pólo do céu visto da base da Grande Pirâmide, a uma altitude de 30° , ele teria que levar em conta a refração da atmosfera e esse fator teria tornado necessário que o edifício estivesse posicionado não a 30° , mas a $29^{\circ}58' 22''$.

Em comparação com a posição verdadeira de $29^{\circ} 58' 51''$, o erro era de menos da metade de um minuto de arco, sugerindo esse fato, mais

uma vez, que a perícia topográfica e geodésica usada devia ter sido da mais alta ordem.

Sentindo-nos bastante reverentes, continuamos a escalada, passamos pelas carreiras 44 e 45 da imensa e enigmática estrutura. Na carreira 46, uma voz irada em árabe gritou conosco da praça embaixo. Olhando para baixo, vimos um homem minúsculo, usando turbante e cafetá embalonado. A despeito da distância, ele havia tirado a espingarda do ombro e estava se preparando para atirar em nós.

O Guarda e a Visão

Ele era, claro, o guarda da face oeste da pirâmide, o patrulheiro do quarto ponto cardinal, e não havia recebido o pagamento extra feita aos seus colegas das arestas norte, leste e sul.

Pela respiração de Ali, compreendi que estávamos em uma situação potencialmente complicada. O guarda estava nos ordenando para descer imediatamente e sermos presos.

- Essa possibilidade, contudo, poderá provavelmente ser evitada com um pagamento extra - explicou Ali.

- Ofereça a ele cem libras egípcias - rosnei.

- Isso é demais - avisou Ali. - E vai deixar os outros ressentidos. Vou oferecer cinquenta.

Foram trocadas mais palavras em árabe. Na verdade, nos poucos minutos seguintes, Ali e o guarda conseguiram manter uma conversa bem demorada acima e abaixo da quina sudoeste da pirâmide, às 4h40min da manhã. Em dado momento, ouvimos o som de um apito. Em seguida, guardas da face sul apareceram por um breve instante e entraram em conferência com o colega da face oeste, que nesse momento contava com a companhia de mais dois membros de sua patrulha.

Justamente quando pareceu que Ali havia perdido qualquer discussão que estava mantendo por nossa conta, ele sorriu e exalou um suspiro de alívio. "O senhor vai pagar mais 50 libras quando voltarmos ao

chão", explicou. "Vão deixar que a gente continue, mas disseram que se um oficial superior aparecer, eles não poderão nos ajudar."

Nos dez minutos seguintes, mais ou menos, continuamos a nos arrastar para cima em silêncio até chegarmos à carreira 100 - aproximadamente a marca de metade do caminho e já a mais de 75m acima do chão. Olhamos por cima do ombro para o sudoeste, onde uma visão de beleza estonteante, que só aparece uma vez na vida, se descortinava para nós. A lua em quarto crescente, que se encontrava baixa no céu a sudoeste, havia emergido de trás de um banco de nuvens e projetava sua luz fantasmagórica direto sobre as faces norte e leste da vizinha Segunda Pirâmide, supostamente construída por Quéfren, faraó da Quarta Dinastia. Esse espantoso monumento, que só perde em tamanho e majestade para a Grande Pirâmide (sendo apenas alguns metros mais baixa e 15m mais estreita), pareceu iluminado, como se energizado a partir de dentro, por um fogo pálido e sobrenatural. Atrás dela e à distância, ligeiramente deslocada entre as sombras escuras do deserto, vimos a pirâmide menor, a de Miquerinos, medindo 110m de cada lado e com cerca de 65m de altura.

Durante um momento, contra o pano de fundo cintilante do céu escuro, senti a ilusão de que estava em movimento, de pé à popa de algum grande navio dos céus, olhando para trás e para dois outros navios, que aparentemente vinham em minha esteira, alinhados em ordem de batalha às minhas costas.

Para onde estava indo esse comboio, esse esquadrão de pirâmides? E essas prodigiosas estruturas teriam sido apenas obras de faraós megalomaníacos, como acreditavam os egiptólogos? Ou haviam sido projetadas por mãos misteriosas para viajar eternamente através do tempo e do espaço, no rumo de um objetivo ainda não identificado?

Dessa altitude, embora o céu do sul estivesse parcialmente oculto pelo enorme volume da Pirâmide de Quéfren, eu podia ver todo o céu do oeste, descendo em arco do pólo Norte celeste em direção à borda distante do planeta, a revolver em torno do eixo. Poláris, a estrela Polar, estava muito longe à minha direita, na constelação da Ursa

Menor. Baixa no horizonte, a cerca de dez graus a nordeste, Regulus, a estrela-âncora da constelação imperial de Leão, preparava-se para desaparecer.

Sob Céus Egípcios

Pouco acima da fileira 150, Ali silvou para nós, dizendo para mantermos a cabeça baixa. Um carro de polícia aparecera em volta da aresta noroeste da Grande Pirâmide e, nesse momento, dirigia-se para o flanco oeste do monumento, com a luz azul revolvendo lentamente. Permanecemos imóveis nas sombras até que o carro passou. Em seguida, recomeçamos a escalada com um renovado senso de urgência, dirigindo-nos com toda rapidez possível para o cume, que nesse momento imaginamos que podíamos ver projetando-se acima de nevoeiro que precede o amanhecer.

Durante o que pareceram cinco minutos, subimos sem parar. Quando ergui a vista, porém, o topo da pirâmide parecia ainda tão longe como sempre. Voltamos a subir, arquejando e suando, e mais uma vez o cume recuou diante de nossos olhos como se fosse algum lendário pico gaulês. Mas em seguida, quando já havíamos nos resignado a uma sucessão interminável de desapontamentos, chegamos ao topo, sob um dossel de estrelas de deixar qualquer um sem fôlego, a mais de 130m acima do platô, na mais extraordinária plataforma de observação existente em todo o mundo. Ao norte e a leste, de um lado a outro do largo e inclinado vale do rio Nilo, estendia-se a cidade do Cairo, uma mistura de arranha-céus e tradicionais telhados planos, separados por escuros desfiladeiros de ruas estreitas e misturados com os minaretes finos como agulhas de mil e uma mesquitas. Uma película de luz de rua refletida tremeluzia sobre toda a cena, fechando os olhos do Cairenes moderno para as maravilhas das estrelas, mas, ao mesmo tempo, criando a alucinação de uma terra de contos de fada, iluminada em verde, vermelho, azul e amarelo sulfuroso.

Achei que tinha sorte em presenciar essa estranha miragem eletrônica desse ponto de observação tão incrível, na plataforma do cume da última maravilha sobrevivente do mundo antigo, pairando no céu sobre o Cairo como Aladim em seu tapete mágico.

Não que a carreira 203 da Grande Pirâmide possa ser descrita como um tapete! Medindo apenas pouco menos de 9m de cada lado (em comparação com o perímetro na base que chega a 230m) ela consiste de várias centenas de blocos de calcário da altura da cintura, cada um dos quais pesa cerca de cinco toneladas. A carreira não é inteiramente plana: havia falta de alguns blocos ou estavam quebrados e, subindo na direção sul, eu podia ver restos substanciais de quase metade de uma carreira adicional de cantaria. Além do mais, no centro exato da plataforma, alguém mandara construir um andaime triangular de madeira, no centro do qual se erguia um poste grosso, de pouco mais de 9,5m de altura, que marca a verdadeira altura original do monumento, que era de 146,66m. Embaixo do poste, pichações ali deixadas no calcário por gerações de turistas.

A escalada total da pirâmide consumira cerca de meia hora e, nesse momento, passava justamente das 5h da manhã, a hora da adoração matutina. Quase em uníssono, as vozes de mil e um muezins ecoou dos terraços dos minaretes do Cairo, chamando os fiéis à oração e proclamando a grandeza, a indivisibilidade, a clemência e compaixão de Deus. Às minhas costas, as últimas 22 carreiras da Pirâmide de Quéfren, ainda vestida com as pedras originais de revestimento, parecia flutuar como um *iceberg* em um oceano de luz da lua.

Sabendo que não poderíamos ficar muito tempo nesse lugar encantado, sentei-me e olhei em volta dos céus. Na direção oeste, estendiam-se as areias infindáveis do deserto, Regulus mergulhara sob o horizonte e o resto do corpo do Leão estava prestes a segui-lo. As constelações de Virgem e Libra desciam também baixas no céu e, muito distante ao norte, eu podia ver as constelações da Ursa Maior e Ursa Menor em seu ciclo eterno em torno do pólo celeste.

Olhei para o sudeste, para o outro lado do vale do Nilo, e lá a lua em quarto crescente ainda espalhava seu brilho espectral da borda da Via

Láctea. Seguindo o curso do rio celeste, olhei diretamente para o sul: cruzando o meridiano, destacava-se a resplandecente constelação de Escorpião, dominada por Antares, estrela de primeira magnitude - uma supergigante vermelha, com um diâmetro 300 vezes maior do que o do sol. A nordeste, acima do Cairo, navega Cygnus, o cisne, as penas de sua cauda marcadas por Deneb, a supergigante azul-branca visível para nós de uma distância de 1.800 anos-luz de espaço interestelar. Por último, mas não de menor importância, no céu do norte, vi o dragão Draco enrodilhado sinuosamente entre as estrelas circumpolares. Na verdade, há 3.500 anos, quando a Grande Pirâmide foi supostamente construída para o faraó Quéops, da Quarta Dinastia, uma das estrelas de Draco estivera perto do pólo norte celeste e havia servido como estrela Polar. O nome dessa estrela é Alpha Draconis, também conhecida como Thuban. Com a passagem dos milênios, contudo, ela fora gradualmente deslocada de sua posição de implacável moinho celeste da precessão do eixo da terra, de modo que a estrela Polar de hoje é Poláris, na constelação da Ursa Menor. Deitei-me de costas, descansei a cabeça nas mãos cruzadas e olhei diretamente para o zênite do céu. Através das frias e lisas pedras onde eu descansava, pensei que podia sentir sob mim, como uma força viva, a estupenda gravidade e massa da pirâmide.

Pensando como Gigantes

Cobrindo cinco hectares e meio na base, a pirâmide pesa cerca de seis milhões de toneladas - mais do que todos os prédios da Milha Quadrada da City de Londres, juntos, consistindo, como vimos, de aproximadamente 2,3 milhões de blocos separados de calcário e granito. A eles fora outrora acrescentado um revestimento espelhado de 9 hectares, de cerca de umas calculadas 115.000 pedras altamente polidas, cada uma delas pesando 10 toneladas e que originariamente lhe cobrira as quatro faces.

Depois de terem se soltado com o fortíssimo terremoto ocorrido no ano 1302 d.C., a maioria dos blocos da fachada fora retirada para a construção do Cairo. Aqui e ali em torno da base, porém, eu sabia que havia sobrado o suficiente para permitir que o grande arqueólogo do século XIX, W.M. Flinders Petrie, realizasse um detalhado estudo desses blocos. Ele ficara atônito ao encontrar tolerâncias de um centésimo de polegada e juntas cimentadas tão precisas, e alinhadas com tanto cuidado, que era impossível até enfiar entre os blocos a lâmina de um canivete. "O simples fato de pôr essas pedras em contato exato teria exigido trabalho cuidadoso", reconheceu, "mas fazer isso com cimento em uma junta parece quase impossível. E é para ser comparado com o trabalho dos melhores óticos, em uma escala de hectares".

Claro, o rejuntamento das pedras da fachada não foi absolutamente o aspecto "quase impossível" da Grande Pirâmide. Os alinhamentos com o norte, o sul, o leste e o oeste verdadeiros foram "quase impossíveis", como também as arestas de noventa graus quase perfeitas e a incrível simetria dos quatro enormes lados. E também a logística de engenharia, de içar milhões de pedras a uma altura de mais de uma centena de metros.

Quem quer que tenham sido, por conseguinte, os arquitetos, engenheiros e pedreiros da antiguidade que projetaram e conseguiram construir esse monumento estupendo devem ter, realmente, "pensado como homens de 30m de altura", como disse certa vez Jean François Champollion, o fundador da egiptologia moderna. Ele viu claramente o que gerações de seus sucessores se recusaram a ver: que os construtores da pirâmide só podiam ter sido homens de estatura intelectual gigantesca. Ao lado dos egípcios de antanho, acrescentou ele, "nós, na Europa, somos liliputianos".

CAPÍTULO 35

Tumbas, e Nada Mais?

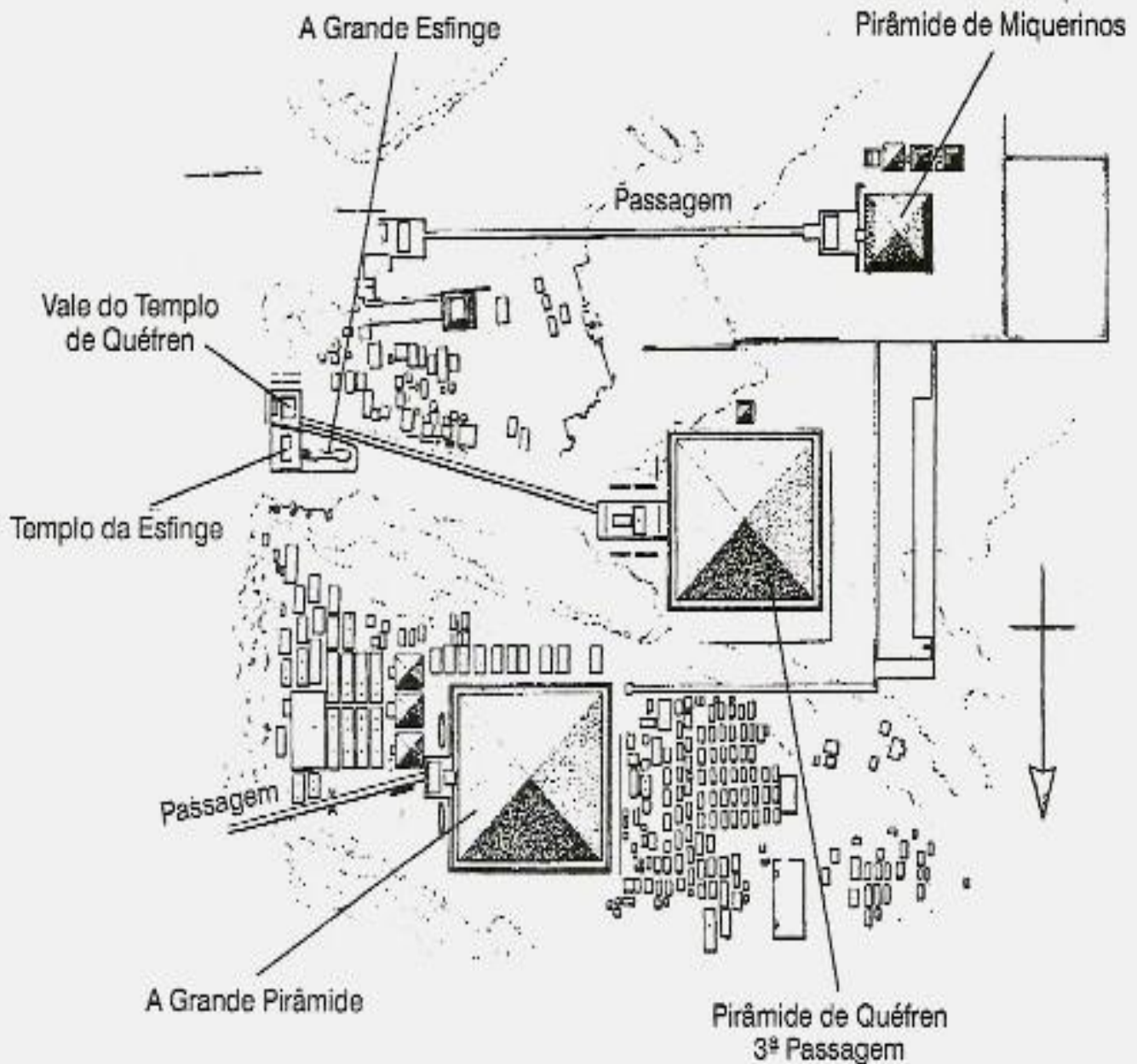
Descer da Grande Pirâmide machucou mais os nervos do que subir. Não estávamos mais lutando contra a força da gravidade, de modo que era menor o esforço físico. Mas as possibilidades de uma queda fatal pareciam maiores, nesse momento em que nossa atenção se dirigia exclusivamente para a terra, e não mais para os céus. Escolhemos o caminho com um cuidado exagerado até a base da enorme montanha de pedra, escorregando e deslizando entre os traiçoeiros blocos de cantaria, sentindo-nos como se tivéssemos sido reduzidos à condição de formigas.

Ao completar a descida, a noite já tinha acabado e a primeira pintura de luz pálida espalhava-se pelo céu. Pagamos as 50 libras egípcias prometidas ao guarda da face oeste da pirâmide e em seguida, com uma enorme sensação de libertação e exultação, afastamo-nos em passos arrogantes do monumento, em direção à Pirâmide de Quéfren, situada a algumas centenas de metros a sudoeste.

Khufu, Khafre, Menkaure... Quéops, Quéfren, Miquerinos. Fossem eles chamados por seus nomes egípcios ou gregos, restava o fato de que esses três faraós da Quarta Dinastia (2575-2467 a.C.) foram universalmente aclamados como os construtores das Pirâmides de Gizé. Tal era a fama deles, pelo menos desde que antigos guias turísticos egípcios haviam dito ao historiador grego Heródoto que a Grande Pirâmide tinha sido construída por Quéops. Heródoto incluiu essa informação na descrição remanescente mais antiga dos monumentos, e que continuava com as seguintes palavras:

Quéops, disseram eles, reinou durante 50 anos e por ocasião de sua morte o reino foi assumido pelo irmão, Quéfren. Este construiu também uma pirâmide... 12m mais baixa do que a do irmão, mas, à parte isso, da mesma grandeza. (...) Quéfren reinou por 56 anos (...) e

em seguida foi sucedido por Miquerinos, filho de Quéops (...) Esse homem deixou uma pirâmide muito menor do que a do pai.



Plano do sítio arqueológico da necrópole de Gizé.

Heródoto conheceu os monumentos no século V a.C., mais de 2.000 anos depois de terem sido construídos. Não obstante, foi principalmente seu testemunho que embasou todo julgamento subsequente da história egípcia. Todos os demais comentaristas, até o presente, continuaram, sem nenhum senso crítico, a seguir nas pegadas do historiador grego. E, através das eras - embora, no início, esse conhecimento pouco mais fosse do que boatos -, a atribuição da Grande Pirâmide a Khufu, a segunda a Khafre e, a terceira, a Menkaure, assumiu a estatura de fatos inatacáveis.

A Banalização do Mistério

Tendo nos despedido de Ali, Santha e eu continuamos a andar pelo deserto. Ideando a imensa aresta sudoeste da Segunda Pirâmide, tivemos os olhos atraídos para o cume. Nele notamos, mais uma vez, as pedras intactas do revestimento, que ainda cobriam as 22 carreiras mais altas. Notamos também que as primeiras carreiras acima da base, cada uma delas com uma "pegada" de cerca de cinco hectares, eram compostas de blocos de calcário realmente enormes, quase que altos demais para ser escalados, com cerca de 6m de comprimento por 1,80m de espessura. Esses extraordinários monólitos, como eu descobriria mais tarde, pesavam 200 toneladas cada e incluíam-se em um estilo diferente de cantaria, que seria encontrado em vários locais diferentes e muito separados na necrópole de Gizé.

Nos lados norte e oeste, a Segunda Pirâmide assentava-se sobre uma plataforma plana, cortada no leito rochoso circundante e, portanto, estava fechada dentro de uma larga vala de mais de 4m de profundidade em alguns lugares. Andando em linha reta para o sul, paralelamente ao flanco oeste dilapidado do monumento, seguimos a borda da vala, a caminho da Terceira Pirâmide, muito menor, que ficava a uns 400m à nossa frente no deserto.

Khufu... Khafre... Menkaure... De acordo com todos os egiptólogos ortodoxos, as pirâmides haviam sido construídas como tumbas - e só

como tumbas - para esses três faraós. Ainda assim, essas conclusões enfrentavam algumas dificuldades sérias. A espaçosa câmara funerária da Pirâmide de Khafre, por exemplo, tinha sido encontrada vazia quando foi aberta em 1818 pelo explorador europeu Giovanni Belzoni. Na verdade, mais do que vazia, a câmara era nua e austeramente despojada. O sarcófago de granito polido engastado no chão também havia sido encontrado vazio, com a tampa ao lado, quebrada em dois pedaços. Como explicar esse fato?

Para os egiptólogos, a resposta parecia óbvia. Em alguma antiga data, provavelmente não muitas centenas de anos após a morte de Khafre, ladrões de sepulturas haviam penetrado na câmara e levado tudo que ali havia, incluindo o corpo mumificado do faraó.

Quase a mesma coisa parecia ter acontecido com a Terceira Pirâmide, a menor, na direção da qual Santha e eu estávamos nos dirigindo - a pirâmide atribuída a Menkaure. Neste caso, o primeiro europeu a penetrar no local fora um coronel britânico, Howard Vyse, que chegara ao interior da câmara mortuária em 1837. Ele encontrou um sarcófago vazio de basalto, uma tampa de caixão para antropóide, feita de madeira, e alguns ossos. A suposição natural era de que aqueles ossos pertencessem a Menkaure. A ciência moderna, porém, conseguiu provar que os ossos e a tampa do caixão datavam de começos da era cristã, isto é, de 2.500 anos após a Era das Pirâmides e, portanto, representavam o "enterro intrusivo" de um indivíduo muito posterior (costume este muito comum em toda a história do Egito antigo). Quando ao sarcófago de basalto - bem, poderia ter pertencido a Menkaure. Infelizmente, ninguém teve oportunidade de examiná-lo, porque a peça se perdeu no mar quando o navio usado por Vyse para enviá-la à Inglaterra afundou ao largo da costa da Espanha. Desde que estava registrado que o sarcófago havia sido encontrado por Vyse, mais uma vez fez-se a suposição de que o corpo do faraó devia ter sido dali tirado por ladrões de sepultura.

Suposição análoga foi feita sobre o corpo de Khufu, também desaparecido. Neste caso, o consenso dos estudiosos, expressado tão bem como por qualquer outra pessoa, por George Hart, do Museu

Britânico, dizia que "não depois de 500 anos após o funeral de Khufu" ladrões penetraram na Grande Pirâmide para "roubar o tesouro do sepultamento". A implicação era que o arrombamento devia ter ocorrido no ano 2000 a.C., ou por aí, uma vez que se acreditava que Khufu falecera no ano 2528 a.C. Além disso, o professor I.E.S. Edwards, uma autoridade reconhecida nesses assuntos, supôs que o tesouro funerário tinha sido retirado do famoso recinto sagrado, ora conhecido como Câmara do Rei, e que o "sarcófago de granito" que existia na extremidade oeste do recinto "havia abrigado outrora o corpo do rei, provavelmente dentro de um caixão interno feito de madeira".

Tudo isso é erudição ortodoxa, corrente, moderna, aceita inquestionavelmente como fato histórico e ensinado como tal em universidades por todo o mundo.

Mas vamos supor que isso não seja verdade.

O Armário estava Vazio

O mistério da múmia desaparecida de Khufu começa com as anotações do califa Al-Ma'mun, governador muçulmano do Cairo no século IX d.C., que usou uma equipe de pedreiros para abrir um túnel, começando no lado norte da pirâmide, e estimulando-os com promessas de que encontrariam tesouros. Graças a uma série de felizes acasos, o "Buraco de Ma'mun", como os arqueólogos agora o chamam, desembocou em uma das várias passagens internas do monumento, no "corredor descendente", que conduzia a um nível inferior a partir da porta original oculta na face norte (cuja localização, embora conhecida nos tempos clássicos, havia sido esquecida à época de Ma'mun). Devido a outro feliz acaso, as vibrações causadas pelos árabes com suas marretas e furadeiras desalojaram um bloco de calcário do teto do corredor descendente. Ao ser examinado o espaço de onde caíra o bloco, descobriu-se que ocultava a abertura

de outro corredor, desta vez *ascendente*, que levava às entranhas da pirâmide.

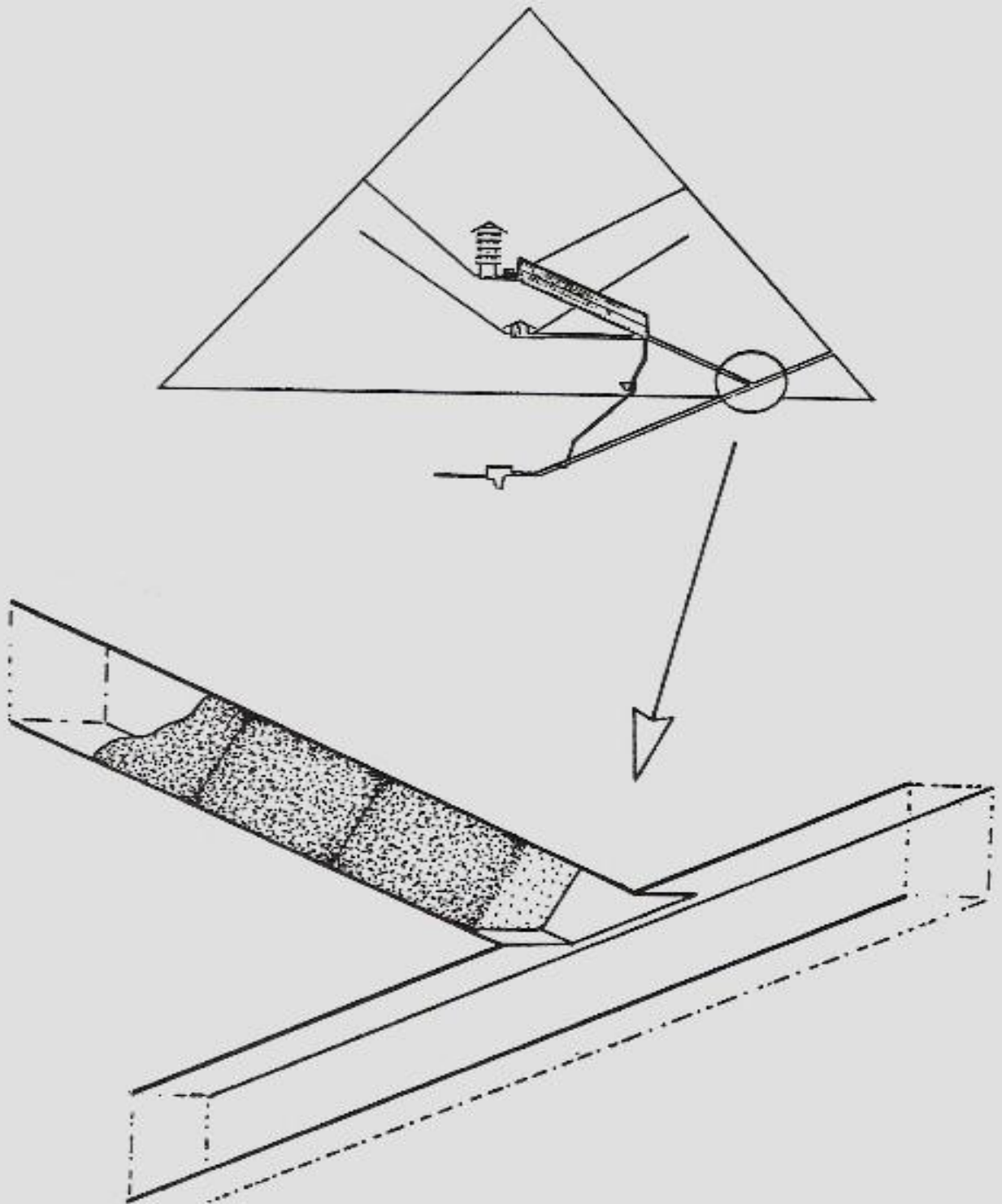
Havia um problema, contudo. A abertura estava bloqueada por uma série de enormes cunhas de granito maciço, evidentemente da mesma época da construção do monumento, que eram mantidas em seus lugares pelo estreitamento da extremidade mais baixa do corredor. Os pedreiros não conseguiram quebrar nem abrir passagem através das cunhas. Em vista disso, abriram um túnel no calcário ligeiramente mais mole que as cercava e, após várias semanas de trabalho exaustivo, voltaram a estabelecer ligação com o corredor ascendente mais alto - *tendo vencido um obstáculo formidável nunca antes superado*.

As implicações eram óbvias. Uma vez que nenhum caçador de tesouros anterior havia penetrado tanto assim no monumento, o interior da pirâmide devia ser ainda território virgem. Os pedreiros devem ter lambido os beiços em prelibação das imensas quantidades de ouro e jóias que, nesse momento, esperavam encontrar. Analogamente - e talvez por motivos diferentes, Ma'mun devia ter ficado impaciente para ser o primeiro a entrar nas câmaras que seriam descobertas. Dizia-se que seu principal motivo em dar início a essa investigação não fora a ambição de aumentar a sua já imensa riqueza pessoal, mas o desejo de obter acesso a um repositório de sabedoria e tecnologia antigas que, acreditava, devia estar enterrado no monumento. Nesse repositório, de acordo com tradição muito antiga, os construtores da pirâmide haviam depositado "instrumentos de ferro e armas que não enferrujavam, vidro que podia ser encurvado e não quebrava, e estranhos sortilégios".

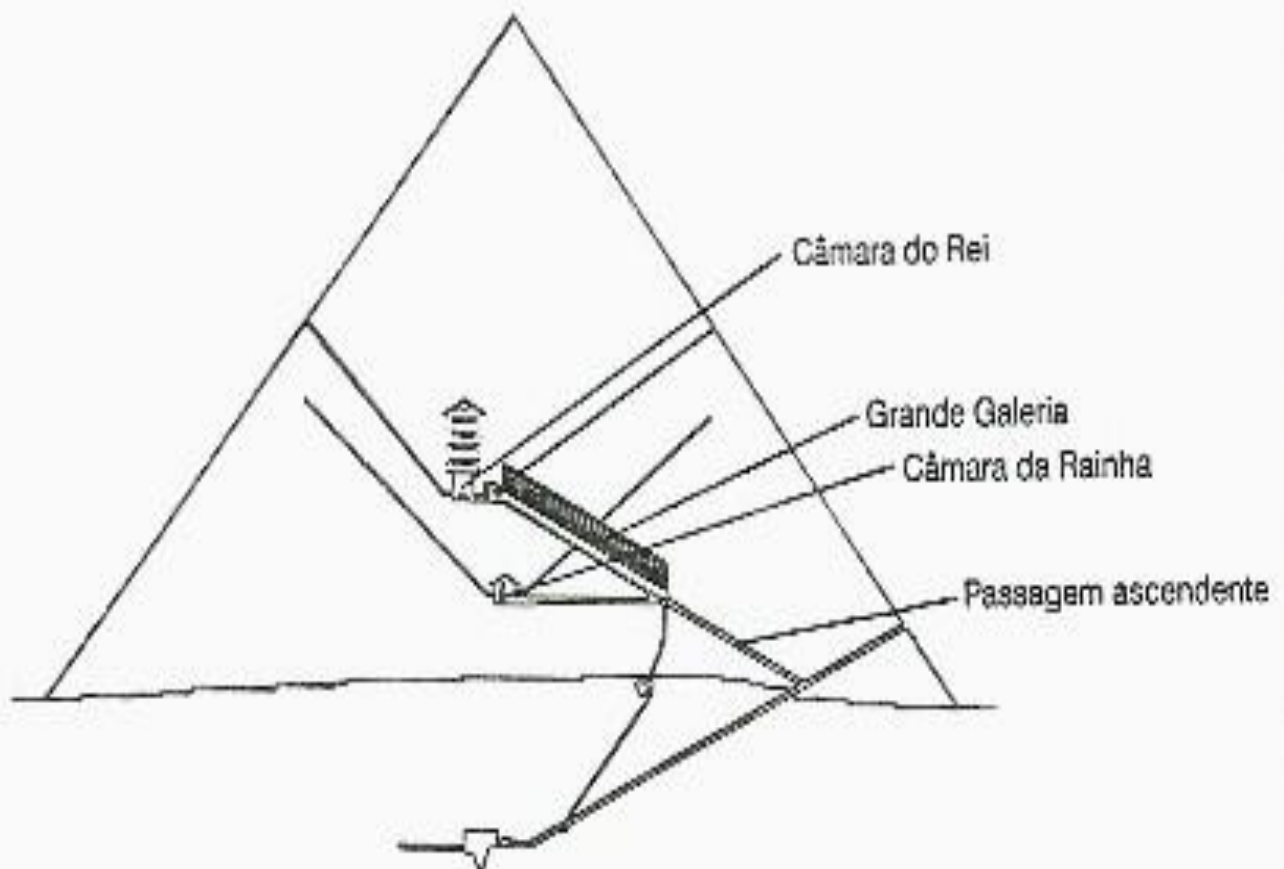
Ma'mun e seus pedreiros, porém, nada encontraram, nem mesmo qualquer tesouro comum - e com certeza nada de qualquer plástico antigo de alta tecnologia ou instrumentos de ferro ou armas à prova de ferrugem - e tampouco estranhos encantamentos.

A erroneamente denominada "Câmara da Rainha" (que se situava ao fim de uma longa passagem horizontal que se bifurcava a partir do

corredor ascendente) estava inteiramente vazia - e era apenas um aposento de aparência severa, geométrico.



A Grande Pirâmide: entrada e blocos de tamponamento no corredor ascendente.



A Grande Pirâmide: detalhes dos corredores, chaminés e câmaras.

Mais decepcionante ainda, a Câmara do Rei (onde os árabes chegaram depois de subir a imponente Grande Galeria) pouca coisa de interesse oferecia. O único móvel era um cofre de granito, grande o suficiente apenas para conter o cadáver de um homem. Mais tarde identificado, sem fundamentos dos melhores, como o "sarcófago". Ma'mun e seus homens aproximaram-se cheios de medo da caixa de pedra, destituída de qualquer decoração. Descobriram que ela não tinha tampa e que estava vazia, como tudo mais na pirâmide.

Por que, como e quando, exatamente, a Grande Pirâmide fora esvaziada de seu conteúdo? Quinhentos anos após a morte de Khufu, como sugeriam egiptólogos? Ou não seria mais provável, como a prova estava começando a sugerir, que as câmaras interiores haviam estado sempre vazias, desde o início, isto é, desde o dia em que o

monumento fora inicialmente fechado? Ninguém, afinal de contas, havia chegado à parte superior do corredor ascendente antes de Ma'mun e seus pedreiros. E era certo também que ninguém cortara um caminho através das cunhas de granito que bloqueavam a entrada desse corredor.

O bom senso eliminava a possibilidade de qualquer penetração anterior - a menos que houvesse outra maneira de entrar na pirâmide.

Gargalos no Poço da Coluna

Havia outra maneira de entrar.

Mais abaixo no corredor descendente, a mais de 60m além do ponto onde havia sido encontrada a extremidade fechada com uma cunha, descobriu-se a entrada oculta para outra passagem secreta, escavada profundamente no leito rochoso subterrâneo do platô de Gizé. Se Ma'mun tivesse descoberto essa passagem, poderia ter evitado muitos problemas, uma vez que fornecia uma rota sob medida em volta das cunhas que bloqueavam o corredor ascendente. Sua atenção, no entanto, fora desviada pelo desafio de abrir um túnel através das cunhas e nenhuma tentativa fez de investigar os espaços mais baixos do corredor descendente (que ele acabou usando como depósito de entulho das toneladas de pedra que seus pedreiros removiam do núcleo da pirâmide).

A plena extensão do corredor descendente, contudo, era bem conhecida e fora explorada nos tempos clássicos. O geógrafo greco-romano Estrabão deixou uma descrição muito clara de uma grande câmara subterrânea, na qual o corredor se abria (a uma profundidade de quase 1,80m abaixo do cume da pirâmide). Riscos (*graffitti*) do período da ocupação romana do Egito foram também encontrados no interior da câmara subterrânea, confirmando o fato de que ela havia sido habitualmente visitada. Ainda assim, uma vez que fora tão habilmente ocultada no início, a porta secreta que dava para um dos lados, situada a cerca de dois terços do caminho descendente da

parede oeste do corredor descendente, permaneceu fechada e desconhecida até o século XIX.

A passagem levava a uma chaminé estreita, de cerca de 50m de extensão, que subia quase verticalmente pelo substrato rochoso e em seguida, passando por mais de vinte carreiras completas dos blocos de calcário do coração da pirâmide, ligava-se ao principal sistema de corredores internos, situados na base da Grande Galeria. Não há prova indicativa do fim a que poderia ter servido esse estranho aspecto arquitetônico (embora vários estudiosos tenham arriscado palpites). Na verdade, a única coisa clara é que foi projetado por ocasião da construção da pirâmide e não constituiu resultado de intrusão de ladrões de sepulturas, que teriam cavado túneis. Continua em aberto, porém, a questão de se esses ladrões não poderiam ter *descoberto* a entrada oculta para o poço e a usado para retirar os tesouros das Câmaras do Rei e da Rainha.

Não se pode ignorar essa possibilidade. Não obstante, um exame do registro histórico pouco indica em seu favor.

O astrônomo de Oxford, John Graves, por exemplo, conseguiu entrar na extremidade superior do poço partindo da Grande Galeria. Desceu até uma profundidade de uns 18m. Em 1765, outro britânico, Namaniel Davison, chegou a uma profundidade de 45m, mas encontrou o caminho bloqueado por uma massa impenetrável de areia e pedras. Mais tarde, em 1830, o capitão G.B. Caviglia, um aventureiro italiano, desceu à mesma profundidade e encontrou o mesmo obstáculo. Mais empreendedor de que seus predecessores, ele contratou trabalhadores árabes para começar a escavar o entulho, na esperança de que pudesse haver embaixo alguma coisa de interesse. Seguiram-se vários dias de escavação em condições capazes de provocar claustrofobia, antes que fosse descoberta a ligação com o corredor descendente.

Será provável que essa chaminé apertada, bloqueada, possa ter sido uma passagem viável para os tesouros de Khufu, supostamente o maior faraó da magnífica Quarta Dinastia?

Mesmo que a chaminé não tivesse sido fechada com entulho e tapada na extremidade inferior, ela não poderia ter sido usada para tirar dali mais do que uma minúscula fração dos tesouros típicos de uma tumba real. E isso acontecia porque a chaminé só tinha 90cm de diâmetro e nela havia várias seções verticais de escalada difícil.

No mínimo, por conseguinte, quando Ma'mun e sua gente abriram caminho para a Câmara do Rei, por volta do ano 820 d.C., teria sido de esperar que algumas das peças maiores e mais pesadas do sepultamento original ainda continuassem ali - como as estátuas e santuários que ocupavam tanto espaço na tumba muito posterior, e presumidamente de qualidade inferior, de Tutancâmon. *Nada*, porém, foi encontrado dentro da Pirâmide de Khufu, tornando esta e a alegada pilhagem do monumento de Khafre trabalho dos únicos ladrões de sepultura na história do Egito a conseguir fazer uma limpeza completa, sem deixar nenhum vestígio - nem um pedaço de pano rasgado, nem um caco de louça partida, nem uma estatueta desprezada, nem uma única esquecida peça de joalheria mas apenas pisos e paredes nuas e as bocas abertas de sarcófagos vazios.

Diferente das Outras Tumbas

Nesse momento, passava das 6h da manhã e o sol banhava os cumes das pirâmides de Khufu e Khafre com uma leve tonalidade de luz pastel-rosada. Uma vez que era cerca de 60m mais baixa do que as duas outras, a Pirâmide de Menkaure continuava envolvida nas sombras, enquanto Santha e eu passávamos por sua aresta noroeste e continuávamos nosso passeio pela areia solta do deserto em volta.

Eu continuava a pensar na teoria de arrombamento e roubo do conteúdo da tumba. Tanto quanto podia compreender, a única "prova" autêntica em favor dela era a falta de objetos e múmias que, para começar, ela havia sido formulada para explicar. Todos os demais fatos, especialmente no que interessava à Grande Pirâmide, pareciam argumentar convincentemente contra a ocorrência de qualquer roubo.

A questão não era apenas o espaço apertado e a inconveniência da chaminé como rota de retirada para um volumoso tesouro. O outro aspecto notável da Pirâmide de Khufu era a ausência total, em todos os lugares, de inscrições ou efeitos decorativos na imensa rede de galerias, corredores, passagens e câmaras. A mesma coisa acontecia nas Pirâmides de Khafre e Menkaure. Em nenhum desses espantosos monumentos palavra alguma fora escrita em louvor dos faraós cujos corpos elas supostamente abrigavam.

Esse fato era excepcional. Nenhum outro local comprovado de sepultamento de qualquer monarca egípcio jamais foi encontrado sem motivos decorativos. O costume em toda a história do Egito era de as tumbas dos faraós serem *extensamente* decoradas, pintadas de maneira bela de cima a baixo (como no Vale dos Reis, em Lúxor, por exemplo) e com abundantes inscrições de encantamentos e invocações rituais, destinados a ajudar o morto em sua jornada para a vida eterna (como nas pirâmides de Saqqara, a apenas 30km de Gizé).

Por que Khufu, Khafre e Menkaure teriam feito as coisas de maneira tao diferente? Não teriam eles construído seus monumentos não para servir absolutamente de tumba, mas para alguma outra finalidade, mais sutil? Ou seria possível, como sustentavam algumas tradições árabes e esotéricas, que as pirâmides de Gizé tivessem sido erigidas muito antes da Quarta Dinastia pelos arquitetos de uma civilização mais antiga e mais avançada?

Por motivos muito fáceis de entender, nenhuma dessas hipóteses era muito popular entre os egiptólogos. Além do mais, embora admitindo que não havia nenhuma inscrição interna na Segunda e Terceira Pirâmide, tendo sido omitidos até os *nomes* de Khafre e Menkaure, os estudiosos citaram certas "marcas de pedreira" em hieróglifos (*graffiti* garatujados em blocos de pedra antes de deixarem a pedreira) e que foram encontrados dentro da Grande Pirâmide e que, de fato, pareciam trazer o nome de Khufu.

Um Certo Cheiro...

A descoberta das marcas de pedreira coube ao coronel Howard Vyse, durante as escavações destrutivas que realizou em Gizé no ano de 1837. Prolongando uma passagem existente, ele abriu um túnel para uma série de cavidades estreitas, denominadas de "câmaras de descarga", que se situam imediatamente acima da Câmara do Rei. As marcas de pedreira foram encontradas nas paredes e tetos das quatro cavidades mais altas e diziam coisas como as seguintes:

A TURMA DOS ARTESÃOS. COMO É PODEROSA A COROA
BRANCA DE KHNUM-KHUFU
KHUFU
KHNUM-KHUFU
ANO DEZESSETE

Tudo aquilo era muito conveniente. Exatamente no fim de uma onerosa e, sob outros aspectos, infrutífera estação de escavações, exatamente quando era necessária uma grande descoberta arqueológica para legitimar as despesas que fizera, Vyse tropeçou por acaso na descoberta da década - a primeira prova inefutável de que Khufu havia sido realmente o construtor da até então anônima Grande Pirâmide.

Caberia pensar que uma descoberta de tal natureza teria eliminado, de uma vez por todas, quaisquer dúvidas persistentes sobre a propriedade e finalidade do enigmático monumento. As dúvidas, porém, continuaram, principalmente porque, desde o início, um "certo cheiro" pairou sobre a prova de Vyse:

1. Era estranho que as marcas constituíssem os únicos sinais do nome Khufu jamais encontrados dentro da Grande Pirâmide.
2. Era estranho que tivessem sido encontrados em um canto obscuro e pouco examinado da imensa estrutura.

3. Era estranho que tivessem sido *absolutamente* encontradas em um monumento, sob outros aspectos, inteiramente destituído de inscrições de qualquer tipo.

4. E era muitíssimo estranho que tivessem sido encontradas apenas nas quatro cavidades superiores das cinco câmaras de descarga. Inevitavelmente, mentes desconfiadas começaram a se perguntar se as "marcas de pedra" não poderiam ter também aparecido na mais baixa das cinco câmaras, se ela tivesse sido descoberta por Vyse (e não por Namaniel Davison, setenta anos antes).

5. Por último, mas não de menor importância, era estranho que vários hieróglifos nas "marcas de pedra" tivessem sido pintados de cabeça para baixo, que alguns fossem irreconhecíveis e que outros tivessem sido escritos erradamente ou usados com desprezo pelas regras da gramática.

Teria sido Vyse um falsário?

Conheço um argumento plausível apresentado para sugerir que ele foi exatamente isso e, embora tudo indique que a prova final jamais será encontrada, parecia-me falta de cuidado da egiptologia acadêmica ter aceito, sem fazer perguntas, a autenticidade das marcas de pedra. Além do mais, havia prova hieroglífica alternativa, convincente, de origem mais pura, que parecia indicar que Khufu não poderia ter construído a Grande Pirâmide. Curiosamente, os mesmos egiptólogos que atribuíram de imediato importância imensa às marcas de pedra de Vyse apressaram-se em minimizar a importância desses outros hieróglifos em sentido contrário, que constam de uma estela retangular de pedra calcária, que ora se encontra no Museu do Cairo.

A Estela do Inventário, como é chamada, foi descoberta em Gizé no século XIX pelo arqueólogo francês Auguste Mariette. A estela foi uma espécie de bomba, porque seu texto indicava claramente que a Grande Esfinge e a Grande Pirâmide (bem como várias outras estruturas encontradas no platô) *já existiam muito antes de Khufu subir ao trono*. A inscrição referia-se também a Ísis como a "Senhora da Pirâmide", implicando essas palavras que o monumento fora

dedicado à deusa da magia e de maneira nenhuma a Khufu. Finalmente, havia a forte sugestão de que a pirâmide de Khufu pudesse ter sido uma das três estruturas subsidiárias situadas ao longo do flanco leste da Grande Pirâmide.

Tudo isso parecia prova contundente contra a cronologia ortodoxa do antigo Egito. E contestava também a opinião consensual de que as pirâmides de Gizé haviam sido construídas como tumbas, e apenas como isso. Não obstante, em vez de estudar as declarações antigas constantes da Estela do Inventário, os egiptólogos resolveram desmoralizá-las. Nas palavras do respeitado estudioso americano James Henry Breasted, "Essas referências seriam da mais alta importância, se a estela fosse contemporânea de Khufu. As evidências ortográficas de que tem data posterior, porém, são irrefutavelmente conclusivas...".

Breasted queria dizer com essas palavras que o sistema de escrita hieroglífica usado na inscrição não era compatível com o usado na Quarta Dinastia, pertencendo a uma época mais recente. Todos os egiptólogos concordaram com essa análise e o julgamento final, ainda aceito hoje, era que a estela havia sido entalhada na 21^a. Dinastia, cerca de 1.500 anos após o reinado de Khufu e que, por conseguinte, devia ser considerado como uma obra de ficção histórica.

Dessa maneira, citando evidência ortográfica, uma disciplina acadêmica inteira descobriu razões para ignorar as implicações revolucionárias da Estela do Inventário e, em nenhum momento, deu a devida consideração à possibilidade de que ela tivesse se baseado em uma inscrição autêntica da Quarta Dinastia (da mesma maneira que a Nova Bíblia Inglesa baseia-se em um original muito mais antigo). Exatamente os mesmos estudiosos, contudo, haviam aceitado a autenticidade de um duvidoso conjunto de "marcas de pedreira" sem a menor reserva, fechando os olhos para suas peculiaridades ortográficas e de outra natureza.

Por que essa ambigüidade? Poderia ter sido porque as informações contidas nas "marcas de pedreira" confirmavam rigorosamente a opinião ortodoxa, de que a Grande Pirâmide havia sido construída

como tumba para Khufu, ao passo que as informações constantes da Estela do Inventário a contradiziam?

Visão do Alto

Por volta de sete da manhã, Santha e eu havíamos penetrado profundamente no deserto a sudoeste das pirâmides de Gizé e estávamos sentados confortavelmente à sombra de uma imensa duna de areia que oferecia um panorama desimpedido de todo aquele sítio. Na data, 16 de março, estávamos a apenas alguns dias do Equinócio de Primavera, uma das duas ocasiões no ano em que o sol se levanta exatamente no leste verdadeiro em qualquer lugar no mundo. Marcando os dias como o ponteiro de um metrônomo gigantesco, o sol cortou ao meio, nessa manhã, o horizonte em um ponto a uma distância de um fio de cabelo do leste verdadeiro e já subira o suficiente no céu para dissipar os nevoeiros do Nilo, que ainda cobriam como uma mortalha grande parte da cidade do Cairo.

Khufu, Khafre, Menkaure... Quéops, Quéfren. Miquerinos. Sejam eles chamados por seus nomes egípcios ou gregos, não havia dúvida de que os três famosos faraós da Quarta Dinastia haviam sido consagrados pelas estruturas mais esplêndidas, mais honrosas, mais belas e maiores jamais vistas no mundo. Além do mais, era claro que esses faraós deviam, na verdade, ter mantido uma estreita ligação com os monumentos, não só por causa do folclore compilado e transmitido à posteridade por Heródoto (e que, com certeza, tinha alguma base nos fatos), mas também porque inscrições e referências a Khufu, Khafre e Menkaure haviam sido encontradas em volume moderado *fora* das três grandes pirâmides, em várias partes diferentes da necrópole de Gizé. Essas descobertas tinham ocorrido invariavelmente dentro e em volta das seis pirâmides subsidiárias, três das quais se situam à leste da Grande Pirâmide e as outras três ao sul da Pirâmide de Menkaure.

Uma vez que grande parte dessa evidência externa era ambígua e incerta, eu achava difícil entender por que motivo os egiptólogos se sentiam tão felizes em continuar a citá-la como confirmação da teoria das "tumbas e apenas isso".

O problema era que, com essa mesma evidência, podia-se dar respaldo igualmente válido - a um bom número de interpretações diferentes e mutuamente contraditórias. Para dar apenas um exemplo, a "estreita ligação" observada entre as três grandes pirâmides e os três faraós da Quarta Dinastia poderia, na verdade, ter surgido porque eles as haviam construído como suas tumbas. Mas poderia ter acontecido também se os monumentos gigantescos do platô de Gizé houvessem estado lá muito antes do alvorecer da civilização histórica, conhecida como Egito Dinástico. Nesse caso, bastaria supor que, no devido tempo, Khufu, Khafre e Menkaure haviam construído certo número de estruturas subsidiárias em volta das três pirâmides mais antigas - algo que teriam toda razão para fazer, porque, dessa maneira, teriam se apropriado do alto prestígio dos monumentos originais anônimos (e seriam, quase com certeza, considerados pela posteridade como seus construtores).

Mas havia ainda outras possibilidades. O importante, contudo, era que a prova relativa a quem, exatamente, construíra a grande pirâmide, quando e para que fim, era fraca demais para justificar o dogmatismo da teoria ortodoxa de "tumbas e só isso". Com toda honestidade, *não estava claro* quem tinha construído as pirâmides, nem em que época haviam sido construídas e *de maneira nenhuma clara* qual havia sido sua função.

Por todas essas razões, elas estão cercadas por um maravilhoso e impenetrável véu de mistério e, enquanto eu olhava para elas daquela altura no deserto, pareceu-me que elas vinham marchando pelas dunas em minha direção...

CAPÍTULO 36

Anomalias

Visto de nosso ponto de observação elevado no deserto, a sudoeste da necrópole de Gizé, o plano do sítio arqueológico das três grandes pirâmides nos pareceu majestoso, mas muito estranho.

A pirâmide de Menkaure era a que ficava mais próxima de nós, tendo por trás, na direção nordeste, os monumentos de Khafre e Khufu. Estas duas estavam situadas ao longo de uma diagonal quase perfeita - uma linha reta ligando as arestas sudoeste e nordeste da pirâmide de Khafre e, se prolongada para o nordeste, passaria também através das arestas sudoeste e nordeste da Grande Pirâmide. Presumivelmente, tal configuração nada tinha de acidental. Do ponto em que estávamos sentados, porém, era fácil ver que, se a mesma linha imaginária fosse estendida na direção sudoeste, ela erraria inteiramente a Terceira Pirâmide, uma vez que toda sua massa estava deslocada para leste da diagonal principal.

Egiptólogos, porém, recusaram-se a ver nisso qualquer anomalia. E por que deveriam ver? No que os interessava, *não* havia em Gizé um plano do sítio arqueológico. As pirâmides eram tumbas, e nada mais, construídas para três faraós diferentes em um período de cerca de 75 anos. Fazia sentido presumir que cada governante procurara expressar sua personalidade e idiossincrasias através de um monumento e fora por isso, provavelmente, que Menkaure "saíra da linha".

Os egiptólogos estavam enganados. Embora eu não soubesse desse fato naquela manhã de março de 1993, uma grande descoberta fora feita, provando, além de qualquer dúvida, que a necrópole obedecia, de fato, a um plano geral do sítio que determinava o posicionamento exato das três pirâmides não só nas relações entre si, mas também em relação ao rio Nilo, que corria alguns quilômetros a leste do platô de Gizé. Com sobrenatural fidelidade, esse imenso e ambicioso projeto reproduzia um fenômeno *celeste* - o que era talvez o motivo

por que os egiptólogos (que se orgulhavam de olhar exclusivamente para o chão sob os pés) não o haviam descoberto. Em uma escala realmente gigantesca, como veremos em outros capítulos, o plano refletia também a mesma preocupação obsessiva com orientações e dimensões, demonstradas em cada um dos monumentos.

Uma Opressão Estranha

Gizé, Egito, 16 de março de 1993, 8h da manhã

Com uma altura de pouco mais de 60m (e com comprimento nos lados da base de 108m), a Terceira Pirâmide tem menos da metade da altura e bem menos da metade da massa da Grande Pirâmide. Não obstante, ostenta uma impressionante e imponente majestade própria. Saindo do sol do deserto e penetrando em sua imensa sombra geométrica, lembrei-me do que o escritor iraquiano Abdul Latif disse sobre a estrutura, quando a visitou no século XII: "Ela parece pequena em comparação com as outras duas. Mas, vista a curta distância e com exclusão das outras, ela produz na imaginação uma estranha opressão e não pode ser contemplada sem que afete dolorosamente a vista...".

As dezesseis carreiras inferiores do monumento ainda estavam revestidas, como haviam se apresentado desde o início, com blocos de granito vermelho ("tão duro", nas palavras de Abdul Latif, "que o ferro precisa de muito tempo e dificuldade para nele deixar uma marca"). Alguns dos blocos são muito grandes, bem juntos e habilmente encaixados em um padrão completo de quebra-cabeça interligado, que lembra muito o trabalho de cantaria ciclópico de Cuzco, Machu Picchu e outros sítios arqueológicos no longínquo Peru. Como era o normal, a entrada para a Terceira Pirâmide situava-se na face norte, bem acima do chão. Daí, em um ângulo de 26° 2', um corredor descendente caía como uma lança para baixo e para dentro da escuridão. Orientado diretamente no sentido norte-sul, esse

corredor é constituído de seções retangulares e é tão apertado que tivemos quase que nos dobrar em dois para conseguir entrar. Nos locais em que passa através da cantaria do monumento, o teto e paredes consistem de blocos de granito bem ajustados. E, mais surpreendentemente ainda, esses blocos continuam por alguma distância abaixo do nível do chão.

A cerca de 20m a partir da entrada, o corredor se nivela e abre-se para uma passagem, onde podemos ficar de pé. Esta passagem leva a uma pequena antecâmara com apainelamento entalhado e sulcos cortados nas paredes, aparentemente para receber lajes de porta levadiça (tipo guilhotina). Chegando ao fim dessa câmara, tivemos que nos agachar novamente para entrar em outro corredor. Dobrados em dois, continuamos na direção sul por cerca de 12m, antes de chegar à primeira das três principais câmaras funerárias - se é que foram isso.

Esses cômodos sombrios, onde reina um silêncio sepulcral, haviam sido abertos na rocha maciça. O aposento onde nos encontrávamos era retangular e orientado no sentido leste-oeste. Medindo cerca de 9m x 4,5m de largura x 4,5m de altura, possui teto plano e uma estrutura interna complexa, com um buraco grande e irregular na parede oeste, que leva a um espaço escuro, semelhante a uma caverna, situado no outro lado. Há ainda uma abertura perto do centro do piso, que dá acesso a uma rampa, inclinada na direção oeste, e que conduz a níveis ainda mais profundos. Descemos a rampa. Ela termina em uma passagem curta, horizontal, à direita da qual, com acesso por um umbral estreito, existe uma pequena câmara vazia. Seis celas, tais como enxergas de monges medievais, haviam sido abertas nas paredes: quatro no lado leste e dois no lado norte. Egiptólogos pensam que serviram como "armazéns (...) para guardar objetos que o rei morto queria perto de seu corpo".

Saindo dessa câmara, viramos novamente para a direita e voltamos à passagem horizontal, no fim da qual encontramos outra câmara vazia, com um projeto excepcional entre as pirâmides do Egito. Com cerca de 3,5m de comprimento por 2,5m de largura e orientada no sentido norte-sul, suas paredes e piso muito danificados são feitos de um

granito peculiarmente denso, de cor de chocolate, que parecia absorver ondas de luz e som. O teto consiste de dezoito enormes placas do mesmo material, nove de cada lado, assentadas em cumeeiras que dão frente uma para a outra. Uma vez que haviam sido furadas a partir de baixo para formar uma superfície acentuadamente côncava, o efeito desses grandes monólitos é de uma abóbada arqueada perfeita, quase o que poderíamos esperar encontrar na cripta de uma catedral românica.

Refazendo os passos, deixamos as câmaras mais baixas e subimos a rampa de volta para a grande sala, de teto plano, cortada na rocha, que se estende acima. Passando pela abertura irregular da parede oeste, quando demos por nós, estávamos olhando diretamente para os lados superiores das dezoito lajes que formam o telhado da câmara embaixo. Dessa perspectiva, a verdadeira forma dessas lajes, como cumeeiras pontudas, fica imediatamente visível. O que estava menos claro, para começar, era como elas haviam sido trazidas para ali, quanto mais assentadas em uma posição perfeita. Cada uma delas deve pesar muitas toneladas, e são pesadas o suficiente para tornar extremamente difícil movê-las, em qualquer circunstância. E essas circunstâncias nada tinham de ordinárias. Como se para tornar deliberadamente as coisas mais complicadas para si mesmos (ou, quem sabe, porque achavam fáceis esses trabalhos?), os construtores da pirâmide não haviam nem pensado em reservar uma área de trabalho adequada entre as lajes e o leito rochoso acima. Rastejando para dentro da cavidade, consegui verificar que o vão varia de aproximadamente 60cm na extremidade sul para apenas alguns centímetros na extremidade norte. Em um espaço tão restrito assim não havia possibilidade de que os monólitos pudessem ter sido arriados na posição que ocupavam. Logicamente, por conseguinte, deviam ter sido içados a partir do chão da câmara, mas como fizeram isso? A câmara é tão pequena que apenas uns poucos homens poderiam ter nela trabalhado em qualquer ocasião - número este pequeno demais para reunir a força bruta muscular necessária para içar as lajes. Supostamente, não havia guias na Era das Pirâmides

(mesmo que houvesse, não existia espaço suficiente para montá-las). Teria sido usado algum sistema desconhecido de alavancas? Ou poderia haver mais fundamento do que pensavam os estudiosos nas antigas lendas egípcias, que falavam em pedras imensas que eram erguidas no ar sem esforço por sacerdotes ou mágicos, quando pronunciavam "palavras de poder"? Não pela primeira vez, quando confrontado com os mistérios das pirâmides, eu sabia que olhava, nesse momento, para uma façanha de engenharia impossível, que, não obstante, fora levada a cabo de acordo com padrões impressionantemente altos e precisos. Além do mais, se fôssemos dar crédito aos egiptólogos, o trabalho de construção ocorrera supostamente no alvorecer da civilização humana, realizado por um povo que não acumulara ainda qualquer experiência em maciços projetos de construção.

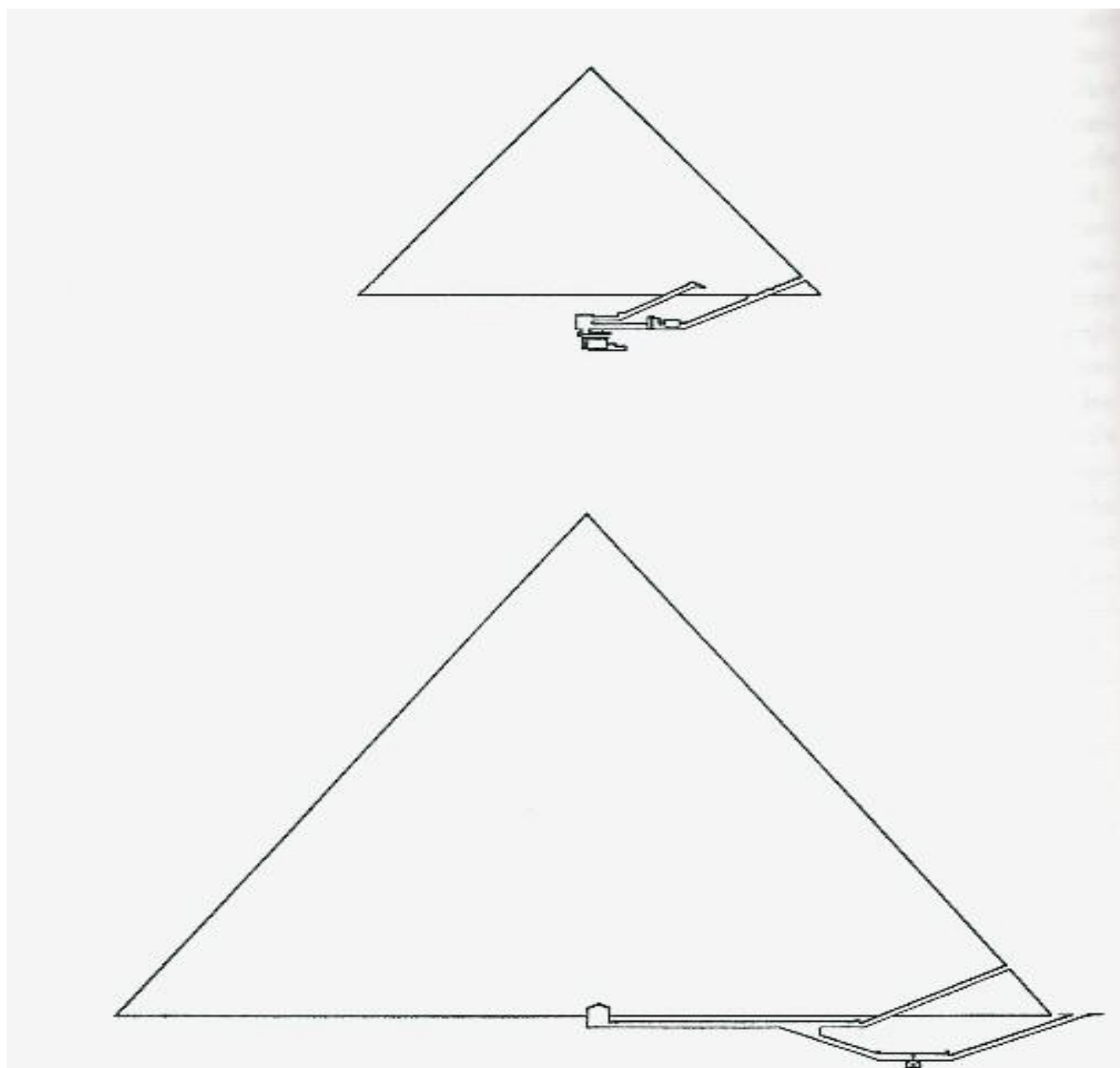
Havia aí, claro, um surpreendente paradoxo cultural e para o qual nenhuma explicação adequada foi dada por um especialista acadêmico.

O Dedo Móvel Escreve e, Tendo Escrito, Continua a Mover-se

Deixando as câmaras subterrâneas, que pareciam vibrar no âmago da Terceira Pirâmide como se fosse o coração convoluto, de multiválvulas, de algum Leviatã adormecido, seguimos pelo estreito corredor de entrada e saímos para o ar livre.

Nosso objetivo nesse momento era a Segunda Pirâmide. Contornamos sua face oeste (de pouco menos de 215m de comprimento), viramos para a direita e chegamos finalmente ao ponto em sua face norte, a uns 12m a leste do eixo principal norte-sul, onde se localizam as principais entradas. Uma delas havia sido escavada diretamente no substrato rochoso ao nível do chão, a cerca de 9m em frente ao monumento; a outra tinha sido aberta na face norte, a uma altura de pouco menos de 15m. A partir desta última, um corredor

desce em um ângulo de $25^{\circ} 55'10''$. Com início no primeiro, pelo qual entramos nesse momento na pirâmide, outro corredor penetra bem fundo e, em seguida, se nivela por uma curta distância, dando acesso a uma câmara subterrânea, sobe em um alto gradiente e por fim volta a nivelar-se em uma comprida passagem horizontal, que se dirige diretamente para o sul (no qual desemboca também o corredor superior que desce da entrada localizada na face norte).



Acima: Câmara e sistema de passagens da Pirâmide de Miquerinos.

Abaixo: Câmara e sistema de passagens da Pirâmide de Quéfren.

Com altura suficiente para que ficássemos de pé e revestido inicialmente de granito e depois de pedra calcária bem polida, a passagem oriental situa-se quase que no nível do chão, isto é, fica diretamente abaixo da carreira mais baixa de cantaria da pirâmide. É também muito comprida, seguindo em linha reta por mais 60m, até desembocar em uma única "câmara funerária" no coração do monumento.

Como já dissemos acima, nenhuma múmia foi jamais encontrada nesta última câmara, nem quaisquer inscrições, o que tornava a chamada Pirâmide de Khafre inteiramente anônima. Aventuroiros de uma época muito posterior, porém, haviam entalhado *seus* nomes nas paredes - notadamente o ex-hércules de circo Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), que entrou à força no monumento em 1818. Sua enorme e pitoresca pichação, garatujada em tinta preta bem alta no lado sul da câmara, é um lembrete da natureza humana básica: o desejo que todos sentimos de ser reconhecidos e lembrados. Era claro que o próprio Khafre esteve longe de ficar imune a essa ambição, uma vez que referências repetidas à sua pessoa (bem como um bom número de estátuas lisonjeiras) aparecem no complexo funerário circundante. Se ele havia realmente construído a pirâmide como sua tumba, parece inconcebível que um homem desse tipo tivesse deixado de gravar seu nome e identidade *em algum lugar* no interior da estrutura. Mais uma vez, comecei a me perguntar por que os egiptólogos demonstravam tanta má vontade em considerar a possibilidade de que o complexo funerário possa ter sido trabalho de Khafre e a pirâmide de algum outro indivíduo.

Mas *quem* havia sido esse indivíduo?

De muitas maneiras - e não por causa da ausência de marcas identificadoras - este era o problema principal. Antes dos reinados de Khufu, Khafre e Menkaure, não houve qualquer faraó isolado cujo nome poderia ter sido apresentado como candidato. Acredita-se que o pai de Khufu, Snefru, o primeiro rei da Quarta Dinastia, construiu as pirâmides "Vergada" e "Vermelha" de Dhashur, situadas a cerca de 48km de Gizé - uma atribuição em si mesma misteriosa (se as

pirâmides fossem, na verdade, tumbas), porquanto parece estranho que um faraó precisasse de duas pirâmides para ser sepultado. Alguns egiptólogos davam também a Snefru o crédito pela construção da Pirâmide "Desmoronada" de Meidum (embora certo número de autoridades insista em que esta era a tumba de Huni, o último rei da Terceira Dinastia). Os únicos outros construtores no Período Arcaico tinham sido Zóser, o segundo faraó da Terceira Dinastia, a quem se atribui a construção da "Pirâmide Escalonada de Saqqara", e seu sucessor, Sekhemkhet, cuja pirâmide se situa também em Saqqara. Por conseguinte, a despeito da falta de inscrições, supunha-se nesse momento, como se fosse óbvio, que as três pirâmides de Gizé *deviam* ter sido construídas por Khufu, Khafre e Menkaure e *forçosamente* para lhes servir como as respectivas tumbas.

Não precisamos repisar aqui as muitas falhas da teoria das "tumbas, e nada mais". Não obstante, essas falhas não se limitaram às pirâmides de Gizé, mas também a *todas as outras* pirâmides da Terceira e Quarta Dinastias mencionadas acima. Em nenhum desses monumentos jamais foi encontrado o corpo de qualquer faraó ou quaisquer sinais de sepultamento real. Algumas delas nem mesmo sarcófagos continham, como, por exemplo, a Pirâmide Desmoronada de Meidum. A Pirâmide de Sekhemkhet, em Saqqara (aberta pela primeira vez pela Organização de Antiguidades Egípcias), possuía, de fato, um sarcófago - e que certamente permaneceu fechado e intacto desde sua instalação na "tumba". Ladrões de sepulturas jamais conseguiram descobrir maneiras de violá-la, mas, quando foi aberta, descobriu-se que o sarcófago estava vazio.

Se assim, o que estava acontecendo? Como explicar que 25 milhões de toneladas de pedras tivessem sido empilhadas para formar as pirâmides de Gizé, Dhashur, Meidum e Saqqara, se o único objetivo desse trabalho todo fora instalar sarcófagos vazios em câmaras vazias? Mesmo admitindo os excessos hipotéticos de um ou dois megalomaníacos, parecia improvável que uma série inteira de faraós tivesse sancionado esse desperdício todo.

Caixa de Pandora

Sepultados sob as cinco milhões de toneladas da Segunda Pirâmide de Gizé, Santha e eu entramos nesse momento na espaçosa câmara interna do monumento, que poderia ter sido uma tumba, mas, *também*, ter servido para outra finalidade ainda não identificada. Medindo 14m de comprimento no sentido leste-oeste e 5m de largura no sentido norte-sul, esse aposento despojado e estéril é coroado por um teto em cumeeira imensamente forte, que chega a uma altura de 6,5m da base ao ápice. As lajes da cumeeira, todas elas maciços monólitos de pedra calcária de 20 toneladas de peso, haviam sido assentados em um ângulo de $53^{\circ} 7' 28''$ (que corresponde exatamente ao ângulo de inclinação dos lados da pirâmide). Aí não havia câmaras de descarga (como acima da Câmara do Rei, na Grande Pirâmide). Em vez disso, por mais de 4.000 anos - talvez muito mais -, o teto em cumeeira vem sustentando o peso imenso da segunda maior estrutura de pedra do mundo.

Olhei em volta da câmara, que refletia, em minha direção, um brilho branco-amarelado. Cortado diretamente no substrato rochoso, as paredes não têm em absoluto qualquer polimento, como poderia ter sido esperado, e são visivelmente ásperas e irregulares. O piso é também de uma construção peculiar, em dois níveis, com um degrau de cerca de 30cm de altura separando suas metades leste e oeste. O suposto sarcófago de Khafre está localizado perto da parede oeste, encravado no chão. Medindo pouco mais de 1,80m de comprimento, muito raso e de certa maneira estreito demais para ter contido uma múmia enfaixada e embalsamada de um nobre faraó, seus lados lisos de granito vermelho chegam mais ou menos à altura do joelho.

Enquanto olhava para seu escuro interior, tive a impressão que ele se abria como uma porta para outra dimensão.

CAPÍTULO 37

Feito por Algum Deus

Embora tivesse escalado a Grande Pirâmide na noite anterior, ao aproximar-me dela sob o pleno fulgor do sol de meio-dia não experimentei nenhuma sensação de triunfo. Pelo contrário, junto à base no lado norte, senti-me insignificante, como se fosse uma mosca - uma criatura temporária de carne e osso que se via frente à frente com o esplendor aterrador da eternidade. Tive a impressão de que a pirâmide devia ter estado ali desde sempre, "feita por algum deus e depositada inteira na areia em volta", como comentou o historiador grego Diodoro de Sicília no primeiro século a.C. Mas que deus a fizera, se não o Rei-Deus Khufu, cujo nome foi ligado a ela por gerações de egípcios?

Pela segunda vez em 12 horas, comecei a escalar o monumento. Bem perto a esta luz, indiferente às cronologias humanas e sujeita apenas às forças corrosivas lentas do tempo geológico, a pirâmide erguia-se acima de mim como um penhasco intimidador, apavorante. Por sorte, eu tinha que subir apenas seis carreiras de blocos, ajudado em muitos lugares por degraus modernos, antes de chegar ao Buraco de Ma'mun, que é usado atualmente como principal entrada da pirâmide. A entrada *original*, ainda bem escondida no século IX, quando Ma'mun iniciou a abertura do túnel, fica a cerca de dez carreiras mais alta, a uns 17m acima do nível do chão e a 7,5m a leste do eixo norte-sul. Protegido por gigantescas cumeeiras de pedra calcária, aí começa o corredor descendente, que leva para baixo a um ângulo de 26° 31' 23". Estranhamente, embora meça apenas cerca de 1,02m x 1,07m, este corredor está imprensado entre blocos do teto de 2,55m de espessura e 3,65m de largura e por uma laje de piso (conhecida como o "Lençol do Porão") de 45cm de espessura e 10m de largura. Características estruturais ocultas como essas abundam na Grande Pirâmide, revelando incrível complexidade e uma falta de propósito gritante. Ninguém sabe como blocos desse tamanho foram instalados,

nem tampouco como foram postos em alinhamento tão cuidadoso com outros blocos, ou em ângulos tão precisos (porque, como o leitor deve ter compreendido, a inclinação de 26° do corredor descendente faz parte de um padrão deliberado e regular). Ninguém tampouco sabe *por que* tais coisas foram feitas.

O Farol

Entrar na pirâmide pelo Buraco de Ma'mun não me pareceu a coisa certa a fazer. Era como penetrar numa caverna ou grotta aberta na encosta de uma montanha. Falta à coisa um sentido de finalidade deliberada, geométrica, que teria sido transmitido pelo corredor descendente original. Pior ainda, o túnel horizontal escuro e hostil dá a impressão de alguma coisa feia, deformada, e ainda conserva as marcas de violência nos lugares onde os trabalhadores árabes haviam alternadamente aquecido e esfriado as pedras com fogo forte e vinagre frio, antes de atacá-las com martelos e talhadeiras, marretas e perfuradeiras.

Por um lado, esse vandalismo parece grosseiro e irresponsável. Por outro, uma surpreendente possibilidade tem de ser levada em conta: não haverá um sentido em que a pirâmide dá a impressão de que foi projetada para *convidar* seres humanos dotados de inteligência e curiosidade a penetrar em seus mistérios? Afinal de contas, se você fosse um faraó que queria garantir que seu cadáver permaneceria intacto por toda a eternidade, teria feito mais sentido: a) anunciar para a sua e todas as gerações futuras o local de seu sepultamento; ou b) escolher um local secreto e desconhecido, sobre o qual jamais falaria e onde nunca seria descoberto?

A resposta é óbvia: você preferia sigilo e isolamento, como fez a vasta maioria dos faraós do antigo Egito.

Por que, então, se tivesse realmente o caráter de tumba real, a Grande Pirâmide era tão conspícua? Por que ocupava uma área de mais de cinco hectares? Por que tinha quase 150m de altura? Por

que, em outras palavras, se a intenção fora esconder e proteger o corpo de Khufu, havia sido projetada de maneira que não poderia deixar de chamar atenção - em todas as épocas e em todas as circunstâncias imagináveis - de aventureiros loucos por tesouro ou de intelectuais xeretas e imaginosos?

Não dava simplesmente para imaginar que os brilhantes arquitetos, pedreiros, agrimensores e engenheiros que a haviam criado ignorassem psicologia humana básica. A imensa ambição e beleza transcendente, o poder e refinamento artístico do trabalho dessa gente falava em perícias de alta classe, intuições profundas e completo entendimento de símbolos e padrões primordiais, através dos quais pode-se manipular a mente do homem. A lógica, por conseguinte, sugeria que os construtores da pirâmide deviam ter sabido exatamente também que tipo de farol estavam erguendo (com uma precisão incrível) no platô varrido pelos ventos, na margem oeste do Nilo, naqueles tempos antiqüíssimos.

Deviam, em suma, ter desejado que a notável estrutura exercesse um fascínio perene: para ser violada por intrusos, para ser medida com graus crescentes de exatidão, para assombrar a imaginação coletiva da humanidade como um fantasma teimoso, sugerindo um segredo profundo e há muito tempo esquecido.

Jogos Mentais dos Construtores da Pirâmide

O ponto em que o Buraco de Ma'mun corta o corredor descendente de 26° estava fechado por uma moderna porta de aço. Do outro lado, na direção norte, o corredor sobe até chegar às cumeeiras da entrada original do monumento. Ao sul, conforme vimos, o corredor desce novamente por quase 106m pelo leito rochoso, antes de desembocar em uma imensa câmara subterrânea a uns 185m abaixo do cume da pirâmide. Era espantosa a precisão desse corredor. Do alto até o fundo, o desvio médio da vertical é de menos de meia polegada nos lados e de 2/10 no teto.

Cruzando a porta de aço, continuei a percorrer o túnel de Ma'mun, respirando o ar antigo e acostumando a vista às lâmpadas elétricas de baixa voltagem que o iluminam. Em seguida, baixando a cabeça, comecei a subir a seção íngreme e estreita que fora cortada pelos trabalhadores árabes no esforço febril para ladear a série de cunhas de granito que bloqueavam a parte inferior do corredor ascendente. No alto do túnel, podem ser vistas duas das cunhas originais, ainda *in situ*, embora parcialmente expostas pelo trabalho de desbastamento. Egiptólogos supunham que elas haviam deslizado de cima para a atual posições - numa descida de 40m pelo corredor ascendente, a partir do piso da Grande Galeria. Construtores e engenheiros, cuja maneira de pensar é talvez mais prática, observam que é fisicamente impossível que as cunhas tenham sido instaladas dessa maneira. Dado o espaço fino como uma folha que as separa das paredes, chão e teto do corredor, o atrito teria posto a perder qualquer operação de "deslizamento" em uma questão de centímetros, quanto mais de 30 metros.

A implicação enigmática, portanto, é que o corredor ascendente devia ter sido fechado enquanto a pirâmide era construída. Mas por que alguém teria desejado bloquear a entrada principal para o monumento, em uma fase prematura na construção (embora, ao mesmo tempo, continuasse a alargar e refinar as câmaras interiores)? Além do mais, se o objetivo fora impedir a entrada de intrusos, não teria sido muito mais fácil e eficiente fechar o corredor *descendente* desde a entrada, na face norte, até um ponto abaixo de sua ligação com o corredor ascendente? Esta teria sido a maneira mais lógica de fechar a pirâmide e tornaria desnecessária a instalação de cunhas no corredor ascendente.

Só havia uma certeza: desde o começo da história, o único efeito conhecido das cunhas de granito de maneira alguma fora impedir o acesso de intrusos; em vez disso, tal como a porta fechada do Barba-Azul, o obstáculo atraiu a atenção de Ma'mun e lhe inflamou de tal modo a curiosidade que ele se sentiu obrigado a abrir um túnel

contornando-o, convencido de que alguma coisa de valor inestimável devia estar no outro lado.

Não teria sido isso o que os construtores da pirâmide *quiseram* que sentisse o primeiro intruso que chegasse até essa distância? Seria prematuro eliminar essa possibilidade estranha e perturbadora. De qualquer maneira, graças a Ma'mun (e às constantes previsíveis da natureza humana), consegui me introduzir nesse momento pela seção aberta do corredor ascendente original. Uma abertura cortada com esmero, medindo 1,03m de largura x 1,18m de altura (exatamente as mesmas dimensões do corredor descendente), subia inclinada pela escuridão a um ângulo de $26^{\circ} 2' 30''$ (contra os $26^{\circ} 31' 23''$ do corredor ascendente).

Que interesse meticuloso era esse pelo ângulo de 26° e seria coincidência que ele equivalesse à metade do ângulo de inclinação dos lados da pirâmide - 52° ?

O leitor talvez se lembre da importância desse ângulo. Ele é um elemento decisivo da fórmula sofisticada e avançada através da qual os construtores conseguiram que o projeto da Grande Pirâmide correspondesse exatamente à dinâmica da geometria esférica. A altura original do monumento (146m) e o perímetro da base (921m) mantinham a mesma razão entre si que o raio de uma esfera com sua circunferência. Essa razão é de 2π ($2 \times 3,14$), e para consegui-la os construtores haviam sido obrigados a especificar o difícil e idiossincrático ângulo de 52° para os lados da pirâmide (uma vez que uma inclinação maior ou menor teria significado uma razão altura-perímetro diferente).

No Capítulo 23, vimos que a denominada Pirâmide do Sol, em Teotihuacán, no México, revela também o conhecimento e o uso deliberado do número transcendente π . Nesse caso, a altura (71m) mantinha uma relação de 4π com o perímetro da base (1.184m).

O ponto crucial, portanto, é que o monumento mais notável do antigo Egito e o monumento mais notável do antigo México utilizaram as relações de π muito antes, e em lugares muito distantes, da "descoberta" oficial desse número transcendente pelos gregos. Além

do mais, a prova convidava à conclusão de que alguma coisa estava sendo sugerida com o uso de π - quase com certeza a *mesma* coisa em ambos os casos.

Não pela primeira, nem pela última vez, fui tomado por uma sensação de contato com uma inteligência antiga, não necessariamente egípcia ou mexicana, que descobrira uma maneira de cruzar as eras e atrair pessoas como se fosse um farol. Algumas poderiam procurar tesouros; outras, cativadas pela maneira enganosamente simples como os construtores haviam usado o π para demonstrar o domínio que possuíam dos segredos dos números transcendentais, poderiam sentir-se inspiradas a pesquisar mais epifanias matemáticas.

Dobrado quase em dois, as costas raspando o teto de pedra calcária polida, comecei, com esses pensamentos em mente, a rastejar pelo gradiente de 26° do corredor ascendente, que parecia penetrar no imenso volume das seis milhões de toneladas como se fosse um dispositivo trigonométrico. Depois de bater com a cabeça no teto umas duas vezes, contudo, comecei a me perguntar por que os engenhosos indivíduos que haviam projetado o corredor não o tinham feito uns 5 ou 8cm mais alto. Se, para começar, podiam construir um monumento como esse (o que obviamente podiam) e equipá-lo com corredores, certamente não teria ficado além da capacidade que possuíam tornar os corredores suficientemente espaçosos para que uma pessoa pudesse ficar de pé, certo? Mais uma vez, fui tentado a concluir que aquilo era resultado de decisão deliberada dos construtores: haviam projetado o corredor ascendente dessa maneira porque queriam que fosse assim (e não porque essas dimensões lhes tivessem sido impostas.)

Haveria algum motivo na aparente maluquice desses arcaicos jogos mentais?

Uma Distância Desconhecida e Sombria

No alto do corredor ascendente, emergi para outro aspecto inexplicável da pirâmide, "o mais famoso trabalho arquitetônico sobrevivente do Velho Reino" - a Grande Galeria. Subindo ao majestoso ângulo de 26°, que continuava, e quase desaparecendo inteiramente na escuridão ventilada acima, o espaçoso teto arqueado em modilhão deixou-me atônito.

Mas eu não tinha, ainda, a intenção de subir a Grande Galeria. Bifurcando-se diretamente para o sul a partir da base, há uma longa passagem horizontal, de 1,13m de altura por 38m de comprimento, que leva à Câmara da Rainha. Eu queria visitar esse aposento, que admirara por sua pura beleza desde que havia estado na Grande Pirâmide vários anos antes. Nesse dia, contudo, para grande irritação minha, a passagem estava bloqueada a alguns metros da entrada.

A razão, que eu ignorava na ocasião, era que um engenheiro alemão especializado em robótica, Rudolf Gantenbrink, estava trabalhando ali dentro, lenta e laboriosamente manobrando um robô, avaliado em US\$ 250,000, que subia a estreita chaminé sul da Câmara da Rainha. Contratado pela Organização de Antiguidades Egípcias para melhorar a ventilação da Grande Pirâmide, ele já usara equipamento de alta tecnologia para retirar o entulho da estreita "chaminé sul" da Câmara do Rei (que, para começar, egiptólogos acreditavam que havia sido projetada como um duto de ventilação) e instalara na boca do equipamento um ventilador elétrico. Em princípios de março de 1993, dirigiu suas atenções para a Câmara da Rainha, usando *Upuaut*, um robô miniaturizado operado por controle remoto para explorar a chaminé sul desse aposento. No dia 22 de março, cerca de 60m ao longo da chaminé muito íngreme (que sobe a um ângulo de 39,5° e tem apenas 20cm de altura x 22cm de largura), o chão e as paredes tornaram-se inesperadamente bem polidos, enquanto *Upuaut* rastejava para dentro de uma seção de fina pedra calcária Tura, o tipo normalmente usado para revestir áreas sagradas, tais como capelas e

tumbas. Esse fato em si já era muito intrigante, mas, ao fim desse corredor, e aparentemente levando a uma câmara fechada bem dentro da cantaria da pirâmide, foi encontrada uma porta de calcário maciço, com acessórios de metal...

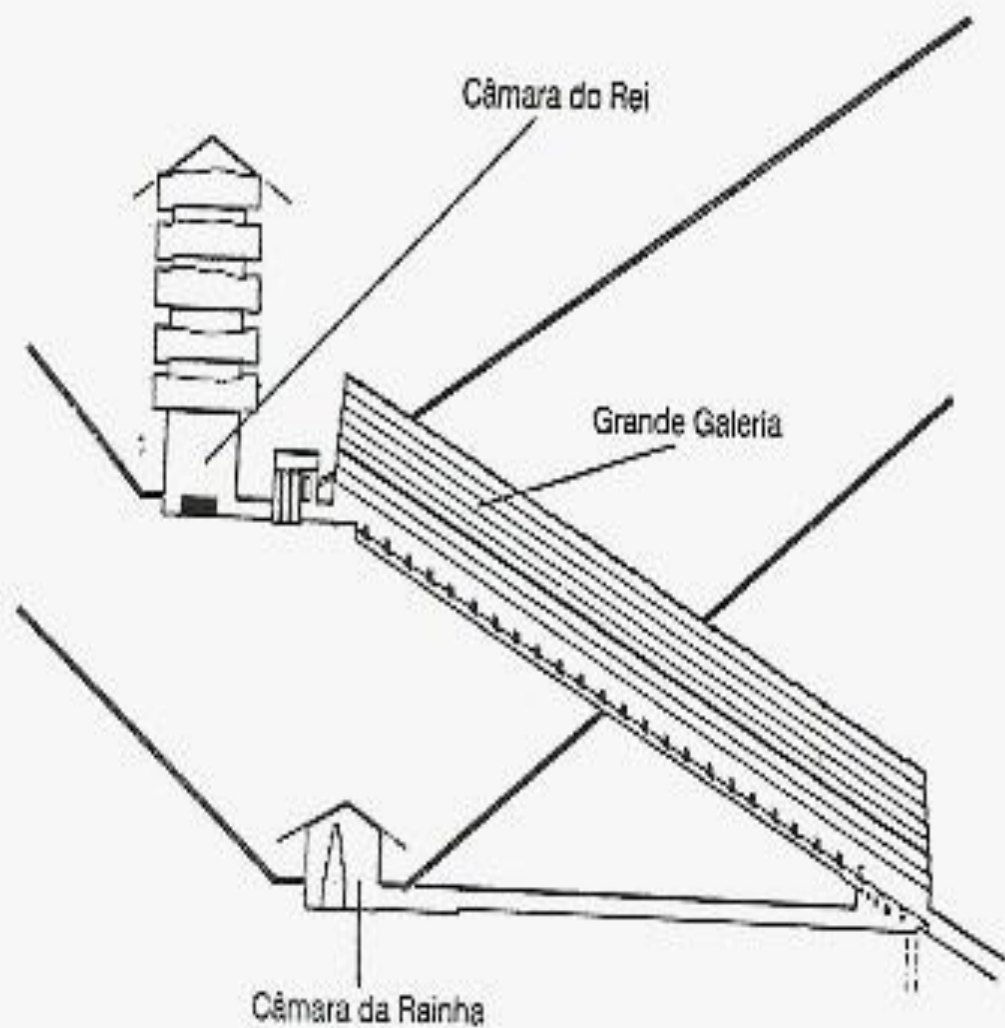
Há muito tempo se sabia que nem a chaminé sul nem sua contrapartida na parede norte da Câmara tinham qualquer saída na face da Grande Pirâmide. Além disso, e também inexplicavelmente, nenhuma delas fora cortada na rocha até o fim. Por alguma razão, os construtores haviam deixado intactos os 12cm finais do último bloco, onde ficaria a boca de cada uma delas, tornando-as, dessa maneira, invisíveis e inacessíveis a um intruso casual.

Por quê? Para terem certeza de que elas nunca seriam encontradas? Ou para terem certeza de que *seriam*, algum dia, nas circunstâncias certas?

Afinal de contas, desde o início tinha havido duas chaminés visíveis na Câmara do Rei, penetrando nas paredes norte e sul. Não teria ficado além da capacidade mental dos construtores prever que, mais cedo ou mais tarde, algum curioso sentiria a tentação de procurar chaminés também na Câmara da Rainha. No caso, ninguém realmente as procurou durante mais de mil anos, depois de ter o califa Ma'mun aberto o monumento para o mundo no ano 820 d.C. Em 1872, porém, um engenheiro inglês chamado Waynman Dixon, um maçom que "foi levado a suspeitar da existência das chaminés devido à presença delas na Câmara do Rei, que ficava acima", começou a dar pancadinhas em torno das paredes da Câmara da Rainha e localizou-as. Abriu inicialmente a chaminé sul, mandando seu "carpinteiro e pau-para-toda-obra, Bill Grundy, fazer com martelo e talhadeira de aço um buraco naquele lugar. O fiel empregado começou a trabalhar, e com tal disposição que, logo depois, abriu um buraco na pedra mole (calcário) nesse ponto, ocasião em que, olhem só, após um número relativamente pequeno de golpes, a ponteira varou alguma coisa".

Descobriu-se que a "alguma coisa" que a talhadeira de Bill Grundy havia aberto era um canal tubular, horizontal, retangular, 22,5cm por 16cm de largura e altura, que chega a uma parede a 2,10m de

distância e que em seguida sobe em ângulo para uma distância desconhecida, escura...



A Grande Galeria e as Câmaras do Rei e da Rainha, com suas chaminés norte e sul.

E foi subindo esse ângulo e para dentro da distância "desconhecida, escura" que, 121 anos depois, Rudolf Gantenbrink enviou seu robô - a tecnologia de nossa espécie finalmente se emparelhando com nosso poderoso instinto de xeretar. Esse instinto evidentemente não era mais fraco em 1872 do que em 1993. Entre muitas coisas interessantes, a câmera operada por controle remoto conseguiu filmar,

nas chaminés da Câmara da Rainha, as extremidades distantes de uma longa barra de metal, dividida em seções, de um tipo característico do século XIX, que Waynman Dixon e seu fiel Bill Grundy haviam secretamente introduzido no misterioso canal. Previsivelmente, eles supuseram que, se os construtores da pirâmide haviam se dado a todo esse trabalho para abrir e, em seguida, fechar as chaminés, eles deviam ter escondido lá dentro alguma coisa que merecia ser vista.

A idéia de que, desde o começo, tenha havido a *intenção* de estimular essas investigações pareceria inteiramente implausível, se o resultado final da descoberta e exploração das chaminés tivesse sido um beco sem saída. Em vez disso, como vimos acima, foi encontrada uma porta - uma porta móvel, levadiça (em guilhotina), com curiosos acessórios de metal e uma convidativa abertura na base, na qual o farolete a *laser* projetado pelo robô de Gantenbrink desapareceu por completo...

Mais uma vez, parecia haver ali um claro convite para ir mais além, o último em uma longa série de convites que encorajara o califa Ma'mun e seus homens a romper caminho para as passagens e câmaras centrais do monumento, que tinham esperado que Waynman Dixon submetesse a teste a hipótese de que as paredes da Câmara da Rainha pudessem conter chaminés ocultas e que continuara a esperar até despertar a curiosidade de Rudolf Gantenbrink, cujo robô de alta tecnologia revelou a existência da porta oculta e pôs ao alcance do homem quaisquer segredos - ou decepções, ou quem sabe, mais convites - que poderiam existir do outro lado.

A Câmara da Rainha

Em capítulos posteriores, ouviremos falar mais de Rudolf Gantenbrink e de *Upuaut*. No dia 16 de março de 1993, porém, nada sabendo a esse respeito, fiquei frustrado ao descobrir interditada a Câmara da

Rainha e olhei ressentido para a grade de metal que fechava o corredor de entrada.

Lembrei-me de que a altura desse corredor, 1,13m, não é constante. Aproximadamente 33m diretamente para o sul do lugar onde eu me encontrava e a apenas 4,50m da entrada da Câmara, um rebaixamento inesperado do piso aumenta a altura do corredor para 1,72m. Ninguém até este momento deu uma explicação convincente desse aspecto peculiar.

A Câmara da Rainha em si - aparentemente vazia desde o dia em que foi construída - mede 5,22m de norte a sul e 5,72cm de leste para oeste. Possui um elegante teto em cumeeira, a 7,12m de altura, que se situa exatamente ao longo do eixo leste-oeste da pirâmide. O piso, no entanto, é o oposto de elegante e dá a impressão de inacabado. Sente-se uma constante emanção salgada de suas paredes claras, de superfície irregular, o que deu origem a um sem-número de especulações infrutíferas.

Nas paredes norte e sul, ainda conservando a legenda ABERTA EM 1872, ficam as aberturas retangulares encontradas por Waynman Dixon e que levam para dentro da distância escura das misteriosas chaminés. A parede oeste é inteiramente despojada. Perturbada a pouco mais de 60cm de sua linha central, a parede leste é dominada por um nicho em forma de abóbada sustentada por modilhões, de 4,60m de altura e 1,60m de largura na base. Originariamente de 1m de profundidade, mais uma cavidade fora aberta, nos tempos medievais, no fundo do nicho, por caçadores de tesouros árabes que andavam à procura de câmaras ocultas. Eles nada haviam encontrado.

Egiptólogos tampouco conseguiram chegar a conclusões convincentes sobre a função original do nicho ou, por falar nisso, da Câmara da Rainha como um todo.

Tudo era confusão. Tudo era paradoxo. Tudo era mistério.

Instrumento

A Grande Galeria esconde também seus mistérios. Na verdade, ela figura entre os mais misteriosos dos aspectos internos da Grande Pirâmide. Medindo 2,04m de largura no nível do chão, suas paredes sobem verticalmente a uma altura de 2,28m; acima desse nível, mais sete carreiras de pedras de cantaria (todas elas se projetando para dentro cerca de 7,5cm além da carreira imediatamente abaixo), levam o teto abaulado à sua altura máxima, de 8,53m, e culminam em uma largura de 1,03m.

O leitor precisa lembrar que, estruturalmente falando, a galeria deveria suportar, *para sempre*, o peso de muitos milhões de toneladas dos três quartos superiores do maior e mais pesado monumento de pedra jamais construído no planeta Terra. Não era realmente notável que um grupo de supostos "primitivos tecnológicos" tivessem não só concebido e projetado tal monumento, mas tendo-o completado com todo sucesso, cerca de 4.500 anos antes de nossa época?

Mesmo que tivessem construído a Galeria com apenas 7m de comprimento e pensado em erigi-la em nível plano, a tarefa já teria sido muito difícil - na verdade, difícilíssima. Mas haviam resolvido erigir essa espantosa abóbada, sustentada por modilhões, a uma inclinação de 26° e prolongar-lhe o comprimento para uns impressionantes 46,5m. Além do mais, haviam feito isso com megálitos de pedra calcária perfeitamente aparelhada - blocos imensos, polidos até ficarem macios, cortados e transformados em paralelogramas inclinados e assentados tão juntos e com tanta precisão que as juntas se tornaram invisíveis a olho nu.

Os construtores haviam ainda incluído nesse trabalho algumas simetrias interessantes. A largura culminante da galeria no seu ápice, por exemplo, é de 1,3m, com uma largura no piso de 2,4m. No centro exato do piso, correndo por todo comprimento da galeria - e espremido entre rampas de pedras planas de 50cm de largura - há um canal rebaixado de 30cm de profundidade e 1,3m de largura. Qual

teria sido a finalidade desse entalhe? E por que tinha sido necessário que correspondesse tão exatamente à largura e forma do teto, que parecia também um "entalhe" espremido entre as duas carreiras superiores de cantaria?

Eu sabia que não era o primeiro que, no início da Grande Galeria, fora tomado pela impressão desorientadora de que "estava dentro de um instrumento enorme de algum tipo". Quem poderia dizer que essas intuições estavam inteiramente erradas? Ou, por falar nisso, que estavam certas? Não havia qualquer registro sobre função, além de referências místicas e simbólicas em certos textos litúrgicos egípcios antigos. Esses textos pareciam indicar que as pirâmides haviam sido consideradas como meios destinados a transformar mortos em seres imortais, "em escancarar as portas do firmamento e abrir uma estrada", de modo que o faraó morto pudesse "subir para a companhia dos deuses".

Eu não tinha dificuldade em aceitar que esse sistema de crenças pudesse ter estado em ação ali e, obviamente, ele poderia ter fornecido um motivo para todo aquele trabalho. Não obstante, eu continuava intrigado com a razão por que mais de seis milhões de toneladas de aparelhos *físicos*, complicadamente interligados com canais e tubos, corredores e câmaras, haviam sido considerados necessários para atingir um objetivo místico, espiritual e simbólico.

Estar no interior da Grande Galeria dava-me a impressão de me encontrar dentro de um enorme instrumento. A Galeria produzia um inegável impacto estético sobre minha pessoa (reconheço, um impacto pesado e dominador), mas também inteiramente destituído de aspectos decorativos e de tudo (imagens de divindades, altos-relevos de textos litúrgicos etc.) que pudessem sugerir adoração ou religião. A impressão que ela produzia em mim era de funcionalismo e intenção rigorosos - como se tivesse sido construída para realizar um certo tipo de trabalho. Simultaneamente, eu me dava conta da concentrada solenidade de estilo e gravidade de maneiras, que pareciam exigir nada menos do que uma séria e completa atenção.

Por essa altura, eu havia subido ininterruptamente até cerca de metade da galeria. À minha frente, e atrás de mim, sombras e luz faziam brincadeiras entre as imponentes paredes de pedra. Parando, virei a cabeça e olhei para cima através da escuridão do teto arqueado, que sustentava o peso esmagador da Grande Pirâmide do Egito.

De repente, assaltou-me o pensamento obcecante e inquietante de como ela era *velha* e como toda minha vida dependia, nesse momento, da perícia dos antigos construtores. Os grandes blocos que forravam o teto distante eram exemplos dessa perícia - todos eles assentados a um gradiente ligeiramente mais íngreme do que o da galeria. Conforme observou o grande arqueólogo e topógrafo Flinders Petrie, isso fora feito para que a borda inferior de cada pedra encaixasse como um dente na engrenagem cortada no alto das paredes, e daí, nenhuma pedra pode exercer pressão sobre a que está embaixo, de modo a ocasionar uma pressão cumulativa através de todo o teto, e cada pedra é separadamente sustentada pelas paredes laterais que estão à sua frente.

E seria isso trabalho de um povo cuja civilização acabara de emergir da caça-coleta de alimentos do período neolítico?

Comecei a subir novamente a galeria, usando o entalhe central de 60cm de profundidade. Um revestimento moderno, auxiliado por ripas convenientes e corrimãos laterais, tornava a subida relativamente fácil. Na antiguidade, contudo, o chão fora de pedra calcária bem polida, lisa, que, a um gradiente de 26°, devia ter sido quase impossível de subir.

De que maneira fora feito isso? Teria sido feito, de fato?

Alteando-se à frente e no fundo da Grande Galeria, vi a abertura escura da Câmara do Rei, chamando os peregrinos curiosos para penetrar no âmago do enigma.

CAPÍTULO 38

Jogo Interativo Tridimensional

Chegando ao fim da Grande Galeria, passei por cima de um grosso degrau de granito de uns 90cm de altura. Lembrei-me de que aquela peça se encontrava, exatamente como o telhado da Câmara da Rainha, ao longo do eixo leste-oeste da Grande Pirâmide, e, por conseguinte, marcava o ponto de transição entre as metades norte e sul do monumento. Tendo de certa maneira a aparência de um altar, o degrau proporciona também uma sólida plataforma horizontal, imediatamente de frente para o baixo túnel quadrado que serve de entrada para a Câmara do Rei.

Parando por um momento, voltei a olhar para a galeria, notando, mais uma vez, a falta de decoração, de iconografia religiosa e de todo e qualquer simbolismo reconhecível geralmente associado ao sistema de crenças arcaico dos antigos egípcios. Tudo que ficou gravado em minha mente, juntamente com todos os 46,63m dessa magnífica abertura geométrica, foi a regularidade como que casual e sua pura simplicidade mecânica.

Erguendo a vista, consegui distinguir, ainda que com alguma dificuldade, a boca de uma abertura escura, cortada no alto da parede leste, acima de minha cabeça. Ninguém sabia quando ou por quem esse agourento buraco fora aberto ou até que profundidade penetrara inicialmente. A abertura leva à primeira das cinco câmaras de descarga acima da Câmara do Rei e foi prolongada em 1837, ocasião em que Howard Vyse a usou para abrir caminho para as quatro restantes. Olhando novamente para baixo, pude distinguir, ainda que precariamente, o ponto na parte inferior da parede oeste da galeria, onde a chaminé quase vertical iniciava sua vertiginosa descida de 48m para encontrar-se com o corredor descendente, bem abaixo do nível do chão.

Por que havia sido necessário todo esse complicado sistema de canos e passagens? À primeira vista, a coisa não fazia sentido. Mas,

também, nada na Grande Pirâmide fazia muito sentido, a menos que estivéssemos dispostos a dedicar muita atenção a ela. De maneiras imprevistas, quando fazíamos isso, ela, uma vez por outra, nos recompensava.

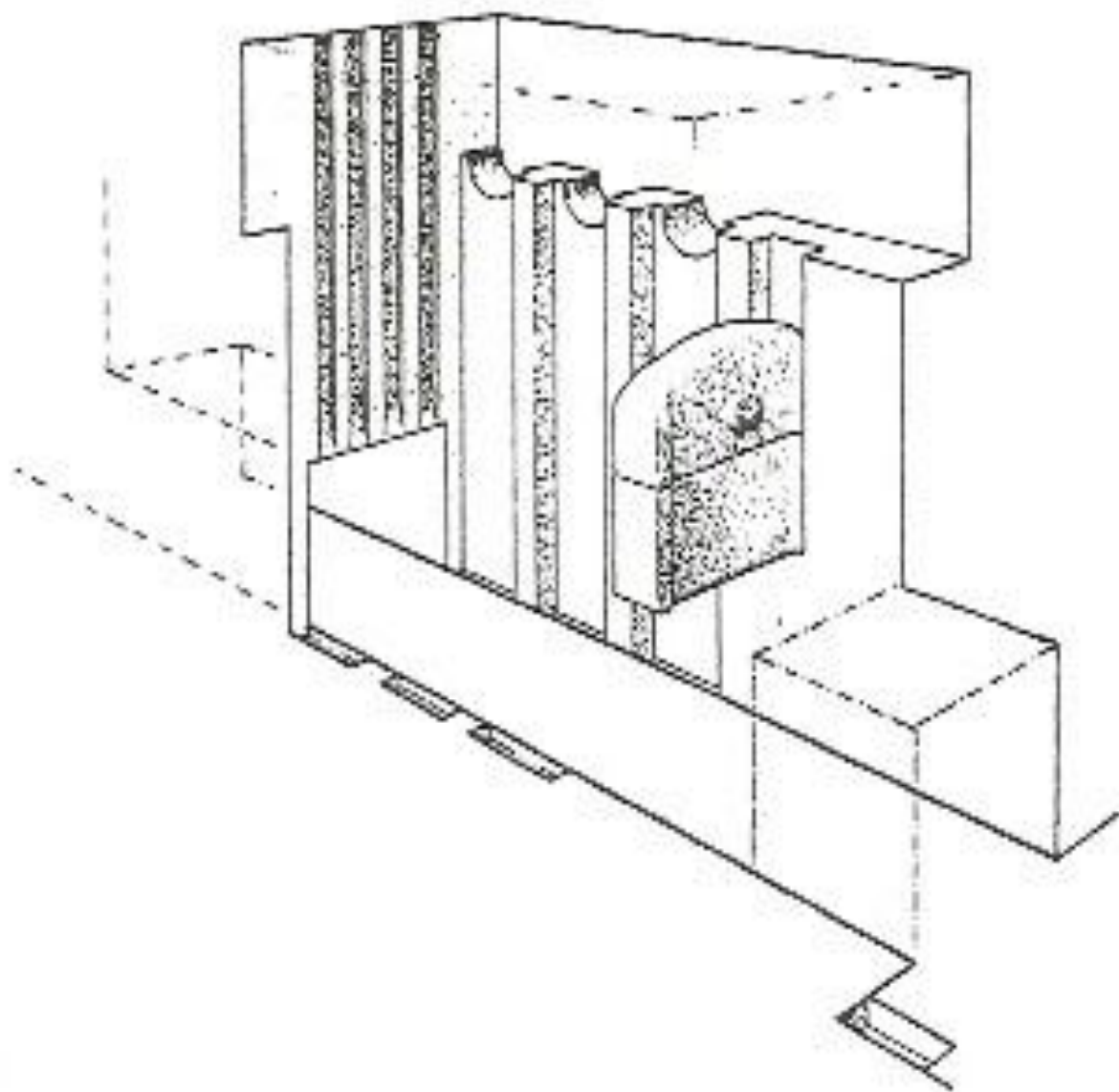
Se você fosse suficientemente bom em matéria de números, por exemplo, a pirâmide, conforme vimos acima, responderia a suas perguntas sobre a altura e perímetro da base, "imprimindo" o valor de π . E, se você estivesse disposto a investigar ainda mais, conforme veremos, ela faria o *download* de outros úteis fragmentos matemáticos, cada um deles mais complexo e mais difícil de compreender que o anterior.

Havia uma sensação programada a respeito de todo esse processo, como se ele tivesse sido pré-arranjado com o máximo cuidado. Não pela primeira vez, quando dei por mim estava querendo pensar na possibilidade de que a pirâmide pudesse ter sido projetada como um gigantesco desafio ou como uma máquina didática - ou, melhor ainda, como um quebra-cabeça tridimensional interativo, colocado no deserto para que a humanidade o solucionasse.

A Antecâmara

Tendo apenas 1,65m de altura, a entrada para a Câmara do Rei exige que todo ser humano de estatura normal se abaixe. Cerca de 1,20m adiante, porém, cheguei à "Antecâmara", onde o nível do telhado sobe inesperadamente para 3,65m acima do chão. As paredes leste e oeste da Antecâmara são de granito vermelho, no qual haviam sido entalhados quatro pares opostos de largos sulcos paralelos, que egiptólogos pensam que sustentaram grossas lajes levadiças (tipo guilhotina). Três desses pares de sulcos desciam até o chão e estavam vazios. O quarto (o mais ao norte) só havia sido cortado até o nível do teto da passagem de entrada (isto é, 1,3m *acima* do nível do chão) e continha ainda uma grossa folha de granito, talvez de 22cm de espessura e 1,82m de altura. Há um espaço horizontal de apenas 91

cm entre essa pedra levadiça e a extremidade norte da entrada, pela qual eu acabava de passar. Notei ainda uma abertura de pouco mais de 60cm de profundidade entre a parte mais alta da pedra levadiça e o teto. Qualquer que fosse a função para a qual devia servir, era difícil concordar com a opinião dos egiptólogos, de que essa estrutura peculiar fora ali construída para impedir o acesso de ladrões de sepulturas.



A Antecâmara.

Realmente confuso, passei por baixo dela e me espiguei novamente na parte sul da Antecâmara, que tinha cerca de 3,48m de comprimento e mantinha a mesma altura do teto, de 3,65m. Embora muito desgastados, os sulcos destinados às três "peças levadiças" restantes continuavam ainda visíveis nas paredes leste e oeste. Nenhum sinal havia das próprias lajes e, na verdade, era difícil compreender como peças tão pesadas de pedra poderiam ter sido instaladas em um espaço de trabalho tão exíguo.

Lembrei-me que Flinders Petrie, que realizara um levantamento topográfico sistemático da necrópole de Gizé em fins do século XIX, fizera comentários sobre um quebra-cabeças semelhante, que encontrara na Segunda Pirâmide: "As peças levadiças de granito na passagem inferior mostram grande habilidade na movimentação de massas, uma vez que seriam necessários de 40 a 60 homens para erguê-las. Ainda assim, elas foram erguidas e colocadas no lugar em uma passagem estreita, onde apenas uns poucos homens podiam alcançá-las". Exatamente as mesmas observações aplicavam-se às peças levadiças da Grande Pirâmide, se eram lajes levadiças - isto é, portas capazes de ser erguidas e baixadas.

O problema era que a física de içamento e abaixamento exigia que elas fossem mais curtas do que toda a altura da Antecâmara, de modo que pudessem ser puxadas para dentro do espaço do teto, a fim de permitir a entrada e saída de pessoas habilitadas, antes do fechamento da tumba. Isso significava, claro, que quando as bordas da parte inferior das lajes descessem até o chão para bloquear a Antecâmara nesse nível, um espaço igual e oposto teria sido aberto entre as bordas superiores das lajes e o teto, através do qual qualquer ladrão de sepulturas empreendedor teria certamente podido passar.

A Antecâmara qualificava-se, sem a menor dúvida, como outro dos muitos intrigantes paradoxos da pirâmide, nos quais a complexidade da estrutura era combinada com uma função aparentemente sem sentido.

Um túnel de saída, da mesma altura e largura do de entrada e revestido de granito vermelho maciço, abre-se a partir da parede sul

da Antecâmara (também de granito, mas incorporando uma camada de pedra calcária de 30cm na parte mais alta). Cerca de 2,70m adiante, o túnel desemboca na Câmara do Rei, uma sala vermelha escura, feita inteiramente de granito, que projeta uma atmosfera de prodigiosa energia e poder.

Enigmas em Pedra

Dirigi-me para o centro da Câmara do Rei, cujo eixo longo está perfeitamente orientado no sentido leste-oeste e, o mais curto, em perfeita orientação norte-sul. A Câmara tem exatamente 5,81m de altura e forma um retângulo exato de dois por um, medindo exatamente 10,42m de comprimento por 5,21m de largura. Com um piso formado por 15 maciças pedras de pavimentação e paredes compostas de 100 gigantescos blocos de granito, cada um deles pesando 70 toneladas ou mais e assentados em cinco carreiras, com um teto que se estende por mais nove blocos de granito, cada um deles pesando aproximadamente 50 toneladas, o efeito é de uma *compressão* intensa e esmagadora.

Na extremidade oeste da Câmara, há um objeto que, se fôssemos dar crédito aos egiptólogos, toda a Grande Pirâmide fora construída para abrigar. Esse objeto, talhado em uma única peça de granito escuro, cor de chocolate, contendo grânulos especialmente duros de feldspato, quartzo e mica, é o caixão sem tampa que se presumia ter sido o sarcófago de Khufus. No interior, suas medidas são de 1,98m de comprimento, 86,5cm de profundidade e 68cm de largura. As medidas externas são de 2,27m de comprimento, 1,04m de altura, e 1,02m de largura, 2,5cm a mais, incidentalmente, para que tivesse sido trazido através da entrada (nesse momento fechada) do corredor ascendente.

Alguns jogos matemáticos de rotina haviam sido inseridos nas dimensões do sarcófago. A peça, por exemplo, tem um volume interno de 1.166,4 litros e um volume externo de exatamente o dobro, isto é,

2.332 litros. Essa coincidência exata não poderia ter acontecido por acaso: as paredes da urna funerária haviam sido cortadas com tolerâncias da idade da máquina, por artesãos de imensa perícia e experiência. Parecia, além disso, como reconheceu Flinders Petrie com alguma perplexidade, após completar o exaustivo levantamento das medidas da Grande Pirâmide, que esses artesãos tiveram acesso a ferramentas "que nós mesmos só agora reinventamos..."

Petrie examinou com cuidado especial o sarcófago e concluiu que a peça devia ter sido cortada de seu bloco de granito circundante com uma serra reta de 2,50m de comprimento ou mais. Uma vez que o granito em causa era extremamente duro, ele só podia presumir que as serras deviam ter usado lâminas de bronze (o metal mais duro supostamente disponível na época) com "pontos de corte" de pedras preciosas ainda mais duras: "O caráter do trabalho indica certamente o diamante como tendo sido a pedra preciosa usada no corte e só as considerações de sua raridade em geral e ausência no Egito é que interferem nesta conclusão..."

Um mistério ainda mais profundo cercava a operação de tornar côncavo o sarcófago, obviamente um trabalho muito mais difícil do que separá-lo de um bloco de rocha. Neste particular, Petrie concluiu que os egípcios deveriam ter adaptado seus princípios de trabalho de serralharia e lhes dado uma forma circular, e não mais retilinear, encurvando a lâmina em volta de um tubo, que abria um orifício circular através de rotação. Dessa maneira, desgastando os núcleos de pedra deixados nos sulcos, conseguiam abrir grandes buracos com um mínimo de trabalho. Essas furadeiras circulares variavam em diâmetro de 5/4 a 5 polegadas e de 1/30 a 1/5 de espessura...

Claro, como reconheceu Petrie, nenhuma furadeira ou serra com dentes de diamante jamais foi encontrada pelos egiptólogos. A prova visível dos tipos de perfuração e trabalho de serralharia que haviam sido feitos, contudo, levaram-no a inferir que esses instrumentos deviam ter existido na época. Ele ficou particularmente interessado por esse assunto e ampliou o estudo para incluir não só o sarcófago da Câmara do Rei, mas numerosos outros artefatos de granito e "núcleos

de perfuração" que colecionou em Gizé. Quanto mais aprofundava a pesquisa, contudo, mais misteriosa se tornava a tecnologia de corte de pedra dos antigos egípcios:

O volume de pressão, demonstrado pela rapidez com que as furadeiras e serras penetravam nas pedras duras, é motivo de grande surpresa. Provavelmente, uma carga de uma ou duas toneladas era aplicada às furadeiras de quatro polegadas que cortavam o granito. No núcleo de granito número 7, a espiral do corte penetrou uma polegada na circunferência de 6 polegadas, com uma taxa de desbastamento espantosa. (...) Esses rápidos sulcos em espiral de maneira alguma podem ser atribuídos a outra coisa que à descida da furadeira no granito sob enorme pressão...

Não era estranho que, no suposto início da civilização humana, há mais de 4.500 anos, os antigos egípcios tivessem adquirido o que parece ser perfuratrizes da era industrial, com uma pressão de uma tonelada ou mais e capaz de fatiar pedras duras como uma faca quente na manteiga?

Petrie nenhuma explicação conseguiu dar para esse enigma. Tampouco pôde explicar o tipo de instrumento usado para cortar hieróglifos em certo número de tigelas de diorita, com inscrições da Quarta Dinastia, que descobriu em Gaza: "Os hieróglifos foram cortados com ponta livre. Não foram arranhados nem desbastados, mas abertos na diorita, com bordas nítidas acompanhando as linhas..." Esse fato incomodou o lógico Petrie, porque ele sabia que a diorita é uma das pedras mais duras existentes na terra, muito mais dura do que o ferro. Ainda assim, estava sendo cortada no Egito antigo com incrível força e precisão por alguma ferramenta de gravação ainda não identificada:

Uma vez que as linhas têm apenas 1/150 de polegada de largura, é evidente que a ponta cortante deve ter sido muito mais dura do que o quartzo e resistente o suficiente para não se partir, quando um gume

tão fino estava sendo usado, provavelmente com largura de apenas 1/200 de polegada. As linhas paralelas foram gravadas a apenas 2/30 de separação de centro para centro.

Em outras palavras, ele imaginava um instrumento com uma ponta aguçada como agulha, de dureza excepcional, sem precedentes, capaz de penetrar e abrir sulcos com a maior facilidade na diorita e de suportar também as enormes pressões necessárias durante toda a operação. Que tipo de instrumento era esse? Através de que meios a pressão fora aplicada? Como puderam os egípcios manter a precisão suficiente para riscar linhas paralelas a intervalos de apenas 1/30 de polegada?

Pelo menos, era possível evocar uma imagem mental de furadeiras circulares com dentes de diamante, que Petrie supunha que deveriam ter sido usadas para se obter a concavidade do sarcófago da Câmara do Rei. Descobri, contudo, que não era fácil fazer a mesma coisa no tocante ao instrumento desconhecido capaz de riscar hieróglifos em diorita no ano 2500 a.C., ou, de qualquer outro modo, sem supor a existência de um nível de tecnologia muito mais alto do que os egiptólogos estavam dispostos a aceitar.

Mas o caso não dizia respeito apenas a alguns hieróglifos e tigelas de diorita. Em minhas primeiras viagens pelo Egito, eu havia examinado muitos vasos de pedra - datando alguns deles, em alguns casos, dos tempos pré-dinásticos que haviam sido misteriosamente escavados em forma côncava em uma grande faixa de material, tais como diorita, basalto, quartzo, cristal existo metamórfico.

Mais de 30.000 desses vasos, por exemplo, haviam sido encontrados nas câmaras situadas sob a Pirâmide Escalonada de Zóser, em Saqqara, da época da Terceira Dinastia. Esse fato significa que os vasos eram, pelo menos, tão velhos quanto o próprio Zóser (isto é, cerca de 2.650 anos a.C.). Teoricamente, poderiam ter sido ainda mais antigos do que isso, uma vez que vasos idênticos tinham sido descobertos em estratos pré-dinásticos datados de 4.000 anos a.C. e ainda antes, porque o costume de legar objetos de grande valor de

uma geração a outra estava profundamente enraizado no Egito desde tempos imemoriais.

Tivessem sido feitos no ano 2500 a.C., no ano 4000 a.C., ou mesmo antes, os vasos de pedra da Pirâmide Escalonada eram notáveis por seu fino acabamento artesanal, que, mais uma vez, parecia ter sido conseguido através de alguma ferramenta sequer imaginada (e, na verdade, quase inimaginável).

Por que inimaginável? Porque muitos dos vasos eram altos, com longos, finos e elegantes pescoços e interiores muito abertos, não raro incluindo asas inteiramente ocas. Nenhum instrumento ainda inventado era capaz de escavar e de dar a vasos formas como essas, porque ele teria que ser ainda mais estreito para passar através dos pescoços e suficientemente forte (e da forma certa) para ter escavado as asas e o interior redondo. E de que maneira pressão suficiente para cima e para fora poderia ter sido gerada e aplicada dentro de vasos para se obter esses resultados?

Os vasos altos não foram absolutamente os únicos de tipo enigmático desencavados na Pirâmide de Zóser e em certo número de outros sítios arcaicos. Foram encontradas urnas monolíticas com alças ornamentais delicadas, deixadas na parte externa pelos artesãos. E foram descobertas também tigelas, mais uma vez com pescoços estreitos como os vasos e com interior bem largo, arredondado. E não faltaram tigelas abertas e frascos quase microscópicos e ocasionais objetos estranhos em forma de roda, cortados em xisto metamórfico, com bordas enroladas para dentro tão finas que eram quase translúcidas. Em todos os casos, o que causava realmente perplexidade era a precisão com que haviam sido trabalhadas as partes interna e externa desses vasos para corresponder uma à outra - curva à curva - em superfícies macias e polidas, sem nenhuma marca visível de ferramenta.

Não havia, ao que se soubesse, tecnologia disponível na época, com a qual os antigos egípcios pudessem obter esses resultados. Nem, por falar nisso, qualquer gravador moderno em pedra poderia ficar à altura deles, mesmo que trabalhasse com as melhores ferramentas de

carboneto de tungstênio. A implicação, portanto, é que uma tecnologia desconhecida ou secreta foi usada no antigo Egito.

A Cerimônia do Sarcófago

De pé na Câmara do Rei, virado para o oeste - a direção da morte entre os antigos egípcios e os maias -, descansei levemente as mãos sobre a borda granítica áspera do sarcófago que, insistem os egiptólogos, fora construído para abrigar o corpo de Khufu. Olhei para sua escura profundidade, para o lugar onde a fraca iluminação elétrica da tumba parecia ter dificuldade de penetrar e vi partículas de poeira girando em uma nuvem dourada.

Era simplesmente um efeito de luz e sombra, claro, muito embora a Câmara do Rei estivesse cheia dessas ilusões. Lembrei-me que Napoleão Bonaparte passou uma noite sozinho aqui, durante a conquista do Egito, em fins do século XVIII. Na manhã seguinte, reapareceu pálido e abalado, tendo experimentado alguma coisa que o perturbou profundamente, mas sobre a qual jamais disse coisa alguma.

Teria ele tentado dormir no sarcófago?

Obedecendo a um impulso, entrei no grande caixão de granito e me deitei, rosto para cima, os pés apontados para o sul e a cabeça para o norte.

Napoleão era baixote, de modo que deve ter se encaixado confortavelmente ali. Para mim havia também espaço suficiente. Mas Khufu estivera também ali?

Relaxe e tentei não me preocupar com a possibilidade de um dos guardas da pirâmide entrar e me encontrar nessa posição embaraçosa e, possivelmente, proibida. Na esperança de não ser perturbado durante alguns minutos, cruzei as mãos sobre o peito e soltei um som baixo e contínuo - algo que eu havia tentado várias vezes antes em outros pontos da Câmara do Rei. Nessas ocasiões, no centro do piso, eu havia notado que as paredes e teto pareciam captar o som, isolá-

lo, amplificá-lo e projetá-lo de volta a mim, de tal modo que pude sentir as vibrações refletidas através dos pés, couro cabeludo e pele. Nesse momento, dentro do sarcófago, senti mais ou menos o mesmo efeito, embora aparentemente amplificado e concentrado muitas vezes. Era como estar na caixa de ressonância de algum gigante, em um instrumento musical ressonante destinado a emitir para sempre apenas uma nota reverberante. O som era intenso e profundamente perturbador. Imaginei-o saindo do sarcófago e refletindo-se das paredes e teto de granito, subindo com grande rapidez através dos poços de "ventilação" sul e norte e espalhando-se pelo platô de Gizé como uma nuvem sônica em forma de cogumelo.

Com essa visão ambiciosa em mente, e com o som de minha nota em baixo timbre ecoando nos ouvidos e fazendo o sarcófago vibrar ao meu redor, fechei os olhos. Quando os abri, seis minutos depois, vi um espetáculo embaraçoso: seis turistas japoneses, de idades e sexos variados, haviam se reunido em torno do sarcófago - dois deles a leste, dois a oeste e um em cada uma das faces norte e sul.

Todos eles olharam para mim... atônitos. E também fiquei assim ao vê-los. Devido a ataques recentes de extremistas islâmicos, quase não havia mais turistas em Gizé e eu esperara ter a Câmara do Rei só para mim.

O que é que fazemos em uma situação como essa?

Reunindo tanta dignidade quanto pude, sentei-me e comecei a espanar a roupa. Os japoneses recuaram um passo e saltei do sarcófago. Adotando um jeitão sério e tranquilo, como se fizesse coisas assim o tempo todo, dirigi-me ao ponto, a dois terços do caminho ao longo da parede norte da Câmara do Rei, onde se localiza a entrada que os egiptólogos chamam de "poço de ventilação norte", e comecei a examiná-lo cuidadosamente.

Medindo 20,22cm de largura por 22,86cm de altura, eu sabia que o túnel tinha mais de 60m de comprimento e que se abria para o ar livre na carreira 103 da cantaria. Presumivelmente por intenção, e não por acaso, a boca do túnel aponta para as regiões circumpolares dos céus do norte, a um ângulo de 32°. Essa orientação, na Era da Pirâmide,

por volta do ano 2500 a.C., teria significado que ela se dirigia para o zênite de Alfa Draconis, uma estrela importante na constelação do Dragão.

Para grande alívio meu, os japoneses terminaram rapidamente a visita à Câmara do Rei e foram embora, encurvando-se, sem um olhar para trás. Logo que eles saíram, dirigi-me para o outro lado da câmara para dar uma olhada no poço de ventilação sul. Uma vez que havia estado ali alguns meses antes, notei que sua aparência mudara horivelmente. A boca continha nesse momento uma maciça unidade elétrica de ar condicionado, instalada por Rudolf Gantenbrink, que nessa mesma ocasião dirigia a atenção para as negligenciadas chaminés da Câmara da Rainha.

Alguns egiptólogos estavam convencidos de que as chaminés na Câmara do Rei haviam sido construídas para fins de ventilação e nada viam de estranho em usar tecnologia moderna para aumentar a eficiência dessa função. Ainda assim, túneis *horizontais* não teriam sido mais eficientes do que inclinados, se o objetivo principal fosse ventilar, e mais fáceis de construir? Por isso mesmo, provavelmente não era por acaso que a chaminé sul da Câmara do Rei estivesse voltada para os céus do sul a um ângulo de 45°. Durante a Era da Pirâmide, esta era a localização do trânsito do meridiano de Zeta Orionis, a mais baixa das três estrelas do Cinturão de Órion - um alinhamento, como eu descobriria em tempo oportuno, que revelaria ser da mais alta importância para pesquisas futuras sobre a pirâmide.

O Mestre do Jogo

Nesse momento, eu tinha, mais uma vez, a Câmara só para mim. Fui até a parede oeste, no lado mais distante do sarcófago, e virei para o leste.

A imensa câmara tinha uma capacidade interminável de gerar indicações de jogos matemáticos. Sua altura (5,7m) era exatamente a metade do comprimento da diagonal do chão (11,41 m). Além disso,

uma vez que a Câmara do Rei forma um retângulo perfeito de 1 x 2, seria concebível que seus construtores não soubessem que haviam feito com que ela expressasse e exemplificasse a "seção áurea"?

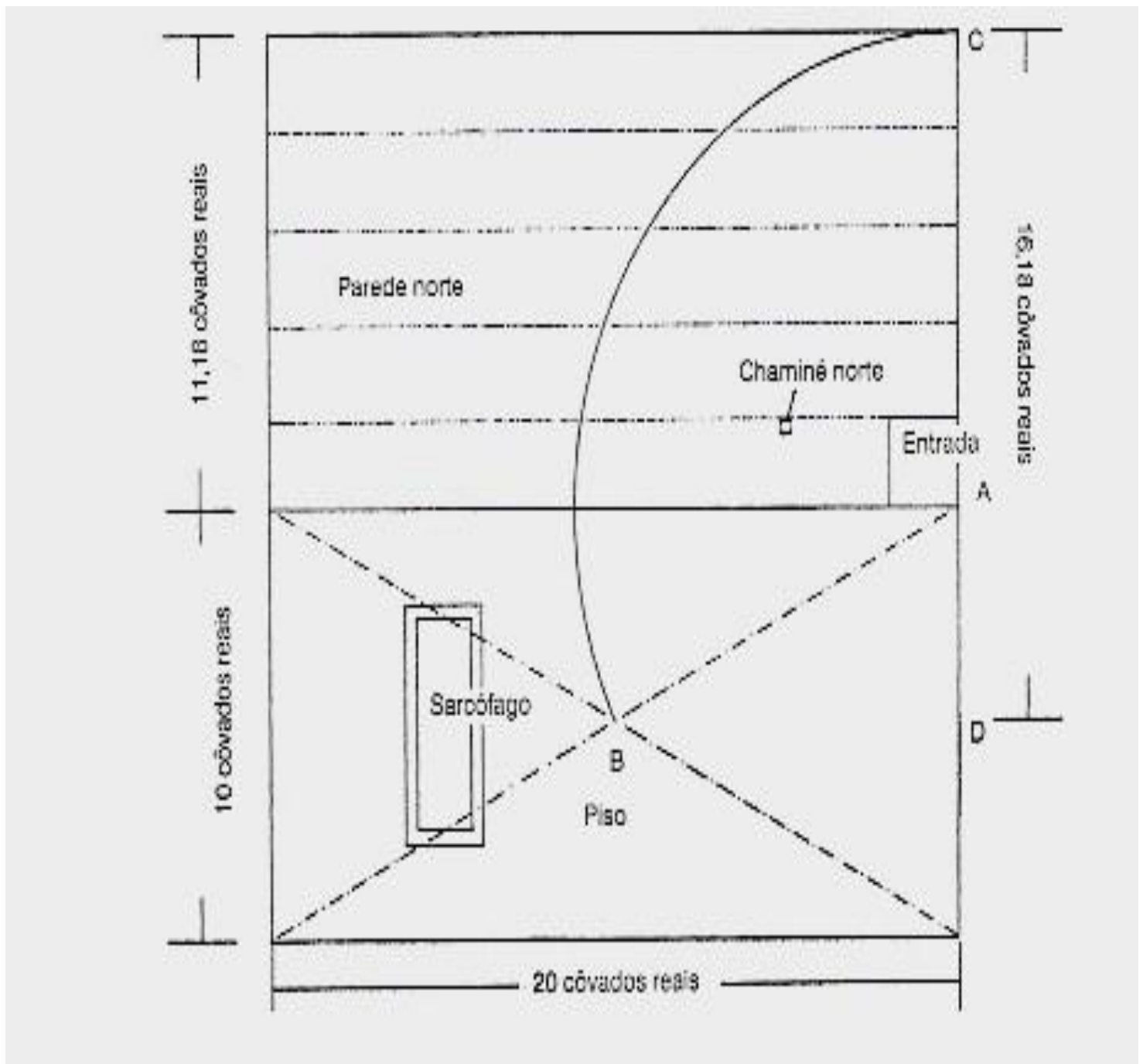
Conhecido como *phi*, a seção áurea é outro número irracional, tal como o pi, que não pode ser encontrado aritmeticamente. Seu valor é a raiz quadrada de 5 mais 1 dividido por 2, que equivale a 1,6180327. Descobriu-se que este é o "valor limite da razão entre números sucessivos na série Fibonacci - a série de números que começa com 0, 1, 2, 3, 5, 8, 13 - na qual cada termo é a soma dos dois termos anteriores".

Pode-se ainda obter o *phi* esquematicamente, dividindo uma linha A-B em um ponto C, isto de tal maneira que toda a linha A-B seja mais longa do que a primeira parte, A-C, na mesma proporção que a primeira parte, A-C, seja mais longa do que o resto, C-B. Essa proporção, que se descobriu ser muito harmoniosa e agradável à vista, foi supostamente descoberta pelos gregos pitagóricos, que a incorporaram ao Parthenon, em Atenas. Não há absolutamente dúvida, porém, que *phi* foi ilustrado graficamente e obtido pelo menos 2.000 anos antes na Câmara do Rei da Grande Pirâmide de Gizé.

A fim de compreendê-lo, é necessário imaginar o piso retangular da Câmara como dividido em dois quadrados imaginários de igual tamanho, dando-se ao comprimento do lado de cada quadrado o valor de 1. Se um desses dois quadrados for dividido pela metade, formando, dessa maneira, dois novos retângulos, e se a diagonal do retângulo mais próximo da linha central da Câmara do Rei fosse girada para a base, o ponto onde sua ponta tocasse a base seria o *phi*, ou 1,618, em relação ao comprimento do lado (isto é, 1) do quadrado original. (Uma maneira alternativa de obter *phi*, incluído também nas dimensões da Câmara do Rei, é mostrada a seguir.)

Desde o próprio início de sua história dinástica, o Egito herdou, de predecessores desconhecidos, um sistema de medições. Expressado nessas medidas antigas, as dimensões do piso da Câmara do Rei (20,36m x 10,25m) são exatamente iguais a 20 x 10 "côvados reais", enquanto que a altura das paredes laterais até o teto é de exatamente

11,18 côvados reais. A semi-diagonal do piso (A-B) é também, exatamente, de 11,18 côvados reais e pode ser "girada" para C, a fim de confirmar a altura da câmara. *Phi* é definido matematicamente como a raiz quadrada de 5+1+2, isto é, 1,618. Será uma coincidência que a distância C-D (isto é, a altura da parede da Câmara do Rei, mais a metade da largura de seu piso) seja igual a 16,18 côvados reais, incorporando, dessa maneira, os números essenciais de *phi*?



Os egiptólogos acharam que tudo isso fora puro acaso. Ainda assim, os construtores da pirâmide *nada* haviam feito por acaso. Quem quer que tenham sido, eu achava difícil imaginar indivíduos possuidores de uma mente mais sistemática e matemática.

Mas eu já havia tido mais do que o suficiente desses jogos matemáticos por um dia. Deixando a Câmara do Rei, contudo, não pude esquecer que ela se localiza na carreira número 50 nas obras de cantaria da Grande Pirâmide, a uma altura de quase 45m acima do chão. Isso significa, como havia dito Flinders Petrie com algum espanto, que os construtores haviam conseguido colocá-la "em um nível onde a seção vertical da pirâmide é dividida ao meio, onde a área da seção horizontal é a metade da área da base, onde a diagonal de uma aresta a outra é igual ao comprimento da base, onde a largura de uma face é igual à metade da diagonal da base".

Confiantes e eficientemente mexendo com mais de seis milhões de toneladas de pedra, criando galerias, câmaras, chaminés e corredores mais ou menos à vontade, obtendo simetria quase perfeita, ângulos retos quase perfeitos e alinhamentos também quase perfeitos com os pontos cardeais, os misteriosos construtores da Grande Pirâmide haviam descoberto tempo para realizar também muitas outras brincadeiras com as dimensões da enorme estrutura.

Por que a mente dessa gente teria trabalhado dessa maneira? O que haviam eles tentado dizer ou fazer? E por que, tantos milhares de anos após sua construção, o monumento continua a exercer uma influência magnética sobre tantas pessoas, de posições tão diferentes na vida, que com ela entram em contato?

Havia uma Esfinge nas vizinhanças, de modo que resolvi submeter a ela esses enigmas...

CAPÍTULO 39

O Local do Início

Gizé, Egito, 16 de março de 1993, 15h30min.

Em meados da tarde, deixei a Grande Pirâmide. Refazendo o caminho que Santha e eu havíamos seguido na noite anterior, quando escalamos o monumento, dirigi-me para leste, costeando a face norte, e para o sul. Acompanhando o flanco da face leste, passei por cima de montes de entulho e tumbas antigas próximas uma da outra nessa parte da necrópole e saí para o leito rochoso de calcário, coberto de areia, do platô de Gizé, que nesse local inclina-se nas direções sul e leste.

No fundo dessa ladeira longa e suave, a cerca de meio quilômetro da aresta sudeste da Grande Pirâmide, a Esfinge aparece agachada em seu fosso aberto na rocha. Medindo mais de 20m de altura por mais de 73m de comprimento, com uma cabeça de 4,16m de largura, ela é, por larga margem, a maior peça escultural isolada no mundo - e a mais famosa:

**Uma forma com corpo de leão e cabeça de homem.
Um olhar vazio e implacável como o sol.**

Aproximando-me do monumento pelo noroeste, cruzei o antigo passadiço que liga a Segunda Pirâmide ao denominado Templo do Vale, de Khafre, uma estrutura muito estranha, localizada a 15,24m exatamente ao sul da própria Esfinge, na borda leste da planície de Gizé.

Acredita-se há muito tempo que esse templo é muito mais antigo do que o período de Khafre. Na verdade, durante a maior parte do século XIX, o consenso entre os estudiosos era que a estrutura fora construída na remota pré-história e que nada tinha a ver com a arquitetura do Egito dinástico. O que mudou tudo isso foi a descoberta

de certo número de estátuas de Khafre, com inscrições, sepultadas no recinto do templo. Embora a maioria estivesse muito estragada, uma delas, encontrada de cabeça para baixo em um buraco profundo em uma antecâmara, fora achada quase intacta. De tamanho natural, e refinadamente esculpida em diorita preta, uma pedra dura como diamante, ela representava o faraó da Quarta Dinastia sentado no trono, olhando para a eternidade com serena indiferença.

Nesse ponto, o raciocínio, afiado como navalha, da egiptologia entrou em ação e encontrou uma solução de um brilhantismo quase ofuscante: se as estátuas de Khafre tinham sido encontradas no Templo do Vale, o templo, portanto, fora por ele construído. O geralmente sensato Flinders Petrie resumiu a questão da seguinte maneira: "O fato de os únicos restos suscetíveis de datação encontrados no Templo terem sido de Khafre demonstra que a estrutura é de seu período, uma vez ser sumamente improvável que ele tenha se apropriado de um edifício mais antigo."

Mas por que a idéia era tão improvável assim?

Durante toda história do Egito Dinástico, numerosos faraós apropriaram-se de edifícios de seus predecessores, às vezes removendo deliberadamente os cartuchos dos construtores originais e substituindo-os pelos seus. Não havia nenhuma boa razão para supor que Khafre teria se absterido de ligar-se ao Templo do Vale, particularmente se o mesmo não estivesse associado em sua mente a qualquer governante anterior registrado na história, mas apenas aos grandes "deuses", que os antigos egípcios diziam ter trazido a civilização ao Vale do Nilo, na distante e mítica época que chamavam de Primeiros Tempos. Em tal local de poder arcaico e misterioso, *no qual não parece que ele tenha interferido de qualquer maneira*, Khafre pode ter pensado que instalar estátuas belas e fiéis de sua pessoa poderia trazer benefícios eternos. E se, entre os deuses, o Templo do Vale estivera associado a Osíris (a quem Khafre tinha o objetivo de reunir-se na vida após a morte), o uso de sua estátua para forjar um forte elo simbólico teria sido ainda mais compreensível.

O Templo dos Gigantes

Depois de cruzar o passadiço, o caminho que eu escolhera para chegar ao Templo do Vale levou-me através de entulho a um campo de "mastabas", no qual figuras menos notáveis da Quarta Dinastia tinham sido enterradas em tumbas subterrâneas, sob plataformas de pedra em forma de banco (*mastaba* é uma palavra árabe moderna que significa banco, e daí o nome dado a essas tumbas). Segui ao longo da parede sul do templo, lembrando-me de que esse antigo prédio estava quase perfeitamente orientado para o sul, como acontecia com a Grande Pirâmide (com um erro de apenas 12 minutos de arco).

O templo era quadrado, com 44,80m de cada lado, construído na ladeira do platô, mais alta no oeste do que no leste. Em consequência, enquanto a parede oeste ficava a apenas pouco mais de 7m de altura, a leste excedia 12m.

Visto do sul, a impressão era de uma estrutura em forma de cunha, baixa e transmitindo uma sensação de poder, apoiada firmemente sobre o leito rochoso. Um exame mais atento revelava que a estrutura possuía várias características inteiramente estranhas e inexplicáveis para o olho moderno, que deveriam ter parecido também quase tão estranhas e inexplicáveis para os antigos egípcios. Para começar, a ausência total, tanto dentro quanto fora da estrutura, de inscrições e outras marcas de identificação. Neste particular, como o leitor deve compreender, o Templo do Vale poderia ser comparado a alguns dos demais monumentos anônimos e absolutamente infensos à datação existentes no platô de Gizé, incluindo as grandes pirâmides (e também uma misteriosa estrutura existente em Abidos, conhecida como Osireion, que estudaremos em detalhes em um capítulo posterior), mas, à parte isso, nenhuma semelhança apresentava com os produtos típicos e bem conhecidos da antiga arte e arquitetura egípcia - todos eles copiosamente decorados, embelezados e cobertos de inscrições.

Outro aspecto importante e incomum do Templo do Vale é que sua estrutura central foi construída inteiramente, *inteiramente*, de gigantescos megálitos de pedra calcária. A maioria deles mede 5,48m de comprimento x 3,48m de largura x 2,43m de altura, havendo alguns que medem 9,14m de comprimento x 3,65m de largura x 3,48m de altura. Excedendo geralmente um peso de 200 toneladas, todos eles são mais pesados do que uma moderna locomotiva diesel - e há centenas desses blocos.

Esse fato seria, de alguma maneira, misterioso?

Aparentemente, os egiptólogos não pensavam assim. Na verdade, poucos entre eles se deram ao trabalho de comentar o fato, exceto da maneira a mais superficial possível - seja sobre o tamanho espantoso desses blocos ou a logística assombrosa que teria sido necessária para serem postos em seus lugares. Conforme vimos antes, monólitos de até 70 toneladas, todos eles com um peso de 100 carros tamanho família, haviam sido içados para o nível da Câmara do Rei na Grande Pirâmide - mais uma vez, sem provocar muitos comentários da comunidade de egiptólogos -, de modo que a falta de curiosidade sobre o Templo do Vale talvez não fosse motivo para surpresa. Não obstante, o tamanho dos blocos era realmente extraordinário, parecendo que pertenciam não só a outra época, mas inteiramente a outra *ética* - uma ética que refletia preocupações estéticas e estruturais incompreensíveis e sugeria uma escala de prioridades inteiramente diferente da nossa. Por que, por exemplo, insistir em usar esses incômodos monólitos de 200 toneladas, quando poderiam simplesmente fatiá-los em blocos de 10, 20, 40 ou 80 toneladas, menores e mais fáceis de mover? Por que tornar as coisas tão difíceis, quando podiam conseguir praticamente o mesmo efeito visual com muito menos esforço?

E de que maneira os construtores do Templo do Vale içaram esses megálitos colossais a uma altura de mais de 12m?

Atualmente, só há no mundo dois guindastes terrestres capazes de erguer pesos dessa magnitude. Nas próprias fronteiras mais avançadas da tecnologia de construção, esses guindastes são

máquinas enormes, industrializadas, com lanças que se projetam a mais de 60m no ar, e que exigem contrapesos, no alto, de mais de 160 toneladas, para impedir que caíam para a frente. O tempo de preparação para um único içamento é de cerca de seis semanas e requer a perícia de equipes especializadas de até 20 indivíduos.

Em outras palavras, construtores modernos, com todas as vantagens de engenharia de alta tecnologia, mal conseguem içar pesos de 200 toneladas. Não era, portanto, algo surpreendente que os construtores de Gizé içassem esses pesos quase que em base rotineira?

Aproximando-me mais da imponente parede sul do templo, observei mais uma coisa nos imensos blocos de pedra calcária: eles não só eram ridiculamente grandes, mas, como se para complicar ainda mais uma tarefa impossível, haviam sido cortados e encaixados em um padrão multiangular, semelhante ao que havia sido empregado nas ciclópicas estruturas de pedra de Sacsayhuaman e Machu Picchu, no Peru (ver Parte II).

Outro aspecto que notei é que parece que as paredes do templo foram construídas em dois estágios. O primeiro, cuja maior parte está intacta (embora profundamente corroída) consiste do embasamento, forte e pesado, de blocos de 200 toneladas. Em ambos os lados desses blocos foi enxertada uma fachada de granito trabalhado que (conforme teremos oportunidade de ver) está intacto na maior parte no interior do prédio, mas que desabou quase todo na parte externa. Um exame mais atento de alguns dos blocos remanescentes do revestimento externo, nos pontos onde se soltaram do núcleo, revela um fato curioso. Nos tempos em que foram aqui colocados na antiguidade, a parte posterior desses blocos foi cortada para encaixar-se e amoldar-se às bases côncavas e reentrâncias profundas das *marcas de intemperismo existentes* no bloco. A presença dessas marcas parece implicar que os blocos do núcleo devem ter estado aqui, expostos à ação dos elementos, durante um período imenso de tempo, antes de terem sido revestidos de granito.

O Senhor de Rostau

Dirigi-me nesse momento para a entrada do templo, localizada perto da extremidade norte da parede leste, que tem 13,10m de altura. Notei que, aí, o revestimento de granito continua em condições perfeitas e que consiste de imensas lajes que pesam entre 70 e 80 toneladas, e que protege os blocos de pedra calcária do embasamento como se fosse uma armadura. Servido por um corredor alto, estreito e aberto para o alto, esta escura e imponente entrada orienta-se inicialmente para oeste, faz em seguida uma volta em ângulo reto para o sul, e acabou me levando a uma espaçosa antecâmara. Foi neste local que se descobriu a estátua de diorita em tamanho natural de Khafre, de cabeça para baixo e, ao que parecia, ritualmente enterrada em um fundo buraco.

Revestindo todo o interior da antecâmara, observei um majestoso quebra-cabeças de blocos de granito polidos com perfeição (encontrados da mesma forma em todo o edifício). Exatamente como acontece com os blocos de alguns dos maiores e mais estranhos monumentos pré-incaicos no Peru, estes têm ângulos múltiplos, finamente entalhados nas juntas e formando um padrão geral complexo. De interesse especial é a maneira como certos blocos como que se dobram em torno de arestas e são recebidos por ângulos reentrantes abertos em outros blocos.

Da antecâmara, passei através de um elegante corredor que segue na direção oeste e desemboca em um espaçoso salão em forma de T. Na barra do T, olhei para oeste ao longo de uma avenida imponente de colunas monolíticas. Com uma altura de quase 5m de altura e medindo 1,4m de cada lado, as colunas sustentam vigas de granito, de forma quadrada, todas elas com 1,4m de cada lado. Uma fileira de mais seis colunas, também sustentando vigas, corre ao longo do eixo norte-sul do T, produzindo um efeito geral de simplicidade, impressionante mas refinada.

Para o que havia sido construído esse edifício? De acordo com egíptólogos que o atribuíam a Khafre, a finalidade era óbvia. Fora projetado, diziam, como local para certos rituais de purificação e renascimento, necessários ao funeral do faraó. Os próprios antigos egípcios, porém, nenhuma inscrição deixaram confirmando essa conclusão. Ao contrário, a única prova escrita que nos chegou indica que o Templo do Vale *não* podia (pelo menos, originariamente) ter mantido qualquer relação com Khafre, pela razão muito simples de que foi construído antes de seu reinado. A prova escrita nesse particular é a Estela do Inventário (mencionada no Capítulo 35), que indica também uma idade muito maior para a Grande Pirâmide e a Esfinge.

O que a Estela do Inventário diz sobre o Templo do Vale é que este já existia durante o reinado do predecessor de Khafre, Khufu, época em que fora considerado não como prédio recente, mas antiquíssimo. Além do mais, é claro pelo contexto que não se pensava que tivesse sido obra de algum faraó anterior. Em vez disso, acreditava-se que era um monumento dos "Primeiros Tempos" e que tinha sido construído pelos "deuses" que haviam se estabelecido no Vale do Nilo naquela época remota. Na estela, o templo era designado de forma bem explícita como "Casa de Osíris, Senhor do Rostau (Rostau é um nome antigo da necrópole de Gizé). Como teremos oportunidade de ver na Parte VII, Osíris foi, em numerosos aspectos, a contrapartida egípcia de Viracocha e Quetzalcoatl, as divindades civilizatórias dos Andes e da América Central. Com eles, Osíris compartilhou não só uma missão comum, mas uma enorme herança de simbolismo comum. Parecia apropriado, portanto, que a "Casa" (santuário, ou templo) de um mestre e legislador tão sábio tivesse sido construída em Gizé, à vista da Grande Pirâmide e na vizinhança imediata da Grande Esfinge.

Vasta, Remota e Fabulosamente Antiga

Seguindo a direção dada pela Estela do Inventário - que declara que a Esfinge se situa "a noroeste da Casa de Osíris" - fui até a extremidade norte da parede oeste, que cerca o salão em forma de T do Templo do Vale. Passei por um portal monolítico e entrei em um longo e inclinado corredor com chão de alabastro (orientado também na direção noroeste) e que finalmente se abre para a extremidade mais baixa do passadiço que leva à Segunda Pirâmide.

Da borda do passadiço eu tinha uma vista desimpedida da Esfinge, situada imediatamente ao norte. Com o comprimento de um quarteirão urbano, altura de um prédio de seis andares, a escultura está *perfeitamente* orientada diretamente para leste e, dessa maneira, de frente para o sol nascente nos dois dias equinociais do ano. Com cabeça de homem, corpo de leão, agachada como se pronta, finalmente, a mover as pernas após milênios de sono pétreo, a Esfinge foi esculpida em uma única peça, em uma única corcova de pedra calcária, em um sítio que deve ter sido milagrosamente pré-selecionado. As características excepcionais desse sítio, bem como a vista para o Vale do Nilo embaixo, é que sua constituição geológica contém um câmara de pedra dura, que se projeta a 9m acima do nível geral da crista de pedra calcária. Nesse câmara, foram esculpidas a cabeça e o pescoço da Esfinge, enquanto abaixo, o vasto retângulo de pedra calcária que seria transformado no corpo foi isolado do leito rochoso circundante. Os construtores haviam conseguido isso escavando uma vala de 5,5m de largura por 75m de profundidade em volta de toda a peça, criando, dessa maneira, um monólito isolado.

A primeira e duradoura impressão produzida pela Esfinge e pelo espaço que a cerca é de velhice, de grande antiguidade - não apenas um mero punhado de milênios, como a Quarta Dinastia de faraós, mas vasta, remota e fabulosamente antiga. Era dessa maneira que os antigos egípcios de todos os períodos da história desse povo consideravam o monumento, que acreditavam guardar "O Lugar

Esplêndido do Começo de Todo o Tempo" e que reverenciavam como o ponto focal de "um grande poder mágico que se estende por toda região".

Esta, como já vimos, é a mensagem geral da Estela do Inventário. Ou, para ser mais específico, é também a mensagem da "Estela da Esfinge", aí erigida por volta do ano 1400 a.C. por Tutmósis IV; um faraó da 18ª. Dinastia. Ainda de pé entre as patas da Esfinge, essa lousa de granito ensina que, antes do reinado de Tutmósis, a Esfinge esteve enterrada na areia até o pescoço. Turmósis libertou-a, removendo a areia e mandando confeccionar a estela para comemorar esse trabalho.

Nos últimos 5.000 anos, não ocorreram mudanças importantes de clima no platô de Gizé. Segue-se, por conseguinte, que durante todo esse período o espaço em que se encontra a Esfinge esteve tão sujeito ao avanço da areia como na época em que Tutmósis mandou removê-la - e, na verdade, como ainda acontece hoje. A história recente prova que esse espaço pode se encher rapidamente, se não for cuidado. Em 1818, o capitão Caviglia mandou retirar a areia para realizar escavações e, em 1886, quando Gaston Maspero chegou para reiniciá-las no sítio arqueológico, foi obrigado, mais uma vez, a mandar remover a areia. Trinta e nove anos depois, em 1925, a areia voltara com plena força e a Esfinge estava enterrada até o pescoço, quando o Serviço de Antiguidades do Egito iniciou, mais uma vez, sua limpeza e restauração.

Será que esse fato sugere que o clima poderia ter sido muito diferente quando foi aberto na rocha o espaço ora ocupado pela Esfinge? Que sentido faria erigir essa imensa estátua se seu destino fosse apenas o de ser engolida pelas areias movediças da região oriental do Saara? Não obstante, uma vez que o Saara é um deserto jovem, e desde que a área de Gizé em particular era úmida e relativamente fértil há 11.000-15.000 anos, não valeria a pena estudar um cenário inteiramente diferente? Não será possível que o espaço da Esfinge tenha sido escavado na rocha, naqueles distantes milênios verdes, quando a camada superior [arável] do solo ainda estava presa à

superfície do platô pelas raízes de relva e arbustos e quando o que é hoje um deserto de areia varrida pelo vento lembrava mais as savanas onduladas dos modernos Quênia e Tanzânia?

Nessas condições climáticas favoráveis, a construção de um monumento semi-subterrâneo como a Esfinge não teria ofendido o bom senso. Os construtores não teriam razão para prever o lento ressecamento e desertificação do platô, que acabariam por acontecer. Ainda assim, será viável imaginar que a Esfinge poderia ter sido construída quando Gizé ainda estava verde - há muito, muito tempo? Conforme veremos, embora essas idéias sejam anátema para os egiptólogos modernos, eles, ainda assim, são obrigados a reconhecer (para citar o Dr. Mark Lehner, diretor do Projeto de Mapeamento de Gizé) que "não há maneira direta de datar a própria Esfinge, porque ela foi esculpida diretamente do material do próprio leito rochoso". Na ausência de testes mais objetivos, Lehner lembrou que arqueólogos tinham mesmo era que "datar as coisas *pelo contexto*". E o contexto da Esfinge, isto é, da necrópole de Gizé - um sítio arqueológico bem conhecido da Quarta Dinastia -, tornava óbvio também que a Esfinge pertencia à Quarta Dinastia.

Tal raciocínio, porém, nada tinha de axiomático para os ilustres predecessores de Lehner no século XIX, que, em certa ocasião, estavam convencidos de que a Esfinge era muito anterior à Quarta Dinastia.

De quem é a Esfinge, afinal de contas?

No *Passing of Empires*, publicado em 1900, o ilustre egiptólogo francês Gaston Maspero, que realizou um estudo especial do conteúdo da Estela da Esfinge, construída por Tutmósis IV; escreveu:

A estela da Esfinge contém, na linha 13, o cartucho de Khafre em meio a um espaço vazio. (...) Isso, acredito, é uma indicação [de uma restauração ou limpeza] da Esfinge, realizada no reinado desse

príncipe e, em conseqüência. a prova mais ou menos incontestável de que a Esfinge *já estava coberta pela areia* no tempo de Khufu e de seus predecessores...

O igualmente ilustre Auguste Mariette concordou - o que era muito natural, uma vez que fora ele o descobridor da Estela do Inventário (que, como vimos, informa, como coisa natural, que a Esfinge já existia no platô de Gizé muito antes do tempo de Khufu). De modo geral, concordaram também com essa opinião estudiosos como Brugsch (*Egypt under the Pharaohs*, Londres, 1891), Petrie, Sayce e numerosos outras figuras eminentes do período. Autores de livros de viagens, como John Ward, afirmaram que "a Grande Esfinge deve ser incontáveis anos mais antiga do que as Pirâmides". E em data tão recente quanto 1904, Wallis Budge, o respeitado curador de Antiguidades Egípcias do Museu Britânico, não hesitou em fazer a afirmação inequívoca seguinte:

A mais antiga e melhor estátua de um leão com cabeça humana é a famosa "Esfinge" de Gizé. Essa peça maravilhosa já existia nos dias de Khafre, o construtor da Segunda Pirâmide e era, com toda probabilidade, já muito antiga naquele remoto período... Pensava-se que a Esfinge estava ligada, de alguma maneira, a estrangeiros ou a uma religião estrangeira que datava dos tempos pré-dinásticos.

Entre o início e o fim do século XX, contudo, mudaram espetacularmente as opiniões dos egiptólogos sobre a antiguidade da Esfinge. Atualmente, não há um único egiptólogo ortodoxo que queira discutir, quanto mais analisar seriamente, a sugestão maluca e irresponsável, outrora muito comum, de que a Esfinge pudesse ter sido construída milhares de anos antes do reinado de Khafre.

De acordo com o Dr. Sahi Hawass, por exemplo, diretor encarregado de Gizé e Saqqara, da Organização de Antiguidades Egípcias, muitas foram as teorias propostas, todas as quais "o vento levou", porque

"nós, egiptólogos, temos sólida prova para declarar que a Esfinge data do tempo de Khafre".

De idêntica maneira, Carol Redmont, arqueóloga da Universidade da Califórnia, *campus* de Berkeley, mostrou-se incrédula quando lhe foi sugerido que a Esfinge poderia ser milhares de anos mais antiga do que Khafre: "Não há simplesmente maneira de isso ser verdade. O povo daquela região não teria possuído a tecnologia, as instituições de governo ou mesmo a vontade de construir uma estrutura desse porte, milhares de anos antes do reinado de Khafre".

Quando comecei a pesquisar esse assunto, pensei, como Hawass parecia alegar, que alguma nova e incontroversa prova devia ter surgido e que solucionava a questão da identidade do construtor do monumento. Mas não se tratava de nada disso. Na verdade, havia apenas *três* razões contextuais por que a construção da anônima e enigmática Esfinge era, nesse momento, atribuída com tanta confiança a Khafre:

1. Por causa do cartucho de Khafre, na linha 13 da Estela da Esfinge, mandada erigir por Tutmósis IV: Maspero dava uma explicação absolutamente perfeita para a presença desse cartucho: Tutmósis fora o restaurador da Esfinge e prestava homenagem a uma restauração anterior do monumento - efetuada por Khafre, durante a Quarta Dinastia. Essa explicação, que encerra a implicação óbvia de que a Esfinge *já* devia ser velha no tempo de Khafre, é rejeitada pelos egiptólogos modernos. Com a habitual concordância mental telepática, eles concordam agora que Tutmósis colocou o cartucho na estela para deixar claro que Khafre havia sido o construtor original (e *não* um mero restaurador).

Uma vez que só havia esse único cartucho - e desde que haviam desaparecido os textos de ambos os seus lados ao ser escavada a estela, não é um tanto prematuro chegar a conclusões tão categóricas assim? Que ciência é essa que permite que a mera presença do cartucho de um faraó da Quarta Dinastia (em uma estela erigida por um faraó da 18^a. Dinastia) determine a identificação irrefutável de um

monumento, à parte esse fato, inteiramente anônimo? Além do mais, até esse cartucho desapareceu por desgaste e não pôde ser examinado...

2. Porque o Templo do Vale próximo também é atribuído a Khafre: Essa atribuição de autoria (baseada em estátuas que podem muito bem ter sido intrusas) é, para dizer o mínimo, extremamente débil. Ainda assim, ela recebeu o apoio irrestrito dos egiptólogos, que, nesse processo, resolveram atribuir também a Khafre a construção da Esfinge (uma vez que ela e o Templo do Vale estão obviamente ligados).

3. Porque pensam que a face da Esfinge lembra a estátua intacta de Khafre encontrada em um buraco no Templo do Vale: O que, claro, é uma questão de opinião. Eu nunca encontrei a menor semelhança entre as duas faces. Nem, por falar nisso, artistas do Departamento de Polícia de Nova York, especialistas em retratos falados, que foram recentemente trazidos para fazer uma comparação entre a Esfinge e a estátua (conforme veremos na Parte VII).

Tudo bem pesado, portanto, enquanto eu me encontrava olhando do alto para a Esfinge, naquele fim de tarde de 16 de março de 1993, concluí que o júri ainda estava muito longe decerto na questão da atribuição correta de autoria desse monumento - a Khafre, por um lado, ou aos arquitetos de uma grande civilização ainda não identificada da antiguidade pré-histórica, por outro. Pouco importando qual pudesse ser a moda do mês (ou do século) entre os egiptólogos, inegavelmente *ambos* os cenários eram plausíveis. O que se precisava, por conseguinte, era alguma prova inteiramente sólida e inequívoca que resolvesse a questão de uma maneira ou de outra.

Parte VII

O Senhor da Eternidade

Egito 2

CAPÍTULO 40

Há Ainda Segredos no Egito?

Em princípios da noite de 26 de novembro de 1922, o arqueólogo britânico Howard Carter, juntamente com seu patrocinador, lorde Carnarvon, entrou na tumba de um jovem faraó da 18ª. Dinastia, que governou o Egito nos anos 1352-43 a.C. O nome desse faraó, que desde então vem ressoando em volta do mundo, era Tutancâmon.

Duas noites depois, no dia 28 de novembro, o "Tesouro" da tumba foi aberto. O local era ocupado por um imenso santuário de ouro e dava acesso a outra câmara, atrás da primeira. De forma bem estranha, essa câmara, embora empilhada com um número estonteante de artefatos belos e preciosos, não tinha porta: sua entrada era vigiada por uma efígie de aparência extraordinariamente viva do deus da morte, Anúbis, que tem cabeça de chacal. Com as orelhas empinadas, o deus estava agachado como um cão, as patas dianteiras estendidas para a frente, sobre a tampa de um caixão dourado de madeira, de 1,20m de comprimento, 90cm de altura e 60cm de largura.

Museu Egípcio, Cairo, dezembro de 1993

Ainda em cima de seu caixão, mas nesse momento guardado em uma vitrine empoeirada, Anúbis prendeu minha atenção durante um longo e silencioso momento. A efígie fora esculpida em madeira, revestida inteiramente de resina preta e em seguida laboriosamente marchetada de ouro, alabastro, calcita, obsidiana e prata - materiais esses usados com efeito especial nos olhos, que brilhavam vigilantes, transmitindo um senso inquietante de inteligência feroz e concentrada.

Simultaneamente, as costelas finamente desenhadas e os músculos de aparência flexível davam-lhe uma aura de força, energia e graça controladas.

Capturado pelo campo de força dessa presença misteriosa e poderosa, lembrei-me vividamente dos mitos universais da precessão dos equinócios, que eu vinha estudando há um ano. Figuras caninas entram e saem desses mitos, isso de uma maneira que, as vezes, parece quase intencional em sentido literário. Eu havia começado a especular se o simbolismo dos cães, lobos, chacais, e assim por diante, não poderia ter sido empregado *deliberadamente* por construtores de mitos há muito desaparecidos para guiar os iniciados, através de um labirinto de pistas, até reservatórios secretos de conhecimentos científicos.

Entre esses reservatórios, eu desconfiava que um deles era o mito de Osíris. Muito mais do que um mito, ele havia sido dramatizado e representado todos os anos no antigo Egito, sob a forma de uma peça de mistério - uma criação literária "artificial", transmitida aos pósteros como valiosa tradição desde tempos pré-históricos. Essa tradição, como vimos na Parte V, continha valores relativos à taxa do movimento de precessão dos equinócios, tão exatos e tão coerentes que dificilmente se poderia atribuí-los ao mero acaso. Tampouco parecia um acaso que tivesse sido atribuído ao deus chacal um papel central no drama, servindo como espírito guia de Osíris em sua jornada pelo inferno. Era tentador, igualmente, especular se havia alguma significação no fato de que, nos tempos antigos, Anúbis era chamado pelos sacerdotes egípcios como o "guardião" do segredo e dos escritos sagrados. Sob a borda sulcada do caixão dourado, onde nesse momento se agacha sua efígie, foi encontrada uma inscrição que dizia: "iniciado nos segredos". Traduções alternativas do mesmo texto hieroglífico apresentavam as versões seguintes: "aquele que está prestes a descobrir os segredos" e "guardião dos segredos".

Mas havia ainda algum segredo a desvendar no Egito?

Após mais de um século de intensivas pesquisas arqueológicas, poderiam as areias dessa terra antiga ainda guardar outras surpresas?

As Estrelas de Bauval e as Pedras de West

Em 1993, uma nova e notável descoberta sugeriu haver ainda muito mais coisas a descobrir sobre o antigo Egito. A descoberta, além disso, não coube a algum arqueólogo com problemas de astigmatismo, a tentar seu caminho através da poeira das idades, mas a um estranho ao campo: Robert Bauval, um engenheiro civil belga com jeito para astronomia, que observou uma correlação nos céus que os especialistas jamais haviam notado, tal era a fixação deles na terra sob os pés.

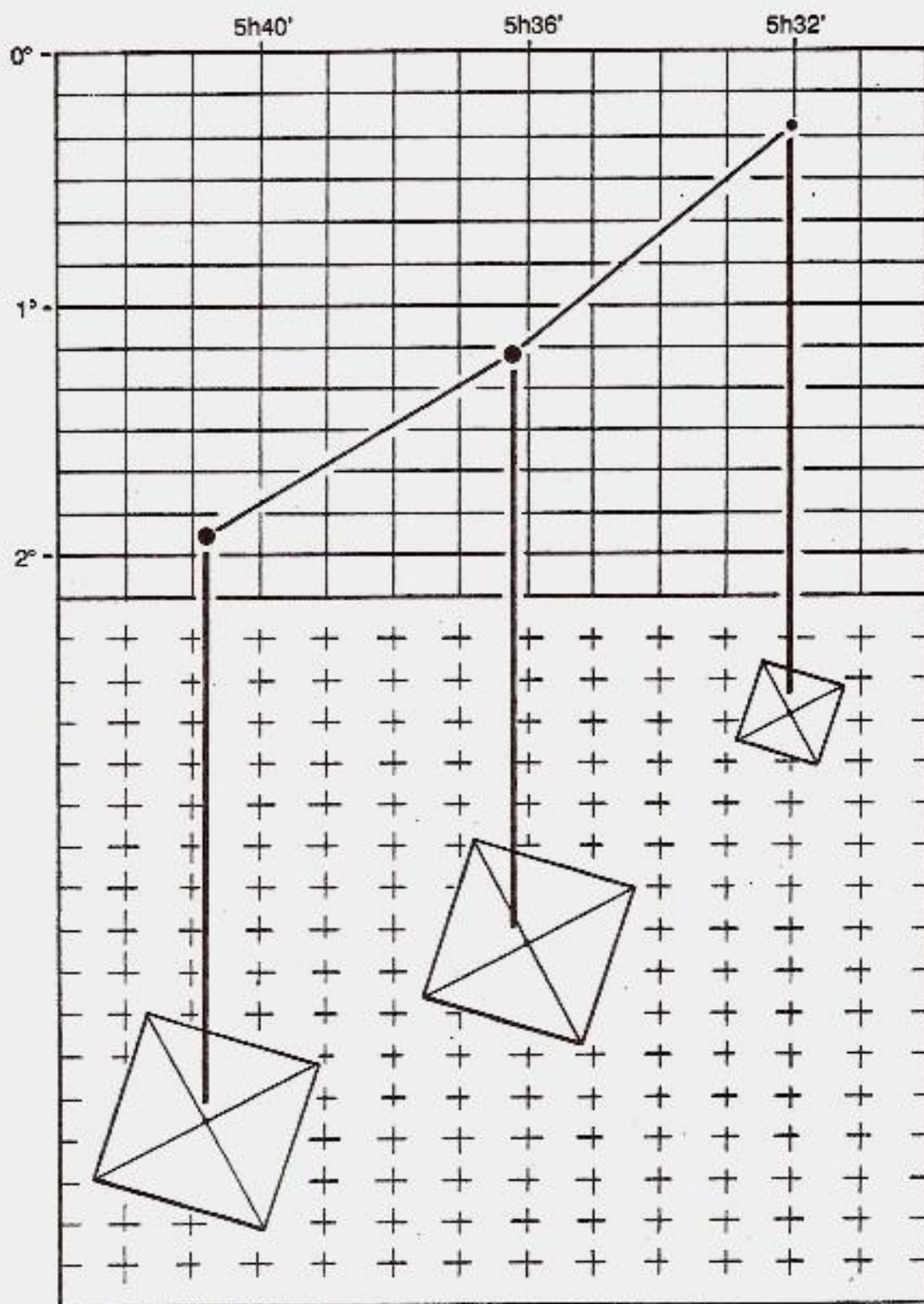
O que Bauval viu foi o seguinte: quando as três estrelas do cinturão da constelação de Órion cruzavam o meridiano de Gizé, elas não ocupavam uma linha inteiramente reta, alta no céu do sul. As duas estrelas mais baixas, *Al Nitak* e *Al Nilam*, formavam uma diagonal perfeita, ao passo que a terceira, *Mintaka*, aparecia deslocada para a esquerda do observador, isto é, na direção leste.

De forma muito curiosa (como vimos no Capítulo 36) este é exatamente o plano do sítio arqueológico das três enigmáticas pirâmides do platô de Gizé. Bauval compreendeu que uma vista aérea da necrópole de Gizé mostraria a Grande Pirâmide de Khufu ocupando a posição de *Al Nitak*, a Segunda Pirâmide, de Khafre, a posição de *Al Nilam*, enquanto a Terceira, a de Menkaure, apareceria deslocada para leste da diagonal formada pelas duas outras - completando, dessa maneira, o que parecia inicialmente ser um imenso diagrama das estrelas.

Seria isso, na verdade, o que as pirâmides de Gizé representavam? Eu sabia que o trabalho posterior de Bauval, entusiasticamente endossado por matemáticos e astrônomos, tinha-lhe confirmado o inspirado palpite. A prova que apresentou (estudada em detalhes no

Capítulo 49) indicava que as três pirâmides constituíam um mapa terrestre inacreditavelmente exato das três estrelas do cinturão de Órion, refletindo, com precisão, os ângulos entre cada uma delas e mesmo (mediante seus respectivos tamanhos) proporcionando alguma indicação de suas magnitudes individuais. Além do mais, esse mapa estendia-se nas direções norte e sul para abranger várias outras estruturas do platô de Gizé mais uma vez, com precisão impecável. Não obstante, a verdadeira surpresa revelada pelos cálculos astronômicos de Bauval foi a seguinte: a despeito do fato de que alguns aspectos da grande Pirâmide relacionam-se, na verdade, com a Era das Pirâmides, os monumentos de Gizé, como um todo, foram dispostos para proporcionar um mapa do céu (que muda de aparência através das idades como resultado da precessão dos equinócios) não como era ao tempo da Quarta Dinastia, por volta do ano 2500 a.C., mas como havia parecido - e *apenas* como havia parecido - por volta do ano 10450 a.C.

Eu viera ao Egito para percorrer o sítio arqueológico de Gizé em companhia de Robert Bauval e para lhe fazer perguntas sobre sua teoria de correlação estelar. Além disso, queria conhecer-lhe as opiniões sobre que tipo de sociedade humana, se ela de fato existiu, poderia ter o *know how* tecnológico necessário, em época tão remota no passado, para medir acuradamente as altitudes das estrelas e traçar um plano tão matemático e ambicioso como o da necrópole de Gizé.



As três pirâmides de Gizé, plotadas contra os três cinturões estelares da constelação de Órion.

E viera também encontrar outro pesquisador que contestou a cronologia ortodoxa do antigo Egito, com a alegação, bem fundamentada, de ter encontrado prova robusta da existência de uma civilização avançada no Vale do Nilo no ano 10000 a.C., ou mesmo antes. Tal como os dados astronômicos de Bauval, a prova estivera à disposição de todos, mas não conseguira atrair a atenção de egiptólogos ortodoxos. O homem responsável por colocá-la à vista do público era um estudioso americano, John Anthony West, que argumentou que os especialistas a haviam ignorado - não porque não a tivessem encontrado, mas porque a encontraram mas não conseguiram interpretá-la corretamente.

A prova de West focalizava certas estruturas importantes, notadamente a Grande Esfinge e o Templo do Vale, em Gizé, e, muito distante ao sul, o misterioso Osireion, em Abidos. Argumentou ele que esses monumentos no deserto apresentam numerosos sinais cientificamente inconfundíveis de terem sofrido intemperismo de *água*, um agente erosivo ao qual poderiam ter sido expostos em quantidades suficientes apenas durante o período "pluvial" úmido que acompanhara o fim da última Era Glacial, por volta do undécimo milênio a.C. A implicação desse padrão peculiar e extraordinariamente característico de intemperismo por "precipitação induzida" era que o Osireion, a Esfinge e outras estruturas associadas tinham sido construídas antes do ano 10000 a.C.

Um jornalista investigativo britânico resumiu o efeito nas seguintes palavras:

West é, realmente, o pior pesadelo que pode acontecer a um acadêmico, porque lá vem alguém inteiramente estranho ao campo, com uma teoria bem-elaborada, bem-apresentada, coerentemente descrita, cheia de dados que ele não pode refutar e que lhe puxa o tapete sob os pés. Se assim, como é que ele enfrenta a situação? Ignora-a. Alimenta a esperança de que ela desapareça... e ela não desaparece.

A razão por que a nova teoria não desaparecia, em nenhuma circunstância, a despeito de ter sido repelida por dezenas de "competentes egiptólogos", era que ela recebera apoio geral de outro ramo das ciências - a geologia. O Dr. Robert Schoch, professor de geologia da Universidade de Boston, desempenhou um papel importante na validação das estimativas de West sobre a verdadeira idade da Esfinge, tendo suas opiniões sido endossadas por quase 300 de seus colegas na convenção anual de 1992, da Sociedade Geológica da América.

Desde então, quase sempre travada na penumbra, uma acrimoniosa discussão começou a queimar entre geólogos e egiptólogos. E embora poucas pessoas além de John West estivessem dispostas a dizer isso, o que estava em jogo nessa discussão era uma reviravolta completa nas idéias aceitas sobre a evolução da civilização humana. Diz West:

Disseram-nos que a evolução da civilização humana é um processo linear que ocorreu dos brancos homens das cavernas para nós, os espertos, com nossas bombas de hidrogênio e pasta de dente listrada. Mas a prova de que a Esfinge é muitos, muitos milhares de anos mais velha do que pensam os arqueólogos, que precedeu em muitos milhares de anos até o Egito dinástico, significa que certamente existiu, em algum ponto distante da história, uma civilização avançada e sofisticada - como afirmam todas as lendas.

Minhas próprias viagens e pesquisas nos quatro anos anteriores haviam aberto meus olhos para a possibilidade eletrizante de que essas lendas pudessem ser verdadeiras e este era o motivo por que eu voltava ao Egito para me encontrar com West e Bauval. Eu estava impressionado com a maneira como suas linhas de pesquisa, até então muito separadas, haviam convergido de modo tão convincente, no que pareciam ser as impressões digitais astronômicas e geológicas de uma civilização perdida, uma civilização que poderia ou não ter surgido no Vale do Nilo, mas que parecia já ter existido em época tão remota quando o undécimo milênio a.C.

O Caminho do Chacal

Anúbis, guardião dos segredos, deus da câmara funerária, divindade de cabeça de chacal, desbravadora dos caminhos dos mortos, guia e companheiro de Osíris...

Eram 5h da tarde, tempo de encerramento do expediente no Museu do Cairo, quando Santha disse que estava satisfeita com as fotos que havia tirado da sinistra efígie negra. No andar inferior, guardas usavam seus apitos e batiam palmas, enquanto procuravam tanger para fora dos salões os últimos visitantes, embora, no segundo andar do prédio de cem anos, onde o antigo Anúbis se agachava em sua vigilância eterna, tudo estivesse em silêncio, imóvel.

Deixamos o sombrio museu e saímos para a luz do sol, que ainda banhava a movimentada praça Tahrir, no Cairo.

Anúbis, refleti, compartilhara seus deveres como espírito guia e guardião dos textos sagrados com outro deus, cujo símbolo e tipo haviam sido também o chacal e cujo nome, Upuaut, literalmente significa Desbravador de Caminhos. Ambas as divindades caninas estiveram ligadas desde tempos imemoriais com a cidade antiga de Abidos, no alto Egito, cujo deus original, Khenti-Amentiu (o estranhamente denominado "O Maior dos Ocidentais") havia sido representado também como membro da família dos cães, geralmente deitado sobre uma coluna preta.

Haveria alguma importância no reaparecimento constante em Abidos de todas essas referências míticas e simbólicas a cães, com a promessa de segredos vitais prestes a ser revelados? Valia a pena tentar descobrir, uma vez que as extensas ruínas existentes nesse local incluíam a estrutura conhecida como Osireion, que a pesquisa geológica de West indicava que poderia ser muito mais antiga do que pensavam os arqueólogos. Além disso, eu já havia combinado me encontrar com West dentro de alguns dias na cidade de Lúxor, no alto Nilo, a menos de 200km ao sul de Abidos. Em vez de voar diretamente do Cairo para Lúxor, como pensara inicialmente fazer,

compreendi nesse momento que seria inteiramente viável ir por estrada de rodagem e visitar Abidos e vários outros sítios arqueológicos ao longo do caminho.

Nosso motorista, Mohamed Walili, esperava-nos em um estacionamento subterrâneo nas vizinhanças da praça Tahrir. Homem idoso, grandalhão, alegre, ele era dono de um escalavrado táxi Peugeot, do tipo que geralmente faz ponto no lado de fora do hotel Mena House, em Gizé. Nos últimos anos, em nossas freqüentes viagens de pesquisa ao Cairo, havíamos feito amizade com ele e, nesse momento, Walili era nosso motorista oficial sempre que visitávamos o Egito. Pechinchamos durante algum tempo sobre a diária apropriada para a longa viagem de ida e volta a Abidos e Lúxor. Numerosas questões precisavam ser levadas em conta, incluindo o fato de que algumas áreas pelas quais passaríamos haviam sofrido recentemente ataques terroristas de militantes islâmicos. No fim, concordamos sobre o preço e combinamos partir bem cedo na manhã seguinte.

CAPÍTULO 41

A Cidade do Sol, a Câmara do Chacal

Mohamed veio nos buscar no hotel, em Heliópolis, às 6h da manhã, quando ainda estava meio escuro.

Tomamos pequenas xícaras de café preto em uma barraca à beira da estrada e, em seguida, partimos para oeste, ao longo de estradas de terra ainda quase desertas, na direção do rio Nilo. Pedi a Mohamed que passasse pela praça Maydan al-Massalah, dominada por um obelisco egípcio intacto que é um dos mais antigos do mundo. Pesando estimadas 170 toneladas, o obelisco de granito vermelho, de 51m de altura, foi mandado construir pelo faraó Senuseret I (nos anos 1971-1928 a.C.) Originariamente, era parte de um par de obeliscos à porta do grande Templo do Sol, onde havia um culto a esse astro. Nos 4.000 anos transcorridos, o próprio templo desaparecera por

completo, como também o segundo obelisco. Na verdade, quase toda a antiga Heliópolis estava nesse momento obliterada, canibalizada para obtenção de suas belas pedras trabalhadas e de material de construção, pronto para uso, por incontáveis gerações de moradores do Cairo.

Heliópolis (Cidade do Sol) mencionada na Bíblia como On, fora originariamente conhecida na língua egípcia como Innu, ou Innu Mehret - que significa "o pilar" ou "o pilar norte". Trata-se de uma zona de grande santidade, ligada a um estranho grupo de nove divindades solares e estelares e já era antiqüíssima quando Senuseret escolheu aquele local para mandar erigir seu obelisco. Na verdade, juntamente com Gizé (e a distante cidade meridional de Abidos) acredita-se que Innu/Heliópolis havia sido parte da primeira terra a emergir das águas primevas no momento da criação, a terra dos "Primeiros Tempos", onde os deuses tinham iniciado seu reinado na terra.

A teologia de Heliópolis baseava-se em um mito de criação caracterizado por certo número de aspectos únicos e curiosos. Ensinava ele que, no início, o universo era apenas um nada escuro, aquoso, denominado Nun. Nesse oceano cósmico inerte (descrito como "informe, escuro com a escuridão da noite mais escura") surgiu um monte de terra seca, sobre o qual Rá, o Deus-Sol, materializou-se em sua forma auto-criada como Atum (às vezes descrito como um velho barbado, apoiado em um cajado):

O céu não havia sido criado, a terra não havia sido criada, os filhos da terra e os répteis não haviam sido formados naquele lugar... Eu, Atum, criei a mim mesmo... Não existia ninguém para trabalhar comigo...

Consciente de estar sozinho, esse ser santo e imortal deu um jeito de criar dois filhos divinos, Shu, o deus do ar e da secura, e Tefnut, a deusa da umidade: "Enfieei meu falo em minha mão fechada. Fiz minha semente entrar em minha mão. Coloquei-a em minha própria boca. Evacuei sob a forma de Shu e urinei sob a forma de Tefnut".

A despeito dessas origens aparentemente inauspiciosas, Shu e Tefnut (sempre descritos como "Gêmeos" e freqüentemente representados como leões) cresceram e se tornaram adultos, copularam e geraram uma prole própria: Geb, o deus da terra, e Nut, a deusa do céu. Estes dois coabitaram também, gerando Osíris e Ísis, Set e Nephtys e, dessa maneira, completaram a Enéade, o grupo completo dos Nove Deuses de Heliópolis. Entre os nove, diziam as lendas que Rá, Shu, Geb e Osíris governaram o Egito como reis, seguidos por Hórus e, finalmente durante 3.226 anos - pelo deus da sabedoria, Thoth, que tinha cabeça de íbis.

Quem eram essas pessoas - criaturas, seres ou deuses? Teriam sido criações da imaginação de sacerdotes, símbolos ou números? As histórias contadas sobre eles teriam sido recordações míticas vívidas de fatos reais, que haviam ocorrido milhares de anos antes? Ou teriam sido, talvez, parte de uma mensagem codificada dos antigos, que fora se transmitindo por si mesma, repetidamente, ao longo das épocas - uma mensagem que só agora começa a ser desvendada e compreendida?

Essas idéias parecem fantasiosas. Ainda assim, eu dificilmente podia esquecer que dessa mesma tradição surgira o grande mito de Ísis e Osíris, transmitindo secretamente um cálculo preciso da taxa do movimento da precessão dos equinócios. Além do mais, os sacerdotes de Innu, que tinham a responsabilidade de guardar e alimentar essas tradições, haviam sido famosos em todo o Egito por sua alta sabedoria e proficiência em profecia, astronomia, matemática, arquitetura e artes mágicas. E renomados também pela posse de um objeto poderoso e sagrado conhecido como o Benben.

Os egípcios davam a Heliópolis o nome de Innu, o pilar, porque a tradição dizia que o Benben havia sido conservado ali nos remotos tempos pré-dinásticos, onde se equilibrava sobre o alto de um pilar de pedra toscamente cortada.

Acreditava-se que o Benben tinha caído dos céus. Infelizmente, havia se perdido há tanto tempo que ninguém se lembrava mais de sua aparência quando Senuseret subiu ao trono em 1971 a.C. Nesse

período (12^a. Dinastia) tudo de que havia clara lembrança era que o Benben tivera forma piramidal, fornecendo dessa maneira (juntamente com o pilar onde se equilibrava) um protótipo para a forma de todos os obeliscos futuros. O nome Benben era também aplicado ao piramidião, ou capitel, geralmente colocado no cume das pirâmides. Em sentido simbólico, estava também estreita e diretamente associado a Rá-Atum, sobre o qual diziam textos antigos: "Vieste alto das alturas; subiste alto, como a pedra Benben na Mansão da Fênix..." A Mansão da Fênix era o nome do primeiro templo de Heliópolis onde Benben fora conservado. O nome refletia o fato de que o misterioso objeto tinha servido também como duradouro símbolo da mítica Fênix, a divina ave Bennu, cujos surgimentos e desaparecimentos, segundo se acreditava, estavam ligados a violentos ciclos cósmicos e à destruição e renascimento das eras no mundo.

Ligações e Similaridades

Rodando pelos subúrbios de Heliópolis por volta de 6h30m da manhã, fechei os olhos e tentei conjurar um quadro da paisagem, como deveria ter sido nos Primeiros Tempos míticos, depois que a Ilha da Criação - o primordial monte de Rá-Atum - surgira do dilúvio de Nun. Era tentador ver uma ligação entre essa imagística e tradições andinas que falam do deus civilizador Viracocha emergindo das águas do lago Titicaca, após um dilúvio que destruiu a terra. Além do mais, havia a figura de Osíris para levar em conta - uma figura conspicuamente *barbuda*, tal como Viracocha e, também, Quetzalcoatl -, que era lembrado por ter abolido o canibalismo entre os egípcios, por lhes ter ensinado a agricultura e a criação de animais e lhes dado os rudimentos de artes tais como a escrita, a arquitetura e a música. Era difícil deixar de notar as similaridades entre as tradições do Velho e Novo Mundo, porém, mais difícil ainda, interpretá-las. Era possível que fossem apenas uma série de coincidências enganosas. Por outro lado, era também possível que pudessem revelar as impressões

digitais de uma civilização global antiga e não identificada - impressões digitais que eram essencialmente as mesmas, quer aparecessem nos mitos da América Central, nos altos Andes, ou no Egito. Os sacerdotes de Heliópolis, afinal de contas, haviam ensinado como acontecera a criação, mas quem lhes ensinara isso? Teria o mito surgido do nada ou seria mais provável que a doutrina que ensinavam, com todo seu simbolismo complexo, fosse produto de um longo refinamento de idéias religiosas?

Se assim, quando e onde haviam surgido essas idéias?

Abri os olhos e descobri que havíamos deixado Heliópolis para trás e que costurávamos nosso caminho através das ruas barulhentas e congestionadas do centro do Cairo. Chegamos à outra margem do Nilo, cruzando a ponte Seis de Outubro e, logo em seguida, entramos em Gizé. Quinze minutos depois, passando pelo volume maciço da Grande Pirâmide à nossa direita, viramos para o sul e tomamos a estrada para o alto Egito, uma estrada que segue o curso meridional do rio mais longo do mundo, através de uma paisagem de palmeiras e campos verdes, orlada pelas terras áridas invasoras de desertos implacáveis.

As idéias dos sacerdotes de Heliópolis haviam influenciado todos os aspectos da vida secular e religiosa do antigo Egito, mas teriam essas idéias se desenvolvido localmente ou haviam sido introduzidas no Vale do Nilo procedentes de outras paragens? As tradições egípcias fornecem uma resposta inequívoca a perguntas como essas. Toda sabedoria de Heliópolis era uma herança, dizia ela, e essa herança fora passada à humanidade pelos deuses.

Dádiva dos Deuses?

Cerca de 15km ao sul da Grande Pirâmide, saímos da estrada principal para visitar a necrópole de Saqqara. Erguendo-se à margem do deserto, o sítio arqueológico é dominado por um zigurate em seis camadas, a pirâmide escalonada de Zóser, faraó da Terceira Dinastia.

Esse monumento imponente, de quase 60m de altura, é datado como tendo sido de aproximadamente 2650 a.C. Situa-se no interior de um espaço próprio, cercado por uma elegante muralha fechada e é considerado por arqueólogos como a mais antiga construção maciça de pedra jamais tentada pela humanidade. Diz a tradição que teve como arquiteto o lendário Imhotep, "Grande da Magia", um alto sacerdote de Heliópolis cujos outros títulos incluíam Sábio, Feiticeiro, Astrônomo e Médico.



Saqqara.

Em um capítulo posterior, teremos mais coisas a dizer sobre a pirâmide escalonada e seu construtor. Nesta ocasião, porém, eu não tinha vindo a Saqqara para vê-la. Meu único objetivo era passar alguns momentos na câmara funerária de uma pirâmide próxima, a de Unas, um faraó da Quinta Dinastia, que reinara de 2356 a 2323 a.C. As paredes dessa câmara, que eu visitara numerosas vezes antes, continham inscrições, do chão ao teto, com o mais antigo dos Textos da Pirâmide, um conjunto de inscrições hieroglíficas dando voz a um conjunto de idéias notáveis - em agudo contraste com os interiores mudos e despojados das pirâmides da Quarta Dinastia, em Gizé.

Fenômeno exclusivo da Quinta e Sexta Dinastias (2465-2151 a.C.), os Textos da Pirâmide são escrituras sagradas, parte das quais pensa-se que foi escrita por sacerdotes de Heliópolis no terceiro milênio a.C., e partes que eles teriam recebido de tempos pré-dinásticos e que passaram aos pósteros. E eram essas partes dos Textos, datando de uma antiguidade remota e impenetrável, que haviam me despertado a maior curiosidade quando começara a pesquisá-los alguns meses antes. Eu havia também achado divertida - e um pouco difícil de entender - a maneira como parecia que arqueólogos franceses do século XIX tinham sido quase que dirigidos para a câmara oculta dos Textos da Pirâmide por um mitológico "desbravador de caminhos". De acordo com relatos razoavelmente bem documentados, um capataz egípcio de escavações que vinham sendo feitas em Saqqara, acordou e levantou-se certa manhã e, quando deu por si, estava junto de uma pirâmide arruinada, olhando para os brilhantes olhos cor de âmbar de um chacal do deserto:

Era como se o animal estivesse escarnecendo de seu observador humano... e convidando o confuso indivíduo a caçá-lo. Lentamente, o chacal dirigiu-se para a face norte da pirâmide, parando por um momento antes de desaparecer em um buraco. O confuso árabe resolveu seguir a indicação. Após esgueirar-se pelo apertado buraco, descobriu que estava rastejando para as escuras entranhas da pirâmide. Logo em seguida, emergiu no interior de uma câmara e,

erguendo uma luz, viu que as paredes estavam cobertas de cima a baixo de inscrições hieroglíficas, que haviam sido cortadas com refinada arte artesanal na pedra calcária sólida e pintadas em turquesa e dourado.

Hoje, a câmara forrada de hieróglifos no interior da pirâmide arruinada de Unas é ainda alcançada através da face norte e da longa passagem em declive escavada pela equipe francesa, logo depois da surpreendente descoberta do capataz. A câmara consiste de duas salas retangulares separadas por uma divisória, na qual há uma porta baixa. Ambas as salas são cobertas por um teto em cumeeira, pintado com uma miríade de estrelas. Emergindo encurvado pela passagem apertada, Santha e eu entramos na primeira das duas salas e cruzamos a porta de ligação para a segunda. Esta era a câmara da tumba propriamente dita, com o maciço sarcófago de granito negro de Unas na extremidade oeste e os estranhos pronunciamentos dos Textos da Pirâmide fazendo-se ouvir em todas as paredes.

Falando-nos diretamente (e não através de enigmas e fórmulas mágicas matemáticas, como as paredes despojadas da Grande Pirâmide), o que era que diziam esses hieróglifos? Eu sabia que a resposta depende, até certo ponto, da tradução que usamos, principalmente porque a linguagem dos Textos da Pirâmide contém tantas formas arcaicas e tantas alusões mitológicas estranhas que os estudiosos foram obrigados a preencher com palpites os claros em seus conhecimentos. Não obstante, aceita-se em geral que o falecido R.O. Faulkner, professor de língua egípcia antiga do University College, de Londres, produziu a versão mais autorizada.

Faulkner, cuja tradução estudei linha após linha, descreveu os textos como constituindo "o mais antigo *corpus* de literatura religiosa e funerária egípcia ora existente", e acrescentou que "formam a menos corrompida de todas essas coletâneas e revestem-se de importância fundamental para o estudante da religião egípcia (...)". A razão *porque* os textos são tão importantes (como concordam numerosos estudiosos) é que constituem o último canal inteiramente aberto,

ligando o período relativamente curto do passado de que a humanidade se recorda, com o período muito mais longo que foi esquecido: "Eles nos desvendam vagamente um mundo desaparecido de pensamento e fala, o último de eras incontáveis, através das quais o homem pré-histórico passou, até que, finalmente, (...) ingressou na era histórica".

É difícil discordar de sentimentos como os seguintes: os textos revelam, de fato, um mundo desaparecido. Mas o que me intrigava mais a respeito desse mundo era a possibilidade de que pudesse ter sido habitado não só por selvagens primitivos (o que seria de esperar na pré-história remota), mas por homens e mulheres de mentes iluminadas por conhecimento científico do cosmo. O quadro geral, no entanto, era equívoco: havia elementos autenticamente primitivos nos Textos da Pirâmide, lado a lado com seqüências mais esclarecidas de idéias. Não obstante, em todas as ocasiões em que eu me aprofundava naquilo que os egiptólogos chamam de "esses antigos sortilégios", ficava impressionado com os estranhos vislumbres que eles pareciam dar de uma alta inteligência em ação, projetando-se de trás de níveis de incompreensão, relatando experiências que o "homem pré-histórico" jamais poderia ter tido e manifestando idéias que ele jamais teria podido formular. Em suma, o efeito produzido pelos textos, através de hieróglifos, era semelhante ao efeito obtido pela Grande Pirâmide através da arquitetura. Em ambos os casos, a impressão dominante era de *grande antiguidade* - de processos tecnológicos avançados, usados ou descritos em um período na história humana em que supostamente não havia qualquer tipo de tecnologia...

CAPÍTULO 42

Eras Passadas e Enigmas

Olhei em volta da câmara de paredes cinzentas da pirâmide de Unas, correndo a vista para cima e para baixo das longas carreiras de

hieróglifos, nas quais haviam sido gravados os Textos da Pirâmide. Gravados, aliás, em uma língua morta. Não obstante, a afirmação constante, repetida uma vez após outra nessas composições antigas, era a de *vida* - vida eterna - que seria obtida através do renascimento do faraó, como estrela, na constelação de Órion. Como o leitor deve recordar-se pelo que leu no Capítulo 19 (onde comparamos as crenças egípcias com as do México antigo), conhecemos vários pronunciamentos que manifestavam explicitamente tal aspiração:

Ó, Rei, tu és a Grande Estrela, o Companheiro de Órion, aquele que cruza os céus com Órion... Subiste do leste do céu, sendo renovado na devida estação e rejuvenescido no devido tempo...

Embora inegavelmente belos, nada havia de inerentemente extraordinário nesses sentimentos e não era em absoluto impossível atribuí-los a um povo considerado pelo arqueólogo francês Gaston Maspero como tendo "permanecido sempre meio selvagem". Além do mais, desde que Maspero fora o primeiro egiptólogo a penetrar na pirâmide de Unas, e havia sido considerado uma grande autoridade nos textos, dificilmente deveria surpreender que sua opinião tivesse inspirado todas as reações acadêmicas a tal literatura, desde que ele começou a publicar traduções da mesma na década de 1880. Maspero, com a pequena ajuda de um chacal, dera ao mundo os Textos da Pirâmide. Daí em diante, o domínio de seus preconceitos sobre o passado funcionou como um filtro para o conhecimento, inibindo interpretações diferentes das declarações mais opacas ou enigmáticas. Para mim, isso foi, para dizer o mínimo, uma infelicidade. O que isso significava era que, a despeito dos enigmas técnicos e científicos configurados por monumentos como a Grande Pirâmide de Gizé, os estudiosos ignoraram as implicações de algumas passagens notáveis dos textos.

Esses trechos pareciam, suspeitosamente, tentativas de expressar imagística técnica e científica complexa *em uma linguagem inteiramente imprópria*. Talvez fosse coincidência, mas o resultado

lembrava aquilo que poderíamos esperar hoje, se tentássemos traduzir a Teoria da Relatividade, de Einstein, para o inglês chauceriano ou descrever um avião supersônico em um vocabulário derivado da Alta Idade Média alemã.

Imagens Deformadas de uma Tecnologia Perdida?

Vejam, por exemplo, o equipamento e ajudas peculiares que o faraó deveria usar quando viajasse para seu local de repouso eterno entre as estrelas:

Os deuses que estão no céu vieram a ti, os deuses que estão na terra se reuniram por ti, eles colocam as mãos sob teu corpo, fazem uma escada para ti, para que por ela subas ao céu, as portas do céu se escancaram para ti, as portas do firmamento estrelado se abrem inteiramente para ti.

O faraó que subia aos céus era identificado, e freqüentemente chamado, de "um Osíris". O próprio Osíris, como vimos acima, era muitas vezes ligado e associado à constelação de Órion. Diziam os antigos egípcios que Osíris-Órion fora o primeiro a subir a grande escada construída pelos deuses. E várias frases não deixam dúvida de que essa escada não se estendia para cima, da terra para o céu, mas também para baixo, do céu para a terra. Ela era descrita como uma *escada de corda* e a crença era de que pendia de um "prato de ferro" suspenso no céu.

Estaríamos lidando aqui, perguntei a mim mesmo, simplesmente com os produtos da imaginação de sacerdotes semi-selvagens? Ou poderia haver alguma explicação para referências como essas?

Na Declaração 261, encontramos: "O rei é uma chama, movendo-se à frente do vento até os confins do céu e os confins da terra (...) O rei viaja no ar e cruza a terra (...) A ele foi concedido um meio de subir ao céu..."

Passando para o diálogo, a Declaração 310 proclama:

"Oh, tu, cuja visão está em tua face e cuja visão está na parte de trás de tua cabeça, traze isso para mim!"

"Que barca te será trazida?"

"Traz-a para mim: 'Ela voa e pousa.'"

A Declaração 332, supostamente de autoria do próprio rei, confidenciava:

"Eu sou aquele que escapou da serpente enroscada, eu ascendi em uma explosão de fogo, tendo me transformado inteiramente. Os dois céus vêm a mim."

Na Declaração 669, uma pergunta é feita: "Com que meios pode o rei ser levado a voar?"

E uma resposta é dada: "A ti será trazido a *barca-Hnw* [palavra em itálico, intraduzível] e... [falta de texto] da *ave-hn* [palavra em itálico, intraduzível]. Com isso, voarás. Voarás alto e leve."

Outros trechos, ao que parece, mereciam um exame mais cuidadoso do que o recebido dos estudiosos. Vejamos alguns exemplos:

Ó, meu pai, grande Rei, a fresta da janela do céu está aberta para ti.
A porta do céu no horizonte abre-se para ti, os deuses estão felizes por te receber...

Que possas sentar nesse trono de ferro que é teu, como o Supremo que está em Heliópolis.

Ó, Rei, que possas ascender...

O céu cambaleia com tua presença, a terra treme diante de ti, as Estrelas Imperecíveis te temem.

A ti eu vim, ó ser cujos tronos estão ocultos, que eu possa te abraçar no céu...

A terra fala, o portão do deus da terra está aberto, as portas de Geb estão abertas para ti (...)

Que possas subir para o céu em teu trono de ferro.

Ó, meu pai, ó Rei, tal é o teu caminho quando tiveres ido embora como um deus, viajando como um ser celestial (...)

Tu te levantas nos Conclaves do horizonte (...)

E te sentas neste trono de ferro, ante o qual os deuses se maravilham...

As referências constantes a ferro, embora fáceis de passar despercebidas, eram estranhas. O ferro, eu sabia, fora um metal raro no Egito antigo, sobretudo na Era das Pirâmides, quando, supostamente, só era encontrado em forma de meteoritos. Ainda assim, nos Textos da Pirâmide, parecia não haver carência de riqueza em ferro: pratos de ferro no céu, tronos de ferro e, em outro trecho, um cetro de ferro (Declaração 665C) e mesmo ossos de ferro para o rei (Declarações 325,684 e 723).

Na língua do antigo Egito, o ferro era conhecido como *bja*, palavra que significa literalmente "metal do céu" ou "metal divino". O conhecimento do ferro, portanto, era considerado como outra dádiva dos deuses...

Repositórios de uma Ciência Perdida?

Que outras impressões digitais esses deuses poderiam ter deixado nos Textos da Pirâmide?

Em minhas leituras - aqui e ali entre as mais arcaicas das Declarações -, eu encontrara várias metáforas que aparentemente se referiam à passagem de *épocas em que haviam ocorrido precessões de equinócios*. Essas metáforas se destacavam no texto porque eram fraseadas no que se tornara uma terminologia clara e conhecida para mim: a da linguagem científica arcaica identificada por Santillana e Von Dechend no *Hamlet's Mill*.

O leitor talvez se lembre que um "diagrama" cósmico dos quatro suportes do céu constituía um dos instrumentos de pensamento padrão empregado na linguagem antiga. Tinha por finalidade facilitar a visualização de quatro faixas imaginárias, concebidas como emoldurando, sustentando e definindo uma era mundial precessional. Sendo o que astrônomos designam hoje como "coluros equinociais e solsticiais", elas eram vistas como descendo em espiral do pólo Norte

celeste e marcando as quatro constelações contra o pano de fundo das quais, em períodos de 2.160 anos de cada vez, o sol se levantaria invariavelmente nos equinócios de primavera e outono e nos solstícios de inverno e verão.

Aparentemente, os Textos da Pirâmide contêm várias versões desse diagrama. Além do mais, como freqüentemente acontece com mitos pré-históricos que transmitem dados astronômicos irrefutáveis, o simbolismo da precessão é fortemente entrelaçado com imagens violentas de destruição terrestre - como que para sugerir que a "quebra do moinho do céu", isto é, a transição a cada 2.160 anos de uma era zodiacal para outra, poderia, em circunstâncias agourentas, desencadear influências catastróficas sobre eventos terrestres.

O texto, por exemplo, dizia que Rá-Atun, o deus que criou a si mesmo, foi inicialmente o rei dos deuses e dos homens. A humanidade, porém, conspirou contra sua soberania, pois ele começava a envelhecer, seus ossos se tornavam de prata, sua carne de ouro e seus cabelos ficavam [como] lápis-lazúli.

Quando compreendeu o que estava acontecendo, o idoso Deus do Sol (que lembra tanto Tonatiuh, o sanguinário Quinto Sol dos Astecas), resolveu que puniria os rebeldes, exterminando a maior parte da raça humana. O instrumento da calamidade que desencadeou foi simbolizado, em certas épocas, como uma leoa furiosa, chapinhando em sangue, e, em outras, como a aterradora deusa Sekhmet, de cabeça de leão, "que expelia fogo" e acabou com a humanidade em um êxtase de morticínio.

A destruição terrível prosseguiu sem pausa durante um longo período. Finalmente, Rá interveio para salvar a vida de um "resto", os ancestrais da atual humanidade. A intervenção tomou a forma de um dilúvio, que a leoa, sedenta, bebeu e em seguida caiu no sono. Ao acordar, não estava mais interessada em continuar com a destruição e a paz desceu sobre o mundo devastado.

Entrementes, Rá decidiu "retirar-se" do que sobrara de sua criação. "Enquanto vivo, meu coração está cansado de permanecer com a

Humanidade. Exterminei-a [quase] até o último homem, de modo que o resto [insignificante] não é assunto meu..."

Em seguida, o Rei Sol subiu para o céu montado nas costas da deusa Nut que (para as finalidades da metáfora sobre a precessão que estava por vir) se transformou em uma vaca. Antes de muito tempo - em uma estreita analogia com "o mancal do eixo" que "tremeu" no moinho de Amlodhi, que girava furiosamente -, a vaca "ficou tonta e começou a sacudir-se e a tremer, porque estava muito acima da terra". Quando se queixou a Rá sobre esse precário estado de coisas, ele ordenou: "Que meu filho Shu fique embaixo de Nut para montar guarda por mim, enquanto passo pelos suportes celestes - que existem no pôr-do-sol. Coloque-a em cima de sua cabeça e mantenha-a aí." Tão logo Shu tomou seu lugar embaixo da vaca e lhe equilibrou o corpo, "os céus acima e a terra embaixo foram criados", No mesmo momento, "as quatro pernas da vaca", como o egiptólogo Wallis Budge comentou em seu clássico estudo, *The Gods of the Egyptians*, "transformaram-se nos quatro suportes do céu, nos quatro pontos cardeais".

Tal como a maioria dos estudiosos, Budge, compreensivelmente, supôs que os "pontos cardeais" mencionados nessa antiga tradição egípcia tinham conotações estritamente terrestres, e que o "céu" nada mais representava que o céu acima de nossas cabeças. Aceitou como certo que o objetivo da metáfora era que visualizássemos as quatro pernas da vaca como posicionadas nos quatro pontos cardeais da bússola - norte, sul, leste e oeste. Pensou também - e, mesmo hoje, poucos egiptólogos discordariam dele - que os simplórios sacerdotes de Heliópolis haviam realmente acreditado que o céu tinha quatro cantos, que eram sustentados por quatro pernas, e que Shu, "o sustentador do céu *par excellence*", permanecera imóvel como uma pilastra no centro de todo o edifício.

Reinterpretados à luz das descobertas de Santillana e Von Dechend, contudo, Shu e as quatro pernas da vaca celestial lembram muito mais os componentes de um símbolo científico arcaico, que descreve as circunstâncias de uma era mundial precessional - o eixo polar (Shu) e

os coluros (as quatro pernas ou "suportes" que marcam os pontos cardeais equinociais e solsticiais no giro anual do sol).

Além do mais, é tentador especular sobre *qual* a era mundial que estava sendo sugerida neste caso...

Estando envolvida uma vaca, poderia ser a Era de Touro, embora os egípcios soubessem, como todo mundo, qual a diferença entre touros e vacas. Mas uma candidata muito mais provável - pelo menos sobre fundamentos puramente simbólicos - seria a era de Leão, de aproximadamente 10970 a 8810 a.C. A razão é que Sekhmet, a responsável pela destruição da Humanidade mencionada no mito, tinha forma *leonina*. Que melhor maneira de simbolizar o nascimento complicado da nova Era de Leão, do que descrever seu arauto como um leão em fúria, particularmente porque a Era de Leão coincidiu com o derretimento final e catastrófico da última Era Glacial, durante a qual números imensos de espécies de animais em toda a terra foram súbita e violentamente extintas. A humanidade sobreviveu às imensas inundações, terremotos e rápidas mudanças climáticas que ocorreram na época, embora, com toda probabilidade, em números muito reduzidos e em situação material muito pior.

A Comitiva do Sol e o Morador de Sírius

Claro, a capacidade de reconhecer e definir em mitos eras mundiais ocasionadas pela precessão implica que os antigos egípcios possuíam uma astronomia de observação mais apurada, e uma compreensão mais sofisticada da mecânica do sistema solar do que a creditada a qualquer povo até então. Não há dúvida de que conhecimento desse calibre, se existiu absolutamente, teria sido levado em alta conta pelos antigos egípcios, que o transmitiriam, de forma secreta, de uma geração a outra. Na verdade, teria sido considerado entre os maiores conhecimentos arcanos confiados à guarda da elite sacerdotal em Heliópolis e passado adiante principalmente sob a forma de tradição oral e iniciática. Se, por acaso, tivesse entrado nos Textos da

Pirâmide, não seria provável que sua forma fosse velada em metáforas e alegorias?

Cruzei lentamente o chão empoeirado da câmara da tumba, da pirâmide de Unas, notando o ar muito parado, lançando ao mesmo tempo os olhos para as desmaiadas inscrições em azul e dourado. Em linguagem codificada, vários milênios antes de Copérnico e Galileu, algumas das passagens gravadas nessas paredes pareciam oferecer pistas para a verdadeira natureza heliocêntrica do sistema solar.

Em uma delas, por exemplo, Rá, o Deus Sol, é mostrado sentado no trono de ferro, cercado por deuses menores, que se moviam constantemente em volta dele e que ali se diz que formam sua "comitiva". De forma parecida, em outro trecho, insiste-se com o faraó morto que "se ponha de pé à frente de duas metades do céu e pense bem nas palavras dos deuses, dos anciãos, que revolvem em torno de Rá".

Se ficasse provado que os "anciãos" e os "deuses circundantes" que revolviam em torno de Rá eram partes de uma terminologia que se referia aos planetas de nosso sistema solar, os autores originais dos Textos da Pirâmide deveriam forçosamente ter tido acesso a alguns dados astronômicos notavelmente avançados. Eles deviam ter sabido que a terra e os planetas revolviam em torno do sol, e não o contrário. O problema criado por essa possibilidade é que nem os antigos egípcios em nenhum estágio de sua história, nem mesmo seus sucessores, os gregos e, por falar nisso, tampouco os europeus até a Renascença, possuíam dados cosmológicos de qualquer coisa que se aproximasse dessa qualidade. Como, por conseguinte, poderia a presença desses dados ser explicada em composições escritas que datavam do alvorecer da civilização egípcia?

Outro mistério (talvez correlato) diz respeito à estrela Sírius, que os egípcios identificavam com Ísis, a irmã e esposa de Osíris e mãe de Hórus. Em uma passagem dirigida ao próprio Osíris, declaram os Textos da Pirâmide:

Tua irmã Ísis vem a ti, rejubilando-se em seu amor por ti. Tu a colocas sobre ti, teu membro nela penetra e ela torna-se grande com filho, como a estrela Sept [Sírius, a estrela cão], Hórus-Sept sai de ti sob a forma de Hórus, que habita em Sept.

Numerosas interpretações dessa passagem são, claro, possíveis. O que me intrigava, porém, era a clara implicação de que Sírius devia ser considerado como uma *entidade dual*, comparável, de alguma maneira, a uma mulher "grande com filho". Além do mais, após ter nascido (ou saído) essa criança, o texto toma um cuidado especial em nos lembrar que Hórus continuou a "habitar em Sept", presumivelmente sugerindo que ele permaneceu ligado à mãe.

Sírius é uma estrela incomum. Ponto brilhante de luz, especialmente visível nos meses de inverno nos céus noturnos do hemisfério Norte, consiste de um sistema estelar *binário*, ou melhor, ela é, na verdade, como sugerem os Textos da Pirâmide, uma "entidade dual". A maior componente da dupla, Sírius-A, é a que vemos. Sírius-B, por outro lado - a estrela anã que revolve em torno de Sírius A -, é absolutamente invisível a olho nu. Sua existência só se tornou conhecida da ciência ocidental em 1862, quando o astrônomo americano Alvin Clark observou-a, usando um dos maiores e mais modernos telescópios da época. De que maneira poderiam os escribas que gravaram os Textos da Pirâmide ter obtido a informação de que Sírius era duas estrelas em uma?

Eu sabia que no *The Sirius Mystery*, um livro importante publicado em 1976, seu autor americano, Robert Temple, dera algumas respostas extraordinárias a essa pergunta. Seu estudo concentrou-se nas crenças tradicionais da tribo dogon, na África Ocidental - em crenças nas quais o caráter binário de Sírius era especificamente descrito e onde o número de 50 anos era dado para o período da órbita de Sírius-B em torno de Sírius-A. Temple argumentou convincentemente que essa informação técnica de alta qualidade fora passada aos dogon pelos *antigos egípcios*, através de um processo de difusão cultural, e que era para eles que deveríamos nos voltar para a solução

do mistério de Sírius. Concluiu ele ainda que os antigos egípcios deveriam ter recebido a informação de seres inteligentes oriundos da região de Sírius.

Tal como Temple, eu começara a desconfiar que os elementos mais avançados e sofisticados da ciência egípcia só faziam sentido se entendidos como parte de uma herança. Mas, ao contrário de Temple, não via razão urgente para atribuir a herança a extraterrestres. Na minha opinião, o conhecimento sobre a estrela anômala que os sacerdotes de Heliópolis aparentemente possuíam era explicado, de forma mais plausível, como o legado de uma civilização humana perdida que, na contramão da história, atingira um alto nível de avanço tecnológico na antiguidade remota. Parecia-me que a construção de um instrumento capaz de detectar Sírius-B talvez não tivesse estado além da engenhosidade dos exploradores e cientistas desconhecidos que haviam desenhado os notáveis mapas do mundo pré-histórico discutidos na Parte I. Tampouco isso teria sido difícil para os astrônomos e calculadores do tempo que legaram aos antigos maias um calendário de espantosa complexidade, um banco de dados sobre os movimentos de corpos celestes que só podia ter sido produto de milhares de anos de observações anotadas com precisão, e uma facilidade com números muito grandes que pareciam mais apropriados às necessidades de uma sociedade tecnológica complexa do que às de um "primitivo" reino na América Central.

Milhões de Anos e Movimentos das Estrelas

Números muito grandes aparecem também nos Textos da Pirâmide, na simbólica "barca de milhões de anos", por exemplo, nos quais se diz que o Deus do Sol navegava pelas águas escuras e vastidões destituídas de ar do espaço interestelar. Thoth, o deus da sabedoria (aquele que calcula no céu, o contador de estrelas, o que mede a terra) possuía especificamente o poder de conceder uma vida de milhões de anos ao faraó mortal. Osíris, "rei da eternidade, senhor do

eterno", é descrito como vivendo milhões de anos. E números como "dezenas de milhões de anos" (bem como o mais estonteante ainda, "um milhão de milhões de anos") reaparecem com uma frequência suficiente para sugerir que certos elementos, pelo menos da cultura egípcia, devem ter evoluído, para conveniência de indivíduos de mente científica, com mais do que uma intuição esporádica da imensidão do tempo.

Esse povo, naturalmente, teria necessitado de um excelente calendário - um calendário que teria facilitado cálculos complexos e exatos. Não constituiu, portanto, motivo de surpresa descobrir que os antigos egípcios, tal como os maias, dispunham de um calendário desse tipo e que a compreensão que tinham de seu funcionamento aparentemente declinou, em vez de aumentar, à medida que se sucediam as eras. Era tentador interpretar esse fato como erosão gradual de um *corpus* de conhecimento herdado de um tempo extremamente remoto, impressão esta apoiada pelos próprios antigos egípcios, que não faziam segredo da crença em que o calendário que usavam era um legado que haviam recebido "dos deuses".

Estudaremos com mais detalhes, nos capítulos seguintes, a possível identidade desses deuses. Quem quer que tenham sido, eles devem ter passado parte muito grande de seu tempo observando as estrelas e acumulando um fundo de conhecimentos avançados e especializados sobre a estrela Sírius, em particular. Prova ulterior dessa conclusão surgiu sob a forma da dádiva, mais útil, de um calendário que os deuses supostamente deram aos egípcios; o ciclo *Sothico* (ou de Sírius).

O ciclo Sothico baseava-se no que é chamado em jargão técnico de "retorno periódico da ascensão heliacal de Sírius", isto é, o primeiro aparecimento da estrela após uma ausência sazonal, surgindo ao amanhecer imediatamente antes de o sol nascer, na parte leste do céu. No caso de Sírius, o intervalo entre um desses aparecimentos e o seguinte equivale a *exatamente* 365,25 dias - um número matematicamente harmonioso, sem complicação de mais casas

decimais, e que é apenas doze minutos mais longo do que a duração do ano solar.

O curioso sobre Sírius é que entre umas 2.000 estrelas visíveis a olho nu, ela é a única a erguer-se heliacalmente nesse intervalo preciso e belamente redondo de 365 dias e um quarto de dia - um produto único de "seu movimento próprio" (a velocidade de seu próprio movimento através do espaço), combinado com os efeitos da precessão dos equinócios. Além do mais, é sabido que o dia da ascensão heliacal de Sírius - o Dia do Ano-Novo no calendário egípcio antigo - era tradicionalmente calculado em Heliópolis, onde foram compilados os Textos da Pirâmide, e anunciado com antecipação a todos os principais templos acima e abaixo do Nilo.

Lembrei-me de que Sírius é mencionado diretamente nos Textos da Pirâmide por "seu nome, do Ano-Novo". Juntamente com outras declarações relevantes (como, por exemplo, a 669), o fato confirmava que o calendário sothico era *pelo menos* tão antigo quando os próprios Textos e que suas origens retroagiam às brumas da distante antiguidade. O grande enigma, por conseguinte, é o seguinte: nesse período tão antigo, quem poderia ter possuído o *know how* necessário para observar e anotar a coincidência do período de 365,25 dias com a ascensão heliacal de Sírius - uma coincidência descrita pelo matemático francês R.A. Schwaller de Lubicz como "um fenômeno celeste inteiramente excepcional"?

Não podemos deixar de admirar a grandeza de uma ciência capaz de descobrir tal coincidência. Foi escolhida a estrela binária Sírius porque é a única que se move na distância necessária e na direção certa, contra o pano de fundo das outras estrelas. Este fato, conhecido quatro mil anos antes de nosso tempo e esquecido até nossos dias, obviamente exige uma observação extraordinária e prolongada do céu.

E foi dessa herança - construída através de longos séculos de uma astronomia de observação e científica - que o Egito parece ter se

beneficiado no início do período histórico, e que é descrita nos Textos da Pirâmide.

Nesse fato existe também um mistério.

Cópias ou Traduções?

Escrevendo em 1934, ano de sua morte, Wallis Budge, ex-curador de Antiguidades Egípcias, do Museu Britânico, e autor de um respeitado dicionário de hieróglifos, fez esta franca confissão:

Os Textos da Pirâmide estão cheios de dificuldades de todos os tipos. São desconhecidos os significados exatos de grande número de palavras neles encontradas. (...) A construção das sentenças frustra constantemente todas as tentativas de traduzi-las e, quando elas contêm palavras inteiramente desconhecidas, o texto se torna um enigma indecifrável. É apenas razoável supor que esses textos foram freqüentemente usados para finalidades funerárias, mas é também muito claro que o período em que foram usados no Egito teve pouco mais de cem anos. Não há explicação para o motivo por que foram subitamente postos em uso ao fim da Quinta Dinastia e deixaram de ser usados ao fim da Sexta.

Poderia a resposta ser que os Textos fossem cópias de uma literatura mais antiga que Unas, o último faraó da Quinta Dinastia, juntamente com vários de seus sucessores na Sexta, tentaram gravar para sempre em pedra nas câmaras funerárias de suas próprias pirâmides? Era o que pensava Budge, e achava que a prova sugeria que pelo menos alguns documentos básicos deveriam ser extremamente antigos:

Vários trechos contêm prova de que os escribas que desenharam as cópias, baseadas nas quais os gravadores de inscrições trabalharam, não compreendiam o que estavam escrevendo. (...) A impressão geral

é que os sacerdotes que desenharam as cópias fizeram extratos de várias composições de diferentes idades e com conteúdos diferentes...

Tudo isso pressupunha que os documentos básicos, quaisquer que tenham sido, deveriam ter sido escritos em uma forma arcaica da língua egípcia. Havia, contudo, uma possibilidade alternativa que Budge ignorou. Suponhamos que a tarefa dos sacerdotes não tivesse sido apenas de *copiar* material, mas de *traduzir* para hieróglifos textos originariamente compostos em outra língua inteiramente diferente? Se essa língua incluía terminologia técnica e referências a artefatos e idéias para os quais não havia equivalentes no Egito antigo, este fato daria uma explicação para a estranha impressão provocada por certas declarações. Além do mais, se o trabalho de cópia e tradução dos documentos básicos originais tivesse sido completado ao fim da Sexta Dinastia, era fácil compreender por que nunca mais foram gravados "Textos da Pirâmide": o projeto teria chegado ao fim quando cumprido seu objetivo - que teria sido o de criar um registro hieroglífico permanente de uma literatura sagrada que já vinha cambaleando de velhice quando Unas assumiu o trono do Egito, no ano 2356 a.C.

Últimos Registros pela Primeira Vez?

Uma vez que queríamos cobrir antes do anoitecer, tanto quanto possível, a distância até Abidos, Santha e eu decidimos, relutantes, que era tempo de voltar à estrada. Embora tivéssemos resolvido antes passar ali apenas alguns minutos, a escuridão sombria e as vozes antigas da câmara da tumba de Unas nos haviam anestesiado os sentidos e quase duas horas se haviam passado desde nossa chegada. Abaixando-nos para sair, deixamos a tumba e subimos a passagem íngreme até a saída, onde paramos por um instante para que nossos olhos se acostumassem à forte luz solar de meados da manhã. Enquanto o fazíamos, aproveitei a oportunidade para examinar a própria pirâmide, que havia caído em um estado tão

dilapidado que mal se conseguia reconhecer sua forma original. As obras de cantaria básicas, reduzidas a um estado de pouco mais do que uma pilha de escombros informes, era evidentemente de qualidade medíocre e até mesmo os blocos do revestimento - alguns dos quais ainda se conservavam intactos - careciam da *finesse* e perícia artesanal exibidas pelas pirâmides mais antigas de Gizé.

Havia aí um fato difícil de explicar em termos históricos convencionais. Se os processos evolutivos normais que presidem ao desenvolvimento de perícia e idéias arquitetônicas estiveram em curso no Egito, seria de esperar que houvesse acontecido o oposto: o projeto, o trabalho de engenharia e cantaria da Pirâmide de Unas deveriam ter sido superiores aos do grupo de Gizé que, de acordo com a cronologia ortodoxa, tinha sido construído cerca de dois séculos antes.

O fato embaraçoso de que isso não acontecia (isto é, que Gizé era "melhor" do que Unas, e não o contrário) representou espinhosos desafios para os egiptólogos e inspirou perguntas para as quais nenhuma resposta satisfatória foi dada. Ou, para repetir o problema fundamental: tudo nas três espantosas e soberbas pirâmides de Khufu, Khafre e Menkaure proclamava que elas eram os produtos finais de centenas, talvez milhares, de anos de experiência arquitetônica e de engenharia acumulada. Tal fato, porém, não era confirmado pela prova arqueológica, que nenhuma dúvida deixava de que elas figuravam entre as primeiras pirâmides jamais construídas no Egito - em outras palavras, elas não eram produtos da fase madura do experimento de construção do país, mas, estranhamente, criações de sua infância.

Outro mistério clamava também por uma solução. Nas três grandes pirâmides de Gizé, a Quarta Dinastia criara mansões para a eternidade - obras-primas de pedra sem precedentes e insuperadas, de mais de cem metros de altura, pesando cada uma delas milhões de toneladas, e que incluíam um sem-número de aspectos extremamente avançados. Nenhuma pirâmide de qualidade comparável fora jamais construída. Mas, apenas pouco tempo depois, embaixo de superestruturas menores e mais pobres das pirâmides da Quinta e

Sexta Dinastias, uma espécie de Galeria de Registros parecia ter sido deliberadamente criada: uma exposição permanente de cópias, ou traduções, de documentos arcaicos que eram, simultaneamente, obras-primas insuperadas e sem precedentes da arte dos escribas e da escrita hieroglífica.

Em suma, tal como as pirâmides de Gizé, parecia que os Textos da Pirâmide haviam explodido em cena sem antecedentes visíveis e ocupado o centro do palco por aproximadamente cem anos, antes das "operações terminais", e que nunca mais seriam ultrapassadas.

Poderíamos presumir que os reis e sábios antigos que haviam organizado essas coisas sabiam o que estavam fazendo? Se assim, eles forçosamente teriam um plano e a intenção de estabelecer uma forte conexão visível entre as pirâmides de Gizé, inteiramente destituídas de inscrições (mas tecnicamente brilhantes), e as pirâmides dotadas de inscrições brilhantes (mas tecnicamente de segunda classe) das Quinta e Sexta Dinastias.

Eu desconfiava, também, que pelo menos parte da solução do problema poderia estar no campo de pirâmides de Dahshur, pelo qual passamos quinze minutos depois de deixar Saqqara. Era aí que se localizavam as denominadas pirâmides "Vergada" e "Vermelha". Atribuídas a Sneferu, pai de Khufu, esses dois monumentos (segundo todas as opiniões, muito bem preservados) haviam sido fechados ao público há muitos anos. Uma base militar fora construída em volta delas e durante muito tempo fora impossível visitá-las - em quaisquer circunstâncias, jamais...

Continuando nossa jornada para o sul, através das cores brilhantes daquele dia de dezembro, fui tomado pela sensação irresistível de que o Vale do Nilo fora palco de eventos importantes para a humanidade, muito tempo antes de começar a história documentada da humanidade. Todos os registros e tradições mais antigos do Egito falam desses fatos e ligam-nos a uma época durante a qual os deuses reinavam na terra: os fabulosos Primeiros Tempos, que eram chamados de Zep Tepi. Nos dois capítulos seguintes, iremos examinar esses registros.

CAPÍTULO 43

Procurando os Primeiros Tempos

Vejamos o que os antigos egípcios tinham a dizer sobre os Primeiros Tempos, sobre o Zep Tepi, a época em que os deuses reinavam na terra: diziam que fora uma idade áurea, durante a qual as águas do abismo recuaram, a escuridão primeva foi banida e a humanidade, emergindo para a luz, recebeu as dádivas da civilização. Falavam também de intermediários entre deuses e homens - os Urshus, uma categoria de divindades menores, cujo título significava "os Vigilantes". E conservavam recordações especialmente vívidas dos próprios deuses, os seres poderosos e belos denominados de Neterus, que conviviam na terra com a humanidade e exerciam sua soberania em Heliópolis e outros santuários acima e abaixo do Nilo. Alguns desses Neterus eram machos e, outros, fêmeas, mas todos possuíam uma grande faixa de poderes sobrenaturais, que incluíam a capacidade de aparecer, à vontade, como homens ou mulheres, animais, aves, répteis, árvores ou plantas. Paradoxalmente, parecia que seus atos e palavras refletiam paixões e preocupações humanas. De idêntica maneira, embora fossem descritos como mais fortes e mais inteligentes do que os seres humanos, os antigos acreditavam que eles podiam adoecer - ou mesmo morrer, ou ser mortos - em certas circunstâncias.

Registros da Pré-História

Arqueólogos são inflexíveis na opinião de que a época dos deuses, que os antigos egípcios chamavam de Primeiros Tempos, nada mais foi do que um mito. Os antigos egípcios, porém, que podem ter sido mais bem-informados sobre seu passado do que nós, não compartilhavam dessa opinião. Os registros históricos que conservaram em seus templos mais veneráveis incluíam listas completas de todos os reis do Egito: listas dando o nome de todos os

faraós de todas as dinastias reconhecidas hoje pelos estudiosos. Algumas dessas listas iam ainda mais longe, retroagindo além do horizonte histórico da Primeira Dinastia e penetrando nas profundezas desconhecidas de uma antiguidade remota e abissal.

Duas listas de reis dessa categoria sobreviveram às devastações das idades e, tendo sido tiradas do Egito, são hoje preservadas em museus europeus. Estudaremos com mais detalhes essas listas ainda neste capítulo. Elas são conhecidas respectivamente como Pedra de Palermo (datando da Quinta Dinastia - ou seja, por volta do século 25 a.C.) e Papiro de Turim, um documento de templo da Décima Nona Dinastia, escrito na forma cursiva de hieróglifos conhecida como hierática e que data do século XIII a.C.

Além disso, temos o testemunho de um sacerdote de Heliópolis chamado Manetho. No século III a.C., ele compilou uma história abrangente e altamente respeitada do Egito, contendo extensas listas de reis de todo o período dinástico. Tal como o Papiro de Turim e a Pedra de Palermo, a história de Manetho retroage ao passado remoto e fala de uma época distante, quando os reis reinaram no Vale do Nilo.

O texto completo de Manetho não nos chegou às mãos, embora pareça que cópias dele circularam em data tão recente quanto o século IX d.C. Por sorte, contudo, fragmentos do texto foram preservados nas obras do historiador judeu Josephus (ano 60 d.C.) e de autores cristãos, como Africanus (ano 300 d.C.), Eusébio (ano 340 d.C.) e George Syncellus (ano 800 d.C.). Esses fragmentos, nas palavras do falecido professor Michael Hoffman, da Universidade da Carolina do Sul, proporcionam "o marco para o enfoque moderno do estudo do passado do Egito".

Essas palavras representam a inteira verdade. Não obstante, egiptólogos estão dispostos a usar Manetho apenas como fonte para estudo do período histórico (dinástico) e repudiam os estranhos *insights* que ele fornece da pré-história, quando fala sobre a remota idade áurea dos Primeiros Tempos. Por que deveríamos ser tão seletivos na confiança depositada em Manetho? Qual a lógica de

aceitar dele trinta dinastias "históricas" e rejeitar tudo o que tem a dizer sobre épocas anteriores? Além disso, desde que sabemos que sua cronologia do período histórico foi confirmada pela arqueologia, não seria um tanto prematuro de nossa parte supor que sua cronologia pré-dinástica está errada, porque escavações ainda não produziram prova que a confirme?

Deuses, Semi-deuses e Espíritos dos Mortos

Se queremos deixar que Manetho diga o que tem a dizer, nenhuma opção nos resta senão estudar os textos em que foram preservados fragmentos de sua obra. Um dos mais importantes neste particular é a versão armênia da *Chronica*, de Eusébio. Começa ela nos informando que a extraiu "da *História Egípcia*, de Manetho, que faz seu relato em três livros. Tratam eles dos Deuses, Semi-deuses, Espíritos dos Mortos e reis mortais que governaram o Egito..." Citando diretamente Manetho, Eusébio começa desenrolando uma lista dos deuses, que consiste, basicamente, da conhecida Enéade de Heliópolis - Rá, Osíris, Ísis, Hórus, Set, e assim por diante:

Estes foram os primeiros a exercer poder no Egito. Em seguida, a soberania passou de um a outro, em uma sucessão ininterrupta (...) durante 13.900 anos. (...) Após os Deuses, os Semi-deuses reinaram durante 1.255 anos; e, uma vez mais, outra linhagem de reis exerceu o poder por 1.817 anos; em seguida, vieram mais 30 reis, que reinaram por 1.790 anos; e, mais uma vez, dez reis que governaram por 350 anos. Deles se seguiu o reinado dos Espíritos dos Mortos (...) durante 5.813 anos. (...)

O total de todos esses períodos chega a 24.925 anos e nos leva muito além da data bíblica da criação do mundo (em alguma ocasião, no quinto milênio a.C.). Uma vez que o texto em causa sugeria que a cronologia bíblica estava errada, esse fato causou dificuldades a

Eusébio, um ardoroso comentarista cristão. Após um momento de pensamento, porém, ele, de forma inspirada, resolveu o problema: "Acho que o ano é lunar, consistindo, isto é, de 30 dias: o que agora chamamos de mês, os egípcios usavam antigamente como um ano..." Claro que eles não faziam nada disso. Através desse golpe de prestidigitação, porém, Eusébio e outros conseguiram reduzir o grandioso período pré-dinástico de quase 25.000 anos para um número higiênico de pouco mais de 2.000 anos, que se encaixa confortavelmente nos 2.241 anos que a cronologia bíblica ortodoxa aceita entre Adão e o Dilúvio.

Uma técnica diferente para reduzir a importância das implicações cronológicas embaraçosas da prova de Manetho foi usada pelo monge George Syncellus (*circa* ano 800 d.C.). Esse comentarista, que usava exclusivamente a invectiva, escreveu: "Manetho, sumo sacerdote dos amaldiçoados templos do Egito [fala-nos] de deuses que nunca existiram. Esses deuses, diz ele, reinaram por 11.895 anos..."

Vários outros números curiosos e contraditórios afloram nos fragmentos. Em particular, dizem repetidamente os comentaristas que Manetho deu o assombroso número de 36.525 anos para *toda* duração da 13^a. (e última) dinastia de reis mortais. Esse número, claro, inclui os 362,25 *dias* do ano sothico (o intervalo entre duas ascensões heliacais consecutivas de Sírius, da forma descrita no último capítulo). Com maior probabilidade, mais por intenção do que por acaso, o número representa também 25 ciclos de 1.460 anos sothicos e 25 ciclos de 1.461 anos de *calendário* (já que o ano civil egípcio era construído em torno de um "ano vago", de exatamente 365 dias).

O que, se é que alguma coisa, significa tudo isso? É difícil ter certeza. Na grande massa de números e interpretações, contudo, emerge, em voz alta e clara, um aspecto da mensagem original de Manetho. A despeito de tudo que nos ensinaram sobre o desenrolar ordenado da história, o que ele parece estar dizendo é que seres civilizados (fossem deuses ou homens) estiveram presentes no Egito durante um período imensamente longo, *antes* do surgimento da Primeira Dinastia, por volta do ano 3100 a.C.

Diodoro de Sicília e Heródoto

Nessa afirmação, Manetho teve grande apoio de autores clássicos. No primeiro século a.C., o historiador grego Diodoro de Sicília visitou o Egito. Ele foi corretamente descrito por C.H. Oldfather, seu tradutor mais recente, como "um compilador imparcial, que utilizou boas fontes e as reproduziu fielmente". Em palavras simples, o que isso significa é que Diodoro não tentou impor seus preconceitos e concepções ao material que reuniu. Ele, portanto, é especialmente valioso para nós, porque seus informantes incluíram sacerdotes egípcios que ele interrogou sobre o passado misterioso de sua terra. E o que eles lhe disseram foi o seguinte:

"No início, deuses e heróis governaram o Egito durante pouco menos de 18.000 anos, tendo sido Hórus, filho de Ísis, o último dos deuses reinantes. (...) Mortais, dizem eles, foram reis do país por um pouco menos de 5.000 anos. (...)"

Revisemos "imparcialmente" esses números e vejamos o que eles nos dizem. Diodoro escreveu no primeiro século a.C. Se retroagimos a partir dessa data por 5.000 anos, durante as quais "reis mortais" supostamente governaram, chegamos ao ano 5100 a.C. Se retroagimos ainda mais, até a era dos "deuses e heróis", descobrimos que chegamos ao ano 23100 a.C., quando o mundo ainda estava firmemente nas garras da última Era Glacial.

Muito antes de Diodoro, o Egito foi visitado por outro e mais ilustre historiador grego: o grande Heródoto, que viveu no século V a.C. Ele também parece ter mantido contato com sacerdotes e sintonizou com tradições que falavam em uma alta civilização no Vale do Nilo, em alguma data não especificada da antiguidade remota. Heródoto descreve essas tradições de um período pré-histórico imenso da civilização egípcia no Livro II, de sua *História*. No mesmo texto, sem

comentários, ele nos fornece uma curiosa pepita de informação que colheu entre os sacerdotes de Heliópolis:

Durante esse tempo, disseram eles, houve quatro ocasiões em que o sol nasceu fora de seu local costumeiro - duas vezes nascendo onde agora se põe e, duas vezes, pondo-se no lugar onde ora nasce.

O que é que significa isso?

De acordo com o matemático francês Schwaller de Lubicz, o que Heródoto está nos dizendo (talvez sem saber) é uma referência velada e deturpada a um *período de tempo* - isto é, ao tempo que leva para o amanhecer no equinócio vernal realizar a precessão contra o pano de fundo estelar, através de um e meio ciclos completos do zodíaco.

Conforme vimos, o sol equinocial passa aproximadamente 2.160 anos em cada uma das doze constelações do zodíaco. Um ciclo completo de precessão de equinócios, portanto, leva quase 26.000 anos para completar (12×2.160 anos). Segue-se que um ciclo e meio corresponde a quase 39.000 anos (18×2.160 anos).

No tempo de Heródoto, o sol no equinócio vernal subia exatamente a leste ao amanhecer, contra o fundo estelar de Áries - momento em que a constelação de Libra estava "em oposição", exatamente a oeste, onde o sol iria se pôr 12 horas depois. Se giramos para trás por meio ciclo o relógio da precessão, contudo seis horas do zodíaco ou aproximadamente 13.000 anos -, descobrimos que prevalece a configuração oposta: o sol vernal nasce nesse momento exatamente a leste, em Libra, enquanto Áries se situa, em oposição, diretamente a oeste. Mais 13.000 anos para trás, e a situação se inverte mais uma vez, com o sol vernal nascendo novamente em Áries e com Libra em oposição.

Esses cálculos nos levam a 26.000 anos antes de Heródoto.

Se recuarmos mais 13.000 anos, isto é, a metade de outro ciclo de precessão, para 39.000 anos antes de Heródoto, o nascer do sol vernal volta a Libra e Áries se encontra novamente em oposição.

O importante é o seguinte: com 39.000 anos temos uma extensão de tempo durante a qual se pode descrever o sol como "nascendo duas vezes onde agora se põe", isto é, em Libra no tempo de Heródoto (e novamente a 13.000 e a 39.000 anos antes), e como "pondo-se duas vezes onde agora nasce", isto é, em Áries no tempo de Heródoto (e, mais uma vez, 13.000 e 39.000 anos antes). Se a interpretação de Schwaller está correta - e há todas as razões para supor que está -, ela sugere que os informantes sacerdotais do historiador grego deviam ter acesso a registros exatos do movimento de precessão do sol que retroagiam a *pelo menos* 39.000 anos antes de nossa era.

O Papiro de Turim e a Pedra de Palermo

O número de 39.000 anos concorda surpreendentemente bem com a prova testemunhal do Papiro de Turim (uma das duas listas remanescentes de antigos reis egípcios e que retroage aos tempos pré-históricos, anteriores à Primeira Dinastia).

Tendo feito parte inicialmente da coleção do rei da Sardenha, o papiro quebradiço e se desfazendo em pó, de 3.000 anos de idade, foi enviado em uma caixa, sem forro protetor, para seu atual lar, no Museu de Turim. Como qualquer estudante poderia ter previsto, o papiro chegou quebrado em incontáveis fragmentos. Especialistas foram obrigados a trabalhar durante anos para reunir e extrair sentido do que restava, e fizeram neste particular um trabalho soberbo. Ainda assim, verificou-se que foi impossível reconstituir mais da metade do conteúdo desse precioso registro. O que não poderíamos ter aprendido sobre os Primeiros Tempos se o Papiro de Turim tivesse permanecido intacto?

Os fragmentos remanescentes são intrigantes. Em um registro, por exemplo, lemos os nomes de dez Neterus com cada nome dentro de um cartucho (um espaço oblongo fechado), segundo um estilo muito parecido com o adotado em períodos posteriores e relativos a reis históricos. É também dado o número de anos em que se acreditava

que cada um dos Neterus tivesse reinado, embora a maior parte desses números esteja faltando nesse documento danificado.

Em outra coluna, vemos a lista de reis mortais que governaram o alto e baixo Egito depois dos deuses, mas antes da suposta unificação do reino sob Menés, o primeiro faraó da Primeira Dinastia, no ano 3100 a.C. À vista dos fragmentos que sobraram, é possível verificar que são mencionadas nove "dinastias" desses faraós pré-dinásticos, entre os quais os "Veneráveis de Mênfis", "os Veneráveis do Norte" e, por último, os Shemsu Hor (os Companheiros, ou Seguidores, de Hórus), que reinaram até o tempo de Menés. As duas últimas linhas da coluna, que parecem representar um sumário, ou inventário, são particularmente provocantes. Dizem elas: "... Veneráveis Shemsu-Hor, 13.420 anos; Reinados antes dos Shemsu-Hor, 23.000 anos; Total, 36.620 anos".

A outra lista de reis que trata dos tempos pré-históricos, a Pedra de Palermo, não nos leva tanto para trás no passado quanto o Papiro de Turim. Os primeiros de seus registros remanescentes menciona os reinados de 120 reis que governaram o alto e baixo Egito em fins do período pré-dinástico: os séculos imediatamente anteriores à unificação do país no ano 3100 a.C. Mais uma vez, contudo, não fazemos realmente idéia de quantas *outras* informações, talvez relativas a períodos muito anteriores, poderiam ter sido gravadas nessa enigmática laje de basalto negro porque, essa peça, também, tampouco nos chegou intacta. Desde 1887, sua maior peça isolada vem sendo preservada no Museu de Palermo, na Sicília; uma segunda peça está em exposição no Museu do Cairo; e um terceiro fragmento, muito menor, faz parte da Coleção Petrie, da Universidade de Londres". Arqueólogos pensam que ela foi arrancada do centro de um monólito que deveria ter medido originariamente cerca de 2,13m de comprimento por 60cm de altura (a pedra repousava sobre o lado comprido). Além disso, como observou certa autoridade:

É inteiramente possível - mesmo provável - que existam ainda muitas outras peças desse monumento, de valor incalculável, se apenas

soubemos onde procurá-las. Da forma como estão as coisas, somos confrontados com um conhecimento irritante e frustrador, de que existia um registro com o nome de todos os reis do Período Arcaico, juntamente com o número de anos de seus reinados e principais eventos ocorridos durante o tempo em que ocuparam o trono. Esses eventos foram compilados na Quinta Dinastia, apenas cerca de 700 anos após a Unificação, de modo que a margem de erro seria, com toda probabilidade, muito pequena.

O falecido professor Walter Emery, cujas palavras transcrevemos acima, estava naturalmente preocupado com a ausência de detalhes indispensáveis concernentes ao Período Arcaico, dos anos 3200 a.C. a 1900 a.C, que constituía seu principal interesse como especialista. Caberia também pensar, contudo, no que uma Pedra de Palermo intacta poderia nos dizer sobre épocas ainda mais antigas, notadamente sobre o Zep Tepi - a idade áurea dos deuses.

Quanto mais penetramos nos mitos e memórias do longo passado do Egito, e quanto mais nos aproximamos dos Primeiros Tempos fabulosos, mais estranhas se tornam as paisagens em torno de nós... Como veremos adiante.

CAPÍTULO 44

Deuses dos Primeiros Tempos

De acordo com a teologia de Heliópolis, os nove deuses originais que apareceram no Egito nos primeiros tempos foram Rá, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Ísis, Nephtys e Set. A prole dessas divindades incluía figuras bem conhecidas, como Hórus e Anúbis. Além disso, eram reconhecidos outros panteões de deuses, notadamente em Mênfis e Hermópolis, onde cultos importantes e muito antigos eram prestados a Ptá e a Thoth. Essas divindades dos Primeiros Tempos foram todas, em um ou outro sentido, deuses de criação, que haviam dado forma ao caos, exercendo sua vontade divina. Do caos eles formaram e

povoaram a terra sagrada do Egito e, durante muitos milhares de anos, reinaram sobre os homens como faraós divinos.

Mas o que era esse "caos"?

Os sacerdotes de Heliópolis que conversaram com o historiador grego Diodoro de Sicília no primeiro século a.C. fizeram a sugestão intrigante de que o "caos" foi um dilúvio - identificado por Diodoro como o dilúvio que destruíra a terra de Deucalião, o Noé grego.

De modo geral, eles disseram que, se no dilúvio que ocorreu na época de Deucalião foi destruída a maioria das criaturas vivas, é provável que os moradores do sul do Egito tenham sobrevivido, e não quaisquer outros... Ou se, como sustentam alguns, a destruição das criaturas foi completa e a terra em seguida gerou novas formas de animais, apesar de tudo e até mesmo de acordo com essa suposição, a primeira geração de criaturas vivas cabe muito bem a este país...

Por que deveria o Egito ter sido tão abençoado? Diodoro foi informado de que isso teve alguma coisa a ver com a situação geográfica, com a grande exposição das regiões meridionais ao calor do sol e com o enorme aumento das chuvas que os mitos dizem que o mundo sofreu em seguida ao dilúvio universal: "Porque, quando a umidade das chuvas abundantes que caíram sobre outros povos misturou-se com o calor intenso que prevalece no próprio Egito (...) o ar tornou-se muito bem temperado para a primeira geração de todas as criaturas vivas. (...)"

Curiosamente, como é bem conhecido, o Egito não desfruta uma situação geográfica especial e as linhas de latitude e longitude que se cruzam exatamente ao lado da Grande Pirâmide (30° e 31° leste) passam por mais terras secas do que quaisquer outras. Curiosamente, ainda, ao fim da última Era Glacial, quando milhões de quilômetros quadrados de glaciação estavam derretendo no norte da Europa, quando o nível do mar em elevação inundava áreas costeiras em todo o globo, e quando o imenso volume de umidade extra, que entrou na atmosfera através da evaporação das calotas de gelo, desceu sob a

forma de chuva, o Egito beneficiou-se durante vários milhares de anos com um clima excepcionalmente úmido e favorável à fertilidade das terras. Não é difícil compreender que esse clima poderia, de fato, ter sido lembrado como "bem temperado para a primeira geração de todas as criaturas vivas".

Temos, portanto, que fazer a pergunta seguinte: de onde procedia a informação sobre o passado, que estamos recebendo de Diodoro? E será uma coincidência a descrição aparentemente fiel do luxuriante clima no Egito durante o fim da última Era Glacial ou uma tradição extremamente antiga, que nos chega hoje uma memória, talvez, dos Primeiros Tempos?

O Hálito da Serpente Divina

Acreditavam os antigos egípcios que Rá foi o primeiro rei dos Primeiros Tempos. Velhos mitos dizem que enquanto permaneceu jovem e vigoroso, ele reinou pacificamente. Os anos, porém, cobraram-lhe um tributo, e ele é descrito ao fim de seu reinado como um homem velho, enrugado, trôpego, com a boca trêmula, da qual saliva escorria ininterruptamente.

Shu sucedeu-o como rei na terra, embora tivesse um reinado prejudicado por conspirações e conflitos. Embora derrotasse os inimigos, no fim ele foi tão destruído pela doença que até mesmo seus mais fiéis seguidores rebelaram-se. "Cansado de reinar, Shu abdicou em favor do filho Geb e refugiou-se nos céus, após uma tempestade apavorante que durou nove dias...".

Geb, o terceiro faraó divino, substituiu obedientemente o pai no trono. Seu reinado foi também agitado e alguns mitos descrevendo o que aconteceu refletem a velha linguagem dos Textos da Pirâmide, com imagística científica complexa e técnica. Uma tradição especialmente notável, por exemplo, fala de uma "caixa dourada", na qual Rá guardou certo número de objetos - descritos, respectivamente, como seu "bastão" (ou cajado), um cacho de seu cabelo e sua *uraeus* (uma

cobra empinada, com o capelo estendido, feita de ouro, que era usada em seu real adereço de cabeça).

Talismã poderoso e perigoso, a caixa, juntamente com seu estranho conteúdo, permaneceu fechada em uma fortaleza "na fronteira oriental" do Egito, até muitos anos depois da subida de Rá ao céu. Ao assumir o poder, Geb ordenou que ela lhe fosse trazida e aberta em sua presença. No momento em que a caixa foi aberta, um raio de fogo (descrito como "o hálito da serpente divina") dela saiu, matou todos os companheiros de Geb e queimou gravemente o próprio rei.

É tentador especular se aquilo que encontramos nessa descrição não poderia ser uma versão deturpada de um dispositivo que funcionou mal, feito pelo homem: uma recordação confusa, cercada de medo, de um instrumento monstruoso construído por cientistas de uma civilização perdida. Credibilidade é acrescentada a essas especulações ousadas quando nos lembramos de que esta não foi absolutamente a única caixa dourada no mundo antigo que funcionou como máquina letal e imprevisível. Essa peça apresenta grande número de semelhanças com a enigmática Arca da Aliança hebraica (que matou também pessoas inocentes com raios de energia letal, que era "toda revestida de ouro" e que se dizia que continha não só as duas tábuas dos Dez Mandamentos, mas também "o pote de ouro que continha maná, e o cajado de Aarão").

Um estudo correto das implicações de todas essas estranhas e maravilhosas caixas (e de outros artefatos "tecnológicos" referidos nas tradições antigas) situa-se além dos objetivos deste livro. Para nossas finalidades aqui, basta notar que uma atmosfera peculiar de magia perigosa e quase tecnológica parece ter cercado muitos dos deuses da Enéade de Heliópolis.

Ísis, por exemplo (esposa e irmã de Osíris e mãe de Hórus), desprende um forte cheiro de ciência laboratorial. De acordo com o Papiro Chester Beatty, que se encontra no Museu Britânico, ela era "uma mulher sabida (...) mais inteligente do que incontáveis deuses.(...) Nada ignorava do que havia no céu e na terra". Famosa pelo uso hábil de feitiçaria e magia, era particularmente lembrada

pelos antigos egípcios como "poderosa de língua", isto é, tinha domínio de palavras de poder "que conhecia, com a pronúncia correta, e não se detinha em sua fala, era perfeita tanto em dar o comando como em pronunciar a palavra". Em suma, acreditava-se que ela, simplesmente com a voz, era capaz de vergar a realidade e revogar as leis da física.

Esses mesmos poderes, embora talvez em maior grau, eram atribuídos à sabedoria do deus Thoth, que embora não fosse membro da Enéade de Heliópolis, o Papiro de Turim e outros documentos antigos reconheciam como o sexto (e ocasionalmente o sétimo) faraó divino do Egito. Frequentemente representado em paredes de templo e tumba como um íbis, ou um homem com cabeça de íbis, era venerado como a força reguladora responsável por todos os cálculos e anotações celestes, como o senhor e multiplicador do tempo, o inventor do alfabeto e o patrono da magia. Estava especialmente ligado à astronomia, matemática, topografia e geometria e era descrito como "aquele que calcula no céu, o contador de estrelas e o medidor da terra". Era também considerado como uma divindade que compreendia os mistérios "de tudo que está oculto sob a abóbada do céu" e que tinha a capacidade de conceder sabedoria a indivíduos escolhidos. Dizia a lenda que ele escrevera seus conhecimentos em livros secretos e que os escondera na terra, com a intenção de que fossem procurados por futuras gerações, mas encontrados "apenas pelos justos" - que deveriam usar suas descobertas em benefício da humanidade.

O que sobressai com mais clareza a respeito de Thoth, portanto, além de suas credenciais como antigo cientista, é seu papel como benfeitor e civilizador. Neste particular, ele lembra muito seu predecessor Osíris, o deus supremo dos Textos da Pirâmide e o quarto faraó divino do Egito, "cujo nome se torna *Sah* (Órion), cuja perna é longa e tem passada larga, o Presidente da Terra do Sul..."

Osíris e os Senhores da Eternidade

Ocasionalmente mencionado nos textos como o *neb tem*, ou "senhor universal", Osíris é descrito como humano, mas também sobre-humano, sofrendo, mas, ao mesmo tempo, imperioso. Além do mais, ele expressa seu dualismo básico governando no céu (como constelação de Órion) e na terra como rei entre homens. Tal como Viracocha, nos Andes, e Quetzalcoatl, na América Central, sua conduta é sutil e misteriosa. Exatamente igual a eles, é excepcionalmente alto e sempre descrito como usando a barba curva da divindade. E, também como eles, embora dispusesse de poderes sobrenaturais, evitava tanto quanto possível usar de força.

Vimos no Capítulo 16 que, segundo a lenda, Quetzalcoatl, o rei-deus dos mexicanos, partiu da América Central por mar, viajando em uma jangada de serpentes. Por isso mesmo, é difícil evitar um senso de *déjà vu* quando lemos no *Livro dos Mortos* egípcio que o lar de Osíris "repousava sobre a água" e que tinha paredes feitas de "serpentes vivas". No mínimo, é notável a convergência do simbolismo que liga dois deuses e regiões muito distantes.

Mas há ainda outros paralelos óbvios.

Os detalhes principais da história de Osíris foram contados em capítulos anteriores e não precisamos repisá-los aqui. O leitor certamente não esqueceu que esse deus - mais uma vez, como Quetzalcoatl e Viracocha - era lembrado principalmente como um benfeitor da humanidade, como um portador da iluminação e grande líder civilizatório. Recebia o crédito, por exemplo, por ter acabado com o canibalismo e conta a lenda que ensinou agricultura aos egípcios - em especial, o cultivo do trigo e da cevada - e a arte de fabricar implementos agrícolas. Uma vez que gostava muito de bons vinhos (os mitos não dizem onde ele adquiriu esse gosto), ele tomou um cuidado especial em "ensinar à humanidade a cultura da uva, bem como a maneira de colher os frutos e armazenar o vinho..." Além das dádivas da boa vida que distribuiu entre seus súditos, Osíris ajudou-os

a livrar-se de "suas maneiras horríveis e bárbaras", ao lhes dar um código de leis e iniciar o culto dos deuses no Egito.

Depois de pôr a casa em ordem, entregou o controle do reino a Ísis, deixou o Egito e permaneceu afastado durante muitos anos, perambulando pelo mundo com a única intenção, disseram os sacerdotes a Diodoro de Sicília, de visitar toda a terra habitada e ensinar à raça dos homens como cultivar a uva e semear o trigo e a cevada, porque supunha que, se os homens renunciassem à sua selvageria e adotassem um dócil estilo de vida, ele receberia honras imortais pela magnitude de sua benemerência...

Osíris viajou primeiro para a Etiópia, onde ensinou o cultivo da terra e a criação de animais aos primitivos caçadores-coletores de alimentos que encontrou. E iniciou também certo número de obras de engenharia e hidráulica em grande escala: "Ele construiu canais, com eclusas e comportas (...) elevou as margens do rio e tomou precauções para evitar que o Nilo transbordasse. (...) " Mais tarde, dirigiu-se à Arábia e daí passou para a Índia, onde fundou numerosas cidades. Transferindo-se para a Trácia, matou um rei bárbaro que se recusou a adotar seu sistema de governo. Essa conduta não combinava bem com ele. De modo geral, Osíris era lembrado pelos egípcios como não tendo forçado homem algum a seguir suas instruções e através de suave convencimento e apelo à razão conseguiu induzi-los a praticar o que pregava. Muitos de seus sábios conselhos foram transmitidos aos seus ouvintes em hinos e canções, que eram cantados com o acompanhamento de instrumentos musicais.

Mais uma vez, é difícil evitar o paralelo com Quetzalcoatl e Viracocha. Durante uma época de trevas e caos - com toda possibilidade ligada a um dilúvio - um deus, ou homem, barbado, materializou-se no Egito (ou na Bolívia e no México), possuidor de grande riqueza de conhecimentos e perícias científicas, do tipo ligado a civilizações maduras e altamente desenvolvidas, que usou altruisticamente em benefício da humanidade. Ele era instintivamente bondoso, mas capaz de grande firmeza quando necessário. Motivado por forte senso de

finalidade, após ter estabelecido sua sede em Heliópolis (ou em Tiahuanaco ou Teotihuacán), viajou com um grupo seletivo de companheiros para impor a ordem e restabelecer o equilíbrio perdido do mundo.

Deixando de lado por ora a questão de se ou não estamos lidando com homens ou deuses, com produtos da imaginação primitiva ou com seres de carne e osso, resta o fato de que os mitos falam *sempre* de um *grupo* de civilizadores: Viracocha e seus "companheiros", como acontece também com Quetzalcoatl e Osíris. Às vezes, ocorrem ferozes conflitos internos dentro desses grupos e talvez lutas pelo poder: as lutas entre Seth e Hórus e entre Tezcatilpoca e Quetzalcoatl constituem exemplos claros neste particular. Além disso, aconteçam esses fatos míticos na América Central, nos Andes ou no Egito, o resultado é sempre muito parecido: o civilizador é, no fim, vítima de conspiração e expulso ou morto.

Os mitos dizem que Quetzalcoatl e Viracocha jamais voltaram (embora, conforme vimos, a volta deles às Américas fosse esperada ao tempo da conquista espanhola). Osíris, por outro lado, realmente voltou. Embora fosse assassinado por Set pouco depois de ter completado sua missão mundial para levar o homem "a renunciar à selvageria", ganhou vida eterna com sua ressurreição na constelação de Órion, como o todo-poderoso deus dos mortos. Daí em diante, julgando almas e dando um exemplo imortal de conduta real, dominou a religião (e a cultura) do antigo Egito durante todo o período da história conhecida dessa terra.

Estabilidade Serena

Quem pode imaginar o que as civilizações dos Andes e do México poderiam ter realizado se elas também tivessem se beneficiado com essa poderosa continuidade simbólica? Neste particular, contudo, o Egito é excepcional. Na verdade, embora os Textos da Pirâmide e outras fontes arcaicas reconheçam um período de sublevação e

tentativa de usurpação por Set (e seus 72 conspiradores "precessionais"), elas descrevem também a transição para o reinado de Hórus, Thoth e os faraós divinos posteriores como tendo sido relativamente suave e inevitável.

Essa transição foi imitada, através de milhares de anos, por reis mortais do Egito. Desde o início até o fim, eles se consideraram como descendentes lineares e representantes vivos de Hórus, o filho de Osíris. À medida que as gerações se sucediam, era crença geral que o faraó morto renascia no céu como "um Osíris" e que cada sucessor ao trono se tornava um "Hórus".

Esse esquema simples, refinado e estável *já estava plenamente evoluído e instalado no início da Primeira Dinastia* - por volta do ano 3100 a.C. Estudiosos aceitam esse fato. A maioria aceita igualmente que estamos tratando aqui de uma religião altamente desenvolvida e sofisticada. Estranhamente, pouquíssimos egiptólogos e arqueólogos questionam quando e onde essa religião tomou forma.

Não será um desafio à lógica supor que idéias sociais e metafísicas bem-acabadas, como as do culto de Osíris, surgiram inteiramente formadas no ano 3100 a.C. ou que poderiam ter assumido essa forma perfeita nos 300 anos que os egiptólogos, às vezes de má vontade, lhes concedem para isso? Forçosamente deve ter transcorrido um período de desenvolvimento muito mais longo do que isso, estendendo-se por vários milhares e não várias centenas de anos. Além do mais, conforme vimos, todos os registros remanescentes nos quais os antigos egípcios nos falam diretamente sobre seu passado afirmam que essa civilização era um legado "dos deuses", que "foram os primeiros a governar no Egito".

Os registros são internamente coerentes: alguns atribuem uma antiguidade muito maior à civilização do Egito do que outros. Todos, contudo, dirigem clara e firmemente nossa atenção para uma época distante, muito distante no passado - para alguma coisa de 8.000 a 40.000 anos, antes da fundação da Primeira Dinastia.

Arqueólogos insistem em que nenhum artefato material jamais foi encontrado no Egito que sugira que uma civilização evoluída existiu

nessas datas tão antigas, mas essa alegação tampouco é rigorosamente verdadeira. Conforme vimos na Parte VI, existem alguns objetos e estruturas que não foram ainda conclusivamente datados por quaisquer meios científicos.

A antiga cidade de Abidos esconde um dos mais extraordinários desses enigmas indatáveis...

CAPÍTULO 45

Obras de Homens e de Deuses

Entre os inumeráveis templos arruinados do antigo Egito, há um excepcional não só pelo seu estado maravilhoso de conservação, que (na verdade, algo muito raro!) inclui um telhado intacto, mas pela fina qualidade de muitos hectares de belos altos-relevos que lhe decoram os majestosos muros. Em Abidos, a 144km do curso atual do Nilo, encontramos o Templo de Seti I, monarca da famosa 19ª. Dinastia, que reinou de 1306-1290 a.C.

Seti é conhecido principalmente como pai de um filho famoso, Ramsés II (1290-1224 a.C.), o faraó do Êxodo bíblico. Por mérito próprio, contudo, ele foi uma grande figura histórica, líder de grandes campanhas militares além das fronteiras do Egito, inspirador da construção de vários excelentes edifícios e, cuidadosa e conscientemente, responsável pela remodelação e reforma de muitos outros, mais antigos. Seu templo em Abidos, conhecido evocativamente como "A Casa de Milhões de Anos", foi dedicado a Osíris, o "Senhor da Eternidade", sobre o qual dizem os Textos da Pidmide:

**Tu foste embora, mas retornarás, tu dormiste, mas despertarás,
morreste, mas viverás. (...) Segue pelo curso d'água, subindo o rio (...)
viaja para Abidos na tua forma espiritual, que os deuses ordenaram
que fosse a tua.**

A Coroa de Atef

Eram 8h da manhã, hora ensolarada e fresca nessas latitudes, quando entrei na escuridão silenciosa do Templo de Seti I. Algumas seções de suas paredes eram iluminadas na parte inferior por lâmpadas elétricas fracas. A não ser isso, a única iluminação era a planejada pelos arquitetos do faraó: alguns isolados raios de luz que penetravam através de frestas nas pedras de cantaria externa, como se fossem feixes de radiação divina. Pairando entre os pontos de poeira que dançavam nesses feixes e infiltrando-se no ar parado e denso entre as grandes colunas que sustentavam o telhado da Galeria das Colunatas, era fácil imaginar que a forma espiritual de Osíris ainda poderia estar ali presente. Na verdade, isso era mais do que apenas imaginação, porque Osíris estava fisicamente presente na espantosa sinfonia de altos-relevos que adornavam as paredes - altos-relevos que descreviam o antigo e futuro rei civilizador em seu papel de deus dos mortos, entronizado e servido por Ísis, sua bela e misteriosa irmã.

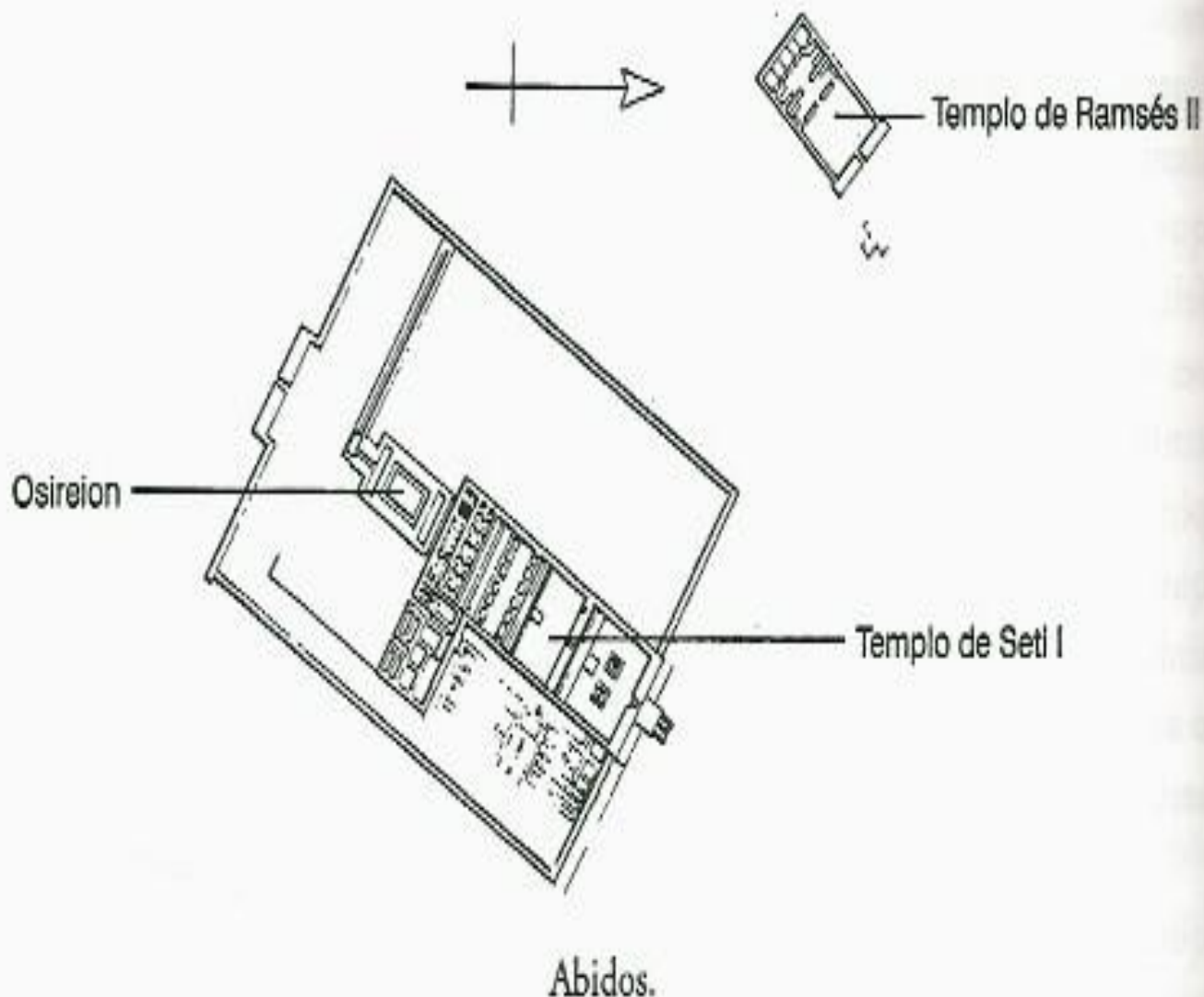
Nessas cenas, Osíris usava grande variedade de diferentes e refinadas coroas, que estudei com toda atenção, enquanto ia de um alto-relevo a outro. Coroas semelhantes a essas foram, sob muitos aspectos, adereços importantes no guarda-roupa dos faraós do Egito antigo, pelo menos se consideramos como prova disso os altos-relevos que os mostram. Curiosamente, porém, em todos esses anos de intensas escavações, arqueólogos jamais encontraram um exemplo sequer de uma coroa real, um fragmento e, ainda menos, um espécime dos complicados adereços cerimoniais de cabeça ligados aos deuses dos Primeiros Tempos.

A coroa de Atef revestia-se de um interesse especial. Incluindo a *uraeus*, o símbolo da serpente real (que no México era a cascavel, mas, no Egito, a cobra-de-capelo pronta para dar o bote), o núcleo central dessa estranha criação era reconhecível como um exemplo do *hedjet*, o capacete de guerra branco, em forma de garrafa, do alto Egito (mais uma vez, conhecido apenas através de altos-relevos).

Erguendo-se de ambos os lados dessa parte central, havia o que pareciam duas finas folhas de metal e, na frente, um dispositivo sob a forma de duas lâminas encurvadas, que os estudiosos descrevem geralmente como um par de chifres de carneiro.

Em vários altos-relevos do Templo de Seti I, Osíris é mostrado usando a coroa de Atef, que parecia ter cerca de 60cm de altura. De acordo com o *Ancient Egyptian Book of the Dead*, a coroa lhe fora dada por Rá: "Mas, no primeiro dia em que a usou, Osíris teve muitas dores de cabeça e, quando Rá voltou à noite, estava zangado e com a cabeça inchada devido ao calor da coroa de Atef. Rá, em seguida, fez uma punção para drenar o pus e o sangue."

Tudo isso era contado de forma simples, embora - quando paramos para pensar no assunto -, que tipo de coroa era essa que irradiava calor e fazia a pele verter sangue e romper-se em feridas pustulentas?



Dezessete Séculos de Reis

Penetrei na escuridão ainda mais profunda e acabei encontrando o caminho para a Galeria dos Reis. Ela começa na borda oeste da Galeria das Colunatas, a cerca de 60m da entrada do templo.

Cruzar a galeria era como cruzar o próprio tempo. Em uma parede à direita, vi uma lista de 120 deuses do Egito antigo, juntamente com os nomes dos principais santuários. À direita, cobrindo uma área de talvez 3m x 1,80m, estendia-se a lista dos 76 faraós que haviam

precedido Seti I no trono. Todos esses nomes eram esculpidos em hieróglifos dentro de cartuchos ovais.

Esse quadro em pedra era conhecido como "A Lista Real de Abidos". Brilhando na cor de ouro derretido, devia ser lido da esquerda para a direita e era dividido em cinco registros verticais e três horizontais. A lista cobria uma grande extensão de tempo, de quase 1.700 anos, começando com o ano 3000 a.C., iniciando-se com o reinado de Menés, o primeiro rei da Primeira Dinastia, e terminando com o reinado do próprio Seti, por volta do ano 1300 a.C. Na extrema direita, duas figuras em pé refinadamente entalhadas em alto-relevo: Seti e o jovem filho, o futuro Ramsés II.

Hipogeu

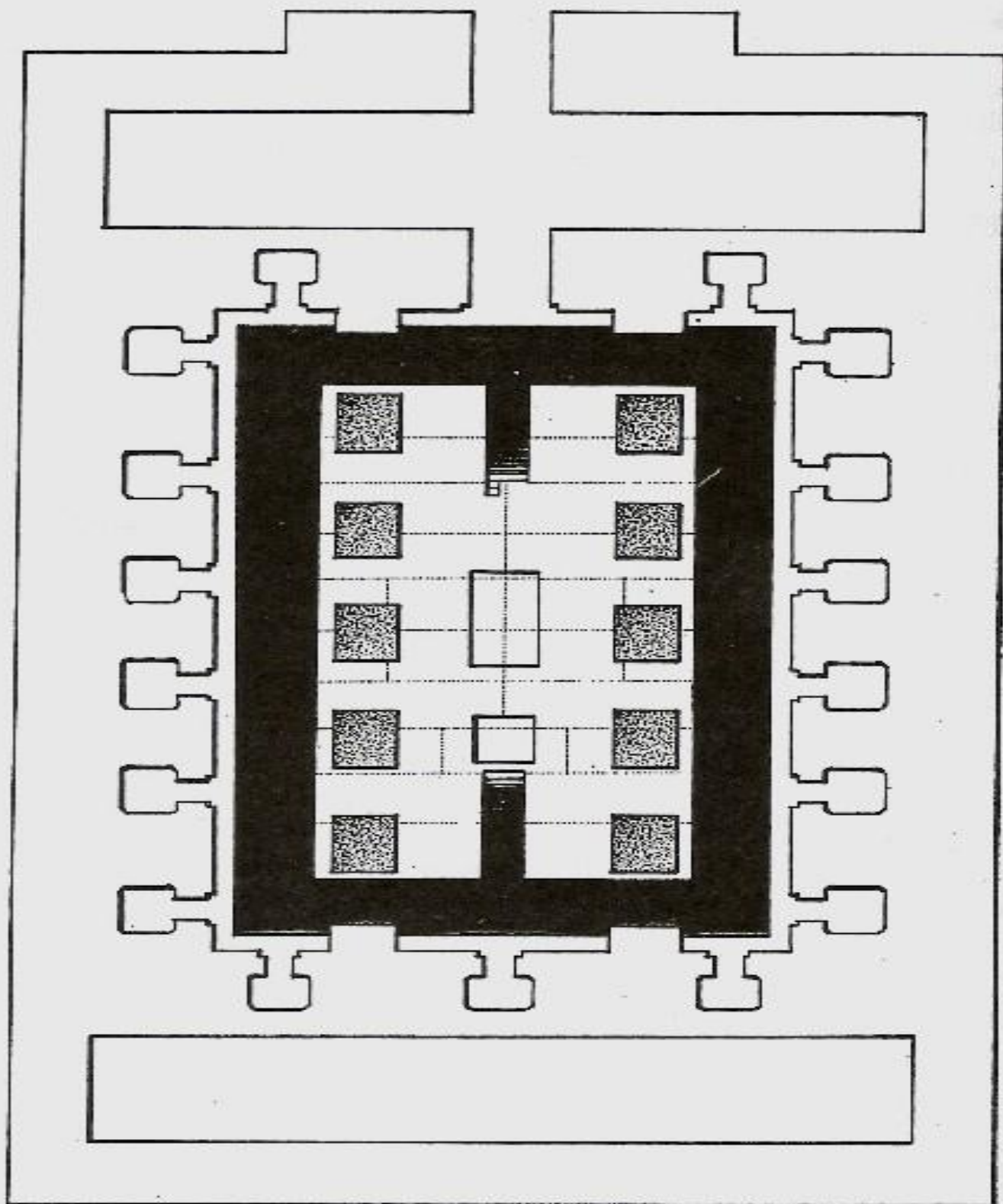
Pertencendo à mesma classe de documentos históricos que o Papiro de Turim e a Pedra de Palermo, a lista falava eloqüentemente da continuidade da tradição. Parte inerente à tradição era a crença, ou memória, nos Primeiros Tempos, há muito, muito tempo, quando os deuses haviam reinado no Egito. O principal entre esses deuses fora Osíris e era, por conseguinte, apropriado que a Galeria dos Reis desse acesso a um segundo corredor, levando aos fundos do templo, onde se localiza um prédio maravilhoso - ligado a Osíris desde o começo da história documentada do Egito e descrito por Estrabão, o geógrafo grego (que visitou Abidos no século I a.C.), como "uma estrutura notável, construída de pedra maciça... [contendo] uma fonte de grande profundidade, à qual se pode descer através de galerias com teto abobadado, construídas com monólitos de extraordinário tamanho e trabalho artesanal. Há um canal que chega até o local, vindo do grande rio..."

Algumas centenas de anos após a visita de Estrabão, quando a religião do antigo Egito fora suplantada pelo novo culto do cristianismo, o lodo do rio e as areias do deserto começaram a entrar no Osireion, enchendo-o gradualmente, um século após outro, até que

seus monólitos verticais e imensos lintéis foram sepultados e esquecidos. E assim permaneceram, longe da vista e do conhecimento de todos, até o começo do século XX, quando os arqueólogos Flinders Petrie e Margaret Murray iniciaram escavações. Na etapa de escavação de 1903, eles descobriram partes de um corredor e passagem, situados no deserto, a uns 60m a sudoeste do Templo de Seti I e construídos no estilo arquitetônico característico da 19ª. Dinastia. Espremidos entre esses restos e os fundos do Templo, porém, encontraram ainda sinais inconfundíveis de que havia ali enterrado um grande prédio. "Esse hipogeu", escreveu Margaret Murray, "pareceu ao professor Petrie ser o mesmo lugar mencionado por Estrabão, geralmente conhecido como Poço de Estrabão". Foi um bom palpite de parte de Petrie e Murray. Falta de dinheiro, porém, fez com que a teoria de ambos, de um prédio sepultado sob a areia, só fosse submetida a teste na temporada de escavações de 1912-13. Nessa ocasião, sob a direção do professor Naville, do Fundo de Exploração do Egito, foi escavada uma longa câmara transversal, ao fim da qual, na direção nordeste, os arqueólogos encontraram um maciço portal de pedra, construído com ciclópicos blocos de granito e arenito.

Na temporada seguinte, 1913-14, Naville e sua equipe voltaram ao trabalho com 600 trabalhadores locais e diligentemente limparam todo o imenso prédio subterrâneo:

O que descobrimos (escreveu Naville) foi uma obra gigantesca, de cerca de 30m de comprimento por 18m de largura, construída com as pedras de maior tamanho que podem ser vistas no Egito. Nos quatro lados dos muros circundantes, encontramos celas, em número de 17, da altura de um homem e sem ornamentação de qualquer tipo. O prédio em si é dividido em três naves, com a central mais larga do que as laterais. A divisão entre elas é obtida por intermédio de duas séries de colunatas feitas de imensos monólitos de granito, que sustentam arquitraves de igual tamanho.



Planta-baixa do Osireion.

Com certo espanto, Naville comentou as dimensões de um bloco, que mediu no canto da nave norte do prédio, um bloco de mais de 7,5m de comprimento. Igualmente surpreendente era o fato de que as celas cortadas nas paredes circundantes não tinham piso, descobrindo-se, à medida que prosseguiram as escavações, que estavam cheias de areia cada vez mais úmida:

As celas são ligadas por uma laje estreita de 60cm e 90cm de largura. Há outra laje, no lado oposto da nave, mas nenhum piso, absolutamente, e, ao escavar até uma profundidade de 3,5m, encontramos infiltração de água. Até mesmo embaixo do grande portal não existe piso e, quando houve água diante dele, as celas eram provavelmente alcançadas com auxílio de um pequeno bote.

O Mais Antigo Edifício de Pedra do Egito

Água, água por toda parte - esta parecia ser a constante do Osireion, que se encontra no fundo da imensa cratera que Naville e seus trabalhadores escavaram em 1914. O prédio se situa a cerca de 15m abaixo do nível do chão do Templo de Seti I, quase na mesma altura do lençol freático, e o acesso a ele é feito através de uma escada moderna, que se curva para baixo na direção sudeste. Tendo descido, Passei por baixo das lajes do lintel do grande portal descrito por Naville (e Estrabão)

e cruzei uma estreita ponte de madeira - mais uma vez, moderna - que me levou a um grande pedestal de arenito.

Medindo 24 x 12m de largura, esse pedestal é feito de enormes blocos de pavimentação e inteiramente cercado de água. Dois tanques, um retangular e, o outro, quadrado, foram cortados no pedestal ao longo do centro de seu eixo longo e, em cada extremidade, escadas levam a uma profundidade de cerca de 2,60m abaixo do nível da água. O pedestal sustenta também as duas colunatas maciças que Naville mencionou em seu relatório, ambas de cinco grossos monólitos de

granito cor-de-rosa de 75cm² por 3,60m de altura e pesando, em média, por volta de 100 toneladas. As partes superiores dessas imensas colunas eram ligadas por lintéis de granito e há prova de que toda a estrutura teve um telhado constituído de uma série de monólitos ainda maiores.

Para compreender bem a estrutura do Osireion, achei conveniente erguer-me, pela imaginação, diretamente sobre ela, de modo a poder olhar para baixo. Esse exercício foi facilitado pela ausência do telhado original, o que tornou mais fácil imaginar, em um nível plano, todo o edifício. Útil também era o fato de que água se infiltrara e enchera todos os tanques do prédio, celas e canais, até uma profundidade de algumas polegadas abaixo da borda do pedestal central, como aparentemente fora a intenção dos projetistas originais.

Olhando para baixo dessa maneira, era claramente visível que o pedestal formava uma ilha retangular, cercada nos quatro lados por um fosso cheio de água, de uns 3m de largura. O fosso era delimitado por um muro enorme, retangular, de nada menos de *6m de espessura*, feito de blocos muito grandes de arenito vermelho, assentados em um padrão de quebra-cabeça poligonal. Na enorme espessura do muro haviam sido abertas as 17 celas mencionadas no relatório de Naville. Havia seis delas a leste, seis a oeste, duas ao sul e três ao norte. Saindo da cela que ficava no centro das três celas do norte estendia-se uma longa câmara transversal, com cobertura de pedra calcária. Uma câmara transversal semelhante, também de pedra calcária, mas sem telhado intacto, começava imediatamente ao sul do grande portal. Finalmente, toda a estrutura era fechada dentro de um muro externo de pedra calcária, completando, dessa maneira, uma seqüência de retângulos que se encaixavam, isto é, da parte externa para dentro, muro, parede, fosso, pedestal.

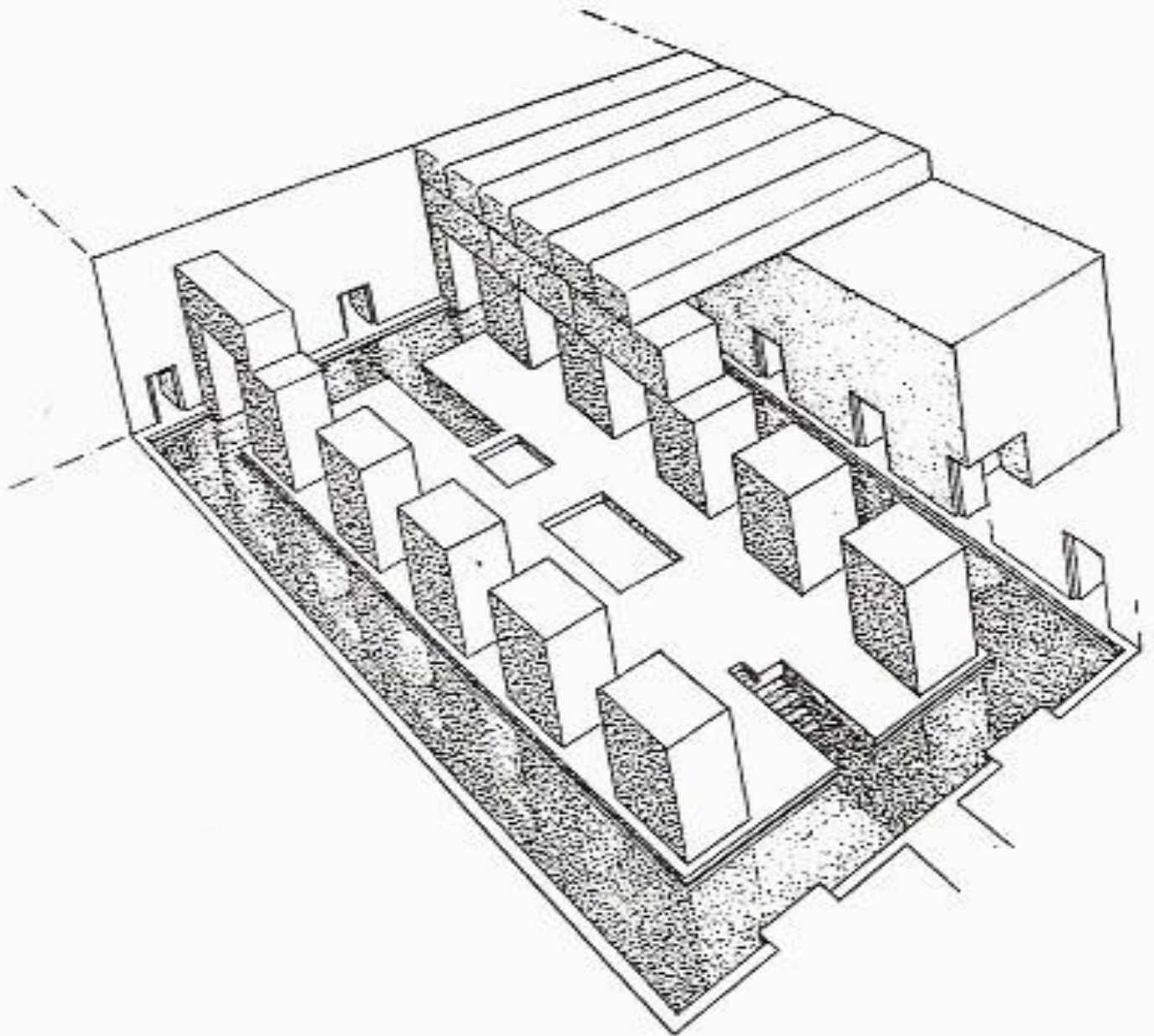
Outro aspecto notável e surpreendentemente incomum do Osireion é que o prédio não se encontra nem mesmo aproximadamente alinhado com os pontos cardeais. Em vez disso, tal como o Caminho dos Mortos, em Teotihuacán, no México, é orientado para leste do norte verdadeiro. Uma vez que o antigo Egito foi uma civilização que podia,

e geralmente conseguia, fazer alinhamentos precisos de seus prédios, parecia-me improvável que essa orientação, aparentemente torta, tivesse sido accidental. Além do mais, embora 15m mais alto, o Templo de Seti I estava orientado exatamente de acordo com o mesmo eixo - e, mais uma vez, não por acaso. A questão era: *qual deles era o prédio mais antigo?* Teria o eixo do Osireion sido predeterminado pelo eixo do templo, ou vice-versa? Essa dúvida, conforme descobri, foi outrora objeto de acesa controvérsia, desde então esquecida. Em um debate que teve muitas semelhanças com o que cerca a Esfinge e o Templo do Vale, em Gizé, arqueólogos eminentes haviam inicialmente argumentado que o Osireion era um edifício de uma antiguidade realmente imensa, opinião esta manifestada pelo professor Naville, no *Times*, de Londres, no dia 17 de março de 1914:

Esse monumento sugere várias questões importantes. Quanto à sua data, a grande semelhança que revela com o Templo da Esfinge [como o Templo do Vale era então conhecido] demonstra que a estrutura foi da mesma época, quando prédios eram construídos com pedras enormes, sem qualquer ornamento. Esse fato é característico da arquitetura mais antiga do Egito. Eu diria mesmo que poderemos considerá-lo como o edifício de pedra mais antigo do Egito.

Descrevendo a si mesmo como tomado de profundo respeito pela "grandiosidade e simplicidade severa" da galeria central do monumento, com seus notáveis monólitos de granito, e pelo "poder desses povos antigos, que podiam trazer de lugares distantes e assentar esses blocos gigantescos", ele fez uma sugestão sobre a finalidade para a qual o Osireion poderia ter sido originariamente construído: "Evidentemente, essa imensa construção constituía um grande reservatório, onde era armazenada água durante a cheia do Nilo. (...) É curioso que aquilo que poderíamos considerar como o início da arquitetura nem é um templo nem uma tumba, mas uma piscina gigantesca, uma obra de hidráulica..."

Curioso realmente e merecedor de mais estudo, algo que Naville tinha esperança de fazer na temporada seguinte. Infelizmente, estourou a Primeira Guerra Mundial e nenhum trabalho ulterior de arqueologia pôde ser feito no Egito durante vários anos. Em consequência, só em 1925 é que o Fundo de Exploração do Egito pôde enviar outro grupo, nessa ocasião não mais dirigido por Naville, mas por um jovem egiptólogo chamado Henry Frankfort.



Reconstrução do Osireion.

Os Fatos de Frankfort

Mais tarde professor de antiguidade pré-clássica da Universidade de Londres, Frankfort passou várias temporadas procedendo a uma nova limpeza e escavando exaustivamente o Osireion entre os anos de 1925 e 1930. No curso desse trabalho, ele realizou descobertas que, no que o interessava, "fixou conclusivamente a data do prédio":

1. Um encaixe de granito em posição no alto do lado sul da principal entrada do corredor central, gravado com o do cartucho de Seti I.
2. Um encaixe semelhante em posição, no interior da parede leste do corredor central.
3. Cenas e inscrições astronômicas de autoria de Seti I, entalhadas em alto-relevo no teto da câmara transversal norte.
4. Restos de cenas semelhantes na câmara transversal sul.
5. Uma *ostrakon* (peça de cerâmica quebrada) encontrada na passagem da entrada, com a legenda: "Seti é útil a Osíris".

O leitor lembrará o comportamento de lemingue que resultou em uma mudança espetacular da opinião acadêmica sobre a antiguidade da Esfinge e do Templo do Vale (devido à descoberta de algumas estátuas e de um único cartucho que pareciam sugerir algum tipo de ligação com Khafre). As descobertas de Frankfort em Abidos causaram uma *volte-face* semelhante sobre a antiguidade do Osireion. Em 1914, a estrutura era "o edifício de pedra mais antigo do Egito". Em 1933, ele havia sido promovido no tempo ao reinado de Seti I - por volta do ano 1300 a.C. -, que, nesse momento, passou a ser considerado como o cenotáfio desse faraó.

Dentro de uma década, os textos egiptológicos padrão começaram a atribuir a Seti I a construção do monumento, como se fosse fato inquestionável, verificável através de experiência ou observação. Mas

não há nenhum fato desse tipo, apenas a interpretação que Frankfort deu à prova que encontrou.

Os únicos fatos inegáveis são que certas inscrições e motivos decorativos deixados por Seti aparecem em uma estrutura, sob outros aspectos, inteiramente anônima. Uma explicação plausível é que ela tenha sido construída por Seti, como sugeriu Frankfort. A outra, que as decorações, cartuchos e inscrições medíocres por ele encontradas poderiam ter sido colocadas no Osireion como parte de restauração e reparos iniciados no tempo de Seti (o que implicaria que a estrutura já era, por essa época, antiga, como Naville e outros pesquisadores sugeriram):

Quais os méritos dessas proposições mutuamente contraditórias, que identificam o Osireion como, a) o prédio mais antigo do Egito e b) uma estrutura relativamente recente do Novo Reino?

A proposição *b* - o prédio como cenotáfio de Seti - é a única aceita pelos egiptólogos. Examinando-se bem o assunto, verifica-se que ela repousa sobre a prova circunstancial dos cartuchos e inscrições, que nada provam. Na verdade, parte dessa prova parece contradizer o argumento de Frankfort. A *ostrakon* com a legenda "Seti é útil a Osíris" parece menos um elogio às obras do construtor original do que o elogio a um restaurador que talvez tenha acrescentado alguma coisa a uma estrutura antiga, identificada com o deus Osíris, dos Primeiros Tempos. Outra pequena questão incômoda foi também ignorada. As "câmaras transversais" norte e sul, que contêm detalhadas decorações e inscrições de Seti I, ficam no lado de *fora* do muro externo que, de modo tão claro, define o núcleo imenso, sem decoração alguma, do edifício. Esse fato despertou uma razoável suspeita na mente de Naville (embora Frankfort tivesse resolvido ignorá-la), de que as duas câmaras em questão "não eram contemporâneas do resto do edifício", mas haviam sido acrescentadas muito depois, durante o reinado de Seti I. "provavelmente quando ele construiu seu próprio templo".

Para resumir, por conseguinte, tudo a respeito da proposição *b* baseia-se, de uma maneira ou de outra, na interpretação não

necessariamente infalível de Frankfort no tocante a vários fragmentos de evidência possivelmente intrusa.

A proposição a - de que o edifício central do Osireion foi construído milênios antes do tempo de Seti - repousa sobre a natureza da própria arquitetura. Conforme observou Naville, a semelhança do Osireion com o Templo do Vale, em Gizé, "mostra que é da mesma época, quando as construções eram feitas com pedras enormes". De idêntica maneira, até o fim da vida, Margaret Murray continuou convencida de que o Osireion não era absolutamente um cenotáfio (e ainda menos que tudo, de Seti). Disse ela:

A estrutura foi construída para a celebração dos mistérios de Osíris e é até agora excepcional entre todos os prédios remanescentes do Egito. É evidentemente antiga, uma vez que os grandes blocos de que foi construída são do estilo do Antigo Reino. A simplicidade do prédio sugere também que ele é de data muito antiga. A decoração foi acrescentada por Seti I que, dessa maneira, arrogou-se o direito sobre o prédio, mas, sabendo-se com que frequência um faraó apropriava-se do trabalho de seus predecessores, a de acrescentando seu nome, esse fato não tem muito valor probatório. No Egito, é o estilo do prédio, o tipo de cantaria, o trabalho feito nas pedras, e não o nome de um rei, que lhe fixam a data.

Havia aí uma advertência à qual Frankfort deveria ter dado mais atenção, porquanto ele mesmo observou, confuso, a respeito de seu "cenotáfio": "Temos de admitir que nenhum edifício semelhante é conhecido na 19ª. Dinastia."

Na verdade, não se trata simplesmente de uma questão da 19ª. Dinastia. À parte o Templo do Vale e outros edifícios ciclóticos existentes no platô de Gizé, nenhum outro prédio que lembre mesmo remotamente o Osireion é conhecido como de *qualquer* outra época da longa história do Egito. Esse punhado de estruturas supostamente do Velho Reino, construídas com megálitos gigantescos. parece incluir-se em uma categoria sem igual. Lembram umas às outras muito

mais do que lembram qualquer estilo conhecido de arquitetura e, em todos os casos, há pontos de interrogação sobre sua identidade. Não seria isso exatamente o que esperaríamos de prédios não construídos por qualquer faraó do período histórico, mas retroagindo a tempos pré-históricos? Não confere sentido à maneira misteriosa como a Esfinge e o Templo do Vale, e agora também o Osireion, parecem tornar-se vagamente ligados aos nomes de determinados faraós (Khafre e Seti I), sem jamais produzir uma única indicação que, clara e inequivocamente, *prove* que esses faraós construíram a estrutura em causa? Os laços muito tênues não indicariam muito mais o trabalho de restauradores, que procuraram ligar seus nomes a monumentos antigos e veneráveis, do que dos arquitetos originais desses monumentos - quem quer que possam ter sido e em que época possam ter vivido?

Navegando por Mares de Areia e de Tempo

Antes de deixar Abidos, havia outro enigma que eu queria investigar. O enigma estava enterrado no deserto, a cerca de um quilômetro a noroeste do Osireion, do outro lado de areias ondulantes coalhadas de cemitérios antigos, atravancados de túmulos.

Entre esses cemitérios, muitos dos quais datam de princípios dos tempos dinásticos e pré-dinásticos, os deuses chacais, Anúbis e Upuaut, reinaram supremos, segundo a tradição. Desbravadores de caminhos, guardiães do espírito dos mortos, eu sabia que eles haviam desempenhado um papel fundamental nos mistérios de Osíris, que tinham sido encenados todos os anos em Abidos - aparentemente durante todo o transcurso da antiga história egípcia.

Eu achava que havia um sentido em que eles ainda guardavam os mistérios. Pois o que era o Osireion senão um enorme mistério sem solução, que merecia estudo mais atento do que recebera de estudiosos cujo trabalho consiste em examinar esses assuntos? E o que significava o sepultamento, no deserto, de doze barcos de proa

alta, com capacidade para navegar no mar, se não um mistério que clamava por solução?

E era para conhecer o local do sepultamento desses barcos que eu estava nesse momento cruzando os cemitérios dos deuses chacais:

The Guardian, Londres, 21 de dezembro de 1991: Uma frota de 5.000 anos de idade de barcos reais foi encontrada enterrada a 130km do Nilo. Arqueólogos americanos e egípcios descobriram em Abidos doze grandes barcos de madeira. (...) Especialistas disseram que os barcos - que medem de 15 a 18m de comprimento - têm cerca de 5.000 anos de idade, o que os torna os barcos reais mais antigos do Egito e os mais velhos jamais encontrados em qualquer outro local. (...) Dizem ainda os peritos que os barcos, descobertos em setembro, foram provavelmente construídos para que fossem enterrados, de modo que a alma dos faraós pudesse ser neles transportada. "Nunca esperamos encontrar tal frota, especialmente tão longe do Nilo", disse David O'Connor, o chefe da expedição e curador da Seção Egípcia do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia...

Os barcos haviam sido enterrados à sombra de um gigantesco espaço fechado, construído com tijolos de argila, supostamente o templo mortuário de um faraó da Segunda Dinastia, chamado Khasekhemwy, que reinou no Egito no século XXVII a.C. O'Connor, porém, tinha certeza de que os barcos não estavam ligados diretamente a Khasekhemwy, mas, sim, a um espaço fechado (na maior parte em ruínas) "construído para o faraó Djer, em princípios da Primeira Dinastia. As sepulturas dos barcos não são provavelmente mais recentes do que esse tempo e podem, na verdade, ter sido construídas para Djer, embora esse fato precise ainda ser provado".

Uma forte e súbita pancada de vento varreu o deserto, espalhando lençóis de areia. Refugiei-me por algum tempo à sombra dos muros imponentes do espaço fechado de Khasekhemwy, perto do ponto onde os arqueólogos da Universidade da Pensilvânia haviam, por questões legítimas de segurança, reenterrado os doze misteriosos

barcos que descobriram acidentalmente em 1991. Eles tinham esperança de voltar em 1992 para recomeçar as escavações. Mas surgiram vários contratempos e, em 1993, a escavação continuava ainda adiada.

Durante minha pesquisa, O'Connor me enviara o relatório oficial da temporada de escavações de 1991, mencionando de passagem que alguns barcos poderiam ter até 22m de comprimento. Ele observou ainda que as sepulturas, revestidas de tijolos, em que estavam fechados os barcos, e que deveriam ter tido uma altura muito acima do nível do deserto circundante nos primeiros tempos dinásticos, deviam ter produzido um efeito extraordinário quando recentes:

Todas as sepulturas haviam sido originariamente revestidas com reboco de barro e cal, de modo que a impressão teria sido de doze (ou mais) enormes "barcos" ancorados no deserto, brilhando vivamente sob o sol egípcio. A idéia de que estavam ancorados foi levada tão a sério que um pequeno calhau de forma irregular foi colocado perto da "proa" ou da "popa" de várias das sepulturas. Esses calhaus não poderiam estar ali naturalmente ou por acaso. A colocação deles parece ter sido deliberada, e não obra do acaso. Podemos pensar neles como "âncoras" destinadas a ajudar a "amarrar" os barcos.

Tal como o barco oceânico de 140 pés encontrado enterrado ao lado da Grande Pirâmide de Gizé (ver Capítulo 33), uma coisa ficou imediatamente clara sobre os barcos de Abidos - eles eram de projeto avançado, capazes de cruzar as ondas mais altas e agüentar as piores condições de tempo em mar aberto. De acordo com Cheryl Haldane, arqueóloga especializada em assuntos náuticos, da Texas A & M University, eles exibiam "um alto grau de tecnologia, combinada com elegância". Exatamente como acontecia com o barco da pirâmide (mas pelo menos 500 anos mais antigos), a esquadra de Abidos parecia indicar que um povo capaz de usar a experiência acumulada de uma longa tradição de viagens marítimas estivera presente no Egito desde o próprio início de sua história de 3.000 anos. Além do

mais, eu sabia que os murais mais antigos encontrados no Vale do Nilo, datando talvez de 1.500 anos antes do enterro da frota de Abidos (por volta do ano 4500 a.C.), mostravam os mesmos barcos longos, esguios, de proa alta.

Poderia uma raça experiente de antigos marinheiros ter mantido contato com os habitantes nativos do Vale do Nilo, em algum período indeterminado, antes do início oficial da história do país, por volta do ano 3000 a.C.? Esse fato explicaria a curiosa e paradoxal obsessão - mas ainda assim duradoura - do Egito com navios no deserto (e referências, ao que parecia, a barcos sofisticados nos Textos da Pirâmide, incluindo um que se dizia ter medido mais de 610m)?

Ao fazer essas conjecturas, eu não tinha dúvida de que existira no Egito um simbolismo religioso no qual, como observaram incansavelmente especialistas, barcos eram designados como veículos para a alma do faraó. Ainda assim, tal simbolismo não solucionava o problema criado pelo alto nível de progresso tecnológico dos barcos enterrados, uma vez que esses projetos evoluídos e sofisticados exigiam um longo período de desenvolvimento. Não valeria a pena estudar a possibilidade - mesmo que fosse apenas para excluí-la - de que os barcos de Gizé e Abidos pudessem ter sido partes de uma herança cultural e não de um povo agrícola amante da terra, morador de margem de rio, tal como os egípcios antigos, mas de uma nação marítima avançada?

Seria de esperar que esses marinheiros fossem navegadores, que teriam sabido como estabelecer um curso pelas estrelas e que talvez tivessem desenvolvido as perícias necessárias para desenhar mapas e cartas exatas dos oceanos que tivessem cruzado.

Poderiam eles ter sido também os arquitetos e os pedreiros cujo material de construção característico tinha sido blocos megalíticos poligonais, como os encontrados no Templo do Vale e no Osireion?

E poderiam eles ter sido ligados, de alguma maneira, aos deuses lendários dos Primeiros Tempos, que as lendas diziam ter trazido para o Egito não só a civilização, a astronomia, a arquitetura e o conhecimento da matemática e da escrita, mas também um grande

conjunto de habilidades e dádivas úteis, a mais notável e mais importante das quais foi a agricultura? Há provas de um período extraordinariamente antigo de progresso e experimentação agrícola no Vale do Nilo, mais ou menos ao fim da última Era Glacial no hemisfério Norte. As características desse grande "salto à frente" sugerem que ele só poderia ter ocorrido com a chegada de novas idéias, procedentes de alguma fonte ainda não identificada.

CAPÍTULO 46

O Undécimo Milênio a.C.

Se não existisse a impressionante mitologia de Osíris e se essa divindade civilizadora, científica, legisladora, não fosse lembrada em particular por ter introduzido culturas agrícolas úteis ao homem no Vale do Nilo, na época remota e fabulosa conhecida como os Primeiros Tempos, provavelmente não seria assunto de grande interesse que, em algum momento entre os anos 13000 e 10000 a.C., o Egito desfrutou um período daquilo que foi descrito como a mais antiga revolução agrícola no mundo, identificada com certeza pelos historiadores.

Conforme vimos em capítulos recentes, fontes como a Pedra de Palermo, Manetho e o Papiro de Turim contêm várias cronologias diferentes e, às vezes, contraditórias. Todas elas, no entanto, concordam sobre uma data muito antiga para os Primeiros Tempos de Osíris: a idade áurea em que os deuses supostamente reinaram no Egito. Além disso, essas fontes demonstram uma notável convergência no tocante à importância atribuída ao *undécimo milênio* em particular, a Era de Leão, no que interessa à precessão dos equinócios, quando os grandes lençóis de gelo no hemisfério Norte estavam passando pelo final e tumultuoso derretimento.

Talvez por coincidência, prova desenterrada desde a década de 1970 por geólogos, arqueólogos e especialistas em pré-história, como Michael Hoffman, Fekri Hassan e o professor Fred Wendorf confirma

que o undécimo milênio a.C. foi, na verdade, um período importante na pré-história do Egito, época em que inundações imensas e devastadoras varreram repetidamente o vale do Nilo. Fekri Hassan especulou que essa série prolongada de calamidades naturais, que atingiu o auge por volta ou imediatamente depois do ano 10500 a.C. (e continuou a se repetir periodicamente) pode ter sido responsável pelo encerramento de qualquer experimentação agrícola antiga". De qualquer modo, o experimento chegou *realmente* ao fim (por qualquer que tenha sido a razão) e parece que não foi novamente tentado por, pelo menos, mais 5.000 anos.

Pontapé Inicial

Há algo misterioso na denominada "revolução agrícola paleolítica" do Egito. Vejamos, em citações extraídas de textos padrão (*Egypt before The Pharaohs*, de Hoffman, e *Prehistory of the Nile Valley*, de Wendorf e Schild), alguns fatos importantes no pouco que se sabe sobre o grande salto para a frente que ocorreu, de forma inexplicável, perto do fim da última Era Glacial:

1. Pouco depois do ano 13000 a.C., mós e lâminas lustrosas de foice (resultado de corte de talos que ficaram colados ao gume das foices) aparecem na caixa de ferramentas de fins do Paleolítico... É claro que as mós foram usadas para preparar alimento de origem vegetal.
2. Em numerosos sítios arqueológicos à beira de rios, exatamente nessa época, o peixe deixou de ser fonte de alimento importante e tornou-se insignificante, como é comprovado pela ausência de seus restos. "O declínio da pesca como fonte de alimentos relacionou-se com o aparecimento de um novo recurso alimentar, os grãos moídos. O pólen associado nesses casos sugere fortemente que esse cereal era a cevada e, no que é muito importante, essa grande relva-pólen, provisoriamente identificada como cevada, faz um aparecimento

súbito nos perfis de pólen exatamente antes de os primeiros povoados serem estabelecidos nessa área..."

3. "Tão espetacular quanto o aparecimento da proto-agricultura no Vale do Nilo, em fins do Paleolítico, foi sua rápida decadência. Ninguém sabe exatamente por que, mas, após o ano 10500 a.C., mais ou menos, desapareceram as antigas lâminas de foice e as mós, e foram substituídas em todo o Egito por caça, pesca e coleta de alimentos por povos epipaleolíticos que usavam instrumentos de pedra."

Escassa como possa ser a prova, fica claro, em suas implicações gerais, o seguinte: o Egito desfrutou uma idade áurea de prosperidade agrícola que começou por volta do ano 13000 a.C. e acabou abruptamente pelas alturas de meados do undécimo milênio a.C. O pontapé inicial no processo parece ter sido dado pela introdução da cevada domesticada no Vale do Nilo, seguida imediatamente pela fundação de certo número de povoados agrícolas, que exploraram o novo recurso. Os povoados possuíam instrumentos agrícolas e acessórios simples, mas extremamente eficazes. Após o undécimo milênio, porém, ocorreu uma prolongada recaída em estilos de vida mais primitivos.

Nossa imaginação sente a tendência de vaguear livremente sobre esses dados, em busca de uma explicação - e todas as explicações desse tipo só poderão mesmo ser palpites. O certo é que nenhuma prova sugere que a "revolução agrícola" paleolítica no Egito pudesse ter sido uma iniciativa local. Muito ao contrário, parece, de todas as maneiras, um transplante. Um transplante aparece de repente, afinal de contas, e pode ser rejeitado com igual rapidez se mudam as condições, da mesma maneira que a agricultura praticada por comunidades com residência fixa parece ter sido rejeitada no Egito antigo, após as grandes cheias do Nilo no undécimo milênio a.C.

Mudança Climática

Como era o tempo naquela época?

Em capítulos anteriores, observamos que o Saara, um deserto relativamente jovem, era uma savana verde por volta do décimo milênio a.C. A savana, pontilhada de lagos, pululava de caça, estendia-se por parte muito grande do alto Egito. Mais ao norte, a área do delta era pantanosa, mas com muitas ilhas, grandes e férteis. De modo geral, o clima era muito mais frio, mais nublado e *mais chuvoso* do que hoje. Na verdade, durante os dois ou três mil anos antes e cerca de mil anos após o ano 10500 a.C., choveu ininterruptamente. Em seguida, como que assinalando um momento ecológico decisivo, chegaram as inundações. Ao passar esse período, surgiram condições cada vez mais áridas. Esse período de ressecamento durou até aproximadamente 7000 a.C., quando começou o "Neolítico Subpluvial", acompanhado por cerca de mil anos de pesadas chuvas, seguidas por 3.000 anos de precipitação moderada que, mais uma vez, revelou-se ideal para a agricultura: "Durante algum tempo, os desertos floresceram e sociedades humanas colonizaram áreas que, desde então, têm sido incapazes de sustentar populações numerosas."

Por ocasião do início do Egito dinástico, pelos anos 3000 a.C., o clima deu nova meia-volta e começou um novo período de ressecamento - que continua até os dias presentes.

Este, então, foi, em termos gerais, o palco ambiental onde se desenrolaram os dramas de mistério da civilização egípcia: chuva e inundações entre 13000 e 9500 a.C.; um período seco até o ano 7000 a.C.; chuvas novamente (embora cada vez menos freqüentes) até mais ou menos o ano 3000 a.C.; e daí em diante um novo e duradouro período seco.

O período de anos é muito grande, mas, se estamos procurando os Primeiros Tempos, cujo espaço temporal possa coincidir com a idade áurea dos deuses, nossos pensamentos voltam-se naturalmente para

a época misteriosa dos começos da experimentação agrícola, que seguiu de perto as grandes chuvas e inundações entre os anos 13000 e 10500 a.C.

Conexões Ocultas?

Essa época foi de importância crucial não só para os antigos egípcios mas para numerosos povos de outras áreas. Na verdade, como vimos na Parte IV ocorreram nesse tempo espetaculares mudanças de clima, elevação rápida do nível dos mares, sublevações da crosta terrestre, inundações, erupções vulcânicas, chuvas betuminosas e céus escuros que constituíram as razões mais prováveis dos muitos mitos mundiais sobre cataclismo universal.

Mas poderia ter sido essa também uma época em que "deuses" realmente andaram pela terra, como dizem as lendas?

No altiplano boliviano, esses deuses eram conhecidos como Viracochas e estiveram ligados à impressionante cidade megalítica de Tiahuanaco, que pode ter sido anterior às imensas inundações nos Andes, ocorridas no undécimo milênio a.C. Daí em diante, de acordo com o professor Arthur Posnansky, embora as águas do dilúvio baixassem, "a cultura do altiplano não mais voltou a atingir um alto ponto de desenvolvimento; ao contrário, caiu em uma decadência total e definitiva".

Claro, as conclusões de Posnansky geram controvérsias e têm de ser aceitas pelos seus próprios méritos. Não obstante, é interessante que o altiplano boliviano e o Egito tenham sido devastados por imensas inundações no undécimo milênio a.C. Em ambas as áreas, igualmente, há sinais de que experimentos agrícolas em tempos muito remotos - aparentemente baseados em técnicas introduzidas nessa época no local - foram feitos e em seguida abandonados. Em ambas as áreas, surgiram importantes perguntas sobre a datação de monumentos: Puma Punku e o Kalasasaya, em Tiahuanaco, por exemplo, que Posnansky argumentou que poderiam ter sido

construídos em dada tão remota quanto o ano 15000 a.C., e, no Egito, estruturas megalíticas como o Osireion, a Grande Esfinge e o Templo do Vale de Khafre, em Gizé, que John West e o geólogo Robert Schoch, da Universidade de Boston, dataram, sobre fundamentos geológicos, como anteriores ao ano 10000 a.C.

Poderia haver uma conexão oculta entre todos esses belos e enigmáticos monumentos, os estranhos experimentos agrícolas no período 13000-10000 a.C., e as lendas de deuses civilizadores, como Osíris e Viracocha?

"Onde está o Resto dessa Civilização?"

Partindo de Abidos em direção a Lúxor, onde deveríamos nos encontrar com John West, dei-me conta de que havia um sentido em que todas as conexões cuidariam de si mesmas, se a questão básica da antiguidade dos monumentos pudesse ser resolvida. Em outras palavras, se os achados geológicos de West provassem que a Esfinge tinha mais de 12.000 anos de idade, a história da civilização humana teria que ser revista. Como parte desse emocionante processo, todas as demais estranhas, antigas, "impressões digitais de deuses", que continuavam a aparecer em todo o mundo, e a impressão de que havia uma corrente subterrânea de antigas conexões ligando civilizações aparentemente sem ligação entre si, começariam a fazer sentido.

Ao ser apresentada na reunião anual de 1992, da Associação Americana pelo Progresso da Ciência, a prova de West fora levada suficientemente a sério para ser debatida publicamente pelo egiptólogo Mark Lehner, da Universidade de Chicago, diretor do Projeto de Mapeamento de Gizé, que - para espanto de quase todos os presentes - não conseguiu fazer uma refutação convincente. "Quando o senhor diz que algo tão complexo como a Esfinge data de 9.000 a 10.000 anos a.C.", arrematou Lehner, isso significa, claro, que houve uma civilização muito adiantada, capaz de construir a Esfinge

naquele período. A pergunta que um egiptólogo tem que fazer, portanto, é a seguinte: "Se a Esfinge foi construída naquela época, onde está o resto dessa civilização, onde está o resto dessa cultura?" Lehner, contudo, não estava compreendendo o ponto importante.

Se a Esfinge, de fato, data do período de 9.000 a 10.000 anos a.C., não cabia a West o ônus de produzir outras provas da existência da civilização que a construía, mas aos egiptólogos e arqueólogos explicar como haviam entendido tão mal as coisas, de forma tão invariável, e por tanto tempo.

Poderia West provar a antiguidade da Esfinge?

CAPÍTULO 47

A Esfinge

"Os egiptólogos", diz John West, "são as últimas pessoas no mundo a estudar qualquer anomalia."

Claro, são numerosas as anomalias no Egito. A anomalia a que West se referia nessas palavras era a das pirâmides da Quarta Dinastia: anomalia por causa do que acontecera durante as Terceira, Quinta e Sexta Dinastias. A Pirâmide Escalonada de Zóser, em Saqqara (Terceira Dinastia), é uma estrutura imponente, mas foi construída com blocos relativamente pequenos, fáceis de manusear, que cinco ou seis homens trabalhando juntos poderiam carregar, e suas câmaras internas são estruturalmente defeituosas. As pirâmides das Quinta e Sexta Dinastias (embora adornadas na parte interna com os belos Textos da Pirâmide) tiveram uma construção medíocre e desmoronaram de forma tão completa que, hoje, quase todas pouco mais são do que montes de entulho. As pirâmides da Quarta Dinastia, em Gizé, porém, foram maravilhosamente bem construídas e vêm suportando, mais ou menos intactas, a passagem de milhares de anos.

West achava que os egiptólogos deviam ter dado maior atenção a essa seqüência de fatos ou, melhor, suas implicações.

- Há uma discrepância no cenário que fala em "construir pirâmides medíocres, estruturalmente defeituosas, e, de repente, construir pirâmides absolutamente inacreditáveis, que são, estruturalmente, as coisas mais incríveis já concebidas pelo homem e, logo em seguida, voltar a pirâmides estruturalmente medíocres". Isso não faz sentido. O cenário paralelo na indústria automobilística, digamos, seria inventar e construir o Ford Modelo-T, e, em seguida, subitamente, inventar e construir um Porsche 93, fabricar apenas alguns deles e, logo depois, esquecer como fazer isso e voltar a produzir o Ford Modelo-T. Civilizações não funcionam dessa maneira.

- O que é que você está querendo dizer com isso? - perguntei. - Está dizendo que as pirâmides da Quarta Dinastia não foram absolutamente construídas por ela?

- Minha intuição é que não foram. Elas em nada se parecem com as mastabas que estão à sua frente. Tampouco parecem com qualquer outra estrutura da Quarta Dinastia... Elas não parecem se encaixar...

- E também não a Esfinge?

- Também, não. Mas a grande diferença é que não temos de confiar em nossas intuições no que se refere à Esfinge. Podemos provar que ela foi construída muito antes da Quarta Dinastia...

John West

Santha e eu nos tornamos fãs de John Anthony West desde que começamos a viajar pelo Egito. Seu guia, *The Traveller's Key*, foi uma introdução brilhante e indispensável aos mistérios dessa terra antiga, e ainda o levamos para toda parte. Simultaneamente, seus livros eruditos, notadamente *Serpent in the Sky*, abriu-nos os olhos para a possibilidade revolucionária de que a civilização egípcia - com os múltiplos vislumbres que fornece de uma ciência muito adiantada, que não poderia existir naquele tempo - talvez não tivesse se desenvolvido

exclusivamente nos confins do Vale do Nilo, mas pudesse ter sido legado de uma civilização anterior, mais avançada e ainda não identificada, anterior por milênios ao Egito dinástico e a todas as demais civilizações conhecidas".

Alto e de porte atlético, West está em princípios da casa dos 60 anos. Cultivando uma barba branca bem aparada, encontrei-o usando traje safári e um excêntrico capacete de cortiça tipo século XIX. Tem maneiras jovens e enérgicas e uma faísca brincalhona nos olhos.

Estávamos nesse momento sentados no convés superior de um barco de cruzeiro do Nilo, ancorado ao largo de Lúxor, a apenas alguns metros rio abaixo do Winter Palace Hotel. A oeste, do outro lado do rio, um enorme sol vermelho, distorcido pela refração atmosférica, estava justamente se pondo por trás dos penhascos do Vale dos Reis. A nossa direita estendiam-se as ruínas devastadas mas nobres dos templos de Lúxor e Karnak. Abaixo de nós, transmitidas através do casco do barco, sentíamos as pequenas pancadas e o fluxo da água, rolando em seu curso na direção do distante delta.

West apresentou inicialmente sua tese, sobre uma Esfinge mais antiga do que se pensava, no *Serpent in the Sky*, uma exposição exaustiva do trabalho do matemático francês R. A. Schwaller de Lubicz. As pesquisas realizadas por Schwaller no Templo de Lúxor entre 1937 e 1952 desencavaram prova matemática, sugerindo que a ciência e cultura egípcias haviam sido muito mais avançadas do que pensavam os estudiosos modernos. Não obstante, como observara West, a prova tinha sido apresentada em linguagem difícil de compreender, complexa, e sem nenhuma concessão ao leitor... Poucos leitores se sentiam confortáveis com o Schwaller puro. Era a mesma coisa que tentar entrar em física de alta energia sem um cuidadoso estudo preliminar.

Os principais livros de Schwaller, ambos publicados originariamente em francês, são o maciço *Temple de l'Homme*, em três volumes, que se concentra em Lúxor, e o mais geral *Roi de la théocratie Pharaonique*. Nesta última obra, traduzida para o inglês com o título *Sacred Science*, Schwaller faz, de passagem, referência às imensas

inundações e chuvas que devastaram o Egito no undécimo milênio a.C. Quase como se fosse um segundo pensamento, ele acrescentou:

Uma grande civilização deve ter precedido as grandes precipitações pluviométricas sobre o Egito, o que nos leva a supor que a Esfinge já existia, esculpida na rocha do penhasco oeste de Gizé - uma esfinge cujo corpo leonino, com exceção da cabeça, demonstra sinais incontestáveis de erosão pela água.

Enquanto escrevia o *Serpent*, West ficou impressionado com a possível significação dessa observação e resolveu aprofundá-la:

- Compreendi que, se pudesse provar empiricamente essa observação de Schwaller, feita de passagem, teria prova definitiva da existência de uma alta civilização, ainda não identificada, na distante antiguidade.

- Por quê?

- Uma vez provado que a água foi o agente que corroeu a Esfinge, a solução é de uma simplicidade quase infantil. Ela poderia ser explicada a qualquer leitor do *National Enquirer* ou do *News of the World*. Seria de uma simplicidade que até um débil mental poderia entender... Pensa-se que a Esfinge foi construída por Khafre no ano 2500 a.C., mas, desde o início dos tempos dinásticos, digamos, do ano 3000 a.C. em diante, simplesmente não houve chuva suficiente no platô de Gizé para ter causado a erosão, muito extensa, observada em todo o corpo da Esfinge. Temos realmente que retroagir a antes do ano 10000 a.C. para encontrar um clima úmido o suficiente no Egito para explicar intemperismo desse tipo e nessa escala. Daí, portanto, a Esfinge deve ter sido construída antes do ano 10000 a.C. e, desde que é uma obra de arte maciça, sofisticada, é lógico também que deve ter sido construída por uma civilização avançada.

- Mas, John - perguntou Santha -, como é que você pode ter tanta certeza de que o intemperismo *foi* causado por água de chuva? Os ventos do deserto não poderiam ter feito também o mesmo trabalho? Afinal de contas até egiptólogos ortodoxos admitem que a Esfinge

existe há quase 5.000 anos. Esse período não é suficientemente longo para que esses efeitos tenham sido causados por erosão eólica?

- Naturalmente, essa foi uma das primeiras possibilidades que tive de excluir. Só se conseguisse demonstrar que areia abrasiva soprada pelo vento não poderia, de maneira alguma, ter posto a Esfinge na sua atual situação, haveria alguma razão para estudar mais a fundo as implicações da erosão pela água.

A Geologia de Robert Schoch: Solucionando o Enigma da Esfinge

Descobriu-se que uma questão importante dizia respeito à profunda vala que cerca o monumento por todos os lados.

- Uma vez que a Esfinge repousa em um lugar raso - prosseguiu West -, a areia se empilha até a altura de seu pescoço em questão de algumas décadas, se nada for feito... E ela foi, com grande frequência, deixada ao abandono durante os tempos históricos. Na verdade, graças a uma combinação de referências textuais e extrapolações históricas, é possível provar que, durante os 4.500 anos transcorridos desde que teria sido aparentemente construída por Khafre, ela esteve enterrada até o pescoço por nada menos que 3.300 anos". Isso significa que, durante todo esse tempo, só houve um total cumulativo de mil anos, no qual o corpo esteve sujeito à erosão eólica. Durante todo o resto do tempo, ela esteve protegida dos ventos do deserto por um enorme lençol de areia. O importante é que, se a Esfinge tivesse sido realmente construída por Khafre, no Velho Reino, e se a erosão pelo vento fosse capaz de infligir tal dano em um período de tempo tão curto, então as demais estruturas do Velho Reino nessa área, construídas com a mesma pedra calcária, deveriam demonstrar efeitos semelhantes de intemperismo. Mas nenhuma delas mostra isso... você sabe, tumbas inconfundivelmente do Velho Reino, cheias de hieróglifos e inscrições... nenhuma delas exhibe o mesmo tipo de intemperismo que a Esfinge.

Na verdade, nenhuma. O professor Robert Schoch, geólogo da Universidade de Boston e especialista em erosão de rochas que desempenhou papel decisivo na validação da prova de West, convenceu-se da razão desses estragos. O intemperismo exibido pela Esfinge - e pelas paredes do espaço fechado cortado na rocha - não foi causado absolutamente pela abrasão do vento, mas por milhares de anos de chuvas torrenciais, em longas eras antes do estabelecimento do Velho Reino.

Tendo convencido seus colegas na Convenção da Sociedade Geológica da América, realizada em 1992, Schoch explicou em seguida suas descobertas a uma platéia muito mais ampla e eclética (incluindo egiptólogos), na reunião anual de 1992, da Associação Americana pelo Progresso da Ciência (AAAS). Começou ele dizendo aos delegados que "o corpo da Esfinge e as paredes da vala onde ela se encontra estão profundamente corroídos, com efeitos de intemperismo... Essa erosão tem alguns metros de largura em alguns lugares, pelo menos nas paredes. Ela é muito profunda, muito antiga em minha opinião, e exibe um perfil ondulado e contínuo...".

Essas ondulações são facilmente reconhecíveis por especialistas em estratigrafia e paleontologia como tendo sido causadas por "intemperismo induzido por precipitação pluviométrica". Como indicam as fotografias da Esfinge e do espaço fechado, feitas por Santha, esse tipo de intemperismo assume a forma clara de uma combinação de profundas fissuras verticais e entalhes côncavos ondulantes e horizontais - "um exemplo de livro de texto escolar", nas palavras de Schoch, "do que acontece a uma estrutura de pedra calcária se castigada por chuva durante milhares de anos... Foi claramente a precipitação de chuva que causou esses aspectos de erosão".

A erosão por vento/areia apresenta um perfil muito diferente de canais horizontais de bordas nítidas, seletivamente abertos, nas camadas mais macias da rocha afetada. Em nenhuma circunstância, pode causar as fissuras verticais, especialmente visíveis no muro do espaço fechado onde está a Esfinge. Elas só poderiam ser "formadas por água descendo pelo muro", o resultado de chuva em volume imenso,

caindo em cascata sobre a ladeira do platô de Gizé e penetrando no espaço fechado da Esfinge embaixo. "A chuva atacou os pontos fracos da rocha", explicou Schoch, "e neles abriu fissuras de alto a baixo - prova clara para mim, como geólogo, de que esse aspecto de erosão foi causado por chuvas."

Embora obscurecido em alguns lugares por blocos instalados por numerosos restauradores durante milênios, a mesma observação se aplica às estrias fundas, ondulantes, verticais, que correm por todo o comprimento do corpo da Esfinge.

Mais uma vez, esses resultados são característicos de intemperismo causado por chuva, porque apenas longos períodos de chuvas pesadas, martelando as partes superiores da imensa estrutura (e descendo em cascata pelos lados) poderiam ter produzido esses efeitos. A confirmação vem do fato de que a pedra calcária onde foi esculpida a Esfinge não tem composição uniforme, mas consiste de uma série de camadas duras e moles, nas quais algumas das rochas mais duráveis resistem mais do que as menos duráveis. Esse perfil simplesmente não poderia ter sido produzido por erosão eólica (que teria cortado seletivamente as camadas mais moles da rocha), mas seria "inteiramente consistente" com intemperismo induzido por precipitação pluviométrica, caso em que água, água de chuva, desce batendo. As rochas localizadas na parte superior do monumento são mais duráveis, mas se encontram também em profundidade maior do que as menos duráveis nas seções mais protegidas.

No seu sumário na reunião da AAAS, concluiu Schoch:

É bem sabido que o espaço fechado onde se encontra a Esfinge enche-se de areia com grande rapidez, em uma questão de décadas, nas condições desérticas do Saara. E a areia tem de ser removida periodicamente. E isso vem acontecendo desde tempos antigos. Ainda assim, observa-se esse perfil dramático ondulado de erosão nos muros do espaço fechado da Esfinge... Em termos simples, portanto, o que estou sugerindo é que esse perfil ondulado, esses aspectos vistos no corpo e na vala da Esfinge, retroagem a um período muito antigo,

quando havia mais precipitação pluviométrica nessa área, mais umidade, mais chuva no platô de Gizé".

Como ele próprio reconheceu, Schoch não foi o primeiro geólogo a notar o "anômalo intemperismo induzido por precipitação pluviométrica no núcleo do corpo da Esfinge". Ele foi, porém, o primeiro a participar de um debate público sobre as imensas implicações *históricas* desse intemperismo. A atitude que adotou foi a de preferir ficar adstrito à geologia:

Disseram-me um sem-número de vezes que os povos do Egito, tanto quanto sabemos, nem tinham a tecnologia nem a organização social necessárias para esculpir o núcleo do corpo da Esfinge nos tempos pré-dinásticos... Não vejo nisso, porém, nenhum problema para mim como geólogo. Não estou querendo transferir o ônus para ninguém, mas cabe realmente aos egiptólogos e arqueólogos descobrir quem a esculpiu. Se meus *fatos* estão em conflito com suas *teorias* sobre o aparecimento da civilização, então talvez seja oportuno que eles reavaliem a teoria. Não estou dizendo que a Esfinge foi esculpida por atlantes, por marcianos, ou por outros extraterrestres. Estou simplesmente seguindo a ciência aonde ela me leva, e ela me leva a concluir que a Esfinge foi construída muito mais cedo do que se pensava antes...

Civilizações Lendárias

Quanto tempo antes?

John West contou-nos que ele e Schoch estão empenhados em um debate cordial sobre a idade da Esfinge:

- Schoch situa a data em algum período entre os anos 5000 e 7000 a.C., *no mínimo* , [a época do período Subpluvial Neolítico], principalmente por assumir a opinião mais cautelosa permitida pelos dados de que dispõe. Como professor de geologia de uma grande

universidade, ele é quase obrigado a adotar uma postura conservadora... e é verdade que houve chuvas entre os anos 7000 e 5000 a.C. Não obstante, por uma grande variedade de razões intuitivas e acadêmicas, acho que a data é muito, mas muito mais antiga e que a maior parte do intemperismo sofrido pela Esfinge ocorreu no período chuvoso anterior, antes do ano 10000 a.C... Para ser franco, se ocorreu em uma época relativamente recente, como 5000 a 7000 a.C., acho que teríamos provavelmente encontrado outras provas da civilização que a esculpiu. Um bocado de provas desse período *foi* encontrado no Egito. Nelas há algumas anomalias estranhas, reconheço, mas a maior parte dela... o grosso delas... é realmente muito rudimentar.

- Nesse caso, quem construiu a Esfinge, se não foram os egípcios pré-dinásticos?

- Minha conjectura é de que todo esse enigma está ligado, de alguma maneira, àquelas civilizações lendárias mencionadas em todas as mitologias do mundo. Você sabe quais são: as que dizem que houve grandes catástrofes, que alguns homens sobreviveram, andaram vagueando pela terra e que um pouco de conhecimento foi preservado aqui, outro tanto acolá... Meu palpite é que a esfinge está ligada a tudo isso. Se fosse desafiado a fazer uma aposta, eu diria que é anterior ao fim da última Era Glacial e, provavelmente, mais antiga do que 10.000 anos a.C., talvez até mais antiga do que 15.000 anos a.C. Minha convicção... na verdade, mais do que uma convicção... é de que ela é *imensamente velha*.

E era também uma convicção que eu compartilhava cada vez mais - e, lembrei a mim mesmo, uma que a maioria dos egiptólogos do século XIX havia também aceitado. Não obstante, a aparência da Esfinge era um argumento contra essas intuições, porquanto não havia dúvida de que sua cabeça *parecia* convencionalmente faraônica.

- Se ela é tão velha quanto você pensa - perguntei nesse momento a John -, de que modo explica que os escultores a tenham apresentado usando o adereço *nemes* de cabeça e a *uraeus* dos tempos dinásticos?

- Esse fato não me incomoda. Na verdade, como você sabe, egiptólogos alegam que a face da Esfinge lembra a face de Khafre... a única razão por que eles alegam que a estátua foi mandada esculpir por ele. Schoch e eu estudamos esse assunto com o maior cuidado. Pensamos, à vista das proporções da cabeça em relação ao resto do corpo, que ela foi *reesculpida* durante os tempos dinásticos e é por esse motivo que ela parece muito dinástica. Mas não pensamos que houvesse a intenção de representar Khafre. Como parte de nossa pesquisa em andamento sobre essas questões, pedimos ao tenente Frank Domingo, artista especializado em retratos falados do Departamento de Polícia de Nova York, que viesse até aqui e que fizesse comparações, ponto por ponto, entre a face da Esfinge e a face da estátua de Khafre conservada no Museu do Cairo. A conclusão dele foi que de nenhuma maneira houve intenção de que a Esfinge representasse Khafre. Não se trata apenas de a face ser diferente... ela é, provavelmente, de uma raça diferente. Trata-se, portanto, de um monumento muito antigo, que foi reesculpido em data muito posterior. Originariamente, talvez nem mesmo tivesse uma face humana. Talvez tenha começado com um *focinho* de leão, e não só com o corpo.

Magalhães e o Primeiro Osso de Dinossauro

Após meus próprios estudos em Gizé, eu queria saber se a pesquisa de West lançara alguma dúvida sobre a datação ortodoxa de qualquer um dos outros monumentos do platô, em especial o do chamado Templo do Vale, de Khafre.

- Acho que há muita coisa que talvez seja mais antiga - respondeu ele. Não apenas o Templo do Vale, mas também o Templo Mortuário, no alto da colina, têm provavelmente alguma coisa a ver com o complexo de Menkaure e talvez mesmo com a Pirâmide de Khafre...

- O quê, no complexo de Menkaure?

- Bem, o Templo Mortuário. E na verdade estou apenas usando por conveniência agora a atribuição convencional de autoria de construção das pirâmides...

- Tudo bem. De modo que você pensa que é possível também que as pirâmides sejam tão antigas quanto a Esfinge?

- É difícil dizer. Acho que havia alguma coisa nos locais onde estão atualmente aquelas pirâmides... por causa da geometria. A Esfinge era parte de um plano-mestre. E a Pirâmide de Khafre talvez seja a mais interessante nesse aspecto, porque foi definitivamente construída em dois estágios. Se olhar para ela... e talvez tenha notado... verá que a base consiste de várias carreiras de blocos *gigantescos*, semelhantes em estilo aos blocos da cantaria do núcleo do Templo do Vale. Superposto sobre a base, o resto da pirâmide é composto de material de menor dimensão, assentado com menos precisão, do ponto de vista de engenharia. Mas, quando olhamos para ela, sabendo o que procuramos, verificamos imediatamente que ela foi construída em duas etapas separadas. Quero dizer, não posso deixar de pensar que os imensos blocos da base datam de um período anterior - do tempo em que a Esfinge foi construída... e que a segunda parte foi acrescentada mais tarde... mas, mesmo nessa época, não necessariamente por Khafre. Aprofundando-se no assunto, você descobrirá que, quanto mais aprende, mais complexas se tornam as coisas. Pode até mesmo ter havido uma civilização intermediária, por exemplo, que, na verdade, corresponderia aos textos egípcios. Eles falam sobre dois longos períodos anteriores. No primeiro, o Egito foi supostamente governado por deuses... os Neterus... e, no segundo, pelos Shemsu Hor, os "Companheiros de Hórus". É por isso que digo que os problemas se tornam cada vez mais complicados. Por sorte, o fundamental permanece simples. O fundamental é que a Esfinge não foi construída por Khafre. A geologia prova que ela é muito, mas muito mais antiga...

- Não obstante, os egiptólogos recusam-se a aceitar essa conclusão. Um dos argumentos que usaram contra você... Mark Lehner fez isso... é mais ou menos o seguinte: "Se a Esfinge foi construída antes do ano

10000 a.C., então por que não pode nos mostrar o resto da civilização que a construiu?" Em outras palavras, por que não tem outra prova a apresentar sobre a presença de sua lendária civilização perdida, à parte algumas estruturas no platô de Gizé? O que é que me diz disso? - Em primeiro lugar, *há* estruturas fora de Gizé... como, por exemplo, o Osireion, em Abidos, de onde você acaba de vir. Achamos que esse espantoso edifício pode relacionar-se com nosso trabalho sobre a Esfinge. Mesmo que o Osireion não existisse, contudo, a falta de outras provas não me incomodaria. Quero dizer, para dar destaque ao fato de que prova confirmatória adicional *não foi encontrada ainda* e para usar essa circunstância para acabar uma discussão, é a mesma coisa que dizer a Magalhães: "Onde estão os outros caras que fizeram a volta do mundo?" Claro, isso não prova nada. Ou, em 1838, quando foi encontrado o primeiro osso de dinossauro, teriam dito: "Claro, não há essa tal coisa de um animal gigantesco extinto. Onde está o resto do esqueleto? Só encontraram um osso." Mas logo que algumas pessoas começaram a compreender que esse osso só podia ser de um animal extinto, nos vinte anos seguintes os museus do mundo se encheram de esqueletos completos de dinossauros. De modo que a coisa é mais ou menos assim. Ninguém se preocupou em procurar nos lugares certos. Tenho absoluta certeza de que outras provas serão encontradas, logo que algumas pessoas começarem a procurar nos lugares certos... ao longo das margens do antigo Nilo, por exemplo, que está a quilômetros do Nilo atual, ou mesmo no fundo do Mediterrâneo, que ficou seco durante a última Era Glacial.

O Problema da Transmissão

Perguntei a John West por que ele pensava que os egiptólogos e os arqueólogos tinham tanta má vontade em pensar em que a Esfinge pudesse ser uma pista para a existência de um episódio esquecido na história humana.

- A razão, acho, é que eles têm uma idéia fixa sobre a evolução linear da civilização. Achem difícil aceitar a idéia de que possa ter havido povos, há mais de doze mil anos, que eram mais sofisticados do que somos hoje... A Esfinge, e a geologia que lhe prova a antiguidade, e o fato de que a tecnologia requerida para construí-la está, de muitas maneiras, muito além de nossa própria capacidade, desmentem a crença em que civilização e tecnologia evoluíram de forma direta, linear... Isso porque, mesmo com a melhor tecnologia moderna, praticamente não poderíamos realizar as várias tarefas envolvidas no projeto. A própria Esfinge não é uma façanha assombrosa nesse particular. Quero dizer, se conseguirmos juntar escultores em número suficiente para cortar a pedra, eles poderiam esculpir uma estátua de um quilômetro e meio de comprimento. A *tecnologia* teve a ver com escolher as pedras, extrair as pedras das pedreiras, libertar a Esfinge de seu leito rochoso e, em seguida, usá-las para construir o Templo do Vale a uns duzentos metros de distância...

Isso era novidade para mim.

- Você quer dizer que os blocos de duzentas toneladas do Templo do Vale foram extraídos do espaço fechado da Esfinge?

- Isso mesmo, não há a menor dúvida a esse respeito. Geologicamente, pertencem ao mesmo tipo de rocha. Os blocos foram extraídos e levados para o local do Templo... só Deus sabe como... e com eles construídas paredes de doze metros de altura... mais uma vez, só Deus sabe como. Estou falando dos imensos blocos de pedra calcária do núcleo, não do revestimento de granito. Acho que o granito foi acrescentado muito tempo depois, possivelmente por Khafre. Mas se examinar os blocos de pedra calcária do núcleo, verá que eles têm as marcas de exatamente o mesmo tipo de intemperismo induzido por precipitação pluviométrica, tal como as marcas encontradas na Esfinge. De modo que a Esfinge e a estrutura do núcleo do Templo do Vale foram feitas na mesma época, pelas mesmas pessoas... quem quer que possam ter sido.

- E você acha que essas pessoas e os egípcios dinásticos posteriores foram ligados entre si de alguma maneira? No *Serpent in the Sky* você sugere que uma herança deve ter sido passada adiante...

- Isso ainda é uma sugestão. Tudo que sei com certeza, com base em nosso trabalho sobre a Esfinge, é que uma civilização muito, muitíssimo sofisticada, capaz de implementar projetos de construção em escala grandiosa, esteve presente no Egito em passado muito distante. Em seguida, caiu muita chuva. Milhares de anos depois, no mesmo lugar, a civilização faraônica surgiu inteiramente formada, aparentemente saindo do nada, com todos os seus conhecimentos completos. Disso podemos ter certeza. Mas se ou não o conhecimento que o Egito antigo possuía era o mesmo que o conhecimento que produziu a Esfinge, não posso realmente dizer.

- O que é que você acha da seguinte idéia? A civilização que produziu a Esfinge não teve origem aqui, pelo menos não no início... - especulei. - Ela não se localizava no Egito. Ela colocou aqui a Esfinge como uma espécie de marco ou posto avançado...

- Inteiramente possível. Poderia acontecer que a Esfinge, para essa civilização, fosse igual, digamos, ao que Abu Simbel (na Núbia) foi para o Egito dinástico.

- Nesse caso, essa civilização chegou ao fim, extinguiu-se devido a alguma catástrofe terrível, e foi nessa ocasião que a herança de altos conhecimentos passou a outras mãos... Uma vez que tinham deixado aqui a Esfinge, sabiam da existência do Egito, conheciam este lugar, conheciam este país, tinham uma ligação aqui. Talvez esse povo tenha sobrevivido ao fim da civilização. Talvez eles tenham vindo para cá... Isso faz sentido para você?

- Bem, é uma possibilidade. Mais uma vez, voltando às mitologias e lendas do mundo, muitas delas falam em uma catástrofe como essa e de poucos sobreviventes... a história de Noé, que se repetiu através de civilizações incontáveis... que, de uma ou de outra maneira, conservaram e transmitiram a outros esse conhecimento. O grande problema com tudo isso, de meu ponto de vista, é o processo de transmissão da herança: como, exatamente, o conhecimento é

passado de uma mão a outra durante milhares e milhares de anos, entre a construção da Esfinge e o florescimento do Egito dinástico? Teoricamente, estamos numa espécie de beco sem saída... você não está?... no que interessa a esse enorme período em que os conhecimentos foram transmitidos. Não é fácil descartar essa conclusão. Por outro lado, sabemos, de fato, que as lendas que estamos mencionando foram transmitidas, palavra por palavra, ao longo de incontáveis gerações e, na verdade, a transmissão oral é um meio muito mais seguro de transmissão do que a escrita, porque a linguagem pode mudar, mas enquanto quem estiver contando a história disser que ela é verdadeira, em qualquer que seja a linguagem do tempo... ela reaparece 5.000 anos depois em sua forma original. De modo que, talvez haja maneiras... em sociedades secretas e cultos religiosos, ou através da mitologia, por exemplo, em que os conhecimentos poderiam ter sido preservados e transmitidos antes de voltar a florescer. O importante, acho, com problemas tão complexos e importantes como esses, é simplesmente não descartar quaisquer possibilidades, por mais absurdas que possam inicialmente parecer, sem investigá-las profundamente...

Segunda Opinião

John West estava em Lúxor, chefiando um grupo de estudo sobre os sítios arqueológicos sagrados do Egito. Cedo no dia seguinte, ele e seus estudantes dirigiram-se para Assuã e Abu Simbel, no sul. Santha e eu viajamos novamente para o norte, de volta a Gizé e aos mistérios da Esfinge e das pirâmides. Íamos nos encontrar com o árqueo-astrônomo Robert Bauval. Conforme veremos, suas correlações estelares proporcionaram surpreendente confirmação, independente da prova geológica, da imensa antiguidade de Gizé.

CAPÍTULO 48

Medidas da Terra

Siga as instruções abaixo com o máximo cuidado:

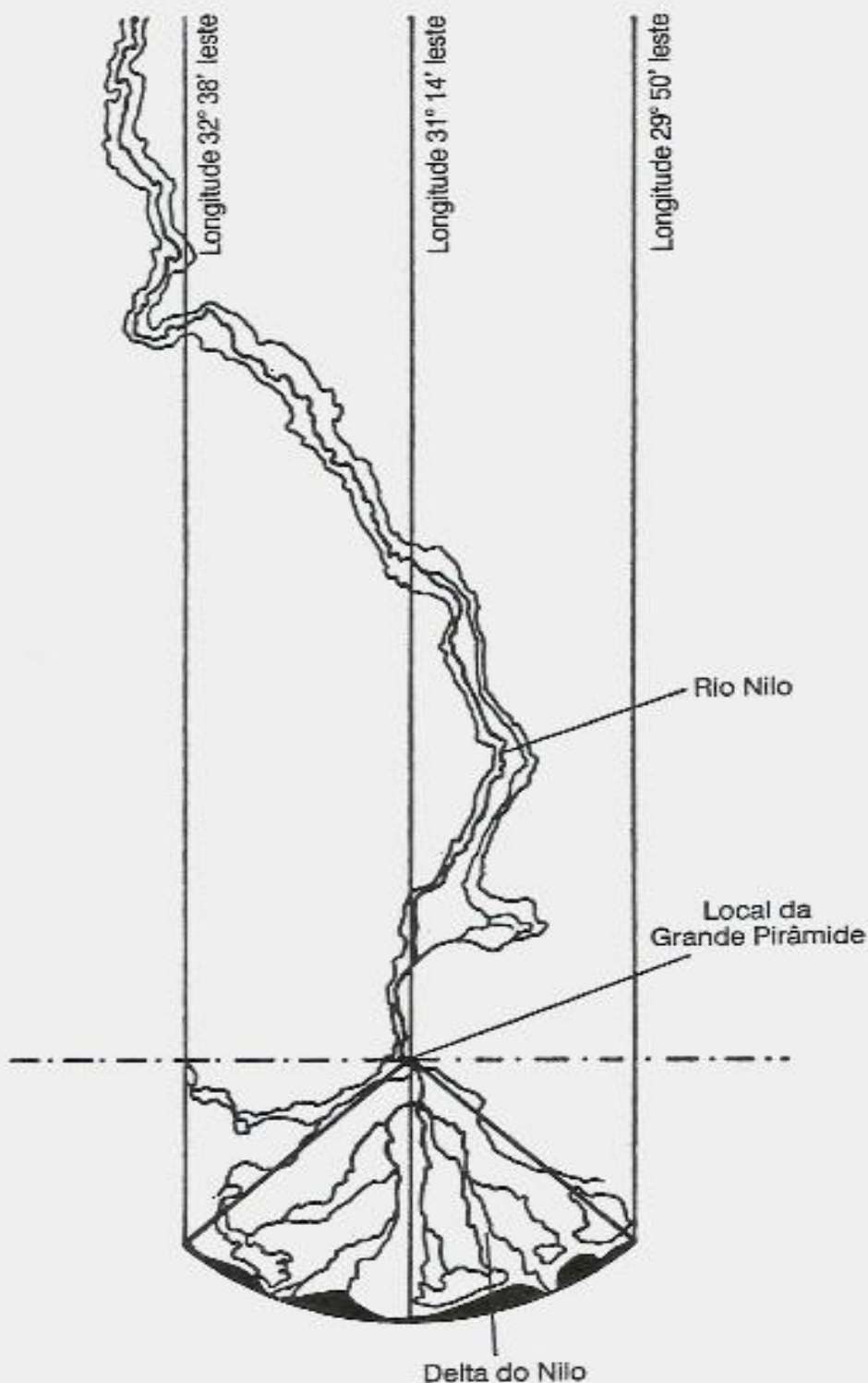
Risque verticalmente duas linhas retas paralelas, de cima a baixo de uma folha de papel, de mais ou menos 18cm de comprimento e um pouco menos de 7,5cm de distância uma da outra. Trace uma terceira linha, também vertical e também paralela de igual tamanho, exatamente no centro das duas. Escreva a letra "S" - significando "Sul" - na extremidade superior do diagrama (a extremidade mais distante de você), e a letra "N", significando "Norte", na extremidade inferior. Acrescente as letras "L", significando "Leste", e "O", significando "Oeste" em suas posições apropriadas em cada lado do diagrama, o Leste à esquerda e o Oeste à direita.

O que você está vendo são os contornos de um mapa geométrico do Egito, usando uma perspectiva muito diferente da nossa (onde o "Norte" é sempre igual a "No alto"). Este mapa, onde o "No Alto" é o "Sul", parece ter sido preparado em um tempo imensamente remoto por cartógrafos que dispunham de conhecimentos científicos sobre a forma e tamanho de nosso planeta.

A fim de completar o mapa, você deve marcar agora um ponto na linha central das três paralelas, mais ou menos a 2,5cm, ao sul (o "alto"), a partir da extremidade norte do diagrama. Em seguida, trace mais duas linhas diagonais descendo desse ponto, respectivamente para o nordeste e o noroeste, até que elas alcancem as extremidades norte das duas paralelas externas. Finalmente, ligue diretamente essas linhas paralelas a linhas horizontais, correndo de leste para oeste, nas extremidades norte e sul do diagrama.

A forma obtida é um retângulo ao sul (orientado no sentido norte-sul). Esse retângulo mede 17,8cm de comprimento por pouco menos de 7,5cm de largura e tem um triângulo demarcado em sua extremidade norte (inferior). O triângulo representa o delta do Nilo e, o ponto no

ápice do triângulo, o ápice do delta um ponto no solo a $30^{\circ} 06'$ norte e $31^{\circ} 14'$ leste, muito próximo da localização da Grande Pirâmide.



Mapa mostrando a concepção geométrica do Egito, com a Grande Pirâmide no ápice do delta do Nilo. Tradicionalmente, os egípcios consideravam o sul como "acima".

Marco Geodésico

O que mais que ela possa ser, matemáticos e geógrafos sabem há muito tempo que a Grande Pirâmide serve como um marco geodésico (geodésia é o ramo da ciência que trata de determinar a posição de pontos geográficos e a forma e tamanho da terra). A compreensão desse fato surgiu em fins do século XVIII, quando os exércitos da França revolucionária, comandados por Napoleão Bonaparte, invadiram o Egito. Bonaparte, que sentia um profundo interesse pelos enigmas das pirâmides, trouxe consigo grande número de pesquisadores, 175 no total, incluindo vários "sábios" reunidos em várias universidades, que tinham fama de ter adquirido "profundo conhecimento de antiguidades egípcias" e, no que foi mais útil, um grupo de matemáticos, cartógrafos e topógrafos.

Um dos trabalhos que os sábios receberam ordens de fazer, depois de completada a conquista, foi levantar mapas detalhados do Egito. Ao se lançarem ao trabalho, descobriram que a Grande Pirâmide está perfeitamente alinhada com o norte verdadeiro - e, claro, com o sul, leste e oeste, também, como vimos na Parte VI. Isso significa que a misteriosa estrutura era um excelente ponto de referência e triangulação, tomando eles a decisão de usar o meridiano que passava por seu ápice como linha-base para todas as demais medições e orientações. A equipe, em seguida, começou a produzir os primeiros mapas exatos do Egito desenhados na era moderna. Terminado o trabalho, notaram intrigados que o meridiano da Grande Pirâmide cortava em duas metades iguais a região do delta do Nilo. Descobriram também que, se diagonais correndo do ápice da pirâmide para seus cantos nordeste e noroeste fossem prolongadas (formando linhas no mapa que correriam nos sentidos nordeste e noroeste até chegar ao Mediterrâneo), o triângulo assim formado conteria perfeitamente toda a área do delta.

Mas voltemos ao nosso mapa, que inclui também um triângulo que representa o delta. Seus três outros principais componentes são os

três meridianos paralelos. O meridiano leste está na longitude de $32^{\circ} 38'$ leste - a antiga fronteira oficial do antigo Egito desde o início dos tempos dinásticos. O meridiano oeste está na longitude de $29^{\circ} 50'$ oeste - a fronteira oeste oficial do antigo Egito. O meridiano central está na longitude de $31^{\circ} 14'$ leste, exatamente a meio caminho entre os dois outros (a $1^{\circ} 24'$ de cada um).

O que vemos nesse momento é a representação de uma faixa na superfície do planeta terra que tem exatamente $2^{\circ} 48'$ de largura. Qual a extensão dessa faixa? As antigas fronteiras "oficiais" norte e sul do Egito (que não tinham mais relação com padrões de colonização do que as fronteiras oriental e ocidental) são marcadas pelas linhas horizontais nas partes superior e inferior do mapa e localizadas respectivamente a $31^{\circ} 6'$ norte e $24^{\circ} 6'$ norte. A fronteira norte, situada em $31^{\circ} 6'$ norte, liga as duas extremidades externas do estuário do Nilo. A fronteira sul, em $24^{\circ} 6'$ norte, assinala a latitude exata da ilha de Elefantina, em Assuã (Seyne), onde existiu um importante observatório astronômico e solar durante toda a história egípcia conhecida. Parece que essa terra arcaica, sagrada desde o início dos tempos - criação e habitação dos deuses - foi originariamente concebida como um *constructo geométrico* a exatamente sete graus terrestres de comprimento.

De acordo com esse constructo, parece que a Grande Pirâmide foi localizada, com todo cuidado, como marco geodésico para o ápice do delta. Este último, que indicamos em nosso mapa, localiza-se a $30^{\circ} 6'$ norte, $31^{\circ} 14'$ leste - um ponto na metade do comprimento do rio Nilo, situado na borda norte da moderna Cairo. Entrementes, a pirâmide está na latitude de 30° N (corrigida para levar em conta a refração atmosférica) e na longitude de $31^{\circ} 9'$ leste, ou um erro de apenas alguns minutos do arco terrestre nas direções sul e oeste. Esse "erro", contudo, não parece ter sido resultado de relaxamento ou imprecisão por parte dos construtores da pirâmide. Ao contrário, um exame atento da topografia da área sugere que a explicação desse fato deve ser buscada na necessidade de encontrar um local apropriado para todas as observações astronômicas, que tinham de ser feitas para a

localização exata do sítio arqueológico, com uma estrutura geológica suficientemente estável sobre a qual assentar, para sempre, um monumento de seis milhões de toneladas, de quase 150m de altura, com uma base de mais de cinco hectares.

O platô de Gizé atende a essas especificações em todos os sentidos: perto do ápice do delta, elevado acima do vale do Nilo e possuidor de excelentes fundações de sólido leito rochoso de pedra calcária.

Trabalhando em Graus

Estávamos viajando de Lúxor para Gizé na parte traseira do Peugeot 504 de Mohamed Walilli - uma viagem de apenas quatro graus de longitude, isto é, do paralelo de 25° 42' norte para o 30° paralelo. Entre Asiut e El Minya, um corredor de conflitos em meses recentes entre extremistas islâmicos e forças de segurança egípcias; recebemos uma escolta armada de soldados, um dos quais usava trajes civis e que se sentou no assento do passageiro, ao lado de Mohamed, acariciando uma pistola automática. Os demais, mais ou menos uma dúzia, armados com fuzis de assalto AK47, distribuíam-se igualmente entre duas picapes, que nos espremiavam pela frente e por trás.

"Gente perigosa mora por aqui", confidenciou Mohamed pelo canto da boca, quando fomos detidos em um ponto de inspeção em Asiut e recebemos ordem de esperar pela escolta. Embora obviamente irritado por ser obrigado a acompanhar a alta velocidade dos veículos de escolta, Mohamed parecia apreciar muito a situação de fazer parte de um comboio impressionante, com luzes relampejando e sirenes uivando, costurando o caminho por entre o tráfego mais lento na principal estrada de rodagem entre o alto e o baixo Egito.

Durante algum tempo, olhei pela janela do carro para o espetáculo imutável do Nilo, para suas margens verdes férteis e para o nevoeiro vermelho do deserto, a alguns quilômetros de distância, nas direções leste e oeste. Este era o Egito, o verdadeiro Egito orgânico de ontem e

hoje, que coincidia (mas se espalhava por uma distância muito maior) com o estranho Egito "oficial" do mapa descrito acima, uma ficção retangular medindo exatamente sete graus terrestres de comprimento. No século XIX, o renomado egiptólogo Ludwig Borchardt expressou o que ainda é a sabedoria convencional de seus colegas, quando observou: "Temos de excluir absolutamente a possibilidade de que os antigos possam ter feito medições em graus." Era um julgamento que parece cada vez mais insustentável. Quem quer que possam ter sido, é óbvio que os planejadores e arquitetos originais da necrópole de Gizé pertenceram a uma civilização que sabia que a terra era uma esfera, conheciam-lhe as dimensões quase tão bem quanto nós mesmos e a haviam dividido em 360 graus, exatamente como fazemos hoje.

A prova desse fato reside na criação de um "país" oficial simbólico, de exatamente sete graus terrestres de comprimento, e na localização e orientação admiravelmente geodésica com os pontos cardeais da Grande Pirâmide. Igualmente convincente é o fato, já abordado no Capítulo 23, de que o perímetro da base da pirâmide mantém uma relação de 2π com a altura e que todo o monumento foi aparentemente concebido para servir como *projeção cartográfica* - em uma escala de 1:43.200 - do hemisfério Norte de nosso planeta:

A Grande Pirâmide é uma projeção sobre quatro superfícies triangulares. O ápice representa o pólo e, o perímetro, o equador. Esta é a razão por que o perímetro tem uma relação de 2π com a altura.

A Razão Pirâmide/Terra

Já demonstramos o emprego do π na pirâmide, e não precisamos voltar a esse assunto. Além do mais, a existência da relação de π , embora interpretada como *acidental* por estudiosos ortodoxos, não é contestada por eles. Mas deveríamos também aceitar, com toda seriedade, que o monumento pode ser também uma representação do

hemisfério Norte da terra, projetada sobre superfícies planas, em uma escala de 1:43.200? Vamos lembrar esses números.

De acordo com as melhores estimativas modernas, baseadas em observações de satélite, a circunferência equatorial da terra é de 39.844km, com um raio polar de 6.319km". O perímetro da base da Grande Pirâmide é de 1.203,73m e sua altura de 921,24m. A redução à escala, conforme se verifica, não é *absolutamente* exata, mas está muito próxima. Além do mais, quando nos lembramos da dilatação do equador da terra (uma vez que o nosso planeta é um esferóide oblato, e não uma esfera perfeita), os resultados obtidos pelos construtores da pirâmide ficam ainda mais próximos de 1:43.200.

Mais perto até que ponto?

Se tomarmos a circunferência equatorial da terra, 39.844km, e a reduzirmos (dividirmos) por 43.200, obteremos o resultado de 0,5764 de milha. Há 5.280 pés (30,5cm por pé) por milha. O passo seguinte, portanto, consiste em multiplicar 0,5764 por 5.280, que produz o número de 3.043,39 pés. A circunferência equatorial da terra, reduzida em escala de 43.200 vezes, é, portanto, de 3.043,39 pés. Em comparação, como vimos, o perímetro da Grande Pirâmide é de 3.023,16 pés (92,24m). Isso representa um erro de apenas 6m - ou cerca de três quartos de 1%. Dada a precisão extraordinária dos construtores da pirâmide, contudo (que normalmente trabalhavam com margens de tolerância ainda menores), é menos provável que o erro tenha resultado de falhas de construção do gigantesco monumento do que de subestimação da verdadeira circunferência do planeta *por apenas 262km*, provavelmente causada por não ter sido levada em conta a dilatação equatorial.

Vejamos o raio polar da terra, de 3.949,921 milhas (6.319km). Se o reduzimos a uma escala de 43.200, obtemos 0,0914 de milha, ou 481,59 pés (146,90m). O raio polar da terra reduzido à escala de 1:43.200, portanto, é de 481,59 pés, ou 146,90cm. Em comparação, a altura da Grande Pirâmide é de 481,3949 pés - apenas um pé a menos (30,48cm) do número ideal, ou seja, um erro que nem chega a um quinto de 1%.

Tão perto que não faz diferença, portanto, o perímetro da base da Grande Pirâmide é, na verdade, de 1:43.200 da circunferência equatorial da terra. E, mais uma vez, tão próximo que não faz diferença, a altura acima da base é, na verdade, de 1:43.200 do raio polar da terra. Em outras palavras, durante todos os séculos de trevas pelos quais passou a civilização ocidental, quando o conhecimento das dimensões de nosso planeta se perdeu para nós, tudo que precisávamos fazer era medir a altura e o perímetro da base da Grande Pirâmide e multiplicá-los por 43.200!

Qual a probabilidade de tudo isso ser um "acaso"?

A resposta, baseada no bom senso, é "nada provável, absolutamente", uma vez ser óbvio para qualquer pessoa sensata que aquilo para o que estamos olhando só poderia ser resultado de uma decisão de planejamento deliberada e cuidadosamente calculada. O bom senso, porém, jamais foi uma faculdade levada em alta conta por egiptólogos e é, por conseguinte, necessário perguntar se há alguma coisa mais nos dados que possa confirmar que a razão de 1:43.200 constitui uma manifestação intencional de inteligência e conhecimento, e não de algum feliz acaso.

A relação em si parece fornecer a confirmação, pelo motivo muito simples de que 43.200 *não* é um número aleatório (como, digamos, 45.000 ou 47.000, 50.500 ou 38.800). Ao contrário, é um de uma série de números, e múltiplos desses números, que se relacionam com o fenômeno da precessão dos equinócios e que se enraizaram em mitos arcaicos encontrados em todo o mundo. Como o leitor pode confirmar voltando à Parte V, os números básicos da razão Pirâmide/ Terra afloram repetidamente nesses mitos, às vezes claramente como 43.200, ou às vezes como 432, 4.320, 432.000, 4.320.000, e assim por diante.

O que parece é que temos aqui duas proposições notáveis, costas contra costas, como se destinadas a se reforçarem mutuamente. É na verdade mais do que notável que a Grande Pirâmide seja capaz de servir como um modelo em escala exata do hemisfério Norte do planeta Terra. Mas é ainda mais notável que a *escala implícita* inclua

números que se relacionam exatamente com um dos principais mecanismos planetários terrestres. Isto é, a precessão fixa e aparentemente eterna da rotação de seu eixo em torno do pólo da eclíptica, fenômeno este que faz com que o ponto vernal emigre em torno da faixa do zodíaco a uma taxa de um grau a cada 72 anos e 30 graus (uma constelação zodiacal completa) a cada 2.160 anos. A precessão através de duas constelações do zodíaco, ou 60 graus ao longo da eclíptica, leva 4.320 anos.

A repetição constante desses números ligados à precessão em mitos antigos poderia, talvez, ser coincidência. Considerado isoladamente, o aparecimento do número 43.200 na razão pirâmide/terra poderia ser também uma coincidência (embora sejam astronômicas as probabilidades contra esse fato). Mas quando encontramos números ligados à precessão em meios de expressão muito diferentes - mitos antigos e monumentos antigos -, realmente é forçar a credulidade supor que coincidência é tudo que está em jogo. Além do mais, da mesma maneira que o mito teutônico das muralhas do Valhalla leva-nos ao número 43.200, convidando-nos a calcular os guerreiros que "vão à guerra contra o Lobo" (quinhentos e pouco multiplicados por 800, conforme vimos no Capítulo 33), de idêntica maneira a Grande Pirâmide leva-nos ao número 43.200 ao demonstrar, através da relação de *pi*, que poderia ser um modelo em escala de parte da terra e, em seguida, convida-nos a *calcular* essa escala.

Pares das Mesmas Impressões Digitais?

Em El Minya, os veículos da escolta nos deixaram, embora o soldado à paisana continuasse no assento do passageiro ao lado do motorista até o Cairo. Paramos para um almoço tardio de pão e *falafel* em uma aldeia barulhenta e em seguida continuamos a viagem para o norte. Durante todo esse tempo, meus pensamentos continuaram focalizados na Grande Pirâmide. Obviamente, não era por acaso que uma estrutura tão grande e intrigante ocupasse uma localização

geográfica e geodésica da mais alta importância, em uma parte do mundo que parecia, estranhamente, ter sido concebida e "geometrizada" como um constructo simbólico, retangular, com um comprimento exato de sete graus terrestres. Mas era a outra função da pirâmide, como projeção cartográfica tridimensional do hemisfério Norte, que mais me interessava, porque sugeria uma "identidade" com os mapas antigos mais avançados do mundo, descritos na Parte I. Esses mapas, que usavam trigonometria esférica e uma grande variedade de projeções sofisticadas, proporcionavam, segundo o professor Charles Hapgood, prova tangível, documental, de que uma civilização avançada, com extenso conhecimento do globo terrestre, deveria forçosamente ter florescido durante a última Era Glacial. Nesse momento, aí estava a Grande Pirâmide, provando que tinha uma função cartográfica *vis-à-vis* o hemisfério Norte e incluindo também uma projeção sofisticada. Ou, como explicou um especialista:

Todas as faces planas da pirâmide foram projetadas para representar uma quarta parte curva do hemisfério Norte, ou quadrante esférico de 90 graus. Para projetar corretamente um quadrante esférico sobre um triângulo plano, o arco, ou base, do quadrante tem que ser do mesmo comprimento que a base do triângulo, e ambos precisam ter a mesma altura. Isso acontece *apenas* com um corte transversal ou bissecção meridiana da Grande Pirâmide, cujo ângulo de inclinação dá a relação de *pi* entre altura e base...

Seria possível que as cópias e compilações remanescentes de antigos mapas como o mapa de Piri Reis, por exemplo - pudessem, em alguns casos, retroagir a documentários básicos produzidos pela mesma cultura que incluiu seu conhecimento sobre o globo terrestre nas dimensões da Grande Pirâmide (e, na verdade, nas dimensões cuidadosamente geometrizadas do próprio antigo Egito)?

Eu dificilmente poderia esquecer que Charles Hapgood e sua equipe haviam passado meses tentando fixar onde fora centralizada a projeção inicial do mapa de Piri Reis. A resposta que finalmente

obtiveram foi o Egito e, especificamente, Seyne (Assuã) no alto Egito - onde, conforme vimos acima, houve um importante observatório astronômico, situado na latitude de 24° 6' norte, a fronteira sul oficial. Dispensa dizer que observações astronômicas precisas teriam sido essenciais para cálculos da circunferência da terra e das posições de latitude. Mas, por quanto tempo *antes* do período histórico os antigos egípcios e seus ancestrais estiveram realizando essas observações? E haviam realmente aprendido essas perícias, como declararam francamente em suas tradições, com os deuses que, no passado, conviveram com eles?

Navegantes na Barca de Milhões de Anos

Os antigos egípcios acreditavam que coube ao deus Thoth ensinar os princípios da astronomia a seus ancestrais: "Ele que calcula no céu, o contador de estrelas, o enumerador da terra e de tudo que nela existe, e medidor da terra."

Normalmente descrito como um homem que usava uma máscara de íbis, Thoth era membro importante do grupo de elite das divindades dos Primeiros Tempos que dominaram a vida religiosa do antigo Egito desde o início até o fim dessa civilização. Eles eram os grandes deuses, os Neterus. Embora os antigos acreditassem, em um sentido, que eram auto-criados, também reconheciam francamente e compreendiam que eles mantinham uma conexão especial de algum tipo com outra terra - um país fabuloso e distante, denominado nos textos antigos de Ta-Neteru, a "terra dos deuses".

Pensavam ainda que o Ta-Neteru teve uma localização precisa na terra, em algum lugar muito ao sul do antigo Egito - a mares e oceanos de distância mais longe ainda que o país das especiarias, Punt (que provavelmente se situava na costa somali da África Oriental). Para confundir ainda mais a situação, eles se referiam também a Punt como a "Terra Divina", ou "Terra de Deus", e fonte dos incensos e da mirra de que os deuses tanto gostavam.

Havia ainda outro paraíso mítico ligado aos Neterus - "Iar dos santos", para onde os melhores seres humanos eram às vezes levados - e que acreditavam que se "situava muito longe, além de uma grande extensão de água". Conforme observou Wallis Budge em seu importante estudo, *Osiris and the Egyptian Resurrection*, "os egípcios acreditavam que essa terra só podia ser alcançada de barco, ou com ajuda pessoal dos deuses, que para lá transportavam seus favoritos..." Os que tinham sorte suficiente para merecer ingresso descobriam que se encontravam em um jardim mágico, feito de "ilhas, ligadas umas às outras por canais cheios de água corrente, que faziam com elas fossem sempre verdes e férteis". Nas ilhas desse jardim, "o trigo crescia até uma altura de cinco côvados, as espigas tinham dois côvados e, os talos, três, e a cevada crescia até uma altura de sete côvados, tendo as espigas três côvados de comprimento e, os talos, quatro".

Teria sido de uma terra como essa, com irrigação soberba e cultivada cientificamente, que o introdutor da agricultura, Osíris, cujo título era "Presidente da Terra do Sul", viajou para o Egito, no alvorecer dos Primeiros Tempos? E teria sido de uma terra como essa, acessível apenas por barco, que Thoth, o de máscara de íbis, viajou também, cruzando mares e oceanos para conceder as dádivas, de valor inestimável, da astronomia e da medição da terra aos habitantes primitivos do pré-histórico Vale do Nilo?

Qualquer que fosse a verdade por trás da tradição, os antigos egípcios lembravam-se de Thoth e o reverenciavam como o inventor da matemática, da astronomia e da engenharia. "Acreditavam", de acordo com Wallis Budge, "que era a sua vontade e poder que mantinham em equilíbrio as forças do céu e da terra. E era a sua grande perícia em matemática celeste que fazia uso apropriado das leis sobre as quais repousava a fundação e a manutenção do universo". Atribuía-se ainda a Thoth o crédito por ter ensinado aos ancestrais dos egípcios as ciências da geometria e da topografia, medicina e botânica. E também que havia sido o inventor "dos números, das letras do alfabeto, e das artes da leitura e escrita". Ele era o "Grande Senhor da Magia", que

podia mover objetos com o poder da voz, "o autor de todos os trabalhos, em todos os ramos dos conhecimentos, tanto humanos quanto divinos".

Aos ensinamentos de Thoth - que eles guardavam zelosamente em seus templos e diziam que foram transmitidos de uma geração a outra sob a forma de 42 livros de instrução - eles atribuíam sua sabedoria mundialmente respeitada e o conhecimento dos céus. Esse conhecimento foi mencionado quase com reverência pelos comentaristas clássicos que visitaram o Egito, do século V a.C. em diante.

Heródoto, o primeiro desses viajantes, observou:

Os egípcios foram os primeiros a descobrir o ano solar e dividir seu curso em doze partes. (...) E foi a observação do curso das estrelas que os levou a adotar essa divisão. (...)

Platão (século IV a.C.) deixou consignado que os egípcios haviam observado as estrelas "por dez mil anos". Mais tarde, no século I a.C., Diodoro de Sicília escreveu uma versão ainda mais detalhada desse fato:

As posições e arranjos das estrelas, bem como seus movimentos, sempre foram objeto de observação cuidadosa entre os egípcios. (...) Desde os tempos antigos até hoje, eles preservaram registros a respeito de cada uma dessas estrelas, durante um número incrível de anos. (...)

Por que deveriam os egípcios ter cultivado um interesse quase obsessivo por observações a longo prazo das estrelas e por que, em especial, deveriam ter mantido registros de seus movimentos "durante um número incrível de anos"? Essas observações detalhadas seriam dispensáveis, se seu único interesse, como sugeriram, com toda seriedade, numerosos estudiosos, fosse de natureza agrícola (a

necessidade de prever as estações, o que qualquer pessoa nascida no campo pode fazer). Deve ter havido alguma outra finalidade.

Além do mais, para começar, como foi que os antigos egípcios se iniciaram em astronomia? Não se trata do tipo de *hobby* que um povo morador em um vale fechado desenvolveria por iniciativa própria. Talvez fosse bom levar mais a sério a explicação que eles mesmo deram: que um deus ensinou seus ancestrais a estudar as estrelas. Poderíamos também dar mais atenção a numerosas referências de natureza inegavelmente marítima contidas nos Textos da Pirâmide. E novas e importantes inferências poderiam ser tiradas da arte religiosa antiga, na qual os deuses são mostrados viajando em barcos belos, aerodinâmicos, de proa alta, construídos de acordo com as mesmas especificações avançadas para navegação oceânica exibidas pelos barcos da pirâmide, em Gizé, e a misteriosa esquadra ancorada nas areias do deserto, em Abidos.

De modo geral, indivíduos que vivem em terras longe do mar não se tornam astrônomos, o que acontece, porém, com povos de navegadores. Não seria possível que a iconografia marítima dos antigos egípcios, o projeto de seus barcos e igualmente, a notável obsessão com a observação das estrelas pudessem ter sido parte de uma herança transmitida a seus ancestrais por uma raça de *navegadores*, na pré-história remota? Realmente, só uma raça, só uma civilização marítima esquecida, é que poderia ter deixado suas impressões digitais sob a forma de mapas que mostravam exatamente como era o mundo, antes do fim da última Era Glacial. Realmente, só uma civilização como essa, traçando seu curso pelas estrelas "durante dezenas de milhares de anos", poderia ter observado e previsto acuradamente o fenômeno da precessão de equinócios, com a exatidão atestada por antigos mitos. E, embora hipotética, só essa civilização poderia ter medido a terra com precisão suficiente para ter chegado às dimensões reduzidas à escala na Grande Pirâmide.

A Assinatura de uma Data Distante

Era quase meia-noite quando chegamos a Gizé. Hospedamo-nos no Siag, um hotel com excelente vista da pirâmide, e ficamos sentados no terraço, observando, enquanto as três estrelas do cinturão de Órion cruzavam lentamente os céus do sul.

E foi a disposição dessas três estrelas, como demonstrou recentemente o arqueoastrônomo Robert Bauval, que serviu como gabarito celeste para o plano do sítio arqueológico das três pirâmides de Gizé. Esse fato em si constituiu uma descoberta notável, sugerindo um nível muito mais alto de astronomia de observação e de perícia em topografia e em projeto, que estudiosos atribuíam aos antigos egípcios. Ainda mais notável, contudo - e a razão por que combinei me encontrar com ele em Gizé na manhã seguinte - era a alegação de Bauval de que o padrão traçado no chão (com quase quinze milhões de toneladas de pedras perfeitamente aparelhadas) correspondia exatamente ao modelo do céu durante a época de 10.450 anos a.C. Se Bauval tinha razão, as pirâmides haviam sido projetadas, usando-se as mudanças que a precessão provoca nas posições das estrelas, como assinatura arquitetônica permanente do undécimo milênio a.C.

CAPÍTULO 49

O Poder da Coisa

Numa escala de 1:43.200, a Grande Pirâmide serve de modelo, e projeção cartográfica, do hemisfério Norte da terra. O que exclui por completo a possibilidade de que isso possa ser uma coincidência é o fato de que a escala usada está ligada numericamente à taxa de precessão dos equinócios - um dos mecanismos planetários mais característicos da terra. É claro, por conseguinte, que temos aqui a manifestação de uma decisão deliberada de planejamento: tomada com a intenção de ser reconhecida como tal por qualquer cultura que

tivesse adquirido a) conhecimento preciso das dimensões da terra e b) conhecimento preciso da taxa do movimento precessional.

Graças ao trabalho de Robert Bauval, podemos ter agora certeza de que outra decisão deliberada de planejamento foi implementada na Grande Pirâmide (a qual - como se torna cada vez mais claro - deve ser entendida como um projeto destinado a preencher muitas diferentes funções). Neste caso, o plano realmente ambicioso incluiu também as Segunda e Terceira Pirâmides, numa decisão que mostra as impressões digitais dos mesmos antigos arquitetos e construtores que conceberam a Grande Pirâmide como modelo da terra reduzido a uma dada escala. O sinal característico desses seres parece ter sido a precessão – talvez porque gostassem de sua regularidade e previsibilidade matemática - e a usaram para elaborar um plano que poderia ser corretamente compreendido apenas por culturas cientificamente avançadas.

Nossa cultura é uma dessas e Robert Bauval foi o primeiro a decifrar os parâmetros básicos do plano - descoberta esta pela qual recebeu consagração pública e, no devido tempo, receberá o reconhecimento científico que merece. Belga de nacionalidade, nascido e criado em Alexandria, é um homem alto, magro, rosto escanhado, na casa dos 40 anos. Seu aspecto mais notável é uma mandíbula teimosa, que lhe caracteriza a personalidade obstinada, curiosa. Fala com um sotaque híbrido francês-egípcio-inglês e é decididamente oriental em suas maneiras. Possui uma mente de primeira classe e está sempre acumulando e analisando incessantemente novos dados relevantes para seus interesses, descobrindo novas maneiras de focalizar velhos problemas. Nesse processo, inteiramente por acaso, conseguiu transformar-se em uma espécie de mago de conhecimentos esotéricos.

O Mistério de Órion

As origens das descobertas de Bauval retroagem à década de 1960, quando o egiptólogo e arquiteto Dr. Alexander Badawy e a astrônoma americana Virginia Trimble demonstraram que a chaminé sul da Câmara do Rei, na Grande Pirâmide, apontara como um cano de arma para o cinturão de Órion durante a Era das Pirâmides - cerca de 2600 a 2400 a.C.

Bauval resolveu submeter a teste a chaminé sul da Câmara da Rainha, que Badawy e Trimble não haviam investigado, e provou que ela apontara para a estrela Sírius durante a mesma era. A evidência que provava essa conclusão foi fornecida pelo engenheiro alemão Rudolf Gantenbrink, como resultado de medições realizadas por seu robô, *Upuaut*, em março de 1993. Este robô fez a notável descoberta de uma porta tipo guilhotina que bloqueava a chaminé a uma distância de cerca de 60m da Câmara da Rainha. Equipado com um clinômetro de alta tecnologia, a pequena máquina forneceu a primeira leitura inteiramente exata do ângulo de inclinação da chaminé: 39° 30'.

Ou, como explica Bauval:

Fiz os cálculos, que provaram que a chaminé estivera apontada para o meridiano do trânsito de Sírius por volta do ano 2400 a.C. Não podia haver absolutamente qualquer dúvida a esse respeito. Calculei também o alinhamento do cinturão de Órion, elaborado por Badawy e Trimble, com os novos dados que Gantenbrink me forneceu sobre a inclinação da chaminé sul da Câmara do Rei. Ele mediu um ângulo de exatamente 45°, ao passo que Badawy e Trimble haviam trabalhado com a medição ligeiramente menos precisa de Flinders Petrie, de 44° 30'. Os novos dados permitiram que eu refinasse a data fornecida por Badawy e Trimble para o alinhamento. O que descobri foi que a chaminé apontava diretamente para Al Nitak, a mais baixa das três estrelas do cinturão, que cruzou o meridiano à latitude de 45° por volta do ano 2475 a.C.

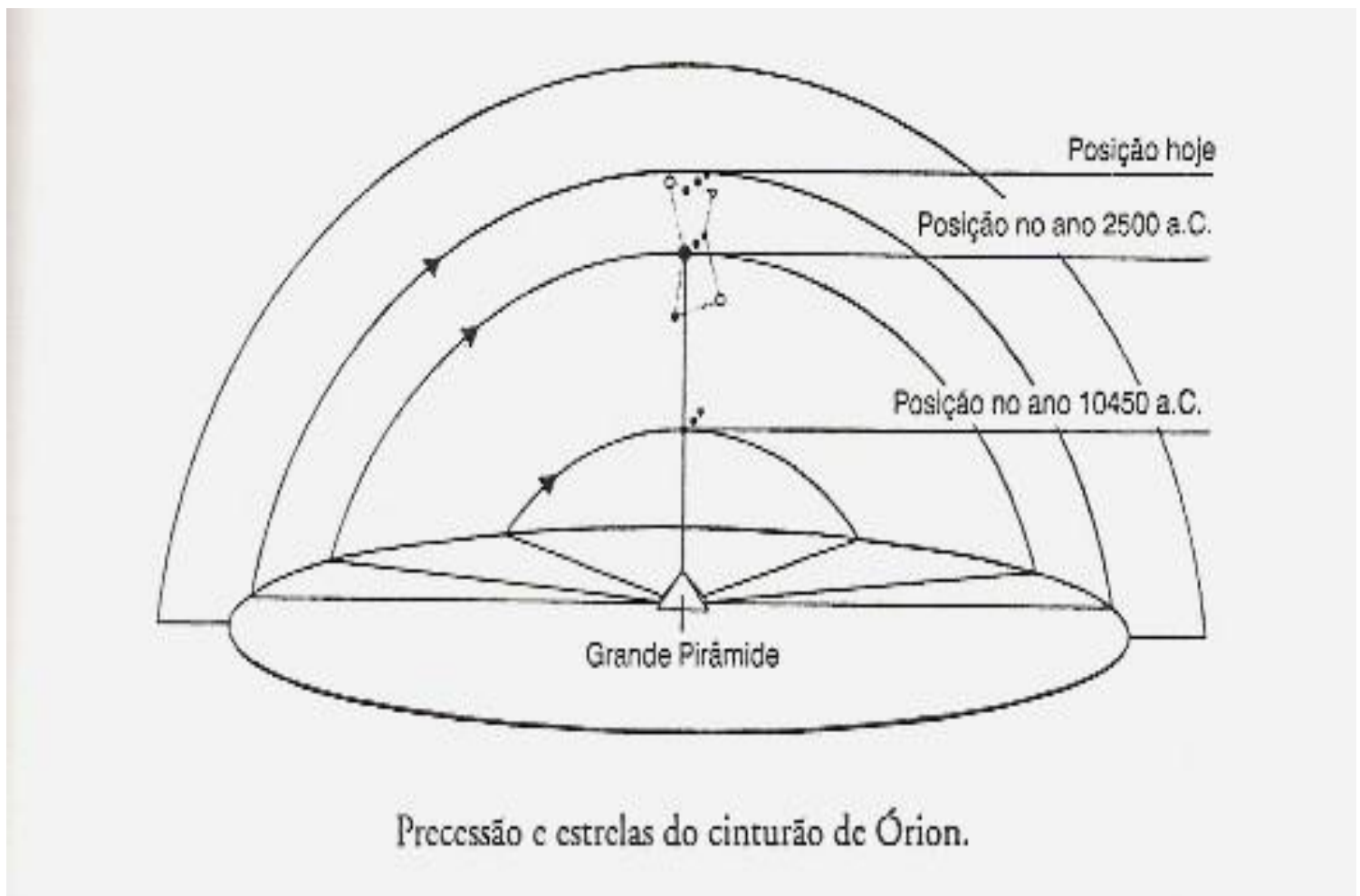
Até esse ponto, as conclusões de Bauval se encaixavam bem nos limites cronológicos estabelecidos por egiptólogos ortodoxos, que normalmente datavam a construção da Grande Pirâmide por volta do ano 2520 a.C. No mínimo, os alinhamentos que os arqueoastrônomos haviam descoberto sugeriam que as chaminés tinham sido construídas *um pouco mais tarde*, e não mais cedo, do que o conhecimento convencional admitia.

Como já sabe o leitor, contudo, Bauval fez também outra descoberta, de natureza muito mais inquietante. Mais uma vez, ela dizia respeito às estrelas do cinturão de Órion:

Elas estão inclinadas numa diagonal na direção sudoeste, em comparação com o eixo da Via Láctea, enquanto que as pirâmides estão inclinadas ao longo de uma diagonal, também na direção sudoeste, mas em comparação com o eixo do Nilo. Se olharmos atentamente em uma noite escura, veremos que a menor das estrelas, a que fica na parte mais alta, que os árabes chamam de Mintaka, fica ligeiramente deslocada para leste da principal diagonal formada pelas outras duas. Esse padrão é reproduzido no chão, onde vemos que a Pirâmide de Menkaure está deslocada exatamente o mesmo volume a leste da principal diagonal formada pela Pirâmide de Khafre (que representa a estrela do meio, Al Nilam), e a Grande Pirâmide, que representa Al Nitak. É realmente muito claro que todos esses monumentos foram projetados de acordo com um plano de sítio arqueológico unificado, que tomou como modelo, com precisão extraordinária, essas três estrelas... O que eles fizeram em Gizé foi construir, no solo, o cinturão de Órion.

Mas havia ainda mais. Usando um programa sofisticado de computador, capaz de plotar mudanças induzidas pela precessão nas declinações de todas as três estrelas visíveis no céu em qualquer parte do mundo, em qualquer época, Bauval descobriu que a

correlação Pirâmides/cinturão de Órion era geral e óbvia em todas as épocas, mas específica e exata em apenas uma:



No ano 10450 a.C. - e apenas nessa data -, descobrimos que a disposição das pirâmides no solo constituía um reflexo perfeito da disposição das estrelas no céu. Quero dizer, havia uma identidade *perfeita* - impecável - que não podia ser um acaso, porque todo arranjo descreve corretamente eventos celestiais muito estranhos que ocorreram apenas naquele tempo. Em primeiro lugar, e puramente por acaso, a Via Láctea, como era visível em Gizé no ano 10450 a.C., reproduzia exatamente o curso meridional do Vale do Nilo; em segundo, a oeste da Via Láctea, as três estrelas do cinturão de Órion estavam na altitude mais baixa do ciclo precessional, com Al Nitak, a estrela representada pela Grande Pirâmide, cruzando o meridiano a $11^{\circ} 8'$.

O leitor já sabe como a precessão axial da terra faz com que o nascer do sol no equinócio vernal migre ao longo da faixa do zodíaco durante um ciclo de cerca de 26.000 anos. O mesmo fenômeno afeta também a declinação de todas as estrelas visíveis, produzindo, no caso da constelação de Órion, mudanças muito lentas, mas importantes em altitude. Dessa maneira, de seu ponto mais alto no trânsito do meridiano ($58^{\circ} 11'$ acima do horizonte Sul, como visto a partir de Gizé), Al Nitak precisa de 13.000 anos para descer ao ponto baixo, registrado pela última vez no ano 10450 a.C., isto é, imortalizado em pedra no platô de Gizé - isto é, $11^{\circ} 8'$. Passando-se mais 13.000 anos, o cinturão de estrelas sobe lentamente, até que Al Nitak volta a $58^{\circ} 11'$. Em seguida, durante os próximos 13.000 anos, as estrelas cairão mais uma vez para $11^{\circ} 8'$. Esse ciclo é eterno: 13.000 anos para cima, 13.000 anos para baixo, 13.000 para cima, 13.000 para baixo, para sempre.

A configuração precisa de 10.450 anos a.C. é o que vemos no platô de Gizé como se um mestre-arquiteto tivesse chegado aqui naquela época e resolvido traçar no chão um mapa imenso, utilizando uma mistura de aspectos naturais e artificiais. Ele usou o curso meridional do Vale do Nilo para mostrar a Via Láctea, tal como lhe parecia na ocasião. Construiu as três pirâmides para representar as três estrelas, exatamente como elas pareciam nessa época. E colocou-as exatamente na mesma relação com o Vale do Nilo que as três guardavam então com a Via Láctea. Foi uma maneira muito inteligente, muito ambiciosa, muito exata de marcar uma época - congelar uma determinada data em uma obra de arquitetura, se quiserem...

Os Primeiros Tempos

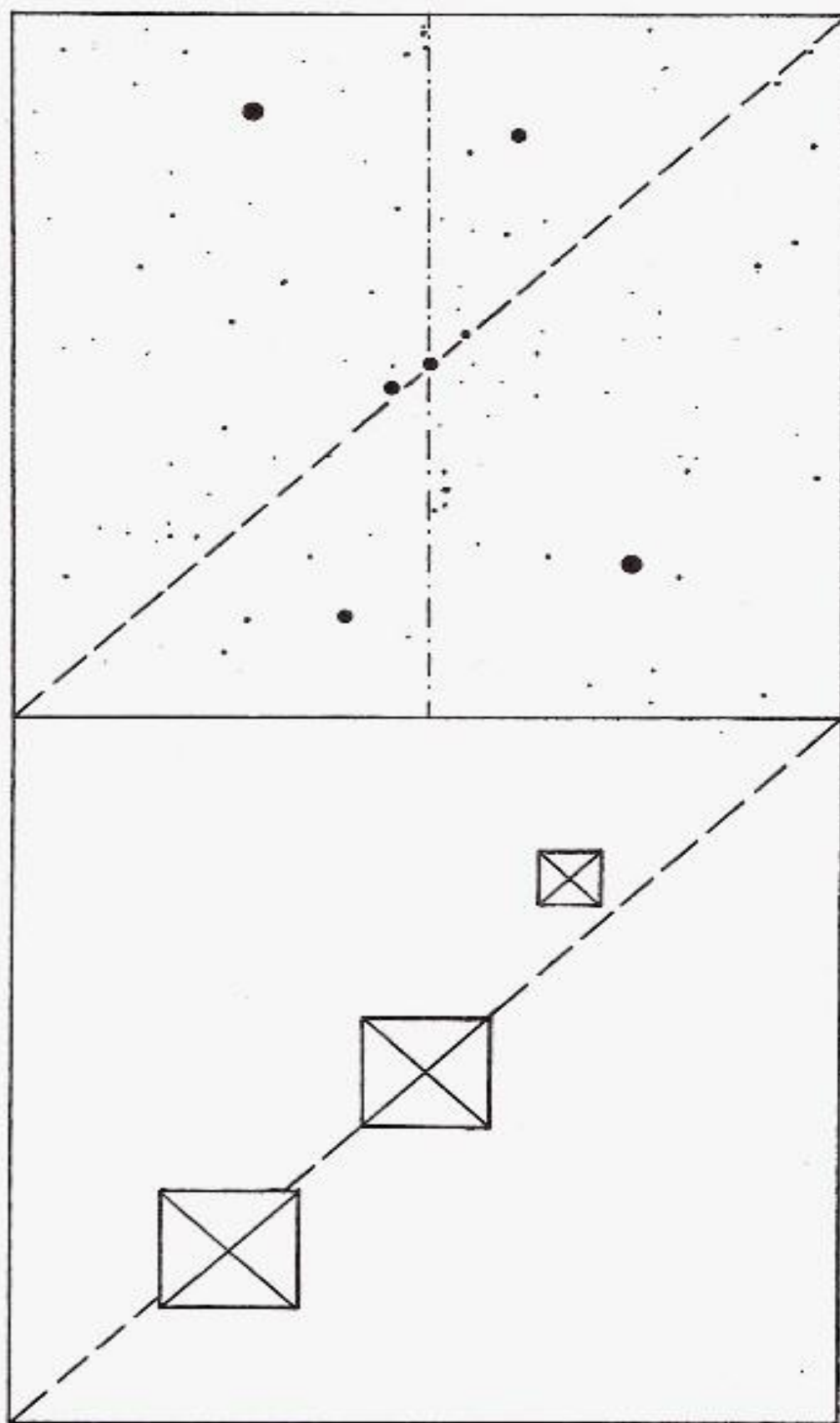
Eu achei complicadas e misteriosas as implicações da correlação de Órion.

Por outro, as chaminés sul da Grande Pirâmide "ligavam precessionalmente" o monumento a Al Nitak e a Sírius no período 2475-2400 a.C., datas estas que coincidiam perfeitamente com a época em que egiptólogos diziam que ela fora construída.

Por outro lado, a disposição de todas as três pirâmides em relação ao Vale do Nilo indicava eloqüentemente a data muito mais antiga de 10.450 anos a.C. Este número coincidia com os achados geológicos controversos de John West e Robert Schoch em Gizé, que sugeriam a presença de uma civilização muito avançada no Egito no undécimo milênio a.C. Além do mais, a disposição das pirâmides no terreno não fora feita por qualquer processo aleatório ou acidental, parecendo ter sido deliberadamente escolhida, porque marcava um fato precessional importante: o ponto mais baixo, o início, dos Primeiros Tempos no ciclo "para cima" de 13.000 anos de Órion.

Eu sabia que Bauval acreditava que esse evento astronômico esteve ligado simbolicamente aos míticos Primeiros Tempos, de Osíris - os tempos dos deuses, quando a civilização supostamente chegou ao vale do Nilo - e que seu raciocínio para chegar a essa conclusão baseava-se na mitologia do Egito antigo, que liga diretamente Osíris à constelação de Órion (e Ísis com a de Sírius).

Teriam os arquétipos históricos de Osíris e Ísis chegado aqui nos Primeiros Tempos, há 12.500 anos? Minha pesquisa sobre as mitologias da Era Glacial me haviam convencido de que certas idéias e lembranças podiam perdurar na psique humana durante muitos milênios, transmitidas de uma geração a outra pela tradição oral. Eu, portanto, não conseguia ver razões *prima facie* porque a mitologia de Osíris, com suas características estranhas e anômalas, não devia ter tido origem em data tão remota quanto 10450 a.C.



A pirâmide e as estrelas do cinturão de Órion, no ano 10450 a.C., vista meridiana.

Não obstante, foi a civilização do Egito dinástico que elevou Osíris ao *status* de poderoso deus da ressurreição. Essa civilização era uma daquelas que teve poucas precursoras conhecidas e nenhuma delas, ao que se sabia, de modo algum na época remota do undécimo milênio a.C. Se a mitologia de Osíris havia sido transmitida ao longo de 8.000 anos, portanto, que cultura fora responsável por isso? E teria sido essa cultura também responsável por ambos os alinhamentos astronômicos que se provou que as pirâmides representam: 10450 a.C. e 2450 a.C.?

Estas eram algumas das perguntas que eu pensava fazer a Robert Bauval, à sombra das pirâmides. Santha e eu combinamos encontrá-lo, ao amanhecer, no Templo Mortuário de Khafre, de modo que pudéssemos os três observar o sol nascer sobre a Esfinge.

A Plataforma

Situado ao lado da face leste da Segunda Pirâmide, o Templo Mortuário, que se encontra na maior parte em ruínas, era um lugar fantasmagórico, cinzento e frio a essa hora. E como John West sugerira durante nossa conversa em Lúxor, pouca dúvida podia haver de que o templo enquadrava-se no mesmo estilo de arquitetura severo, imponente, destituído de decoração que o mais conhecido Templo do Vale. Ali, de qualquer modo, estavam os blocos enormes, pesando 200 toneladas ou mais cada. E ali estava também a mesma atmosfera intangível de grande antiguidade e de uma inteligência que despertava, como se alguma epifania estivesse para acontecer. Até mesmo em seu estado atual, dilapidada, em escombros, essa estrutura anônima, que os egiptólogos chamam de Templo Mortuário, era ainda um local de poder, que parecia extrair sua energia de uma época muito distante no passado.

Ergui a vista para a enorme massa da face leste da Segunda Pirâmide, imediatamente atrás de nós, à luz pérola-acinzentada do amanhecer. Mais uma vez, como observara John West, havia muita

coisa a sugerir que ela pudesse ter sido construída em dois estágios diferentes. As carreiras mais baixas, até uma altura de talvez 12m, consistem principalmente de megálitos ciclóticos de pedra calcária, tais como os encontrados nos templos. Acima dessa altura, contudo, o restante do gigantesco núcleo da pirâmide é formado de blocos muito menores, pesando cerca de duas a três toneladas cada (tal como a maioria dos blocos da Grande Pirâmide).

Teria havido um tempo em que uma *plataforma* megalítica de seis hectares e 40m de altura existira ali na "colina de Gizé", a oeste da Esfinge, cercada apenas por estruturas quadradas e retangulares anônimas, tais como os Templos do Vale e Mortuário? Em outras palavras, era possível que as carreiras mais baixas da Segunda Pirâmide pudessem ter sido assentadas *primeiro*, antes das outras pirâmides - talvez muito tempo antes, em uma era muito anterior?

O culto

Essas dúvidas persistiam em minha mente quando chegou Robert Bauval. Após uma troca de algumas frases banais geladas sobre o tempo - um vento frio do deserto soprava pelo platô -, perguntei:

- Como é que você explica esse furo de oito mil anos em suas correlações?

- Furo?

- Isso mesmo, chaminés que parecem alinhadas com o ano 2450 a.C. e um plano de sítio arqueológico que mapeia as posições de estrelas no ano 10450 a.C.

- Na verdade, há duas explicações, ambas fazendo algum tipo de sentido - respondeu Bauval -, e acho que a solução tem que ser uma ou outra... Ou as pirâmides foram projetadas como um tipo de "relógio estelar" para assinalar duas épocas especiais, 1450 e 10450 a.C., caso em que não podemos dizer realmente *quando* elas foram construídas. Ou foram construídas a mais...

- Pare no primeiro ponto - interrompi. - O que é que você quer dizer com "relógio estelar"? E que não podemos saber quando elas foram construídas?

- Bem, vamos supor, por um momento, que os construtores da pirâmide conheciam a precessão. Vamos supor que fossem capazes de calcular retroativa e antecipadamente a declinação de grupos estelares particulares, exatamente como podemos fazer hoje com computadores... Supondo que pudessem fazer isso, pouco importa em que época tenham vivido, eles teriam sido capazes de construir um modelo de como seriam os céus sobre Gizé nos anos 10450 e 2450 a.C., exatamente como poderíamos fazer hoje. Em outras palavras, se construíram as pirâmides no ano 10450 a.C., não teriam dificuldade em calcular os ângulos corretos de inclinação das chaminés sul, de tal modo que elas ficariam apontadas para Al Nitak e Sírius por volta do ano 2450 a.C. De idêntica maneira, se tivessem vivido no ano 2450 a.C., nenhuma dificuldade haveria em calcular o plano correto do sítio para refletir a posição do cinturão de Órion no ano 10450 a.C. Concorda?

- Concordo.

- Muito bem. Essa é uma das explicações. A segunda, porém, que é a que prefiro... e que penso que a prova geológica também confirma... é que toda a necrópole de Gizé foi projetada e construída em um período imensamente longo de tempo. Acho mais do que possível que o local tenha sido originariamente planejado e plotado por volta do ano 10450 a.C., de modo que a geometria refletisse os céus como eram na época, mas que o trabalho foi completado, e alinhadas as chaminés da Grande Pirâmide, mais ou menos no ano 2450 a.C.

- De modo que você pode estar dizendo que o *plano do local* das pirâmides pode retroagir a 10450 a.C.?

- Acho que foi isso o que aconteceu. E acho que o centro geométrico do plano localizava-se mais ou menos onde estamos agora, em frente à Segunda Pirâmide...

Apontei para os grandes blocos das carreiras inferiores da imensa estrutura.

- Até *parece* que ela foi construída em dois estágios, por duas culturas inteiramente diferentes...

Robert Bauval deu de ombros.

- Vamos especular... Talvez não tenham sido duas culturas. Talvez tenha sido uma única cultura, ou *culto*... o culto de Osíris, talvez. Talvez fosse um culto de longuíssima duração, antiqüíssimo, dedicado a Osíris, que teria estado aqui no ano 10450 a.C. e também no ano 2450 a.C. Aconteceu, talvez, que a maneira como esse culto fazia as coisas mudou com o tempo. Talvez usassem blocos imensos no ano 10450 a.C. e blocos menores em 2450 a.C... Acho que há muita coisa aqui que dá sustentação a essa idéia, muita coisa que diz "um culto muito antigo", um bocado de provas que simplesmente nunca foram examinadas...

- Por exemplo?

- Bem, obviamente, os alinhamentos astronômicos do local. Fui dos primeiros a começar a estudar esse assunto a sério. E a geologia: o trabalho que John West e Robert Schoch fizeram na Esfinge. Temos aqui duas ciências... ambas práticas, empíricas, buscadoras de provas... que nunca foram aplicadas antes a esses problemas. Mas agora que passamos a usá-las, estamos começando a obter uma leitura inteiramente nova da antiguidade da necrópole. E penso honestamente que apenas arranhamos a superfície e que, no futuro, muito mais coisas emergirão da geologia e da astronomia. Além disso, ninguém realizou ainda um estudo realmente detalhado dos Textos da Pirâmide, de outra perspectiva que não a denominada "antropológica", o que significa uma idéia preconcebida de que os sacerdotes de Heliópolis formavam um bando de feiticeiros semi-civilizados, que queriam viver para sempre... Na verdade, eles, *de fato*, queriam viver para sempre, mas certamente não eram feiticeiros... Eram altamente civilizados, homens com alta *iniciação* e, à sua própria maneira, cientistas, pelo que podemos julgar à vista de seus trabalhos. Por isso mesmo, sugiro que é como documentos científicos ou, pelo menos, quase científicos, que os Textos da Pirâmide devem ser lidos, e não como uma algaravia sem sentido. Já estou convencido de que

eles estão de acordo com a parte da astronomia que trata da precessão. Mas pode haver também outras ciências em jogo: matemática, geometria - em especial a geometria... Simbolismo... Precisamos, na verdade, de um enfoque multidisciplinar para compreender os Textos da Pirâmide... e compreender as próprias pirâmides, incluindo astrônomos, matemáticos, geólogos, engenheiros, arquitetos, até mesmo filósofos para compreender o simbolismo - enfim, todos que possam trazer uma visão nova e novas perícias para o estudo desses importantes problemas devem ser encorajados a colaborar.

- Por que é que você acha que os problemas são tão importantes?

- Porque eles terão uma influência colossal sobre nossa compreensão do passado de nossa própria espécie. O planejamento e escolha do local, que parecem ter sido feitos aqui no ano 10450 a.C. só poderiam ter sido trabalho de uma civilização altamente desenvolvida, provavelmente tecnológica...

- Ao passo que ninguém supõe que uma civilização desse porte tenha existido em qualquer parte da terra nessa época...

- Exato. Isso foi na Idade da Pedra. Supostamente, a sociedade humana estava em um estado muito primitivo, nossos ancestrais cobriam-se com peles de animais, viviam em cavernas, seguiam o estilo de vida de caçadores, e assim por diante. Por isso mesmo, é altamente perturbador descobrir que parece ter vivido em Gizé, no ano 10450 a.C., um povo que compreendia muito bem a obscura ciência da precessão, que tinha capacidade técnica para descobrir que estavam olhando para o *ponto mais baixo* do ciclo de precessão de Órion - e, dessa maneira, o início da jornada ascendente de 13.000 anos da constelação - e que se dispõe a criar um memorial permanente a esse momento, aqui neste platô. Ao colocar no chão o cinturão de Órion, da maneira como o fizeram, eles sabiam que estavam congelando um momento muito específico no tempo.

Ocorreu-me um pensamento maldoso:

- De que maneira podemos ter tanta certeza de que o momento que estavam congelando era o ano 10450 a.C.? Afinal de contas o

cinturão de Órion assume essa mesma configuração no céu do sul, a oeste da Via Láctea, a onze e tantos graus acima do horizonte, a cada 26.000 anos. Se assim, por que eles não estavam immortalizando o ano 36450 a.C. ou mesmo o ciclo de precessão que começou 26.000 anos antes dessa data?

Robert estava evidentemente preparado para a pergunta.

- Alguns registros antigos sugerem realmente que a civilização egípcia tem raízes que retroagem a quase 40.000 anos - respondeu ele, pensativo -, como o estranho relato em Heródoto sobre o sol nascendo onde antes se punha e se pondo onde antes nascia...

- O que é também uma metáfora sobre a precessão...

- Isso mesmo. Mais uma vez, a precessão. É muito estranha a maneira como ela continua sempre a aflorar... De qualquer modo, você tem razão, eles poderiam estar marcando o início do ciclo precessional *anterior*...

- E você pensa que estavam?

- Não. Acho que 10450 a.C. é a data mais provável. Está mais de acordo com o que sabemos sobre a evolução do *homo sapiens*. E embora deixe ainda um bocado de anos para explicar, antes do aparecimento do Egito dinástico por volta do ano 3000 a.C., não é um período tão longo assim...

- Tão longo para o quê?

- É a resposta para sua pergunta sobre o furo de oito mil anos entre o alinhamento do sítio arqueológico e o alinhamento das chaminés. Oito mil anos são um bocado de tempo, mas não tão longo para um culto dedicado, altamente motivado, ter preservado, alimentado e transmitido fielmente os grandes conhecimentos de um povo que inventou este lugar no ano 10450 a.C.

A Máquina

Até que ponto era avançado o conhecimento desses inventores pré-históricos?

- Eles conheciam suas épocas - respondeu Bauval - e o relógio que usaram foi o relógio natural das estrelas. A linguagem de trabalho que usavam era a astronomia precessional e esses monumentos expressam essa linguagem de uma maneira clara, inequívoca, científica. Eles foram também topógrafos altamente competentes... quero dizer, o povo que originariamente preparou o local e providenciou as orientações para as pirâmides porque trabalharam de acordo com uma geometria exata e porque sabiam como alinhar perfeitamente plataformas base, ou o que quer que construíssem, com os pontos cardeais.

- Você acha que eles sabiam também que estavam marcando o local da Grande Pirâmide na latitude trinta graus Norte?

Bauval soltou uma risada e disse:

- Tenho certeza de que sabiam. Acho que conheciam tudo sobre a forma da terra. Conheciam sua astronomia. Tinham uma boa compreensão do sistema solar e de mecânica celeste. Eram também incrivelmente exatos e precisos em tudo que faziam. De modo que, levado tudo em conta, não acredito que alguma coisa tenha acontecido aqui por acaso pelo menos não entre os anos 10450 e 2450 a.C. Tenho a impressão que tudo foi planejado, e intencional e cuidadosamente executado... Na verdade, tenho a impressão de que eles estavam cumprindo um objetivo à longo prazo... algum tipo de *finalidade*, se quiser, e que a levaram à fruição no terceiro milênio a.C...

- Sob a forma de pirâmides inteiramente construídas, que, em seguida, ancoraram precessionalmente a Al Nitak e a Sírius ao completar a obra?

- Sim. E também, acho, sob a forma dos Textos da Pirâmide. Meu palpite é que os Textos da Pirâmide fazem parte do enigma.

- O *software* para o *hardware* das Pirâmides?

- É bem possível. Por que não? De qualquer modo, é certo que existe uma conexão. Acho que o que isso significa é que, se queremos decodificar corretamente as pirâmides, vamos ter que usar os textos...

- Qual é o seu palpite? - perguntei. - Na sua opinião, qual pode ter sido realmente a finalidade dos construtores das pirâmides?

- Eles *não fizeram* isso porque queriam uma tumba eterna - respondeu com firmeza Bauval. - Em minha opinião, eles não tinham dúvida nenhuma de que viveriam eternamente. Eles fizeram isso... quem quer que o tenha feito... transmitiram o poder de suas idéias através de algo que, para todos os fins e finalidades, é eterno. Conseguiram criar uma força que é em si mesma funcional, contanto que a compreenda, e que essa força são as *perguntas* que ela desafia você a fazer. Meu palpite é que eles conheciam com perfeição a mente humana. Conheciam o jogo do ritual... Certo? Estou falando sério. Eles sabiam o que estavam fazendo. Sabiam que podiam iniciar pessoas, ainda no futuro distante, em sua maneira de pensar, mesmo que não pudessem estar presentes nesse momento. Sabiam que poderiam fazer isso criando uma máquina eterna, cuja função seria gerar perguntas.

Acho que devo ter dado uma impressão de perplexidade.

- As pirâmides são a máquina! - exclamou Bauval. - Na verdade, o todo da necrópole de Gizé. E olhe só para nós. O que estamos fazendo? Estamos fazendo perguntas. Estamos aqui, tremendo de frio, em uma hora atroz, observando o sol nascer, e estamos fazendo perguntas, um montão de perguntas, exatamente como fomos programados para fazer. Estamos nas mãos de verdadeiros magos, magos que sabiam que, com símbolos... os símbolos certos, com as perguntas certas... eles poderiam levá-lo a *iniciar-se por si mesmo*. Contanto, isto é, que você seja uma pessoa que faça perguntas. E se é, então, no minuto em que começa a fazer perguntas sobre a pirâmide, começa também a tropeçar numa série de respostas, que o

levam a outras perguntas, e então a mais respostas, até que, finalmente, você se inicia a si mesmo...

- Plantar a semente...

- Isso mesmo. Eles estavam plantando a semente. Acredite em mim, eles foram magos e conheciam o poder das idéias... Sabiam como fazer as idéias crescerem e desenvolver-se na mente das pessoas. E se você começa com essas idéias e segue o processo de raciocínio como eu fiz, você chega a coisas como Órion e ao ano 10450 a.C. Em suma, trata-se de um processo que se desenvolve por si mesmo. Quando ele penetra, quando se fixa no subconsciente, ocorre uma conversão voluntária. Uma vez penetre, você não pode nem mesmo resistir...

- Você está falando como se este culto de Gizé, o que quer que tenha sido, girando em torno da precessão, da geometria, das pirâmides e dos Textos da Pirâmide, ainda existisse.

- Em certo sentido, ainda existe - respondeu Robert. - Mesmo que o motorista não esteja mais no volante, a necrópole de Gizé é ainda uma máquina que foi projetada para provocar perguntas. - Interrompeu-se e apontou para o ápice da Grande Pirâmide, que Santha e eu havíamos escalado, nas horas mortas da noite, nove meses antes. - Olhe para aquele poder - continuou. - Cinco mil anos depois, ele ainda o captura. Envolve-o, queira você ou não... Força-o a iniciar um processo de raciocínio... força-o a aprender. No momento em que faz uma pergunta sobre esse poder, você pergunta também sobre engenharia, pergunta sobre geometria, pergunta sobre astronomia. De modo que ele o obriga a aprender alguma coisa sobre engenharia, geometria e astronomia e, gradualmente, você começa a compreender como esse poder é sofisticado, como devem ter sido incrivelmente inteligentes, competentes e cultos seus construtores, que o obrigam a fazer perguntas sobre a humanidade, sobre a história humana e, no fim, também sobre você mesmo. *Você quer descobrir.* Este é o poder da coisa.

A Segunda Assinatura

Sentados no platô de Gizé naquela manhã fria de dezembro de 1993, Santha, Robert e eu observamos o sol de inverno, nesse momento muito próximo do solstício, erguendo-se sobre o ombro direito da Esfinge, quase tão ao sul do leste como viajaria em sua jornada anual antes de voltar novamente ao norte.

A Esfinge é um marco equinocial, com o olhar dirigido exatamente para o ponto em que o sol nasce no equinócio vernal. Faria isso, também, parte do "plano-mestre" de Gizé?

Lembrei a mim mesmo que, em qualquer época, e em qualquer período da história ou da pré-história, o olhar da Esfinge, voltado diretamente para leste, estaria *sempre* fixado no nascimento equinocial do sol tanto no equinócio vernal quando no outonal. Como o leitor certamente se lembrará pelo que leu na Parte V, contudo, o equinócio vernal era o que o homem antigo considerava como o marco da era astronômica. Ou, nas palavras de Santillana e Von Dechend:

A constelação que subia no leste, pouco antes de o sol aparecer, marcava o "lugar" onde o sol dormia. (...) A constelação era conhecida como a "transportadora" do sol e o equinócio vernal era reconhecido como o ponto firme do 'sistema', que determina o primeiro grau do ciclo anual do sol. (...)

Por que um marco equinocial foi construído com a forma de um gigantesco leão?

Em nosso próprio tempo, o ano 2000 d.C., uma forma mais conveniente de tal marco - se alguém quisesse construí-lo - seria a representação de um peixe. Isso porque o sol, no equinócio vernal, nasceu contra o fundo estelar de Peixes, como tem feito por aproximadamente os últimos 2.000 anos. A era astronômica de Peixes começou por volta do tempo de Cristo. Os leitores terão que julgar por

si mesmos se é uma coincidência que o principal símbolo usado para Cristo pelos cristãos mais antigos não foi a cruz, mas o peixe.

Na era precedente, que em termos gerais abrange o primeiro e segundo milênios a.C., cabia à constelação de Áries - o carneiro - a honra de transportar o sol no equinócio vernal. Mais uma vez, os leitores têm que julgar se é uma coincidência que a iconografia religiosa daquela época fosse predominantemente orientada para o carneiro. Seria uma coincidência, por exemplo, que lavé, o Deus de Israel do Velho Testamento, tenha fornecido um carneiro como substituto de Isaac, o filho que Abraão ofereceu em sacrifício? (Estudiosos da Bíblia e arqueólogos supõem que Abraão e Isaac viveram em princípios do segundo milênio a.C.) Seria igualmente coincidência que carneiros, em um ou outro contexto, sejam mencionados em quase todos os livros do Velho Testamento (composto inteiramente durante a Era de Áries), mas em nenhum livro do Novo Testamento? E seria um acaso que o advento da Era de Áries, pouco antes do início do segundo milênio a.C., fosse acompanhado, no Egito antigo, por um recrudescimento da adoração do deus Amon, cujo símbolo era um carneiro com chifres encurvados? O trabalho de construção do principal santuário de Amon - o Templo de Karnak, em Lúxor, no alto Egito - começou por volta do ano 2000 a.C. e, como se lembrarão aqueles que o visitaram, seus principais ícones são carneiros, longas filas dos quais guardam as entradas.

A predecessora imediata da Era de Áries foi a Era de Taurus - o Touro -, que cobriu o período entre os anos 4380 e 2200 a.C. E foi durante essa época precessional, quando o sol no equinócio vernal nascia na constelação de Touro, que floresceu o culto do Touro na Creta minóica. Durante essa época, igualmente, a civilização do Egito dinástico explodiu na cena histórica, inteiramente formada, aparentemente sem antecedentes. Os leitores têm de julgar se foi uma coincidência que os egípcios, no próprio início de seu período dinástico, já estivessem venerando os touros Ápis e Mnevis - sendo o primeiro considerado uma teofania do deus Osíris e, o último, o animal sagrado de Heliópolis, uma teofania do deus Rá.

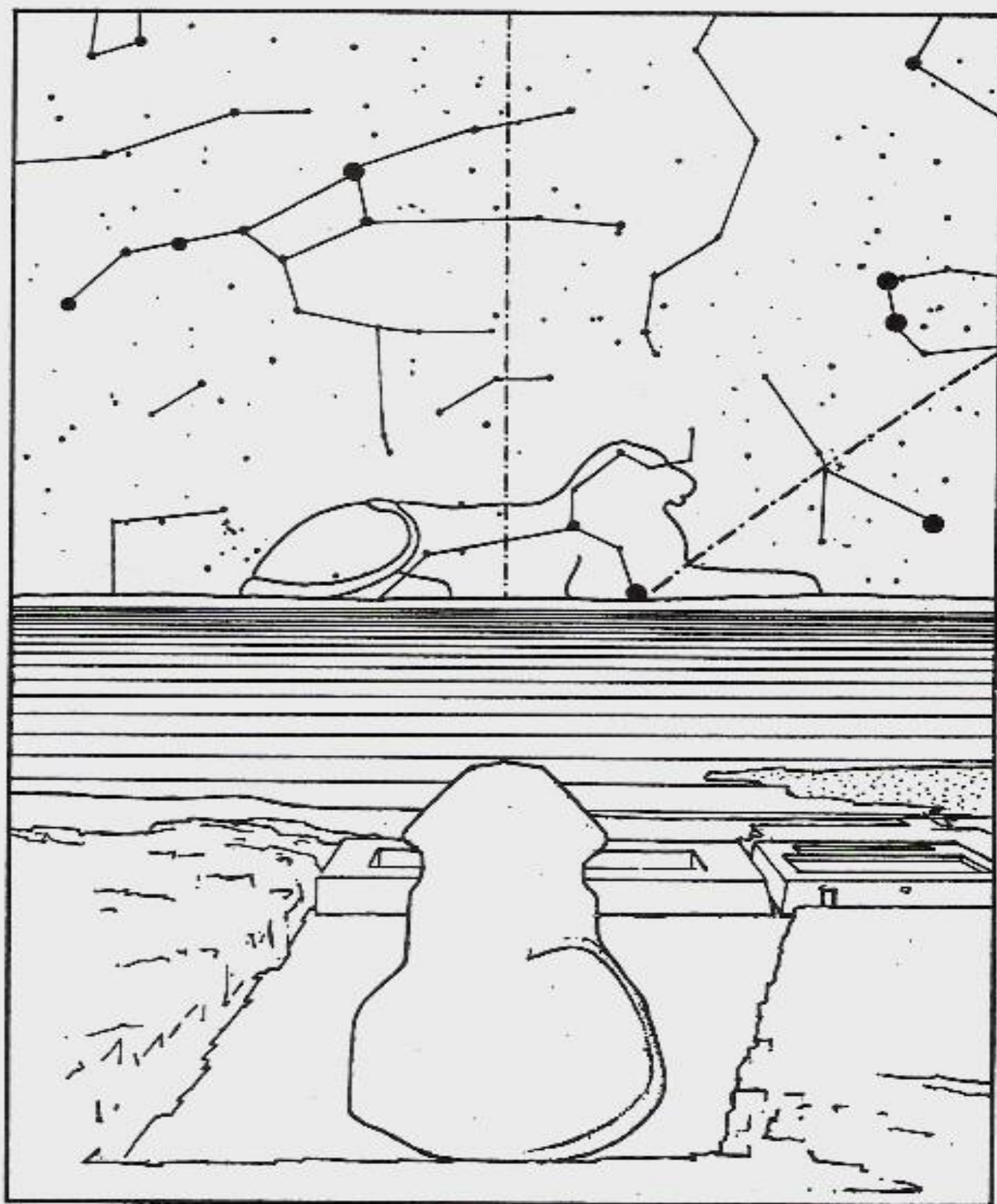
Por que teria um marco equinocial sido construído na forma de um leão?

Khafre, o faraó da Quarta Dinastia que os egiptólogos acreditam tenha mandado esculpir o monumento no leito rochoso, por volta do ano 2500 a.C., foi um monarca da Era de Touro. Durante quase 1.800 anos antes de seu reinado, e mais de 300 anos depois, o sol nasceu no equinócio vernal, sem o menor desvio, na constelação de Touro. Segue-se que se um monarca em tal época tivesse resolvido criar um marco equinocial em Gizé, ele teria todas as razões para mandar esculpi-lo com a forma de um touro, e nenhuma para fazer isso na forma de um leão. Na verdade, e é óbvio, só houve uma *única* época em que o simbolismo celeste de um marco equinocial leonino teria sido apropriado. A época, claro, foi a Era do Leão, de 10.970 a 8.810 anos a.C.

Por que, então, deveria um marco equinocial ter sido construído com a forma de um leão? Por que foi construído durante a Era do Leão, quando o sol no equinócio vernal nascia contra o fundo estelar da constelação do Leão, marcando, dessa maneira, as coordenadas de uma época precessional que não experimentaria o "Grande Retorno" antes de mais 26.000 anos?

Por volta do ano 10450 a.C., as três estrelas do cinturão de Órion atingiram o ponto mais baixo em seu ciclo precessional: a oeste da Via Láctea, 11° 8' acima do horizonte sul no trânsito do meridiano. No terreno a oeste do Nilo, esse evento foi congelado em arquitetura sob a forma das três pirâmides de Gizé. A disposição delas no local formava a assinatura de uma época inconfundível de tempo precessional.

Mais ou menos no ano 10450 a.C., o sol, no equinócio vernal, nasceu na constelação do Leão. No chão, em Gizé, esse fato foi congelado em arquitetura sob a forma da Esfinge, um marco equinocial gigantesco, leonino, que, tal como a segunda assinatura em um documento oficial, poderia ser considerado como uma confirmação de autenticidade.



Olhando diretamente para leste ao amanhecer, no equinócio vernal, no ano 10450 a.C.
A Esfinge e a constelação do Leão.

O undécimo milênio a.C., em outras palavras, logo depois de ter quebrado o "Moinho do Céu", mudando o nascer do sol no equinócio de primavera, de Virgem para a constelação do Leão, foi a única época em que a Esfinge, voltada diretamente para leste, teria manifestado exatamente o alinhamento simbólico correto, exatamente no dia certo - observando o sol vernal nascer no céu do amanhecer contra o pano de fundo de sua própria contrapartida celeste...

Forçando a Questão

- Não pode ser uma coincidência que um alinhamento tão perfeito do terrestre e do celeste ocorra por volta do ano 10.450 a.C. - disse Robert. - Na verdade, não acredito que coincidência esteja ainda em questão. Para mim, a verdadeira pergunta é: *por quê?* Por que foi feito isso? Por que eles tiveram tanto trabalho para formular essa enorme declaração sobre o undécimo milênio a.C.?
- Obviamente, porque era uma ocasião importante para eles - sugeriu Santha.
- A declaração devia ter sido muito, muitíssimo importante. Ninguém faz nada assim, ninguém cria uma série de imensos marcos precessionais como esses, esculpe uma Esfinge, constrói três pirâmides que pesam 15 milhões de toneladas, a menos que tenha uma razão imensamente importante. De modo que a pergunta é: *que razão era essa?* Eles forçaram a pergunta formulando essa declaração forte, imperativa, no ano 10450 a.C., mais ou menos. Realmente, eles forçaram a pergunta. Queriam chamar nossa atenção para o ano 10450 a.C. e cabe a nós descobrir a razão. Ficamos calados durante algum tempo, enquanto o sol subia no céu a sudeste da Grande Esfinge.

Parte VIII

Conclusão

Onde Está o Corpo?

CAPÍTULO 50

Procurando Agulha em Palheiro

Alguns meses após ter iniciado este estudo, meu assistente de pesquisa me enviou uma carta de quinze páginas, explicando por que resolvera pedir as contas. Nesse estágio, eu não havia ainda começado a reunir as peças do quebra-cabeça e trabalhava mais por palpite do que baseado em prova sólida. Sentia-me atraído por todos os mistérios, anomalias, anacronismos e enigmas e queria descobrir tanta coisa quanto pudesse sobre o assunto. Meu pesquisador, enquanto isso, estivera estudando os processos demorados, lentos, através dos quais algumas civilizações *conhecidas* tinham ingressado na história.

Havia, na opinião dele, certas precondições econômicas, climáticas, topográficas e geográficas importantes, que tinham de ser atendidas, antes que uma civilização pudesse emergir:

De modo que, se o senhor está à procura de uma civilização até agora desconhecida de grandes criadores, que a construíram sozinhos, separada de todas as demais que já conhecemos, *o senhor não está procurando por agulha em palheiro*. Está procurando por alguma coisa mais parecida como uma cidade dentro do palheiro. O que o senhor está procurando é uma enorme região que ocupou uma área de terra de, pelo menos, uns 3.200km de largura. Esta seria uma massa de terra tão grande quanto o golfo do México, ou duas vezes o tamanho de Madagáscar. Ela teria possuído grandes cadeias de montanhas, imensas bacias hidrográficas e um clima, de mediterrâneo para subtropical, protegido pela latitude contra os efeitos prejudiciais de

esfriamento climático a curto prazo. E ela teria necessitado que esse clima relativamente estável durasse pelo menos dez mil anos... Em seguida, a população, de várias centenas de milhares de sofisticados habitantes, teríamos que acreditar, desapareceu de repente, juntamente com a terra, deixando pouquíssimos vestígios físicos, restando apenas alguns sobreviventes, sabidos o suficiente para notar que o fim estava próximo, eram bastante ricos e se encontravam no lugar certo, com os recursos de que necessitavam, para poder fazer alguma coisa que lhes permitisse escapar do cataclismo.

De modo que, lá estava eu sem pesquisador. Minha proposição era, *a priori*, insustentável. Não poderia haver uma civilização perdida avançada, porque uma massa de terra grande o suficiente para sustentar tal civilização era grande demais para ser perdida.

Impossibilidades Geofísicas

O problema era grave e continuou a me atanzar a mente através de todas as minhas pesquisas e viagens. E foi na verdade esse exato problema, mais do que qualquer outro, que desmoralizou a lenda da Atlântida, de que falou Platão, como tema sério de estudos. Ou, como disse um crítico da teoria do continente perdido:

Nunca houve uma ponte continental atlântica desde o aparecimento do homem no mundo; não há uma massa continental submersa no Atlântico; o oceano Atlântico deve ter existido, em sua forma atual, por pelo menos um milhão de anos. Na verdade, é uma impossibilidade geofísica que a Atlântida de Platão tenha existido no Atlântico...

Esse tom inflexível, dogmático, como eu tinha aprendido muito tempo antes, era inteiramente justificado. Oceanógrafos modernos mapearam exaustivamente o leito do oceano Atlântico e, definitivamente, nenhum continente perdido existe nesse local.

Mas, se a prova que eu estava coletando representa, de fato, as impressões digitais de uma civilização desaparecida, um continente devia ter se perdido *em algum lugar*.

Se assim, onde? Durante algum tempo, usei a hipótese de trabalho óbvia de que ele poderia estar sob algum outro oceano. O Pacífico era muito grande, mas o oceano Índico parecia mais promissor, porque se localizava relativamente próximo do Crescente Fértil do Oriente Médio, onde haviam emergido várias das civilizações históricas conhecidas mais antigas, com uma subitaneidade extrema, por volta do ano 3000 a.C. Eu tinha planos de ir verificar a verdade de boatos sobre pirâmides antigas nas ilhas Maldivas e ao longo da costa somali da África Oriental, em busca de algumas pistas sobre um paraíso perdido da antiguidade. Pensei que poderia mesmo incluir uma viagem às Seychelles.

O problema era, novamente, os oceanógrafos. O leito do oceano Índico fora também mapeado e nele não havia sido encontrado quaisquer continentes perdidos. O mesmo se aplicava aos outros oceanos e a todos os mares. Parecia não haver agora lugar nenhum sob água, onde uma massa de terra suficientemente grande para ter abrigado uma civilização avançada pudesse ter desaparecido.

Ainda assim, à medida que prosseguia nas pesquisas, continuavam a aumentar as provas de que uma civilização desse tipo existira no passado. Comecei a desconfiar que poderia ter sido uma civilização marítima: uma nação de navegantes. Em apoio a essa hipótese, entre outras anomalias, havia os notáveis mapas antigos do mundo, os "Barcos da Pirâmide", no Egito, os vestígios de conhecimentos astronômicos avançados no espantoso sistema de calendário dos maias e as lendas de deuses ligados ao mar, como Quetzalcoatl e Viracocha.

Uma nação de navegantes, então. E de construtores, também: construtores de Tiahuanaco, construtores de Teotihuacán, construtores de pirâmides, construtores da Esfinge, construtores que podiam, com aparente facilidade, erguer e assentar blocos de 200 toneladas de pedra calcária e alinhar enormes monumentos, com uma

precisão sobrenatural, com os pontos cardeais. Quem quer que fossem, esses construtores aparentemente deixaram suas impressões digitais em todo o mundo, sob a forma de ciclópicas obras de cantaria poligonais, de plotação de sítios arqueológicos que envolviam alinhamentos astronômicos, enigmas matemáticos e geodésicos, e mitos sobre deuses em forma humana. Mas uma civilização avançada o suficiente para construir estruturas desse porte - suficientemente rica, suficientemente bem organizada e madura para ter explorado e mapeado o mundo de um pólo a outro, uma civilização suficientemente inteligente para ter calculado as dimensões da terra - simplesmente *não* podia ter evoluído em uma massa de terra insignificante. A terra natal dessa gente, como observara corretamente meu pesquisador, devia ter sido abençoada com grandes cadeias de montanhas, imensas bacias hidrográficas e um clima ameno, além dos muitos outros pré-requisitos ambientais óbvios para o desenvolvimento de uma economia avançada e próspera: boas terras agrícolas, recursos minerais, florestas, etc.

Se assim, onde essa massa de terra poderia ter se localizado, se não sob um dos oceanos do mundo?

Anjos de Biblioteca

Onde ela poderia ter se localizado e *quando* poderia ter desaparecido? E se tinha desaparecido (desde que nenhuma outra explicação serviria), então *como, porque e em que circunstâncias*?

Falando sério, como é que podemos perder um continente?

O bom senso sugeria que a resposta deveria estar em um cataclismo de algum tipo, uma calamidade planetária capaz de varrer quase todos os vestígios físicos de uma grande civilização. Mas, se assim, por que não havia registros desse cataclismo? Ou, quem sabe, havia? Enquanto dava prosseguimento às pesquisas, estudei muitos dos grandes mitos de dilúvio, fogo, terremotos e eras glaciais, passados de uma geração a outra em todo o mundo. Vimos na Parte IV que era

difícil resistir à conclusão de que os mitos descreviam eventos geológicos e climáticos reais, com toda possibilidade com efeitos locais diferentes, em todos os casos, dos *mesmos eventos*.

Durante a curta história da presença da humanidade neste planeta, descobri que só havia uma única catástrofe conhecida e documentada que se encaixava: o derretimento espetacular e letal da última Era Glacial, entre os anos 15000 e 8000 a.C. Além do mais, como acontecia de forma mais óbvia nos casos de relíquias arquitetônicas, como Teotihuacán e as pirâmides do Egito, muitos dos mitos relevantes pareciam ter sido compostos para servir como veículos de informação científica codificada, o que era mais uma indicação daquilo que eu estava começando a considerar como "impressões digitais de deuses".

Eu tinha me tornado especialmente sensível, embora não compreendesse devidamente as implicações na época, à possibilidade de que uma forte ligação pudesse existir entre o caos destruidor da Era Glacial e o desaparecimento de uma civilização arcaica, que fora a matéria-prima de lendas durante milênios.

E foi nesse momento que os anjos de biblioteca fizeram seu aparecimento...

A Peça que Faltava no Quebra-Cabeça

O romancista Arthur Koestler, que sentia um grande interesse por sincronicidade, cunhou a expressão "anjo de biblioteca" para descrever a entidade desconhecida responsável por afortunadas descobertas que pesquisadores fazem, e que fazem exatamente com que a informação certa lhes caia nas mãos exatamente no momento certo.

Exatamente no momento certo, uma dessas oportunidades afortunadas se abriu para mim. Esse momento ocorreu no verão de 1993. Eu me encontrava na fossa, física e espiritualmente, após meses de viagens difíceis, e a impossibilidade geofísica de *perdermos*

realmente uma massa de terra do tamanho de um continente estava começando a minar minha confiança na solidez de minhas descobertas. Nessa ocasião, recebi uma carta enviada de Nanaimo, na Colúmbia Britânica, Canadá. A carta referia-se a meu livro anterior, *The Sign and the Seal*, no qual mencionei, de passagem, a teoria da Atlântida e as tradições de heróis civilizadores que haviam sido "salvos da água":

19 de julho de 1993.

Prezado Sr. Hancock,

Após 17 anos de pesquisas sobre o destino final da Atlântida, minha esposa e eu concluímos um livro intitulado *When the Sky Fell* (*O dia em que o céu caiu*). Nossa frustração é que a despeito das respostas positivas sobre o enfoque usado no livro, dos poucos editores que o leram, a simples menção da Atlântida fecha a mente das pessoas.

No *The Sign and the Seal*, o senhor escreve sobre "uma tradição de sabedoria secreta, iniciada pelos sobreviventes de um dilúvio...". Nosso trabalho estuda locais onde alguns sobreviventes poderiam ter se estabelecido. Lagos de alta altitude de água doce constituiriam bases ideais pós-dilúvio para os sobreviventes da Atlântida. O lago Titicaca e o lago Tana [na Etiópia, que serviu de cenário à grande parte do *The Sign and the Sea*] atendem aos critérios climáticos. O ambiente estável desses locais proporcionou as matérias-primas para o reinício da agricultura.

Tomamos a liberdade de anexar à presente um esboço do *When the Sky Fell*. Se estiver interessado, teremos prazer em lhe enviar uma cópia dos originais.

Sinceramente,
Rand Flem-Ath

Examinei o material anexo e nele, nos primeiros parágrafos, encontrei a peça que faltava do quebra-cabeça que estivera procurando. Ela se encaixava, perfeita, nos mapas globais antigos que eu estudara - mas que descreviam acuradamente a *topografia subglacial* do continente da Antártida (ver Parte I). A peça conferia sentido a todos os grandes mitos mundiais sobre cataclismo e calamidade planetárias, com seus diferentes efeitos climáticos. Explicava o enigma dos números imensos dos mamutes "subitamente congelados" no norte da Sibéria e no Alasca, e as árvores frutíferas de 27m de altura encerradas no gelo eterno, bem dentro do Círculo Ártico, em uma latitude onde agora nada cresce. Fornecia uma solução para o problema da subitaneidade extrema com que se derreteu a última Era Glacial no hemisfério Norte, após o ano 15000 a.C. Solucionava também o mistério da excepcional atividade vulcânica em todo o mundo que acompanhou o degelo. Dava também resposta à pergunta "Como se perde um continente?". E se baseava solidamente na teoria do "deslocamento da crosta terrestre", de Charles Hapgood - uma hipótese geológica radical, que eu já conhecia:

A Antártida é o nosso continente menos compreendido [escreveu Flem-Aths no resumo do livro]. A maioria de nós supõe que essa imensa ilha foi coberta pelo gelo durante milhões de anos. Novas descobertas, porém, provam que partes da Antártida estiveram livres de gelo *há milhares de anos*, o que é história recente pelo relógio geológico. A teoria do "deslocamento da crosta terrestre" explica o misterioso aumento e redução do imenso lençol de gelo da Antártida.

O que os pesquisadores canadenses estavam mencionando era a sugestão de Hapgood de que, até o fim da última Era Glacial - digamos, no undécimo milênio a.C. -, a massa terrestre da Antártida estivera posicionada a cerca de 3.200km mais ao norte (em uma latitude amena e temperada) e que se deslocara para sua atual posição, dentro do Círculo Antártico, como resultado de um deslocamento maciço da crosta da terra. Esse deslocamento,

continuavam os Flem-Aths, havia deixado também outras provas de sua visita letal em um anel de morte em volta do globo. Todos os continentes em que ocorreu extinção rápida e maciça de espécies animais (notadamente nas Américas e na Sibéria) sofreram mudanças enormes em suas latitudes...

As conseqüências de um deslocamento são monumentais. A crosta terrestre ondula por cima da parte interna e o mundo é abalado por incríveis terremotos e inundações. O céu parece cair, enquanto continentes gemem e mudam de posição. Nas profundezas do oceano, os terremotos geram enormes maremotos, que se chocam contra as costas, inundando-as. Algumas terras mudam de posição para climas mais quentes, enquanto outras, empurradas para as zonas polares, sofrem os piores invernos. O derretimento das calotas de gelo eleva cada vez mais o nível dos oceanos. Todas as coisas vivas têm que se adaptar, migrar ou morrer...

Se o horror do deslocamento da crosta terrestre acontecesse no mundo interdependente de hoje, o progresso de milhares de anos seria arrancado de nosso planeta como se fosse uma fina teia de aranha. Os que vivem próximos de altas montanhas poderiam, talvez, escapar dos maremotos globais, mas eles seriam obrigados a deixar, nas terras baixas, os frutos lentamente acumulados da civilização. Só nas marinhas mercante e de guerra do mundo poderia restar alguma evidência de civilização. Os cascos que se enferrujavam de navios e submarinos acabariam finalmente, mas os mapas valiosos que eles conduziam seriam salvos e conservados pelos sobreviventes, talvez por centenas ou mesmo milhares de anos, até que a humanidade, mais uma vez, pudesse navegar pelo oceano mundial em busca de terras perdidas...

Enquanto lia essas palavras, lembrei-me da descrição de Charles Hapgood, de como a camada de terra que os geólogos chamam de litosfera - a crosta externa delgada mas rígida de nosso planeta - poderia ser às vezes deslocada, movendo-se como uma peça só "sobre o corpo interior mole, de forma muito parecida como a casa de

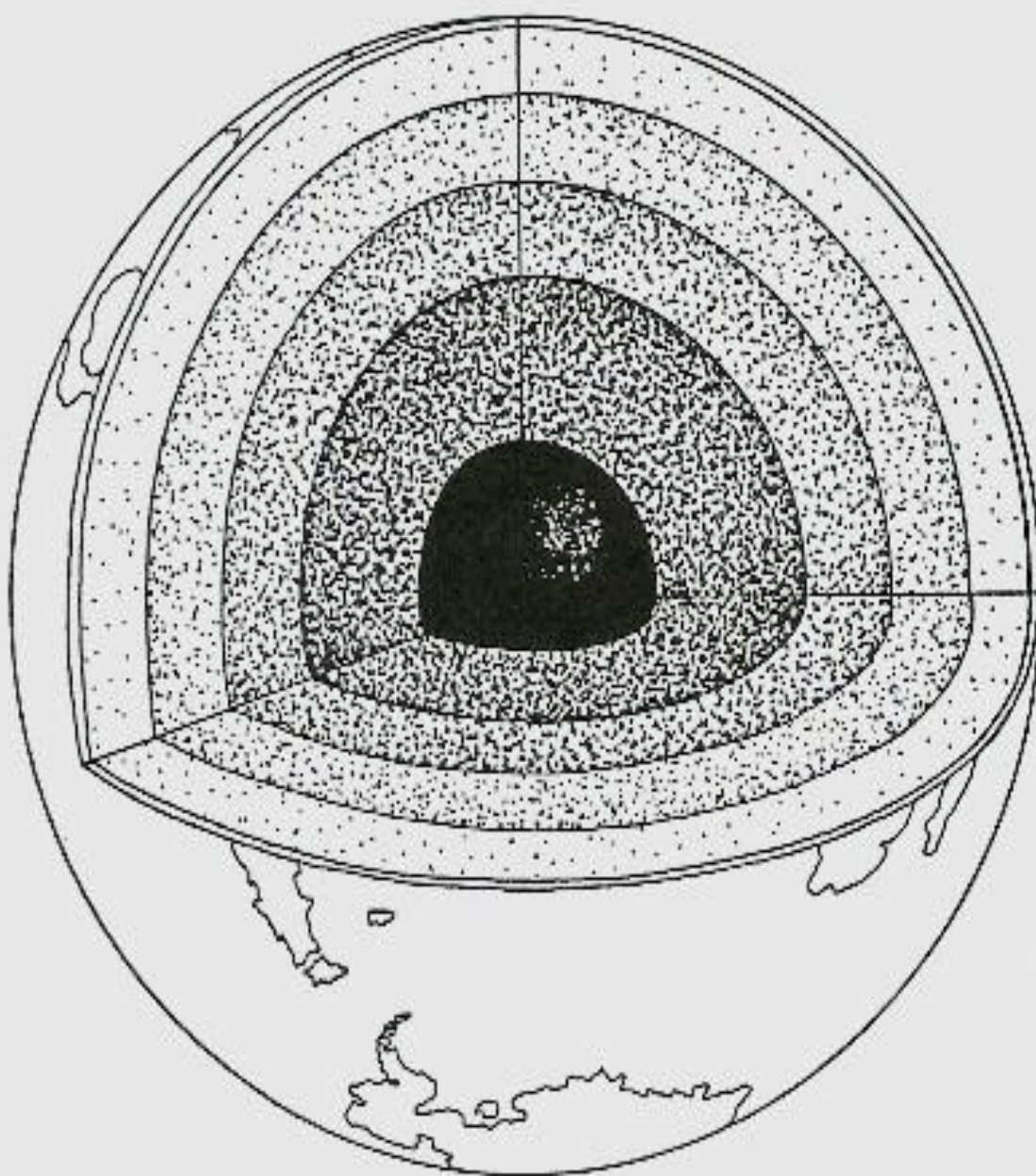
uma laranja, se ela se soltasse, poderia deslizar, como uma peça só, sobre a parte interna da frutas".

Até esse momento, eu me sentia em terreno conhecido, Mas, em seguida, os pesquisadores canadenses fizeram duas conexões vitais, que eu não havia percebido.

Influências Gravitacionais

A primeira delas era a possibilidade de que influências *gravitacionais* (bem como variações na geometria orbital da terra, discutidas na Parte V) pudessem, através do mecanismo de deslocamento da crosta, desempenhar um papel no desencadeamento e declínio das Eras Glaciais:

Quando, em 1837, o naturalista e geólogo Louis Agassiz apresentou a idéia de Era Glaciais à comunidade científica, ela foi recebida com grande ceticismo. Não obstante, à medida que provas se acumulavam em seu apoio, os céticos foram obrigados a aceitar que a terra havia, na verdade, caído nas garras de invernos letais. O gatilho dessas Eras Glaciais paralisantes, porém, permaneceu um enigma. Só em 1976 é que surgiu prova sólida sobre os períodos em que ocorreram esses fenômenos. A explicação foi encontrada em várias características astronômicas da órbita terrestre e na inclinação de seu eixo. Fatores astronômicos desempenharam claramente um papel importante no tocante à ocasião em que ocorreram as Eras Glaciais. Mas esse é apenas parte do problema. De igual importância foi a *geografia* da glaciação. E é aqui que a teoria de deslocamento da crosta terrestre desempenha papel importante na solução do mistério.



Corte transversal da terra. A teoria do deslocamento da crosta sugere a possibilidade de deslocamentos periódicos de toda a crosta, em uma única peça. Tendo freqüentemente menos de 50km de espessura, a crosta repousa sobre uma camada lubrificante, conhecida como astenosfera.

Albert Einstein investigou a possibilidade de que o peso dos lençóis de gelo, que não são simetricamente distribuídos em torno dos pólos, possa causar tal deslocamento. Escreveu ele: "A rotação da terra atua sobre essas massas assimetricamente depositadas e produz impulso

centrífugo, que é transmitido à crosta rígida do planeta. O aumento constante do impulso centrífugo produzido dessa maneira dará origem, quando atingir certo ponto, a um movimento da crosta sobre o corpo interno, que *deslocará as regiões polares para a região do equador.*”

Quando Einstein escreveu essas palavras [1953], as causas astronômicas das Eras Glaciais não eram bem compreendidas. Quando a forma da órbita da terra se desvia de um círculo perfeito em mais de 1%, a influência gravitacional do sol aumenta, exercendo mais atração sobre o planeta e suas maciças calotas de gelo. Esse peso enorme pressiona a crosta, e essa pressão imensa, combinada com a maior inclinação do eixo da terra [outro fator mutável da geometria orbital], força crosta a deslocar-se...

Estaria aí a ligação entre o início e o fim das Eras Glaciais?

Muito claro.

Em um deslocamento, as partes da crosta situadas nos pólos Norte e Sul (e que estão, por conseguinte, tão cobertas de gelo como acontece hoje na Antártida) mudam de repente para latitudes mais quentes e começam a derreter com extraordinária rapidez. Reciprocamente, terra que estivera até então localizada em latitudes mais quentes é deslocada com igual rapidez para as zonas polares, sofrendo uma devastadora mudança de clima, e começa a desaparecer sob uma calota de gelo que avança rapidamente.

Em outras palavras, quando partes imensas do norte da Europa e da América do Norte estavam na maior parte cobertas de gelo, no que consideramos como a última Era Glacial, isso não acontecia por causa de algum fator climático de ação lenta, mas sim porque essas áreas de terra estavam na ocasião situadas muito mais perto do pólo Norte do que hoje. Analogamente, quando as glaciações Wisconsin e Wurm, descritas na Parte IV, iniciaram o derretimento por volta do ano 15000 a.C., o fato desencadeante não foi uma mudança global do clima, mas um deslocamento das calotas de gelo para latitudes mais quentes...

Em outras palavras: uma Era Glacial está acontecendo neste exato instante - dentro do Círculo Ártico e *na Antártida*.

O Continente Perdido

A segunda ligação estabelecida pelos Flem-Aths era uma consequência lógica da primeira: se havia um fenômeno geológico recorrente, cíclico, como o deslocamento da crosta terrestre, e se o último empurrara a enorme massa de terra que chamamos de Antártida para fora de latitudes temperadas e para dentro do Círculo Antártico, é possível que restos substanciais de uma civilização perdida da antiguidade remota possam estar hoje sob 3,2km de gelo no pólo Sul.

Tornou-se subitamente claro para mim como uma massa de terra de dimensões continentais, que fora o lar de uma grande e próspera sociedade durante milhares de anos, podia perder-se quase sem deixar vestígios. "É para a gelada Antártida que temos de olhar para encontrar respostas sobre as próprias raízes da civilização - respostas que talvez ainda estejam preservadas nas profundezas congeladas da esquecida ilha-continente."

Puxei dos arquivos o pedido de demissão de meu pesquisador e comecei a verificar suas precondições para o aparecimento de uma civilização adiantada. Ele queria "grandes cadeias de montanhas". Queria "imensas bacias hidrográficas". Queria uma região vasta que ocupasse uma região de pelo menos uns 3.200km de largura. E também um clima estável, ameno, durante milhares de anos, a fim de dar tempo a uma cultura desenvolvida para evoluir.

A Antártida não é, de maneira nenhuma, uma agulha num palheiro. É uma gigantesca massa de terra, muito, mas muito maior do que o golfo do México, cerca de sete vezes maior do que Madagáscar - na verdade, aproximadamente do tamanho dos Estados Unidos continentais. Além disso, como levantamentos sísmicos demonstraram, há grandes cadeias de montanhas na Antártida. E

como vários mapas antigos parecem provar, cartógrafos pré-históricos desconhecidos, que possuíam compreensão científica de latitude e longitude, desenharam essas cordilheiras *antes* que desaparecessem sob a calota de gelo que as cobre hoje. Esses mesmos antigos mapas mostram também "imensas bacias hidrográficas" descendo das montanhas, irrigando extensos vales e planícies e desembocando no oceano vizinho. E esses rios, como eu já sabia pelos núcleos-testemunhos extraídos do leito do mar de Ross, haviam deixado prova física de sua presença na composição dos sedimentos do fundo do oceano.

Por último, mas não de menor importância, notei que a teoria de deslocamento da crosta terrestre não colidia com os requisitos de 10.000 anos de clima estável. Antes do suposto deslocamento súbito da crosta, por volta de fins da última Era Glacial no hemisfério Norte, o clima da Antártida teria sido estável, talvez por um período muito mais longo do que 10.000 anos. E se a teoria estava certa, ao sugerir que a latitude da Antártida naquela época era de cerca de 3.200km (30 graus do arco) mais ao norte do que hoje, suas regiões setentrionais deveriam ter-se situado nas vizinhanças da latitude de 30° sul, e, por conseguinte, teria desfrutado um clima de mediterrâneo a subtropical. Teria a crosta terrestre realmente se deslocado? E poderiam as ruínas de uma civilização perdida estar realmente sob o gelo do continente sul?

Conforme veremos nos capítulos seguintes, poderiam ter estado... e ainda estar lá.

CAPÍTULO 51

O Martelo e o Pêndulo

Embora esteja além da intenção deste livro, uma exposição detalhada da teoria do deslocamento da crosta terrestre pode ser encontrada no *When the Sky Fell*, de Rand e Rose Flem-Ath (publicado pela Stoddart, Canadá, 1995).

Conforme notado antes, essa teoria geológica foi formulada pelo professor Charles Hapgood e validada por Albert Einstein. Em resumo, o que ela sugere é um deslizamento completo da litosfera, de cerca de 50km de espessura de nosso planeta, sobre os quase 10.800km do núcleo central, empurrando grandes regiões do hemisfério ocidental para o equador e daí para o Círculo Ártico. Esse movimento não é considerado como tendo acontecido ao longo do meridiano verdadeiro norte-sul, mas num curso rotativo - girando, por assim dizer, em torno das planícies centrais do que são hoje os Estados Unidos. O resultado foi que o seguimento nordeste da América do Norte (no qual se localizou antes o pólo Norte, precisamente na baía de Hudson) foi puxado do Círculo Ártico para o sul e para regiões mais temperadas, ao mesmo tempo que o segmento noroeste (Alasca e Yukon) girava para o norte e penetrava no Círculo Ártico, juntamente com grandes regiões do norte da Sibéria.

No hemisfério Sul, o modelo de Hapgood mostra a massa de terra que hoje denominamos de Antártida - grande parte dela se situara antes em latitudes temperadas ou mesmo quentes - sendo empurrada *inteiramente* para o Círculo Antártico. O movimento geral é considerado como tendo ocorrido na região de 30 graus (aproximadamente 3.200km) e se concentrado, quase todo, entre os anos 14500 a.C. e 12500 a.C. - embora com maciços choques secundários em escala planetária, que continuaram a intervalos muito separados até cerca de 9500 anos a.C.

Suponhamos que, antes do deslocamento da crosta, uma grande civilização tenha se desenvolvido na Antártida, quando grande parte dela se localizava em latitudes verdes e amenas. Se isso aconteceu, essa civilização poderia ter sido facilmente destruída pelos efeitos do deslocamento: maremotos, ventos com força de furacões, tempestades elétricas, erupções vulcânicas, quando falhas sísmicas se abriram por todo o planeta, céus escuros e expansão implacável dos lençóis de gelo. Além do mais, à medida que se sucediam os milênios, as ruínas deixadas para trás - as cidades, os monumentos,

as grandes bibliotecas e as obras de engenharia da civilização destruída - teriam sido ainda mais sepultadas sob o manto de gelo.

Pouco motivo de espanto há, portanto, se a teoria do deslocamento da crosta está certa, que tudo que possa ser encontrado hoje, espalhado pelo mundo, sejam as impressões digitais desafiadoras dos deuses. Estas seriam os vestígios, os ecos, de obras e atos, os ensinamentos muito mal-interpretados e as estruturas geométricas deixadas pelos poucos sobreviventes da antiga civilização da Antártida, que conseguiram cruzar os oceanos em grandes navios e se estabeleceram em terras distantes: no Vale do Nilo, por exemplo (ou talvez, inicialmente, em volta do lago Tana, nas cabeceiras do Nilo Azul), no Vale do México e nas proximidades do lago Titicaca, nos Andes - e, sem dúvida, também em várias outras partes do mundo.

Aqui e ali em volta do globo, em outras palavras, as *impressões digitais* de uma civilização perdida continuam obscuramente visíveis. O *corpo* está escondido, sepultado sob 3.200km de gelo da Antártida e quase tão inacessível para o arqueólogo como se estivesse localizado no lado oculto da lua.

Será isso fato?

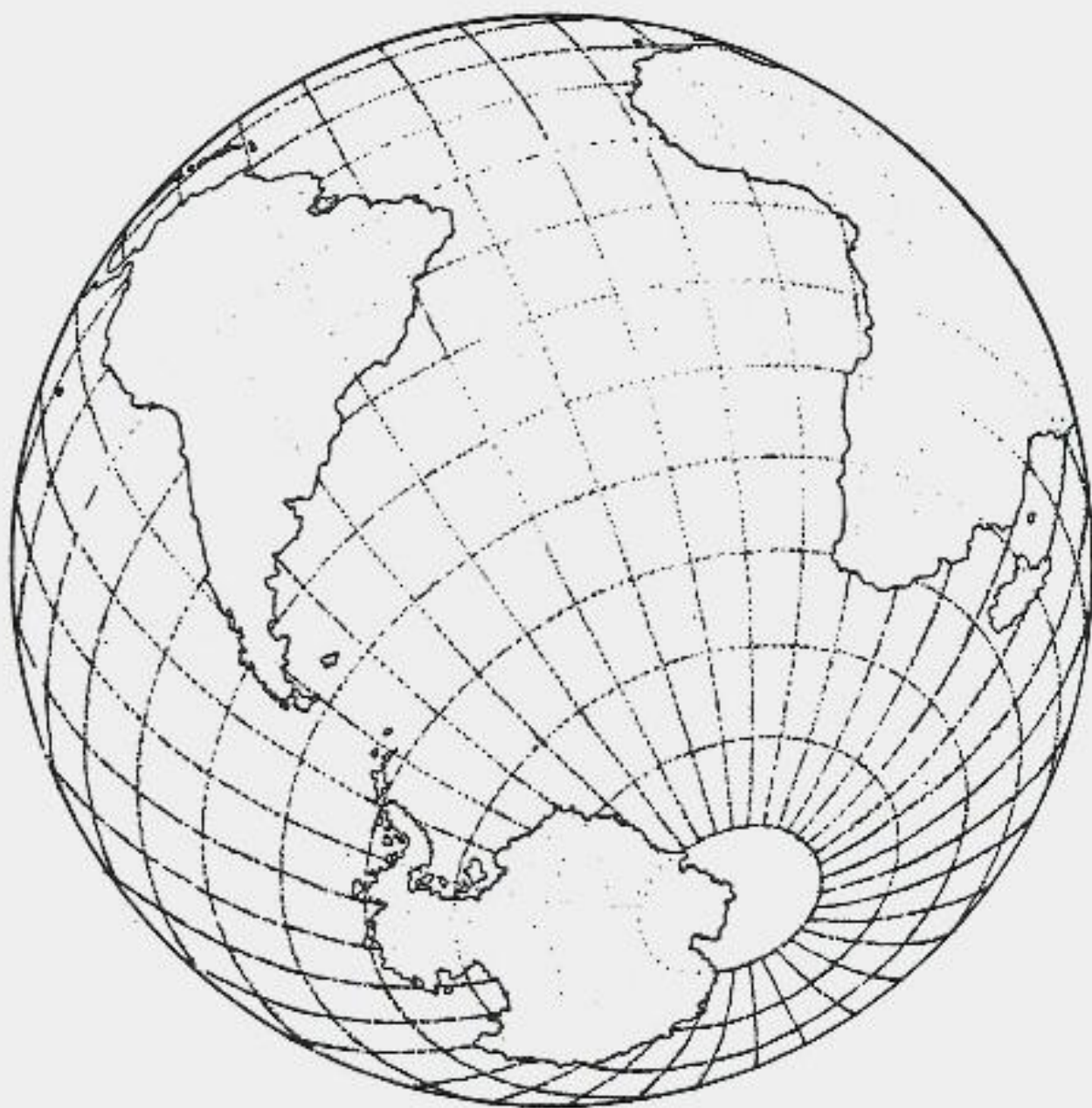
Ou ficção?

Possibilidade?

Ou impossibilidade?

Seria uma *possibilidade* ou *impossibilidade* geofísica que a Antártida, o quinto maior continente do mundo (com uma superfície de quase 15,5 milhões de km²), pudesse: a) ter se situado outrora em uma zona mais temperada e b) ter sido deslocado dessa zona e penetrado no Círculo Antártico nos últimos 20.000 anos?

A Antártida poderia ser movida?



De acordo com a teoria do deslocamento da crosta da terra, grandes extensões da Antártida estiveram situadas fora do Círculo Polar Antártico antes do ano 15000 a.C. e, por isso, poderiam ter sido habitadas, possuindo clima e recursos apropriados ao desenvolvimento de uma civilização. Um escorregamento catastrófico da crosta mudou em seguida o continente para a posição que ocupa hoje — bem no centro do Círculo Antártico.

Um Deserto Polar Destituído de Vida

"Deslizamento continental" e/ou de "placas tectônicas" são expressões típicas usadas para descrever uma importante teoria geológica que se tornou cada vez mais compreendida pelo público geral desde a década de 1950. Não precisamos descer a detalhes aqui sobre os mecanismos básicos envolvidos. Mas quase todos nós sabemos que os continentes "flutuam" de alguma maneira, relocalizam-se e mudam de posição na superfície da terra. O bom senso confirma o fato seguinte: se olharmos para um mapa da costa oeste da África e da costa leste da América do Sul, torna-se muito claro que essas duas massas de terras estiveram outrora ligadas. A escala temporal segundo a qual opera o deslizamento continental é, contudo, imensa: pode-se tipicamente esperar que continentes flutuem e se separem (ou se juntem) a uma taxa de não mais de 3.200km a cada 200 milhões de anos, mais ou menos. Ou, em outras palavras, bem, bem devagar.

O deslizamento de placas tectônicas e o deslocamento da crosta terrestre de que fala a teoria de Charles Hapgood não são, em absoluto, contraditórios. Achava Hapgood que ambos podiam acontecer: que a crosta da terra realmente exhibe sinais de deslizamento continental, como alegam os geólogos - que ocorre quase imperceptivelmente, ao longo de centenas de milhões de anos - , mas que experimentou também ocasionalmente deslocamentos muito rápidos em uma peça só, que não teve efeitos sobre as relações *entre* massas de terra separadas, mas que lançaram continentes inteiros (ou partes deles) para dentro ou para fora das duas zonas polares fixas do planeta (as regiões perenemente frias e geladas que cercam os pólos Norte e Sul do eixo de rotação).

Deslizamento continental?

Deslocamento da crosta da terra?

Ambos?

Alguma outra causa?

Honestamente, não sei. Não obstante, os fatos sobre a Antártida são de fato estranhos e difíceis de explicar, sem invocarmos alguma idéia de mudança súbita, catastrófica e geologicamente recente.

Antes de revisarmos esses fatos, lembremo-nos que estamos nos referindo a uma massa de terra hoje orientada pela curvatura da terra, de tal modo que o sol jamais nasce sobre ela durante os seis meses de inverno e nunca se põe durante os seis meses de verão (mas, sim, se visto do pólo, permanece baixo, um pouco acima do horizonte, parecendo seguir uma trajetória circular em torno do céu durante cada 24 horas de luz).

A Antártida é também, de longe, o continente mais frio do mundo, onde as temperaturas na planície polar podem cair para 89,2 graus abaixo de zero. Embora as áreas costeiras sejam ligeiramente mais quentes (60 graus centígrados abaixo de zero) e abrigue números imensos de colônias de aves marinhas, não há mamíferos nativos na região, que conta apenas com uma pequena comunidade de plantas tolerantes ao frio, capazes de sobreviver aos demorados períodos inverniais de escuridão total ou quase total. Laconicamente, a *Encyclopedia Britannica* dá uma lista dessas plantas: "Líquens e hepáticas, fungos, fermentos, algas e bactérias..."

Em outras palavras, embora maravilhosa de se observar no longo amanhecer de antípoda, a Antártida é um deserto polar, gelado, implacável, quase sem vida, como vem acontecendo durante todo o período "histórico" de 5.000 anos da humanidade.

Mas teria sido sempre assim?

Prova 1

Revista Discover the World of Science, fevereiro de 1993, página 17: Há cerca de 260 milhões de anos, durante o Período Permiano, árvores decíduas adaptadas a um clima quente cresciam na Antártida. Esta é a conclusão a que estão chegando paleo-botânicos, à vista de

um grupo de troncos fossilizados de árvores, descobertos a uma altitude de cerca de 2.000m, no monte Achnar, nas montanhas transantárticas. O local se situa a 84° 22' sul, a cerca de 800km ao norte do pólo Sul.

O interessante na descoberta é que se trata realmente da única floresta, viva ou fóssil, encontrada a 80 ou 85 graus de latitude", disse a paleobotânica Edith Taylor, da Ohio State University, que estudou as árvores fósseis. "A primeira coisa que nós, paleo-botânicos, fazemos é procurar alguma coisa nos anais modernos que seja comparável, e não há hoje floresta que cresça nessa latitude. Podemos ir aos trópicos e encontrar árvores crescendo em um ambiente quente, mas não podemos encontrar árvores crescendo em um ambiente quente com o regime de luz que essas árvores tiveram: 24 horas de luz no verão e 24 horas de escuridão no inverno."

Prova 2

Geólogos nenhuma prova acharam de *qualquer* glaciação, em parte alguma do continente antártico, anterior ao Eoceno (há cerca de 60 milhões de anos). Se recuarmos ainda mais, até o Cambriano (há cerca de 550 milhões de anos), encontramos prova irrefutável de um mar quente, que se estendia quase ou inteiramente de um lado a outro da Antártida, sob a forma de pedras calcárias espessas, ricas em *Archaeocyathidae*, seres formadores de recifes: "Milhões de anos depois, quando essas formações marinhas apareceram acima do nível do mar, climas quentes geraram uma vegetação luxuriante na Antártida. Sir Ernest Shackleton, por exemplo, encontrou jazidas de carvão a 320km do pólo Sul, e, mais tarde, durante a expedição Byrd, em 1935, geólogos fizeram uma rica descoberta de fósseis nas altas encostas do monte Weaver, na latitude 86° 58' sul, mais ou menos à mesma distância do pólo Sul, e a uns 3.200 metros acima do nível do mar. Os fósseis incluíam impressões de folhas e talos e madeira fossilizada. Em 1952, o Dr. Lyman H. Dougherty, da Carnegie

Institution, em Washington, completando o estudo desses fósseis, identificou duas espécies de samambaias, de nome *Glossopteris*, outrora comuns nos continentes meridionais (África, América do Sul, Austrália) e uma gigantesca samambaia de outra espécie.

Prova 3

Comentário do almirante Byrd sobre a importância da descoberta feita no monte Weaver: "Aqui, na montanha mais ao sul conhecida no mundo, a pouco mais de 320km do pólo Sul, foi encontrada prova conclusiva de que o clima da Antártida foi outrora temperado ou mesmo subtropical".

Prova 4

"Cientistas soviéticos comunicaram ter encontrado prova de flora tropical na Terra de Graham, outra parte da Antártida, datando de princípios do Período Terciário (talvez do Paleoceno ou o Eoceno)... Prova adicional foi fornecida pela descoberta, por geólogos britânicos, de grandes florestas fósseis na Antártida, do mesmo tipo que crescia na costa do Pacífico dos Estados Unidos há 20 milhões de anos. Esse fato demonstra, claro, que após a glaciação mais antiga conhecida da Antártida, no Eoceno (há 60 milhões de anos), o continente não permaneceu glacial, mas teve períodos posteriores de clima quente."?

Prova 5

"No dia 25 de dezembro de 1990, os geólogos Barrie McKelvey e David Harwood estavam trabalhando a 1.830m acima do nível do mar e 400km do pólo Sul quando descobriram fósseis de uma floresta de faias decíduas meridionais, datando de dois a três milhões de anos".

Prova 6

Em 1986, a descoberta de madeira e plantas fossilizadas demonstrou que partes da Antártida podem ter estado livres do gelo até dois milhões e meio de anos atrás. Outras descobertas demonstraram que alguns locais no continente estiveram livres de gelo há 100 mil anos.

Prova 7

Conforme vimos na Parte I, núcleos-testemunhos sedimentares coletados no leito do mar de Ross, por uma das Expedições Byrd à Antártida, proporcionam prova conclusiva de que "grandes rios, transportando sedimentos de granulação fina", fluíram realmente por essa parte da Antártida até uma data tão recente quanto 4.000 anos a.C. De acordo com o relatório do Dr. Jack Hough, da Universidade de Illinois, "O registro do núcleo-testemunho N-5 mostra sedimentos marinhos glaciais, do presente até 6.000 anos no passado. No período de 6.000 a 15.000 anos, os sedimentos são de granulação fina, com exceção de um grânulo de cerca de 12.000 anos. Esse fato sugere ausência de gelo na área durante esse período, exceto, talvez, por um *iceberg* à deriva há 12.000 anos".

Prova 8

O mapa-múndi de Orontaeus Finnaeus, estudado na Parte I, descreve acuradamente o mar de Ross, como ele teria parecido se estivesse livre de gelo e, além disso, mostra as altaneiras cordilheiras costeiras da Antártida, com grandes rios descendo delas, onde hoje são encontradas apenas geleiras de 1.600m de espessura.

The Path of the Pole, de Charles Hapgood. 1970, p. 111 e ss.: "É raro que pesquisas geológicas recebam confirmação importante da arqueologia. Ainda assim, neste caso, parece que a questão da desglaciação do mar de Ross pode ser confirmada por um velho mapa

que, de alguma maneira, sobreviveu por muitos milhares de anos... O mapa foi descoberto e publicado em 1531 pelo geógrafo francês Oronce Fine [Orontaeus Finnaeus] e faz parte de seu mapa-múndi..... Foi possível provar a autenticidade desse mapa. Em vários anos de pesquisa, foi descoberta a projeção usada nesse antigo mapa. Descobriu-se que tinha se inspirado em uma sofisticada projeção cartográfica, com emprego de trigonometria esférica, e que era tão científico que mais de 50 locais no continente da Antártida foram encontrados, com uma precisão só alcançada pela moderna ciência cartográfica no século XIX. E, claro, quando o mapa foi publicado pela primeira vez, em 1531, nada, absolutamente, era conhecido sobre a Antártida. O continente só foi descoberto em tempos modernos, por volta de 1818, e só foi completamente mapeado após 1920.

Prova 9

O Mapa Buache, estudado também na Parte I, mostra acuradamente a topografia *subglacial* da Antártida. Aconteceu isso por acaso ou poderia o continente ter estado realmente livre de todo gelo em data suficientemente recente para que cartógrafos de uma civilização perdida o tivessem mapeado?

Prova 10

O reverso da medalha. Se as terras que se encontram atualmente dentro do Círculo Antártico foram outrora temperadas ou tropicais, o que dizer das terras dentro do Círculo *Ártico*? Teriam sido elas afetadas pelas mesmas mudanças espetaculares de clima, sugerindo que algum fator comum pudesse ter estado presente?

. Na ilha de Spitzbergen (Svalbard), folhas de palmeiras de 3m a 3,5m de comprimento foram fossilizadas, juntamente com crustáceos de um tipo que não poderia viver em águas tropicais. Esse fato sugere que,

em algum tempo, as temperaturas do oceano Ártico eram semelhantes às temperaturas ora encontradas na baía de Bengala ou no mar do Caribe. Spitzbergen fica a meio caminho entre a ponta norte da Noruega e o pólo Norte, em uma latitude de 80° norte. Hoje, navios só podem chegar a Spitzbergen através do gelo durante dois ou, no máximo, três meses durante o ano.

. Há forte prova fóssil de que moitas de ciprestes dos pântanos floresceram a 800km do pólo no Mioceno (entre 20 milhões e seis milhões de anos atrás), e que lírios-d'água existiam em Spitzbergen no mesmo período: "As floras típicas do Mioceno na Terra de Grinnell, Groenlândia, e Spitzbergen, requeriam, sem exceção, condições climáticas temperadas, com umidade abundante. Os lírios-d'água de Spitzbergen teriam requerido água corrente durante a maior parte do ano. Em conexão com a flora de Spitzbergen, é preciso compreender que a ilha permanece sob escuridão polar durante metade do ano. Situa-se no Círculo Ártico, tão ao norte do Labrador quanto o Labrador fica ao norte das Bermudas.

. Algumas das ilhas do oceano Ártico nunca foram cobertas pelo gelo durante a última Era Glacial. Na ilha de Baffin, por exemplo, a 1.445km do pólo Norte, restos de amieiro e bétula encontrados em turfa sugerem um clima muito mais quente do que hoje, há menos de 30.000 anos. Essas condições prevaleceram até 17.000 anos atrás: Durante a glaciação Wisconsin, houve um refúgio de clima temperado, em meio do oceano Ártico, para a flora e a fauna que não podiam sobreviver no Canadá e nos Estados Unidos.

. Cientistas russos concluíram que o oceano Ártico foi quente durante a maior parte da última Era Glacial. Um relatório dos professores universitários Saks, Belov e Lapina, cobrindo numerosas fases do trabalho oceanográfico que realizaram, destaca o período de cerca de 32.000 a 18.000 anos passados como um daqueles em que prevaleceram condições particularmente quentes.

. Conforme vimos na Parte IV; inúmeras espécies de mamíferos de sangue quente, adaptados a zonas temperadas, foram instantaneamente congelados e seus corpos preservados no gelo

eterno através de toda a imensa zona de morte que se estendeu do Yukon, passou por todo o Alasca e penetrou profundamente no norte da Sibéria. Parece que o grosso dessa destruição ocorreu durante o undécimo milênio a.C., embora tivesse havido um período anterior de extinção em larga escala, por volta do ano 13500 a.C.

. Vimos também (Capítulo 27) que a última Era Glacial terminou entre os anos 15000 e 8000 a.C., mas principalmente entre 14500 e 12500 a.C., com mais uma explosão de atividade extraordinariamente intensa no undécimo milênio a.C. Durante esse período, geologicamente curto, glaciação de até 3.200m de espessura, cobrindo milhões de quilômetros quadrados, e que tinha exigido mais de 40.000 anos para se formar, derreteu súbita e inexplicavelmente: Deve ser óbvio que essa situação não poderia ter sido resultado de fatores climáticos de ação lenta, que são geralmente usados para explicar as idades de gelo. (...) A rapidez da desglaciação sugere que algum fator extraordinário estava afetando o clima.

O Carrasco Gelado

Algum fator extraordinário estava afetando o clima...

Teria sido um único deslocamento de 30° da litosfera que acabou abruptamente com a Era Glacial no hemisfério Norte (ao empurrar as áreas mais fortemente cobertas de gelo na direção sul, afastando-as do pólo Norte do eixo de rotação)? Se assim, por que não deveria o mesmo deslocamento de 30° da litosfera ter girado um *hemisfério sul* de 15 milhões de quilômetros quadrados, na maior parte isento de gelo, de latitudes temperadas para uma posição imediatamente acima do pólo Sul da rotação do eixo?

Sobre a questão da mobilidade da Antártida, sabemos agora que ela *pode* ser movida e, mais a propósito, que ela se moveu, porque lá houve árvores, e árvores simplesmente não podem crescer em latitudes que sofrem seis meses de escuridão contínua.

O que não sabemos (e talvez nunca venhamos a saber com certeza) é se esse movimento foi consequência de deslocamento da crosta terrestre, de deslizamento continental, ou de algum outro fator ainda não cogitado.

Mas consideremos o caso da Antártida por um momento.

Já vimos que ela é grande. Tem uma área de terra de 15 milhões de quilômetros quadrados, atualmente coberta por um pouco mais de onze milhões de quilômetros cúbicos de gelo, pesando uns estimados 19 *quatrilhões* de toneladas (o número 19 seguido de 15 zeros). O que preocupa os teóricos da teoria do deslocamento da crosta é que essa vasta calota de gelo está aumentando implacavelmente em tamanho e peso, à taxa de 380km³ de gelo por ano - quase tanto quanto se um lago Ontário fosse congelado anualmente e a ela acrescentado.

O medo é que, quando combinado com os efeitos da precessão, da obliquidade, da excentricidade orbital, do próprio movimento centrífugo da terra e do puxão gravitacional do sol, lua e planetas, a carga imensa e cada vez maior de glaciação da Antártida forneça o fator desencadeante final para um deslocamento maciço da crosta:

A crescente calota de gelo do pólo Sul (escreveu em termos vívidos Hugh Auchincloss Brown em 1967) tornou-se uma força sorrateira, silenciosa e implacável da natureza - resultado da energia criada pela rotação excêntrica da terra. A calota de gelo é o perigo rastejante, a ameaça mortal e o carrasco de nossa civilização.

Teria esse "carrasco" causado o fim da última Era Glacial no hemisfério Norte, ao pôr em movimento um deslocamento de 7.000 anos da crosta, entre os anos 15000 e 8000 a.C. - um deslocamento que alcançou sua fase mais rápida, e com efeitos mais devastadores, entre os anos 14500 e 10000 a.C.? Ou teriam as mudanças climáticas, súbitas e espetaculares ocorridas no hemisfério Norte durante esse período sido o resultado de algum outro agente catastrófico simultaneamente capaz de derreter os milhões de

quilômetros cúbicos de gelo e de deflagrar o aumento mundial de vulcanismo que acompanhou o degelo?

Os geólogos modernos são contra catástrofes ou, melhor, catastrofismo, preferindo seguir a doutrina da "uniformidade", isto é, que "os processos existentes, *atuando como no presente*, são suficientes para explicar todas as mudanças geológicas". O catastrofismo, por outro lado, sustenta que "mudanças na crosta terrestre foram desencadeadas *subitamente* por forças físicas". Seria possível, contudo, que o mecanismo responsável pelas mudanças traumáticas na terra, que ocorreram ao fim da última Era Glacial, pudessem ter sido um evento geológico tanto catastrófico quanto uniforme?

O grande biólogo, *sir* Thomas Huxley, escreveu no século XIX:

Na minha opinião, não parece haver nenhum tipo de antagonismo teórico entre Catastrofismo e Uniformidade. Ao contrário, é muito concebível que catástrofes possam ser partes integrantes da uniformidade. Mas deixem-me ilustrar essa opinião com uma analogia. O funcionamento de um relógio é um modelo de ação uniforme. Bom controle de tempo significa uniformidade de ação. Mas o toque de um relógio é, basicamente, uma catástrofe. O martelo pode ser levado a explodir um barril de pólvora ou desencadear um dilúvio e, com o arranjo apropriado, em vez de marcar as horas, poderia bater em todos os tipos de intervalos irregulares, jamais dois iguais na força ou no número das batidas. Não obstante, todas essas catástrofes irregulares e aparentemente descontroladas seriam o resultado de uma ação inteiramente uniforme, e poderíamos ter duas escolas de teóricos do relógio, uma estudando o martelo e, a outra, o pêndulo.

Poderia o deslizamento continental ser o pêndulo?

E o deslocamento da crosta terrestre ser o martelo?

Marte e Terra

Acredita-se que os deslocamentos de crosta aconteceram também em outros planetas. No número de dezembro de 1985 da *Scientific American*, Peter H. Schultz chamou atenção para crateras causadas por impactos de meteoritos na superfície marciana. Crateras nas áreas polares deixaram uma "assinatura" característica, porque os meteoritos caem sobre os espessos depósitos de poeira e gelo que ali se acumulam. Fora dos *atuais* círculos polares de Marte, Schultz encontrou duas outras dessas áreas. "Essas zonas são antípodas, estão no lado oposto do planeta. Os depósitos exibem muitos dos processos e características dos pólos atuais, mas se encontram próximos do equador de hoje..."

O que poderia ter causado esse efeito? A julgar pela prova, Schultz formulou a teoria de que o mecanismo parecia ter sido "o movimento de toda a litosfera, a parte externa sólida do planeta, como uma única placa... [Esse movimento parece ter ocorrido] em rápidos surtos, seguidos de longas pausas".

Se deslocamentos da crosta podem acontecer em Marte, por que não na Terra? E se *não* acontecem na Terra, de que modo explicar o fato, *sob* outros aspectos cabuloso, de que *nem uma única* das calotas de gelo formadas em volta do mundo durante as prévias Eras Glaciais parece ter ocorrido nos - ou mesmo estado próximas dos - atuais pólos? Ao contrário, áreas de terra exibindo marcas de antiga glaciação são amplamente distribuídas. Se não podemos supor deslocamentos da crosta, temos que encontrar outra maneira de explicar o motivo por que as calotas de gelo parecem ter chegado ao nível do mar nos trópicos de três continentes: Ásia, África e Austrália. A solução de Charles Hapgood para o problema é simples, extraordinariamente elegante e, de maneira nenhuma, um insulto ao bom senso:

A única Era Glacial cabalmente explicada é a atual, na Antártida. E explicada de maneira excelente. Ela existe, claro, porque a Antártida se situa no pólo, e por nenhuma outra razão. Nenhuma variação no calor do sol, nenhuma poeira galáctica, nenhum vulcanismo, nenhuma corrente subcrostal e nenhum arranjo de sobrelevações de terras ou correntes marítimas explicam o fato. Podemos concluir que a melhor teoria para explicar uma Era Glacial é que a área em causa se situa no pólo. Dessa maneira, explicamos os lençóis de gelo na Índia e África, embora as áreas outrora ocupadas por eles estejam agora nos trópicos. Explicamos da mesma maneira todos os lençóis de gelo de tamanho continental.

A lógica é cerrada a ponto de ser quase irrefutável. Ou aceitamos que a calota da Antártida é o *primeiro* lençol de gelo de tamanho continental *já* situado em um pólo - o que parece improvável - ou somos obrigados a supor que o deslocamento da crosta terrestre, ou um mecanismo semelhante, deve ter estado em ação.

Memórias do Amanhecer Polar?

Nossos ancestrais podem ter preservado, em suas tradições mais antigas, memórias de um deslocamento. Vimos algumas delas na Parte IV: mitos de cataclismos que parecem ser depoimentos de testemunhas oculares de uma série de calamidades geológicas que acompanharam o fim da última Era Glacial no hemisfério Norte. Mas há também outros mitos que talvez nos tenham chegado de uma época entre 15.000 e 14.000 anos a.C. Entre estes, há vários que falam de terras de deuses e de antigos paraísos, todos os quais são descritos como estando no sul (como, por exemplo, o Ta Neteru dos egípcios) e muitos deles parecem ter passado por condições polares. O grande poema épico indiano, o *Mahabharata*, fala do monte Meru, a terra dos deuses:

No Meru, o sol e a lua giram da esquerda para a direita, todos os dias, e o mesmo fazem todas as estrelas. (...) A montanha, por seu brilho, ofusca de tal modo a escuridão da noite que dificilmente se pode distinguir a noite do dia. (...) O dia e a noite são, juntos, iguais à um ano para os residentes no local. (...)

Analogamente, como o leitor recordará pelo que leu no Capítulo 25, Airyana Vaejo, o paraíso mítico e antiga terra natal dos arianos avésticos do Irã, parece ter sido tornada inabitável pelo início súbito de glaciação. Anos mais tarde, era comentada como um lugar no qual "as estrelas, a lua e o sol são vistos nascer e se pôr apenas uma vez por ano e um ano parece apenas um dia".

No *Surya Siddhantai*, um antigo texto indiano, lemos: "Os deuses contemplam o sol, após ter ele nascido, durante metade de um ano." A sétima mandala do *Rigveda* contém certo número de hinos ao "Amanhecer". Um deles (VII, 76) diz que o amanhecer desfraldou sua bandeira no horizonte com seu habitual esplendor, e acrescenta, no versículo 3, que um período de *vários dias* passou entre o primeiro aparecimento do amanhecer e o nascer do sol que o seguiu. Outra passagem diz que "muitos foram os dias entre os primeiros raios do amanhecer e o nascer real do sol".

Seriam essas palavras depoimentos de testemunhas oculares de condições polares?

Embora jamais possamos ter certeza, talvez seja relevante saber que, na tradição indiana, os Vedas são considerados como textos revelados, transmitidos desde o tempo dos deuses. Talvez seja também relevante que ao descrever os processos de transmissão de herança cultural todas as tradições se refiram a *pralayas* (cataclismos) que se abateram sobre o mundo e alegam que, em todos eles, as escrituras foram fisicamente destruídas. Após cada destruição, porém, sobrevivem certos *Rishis* ou "homens sábios" que voltam a promulgar, no início de cada nova era, o conhecimento por eles herdado, como responsabilidade sagrada, recebida por seus antepassados na era precedente... Todas as *manvantaras*, ou eras, portanto, têm um Veda

próprio, que difere apenas na forma e não no sentido, do Veda antediluviano.

Uma Época de Tumulto e Trevas

Como sabe todo geógrafo implume, o norte verdadeiro (o pólo Norte) não é exatamente a mesma coisa que o norte magnético (a direção para onde apontam os ponteiros da bússola). Na verdade, o pólo norte magnético se situa atualmente no norte do Canadá, a cerca de 11 graus do verdadeiro pólo Norte. Progressos recentes no estudo do paleomagnetismo provaram que a polaridade magnética da terra *inverteu-se mais de 170 vezes* nos últimos 80 milhões de anos...

O que causa essas inversões de campo?

Enquanto ensinava na Universidade de Cambridge, o geólogo S.K. Runcorn publicou um artigo na *Scientific American*, onde apresentou um argumento pertinente:

Parece não haver dúvida de que o campo magnético da terra está vinculado de alguma maneira à rotação do planeta. E este fato leva a uma descoberta notável sobre a própria rotação... [A conclusão inevitável é que] o eixo de rotação muda também. Em outras palavras, o planeta rolou sobre si mesmo, mudando a localização dos pólos geográficos.

Runcorn parece estar imaginando uma mudança de 180 graus dos pólos, quando a terra literalmente caía - embora interpretações paleomagnéticas semelhantes resultassem de um deslizamento da crosta *sobre* os pólos geográficos. De qualquer maneira, as conseqüências para a civilização e, na verdade, para toda vida seriam inimaginavelmente terríveis.

Claro, Runcorn pode estar enganado. Talvez inversões de campo possam ocorrer na ausência de outras sublevações.

Mas também pode ter razão.

De acordo com artigos publicados nas revistas *Nature* e *New Scientist*, a última inversão geomagnética foi completada há apenas 12.400 anos - durante o *undécimo milênio a.C.*

Este foi, claro, o próprio milênio em que a antiga civilização de Tiahuanaco, nos Andes, parece ter sido destruída. O mesmo milênio caracterizou-se pelos alinhamentos e projetos de construção de grandes monumentos astronômicos no platô de Gizé, e pelos padrões de erosão na Esfinge. E foi no undécimo milênio a.C. que fracassou de repente o "precoce experimento agrícola" do Egito. De igual maneira, foi nesse milênio que inúmeras espécies de grandes mamíferos em todo o mundo desapareceram, extintos. E a lista poderia continuar: elevações abruptas do nível do mar, ventos com força de furacões, tempestades elétricas, perturbações vulcânicas, etc.

Cientistas esperam que a próxima inversão dos pólos magnéticos da terra ocorra por volta do ano 2030 d.C.

Será isso um prenúncio de calamidade planetária? Depois de 12.500 anos de pêndulo, estará o martelo novamente pronto para bater?

Prova 11

Yves Rocard, professor da Faculdade de Ciências de Paris, escreveu: "Nossos sismógrafos modernos são sensíveis a 'ruído' de agitação limitada em todos os pontos da terra, mesmo na ausência de qualquer onda sísmica. Nesse ruído podemos discernir uma vibração criada pelo homem (como, por exemplo, um trem a quatro quilômetros de distância, ou uma grande cidade a dez quilômetros) e também um efeito atmosférico (a pressão mutável do vento sobre o solo) e, às vezes, registra também os efeitos de grandes tempestades distantes. Ainda assim, permanece um ruído contínuo de rolamento, de estalidos na terra, que nada devem a qualquer uma dessas causas..."

Prova 12

"O pólo Norte moveu-se três metros na direção da Groenlândia, ao longo do meridiano de 45 graus Oeste de longitude, durante o período de 1900 a 1960 (...) uma taxa de seis centímetros ao ano. [Entre 1900 e 1968, contudo], o pólo moveu-se em cerca de 6m, a uma taxa de cerca de 10cm ao ano. (...) Se as duas observações foram precisas, como temos todo direito de esperar, à vista do renome dos cientistas envolvidos, temos aqui prova de que a litosfera pode estar em movimento nos tempos presentes [e que está experimentando] uma aceleração geométrica da taxa de movimento..."

Prova 13

USA Today, quarta-feira, 23 de novembro de 1994, p. 9D: "INTERATIVO NA ANTÁRTIDA: Estudantes Estabelecem *link* com Cientistas no pólo Sul":

"Uma irradiação ao vivo de longa distância a partir do pólo Sul, destacando Elizabeth Felton, uma estudante de graduação de 17 anos de uma escola pública de Chicago, ocorrerá no dia 10 de janeiro. Felton usará dados do US Geological Survey para reposicionar o marco de cobre que mostra o pólo Sul geográfico da Terra, a fim de compensar o deslizamento anual do lençol de gelo."

Será apenas o lençol de gelo que está deslizando ou toda a crosta terrestre está em movimento? E isso foi apenas um "projeto de educação interativa diferente", que ocorreu no dia 10 de janeiro de 1995, ou estaria Elizabeth Felton, sem saber, documentando a aceleração geométrica contínua da taxa de movimento da crosta?

Cientistas não pensam assim. Conforme veremos no último capítulo, contudo, o próximo século está destinado a presenciar a convergência notável de antigas profecias e crenças tradicionais, como uma época de agitação e trevas sem precedentes, na qual a injustiça será silenciosamente eliminada e o Quinto Sol e o Quarto Mundo chegarão ao fim...

Prova 14

Kobe, Japão, terça-feira, 17 de janeiro de 1995: "A subitaneidade com que o terremoto começou foi quase cruel. Num momento, dormíamos a sono solto, um instante depois, o chão - todo o prédio - transformou-se em geléia. Mas não um suave movimento ondulatório líquido. Foi um estremecimento que abalou, revirou as entranhas da gente, de proporções assombrosas...

Você está na cama, o lugar mais seguro do mundo. Sua cama está no chão, no que você costumava considerar como chão sólido. E, sem aviso, o mundo se transforma em uma apavorante corrida numa montanha-russa e a gente quer descer.

"Possivelmente, a pior parte é o som. Não é o ribombo surdo do trovão. Este som é ensurdecedor, um rugido, vindo de toda parte e de parte nenhuma, e parece o fim do mundo." (Depoimento de testemunha ocular do terremoto de Kobe, reportagem de Dennis Kessler, *Guardian*, Londres, 18 de janeiro de 1995. O terremoto durou 20 segundos, atingindo 7,2 na escala Richter, e matou mais de 5.000 pessoas.)

CAPÍTULO 52

Como um Ladrão na Noite

Há no mundo certas estruturas, certas idéias, certos tesouros intelectuais realmente misteriosos. Estou começando a desconfiar que a raça humana pode ter se colocado em grave risco ao deixar de considerar as implicações desses mistérios.

Temos a capacidade, única no reino animal, de aprender com as experiências de nossos predecessores. Após Hiroshima e Nagasaki, por exemplo, duas gerações chegaram à vida adulta bem-informadas da destruição horripilante desencadeada por armas nucleares. Nossos filhos terão também consciência desse fato, sem tê-los experimentado

diretamente, e passarão esses dados aos filhos. Teoricamente, portanto, o conhecimento do que bombas atômicas podem fazer tornou-se parte da herança histórica permanente da humanidade. Se resolvemos ou não tirar proveito dessa herança é problema nosso. Não obstante, o conhecimento existe, se quisermos usá-lo, porque foi preservado e transmitido em registros escritos, em filmes, em pinturas alegóricas, em memoriais a vítimas da hecatombe, e assim por diante. Não se atribui a todos os depoimentos oriundos do passado, porém, o mesmo *status* concedido a Hiroshima e Nagasaki. Muito ao contrário, tal como a Bíblia canônica, o corpo de conhecimentos que denominamos de "História" é um artefato cultural revisto e modificado, do qual muita coisa ficou de fora. Em particular, referências a experiências humanas anteriores à invenção da escrita, há cerca de 5.000 anos, foram omitidas *em sua totalidade* e mito transformou-se em sinônimo de fantasia.

Mas, e se os mitos não são nada disso?

Suponhamos que um terrível cataclismo se abatesse hoje sobre a terra, obliterando as realizações de nossa civilização e matando quase todos nós. Suponhamos, para parafrasear Platão, que fomos forçados por esse cataclismo a "recomeçar como crianças, em ignorância completa do que aconteceu antes". Nessas circunstâncias, dentro de 10 ou 12 mil anos a partir de agora (tendo sido destruídos há muito tempo todos os textos e filmes), que depoimentos poderiam nossos descendentes ainda preservar, a respeito do que aconteceu nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945 da era cristã?

É fácil imaginar que eles poderiam falar em termos místicos de explosões que desprenderam "um terrível clarão" e um "imenso calor". Nem ficaríamos surpresos demais ao descobrir que talvez tivessem formulado uma versão "mítica" do caso, mais ou menos nos seguintes termos:

As chamas dos mísseis carregados de Brahmastra misturaram-se entre si e, cercados por flechas de fogo, cobriram a terra, céu e espaço e aumentaram a conflagração como se fosse o fogo e o Sol no

fim do mundo... Todos os seres que foram queimados pelos Brahmastras, e viram o fogo terrível de seus mísseis, pensaram que era o fogo da *Pralaya* (o cataclismo) que queimava e destruía o mundo.

E o que dizer do *Enola Gay* que transportou a bomba que destruiu Hiroshima? Como poderiam nossos descendentes lembrar a estranha aeronave e esquadrões de outras iguais a ela que coalharam os céus do planeta como se fossem enxames de abelhas durante o século XX. da era cristã? Não seria possível, provável mesmo, que eles pudessem preservar tradições de "carros celestes" e "carruagens celestiais", "grandes máquinas voadoras" e mesmo "cidades aéreas". Se fizessem isso, eles talvez falassem de tais maravilhas em termos míticos como os seguintes:

- . Oh, tu, Uparicara Vasu, a grande máquina voadora virá a teu encontro - e tu apenas, entre todos os mortais, sentado nesse veículo, parecerás uma divindade.
- . Visvakarma, o arquiteto dos deuses, construiu veículos aéreos para eles.
- . Oh, tu, descendente dos Kurus, aquele ser perverso chegou naquele veículo voador, que por toda parte vai, conhecido como Saubhapura, e me trespassou com armas.
- . Ele penetrou no palácio divino favorito de Indra e viu milhares de veículos voadores destinados aos deuses, que nesse momento repousavam.
- . Os deuses chegaram em seus respectivos veículos voadores para presenciar a batalha entre Kripacarya e Arjuna. Até Indra, o Senhor do Céu, veio em um tipo especial de veículo voador, que podia acomodar 33 seres divinos.

Todas essas citações foram tiradas do *Bhagavata Purana* e do *Mahabharatha*, duas gotas no oceano da literatura de sabedoria antiga do subcontinente indiano. E essas imagens são repetidas em muitas

outras tradições arcaicas. Para dar um único exemplo (conforme vimos no Capítulo 42), os Textos da Pirâmide estão repletos de imagens anacrônicas de vôo:

O Rei é uma chama, movendo-se à frente do vento até o fim do céu e da terra (...) O Rei viaja pelo ar através da terra... A ele foi dada uma maneira de subir ao céu. (...)

Será possível que as referências constantes nas literaturas arcaicas a algo como a aviação possam ser depoimentos históricos válidos, sobre as realizações de uma era tecnológica esquecida e remota?

Jamais saberemos, a menos que tentemos descobrir. E até agora não tentamos, porque nossa cultura racional, científica, considera mitos e tradições como "não-históricos" .

Sem a menor dúvida, muitos deles são não-históricos, mas, ao fim da pesquisa que embasa este livro, tenho certeza de que muitos outros não são...

Para o Benefício de Futuras Gerações da Humanidade

Vejamos o cenário seguinte:

Suponhamos que calculamos, na base de prova sólida e além de qualquer sombra de dúvida, que nossa civilização está prestes a ser obliterada por um cataclismo geológico de proporções colossais - um deslocamento de 30° na crosta terrestre, por exemplo, ou uma colisão, de frente, com um asteróide de ferro-níquel, de uns 16km de diâmetro, que vem em nossa direção a uma velocidade cósmica.

Claro, no início haveria grande pânico e desespero. Não obstante - se houvesse aviso antecipado suficiente -, medidas seriam tomadas para assegurar que haveria alguns sobreviventes e que parte do que é mais valioso em nossos altos conhecimentos científicos seria preservada para o benefício de futuras gerações.

Estranhamente, o historiador judeu Josephus (em obra escrita no século I d.C.) atribui exatamente esse comportamento aos habitantes inteligentes e prósperos do mundo antediluviano, que viveram antes do Dilúvio, "em um estado de felicidade, sem que nenhum infortúnio os atingisse".

Eles foram também os inventores daquele tipo peculiar de sabedoria que se interessa pelos corpos celestes e sua ordem. E para que suas invenções não fossem perdidas - de acordo com a profecia de Adão, de que o mundo seria destruído uma vez pela força do fogo e em outra pela violência e quantidade da água - eles construíram dois pilares, um de tijolo e o outro de pedra: em ambos inscreveram suas descobertas, de modo que, no caso de o pilar de tijolos ser destruído pelo Dilúvio, o pilar de pedra poderia continuar intacto e mostrar-lhes as descobertas à humanidade e também informá-la de que havia outro pilar de tijolos, também por eles erigido...

De igual maneira, quando John Greaves, astrônomo de Oxford, visitou o Egito no século XVII, ele compilou tradições locais antigas, que atribuíam a construção das três pirâmides de Gizé a um mítico rei antediluviano:

Isso aconteceu porque ele viu em sonho que toda a terra era virada de cabeça para baixo, com os habitantes estatelados de bruços no chão e as estrelas caindo e se chocando com um barulho terrível. (...) Acordou tomado de grande medo e reuniu os principais sacerdotes de todo o Egito. (...) Contou-lhes o sonho, eles mediram a altitude das estrelas, fizeram seus prognósticos e previram um dilúvio. O rei perguntou: o dilúvio atingirá nosso país? Eles responderam que sim e que o destruiria. Mas restava ainda certo número de anos e ele ordenou que, nesse espaço de tempo, fossem construídas as pirâmides... E gravou nelas tudo que era dito pelos sábios, como também todas as ciências profundas - as ciências da astrologia, da

aritmética, da geometria e da física. Tudo isso poderá ser interpretado por aquele que reconhecer seus caracteres e linguagem...

Tomada pelo valor aparente, a mensagem desses dois mitos parece meridianamente clara: certas misteriosas estruturas em torno do mundo foram construídas para preservar e transmitir os conhecimentos de uma civilização avançada da antiguidade remota, que foi destruída por uma terrível calamidade.

Poderia ter isso acontecido? E de que modo devemos interpretar outras estranhas tradições, que nos chegaram da escuridão da arca da pré-história?

De que modo devemos interpretar, por exemplo, o *Popol Vuh*, que fala em linguagem velada de um grande segredo do passado humano: uma idade áurea, há muito esquecida, quando tudo era possível - um tempo mágico de progresso científico e iluminismo, quando os "Primeiros Homens" ("dotados de inteligência não apenas "mediram a face redonda da terra", mas "examinaram os quatro pontos do arco do céu").

Como os leitores devem lembrar-se, os deuses ficaram ciumentos com o rápido progresso feito por esses humanos novos-ricos, que haviam "conseguido ver, conseguido saber, tudo o que há no mundo". Rapidamente, caiu a vingança divina: "O coração do céu soprou nevoeiro nos olhos dos homens. (...) Dessa maneira, toda sabedoria e todo conhecimento da origem deles e de seu início [juntamente com a recordação que deles tinham] foram destruídos".

O segredo do que aconteceu, porém, nunca se perdeu inteiramente, porque um registro desses distantes Primeiros Tempos foi preservado, até a chegada dos espanhóis, nos textos sagrados do *Popol Vuh* original. Os abusos cometidos durante a conquista tornaram necessário que esse documento primordial fosse escondido de todos, com exceção dos sábios mais altamente iniciados, e substituído por um texto aguado, escrito "de acordo com a lei do cristianismo": "Não pode ser mais visto o livro do *Popol Vuh*, que os reis possuíam nos tempos antigos. (...) O livro original, escrito há muito tempo, existia -

mas, nesse momento, vê-lo era proibido ao buscador e ao pensador...” No outro lado do mundo, entre os mitos e tradições do subcontinente indiano, encontramos outras indicações intrigantes de segredos ocultos. Na versão *Puranica* da história universal do dilúvio, lemos que, pouco antes de começar a inundação, o deus-peixe Vishnu avisou a seu protegido humano que ele "devia esconder as Escrituras Sagradas em lugar seguro, a fim de preservar da destruição os conhecimentos das raças antediluvianas". De idêntica maneira, na Mesopotâmia, a figura equivalente a Noé, Utnapishtim, recebeu instruções da deusa Ea para "levar o começo, o meio e o fim de tudo que foi consignado na escrita e, em seguida, enterrá-los na Cidade do Sol, em Sippara”. Quando desapareceram as águas, os sobreviventes receberam instruções para se dirigirem à Cidade do Sol e "procurar os escritos", que descobririam que continha conhecimentos que seriam úteis às futuras gerações da humanidade.

Curiosamente, foi a Cidade do Sol no Egito, Innu, conhecida pelos gregos como Heliópolis, a mesma que veio a ser considerada durante todo o período dinástico como fonte e centro da alta sabedoria legada aos mortais pelos fabulosos deuses dos Primeiros Tempos. E foi em Heliópolis que ocorreu a compilação dos Textos da Pirâmide e coube aos sacerdotes da cidade - ou melhor, do culto que aí se praticava - a custódia dos monumentos da necrópole de Gizé.

Mais do que um Simples "Kilroy Esteve Aqui”

Mas voltemos ao nosso cenário:

1. Sabemos que nossa civilização do século XX, pós-industrial, está prestes a ser destruída por um inescapável cataclismo cósmico ou geológico;
2. Sabemos - porque nossa ciência é muito competente - que a destruição vai ser *quase total*;
3. Mobilizando recursos tecnológicos maciços, pomos nossas melhores mentes para trabalhar, a fim de garantir que, pelo menos, um resto de nossa espécie sobreviverá à catástrofe, e que o núcleo de nossos conhecimentos científicos, médicos, astronômicos, geográficos, arquitetônicos e matemáticos será preservado;
4. Sabemos bem, claro, que são escassas nossas possibilidades de ter sucesso em ambas as coisas. Não obstante, galvanizados pela perspectiva de destruição, fazemos um esforço imenso para construir as Arcas ou as Vars, ou espaços fechados impregnáveis, nos quais os sobreviventes escolhidos possam ser protegidos, e concentramos nossa grande engenhosidade em maneiras de transmitir às futuras gerações a essência dos conhecimentos que acumulamos durante os 5.000 anos de nossa história documentada.

Começamos a nos preparar para o pior. Damos por certo que haverá sobreviventes, mas que serão jogados pelo cataclismo de volta à Idade da Pedra. Compreendendo que serão necessários de dez a doze mil anos para que uma civilização tão avançada quanto a nossa ressurgja das cinzas, como a Fênix, uma de nossas maiores prioridades será descobrir uma maneira de nos comunicarmos com essa suposta futura civilização. Pelo menos, gostaríamos de lhe dizer KILROY ESTEVE AQUI! e ter a certeza de que ela recebeu a mensagem, qualquer que seja a língua que fale ou que tendências éticas, religiosas, ideológicas, metafísicas ou filosóficas sua sociedade possa exhibir.

Tenho certeza de que gostaríamos de dizer mais do que apenas "Kilroy esteve aqui!". Gostaríamos, por exemplo, de dizer a ela - a esses nossos distantes netos - *quando* nós vivemos, em relação a seus tempos.

De que maneira poderíamos fazer isso? De que maneira diríamos, digamos, "ano 2012 d.C. da era cristã", em uma linguagem suficientemente universal para ser decifrada e compreendida dentro de doze mil anos por uma civilização que nada saberia da era cristã ou de quaisquer outras eras através das quais expressamos a cronologia histórica?

Uma solução óbvia seria usar a bela previsibilidade da precessão axial da terra, que produz o efeito de lenta e regularmente alterar a declinação de todo o campo estelar, em relação a um observador que esteja em um ponto fixo e que, com igual lentidão e regularidade, muda o ponto equinocial em relação às doze constelações do zodíaco. A vista da previsibilidade desse movimento, segue-se que, se conseguirmos descobrir uma maneira de declarar, **NÓS VIVEMOS QUANDO O EQUINÓCIO VERNAL SE ENCONTRA NA CONSTELAÇÃO DE PEIXES**, propiciaremos a eles um meio de especificar nossa época dentro de um único período de 2.160 anos em cada grande ciclo precessional de 25.920 anos.

O único problema com esse plano seria se uma civilização equivalente à nossa não surgisse dentro de 12.000 ou mesmo 20.000 anos após o cataclismo, mas levasse muito mais tempo -, talvez até 30.000 anos. Neste caso, um monumento ou criação que servisse de calendário, declarando "nós vivemos quando o equinócio vernal estava na constelação de Peixes", não seria mais inequívoco. Se descoberta por uma cultura adiantada que esteja florescendo no próprio início da futura Era de Sagitário, por exemplo, a mensagem poderia ser interpretada como dizendo "nós vivemos 4.320 anos antes do tempo de vocês" - isto é, dois "meses" precessionais completos antes da Era de Sagitário (os 2.160 anos - "meses" de Aquário e Capricórnio). Mas poderia também significar "Nós vivemos há 30.420 anos antes do tempo de vocês", isto é, aqueles dois "meses" mais todo o ciclo precessional prévio de 25.920 anos. Os arqueólogos sagitarianos teriam não só que dar tratos à bola para decifrar o significado da mensagem (isto é, **NÓS VIVEMOS QUANDO O EQUINÓCIO VERNAL ESTAVA EM PEIXES**), mas precisariam decidir, à vista de

outras pistas, *em que* Era de Peixes tínhamos vivido: a mais recente, ou seja, a do ciclo precessional prévio, ou talvez até mesmo no ciclo anterior ao mesmo.

A geologia seria naturalmente útil para que fossem formados esses vastos juízos de valor...

Os Civilizadores

Se pudéssemos descobrir uma maneira de dizer NÓS VIVEMOS NA ERA DE PEIXES, e especificar a altitude acima do horizonte de certas estrelas identificáveis em nossa própria época (digamos, os bem visíveis cinturões estelares da constelação de Órion), teríamos como sinalizar, com maior precisão, nossas datas para futuras gerações. Alternativamente, quem sabe, agir como os construtores das pirâmides de Gizé e dispor nossos monumentos em um padrão no solo que refletisse exatamente o padrão das estrelas em nosso tempo. Haveria várias outras opções e combinações de opções ao nosso dispor, dependendo das circunstâncias, do nível de tecnologia disponível, da extensão do aviso antecipado que recebemos e dos fatos cronológicos que gostaríamos de transmitir a futuras gerações. Suponhamos, por exemplo, que não houvesse tempo para fazer os preparativos necessários antes da catástrofe. Suponhamos que a calamidade, como o "Dia do Senhor", em 2 Pedro, capítulo 3, se aproximasse sorrateiro como "um ladrão na noite?". Que perspectiva a humanidade enfrentaria?

Fosse o resultado do choque de um asteróide, do deslocamento da crosta terrestre, ou de qualquer outra causa cósmica ou geológica, vamos supor o seguinte:

1. Devastação maciça em todo o mundo;
2. Sobrevivência de apenas relativamente poucos indivíduos, a maioria dos quais voltaria rapidamente à barbárie;

3. A presença, entre os sobreviventes, de uma minoria de visionários bem organizados - incluindo mestres-construtores, cientistas, engenheiros, cartógrafos, matemáticos, médicos e outros especialistas - que se dedicassem a salvar o que pudessem e descobrir maneiras de transmitir seus conhecimentos ao futuro, para benefício dos que pudessem finalmente compreendê-los.

Chamemos a esses hipotéticos visionários de "os civilizadores". Reunindo-se eles, no início, para sobreviver e mais tarde para ensinar e compartilhar idéias - eles poderiam assumir algo parecido com os sistemas de conduta e crenças de um culto religioso, desenvolvendo um claro sentido de missão e de identidade comum. Sem dúvida, usariam poderosos e facilmente reconhecíveis símbolos para reforçar e expressar esse senso de finalidade comum: os homens poderiam usar barba característica, por exemplo, raspar a cabeça, ou então adotar certas imagens arquetípicas como a cruz, a serpente e o cão, que poderiam ser usadas para ligar entre si os membros do culto, quando partissem em suas missões civilizatórias para reacender as lâmpadas do conhecimento em todo o mundo.

Desconfio que, se a situação fosse realmente péssima após o cataclismo, muitos civilizadores fracassariam ou teriam apenas sucesso limitado. Mas vamos supor que um pequeno grupo tinha a perícia e a dedicação necessárias para criar uma cabeça-de-ponte duradoura e estável, talvez em uma região que tivesse sofrido relativamente poucos danos. Vamos supor ainda que alguma outra calamidade inesperada ocorresse - um choque secundário ou uma série desses choques, talvez decorrentes da catástrofe inicial - e que a cabeça-de-ponte fosse quase inteiramente destruída.

O que poderia acontecer em seguida? O que poderia ser salvo dos escombros de um culto de sabedoria que fora também salvo de um desastre ainda mais grave?

Transmitindo a Essência

Se certas as circunstâncias, parece possível que a *essência do culto* pudesse sobreviver, ser levada adiante por um núcleo de homens e mulheres decididos. Desconfio também que, com a devida motivação e técnicas de doutrinação, além de um meio para recrutar novos membros entre os habitantes locais semi-selvagens, tal culto poderia perpetuar-se *quase que indefinidamente*. Mas isso só aconteceria se seus membros (como os judeus que esperam pelo Messias) estivessem dispostos a ter paciência, durante milhares e milhares de anos, até ter certeza de que chegara o momento de se revelarem.

Se fizessem isso, e se seu objetivo sagrado fosse realmente preservar e transmitir conhecimentos a alguma civilização futura evoluída, é fácil imaginar que os membros do culto poderiam ser descritos em termos semelhantes aos que foram usados pelo deus egípcio da sabedoria, Thoth, que teria conseguido compreender os mistérios dos céus [e os ter] revelado ao consigná-los em livros sagrados, que em seguida escondeu aqui na terra, querendo que eles fossem procurados por gerações futuras, mas encontrados apenas pelos realmente justos. (...)

O que poderiam ter sido os misteriosos "livros de Thoth"? Seria necessário crer que todas as informações que eles supostamente continham teriam que ser transmitidas sob a forma de *livro*?

Não valeria a pena especular, por exemplo, se os professores de Santillana e Von Dechend não teriam merecido seu lugar entre os "realmente justos" quando decodificaram a linguagem científica avançada encerrada nos grandes mitos universais sobre a precessão? Ao fazer isso, não seria possível que tivessem tropeçado por acaso em um dos metafóricos "livros" de Thoth e lido a ciência antiga gravada em suas páginas?

De igual maneira, o que dizer das descobertas de Posnansky em Tiahuanaco e dos mapas de Hapgood? E o que dizer ainda da nova compreensão que está surgindo sobre a antiguidade geológica da Esfinge de Gizé? O que dizer das perguntas inspiradas pelos blocos gigantescos usados na construção dos Templos do Vale e do

Mortuário? O que dizer dos segredos que estão sendo extraídos, um após outro, dos alinhamentos astronômicos, dimensões e câmaras secretas das pirâmides?

Se essas, também, são leituras dos metafóricos livros de Thoth, pareceria que os números dos "realmente justos" estão aumentando e que novas e ainda mais surpreendentes revelações podem estar prestes a surgir...

Voltando rapidamente, e pela última vez, ao nosso cenário em evolução:

1. No início do século XXI de nossa Era Cristã, próximo dos momentos culminantes das Eras de Peixes e de Aquário, a civilização, como a conhecemos, é destruída;
2. Entre os sobreviventes, algumas centenas ou alguns milhares de indivíduos se reúnem, a fim de preservar e transmitir os frutos dos conhecimentos científicos de sua cultura a um futuro distante e incerto;
3. Esses civilizadores se dividem em pequenos grupos e se espalham pelo globo;
4. De modo geral, fracassam e morrem. Não obstante, em certas áreas, alguns conseguem, de fato, deixar uma impressão cultural duradoura;
5. Após milhares de anos - e, talvez, depois de várias tentativas infrutíferas -, um ramo do culto de sabedoria inicial influencia o surgimento de uma civilização plenamente desenvolvida...

Claro, o paralelo desta última categoria seria, mais uma vez, encontrado no Egito. Sugiro seriamente a hipótese, para ser submetida a testes ulteriores, de que um culto de sabedoria científico, constituído de sobreviventes de uma grande civilização *marítima* perdida, poderia, talvez, ter se estabelecido no Vale do Nilo em data tão remota quanto o décimo quarto milênio a.C. O culto, baseado em Heliópolis, Gizé e Abidos, e talvez também em outros centros, teria iniciado a antiga revolução agrícola no Egito. Mais tarde, contudo,

assolados pelas imensas inundações e outras perturbações da terra, que ocorreram no undécimo milênio a.C., o culto teria sido obrigado a cortar suas perdas e retirar-se, até que o caos da Era Glacial passasse - jamais sabendo se sua mensagem sobreviveria a subseqüentes eras de trevas.

Nessas circunstâncias, a hipótese sugere que um enorme e ambicioso projeto de construção poderia ter sido uma das maneiras através das quais os membros do culto poderiam preservar e transmitir informações científicas ao futuro, independentemente de sua sobrevivência física. Em outras palavras, se as estruturas fossem suficientemente grandes, capazes de durar através de períodos imensos de tempo e codificadas extensamente com a mensagem do culto, haveria esperança de que ela pudesse ser *decodificada* em alguma data futura, mesmo que o culto tivesse deixado há muito tempo de existir.

A hipótese sugere que as enigmáticas estruturas existentes no platô de Gizé significam o seguinte:

1. Que a Grande Esfinge é, como argumentamos em capítulos anteriores, um marco equinocial da Era do Leão, indicando uma data, em nossa cronologia, entre os anos 10970 e 8810 a.C.;
2. Que as três principais pirâmides foram construídas em relação ao Vale do Nilo, a fim de reproduzir as posições exatas das três estrelas do cinturão de Órion em relação ao curso da Via Láctea, no ano 10450 a.C.

Usar o fenômeno da precessão, descrito corretamente como "o único relógio preciso de nosso planeta", foi uma maneira muito eficaz de "especificar" a época do undécimo milênio a.C. Estranhamente, porém, sabemos também que a Grande Pirâmide contém chaminés estelares "amarradas" no cinturão de Órion e em Sírius, na situação em que esses corpos celestes estariam no ano 2450 a.C. A hipótese soluciona a anomalia dos anos perdidos, ao supor que as chaminés estelares foram simplesmente trabalho posterior do mesmo duradouro

culto, que inicialmente plotara a disposição das estruturas de Gizé no ano 10450 a.C. Naturalmente, a hipótese sugere também que coube ao mesmo culto, por volta do fim desses 8.000 anos perdidos, fornecer a fagulha inicial do aparecimento súbito e "inteiramente formado" da civilização histórica letrada do Egito dinástico.

O que sobra ainda como objeto de palpites são os *motivos* dos construtores das pirâmides, que foram presumivelmente os mesmos indivíduos que os misteriosos cartógrafos que mapearam o globo em fins da última Era Glacial no hemisfério Norte. Se assim, poderíamos também perguntar por que esses arquitetos e navegadores altamente civilizados e tecnicamente adiantados viviam obcecados em mapear a glaciação gradual do enigmático continente sul, a Antártida, desde o décimo quarto milênio a.C. - época em que, segundo cálculos de Hapgood, foram desenhados os mapas básicos mencionados por Phillipe Buache - até cerca de fins do quinto milênio a.C.?

Poderiam estar eles fazendo um registro cartográfico permanente da obliteração lenta de sua terra natal?

E poderia o desejo irresistível deles, de transmitir uma mensagem ao futuro através de uma grande variedade de meios de expressão - mitos, mapas, estruturas, sistemas de calendário, harmonias matemáticas -, estar ligado aos cataclismos e mudanças na terra que causaram essa perda?

Uma Missão Urgente

O conhecimento e domínio de uma história bem concatenada constitui uma das faculdades que distingue os seres humanos dos animais. Ao contrário de ratos, digamos, ou de ovelhas, vacas, ou faisões, temos um passado separado de nós mesmos. Temos, portanto, a oportunidade, como disse acima, de aprender com as experiências de nossos predecessores.

Será que, como somos perversos, mal-orientados ou simplesmente estúpidos, nós nos recusamos a reconhecer essas experiências, a menos que elas nos cheguem sob a forma de "registros históricos" *bona fide*? E será arrogância ou ignorância que nos levam a traçar uma linha arbitrária, separando "história" de "pré-história" há cerca de 5.000 anos - definindo os registros da "história" como depoimentos válidos e, os da "pré-história", como ilusões primitivas?

Neste estágio, em pesquisas contínuas, o instinto me diz que podemos ter nos colocado em perigo ao fechar os ouvidos, por tanto tempo, para as perturbadoras vozes ancestrais que nos chegam sob a forma de mitos. Trata-se de um sentimento mais intuitivo do que racional, mas que não é de modo nenhum irracional. A pesquisa despertou em mim respeito pelo pensamento lógico, a ciência pura, os *insights* psicológicos profundos e o vasto conhecimento cosmográfico dos gênios antigos que formaram esses mitos e que, estou agora sinceramente convencido, eram descendentes da mesma civilização perdida que gerou os cartógrafos, os construtores de pirâmides, os navegantes, os astrônomos, os medidores da terra, cujas impressões digitais vimos acompanhando através dos continentes e oceanos da terra.

Uma vez que aprendi a respeitar esses Newtons, Shakespeares e Einsteins há longo tempo esquecidos e ainda apenas vagamente identificados da última Era Glacial, acho que seria tolo ignorar o que eles parecem estar dizendo. E o que parece que nos dizem é o seguinte: que destruições cíclicas, recorrentes e quase totais da humanidade são partes integrantes da vida neste planeta, que essas destruições ocorreram muitas vezes antes e que certamente voltarão a ocorrer.

O que, afinal de contas, é o notável sistema de calendário dos maias, senão um meio para transmitir exatamente essa mensagem? O que, senão veículos para o mesmo tipo de más notícias, as tradições dos quatro "Sóis" anteriores (ou, às vezes, dos três "mundos" anteriores) passados a seus descendentes nas Américas desde tempos imemoriais? Pela mesma razão, qual poderia ser a função dos

grandes mitos da precessão, que mencionam não só cataclismos anteriores, mas cataclismos que virão e que (através da metáfora do moinho cósmico) ligam essas calamidades terrenas a "perturbações nos céus"? Por último, mas não de menor importância, que ardente motivo impeliu os construtores das pirâmides a erigir, com tanto cuidado, os imponentes e misteriosos edifícios do platô de Gizé?

Sim, eles estavam dizendo: "Kilroy esteve aqui."

E, sim, eles descobriram uma engenhosa maneira de nos dizer quando estiveram aqui.

Sobre essas coisas, não tenho a menor dúvida.

Impressionou-me também o enorme esforço que fizeram para nos fornecer prova convincente de que sua civilização era respeitável e cientificamente adiantada. E ainda mais o senso de urgência - de uma missão de importância vital que aparentemente lhes inspirou os atos e obras.

Recorro novamente à intuição, não à prova.

Meu palpite é que o objetivo básico dessa gente pode ter sido transmitir um aviso ao futuro e que esse aviso tenha a ver com um cataclismo global, talvez mesmo uma repetição do mesmo cataclismo que claramente devastou a humanidade ao fim da última Era Glacial, quando "Noé viu que a terra tinha se inclinado, que sua destruição estava próxima e gritou em voz aflita: 'Dize-me o que está sendo feito à terra, porque a terra está tão aflita e abalada.'" Essas palavras são extraídas do Livro de Enoque, embora aflições e abalos semelhantes tenham sido previstos em todas as tradições da América Central, que falam do fim da atual época do mundo - uma época, como o leitor deve lembrar-se, na qual "os anciãos dizem [que] haverá um grande movimento da terra e devido ao qual todos nós pereceremos".

O leitor certamente não esqueceu a data calculada pelo antigo calendário maia para o fim do mundo:

O dia será 4 Ahau 3 Kakin [correspondente a 23 de dezembro de 2012] e será governado pelo Deus Sol, o nono Senhor da Noite. A lua

terá oito dias de idade e será a terceira luação em uma série de seis.
(...)

No esquema maia das coisas, já estamos vivendo nos últimos dias da terra.

No esquema cristão das coisas, acredita-se que os últimos dias também estão próximos. De acordo com a Watch Tower Bible and Tract Society, da Pensilvânia, Estados Unidos: "Este mundo perecerá com tanta certeza quanto o mundo de antes do Dilúvio. (...) Foi profetizado que numerosas coisas ocorreriam durante os últimos dias, e todas elas estão sendo cumpridas. Isso significa que o fim do mundo está próximo. (...)"

Analogamente, o vidente cristão Edgar Cayce profetizou, em 1934, que por volta do ano 2000 ocorreria o seguinte: "Haverá um deslocamento na posição dos pólos. Haverá sublevações no Ártico e na Antártida que provocarão erupção de vulcões nas áreas tórridas. (...) A Europa setentrional será mudada em um abrir e fechar de olhos. A terra será fendida na região oeste da América. A maior parte do Japão mergulhará no mar."

Curiosamente, a época do ano 2000, que figura nessas profecias cristãs, coincide também com o Último Tempo (ou o ponto mais alto) no grande ciclo ascendente do cinturão de estrelas da constelação de Órion, da mesma maneira que a época do undécimo milênio a.C. coincidiu com o Primeiro Tempo (o ponto mais baixo) desse ciclo. E ainda curiosamente, conforme vimos no Capítulo 28:

Uma conjunção de cinco planetas, que se pode esperar que exerça profundos efeitos *gravitacionais*, ocorrerá no dia 5 de maio do ano 2000, quando Netuno, Urano, Vênus, Mercúrio e Marte ficarão alinhados com a terra, no outro lado do sol, iniciando uma espécie de cabo-de-guerra cósmico...

Poderiam as influências ocultas da gravidade, quando combinadas com o bamboleio precessional de nosso planeta, os efeitos de torção

da rotação axial e a massa e peso, em rápido crescimento, da calota de gelo da Antártida, ser suficientes para desencadear um deslocamento em grande escala da crosta?

Talvez nunca saibamos, de qualquer maneira - até que isso aconteça. Enquanto isso, não acredito que o escriba egípcio Manetho estivesse sendo menos que literal quando falou de um poder cósmico duro e mortal em ação no universo:

Da mesma forma que é provável que o ferro seja atraído e rebocado pela magnetita, mas com frequência ele se solta e é repelido na direção oposta, o movimento salutar, bom e racional do mundo simultaneamente atrai, concilia e pacifica esse áspero poder; em seguida, mais uma vez, quando este último se recupera, derruba o outro e o reduz à impotência...

Em suma, desconfio que, através de metáforas e alegorias, os antigos possam ter tentado descobrir numerosas maneiras de nos dizer *exatamente* quando - e por quê - o martelo da destruição global voltará a bater. Por isso mesmo, acredito que, depois de 12.500 anos de pêndulo, seria apenas sábio de nossa parte se dedicássemos mais recursos a estudar os sinais e mensagens que nos chegaram daquele período escuro e apavorante de amnésia que nossa espécie chama de pré-história.

Uma aceleração da pesquisa física no platô de Gizé seria também altamente desejável - não apenas feita por egiptólogos determinados a resistir a qualquer ameaça ao *status quo* acadêmico, mas por equipes ecléticas de pesquisadores, que poderiam aplicar algumas das ciências mais novas aos desafios desse que é o mais enigmático e impenetrável dos sítios arqueológicos do mundo. A técnica de datação de rocha à base de cloro-36, mencionada no Capítulo 6, por exemplo, parece um meio especialmente promissor para resolver o impasse sobre a antiguidade das Pirâmides e da Esfinge. De igual maneira, se houver vontade, uma maneira poderá ser encontrada para descobrir o que se encontra por trás da pequena porta escondida, a uma altura de

60m na chaminé sul da câmara da Rainha. Os mesmos esforços sérios poderiam ser empreendidos para pesquisar o conteúdo da grande cavidade de bordas quadradas, e aparentemente feitas pelo homem, no leito rochoso, bem abaixo das patas da Esfinge, que foi descoberta ao ser realizado um levantamento sísmico daquele sítio em 1993.

Por último, mas não de menor importância, muito longe de Gizé, desconfio que nosso esforço seria bem recompensado se realizássemos uma investigação bem-feita das paisagens subglaciais da Antártida - o continente com maior probabilidade de esconder os restos de uma civilização perdida. Se pudéssemos descobrir o que destruiu essa civilização, poderíamos ficar em melhor situação para nos salvar de um destino catastrófico semelhante.

Ao fazer estas últimas sugestões, claro, estou plenamente consciente de que muitos receberão com desprezo essas idéias e reiterarão a opinião uniformista de que "todas as coisas continuarão como sempre foram desde o início da criação". Mas estou também consciente de que esses "escarnecedores dos últimos dias" são os mesmos que, por uma ou outra razão, mantêm-se surdos aos depoimentos de nossos esquecidos ancestrais. Conforme vimos, esses depoimentos parecem uma tentativa de nos dizer que uma horripilante calamidade, de fato, se abate de tempos em tempos sobre a humanidade, e que em todas as ocasiões ela ocorreu subitamente, sem aviso e sem compaixão, como um ladrão na noite, e que certamente voltará em algum ponto no futuro, obrigando-nos - a menos que nos preparemos bem - a recomeçar como crianças órfãs, em ignorância completa de nossa verdadeira herança.

Andando nos Últimos Dias

Reserva dos Índios hopi, maio de 1994: De um lado a outro das altas planícies do Arizona, durante dias seguidos, soprou um vento assolador. Cruzando essas planícies a caminho da minúscula aldeia

de Shungopovi, revisei mentalmente tudo que vira e fizera nos cinco anos anteriores: viagens, pesquisas, tentativas infrutíferas e becos sem saída, golpes de sorte, momentos em que todas as coisas se encaixaram e outros em que pareceu que todas elas iam desmoronar. Eu havia percorrido uma longa estrada para chegar até aqui, compreendi muito mais longa do que a via expressa de 460km de extensão que nos trouxera de Phoenix, a capital do estado, até essas terras desoladas. Tampouco esperava voltar com qualquer grande grau de iluminação.

Ainda assim, fazia essa viagem porque se acredita que a ciência da profecia continua viva entre os hopi, índios moradores de *pueblos*, parentes distantes dos astecas do México, e cujos números foram reduzidos, por atrito e pobreza, há pouco menos de 10.000 almas. Tal como os antigos maias, cujos descendentes espalhados por toda a Yucatán estão convencidos de que o fim do mundo chegará no ano 2000 *y pico* (e pouco), os hopi acreditam que estamos andando nos últimos dias, com uma espada de Dâmocles geológica pairando sobre nossa cabeça. De acordo com os mitos desse povo, conforme vimos no Capítulo 24:

O primeiro mundo foi destruído, como castigo pela maldade humana, por um fogo consumidor que veio de cima e de baixo. O segundo mundo terminou quando o globo terrestre caiu de seu eixo e tudo foi coberto pelo gelo. O terceiro mundo terminou em um dilúvio universal. O atual mundo é o quarto. Seu destino final dependerá de se ou não seus habitantes se comportarão de acordo com os planos do Criador. (...)"

Eu tinha vindo ao Arizona para descobrir se os hopi acreditavam que estávamos nos comportando de acordo com os planos do Criador...

O Fim do Mundo

O vento assolador, soprando pelos altos platôs, sacudiam e faziam com que chocalhassem os lados de nossa casa-reboque. Ao meu lado, Santha, que estivera em todos os lugares comigo, dividindo os riscos e as aventuras, compartilhando dos altos e baixos. Sentado à nossa frente, o amigo Ed Ponist, enfermeiro instrumentista de Lansing, Michigan. Alguns anos antes, Ed trabalhara na reserva durante algum tempo e era graças a seus contatos que íamos para lá. À minha direita, Paul Sifki, um ancião hopi de 96 anos de idade, do clã da Aranha, e porta-voz importante das tradições de seu povo. Ao lado dele, a neta, Melza Sifki, uma simpática senhora de meia-idade, que se oferecera como intérprete.

- Ouvi dizer - comecei - que os hopi acreditam que o fim do mundo está se aproximando. É verdade isso?

Paul Sifki é um homem baixinho, encolhido, de cor de noz, e na ocasião usava *jeans* e camisa de cambraia. Durante toda a conversa, ele nem uma única vez olhou para mim, fixando a vista à frente, como se estivesse procurando um rosto conhecido em uma multidão distante.

Melza repetiu-lhe minha pergunta e, um momento depois, traduziu a resposta do avô:

- Ele diz: "Por que você quer saber?"

Expliquei que havia muitas razões. A mais importante, que eu sentia uma sensação de urgência:

- Minhas pesquisas convenceram-me de que houve uma civilização avançada, há muito, muito tempo, que foi destruída por um terrível cataclismo. Tenho receio de que nossa própria civilização possa ser destruída por um cataclismo semelhante...

Seguiu-se uma longa conversa em hopi e, em seguida, a tradução:

- Ele disse que, quando era menino, na década de 1900, houve uma estrela que explodiu... uma estrela que estava lá em cima há muito tempo. Ele foi procurar o avô e lhe pediu que explicasse o significado daquele sinal. O avô respondeu: "É dessa maneira que nosso próprio mundo vai acabar... envolvido em chamas... Se os homens não mudarem seus costumes, o espírito que toma conta do mundo ficará

tão frustrado conosco que castigará o mundo com chamas e o mundo acabará exatamente como aquela estrela acabou." Foi isso o que o avô lhe disse: que a terra explodiria exatamente como aquela estrela...

- De modo que a impressão é que este mundo acabará pelo fogo... E, tendo observado o mundo pelos últimos noventa anos, ele acredita que o comportamento da humanidade melhorou ou piorou?

- Ele diz que não melhorou. Estamos ficando piores.

- De modo que, na opinião dele, o fim está chegando?

- Ele diz que os sinais já estão aí para serem vistos... Ele disse que, hoje em dia, nada, só o vento sopra, e que tudo que fazemos é apontar uma arma um para o outro. Isso mostra como nos afastamos e como nos sentimos hoje um em relação ao outro. Não há mais valores... nenhum, absolutamente... e as pessoas vivem como querem, sem moral ou leis. Esses são os sinais de que o tempo chegou...

Melza interrompeu-se na tradução e, em seguida, acrescentou por conta própria:

- Este vento terrível. Ele seca tudo. Não traz umidade. Acreditamos que este tipo de clima é consequência da maneira como estamos vivendo... não apenas nós, mas seu povo também.

Notei que os olhos dela se enchiam de lágrimas, enquanto falava.

- Eu tenho um milharal - continuou ela - que está todo seco. Levanto a vista para o céu e rezo por chuva, mas não há chuva, nem mesmo nuvens... Quando estamos assim, nem mesmo sabemos quem somos.

Passou-se um longo momento de silêncio, enquanto o vento balançava o *trailer*, soprando forte e ininterrupto sobre a *mesa*, enquanto a noite caía em volta de nós.

Tranqüilamente, voltei a falar:

- Por favor, pergunte a seu avô se ele acha que alguma coisa ainda pode ser feita agora pelos hopi e pelo resto da humanidade.

- A única coisa que ele sabe - respondeu Melza, após ter ouvido a resposta - é que enquanto os hopi não abandonarem suas tradições, eles poderão se ajudar e ajudar os outros. Eles têm de se apegar ao

que acreditaram no passado. Têm de preservar suas memórias. Essas são as coisas mais importantes... Mas meu avô também quer lhe dizer, e quer que o senhor compreenda, que esta terra é trabalho de um ser inteligente, de um espírito... um espírito criativo e inteligente que projetou tudo para ser como é. Meu avô diz que nada está aqui apenas por acaso, que nada acontece por acaso seja coisa boa ou má... e que há uma razão para tudo que acontece...

Na Pedra do Moinho

Quando seres humanos de toda parte em volta do globo, e de muitas e diferentes culturas, compartilham uma forte e inarredável intuição de que um cataclismo está a caminho, temos o direito de ignorá-los. E quando as vozes de nossos distantes ancestrais, descendo até nós através de mitos e arquitetura sagrada, nos falam sobre a obliteração física de uma grande civilização na antiguidade remota (e nos diz que nossa própria situação está em perigo), temos o direito, se quisermos, de tapar os ouvidos...

E assim foi, diz a Bíblia, no mundo antediluviano: "Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos."

Da mesma maneira, profetizou-se que a próxima destruição global cairá de repente sobre nós, "em uma hora em que não suspeitamos, porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente. (...) O sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes do céu serão abalados... Então dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra..."

O que aconteceu antes pode acontecer novamente. O que foi feito antes poderá ser feito outra vez.

E, talvez, não haja realmente nada de novo sob o sol.



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/



Viciados em **L**ivros

http://groups.google.com.br/group/Viciados_em_Livros